

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em História

Marcus Vinícius Costa Lage

**“ERA UMA VEZ UM GRANDE”:  
o mito da decadente aristocracia americana**

Belo Horizonte

2020

Marcus Vinícius Costa Lage

**“ERA UMA VEZ UM GRANDE”:  
o mito da decadente aristocracia americana**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção de título de Doutor em História.

Linha de pesquisa: História e Culturas Políticas

Orientador: Prof. Dr. João Pinto Furtado

Belo Horizonte

2020

907.2 L174e 2020	<p>Lage, Marcus Vinícius Costa.</p> <p>"Era uma vez um grande" [manuscrito] : o mito da decadente aristocracia americana / Marcus Vinícius Costa Lage. - 2020.</p> <p>319 f. : il.</p> <p>Orientador: João Pinto Furtado.</p> <p>Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1.História – Teses. 2. Futebol - Teses. 3. América Futebol Clube (MG). I. Furtado, João Pinto. II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
------------------------	---



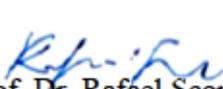
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



## DECLARAÇÃO

Declaro que **Marcus Vinícius Costa Lage** concluiu o Doutorado no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, tendo defendido sua tese por videoconferência no dia 24/04/2020 e obtido o Grau de **Doutor** em História, com o trabalho intitulado: "**ERA UMA VEZ UM GRANDE': o mito da decadente aristocracia americana**".

Belo Horizonte, 24 de abril de 2020.

  
Prof. Dr. Rafael Scopacasa  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História  
Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



ATA DA DEFESA DE TESE EM HISTÓRIA DE MARCUS VINÍCIUS COSTA LAGE  
Nº REGISTRO: 2015653958

Aos 24 dias do mês de **abril** de **2020 (dois mil e vinte)**, reuniu-se a Comissão Examinadora composta pelos professores doutores **João Pinto Furtado** (UFMG), **Arlei Sander Damo** (UFRGS), **Elcio Loureiro Cornelsen** (UFMG), **Euclides De Freitas Couto** (UFSJ) e **Georgino Jorge de Souza Neto** (Unimontes), para julgar o trabalho final intitulado: **'ERA UMA VEZ UM GRANDE': O MITO DA DECADENTE ARISTOCRACIA AMERICANA**, requisito final para a obtenção do grau de **DOCTOR EM HISTÓRIA**. Abrindo a sessão no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, Área de Concentração: História, tradição e modernidade: política, cultura e trabalho - Linha de Pesquisa: História e Culturas Políticas, o Presidente da Comissão, professor **João Pinto Furtado**, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao candidato, para a apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição de resultado final. O candidato foi considerado **APROVADO**. O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ata, que foi assinada pelos examinadores participantes. Belo Horizonte, 24 de abril de 2020.

**Observação da Banca:** Após a exposição e amplo debate com o candidato, a banca deliberou também por destacar positivamente a originalidade da pesquisa, o rigor conceitual e a organização do texto, bem como mencionar positivamente a proficiência e desempenho durante a arguição.

**Comissão Examinadora:**

---

Prof. Dr. João Pinto Furtado - Orientador (UFMG)

---

Prof. Dr. Arlei Sander Damo (UFRGS)

---

Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen (UFMG)

---

Prof. Dr. Euclides De Freitas Couto (UFSJ)

---

Prof. Dr. Georgino Jorge de Souza Neto (Unimontes)

## AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho teria sido ainda mais árdua e penosa não fossem as oportunidades, os auxílios e os incentivos que me foram proporcionados. A começar pelos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG, que, na figura do secretário Maurício, e do meu orientador, o professor João Furtado, acolheram meu projeto, concedendo-me, ainda, uma bolsa de estudos pelo Programa de Excelência Acadêmica (Proex), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Sou eternamente grato também aos professores Euclides Couto e Elcio Cornelsen pela atenção dedicada ao meu trabalho, não apenas na banca de defesa da tese: nos mais distintos estágios desta pesquisa, eles se tornaram leitores, avaliadores e debatedores fundamentais de meus textos. Muito obrigado também aos professores Arlei Damo e Georgino Jorge de Souza Neto pela presteza, pelo interesse e disponibilidade. Sem dúvida, tê-los como leitores e avaliadores na banca muito me honrou. À professora Sarah Soutto Mayor, um agradecimento especial: pela atenção e delicadeza com que sempre me atendeu. Não poderia deixar de agradecer a todos os membros do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FULIA), pelo convívio, diálogo e aprendizado, fazendo essa seara ser menos solitária. Em especial, reforço meu agradecimento ao professor Elcio Cornelsen, coordenador do Núcleo, pela acolhida e pela presteza de sempre; ao professor Marcelino da Silva, pelas orientações formais e informais; e aos “fuliões” Chico Brinatti, Gustavo Guimarães e Raphael Rajão, pela leitura atenta de meus textos e pelos comentários sempre pertinentes; e à Giulia Piazzzi, pela competente e “camarada” revisão e formatação da versão final desta tese. Aos ombros amigos que o doutorado me deu, Bruno Viveiros e Philippe Urvoy, um salve mais que especial. À Vera Zavarize, minha nova “guru” – que parece estar na minha vida desde sempre –, todo meu reconhecimento por seu trabalho. Aos amigos que minhas filhas me deram, o casal Conrado e Rosi Galdino, obrigado por tudo: pelas prosas, pelas *Brahmas*, pelos churrascos, pelos “emplastos”, pelas idas ao “Indepa”... Vocês são demais! À Adeliana Seabra, outra parceira que as pequenas nos deram, meu sincero agradecimento, principalmente pelas traduções para o inglês. Minha eterna gratidão também à professora Jacyra Antunes, pelo carinho e pelas oportunidades concedidas a mim e à minha família. Por fim, um agradecimento mais que especial à minha família: à minha vó Amair, memória viva dos meus saudosos avós Élio, Oswaldo e da minha vó Zezé, a bisá das minhas filhas, o esteio da nossa casa. À minha maninha Dé, por sua coragem e força, carinho e preocupação. Aos meus pais, pela mão estendida e ouvidos atentos, sempre. À minha mãe,

pelo afeto. Ao meu pai, pelo “coração valente”. Aos três, dedico parte do primeiro capítulo desta tese. Às pequenas Teté e Bibi, por existirem. À Ju, por estar ao meu lado; por ser quem é.

*“Não há nada mais marxista ou gramsciano do que o futebol.  
É uma atividade que se dá ao luxo de permitir que o pior ganhe.”*

Sócrates Brasileiro Sampaio de Sousa Vieira de Oliveira

## RESUMO

A presente tese tem como objetivo investigar os fatores que contribuíram para a inadmissão do América Futebol Clube, de Belo Horizonte, no restrito grupo dos grandes clubes do futebol brasileiro. Para tanto, parte-se da premissa de que a grandeza de um clube de futebol no Brasil é auferida não apenas pelos resultados obtidos nas competições disputadas e/ou pelo tamanho de sua torcida, mas também pelo sistema de representações simbólico articulado em torno dele, capaz de produzir sentimentos de afeição e repulsa tão caros às competições esportivas. Nesse sentido, a hipótese central desta pesquisa é a de que a identidade elitista atribuída ao América, valorizada e legitimada por seus torcedores a partir de uma narrativa memorialística ambivalente, denominada aqui como “mito da decadente aristocracia americana”, tem sido uma das responsáveis por colocar o clube à margem do jogo de representações simbólicas da capital mineira, dominado pelos pretensamente populares Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube. Como forma de atestar o status de memória coletiva dominante, essa mitologia é identificada e analisada neste trabalho a partir de diferentes momentos e documentos históricos, desde cânticos e publicações virtuais da torcida americana a campanhas de marketing do clube, passando por textos jornalísticos e manifestações historiográficas oficiais sobre o América. Mas, contraposta às fontes históricas do contexto a que se refere, essa narrativa evidencia uma série de silenciamentos e seleções do passado americano – um típico trabalho de enquadramento da memória. Dessa maneira, constata-se, ainda, que, muito embora esse mito esteja ambientado nos anos de 1920, 1930 e 1940, o seu processo de constituição, formalização e oficialização coincidiu com importantes momentos de disputa pela hegemonia político-administrativa do clube na segunda metade do século XX e no início do novo milênio.

Palavras-chave: América Futebol Clube. Clubismo. Memória. Mitologia. Decadência.

## ABSTRACT

This thesis aims to investigate the factors which contributed to the failure of América Futebol Clube, from Belo Horizonte, in the restricted group of major Brazilian football clubs. Therefore, it is based on the premise that the greatness of a football club in Brazil is earned not only by the results obtained in competitions and/or by the number of its fans, but also by the symbolic system representations articulated around it, capable of producing feelings of affection and disgust so laborious to sports competitions. Thereby, the central hypothesis of this research is that the elitist identity attributed to América Futebol Clube, valued and legitimized by its fans from an ambivalent memorable narrative, called here as “myth of the América Futebol Clube decadent aristocracy”, has been one of the responsible for putting the club on the sideline of the set of symbolic representation from Belo Horizonte, dominated by the supposedly popular clubs Clube Atlético Mineiro and Cruzeiro Esporte Clube. In order to certify the dominant collective memory status, this mythology is identified and analyzed on this thesis from different moments and historical documents, from chants and virtual publications by fans from the club to the club’s marketing campaigns, through journalistic texts and official historiographical manifestations about the América Futebol Clube. Nevertheless, opposed to the historical sources of the context to which it refers, this narrative highlights a series of silences and selections from the club’s past – a typical memory framing job. Thus, it turns out, even if this myth is set in the 1920s, 1930s and 1940s, its constitution, formalization and officialization process coincided with important moments of dispute over the political and administrative hegemony of the club in the second half from the 20<sup>th</sup> century and the beginning of the new millennium.

Keywords: América Futebol Clube. Club. Memory. Mithology. Decadence.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Propaganda do Cruzeiro na Rodoviária de Belo Horizonte: “Seja sócio do Time do Povo!” .....	44
Figura 2 – Faixa no Mineirão: “Cruzeiro, o Time do Povo!” .....	44
Figura 3 – Propaganda do Atlético, “O verdadeiro time do povo, desde 1908”, na fachada da Rodoviária e nas traseiras dos ônibus coletivos de Belo Horizonte .....	45
Figura 4 – Propaganda atleticana “O verdadeiro time do povo, desde 1908” sendo retirada de ônibus coletivo da capital mineira .....	46
Figura 5 – Produtos com a marca da Geral Celeste “Time do Povo” .....	47
Figura 6 – Marca “Time do Povo” registrada por Leandro Freitas no INPI .....	48
Figura 7 – Marca “CAM O verdadeiro time do povo desde 1908” solicitada para registro pelo Atlético no INPI .....	48
Figura 8 – Faixas com o <i>slogan</i> “#otimedafamília” na Arena Independência .....	53
Figura 9 – Camisa de papelão distribuída pelo América na fase final do Mineiro de 2016 ....	53
Figura 10 – “Um time para poucos. Que são cada vez mais.” .....	58
Figura 11 – Camisa vermelha em exposição no CLAM .....	60
Figura 12 – Estreia da camisa vermelha do centenário americano.....	60
Figura 13 – Camisa vermelha usada pelo América no Mineiro de 2018 .....	61
Figura 14 – Camisa vermelha da <i>RetrôMania</i> .....	61
Figura 15 – Artes gráficas da enquete da camisa do centenário do América.....	62
Figura 16 – Mascote da COEL.....	65
Figura 17 – Faixa da COEL.....	65
Figura 18 – Américo Coelho, “o jeito elite de ser e viver” .....	68
Figura 19 – Celestino Raposo, “o papa-caneco” .....	68
Figura 20 – Reinaldo Cantagalo, “o fanático da geral” .....	68
Figura 21 – Placa de publicidade da campanha #tambémvamoscom12 .....	76
Figura 22 – Anúncio do segundo jogo das semifinais com detalhe alvirrubro .....	76
Figura 23 – Jogadores do América em preleção com uniforme alvirrubro .....	79
Figura 24 – Camisa vermelha #tambémvamoscom12 .....	79
Figura 25 – Croquis da coleção de uniformes do América de 2016 .....	82
Figura 26 – Desenho das arquibancadas do futuro <i>stadium</i> do América .....	109
Figura 27 – Detalhes da fachada do Parc Royal.....	109
Figura 28 – Antiga casa de Borges da Costa.....	110

Figura 29 – Instituto Manguinhos .....	110
Figura 30 – Capas da <i>Enciclopédia do América</i> .....	124
Figura 31 – Dirigentes do América representados entre os paratextos da <i>Enciclopédia do América</i> .....	125
Figura 32 – Arquibancada da Praça de Esportes do Uberaba SC durante evento de inauguração, 1922.....	139
Figura 33 – Quermesse promovida pelo Uberaba SC na Praça Comendador Quintino, 1917 .....	139
Figura 34 – Anúncio do trator Fordson (canto direito superior da página).....	147
Figura 35 – Repercussão da passeata da TUFA .....	205
Figura 36 – Encarte de divulgação do Centro Social e Desportivo do América .....	208
Figura 37 – Propaganda do Centro Social e Desportivo do América na imprensa .....	209
Figura 38 – A contratação de Jair Bala por Radik.....	217
Figura 39 – Manchete do “clássico das multidões” (24 jul. 1970).....	218
Figura 40 – A rivalidade do futebol belo-horizontino por Radik .....	219
Figura 41 – O “Decaído 70”, por Radik .....	220
Figura 42 – Anúncio do “Goollço-70” .....	228
Figura 43 – Capa e contracapa do 1º fascículo de <i>América Deca 70</i> .....	230
Figura 44 – As “9 dicas infalíveis” da “Bi-toque” para o América.....	232
Figura 45 – Capa de <i>América – o “deca-campeão”</i> .....	239
Figura 46 – Capas de <i>América – o deca-campeão</i> .....	245
Figura 47 – Aspecto geral de parte da seção “Galeria dos presidentes” .....	247
Figura 48 – Aspecto geral da seção “América através dos tempos”, que traz alguns times de futebol do América .....	247
Figura 49 – Anúncio do jornal <i>O Debate</i> e seus 18 anos de existência .....	248
Figura 50 – Anúncio da “feira de alimentação” para abril de 1972 .....	248
Figura 51 – Anúncio comemorativo de <i>América – o “deca-campeão”</i> .....	249
Figura 52 – “A grandeza do América” pelo álbum americano.....	250
Figura 53 – “Deixe o Jair Bala fumar, beber e até tomar LSD” ( <i>Placar</i> , 1970).....	257
Figura 54 – A camisa do milésimo jogo de Pelé .....	258
Figura 55 – Dr. Milton Machado Mourão e sua nota do Conselho Deliberativo .....	267
Figura 56 – Etienne Filho e seus “pupilos” do basquete americano .....	267
Figura 57 – Anúncio do Conselho de Administração do Mineirão.....	268
Figura 58 – Zé Flávio condecorando o “fundista” americano Juvenal Santos.....	268

Figura 59 – De Oswaldo Nobre (à direita) ao governador Rondon Pacheco .....	270
Figura 60 – Capas atleticana e cruzeirense da coleção <i>Grandes Clubes Brasileiros</i> .....	271

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Pesquisas de torcidas em Belo Horizonte, Região Metropolitana e Minas Gerais (em %) .....	34
Gráfico 2 – Campeões mineiros .....	38
Gráfico 3 – Número de jogos realizados ao ano pelos clubes da capital mineira (1910-2010) .....	180
Gráfico 4 – Adversários dos clubes da capital mineira (1930-2010) .....	181

## LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AMF	Associação Mineira de Futebol
AME	Associação Mineira de Esportes
Barra Una	Torcida Organizada Unida Nação Americana
CAM	Clube Atlético Mineiro
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CCNC	Comissão Construtora da Nova Capital
CLAM	Clube de Lazer do América
CND	Conselho Nacional de Desportos
COEL	Torcida Organizada Coelhães de Elite
CRB	Clube de Regatas Brasil
CT	Centro de Treinamento
DEMG	Diretoria de Esportes de Minas Gerais
DFA	Departamento de Futebol Amador
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
DT	Diário da Tarde
FBF	Federação Brasileira de Futebol
FCF	Federação Carioca de Futebol
FGV/CPDOC	Fundação Getúlio Vargas/Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
FMF	Federação Mineira de Futebol
FPF	Federação Paulista de Futebol
Ibope	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
INPI	Instituto Nacional da Propriedade Industrial
ISBN	<i>International Standard Book Number</i>
LAF	Liga Amadora de Futebol
LEM	Liga de Esportes Mineira
LMDT	Liga Mineira de Desportos Terrestres
LSD	<i>Lysergic acid diethylamide</i> – dietilamida do ácido lisérgico
PIN	Plano de Integração Nacional
RSSSF	<i>The Rec.Sport.Soccer Statistics Foundation</i>

SESC	Serviço Social do Comércio
URT	União Recreativa dos Trabalhadores
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
TUFA	Torcida Uniformizada Feminina do América
W.O.	<i>Walkover; without oponente</i> – vitória atribuída a uma equipe pela não apresentação do adversário

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO – TORCEDOR DO AMÉRICA, UMA ESPÉCIE EM EXTINÇÃO ....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 1 – NEM SÓ OS CARTÓRIOS VIVEM DE TÍTULOS.....</b>	<b>24</b>
1.1 “Recordar é viver” .....	25
1.2 O “mais querido” que acabou esquecido .....	30
<b>CAPÍTULO 2 – UMA TORCIDA QUE CONVERSA COM AS PAREDES.....</b>	<b>42</b>
2.1 O inofensivo, simpático e diferenciado “Time da Família”; ou, “Um time para poucos. Que [não] são cada vez mais” .....	53
2.2 Um protesto virtuoso como representação do “jeito elite de ser e viver”.....	58
2.3 Um retrato do “velho futebol mineiro” .....	71
2.4 “Por que sempre perdemos o bonde da história?” .....	81
<b>CAPÍTULO 3 – “ISSO ESTÁ NAS PÁGINAS IMORTAIS DO AMÉRICA” .....</b>	<b>88</b>
3.1 Um livro de “história de histórias e glórias”.....	93
3.2 “Um clube diferente”, “especial”, “da elite” .....	98
3.3 De “1926 em diante”: a “esperança que todos americanos acreditam” .....	111
3.4 “O América recomeça” .....	116
<b>CAPÍTULO 4 – “NÃO SOMOS MAIS DECA???” .....</b>	<b>127</b>
4.1 “As aventuras de uma excursão sportiva” .....	138
4.2 Os ecos de uma goleada uberabense .....	143
4.3 O “protesto contra o profissionalismo” e o “time mais caro do estado” .....	155
4.4 Enfim, a “extinção do profissionalismo” .....	164
<b>CAPÍTULO 5 – “A TUA CLASSE ARISTOCRATA É QUEM FULMINA OS TEUS RIVAIS” .....</b>	<b>176</b>
5.1 “Quem foi para ver Pelé, viu Tostão” .....	182
5.2 “Tu és a glória do esporte nacional” .....	191
5.3 “Tua torcida feminina é demais” .....	201
5.4 “Mantendo o nosso espírito esportivo, social e cultural” .....	207

<b>CAPÍTULO 6 – “ERA UMA VEZ UM GRANDE”</b> .....	<b>221</b>
6.1 “1 bilhão em prêmios”, um fascículo da História do América e “um golpe na cabeça” .....	224
6.2 “Unidos estão todos os americanos de todos os tempos” .....	238
6.2.1 Um álbum da “grande e simpática família americana” .....	243
6.2.2 “A grandeza do América começa aqui!” .....	249
6.3 A <i>Placar</i> anuncia: “Era uma vez um grande” América .....	256
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: “UMA PAIXÃO QUE NÃO SE ACABA”</b> .....	<b>273</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>280</b>
<b>APÊNDICE A – Anúncios de América – O deca-campeão</b> .....	<b>292</b>
<b>ANEXO A – Tabela com a posição dos clubes nas pesquisas de torcidas</b> .....	<b>295</b>
<b>ANEXO B – Tabela com a porcentagem de torcedores por clubes segundo as pesquisas de torcidas</b> .....	<b>299</b>
<b>ANEXO C – Tabela com o número de vezes que cada clube disputou a Primeira Divisão do Campeonato Brasileiro</b> .....	<b>303</b>
<b>ANEXO D – Fac-símile da matéria do <i>Estado de Minas</i> de 16 de janeiro de 1931, p. 6</b>	<b>306</b>

## INTRODUÇÃO – TORCEDOR DO AMÉRICA, UMA ESPÉCIE EM EXTINÇÃO

Quando estava no início do meu segundo ano de doutorado, e essa pesquisa ainda dava seus primeiros passos, fui convidado a falar da minha recente trajetória de pesquisador para graduandos em História de uma instituição de ensino superior de Belo Horizonte.<sup>1</sup> Atendendo ao pedido da professora que coordenava a atividade, naquela ocasião procurei demonstrar a legitimidade, a relevância e a viabilidade de se estudar o futebol nas Ciências Humanas, apresentando um breve estado da arte com algumas pesquisas desenvolvidas sobre o tema, suas abordagens teórico-conceituais e as principais fontes e métodos por elas utilizados.<sup>2</sup> Antes, porém, de tentar “vender esse meu peixe”, achei por bem compartilhar com os presentes, vários deles ainda indecisos quanto às suas carreiras de historiadores, um dos ensinamentos mais marcantes que recebi da professora Regina de Paula Medeiros, minha orientadora de mestrado. Assim, contei-lhes que, por diversas vezes em nossos encontros, a professora Regina me dizia, talvez explicitamente evocando uma das “regras óbvias” que um candidato deve observar para elaborar um trabalho científico, citada por Umberto Eco,<sup>3</sup> que a definição de um objeto de estudo deve partir, em primeiro lugar, dos interesses e das paixões do pesquisador. Isso porque, segundo ela, apesar de solitário e extenuante, esse tipo de trabalho é, ou deveria ser, antes de mais nada, prazeroso.

Essa fala da minha orientadora teria, digamos assim, me desobrigado a pesquisar a história das políticas urbanas brasileiras, então minha área de atuação profissional e tema que escolhi para elaborar um projeto de pesquisa que seria aprovado na banca de seleção do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Mais do que isso, continuei a lhes dizer, foi através desse provocante ensinamento que, ainda no primeiro ano de mestrado, elaborei um novo projeto de pesquisa que tinha como objetivo estudar a história do futebol e, em particular, a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte, o América, meu “clube do coração”. Com esse breve relato pessoal, procurei fazer por aqueles graduandos o mesmo que a professora Regina havia feito por mim poucos anos atrás: dizer-lhes, em alto e bom som,

---

<sup>1</sup> Aula ministrada em 14 de abril de 2016.

<sup>2</sup> Acompanhando a consolidação do futebol como objeto de pesquisa das Ciências Humanas, vários estados da arte e balanços bibliográficos vêm sendo publicados nos últimos anos. Como sugestão, indico os seguintes: GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil. *Revista de História*, Dossiê História do Futebol, USP, São Paulo, n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010; TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). *BIB, Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, n. 52, p. 133-165, 2º sem. 2001. Para uma historiografia do futebol brasileiro, ver, por sua vez: MELO, Victor Andrade de; *et. al. Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p. 25-45. (Coleção Visão de Campo).

<sup>3</sup> ECO, Umberto. *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*. Tradução Ana Falcão Bastos e Luís Leitão. 13. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2007, p. 33.

que qualquer tema de pesquisa é importante desde que você mostre isso. E nada melhor do que ser apaixonado pelo assunto para que se construa uma justificativa nesse sentido.

Se esse meu objetivo foi ou não alcançado, provavelmente nunca saberei. De todo modo, aquela minha confissão clubística me renderia, ainda aquele dia, uma situação um tanto quanto embaraçosa, mas que, curiosamente, também guarda muita proximidade com as inquietações que me conduziram a adotar o futebol e, em particular, o América como temas de pesquisa – muito embora isso eu não tenha dito a eles naquela ocasião. Quando já vinha encaminhando minha fala para as considerações finais, a professora que coordenava a atividade me pediu licença para relatar-nos um caso pessoal – como ela mesma disse, uma “mera curiosidade” – que versava justamente sobre o América e que ela gostaria de compartilhar comigo, uma pessoa que se apresentava publicamente como americano e pesquisador do clube. Assim que lhe concedi a palavra, ela nos contou que, há poucos dias desse nosso encontro, precisou levar seu automóvel para manutenção em uma conhecida oficina mecânica do centro da cidade. Enquanto esperava o término do serviço, ela se deparou com várias camisas, faixas, bandeiras, fotografias e inúmeros outros artefatos referentes ao América emoldurados e dispostos nas paredes do estabelecimento, como uma espécie de memorial do clube.<sup>4</sup> Considerando-se desinteressada por futebol e leiga no assunto, ela disse ter descoberto ali que o América ainda existia. E que agora eu também era mais uma prova disso.

Tão logo ela concluiu seu caso, procurei persuadi-la, argumentando que o América vivenciava uma boa fase. Depois de cinco anos disputando a Série B, dizia eu, voltaríamos a jogar a primeira divisão do Campeonato Brasileiro naquela temporada e, dali a dois dias, enfrentaríamos o Cruzeiro Esporte Clube (Cruzeiro) em jogo válido pela semifinal do Campeonato Mineiro. Aliás, não poderia perder a oportunidade de dizer aqui que, naquele ano, pouco depois desse nosso encontro, o América se sagraria campeão mineiro depois de 14 anos, derrotando o Cruzeiro nas semifinais e o Clube Atlético Mineiro (Atlético) nas finais.

Apesar disso, poucos escutaram meus argumentos, entregando-se às risadas e demais interações jocosas típicas da sociabilidade futebolística. E, sinceramente, não lhes culpo por isso. Depois de ter aberto minha fala confessando todo meu amor pelo tema e, em especial, pelo América, a reação imediata da sala não poderia ser outra que não a de encarar o caso com comicidade.

---

<sup>4</sup> A oficina chama-se “Jair Óleos” – e, apesar de conhecer alguns dos filhos americanos do “seu Jair”, proprietário do estabelecimento, faço aqui sua divulgação sem qualquer pretensão de *merchandising*, mas antes como forma de publicizar seu “memorial” referente ao América.

Mas, para minha infelicidade, preciso reconhecer que a professora não cometeu nenhum ato falho. Possivelmente, como a maior parte dos brasileiros, sua crença era a de que Belo Horizonte só contava mesmo com outros dois clubes de futebol em atividade. E, caso você se relacione ou se interesse, minimamente, pelo modo de vida belo-horizontino, do qual o futebol é parte destacada, talvez fosse desnecessário dizer que me refiro aqui ao Atlético e ao Cruzeiro. São eles, e não o América, os dois “gigantes” do futebol mineiro.

Para deixar isso um pouco mais claro, até mesmo para os menos familiarizados com o nosso futebol, abrirei esta tese apresentando uma possível explicação para essa primazia social atleticana e cruzeirense. Assim, no capítulo inaugural, intitulado *Nem só os cartórios vivem de títulos*, demonstro que os resultados obtidos em campo pelos clubes belo-horizontinos ao longo dos anos parecem ter impactado diretamente no apreço que cada um deles recebeu por parte dos torcedores. Ou seja, à medida que o América somava insucessos nas competições disputadas, sua torcida tornava-se menos representativa do ponto de vista numérico que a atleticana e a cruzeirense, ufanista das conquistas de seus pavilhões.

Mas, como se verá ainda neste capítulo inaugural, de acordo com os dados estatísticos trabalhados, nas décadas de 1910 e 1920 o América teria sido um clube importante, imbatível no campo de jogo e socialmente prestigiado na cidade. E o mais curioso disso tudo é que essa memória da supremacia americana parece encontrar ressonância no imaginário do belo-horizontino, ou ao menos dos americanos. Se recordarmos bem, o próprio desconhecimento da professora em relação à existência do América evidencia, mesmo que nas entrelinhas, essa representação, já que em momento algum ela disse não saber que o América era um clube de futebol. Muito pelo contrário: para ela, o América existiu, e, não se sabia quando, ele havia acabado, fechado as portas. E os americanos, como eu, haviam virado viúvos, espécie em extinção, ou não mais existiam. Ou então trocaram de paixão, adotando como seus novos “clubes do coração” o Atlético e o Cruzeiro, os únicos que pretensamente restaram ou que “realmente” importavam na cidade.

Então, por que o próprio América não se tornou um desses “gigantes” do futebol belo-horizontino e brasileiro? Ou ainda, por que, à medida que os fracassos futebolísticos se acumulavam e as arquibancadas se esvaziavam, o América simplesmente não feneceu, virando apenas uma velha e desbotada lembrança? Afinal de contas, em nosso futebol, essas duas situações foram muito recorrentes. Histórias de superação de longos jejuns de títulos, como a do Sport Club Corinthians Paulista (Corinthians), entre 1954 e 1977, e da Sociedade Esportiva Palmeiras (Palmeiras), entre 1976 e 1993, são muito conhecidas dos torcedores. O mesmo pode ser dito de clubes outrora vencedores e admirados pelos torcedores e que

deixaram de existir para o grande público, dos quais o Club Athletico Paulistano (Paulistano), 11 vezes campeão paulista e que extinguiu seu departamento de futebol em 1930, talvez seja o maior símbolo.

Em grande medida, posso dizer que essas minhas inquietações de torcedor americano foram o que me motivou, ainda no mestrado, a pesquisar a história do futebol belo-horizontino. Apesar disso, devo reconhecer que a proposta que aqui será apresentada não tem a pretensão de esgotar os motivos que levaram o América a ser, digamos assim, um clube esquecido, coadjuvante ou menos importante do futebol mineiro e nacional. Por certo, outros pesquisadores encontrariam essa resposta em uma série de fatores e contextos históricos diversos dos que aqui serão contemplados. Frente às escolhas inerentes a qualquer trabalho dessa natureza, optei por compreender esse problema a partir da decifração dos significados do clubismo e do pertencimento clubístico belo-horizontino, adotando como objeto de estudo o processo de constituição e formalização do que chamarei neste trabalho de “mito da decadente aristocracia americana”.

Assim, no capítulo que recebe o título de *Uma torcida que conversa com as paredes*, faço uma incursão no “sistema de representações estruturado” dos clubes de futebol belo-horizontinos, chamado pelo antropólogo Arlei Damo<sup>5</sup> de “clubismo”. Isso para demonstrar como o conjunto de códigos, valores, regras, afinidades, atitudes que amalgamam americanos em uma comunidade de sentimentos única, se mostra incapaz de suscitar reações contrárias de atleticanos e cruzeirenses, não produzindo, assim, sentimentos tão caros aos torcedores dos grandes clubes de futebol do nosso país, como os de revanchismo, repulsa e rivalidade. Mais do que isso, à guisa de conclusão, no referido capítulo defendo ainda a tese de que os americanos fundamentam ao menos uma parte desse sistema de representação clubístico a partir de dois eventos históricos específicos, a saber: a conquista americana do decacampeonato mineiro de futebol, entre 1916 e 1925, e o protesto do clube contra a profissionalização do futebol, cujo maior símbolo teria sido a adoção do uniforme vermelho entre os anos de 1933 e 1943.

Não por coincidência, esses dois eventos receberiam grande destaque na história oficial do clube publicada em formato de livro no ano de 2012. A essência dessa narrativa será apresentada no capítulo intitulado *“Isso está nas páginas imortais do América”*. Ali, demonstrarei que a *Enciclopédia do América*, escrita pelo historiador oficial do clube, Carlos

---

<sup>5</sup> DAMO, Arlei Sander. O espetáculo das identidades e alteridades: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Org.). *Futebol objeto das Ciências Humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 39.

Paiva, interpreta, sobretudo, o protesto americano contra a profissionalização do futebol como uma espécie de marco inaugural do mito da decadente aristocracia americana; ou, ainda, como uma espécie de divisor de águas para a história do América. Antes dele, sua narrativa sustentaria a tese de que o América teria sido grande, hegemônico no campo de jogo e fora dele, haja vista a conquista do decacampeonato mineiro. Mas, a partir do momento em que o futebol se tornou profissional, diria ele, o clube veria toda essa primazia se esvaír, já que sua diretoria se negou a adotar o novo regime por acreditar em uma concepção social e política de esportes elitista, paradoxalmente, um dos traços que, aliás, caracterizariam o América e seus torcedores em meio ao clubismo belo-horizontino.

Embora sejam frequentemente lembrados pelos mais diversos atores envolvidos com o futebol belo-horizontino – ou justamente por isso –, de uns anos para cá o decacampeonato e o protesto contra o profissionalismo passaram a ser alvo de algumas contestações. Questionamentos tímidos ainda, muitas vezes conduzidos pelo clubismo e, em outras oportunidades, pautados pela sanha memorialística de se reconstituírem, *ipsis litteris*, os eventos passados. Mas que, apesar de tudo, têm produzido algumas interessantes memórias concorrentes ou disputas de memória, para valer-me do sociólogo franco-austriaco Michael Pollak,<sup>6</sup> em relação às primeiras décadas de vida do futebol belo-horizontino.

E, no capítulo “*Não somos mais Deca???*”, parto desses recentes conflitos memorialísticos para realizar meus próprios questionamentos acerca dos eventos que sustentam o mito da decadente aristocracia americana. Dentre eles, incorporo perguntas que já vêm sendo feitas a esses dois episódios pelos historiadores (extra)oficiais dos clubes da capital mineira, como, por exemplo: o América realmente teria vencido o campeonato mineiro por dez vezes consecutivas? E haveria mesmo alguma relação entre essa recusa ao profissionalismo nascente e a gradual perda de protagonismo americano?

Para não estragar a surpresa do que está por vir, limito-me a dizer, talvez para desapontamento de muitos, em especial dos americanos, que nenhum desses questionamentos pode ser respondido com total precisão. Na história, assim como na vida, nada é “verde no branco”. Ou, como preferem alguns, nada é “preto no branco”. Possivelmente, a única certeza que as fontes consultadas me proporcionaram é de que a história não pode ser lida de maneira teleológica. Dizer, por exemplo, que um clube centenário como o América perdeu sua pretensa hegemonia, representada pelo decacampeonato, e a própria capacidade de protagonizar o futebol belo-horizontino em função de um episódio longínquo e pontual como

---

<sup>6</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudo Históricas*, FGV/CPDOC, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 4. Tradução de Dora Rocha Flaksman.

o protesto ao profissionalismo me parece simplório demais. Isso independentemente se esses episódios ocorreram da forma como comumente são narrados. O que, de antemão, antecipo, não me parece ser o caso.

Dito isso, penso que ao menos outras duas importantes questões se descortinam para esta pesquisa. Se a tão propalada decadência americana não pode ser explicada a partir de um único episódio, quais outros fenômenos nos ajudariam a compreendê-la? Ao mesmo tempo, se as bases de sustentação documental dos marcos inaugurais desse mito mostram-se fragilizadas, por que, quando e como essa narrativa, como diria, mais uma vez Michael Pollak,<sup>7</sup> passou a ser enquadrada, ganhando “estabilidade” e “força quase institucional”, tornando-se capaz de produzir “um altíssimo grau de identificação” entre os americanos?

Essas duas perguntas me fazem, mais uma vez, reforçar os limites deste trabalho, chamando a atenção para a dificuldade e, arriscaria dizer, a inviabilidade de dar conta de todas as possíveis explicações que elas nos apresentam. De todo modo, considero ter alcançado um resultado satisfatório nesse sentido revisitando, no penúltimo capítulo, um contexto que, para muitos, também é identificado como um dos grandes marcos do ocaso do América no cenário futebolístico mineiro. Um momento marcado pela inauguração do Estádio Mineirão, ainda hoje o grande palco do futebol de Minas Gerais, e pela criação das principais competições nacionais de futebol interclubes. Ali, demonstro como boa parte das representações simbólicas, capazes, a um só tempo, de articular e excluir os americanos da sociabilidade futebolística belo-horizontina, foram forjadas nas páginas da imprensa esportiva local frente às vicissitudes vividas pelo América naquela virada de anos de 1960 e 1970. Não por coincidência, parte das estrofes do hino oficial americano, composto no início da década de 1970, parecem ter se inspirado em algumas das delicadas situações encaradas pelo clube frente àquela nova fase do futebol brasileiro, de modo que as considerei muito apropriadas para intitular boa parte das sessões e o próprio capítulo, que recebe o título de “*A tua classe aristocrata é quem fulmina os teus rivais*”.

Ainda ambientado nesse mesmo contexto, no último capítulo, que recebe o título da tese – “*Era uma vez um grande*” –, me dedico à análise dos incipientes processos de formalização ou oficialização dessa narrativa. Sem desmerecer a envergadura do trabalho de Carlos Paiva, demonstro ali que boa parte de sua narrativa teve como inspiração duas outras tímidas publicações, mais circunstanciais, de autorias coletivas, lançadas na virada dos anos

---

<sup>7</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudo Históricas*, FGV/CPDOC, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 201. Tradução de Dora Rocha Flaksman; POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudo Históricas*, FGV/CPDOC, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 3 e p. 10-12.

1960 para os 1970. Duas obras que, em grande medida, “coloriram” o passado americano a partir do que viviam o América e os americanos em meados do século XX. Um contexto, como poderá ser visto, capaz de atualizar o tal mito definidor da identidade americana como matriz explicativa das dificuldades enfrentadas pelo clube e por seus torcedores no tempo presente.

Sem mais delongas, convido-lhes agora a percorrer o que aqui já foi suficientemente apresentado. Mas não sem antes adaptar as brilhantes e sensíveis palavras de Wagner de Freitas, historiador oficial do Villa Nova Atlético Clube (Villa Nova, ou simplesmente Villa), que, ao concluir a apresentação de seu *Almanaque do Leão do Bonfim*, escreveu: “Tenha a convicção de que partes da minha alma e do meu coração [alviverde] estão incrustadas em cada linha deste [trabalho]. Boa leitura!”<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> FREITAS, Wagner Augusto Álvares de; RODRIGUES, Rodrigo de Freitas; RIBEIRO, Carlos Henrique Miranda. *Almanaque do Leão do Bonfim*. Belo Horizonte: Edição do Editor, 2011, p. 13.

## CAPÍTULO 1 – NEM SÓ OS CARTÓRIOS VIVEM DE TÍTULOS

Na noite do dia 9 de julho de 2000, o Cruzeiro bateu o São Paulo no Mineirão em jogo válido pela final da Copa do Brasil daquele ano, conquistando a competição nacional pela terceira vez em sua história. No dia seguinte, tão logo cheguei à escola, senti que os cruzeirenses ainda estavam extasiados pela emocionante vitória de virada nos dez minutos finais da partida. Vários dos meus colegas ostentavam faixas de campeão. Outros carregavam, a tira colo, camisas, agasalhos, bonés ou outra indumentária qualquer alusiva à equipe celeste. E, antes que o sinal soasse e as aulas começassem, ouvia cânticos e outros gritos cruzeirenses ecoando por todos os lados do colégio.

O clima festivo só foi levemente contido à medida que os professores entraram em sala. Ainda assim, durante os primeiros horários, um bilhete escrito em um pedaço de papel rasgado, uma conversa lateral, um sorriso acompanhado de um olhar maroto, recuperava o feito cruzeirense em meio às atividades regulares daquele início de manhã.

A apoteose celeste, contudo, aconteceria mesmo durante o recreio. Quando meus colegas e eu já nos encontrávamos em nosso canto habitual do pátio, avistamos alguns alunos na sacada do segundo andar da escola desfraldando uma enorme bandeira da Máfia Azul, principal torcida organizada do Cruzeiro, para delírio dos campeões e sinal aberto para que alguns colegas mais próximos começassem as provocações. Parte delas dirigidas a mim, por motivos que deixarei para apresentar um pouco mais à frente, neste capítulo. Mas a maioria era mesmo endereçada aos atleticanos, que sofriam com as piadas relacionadas ao longo jejum de títulos nacionais de seu clube.

Cansado de escutar as piadas cruzeirenses, um amigo atleticano tentou encerrar o seu martírio e a de outros colegas proferindo a máxima futebolística: “Quem gosta de título é cartório!”. Mais importante que ser campeão, era a paixão que o Atlético suscitava em sua torcida, aliás, muito maior que a do Cruzeiro, segundo ele. Todavia, ao invés de mudar o rumo da conversa, sua fala, carregada de forte ressentimento por não ter sido o Atlético o vitorioso – ou o clube rival o derrotado? – da noite passada, só fez engrossar ainda mais as provocações cruzeirenses, que se estenderiam por mais alguns dias. Afinal de contas, se há algum parâmetro mais ou menos objetivo para mensurar o sucesso de um clube de futebol, esse parâmetro seriam os resultados obtidos no campo de jogo, preservados e exibidos como testemunha de superioridade. Mais do que isso, se pudesse aqui apresentar os motivos que fazem alguns clubes serem mais reconhecidos, comentados, prestigiados, amados e odiados

que outros, por certo apontaria as grandes e regulares conquistas como o principal deles. E digo isso por experiência própria.

### **1.1 “Recordar é viver”**

Nasci na capital mineira no início de 1986 e, muito cedo, no final de 1989, me mudei, junto com minha família, para Araguari, uma pequena cidade do Triângulo Mineiro, mais conhecida por ser vizinha de Uberlândia e Uberaba – dois centros urbanos que, digamos assim, disputam a primazia dessa região do estado. Ali, passei toda a infância e parte significativa da minha adolescência, já que saí de lá quando já tinha meus 14 anos de idade. Incrustado quase que no meio do território nacional e distante dos principais centros esportivos, em particular, dos centros futebolísticos do país, desenvolvi, muito em função do incentivo familiar, um gosto salutar pela prática e assistência esportiva, principalmente o futebol e o tênis, modalidades que aprendi ainda na tenra idade.

Mas, apesar de ser filho de um atleticano com uma cruzeirense, posso dizer que, durante essa nossa estadia em Araguari, as transmissões da Rede Globo de Televisão no início dos anos de 1990 foram infinitamente mais sedutoras para mim e minha irmã que as paixões clubísticas paterna e materna. Assistir a um espetáculo esportivo, independentemente da modalidade esportiva e das partes envolvidas, sempre foi um programa valorizado na nossa casa. Distante dos principais centros futebolísticos do país, restava-nos o monopólio do futebol carioca e paulista imposto pela televisão, o que acatávamos com gosto.

Do alto dos meus 5, 6, 7 anos de idade, me encantei pelo São Paulo Futebol Clube. Naquele tempo, o clube paulistano tinha enorme destaque na imprensa nacional, muito em função do extraordinário desempenho de suas equipes, comandadas por Telê Santana, um dos mais populares técnicos de futebol da época, e recheadas de craques, como Zetti, Cafu, Toninho Cerezo, Leonardo, Müller, Palhinha, Juninho Paulista – à época, apenas Juninho – e, meu grande ídolo, o meio-campista Raí. Pela telinha, vi, em um curto intervalo de tempo, aqueles jogadores serem campeões paulistas, brasileiros, sul-americanos e mundiais.

Mesmo após a saída do comandante Telê Santana e do craque Raí, mantive acesa minha paixão pelo tricolor paulista, graças, claro, aos feitos são-paulinos que acompanhei pela televisão de casa. Já minha irmã, mais velha que eu, optou pelo campeão brasileiro de 1992, o Flamengo liderado pelo veterano Júnior e pelo habilidoso meio-campista Zinho. Ao contrário de muitos casos familiares, nossos pais nunca se opuseram às nossas escolhas clubísticas. Em nossos guarda-roupas, havia um lugar especial para o uniforme de nossos clubes do coração.

E nos nossos intermináveis campeonatos de futebol de botão, assumíamos os papéis dos nossos ídolos. Eu, mais ainda, passava os dias chutando bola com meu pai ou algum colega na rua, no quintal ou na sala de casa. Me imaginava no Estádio do Morumbi, cobrando faltas com maestria, que facilmente transpunham as barreiras e o goleiro adversário. De quebra, saía correndo em comemoração, saltava e dava um soco no ar, tal como o fazia o lendário camisa 10 são-paulino.

Durante essa nossa estadia no interior, meu pai não abandonou o hábito, cultivado em Belo Horizonte nos anos de 1970 e 1980, de ir ao campo ver jogos de futebol, mesmo que os jogos frequentados não tivessem nem de longe o mesmo apelo midiático que os do nosso São Paulo e Flamengo, ou do seu Atlético e do Cruzeiro de minha mãe, por exemplo. Ainda me lembro dos domingos em que ele me sentava no quadro de sua bicicleta e descíamos para o antigo Estádio Vasconcelos Montes, hoje estacionamento de um supermercado de Araguari. Lá, acompanhamos a boa fase do Galo da Comarca<sup>9</sup> na primeira metade dos anos de 1990, quando a equipe local quase chegou à sua histórica quarta participação na primeira divisão do Campeonato Mineiro de Futebol. Algumas vezes, todos nós – pai, mãe, irmã e eu – íamos de carro ao Estádio Parque do Sabiá, na vizinha Uberlândia, acompanhar os jogos da equipe da casa contra Atlético e Cruzeiro ou algum amistoso de uma equipe de expressão nacional. Também não esqueço o ano em que ganhei de aniversário uma viagem em família para assistir, *in loco*, um jogo entre São Paulo e Santos em Ribeirão Preto, válido pelo extinto Torneio Rio-São Paulo.

Além disso, quando visitávamos meus avós paternos em Belo Horizonte, meu pai sempre dava um jeito de nos levar ao Mineirão para assistir a algum jogo de futebol. Em 1994, meu saudoso avô Élio, ele e eu fomos ver Cruzeiro x Criciúma, em jogo válido pela Repescagem do Campeonato Brasileiro daquele ano. Como o time da casa não vinha de uma boa campanha, não por coincidência jogava a repescagem da competição, os cruzeirenses compareceram em pequeno número, de modo que o extenso anel superior do “Gigante da Pampulha” – epíteto com que também é conhecido o principal estádio de futebol da capital mineira – se apresentava quase que desocupado, uma novidade para mim. Por isso, meu avô e meu pai aproveitaram a ocasião para me apresentar o estádio, explicando, dentre outras coisas, que as cores que, à época, seccionavam simbolicamente as arquibancadas aludiam aos clubes da cidade: o alvinegro, para o Atlético; o azul celeste para o Cruzeiro; e o alviverde, para o América. De modo semelhante ao caso da professora que menciono na apresentação

---

<sup>9</sup> Galo da Comarca é a mascote atribuída ao Araguari Atlético Clube.

deste trabalho, possivelmente descobri naquele dia que o futebol de Belo Horizonte não se restringia ao Atlético e ao Cruzeiro dos meus pais.

Depois disso, em outras duas visitas à capital mineira, cheguei a presenciar outros dois jogos do América meio que por acaso. Embora não lembre nem o ano e nem por qual competição, ainda consigo recordar que o primeiro deles foi no Mineirão e contra o Cruzeiro. Evidentemente, estávamos ali pelo Cruzeiro da minha mãe, e, de longe, testemunhei os poucos americanos presentes se comparados à numerosa torcida do Cruzeiro que estava ao nosso redor. Algo que me deixou bastante intrigado: como era possível existir um clube com torcida tão diminuta em uma cidade dominada por dois “gigantes”?

Já a outra oportunidade está mais fresca em minha memória. Estávamos no ano de 1998. Um conjunto de colegas e eu havíamos viajado a Belo Horizonte para jogar a primeira etapa do circuito mineiro de tênis infantojuvenil. Certo dia, meu tio Mário chegou até a casa dos meus avós, onde estávamos hospedados, e perguntou se não queríamos assistir a um jogo do Cruzeiro no Mineirão. Topamos na hora. Apesar disso, meu tio, que nunca foi muito afeito a futebol, errou a hora do jogo. Chegamos ao estádio quase no intervalo e, quando já estávamos desistindo da empreitada, alguém nos informou que, dali algumas horas, o América entraria em campo no Estádio Independência para enfrentar o Sport Club do Recife (Sport Recife), em jogo válido pelas oitavas de final da Copa do Brasil. Para nossa grata surpresa, o estádio estava cheio, o América se apresentava como o atual campeão brasileiro da Segunda Divisão, e o jogo foi bastante movimentado, terminando empatado em 3 a 3.

Mesmo após todas essas experiências, o América continuou sendo um clube meio esquecido ou, arriscaria dizer, desconhecido por mim. Dele, só recebia referências por meio dos álbuns de figurinhas do Campeonato Brasileiro, que eu amava colecionar. Mas, como se verá mais adiante, suas participações na principal competição nacional eram muito esporádicas, e sua existência era, de longe, ofuscada pelos mais competitivos e vitoriosos clubes do país.

Após uma década de vida no interior do estado, minha família e eu retornamos à capital mineira. Logo nos primeiros dias de escola na nova cidade, ávido por fazer novos laços de amizade, apresentei-me como tenista e torcedor do São Paulo. Se, em pouco tempo, consegui me enturmar no colégio, por certo isso não aconteceu em função das referências esportivas que me eram tão caras. Apesar de o país ter sido varrido pelo fenômeno da “Gugamania”, em função das emblemáticas conquistas de Gustavo Kuerten no circuito internacional, a partir de meados dos anos de 1990, o tênis ainda era, e permanece sendo, um esporte muito restrito e restritivo, praticado, apreciado e, principalmente, comentado por

poucos. Já quando o assunto era futebol, Atlético e Cruzeiro eram, praticamente, os únicos clubes mencionados pelos meus novos amigos, de modo que eu ficava, invariavelmente, à margem dessas rodas de conversa.

O dia seguinte ao título de campeão da Copa do Brasil conquistado pelo Cruzeiro naquele julho de 2000 talvez tenha sido a única oportunidade em que me vi envolvido na sociabilidade futebolística belo-horizontina como são-paulino. Durante o recreio da escola, alguns colegas cruzeirenses me provocaram, cantando uma adaptação do refrão do hino do São Paulo entoada nas arquibancadas do Mineirão na noite anterior. Algo mais ou menos assim:

**Refrão original**

Ó tricolor  
Clube bem-amado  
As tuas glórias  
Vêm do passado!

**Adaptação cantada pelos cruzeirenses**

Ó tricolor  
O que que aconteceu  
Foi o meu *Zêro*  
Que te fodeu!

Mas nada além disso. Como lhes contei, seriam mesmo os atleticanos o principal alvo dos campeões naquele dia. Por isso, durante meus primeiros meses em Belo Horizonte, fui, pouco a pouco, perdendo parte do meu entusiasmo com o São Paulo. Naquela época não havia *pay-per-view*, e a televisão lá de casa, assim como as rodas de conversa que frequentava, praticamente só repercutiam o futebol local. Além do mais, seguindo uma certa tradição, meu pai se manteve assíduo frequentador dos jogos que aconteciam na cidade, de modo que passamos a ir ao Mineirão com frequência, independentemente se jogava Atlético ou Cruzeiro. E, nessas ocasiões, deixávamos nos envolver, mesmo que momentaneamente, pelas diferentes torcidas que visitávamos.

Ainda assim, o América sequer aparecia em meu horizonte como uma possibilidade. Isso até irmos ao Independência, no dia 18 de fevereiro de 2001, para uma tarde de jornada dupla de futebol, com dois jogos válidos pela terceira rodada do Campeonato Mineiro acontecendo consecutivamente ao preço de um só ingresso – o que, aliás, é cada vez mais incomum no futebol brasileiro. No primeiro jogo, os invictos Atlético e Ipatinga Futebol Clube se enfrentariam em busca da liderança. Em seguida, o dono da casa, o América, receberia o Uberlândia Esporte Clube (Uberlândia) no “jogo dos desesperados”, já que nenhum dos dois havia vencido ainda na competição.

A exibição atleticana, motivo que nos atraiu ao Horto, bairro onde está situado o Independência, foi recheada de emoção. Logo aos 17 minutos, a equipe visitante abriu o placar com Alexandre Goulart. Pouco depois, Marques, atacante e ídolo do Atlético,

desperdiçou um pênalti, permitindo que o Tigre do Vale do Aço levasse a vantagem mínima para o vestiário.

No segundo tempo, pressão alvinegra dentro e fora de campo. O Independência se tornou um caldeirão para os mais de 6 mil atleticanos presentes. A equipe respondeu, mantendo a posse de bola no campo do adversário, mas o empate só saiu aos 26 minutos da etapa complementar, com o gol do então promissor meio-campista Lincoln. Aos 39, o artilheiro atleticano Guilherme virou a partida. Enquanto ainda comemorávamos, aos 43 minutos de jogo, pênalti para o Ipatinga. A cobrança, defendida pelo goleiro Velloso, deu números finais à partida para delírio da torcida local.

Encerrado o confronto Atlético 2 x 1 Ipatinga, o Independência praticamente se esvaziou. A maior parte dos atleticanos saiu para comemorar a suada vitória que lhes rendeu a dianteira provisória da competição. Enquanto isso, meu pai e eu, e mais alguns poucos remanescentes da batalha encerrada, presenciávamos uma diminuta torcida alviverde entrar pelo portão da rua Pitangui, com suas bandeiras, faixas e instrumentos musicais, ocupando uma pequena parte das arquibancadas do estádio que horas antes havia sido densamente povoado pela torcida alvinegra. Em campo, um jogo bem mais morno que o anterior, facilmente vencido pela equipe da casa por 2 a 0, com um gol em cada etapa.

Apesar da jocosidade com que os poucos atleticanos que permaneceram no estádio encararam esse segundo jogo do dia, fiquei admirado com a dedicação daquela pequena e fiel torcida americana, possivelmente nostálgico com o futebol interiorano que havia vivenciado na infância e que tanto diferia dos espetáculos atleticanos e cruzeirenses que recentemente vinha frequentando. Além disso, cansado de me sentir um pária como são-paulino entre os novos colegas, decidi que a partir daquele domingo iria “participar ativamente da vida social”<sup>10</sup> belo-horizontina, engrossando as fileiras americanas. Meu pai acolheu mais uma, e dessa vez minha definitiva escolha clubística, não sem antes dizer que eu iria sofrer.

Topei o desafio e achei que havia me dado bem. A vitória por 2 a 0 sobre o Uberlândia foi a primeira da campanha que levou o América, aos trancos e barrancos, à decisão do Campeonato Mineiro de 2001. Nos dois movimentados jogos entre América e Atlético, válidos pela final do campeonato, estive no Mineirão devidamente acompanhado pelo meu pai. Dali em diante, na torcida do América.

---

<sup>10</sup> Inspiro-me aqui na seguinte passagem da dissertação de mestrado de Arlei Damo: “Torcer por um clube de futebol é, antes de mais nada, participar ativamente da vida social.” Cf. DAMO, Arlei Sander. *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998, p. 11.

Teria tomado essa mesma decisão caso o América tivesse perdido aquele confronto contra o Uberlândia? Meu destino como americano teria mesmo se selado caso o América não conquistasse aquele Campeonato Mineiro de 2001? Difícil dizer. De todo modo, ignorar que os triunfos futebolísticos formam novos torcedores seria contrariar minha própria experiência; e, também, os fatos.

## 1.2 O “mais querido” que acabou esquecido

Desde sua origem, ambientado na moderna sociedade liberal-capitalista, os resultados foram muito valorizados no mundo esportivo. Refletindo o ideário daquele contexto, ainda no século XIX “a vitória, e não a participação, [tornou-se] o valor supremo da competição esportiva, isso porque à vitória estão associados o reconhecimento social, o dinheiro e o desejo da permanência”,<sup>11</sup> dimensões igualmente valorizadas pelo capitalismo. Por isso, o “recorde (do inglês *record*, registro)” das competições esportivas, uma maneira racional e científica de materializar, preservar e exibir as melhores marcas, os melhores competidores, isto é, os feitos esportivos, teria adquirido, nesse mesmo contexto, uma “importância excepcional”<sup>12</sup>. Não por coincidência, ao procurar compreender a “dinâmica das emoções” presentes no futebol, o antropólogo Arlei Damo chamou a atenção para a existência de uma “[...] clar[a] relação entre o capital afetivo dos clubes, aferido pela lembrança dos torcedores, e o capital esportivo, declinado a partir do *status* galgado com as *performances* futebolísticas”.<sup>13</sup> O que significa dizer que, historicamente, “[...] os clubes mais ‘queridos’ são também os ‘melhores’”,<sup>14</sup> e que, por outro lado, “um ciclo prolongado de maus resultados pode fazer o prestígio de um clube declinar”.<sup>15</sup>

No Brasil, as pesquisas de torcidas, geralmente publicadas pelos veículos da grande imprensa, costumam ser muito prestigiadas pelos torcedores. A cada nova pesquisa divulgada, longos e polêmicos debates são travados nas ruas, nos bares, nos postos de trabalho, sobre quais seriam os clubes mais lembrados, os preferidos do público, os clubes ditos populares do

<sup>11</sup> RÚBIO, Kátia. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, jan./abr. 2006, p. 87.

<sup>12</sup> SILVA, Maria Lúcia Soares da; RÚBIO, Kátia. Superação no esporte: limites individuais ou sociais? *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto, v. 3, n. 3, jul./dez. 2003, p. 70.

<sup>13</sup> DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007, p. 60.

<sup>14</sup> DAMO. *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFRGS, Porto Alegre, p. 39.

<sup>15</sup> DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007, p. 61.

nosso país. Isso especialmente entre os adeptos daqueles clubes que disputam os primeiros postos dessas listagens.

Contudo, quando comparamos os números dos clubes belo-horizontinos apresentados por essas pesquisas, a distância da torcida americana para as demais é tão abissal que não há teoria conspiratória que seja capaz de desmenti-los. E uma das explicações para isso parece residir justamente no desempenho que cada um desses clubes obteve no campo de jogo.

Em maio de 2018, por exemplo, Marcelo de Arruda<sup>16</sup> publicou na plataforma *The Rec.Sport.Soccer Statistics Foundation Brazil (RSSSF Brasil)* uma compilação de cerca de 30 pesquisas com “métodos científicos” que haviam sido realizadas pela imprensa nacional entre junho de 1983 e maio daquele ano. Conforme registrou o estatístico, a maioria delas teria sido realizada a partir do final dos anos de 1990 pelo Datafolha – instituto de pesquisa vinculado ao jornal *Folha de S. Paulo* – e pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), quase sempre sob encomenda da revista *Placar* e do jornal *Lance!*, periódicos dedicados exclusivamente à cobertura esportiva. Segundo Marcelo de Arruda, a construção das amostras e a apresentação dos resultados dessas pesquisas se alteraram ao longo dos anos e ao sabor dos institutos que as realizaram e do órgão de imprensa que as publicou. Em alguns casos, apenas homens residentes em algumas regiões metropolitanas do Brasil, como as de Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, foram entrevistados. Em outros casos, não se estratificou previamente a amostra, e os pesquisadores percorreram, ao menos pretensamente, todo o país.

Independentemente das diferenças metodológicas adotadas por essas pesquisas, de suas especificidades e das ligeiras alternâncias de posição dos clubes, seus resultados variaram muito pouco ao longo desses pouco mais de 25 anos.<sup>17</sup> Em valores aproximados, poderia dizer que, desde o início dos anos de 1980, cerca de 20% dos brasileiros disseram não ter nenhum clube do coração, enquanto o Flamengo e o Corinthians lideraram os *rankings* que foram divulgados, reunindo a preferência de 30% a 40% dos torcedores de todo o país. Esses dois clubes foram seguidos, a distância, por um conjunto mais ou menos homogêneo de 15 clubes, composto, invariavelmente: pelos paulistas Palmeiras, Santos e São Paulo; pelos cariocas Botafogo, Fluminense e Vasco da Gama; pelos porto-alegrenses Grêmio e Internacional; pelo Bahia; por mais um ou outro clube do Norte ou Nordeste do país; e pelos

---

<sup>16</sup> ARRUDA, Marcelo Leme de. As maiores torcidas do Brasil. *RSSSF Brasil – The Rec.Sport.Soccer Statistics Foundation*, 18 maio 2018. Disponível em: [goo.gl/hf73ef](http://goo.gl/hf73ef). Acesso em: 15 dez. 2018.

<sup>17</sup> As tabelas completas dessas pesquisas de torcidas podem ser consultadas no “Anexo A – Tabela com a posição dos clubes nas pesquisas de torcidas” e no “Anexo B – Tabela com a porcentagem de torcedores por clubes segundo as pesquisas de torcidas” do presente trabalho.

mineiros Atlético e Cruzeiro. Cada um desses clubes registrou, ao longo de todos esses anos, de 1% a 10% da preferência dos torcedores brasileiros. O Atlético, por exemplo, registrou entre 2,5% e 6% de toda a amostra coletada, ocupando da 5ª a 11ª posição do *ranking*, enquanto o Cruzeiro encontrou variações um pouco menores, contabilizando de 3,5% a 5,5% do total de entrevistados, colocando-se entre 5º e 9º lugar na tabela de preferência dos torcedores nacionais.

E, como já adiantei, todos esses clubes, digamos, historicamente mais populares do Brasil possuem números igualmente expressivos nas principais competições de futebol disputadas no país. Só para se ter uma ideia, à exceção dos clubes nortistas e nordestinos que eventualmente compuseram esse grupo, como os casos do Vitória da Bahia, dos pernambucanos Náutico e Santa Cruz, dos cearenses Ceará e Fortaleza, e dos paraenses Paysandu e Remo, todos os demais já foram campeões nacionais em ao menos uma oportunidade. Aliás, o Guarani de Campinas é o único clube campeão na história dos Campeonatos Brasileiros (título conquistado em 1978) que em nenhuma dessas pesquisas de popularidade registrou mais de 1% da preferência dos torcedores brasileiros ou se posicionou entre os 20 clubes mais queridos do Brasil.

Outro dado ainda mais interessante que este pode dizer respeito aos participantes mais assíduos da primeira divisão do Campeonato Brasileiro. Embora a segunda divisão do Campeonato Brasileiro só tenha começado a ser disputada em 1971, para simplificar a ilustração a que me propus, chamo a Taça Brasil (1959-1968) e a Taça de Prata (1967-1970) de primeira divisão, já que, nesse contexto, eram as únicas competições de futebol interclubes em nível nacional. Ao longo de todo esse período, 63 edições desse certame foram disputadas, e pouco mais de 150 clubes já o disputaram.<sup>18</sup> Mas, desse total, apenas um seleto grupo de 12 clubes brasileiros estiveram presentes em mais de 80% das 62 edições da primeira divisão do Campeonato Brasileiro realizada desde 1959.<sup>19</sup> Todos eles não apenas foram campeões nacionais em ao menos uma oportunidade<sup>20</sup> como também figuraram entre os clubes mais populares do país nas pesquisas encontradas por Marcelo de Arruda.

---

<sup>18</sup> A tabela completa com o número de vezes que cada clube já disputou a primeira divisão do Campeonato Brasileiro pode ser consultada no “Anexo C – Tabela com o número de vezes que cada clube disputou a primeira divisão do Campeonato Brasileiro”.

<sup>19</sup> Por ordem decrescente, os 12 clubes com maior número de participações na primeira divisão do Campeonato Brasileiro de 1959 a 2019 são os seguintes: 60 participações – Grêmio; 59 participações – Cruzeiro e Santos; 57 participações – Atlético e Palmeiras; 55 participações – Botafogo; 54 participações – Flamengo; 53 participações – Fluminense e Internacional; 52 participações – São Paulo e Vasco da Gama; 51 participações – Corinthians.

<sup>20</sup> Apenas outros cinco clubes não figurantes dessa relação de mais assíduos da primeira divisão venceram a primeira divisão do Campeonato Brasileiro durante todo esse período. São eles: o Bahia (1959-1988), o Guarani (1978), o Coritiba (1985), o Sport (1987) e o Athletico Paranaense (2001). O título do Sport, diga-se de passagem, é envolto em uma forte polêmica com o Flamengo, que também se considera campeão brasileiro de

É evidente que para ser campeão de uma competição é preciso jogá-la o máximo de vezes possível. Mas o que esses dados também nos mostram é que, na esmagadora maioria das situações, os clubes que mais vezes jogaram a primeira divisão nacional também são os mais queridos do Brasil. Realidade, aliás, que está muito longe de ser a do América.

Ao longo de sua centenária existência, o meu clube do coração participou da primeira divisão nacional em pouco mais de 25% das edições já disputadas, registrando sua melhor campanha em 1973, quando terminou a competição em sétimo lugar. Desde que foi rebaixado à segunda divisão em 1979, ele esteve presente na elite do futebol nacional<sup>21</sup> em apenas sete oportunidades, não conseguindo manter-se nela por mais de um ano consecutivo.<sup>22</sup> Em cinco ocasiões, chegou a disputar, inclusive, a terceira divisão nacional.

Como já esperado, esses desempenhos reverberam nas pesquisas de popularidade encontradas por Marcelo de Arruda. Em quase todas elas, o América sequer foi relacionado nos resultados, talvez por não atingir um percentual mínimo das amostras colhidas, ou porque os institutos de pesquisa simplesmente não se interessavam em registrar a existência de seus torcedores. A única exceção aconteceu com o levantamento do Ibope, publicado pelo *Lance!* em 4 de outubro de 2004, que identificou, nominalmente, 23 clubes preferidos pelos brasileiros, sendo o América o 23º e último colocado, com apenas 0,1% da amostra.

Muito provavelmente, a essa altura, o leitor poderá ponderar: “Mas essas pesquisas foram realizadas nacionalmente. Ficar em 23º lugar no *ranking* de torcidas, amealhando 0,1% da preferência de todos os torcedores do país, não é tão mal assim. No plano local, essa realidade deve ser bem distinta.” E eu diria, para tristeza dos americanos, que esse raciocínio faz muito pouco sentido.

Em julho de 2015, Marco Antônio Pinheiro<sup>23</sup> publicou, também na plataforma *RSSSF Brasil*, uma compilação muito semelhante àquela realizada por Marcelo Arruda, só que, dessa vez, considerando a preferência clubística dos torcedores mineiros. De acordo com esse pesquisador, as pesquisas de torcida “com metodologia científica de amostragem” começaram a ser feitas em Minas Gerais a partir de 1971, por encomenda da então recém-lançada revista *Placar*. Desde então, 18 consultas públicas clubísticas já haviam sido feitas no estado mineiro: um terço delas realizada pelo Ibope, sob encomenda do jornal esportivo *Lance!*; um

---

1987. Ver, a esse respeito: HELAL, Ronaldo. O hexa do Flamengo e o dilema brasileiro. *Ludopédio*, Arquivancada, v. 21, n. 4, 11 mar. 2011. Disponível em: [goo.gl/dlzqPb](http://goo.gl/dlzqPb). Acesso em: 1 maio 2017.

<sup>21</sup> Convencionou-se chamar de “elite do futebol nacional” os clubes participantes da primeira divisão do Campeonato Brasileiro, oficialmente chamada de Série A.

<sup>22</sup> Não considero aqui as participações do América na primeira divisão dos anos 2000 e 2001 como consecutivas, uma vez que a Copa João Havelange, realizada em 2000, não contou com o instituto do rebaixamento.

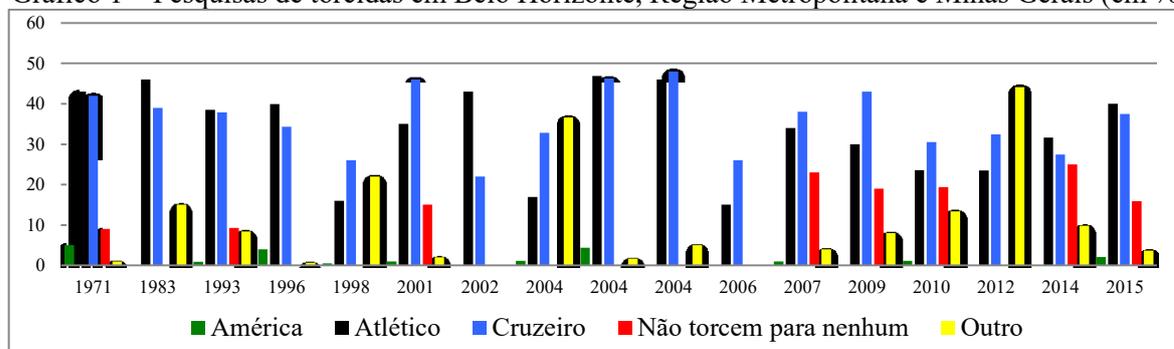
<sup>23</sup> PINHEIRO, Marco Antônio Henriques. Pesquisas sobre torcidas em Minas Gerais. *RSSSF Brasil – The Rec.Sport.Soccer Statistics Foundation*, 26 jul. 2015. Disponível em: [goo.gl/2CNK6j](http://goo.gl/2CNK6j). Acesso em: 15 dez. 2018.

quarto pelo Datafolha; e a outra metade ficou dividida entre diversas empresas do ramo, quase sempre financiadas por veículos da grande imprensa mineira, como os jornais *Estado de Minas* e *Hoje em Dia*.

De maneira semelhante ao que foi dito para as pesquisas de torcidas em nível nacional, diante da variedade de institutos envolvidos nas pesquisas, aqui também os métodos amostrais adotados por elas nem sempre foi o mesmo. Algumas delas levaram em consideração apenas os moradores de Belo Horizonte; outras, os municípios da Região Metropolitana da capital mineira; e algumas, pretensamente, todo o estado. Ainda a esse respeito, ressalta-se que a apresentação dos dados também não seguiu um único padrão. Em algumas delas, apenas Atlético e Cruzeiro foram citados nominalmente nos resultados consolidados, e em outras a amostra foi segmentada territorialmente, entre capital, Região Metropolitana e interior do estado.

A despeito dessas especificidades, e das recorrentes alternâncias de Atlético e Cruzeiro na dianteira dessas pesquisas, ainda assim poderia descrevê-las, a partir de números aproximados, da seguinte maneira (ver Gráfico 1): mais uma vez, de forma similar ao que foi verificado em nível nacional, ao longo dessas quase quatro décadas de levantamento, cerca de 15% a 20% dos entrevistados disseram não torcer ou se interessar por nenhum time; outros 65% a 75% dos respondentes declararam ser atleticanos ou cruzeirenses; e os demais 10% a 15% dividiram suas preferências entre os clubes do interior mineiro, clubes de outros estados do país e o América, cujos adeptos oscilaram entre 1% e 5% das amostras coletadas. Essa disparidade da preferência pública entre os clubes da capital mineira fica ainda mais acentuada quando notamos que, em quase um terço dessas pesquisas, como aquelas realizadas em 1983, 2002, 2004, 2006, 2007, 2012 e 2014, o América, mais uma vez, sequer foi relacionado nos resultados por motivos desconhecidos.

Gráfico 1 – Pesquisas de torcidas em Belo Horizonte, Região Metropolitana e Minas Gerais (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da publicação de Marco Antônio Pinheiro na *RSSSF Brasil*.<sup>24</sup>

<sup>24</sup> PINHEIRO, Marco Antônio Henriques. Pesquisas sobre torcidas em Minas Gerais. *RSSSF Brasil – The Rec.Sport.Soccer Statistics Foundation*, 26 jul. 2015. Disponível em: [goo.gl/2CNK6j](http://goo.gl/2CNK6j). Acesso em: 15 dez. 2018.

Mas, ao contrário da publicação de Marcelo de Arruda acerca das torcidas nacionais, Marco Antônio Pinheiro, em seu levantamento, ainda conseguiu encontrar ao menos duas pesquisas de torcidas realizadas antes que o que ele chamou de “método científico de amostragem” passasse a ser adotado em Minas Gerais. Ambas teriam sido publicadas pelo jornal belo-horizontino *Estado de Minas*: a primeira, realizada em 26 de março de 1931, cujos votos, estimados em 870, foram “coletados em uma urna localizada em frente à sede do jornal”; e a segunda delas, de 2 de julho de 1965, que contou com “[u]rnas [...] espalhadas em vários pontos da capital e em algumas cidades do interior”, e cujas cédulas de votação, produzidas e comercializadas pelo jornal, poderiam ser compradas ilimitadamente. Segundo Marco Antônio Pinheiro, nessa última pesquisa “[f]oram computados quase 700 mil votos”, e o resultado foi publicado quando “[a]inda faltavam 40 mil votos para serem apurados”, corroborando, assim, o que ele próprio definiu como uma pesquisa não conduzida por um “método científico” academicamente reconhecido.

O fato de essas pesquisas dos anos de 1930 e 1960 não terem sido produzidas a partir de métodos estatísticos reconhecidos não inviabiliza, contudo, que eu comente aqui seus resultados. Aliás, talvez fosse o caso de considerá-las um indicativo ainda mais interessante do grau de mobilização de cada uma das torcidas participantes, já que as votações pressupunham que os torcedores se deslocassem, voluntariamente, até os postos de votação e, no último caso, adquirissem, também por vontade própria, suas cédulas. Assim, os “torcedores eleitores” participavam do pleito promovido pelo jornal com a única intenção de verem seus clubes do coração serem reconhecidos como os mais amados de Belo Horizonte e Minas Gerais. E, se esse comentário realmente for coerente, diria que, também nessas pesquisas, a torcida americana, ou sua capacidade de mobilização social, já se mostrava sensivelmente inferior à atleticana e à cruzeirense.

Isso porque, muito embora as pesquisas publicadas pelo *Estado de Minas* em 1931 e 1965 não tenham sido realizadas com o tal “método científico de amostragem”, os resultados por elas apresentados não estariam muito distantes daqueles encontrados a partir de 1971. Segundo revelou Marco Antônio Pinheiro, em ambas as ocasiões Atlético e Cruzeiro mais uma vez lideraram o *ranking* de preferência clubística dos mineiros, amealhando, juntos, pouco mais de 80% dos votos dessas “eleições” de torcidas. Também de maneira muito semelhante aos resultados encontrados a partir dos anos 1970, nessas pesquisas o América mais uma vez apareceu na terceira colocação do *ranking*; na primeira delas, contabilizando 11% dos votos totais apurados, enquanto na segunda, com cerca de 7 pontos percentuais.

De maneira semelhante ao que foi verificado em âmbito nacional, poderia dizer que em nível estadual essa preferência dos torcedores mineiros também guarda estreita relação com o desempenho dos clubes na principal competição de futebol disputada no estado. De acordo com a galeria oficial de títulos mineiros desde 1915,<sup>25</sup> marco inaugural da institucionalização do resultado dos jogos como expressão do sucesso dos clubes em Minas Gerais, veremos que em poucos momentos Atlético e Cruzeiro não se alternaram na posição de campeões estaduais.

Antes que os cruzeirenses me acusem de ser leviano, faço aqui a devida e óbvia ressalva de que o clube só pôde concorrer à competição após sua fundação, em 1921, com o nome de *Societá Sportiva Palestra Itália* (Palestra Itália ou apenas Palestra), passados, portanto, seis edições do certame oficial. Independentemente disso, nas mais de cem edições de Campeonato Mineiro disputadas desde então, os dois clubes conquistaram 83 campeonatos estaduais, sendo 44 títulos alvinegros e 39 celestes, o que confere ao Atlético a honraria de “o maior vencedor do Estadual de Minas Gerais”.<sup>26</sup> O América, terceiro colocado desse *ranking*, com 16 títulos, não possui sequer a metade das conquistas do segundo colocado Cruzeiro. Para piorar a situação, em 2006, após uma campanha pífia, a equipe americana terminou a competição na lanterna da tabela de classificação, sendo rebaixada à segunda divisão estadual – mancha que Atlético e Cruzeiro jamais tiveram ao longo de suas histórias.

Contrariando um pouco esses dados, no ano de 2012, Carlos Paiva publicou em sua *Enciclopédia do América*<sup>27</sup> o resultado de uma provável pesquisa de torcidas que havia sido realizada em Belo Horizonte ainda no ano de 1930. E, segundo o historiador oficial do América, naquela ocasião, curiosamente o América teria “receb[ido] a ‘Taça Líder’, conquistada em um concurso do jornal ‘Folha da Noite’, como o clube mais querido” da cidade.

Infelizmente as únicas edições da *Folha da Noite* que atualmente se encontram disponíveis para consulta são referentes ao mês de maio de 1929,<sup>28</sup> de modo que não me foi possível averiguar quais foram os critérios utilizados pelo jornal para agraciar o América com o título de “clube mais querido” da cidade naquele ano de 1930. Tampouco o livro de Carlos Paiva nos apresenta os números consolidados dessa possível consulta pública de 1930,

<sup>25</sup> Cf. DIOGO, Julio Bovi; FREATI, Claudio. Minas Gerais State – List of Champions. *RSSSF Brasil – The Rec.Sport.Soccer Statistics Foundation*, 7 maio 2017. Disponível em [goo.gl/Jc4HKY](http://goo.gl/Jc4HKY). Acesso em: 21 jun. 2017.

<sup>26</sup> Cf. Títulos. *Clube Atlético Mineiro*. 2017. Disponível em: [goo.gl/pbtasd](http://goo.gl/pbtasd). Acesso em: 28 abr. 2017.

<sup>27</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 64.

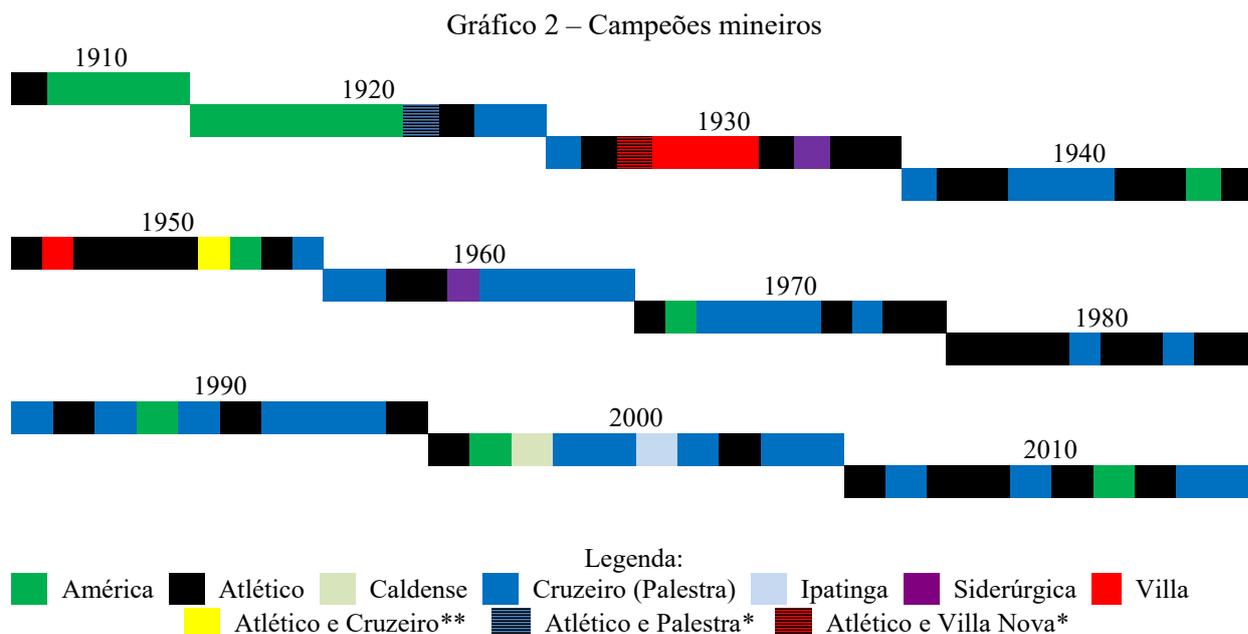
<sup>28</sup> Os exemplares da *Folha da Noite* podem ser consultados em: [bit.ly/2Yd17hY](http://bit.ly/2Yd17hY). Acesso em: 23 jul. 2019.

impossibilitando, assim, qualquer tipo de comparação com as pesquisas encontradas por Marco Antônio Pinheiro, em especial com aquela publicada pelo *Estado de Minas* no ano de 1931. Além disso, a ausência de levantamentos similares antecessores a 1930, ou que percorressem os anos de 1930 e 1960, torna frágil qualquer tipo de afirmação minha a respeito das preferências clubísticas belo-horizontinas e mineiras durante esses períodos. Ainda assim, arriscaria a dizer que a torcida americana visivelmente decresce se tomarmos como base a conquista da Taça Líder, apresentada pelo livro de Carlos Paiva como representação de “clube mais querido” da cidade em 1930, e as pesquisas de Marco Antônio Pinheiro, sobretudo aquelas realizadas a partir de meados dos anos de 1960, momento em que o América claramente se consolida como um clube apreciado por um contingente sensivelmente inferior se comparado ao dos atleticanos e cruzeirenses.

Mas o que explicaria esse fenômeno registrado pelas pesquisas consultadas? Por que, a partir de 1931 e, sobretudo dos anos de 1960 em diante, o América deixa de ter uma torcida numericamente capaz de rivalizar com Atlético e Cruzeiro?

Mais uma vez, uma hipótese plausível para essas questões parece ser encontrada nos recordes dos clubes. Como gostam de se ufanar os americanos, entre 1916 e 1925 o clube conquistou, consecutivamente, todas as edições do campeonato estadual que foram realizadas, o que lhe rendeu a alcunha de decacampeão mineiro, ainda hoje maior laurel de toda sua centenária história. Isso significa que, após esse feito, o América só voltaria a vencer a competição estadual em outras seis e descontínuas oportunidades, mais precisamente nos anos de 1948, 1957, 1971, 1993, 2001 e 2016.

Mais do que isso, como pode ser visto no Gráfico 2, a seguir, o maior jejum de títulos estaduais americano, de 22 anos, teria ocorrido justamente após o término do decacampeonato. Assim, é possível presumir que, à medida que o decacampeonato americano se distanciava no tempo, os novos torcedores optavam por se envolver afetivamente com outros clubes da cidade. De todo modo, as eventuais conquistas estaduais e participações na primeira divisão do campeonato nacional ao longo dos anos podem também ter permitido que o América simplesmente não desaparecesse, mantendo ainda um reduzido e estável séquito de aficionados.



\* Nos anos de 1926 e 1932, duas entidades litigantes organizaram duas competições distintas.

\*\* O Campeonato Mineiro de 1956 foi dividido entre Atlético e Cruzeiro pelo Tribunal de Justiça Desportivo.

Fonte: Elaborado pelo autor com dados extraídos de *RSSSF Brasil*.<sup>29</sup>

Mas, como demonstraram Renato Soares Coutinho,<sup>30</sup> o próprio Arlei Damo e, principalmente, seu orientador de doutorado sanduíche, o antropólogo francês Christian Bromberger,<sup>31</sup> essa hipótese de que “os clubes ‘mais queridos’ são também os ‘melhores’”<sup>32</sup> seria apenas uma meia verdade. Segundo eles, nem tudo o que acontece no mundo do futebol se restringe às jogadas brilhantes, aos gols memoráveis, às grandes partidas disputadas, aos títulos conquistados ou que escaparam entre os dedos. Enfim, nem tudo se resume às quatro linhas do campo, ou à “estética do jogo”, como preconizou o professor de literatura da

<sup>29</sup> DIOGO, Julio Bovi; FREATI, Claudio. Minas Gerais State – List of Champions. *RSSSF Brasil – The Rec.Sport.Soccer Statistics Foundation*, 7 maio 2017. Disponível em [goo.gl/Jc4HKY](http://goo.gl/Jc4HKY). Acesso em: 21 jun. 2017.

<sup>30</sup> COUTINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014, p. 13. (Coleção Brasil Republicano).

<sup>31</sup> BROMBERGER, Christian. As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 237-253, jul./dez. 2008. Tradução de Fernando Bretas. Revisão técnica de Arlei Sander Damo.

<sup>32</sup> DAMO, Arlei Sander. *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998, p. 39.

Universidade de Stanford, Hans Ulrich Gumbrecht,<sup>33</sup> ou como defendeu, de maneira ensaística, o músico brasileiro, e também professor de literatura, José Miguel Wisnik.<sup>34</sup>

Valendo-se da teoria de Max Weber<sup>35</sup> sobre as comunidades de sentimentos nacionais, Arlei Damo<sup>36</sup> definiu o clubismo como um “sistema de representações estruturado” que “opera à maneira do totemismo, do nacionalismo, do partidarismo ou de qualquer outr[a] unidade básica [simbólica] à qual o indivíduo se vincula”. No caso dos clubes de futebol, isso significa que “o indivíduo, ao tornar-se torcedor, é capturado por códigos que orientam seu comportamento e moldam [sua] sensibilidade”. Ainda de acordo com esse antropólogo catarinense, o clubismo só “funciona a pleno quando [algumas regras básicas] são respeitadas”. Possivelmente, a principal delas diz respeito à existência das “rivalidades arquetípicas”, aliás, um dos aspectos centrais da própria teoria das identidades sociais. Em outras palavras, poderíamos dizer que boa parte das sociedades humanas se organiza simbolicamente a partir de rivalidades intensas, de choques simbólicos, da afirmação da identidade pela alteridade. Isso significa, para o caso dos clubes de futebol, que alguém que se identifica como torcedor do clube A é também alguém que partilha um determinado conjunto de códigos, valores, regras, afinidades, atitudes, que o opõe ao sistema de representações dos clubes B, C ou D. Ou, como diria o músico e professor de literatura José Miguel Wisnik, a história das torcidas é quase sempre a história do “*rival cuja afirmação me nega me afirmando*”.<sup>37</sup>

Muito embora, em alguns casos, esse sistema possa funcionar muito bem com a presença de três e até quatro clubes, sua intensidade é sempre maior quando ele se restringe a apenas dois grupos. Isso porque a “díade”, ou o par antitético, reproduz, em grande medida, a própria estrutura básica do jogo, que só existe porque dois oponentes se enfrentam. A enquete sobre o perfil de torcedores de futebol no Brasil envolvendo “254 pessoas de ambos os sexos,

<sup>33</sup> Em entrevista concedida à *Folha de S. Paulo*, em 24 de setembro de 1997, essa primazia da estética nos esportes, segundo Gumbrecht, parece ficar evidente. Cf. GUMBRECHT, Hans Ulrich. Estética versus futebol. *Folha de São Paulo*, Esporte, São Paulo, 24 set. 1997. Entrevistador: Rodrigo Bertolotto. Disponível em: [goo.gl/BVr7Hm](http://goo.gl/BVr7Hm). Acesso em: 24 dez. 2018. Outro exemplo nesse sentido pode ser encontrado em artigo de Gumbrecht publicado pela *Projeto História* em 2014 sobre os “estilos nacionais” de se jogar futebol na América do Sul. Cf. GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Dança dionisiaca?” Estilos nacionais no futebol sul-americano. *Projeto História*, São Paulo, PUC-SP, n. 49, p. 157-164, abr. 2014. Tradução de Daniel R. Bonomo.

<sup>34</sup> Ver, a esse respeito, crítica de José Miguel Wisnik sobre os trabalhos de Ciências Humanas dedicados ao futebol. Cf. WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 18-19.

<sup>35</sup> WEBER, Max. A nação. In: GERTH, H. H.; MILLS, C. Wright (Org.). *Ensaio de Sociologia*. Tradução de Waltensir Dutra. Rev. Técnica de Fernando Henrique Cardoso. Rio de Janeiro: LTC Editora S.A., 1982, p. 201-210.

<sup>36</sup> Para uma teoria do sistema de representação clubístico, ver: DAMO, Arlei Sander. O espetáculo das identidades e alteridades: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Org.). *Futebol objeto das Ciências Humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 39.

<sup>37</sup> WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 51.

sem limite de idade, nas regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo”,<sup>38</sup> feita entre novembro de 2005 e março de 2006, sob coordenação dos historiadores Hilário Franco Júnior e Flavio de Campos, me parece uma boa forma de ilustrar essa premissa. De acordo com os dados colhidos por eles,<sup>39</sup> o “simples fato de ver na rua, em situação cotidiana, longe do estádio, alguém vestindo a camisa do seu clube [deu] a mais de 29% dos entrevistados a sensação de pertencer a [uma] grande família [clubística]”. Mas, “nos locais onde existem várias famílias futebolísticas importantes”, como as capitais carioca e paulista, esse percentual teria sido “menor do que nas cidades cujas torcidas dividem-se em apenas dois grandes grupos”. Em Belo Horizonte, de Atlético e Cruzeiro, por exemplo, esse índice ultrapassou os 59 pontos percentuais, enquanto em Porto Alegre, cujo futebol é dominado pela dupla Grêmio e Internacional, ele foi de 50 pontos, e em Salvador, do Bahia e do Vitória, ele atingiu os 40 pontos percentuais.

Isso não significa que a força dessas rivalidades desconsidera o histórico de resultados obtidos por cada um desses clubes nas competições disputadas. Se dois, três ou até quatro clubes estão, com frequência, disputando a dianteira dos mesmos campeonatos – e quanto mais importantes são esses certames –, maiores são as chances de que a sociedade se identifique, extracampo, com eles. Mas, as maiores rivalidades do nosso futebol não se restringiriam apenas às particularidades em que o “jogo é jogado”. Um grande clássico é aquele que existe mesmo quando não há jogo. O grande clássico é vivido, reproduzido, reinventado no dia a dia, por meio de uma anedota partilhada, uma lembrança recontada, uma piada desfiada, um vestuário orgulhoso e provocativamente trajado, uma música cantarolada... Enfim, um grande clássico é, antes de mais nada, tradição. Uma tradição que evidentemente se torna mais viva quando as partes envolvidas se veem frente a frente, seja no campo de jogo, seja nas arquibancadas ou na tabela de classificação; ou quando está em jogo a “temporalidade do evento e da tradição”.<sup>40</sup>

Por isso, e para o caso que aqui me importa, diria, parafraseando mais uma vez Arlei Damo, que:

Um clube não é “grande” pelo fato de ter uma torcida numerosa ou conquistar muitos títulos. Antes, pelo contrário, é justamente porque são “grandes” que seduzem multidões e acumulam troféus. “Grande” para os torcedores é, antes de

<sup>38</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 400.

<sup>39</sup> Uma análise parcial dessa enquete pode ser vista em: FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 206-207.

<sup>40</sup> DAMO, Arlei Sander. *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998, p. 69-73.

tudo, uma noção da ordem do simbólico: “grande” é um predicado atribuído ao clube na medida em que este é capaz de suscitar “grandes” emoções, “grandes” conflitos, “grandes” tradições, enfim, “grande” excitação.<sup>41</sup>

E, conclui o antropólogo catarinense, “[...] isto se deve, principalmente, à existência de fortes rivalidades entre eles”.<sup>42</sup> Nesse sentido, boa parte da popularidade, ou não, de um clube guardaria relação com o que ele representa para a sociedade. Em outras palavras, diria que um clube é mais ou menos apreciado de acordo, também, com as tensões, os conflitos, os dilemas sociais que ele é capaz de traduzir. Ou, ainda, que a grandeza de um clube seria melhor medida, não exclusivamente a partir de seus grandes feitos ou da posição que ele ocupa nos *rankings* de torcidas, mas, principalmente a partir da capacidade que o conjunto de representações simbólicas articulado em torno dele tem de mobilizar a sociedade. E, como seria de se supor a partir dos dados que aqui foram apresentados, as representações atribuídas ao América estariam dissonantes dentro do clubismo belo-horizontino. Como se, no cotidiano futebolístico da capital mineira, os americanos não encontrassem alguém com quem dialogar, alguém interessado em lhes escutar.

Não por coincidência, aqueles que querem saber qual é o “clube do coração” de outra pessoa em Belo Horizonte geralmente perguntam: “Você torce para o Atlético ou para o Cruzeiro?”. Uma pergunta que reflete a baixa representatividade americana em nossa sociedade e, mais do que isso, que simplesmente não pode ser respondida pelos torcedores do América. Uma pergunta, portanto, tal como o caso relatado na apresentação desta tese, que simplesmente exclui e não reconhece os americanos e o próprio América como partícipes dessa importante rede de sociabilidades que é o futebol em nosso país.<sup>43</sup>

Para começar essa conversa, penso que um interessante reflexo disso teria acontecido na virada de 2015 para 2016, quando as diretorias de *marketing* dos clubes belo-horizontinos procuraram explorar, comercialmente, alguns *slogans* que, pretensamente, definiriam suas comunidades de pertencças. E, como se verá no capítulo seguinte, as estratégias de *marketing* adotadas, sobretudo pelo Atlético e pelo Cruzeiro, produziriam um inusitado ruído entre os clubes e seus torcedores. Um ruído que, por sinal, nem de longe envolveria o América e os americanos.

---

<sup>41</sup> DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002, p. 45. (Coleção Academia)

<sup>42</sup> DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002, p. 14. (Coleção Academia)

<sup>43</sup> As considerações que faço aqui acerca dessa pergunta foram inspiradas em ensaio de Beto Vianna: VIANNA, Beto. Preto no branco: para uma linguística do Galo. In: FREIRE, Alexandre (Org.). *Preto no branco: ensaios sobre o Clube Atlético Mineiro: o Galo entre a razão e a paixão*. Belo Horizonte: edição do autor, 2007, p. 33.

## CAPÍTULO 2 – UMA TORCIDA QUE CONVERSA COM AS PAREDES

No dia 13 de setembro de 2015, Cruzeiro e Atlético entraram em campo no Mineirão em jogo válido pela 25ª rodada do Brasileirão. Enquanto a torcida cruzeirense se mostrava muito apreensiva quanto à delicada situação de sua equipe na tabela de classificação, que figurava na 13ª posição com apenas um ponto de vantagem para a zona do rebaixamento, os atleticanos esbanjavam otimismo. Uma vitória contra o rival na tarde daquele domingo levaria a equipe alvinegra a alcançar os mesmos 51 pontos do Corinthians, então líder da competição, e ainda complicaria a vida de seu arquirrival.

Com todo esse cenário em jogo, e também com toda a tradicionalidade do confronto, atleticanos e cruzeirenses lotaram o Gigante da Pampulha, registrando um público de mais de 40 mil pagantes. Como tem acontecido nos últimos anos, por deliberação do Ministério Público e da Polícia Militar de Minas Gerais, os cruzeirenses, mandantes do confronto, coloriram de azul 90% das dependências do estádio, enquanto os torcedores alvinegros densamente povoaram os 10% que lhes foram destinados. Assim que a bola rolou, o público presente, além dos milhares de atleticanos e cruzeirenses espalhados Brasil a fora, acompanharam um clássico que, segundo Marco Antônio Astoni,<sup>44</sup> teria sido “sensacional”, dotado de “ingredientes dignos de um filme de suspense campeão de bilheteria”, com “emoção, arrepios e muito frio na barriga”, desde o primeiro minuto até os acréscimos do segundo tempo. Isso tudo, mesmo com um empate em 1 a 1 que, segundo o cronista, “não [teria sido] bom para nenhum dos dois”, já que a “Raposa não abr[ia] boa vantagem do Z-4<sup>45</sup>” e, após a vitória corintiana sobre o Joinville por 3 a 0, o “Atlético-MG v[iu] o líder se afastar” dele, abrindo cinco pontos de vantagem.

De todo modo, pelas circunstâncias da partida, o resultado parecia ter sido muito melhor para a equipe celeste do que para a alvinegra. Embora tivesse largado na frente, com um gol ainda no primeiro tempo da partida, cedido o empate aos 43 minutos da etapa complementar e desperdiçado um polêmico pênalti já nos acréscimos do segundo tempo, durante boa parte dos 45 minutos finais os cruzeirenses atuaram com um jogador a menos. Diante disso, os torcedores celestes considerariam o empate contra o vice-líder do campeonato e seu maior rival uma proeza. Um resultado heroico, digno de levantar a moral da equipe celeste para as treze rodadas que ainda restavam na competição.

---

<sup>44</sup> ASTONI, Marco Antônio. Em clássico com emoção até o fim, Cruzeiro e Galo empatam no Mineirão. *Globo Esporte*, Belo Horizonte, 13 set. 2015. Disponível em: [glo.bo/2Syuxq6](http://glo.bo/2Syuxq6). Acesso em: 25 jul. 2019.

<sup>45</sup> A zona do rebaixamento do Campeonato Brasileiro também é popularmente conhecida como Z-4.

Refletindo esse sentimento, logo no dia seguinte ao confronto, Bruno Vicintin, vice-presidente de futebol do Cruzeiro, enviou um áudio, pelo aplicativo *WhatsApp*, para uma pessoa identificada por ele como DJ, dizendo o seguinte:

Tenho certeza que o resultado ontem foi muito pior para o Atlético. Jogamos o segundo tempo todo com 10 jogadores, contra um grande time, um dos melhores times do Atlético da história do Atlético [sic]. Eles não conseguiram fazer nada, fizeram um gol no finalzinho, nosso time jogou muito, tivemos mais chances. Vamos na fé, o time está respondendo bem, o trabalho do Mano está colocando as mudanças [sic], apostou na velocidade, e quase nos deu a vitória. E vamos em frente, nosso time está respondendo. *Vamos em frente, time do povo.*<sup>46</sup>

Do ponto de vista da análise do jogo, o áudio vazado à imprensa não dizia nada além do que os cronistas esportivos da cidade e os torcedores cruzeirenses já haviam dito sobre o clássico. Contudo, as palavras de Bruno Vicintin provocariam um grande alvoroço entre os atleticanos, especialmente porque, naquela ocasião, o vice-presidente de futebol do Cruzeiro não apenas definiu seu clube pela alcunha de “time do povo” como também fez uma ampla defesa, em tom provocativo, de que a torcida cruzeirense era muito mais fiel e apaixonada que a do rival. Indignado, o dirigente celeste dizia a DJ que achava “um absurdo” o Atlético estar “brigando para ser campeão” e “sofre[r] para colocar 12 mil [torcedores] em campo”. Enquanto isso, continuava Vicintin, “o Cruzeiro, brigando para não cair, coloca 85 mil pessoas em dois jogos” e

Ninguém fala nada, parece que nossa torcida é uma torcida comum. Isso tem que acabar, os caras têm que começar a dar valor para a torcida do Cruzeiro. Nossa torcida não é uma torcida comum, é uma das maiores torcidas do Brasil, uma das melhores torcidas do Brasil, o que fez ontem foi fenomenal, a torcida abraçou o time quando mais precisava, os jogadores estão sentindo isso, o Fábio falou isso ontem quando a gente fecha no vestiário [sic], e tem que bater nisso [sic], *time do povo, time do povo, time do povo, porque é o time do povo*, é o time que, quando precisa, a torcida vai, não abandona time [sic], poucas torcidas do Brasil podem falar isso[.] (grifo meu)

Essas provocantes palavras do vice-presidente de futebol do Cruzeiro cairiam feito uma bomba em meio à opinião pública belo-horizontina. Os atleticanos a veriam como uma afronta, pois, tal como procurei mostrar no início do capítulo anterior, invariavelmente, e independentemente das pesquisas de opinião pública, eles consideram que sua torcida, e não a do rival, é a maior e mais apaixonada da cidade. Não por coincidência, costumam chamá-la de

---

<sup>46</sup> A repercussão do áudio pode ser encontrada na reportagem de: SIMÕES, Alexandre; ARAÚJO, Guyanne. Em áudio vazado pelo WhatsApp, Bruno Vicintin enaltece torcida celeste e alfineta rivais. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 14 set. 2015. Disponível em: [bit.ly/2K2FNH0](http://bit.ly/2K2FNH0). Acesso em: 25 jul. 2019. (grifo meu)

“a massa atleticana” e consideram-na, assim como boa parte dos torcedores brasileiros, como um patrimônio do clube.

Diante da polêmica gerada, a diretoria de *marketing* do Cruzeiro não perderia a oportunidade de promover o clube usando o tal *slogan*, “Time do Povo”, proferido por Vicintin. Assim, à medida que a equipe celeste se recuperava na tabela de classificação, o clube engatava uma série de campanhas publicitárias de seu programa de sócio-torcedor, espalhando placas em plataformas do Terminal Rodoviário da capital mineira (Figura 1) e vestindo seus jogadores para as entrevistas coletivas de imprensa com uma camisa personalizada com esse mote. Para dar ainda maior visibilidade à iniciativa, uma enorme faixa alviceleste, com essa inscrição, também passou a ser estendida em dias de jogos do clube bem ao centro das arquibancadas do Mineirão, em frente às câmeras de transmissão (Figura 2).

Figura 1 – Propaganda do Cruzeiro na Rodoviária de Belo Horizonte: “Seja sócio do Time do Povo!”



Fonte: Fotografia reproduzida em reportagem do portal *Globo Esporte*.<sup>47</sup>

Figura 2 – Faixa no Mineirão: “Cruzeiro, o Time do Povo!”



Fonte: Fotografia reproduzida em reportagem do portal *Por Dentro de Minas*.<sup>48</sup>

Não demoraria muito, contudo, para que o Atlético respondesse ao que os atleticanos consideravam ser um acinte do clube rival. Assim, na virada de 2015 para 2016, a diretoria de *marketing* do clube alvinegro lançou uma nova campanha publicitária de seu programa de sócio-torcedor que asseverava aos belo-horizontinos que “O verdadeiro clube do povo, desde 1908”, era o Atlético, e não o Cruzeiro. Seguindo, mais uma vez, a estratégia do clube celeste, essa campanha atleticana seria estampada na fachada do Terminal Rodoviário de Belo Horizonte e também nas traseiras de boa parte dos ônibus coletivos da Região Metropolitana (Figura 3).

<sup>47</sup> Organizada do Cruzeiro garante ter notificado Atlético-MG por slogan. *Globo Esporte*, Belo Horizonte, 17 fev. 2016. Disponível em: [glo.bo/2GFnQxp](http://glo.bo/2GFnQxp). Acesso em: 24 jul. 2019.

<sup>48</sup> PORTAL DO TORCEDOR. Parou na trave! Cruzeiro domina mas não sai do 0 a 0 contra o Grêmio. *Por Dentro de Minas*: as notícias de Minas, você encontra aqui. Brasileirão, 4 out. 2015. Disponível em: [bit.ly/2YrTxnM](http://bit.ly/2YrTxnM). Acesso em: 25 jul. 2019.

Figura 3 – Propaganda do Atlético, “O verdadeiro time do povo, desde 1908”, na fachada da Rodoviária e nas traseiras dos ônibus coletivos de Belo Horizonte



Fonte: Fotografia reproduzida em reportagem do portal *Superesportes*.<sup>49</sup>



Fonte: Fotografia reproduzida em reportagem do portal *UOL*.<sup>50</sup>

Mas o que parecia ser apenas uma batalha de representação simbólica entre os dois maiores clubes da cidade se transformaria, para surpresa de muitos, em um inusitado litígio judicial a partir de janeiro de 2016. É que, atento a toda essa disputa, no dia 11 daquele mês, Leandro Freitas, presidente da Torcida Geral Celeste, teve a brilhante ideia de protocolar uma solicitação de registro da marca “Time do Povo” junto ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI),<sup>51</sup> desembolsando, dos cofres da organizada, a quantia de quatro mil reais.<sup>52</sup> Coincidentemente, na mesma semana em que o protocolo de Leandro Freitas foi ao ar no *site* do INPI, as ações de *marketing* do Atlético saíram de circulação na capital mineira (Figura 4), o que, segundo reportagem do *Globo Esporte*,<sup>53</sup> “gerou rumores sobre a relação entre o registro da organizada cruzeirense e a retirada” das peças publicitárias alvinegras.

<sup>49</sup> Galo dá o troco em rival e estampa na fachada da rodoviária de BH: “Verdadeiro time do povo”. *Estado de Minas*, Superesportes, Belo Horizonte, 7 jan. 2016. Disponível em: [bit.ly/2GulK39](http://bit.ly/2GulK39). Acesso em: 24 jul. 2019.

<sup>50</sup> FERNANDES, Thiago. Atlético provoca Cruzeiro e se declara “Time do Povo” em ônibus de BH. *UOL*, Futebol, Belo Horizonte, 12 fev. 2016. Disponível em: [bit.ly/32QabwL](http://bit.ly/32QabwL). Acesso em: 24 jul. 2019.

<sup>51</sup> O processo de registro da marca cruzeirense “Time do Povo” junto ao INPI recebeu o número de 910596552. Para consultá-lo no portal do órgão, acessar: [bit.ly/1MHtDuY](http://bit.ly/1MHtDuY).

<sup>52</sup> Sobre o pagamento ao INPI feito pela Geral Celeste, ver reportagem: ADLER, Matheus. Organizada do Cruzeiro registra slogan e Atlético retira ação de marketing das ruas. *Vavel*, 18 fev. 2016. Disponível em: [bit.ly/2Mb6OdM](http://bit.ly/2Mb6OdM). Acesso em: 25 jul. 2019.

<sup>53</sup> Organizada do Cruzeiro garante ter notificado Atlético-MG por slogan. *Globo Esporte*, Belo Horizonte, 17 fev. 2016. Disponível em: [glo.bo/2GFnQxp](http://glo.bo/2GFnQxp). Acesso em: 24 jul. 2019.

Figura 4 – Propaganda atleticana “O verdadeiro time do povo, desde 1908” sendo retirada de ônibus coletivo da capital mineira



Fonte: Fotografia de Leonel Gomes reproduzida em reportagem do portal *Vavel*.<sup>54</sup>

Contudo, ao investigar essa possível relação, a equipe do *Globo Esporte* de Belo Horizonte encontraria diferentes versões para os fatos. Enquanto Leandro Freitas afirmava ter notificado extrajudicialmente o Atlético para que ele retirasse suas peças publicitárias de circulação em um prazo máximo de 72 horas, Lázaro Cândido, diretor jurídico atleticano, argumentava que o período de veiculação da campanha atleticana na rodoviária da cidade e nos ônibus coletivos metropolitanos simplesmente havia expirado. Mais do que isso, segundo externou o revoltado dirigente atleticano:

– Ser comunicado com uma bizarrice jurídica é nada. No caso da campanha da rodoviária, é porque venceu o prazo. Essa notificação não tem menor relevância jurídica. Não existe registro de time do povo. Isso não é registrável. Se você quiser entrar com pedido de registro “eu sou idiota”, você abre o processo. O INPI não indefere de cara. Qualquer pessoa que resolva registrar algo, ainda que por mais absurdo que seja, o INPI abre um procedimento e, no final, o procedimento é indeferido. Eles não têm o direito de pedir para tirar nada. Não tem validade jurídica registro de expressões de domínio público. “O povão”, por exemplo. Isso não é registrável. Se você associar isso a uma marca, um desenho, uma campanha, associar o desenho gráfico, aí o composto todo pode ser registrado. Foi tirado por causa do período de vencimento (da campanha). Absolutamente nada a ver.<sup>55</sup>

Mas, para sua surpresa, e talvez para a de muitos atleticanos, no dia 2 de fevereiro daquele ano o INPI publicou o pedido de registro da Geral Celeste, abrindo-o, publicamente, para oposições. Algo que, aparentemente, não aconteceu. Assim, no dia 6 junho de 2016, a

<sup>54</sup> ADLER, Matheus. Organizadora do Cruzeiro registra slogan e Atlético retira ação de marketing das ruas. *Vavel*, 18 fev. 2016. Disponível em: [bit.ly/2Mb6OdM](http://bit.ly/2Mb6OdM). Acesso em: 25 jul. 2019.

<sup>55</sup> Organizadora do Cruzeiro garante ter notificado Atlético-MG por slogan. *Globo Esporte*, Belo Horizonte, 17 fev. 2016. Disponível em: [glo.bo/2GFnQxp](http://glo.bo/2GFnQxp). Acesso em: 24 jul. 2019.

marca “Time do Povo” foi definitivamente concedida pelo INPI ao presidente da organizada cruzeirense, Leandro Freitas (ver marca registrada pela Geral Celeste na Figura 6).

A partir desse registro, ou até mesmo antes dele, o mercado se viu inundado por uma série de produtos envolvendo a marca patenteada por Leandro Freitas. Produtos que iam desde capinhas de celular a camisas de algodão, carregadores de telefone celular, echarpes, bandeiras, bonés e até chinelos de dedo (ver exemplos na Figura 5), atestando, assim, que a iniciativa da Geral Celeste havia sido, definitivamente, comprada pelos torcedores do clube. Provavelmente vislumbrando o enorme potencial que a marca teria entre seus torcedores, ainda em junho de 2016 Leandro Freitas protocolaria, junto ao INPI, uma “anotação de transferência de titularidade” do “Time do Povo” para o próprio Cruzeiro.

Figura 5 – Produtos com a marca da Geral Celeste “Time do Povo”



Fonte: Foto publicada em reportagem de Thiago Fernandes para o portal UOL.<sup>56</sup>



Fonte: Anúncio publicitário publicado no site Sprintone.<sup>57</sup>



Fonte: Postagem em conta de @Paiblito no Twitter.<sup>58</sup>



Fonte: Anúncio publicitário publicado no site Elo 7.<sup>59</sup>

A perspicácia de Leandro Freitas naquela conturbada virada de 2015 para 2016 lhe renderia, poucos dias antes da publicação oficial da “transferência de titularidade” da marca para o Cruzeiro em janeiro de 2018, o “cargo de relacionamento com o torcedor”, área ligada ao setor de *marketing* do clube. Segundo reportagem de Guilherme Guimarães<sup>60</sup> publicada no jornal *Hoje em Dia*, a partir de então, o ex-presidente e fundador da Geral Celeste, “graduado em marketing e pós-graduado em marketing esportivo”, seria o novo dirigente “responsável por lidar com ações envolvendo o programa Sócio do Futebol e outros trabalhos de relacionamento com os torcedores do Cruzeiro.”

<sup>56</sup> FERNANDES, Thiago. Atlético provoca Cruzeiro e se declara “Time do Povo” em ônibus de BH. UOL, Futebol, Belo Horizonte, 12 fev. 2016. Disponível em: [bit.ly/32QabwL](http://bit.ly/32QabwL). Acesso em: 24 jul. 2019.

<sup>57</sup> Disponível em: [bit.ly/2OmfS2c](http://bit.ly/2OmfS2c). Acesso em: 25 jul. 2019.

<sup>58</sup> Quer ganhar boné do Time do Povo? Deixe nos comentários até 20:29 o Placar do Jogo e o autor(es) do Gol(s). 14 mar. 2016. Twitter: @Paiblito. Disponível em: [bit.ly/2SEgmPM](http://bit.ly/2SEgmPM). Acesso em: 25 jul. 2019.

<sup>59</sup> Disponível em: [bit.ly/2Y1IWRb](http://bit.ly/2Y1IWRb). Acesso em: 25 jul. 2019.

<sup>60</sup> GUIMARÃES, Guilherme. Cruzeiro confirma nome de Leandro Freitas para cargo de relacionamento com o torcedor. *Hoje em Dia*, Esportes, Belo Horizonte, 19 jan. 2018. Disponível: [bit.ly/2y9JOE1](http://bit.ly/2y9JOE1). Acesso em: 25 jul. 2019.

Tão logo o INPI deu seu parecer favorável a Leandro Freitas, a diretoria atleticana, por meio do escritório Dollabella Advocacia e Consultoria, também entraria com dois pedidos de registro da marca “CAM O verdadeiro time do povo desde 1908”: um deles destinado à exploração comercial de “vestimentas desportivas”,<sup>61</sup> e o outro, para ser usado em utensílios diversos<sup>62</sup> (ver marca solicitada para registro pelo Atlético na Figura 7). Embora ambos os processos fossem igualmente publicados pelo órgão estatal competente para oposição pública e formal no dia 1º de março daquele ano, tempos depois, mais precisamente em janeiro de 2018, ambos os pedidos atleticanos seriam indeferidos pela equipe técnica do INPI. Nos “detalhes do despacho” desses processos, o INPI justificou que:

A marca [atleticana solicitada para registro era] constituída [sic] por sinal ou expressão de propaganda, irregistrável de acordo com o inciso VII do Art 124 da LPI. Art. 124 - Não são registráveis como marca: VII - sinal ou expressão empregada apenas como meio de propaganda

Curiosamente, os argumentos usados pelo INPI para indeferir os pedidos atleticanos eram muito semelhantes àqueles usados por Lázaro Cândido para desmerecer a iniciativa da Geral Celeste. Ou, em linguagem popular, era como se o feitiço do dirigente atleticano tivesse virado contra o próprio feiticeiro.

Figura 6 – Marca “Time do Povo” registrada por Leandro Freitas no INPI



Fonte: Site do INPI.

Figura 7 – Marca “CAM O verdadeiro time do povo desde 1908” solicitada para registro pelo Atlético no INPI



Fonte: Site do INPI.

<sup>61</sup> O processo de registro da marca atleticana, “CAM O verdadeiro time do povo desde 1908”, destinado à exploração comercial de vestimentas esportivas, pode ser consultado no portal do INPI ([bit.ly/1MHtDuY](http://bit.ly/1MHtDuY)) pelo número de 910627169.

<sup>62</sup> O processo de registro da marca atleticana, “CAM O verdadeiro time do povo desde 1908”, destinado à exploração de utensílios diversos, também pode ser consultado no portal do INPI ([bit.ly/1MHtDuY](http://bit.ly/1MHtDuY)) pelo número de 910627304.

O sucesso da iniciativa cruzeirense, e o fracasso dos processos protocolados pelo Atlético, contudo, não abalaram a crença dos atleticanos de que seu clube era, de fato, “o verdadeiro” e legítimo “clube do povo” em Belo Horizonte. Diversas manifestações atleticanas nas redes sociais dão conta disso, evidenciando que, para o caso atleticano, sua ascendência popular não se restringia apenas ao tamanho e ao fanatismo de seus torcedores, mas também à sua heterogeneidade social. Um bom exemplo desse tipo de interpretação pode ser encontrada na publicação de um *tuiteiro* atleticano em fevereiro de 2016, que, repercutindo a notícia de que o Atlético havia “leva[do] moradores de rua para ver o duelo contra a Caldense”, válido pelo Campeonato Mineiro daquele ano, comentou o seguinte: “E tem time fazendo papel de bobo registrando marca de #timedopovo [sic] nada pode ser menor. Uns falam outros fazem”.<sup>63</sup>

Mas, mais do que um caso inusitado, toda essa disputa simbólica travada entre atleticanos e cruzeirenses em torno de quem seria o “verdadeiro clube do povo” na capital mineira sintetizaria muito bem a essência do clubismo belo-horizontino. Um clubismo, em grande medida, legitimado pelas anedotas do futebol, curiosos relatos sobre o passado dos clubes que comporiam o que pesquisadores como Michael Pollak<sup>64</sup> chamaram de “memória coletiva”. Uma narrativa sobre o passado que extrapola o espaço-tempo individual ou grupal, tornando-se uma espécie de “memória quase que herdada” e, por isso, constantemente recuperada. Uma narrativa que olha o passado para afirmar questões do tempo presente. E que, segundo o sociólogo franco-austriaco, seria capaz de produzir um “altíssimo grau de identificação social” nas comunidades que as partilham.

Não por coincidência, essas populares histórias encontram-se registradas em livros “abertamente parciais”<sup>65</sup> sobre a história desses dois clubes, publicadas na imprensa esportiva, reeditadas por *sites* os mais diversos possíveis, contadas e recontadas por torcedores em situações corriqueiras do dia a dia ou recuperadas em ações de *marketing* dos clubes, como aquelas envolvendo a disputa atleticana e cruzeirense em torno da marca “Time do Povo”. Um bom exemplo disso seria o próprio áudio que teria sido responsável por detonar todo o imbróglio entre os dois grandes clubes belo-horizontinos na virada de 2015 para 2016. Isso porque, logo ao iniciar sua fala, Bruno Vicintin teria afirmado que:

<sup>63</sup> E tem time fazendo papel de bobo registrando marca de #timedopovo nada pode ser menor. Uns falam outros fazem. 10 fev. 2016. *Twitter*: @galosempre92. Disponível em: [bit.ly/2Mgfq34](https://bit.ly/2Mgfq34). Acesso em: 25 jul. 2019.

<sup>64</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudo Históricas*, FGV/CPDOC, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 201. Tradução de Dora Rocha Flaksman.

<sup>65</sup> SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Quem desloca tem preferência*: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura. Belo Horizonte: Relicário, 2014, p. 110.

Este negócio de time do povo dói dentro da alma deles, porque eles sempre foram clube de elite, tanto que eles estão em Lourdes, né? E o Cruzeiro, no Barro Preto. E o Cruzeiro foi um time de imigrante, um time de operários, e a gente tem que abraçar este negócio de time do povo também, vou começar a falar isso.<sup>66</sup>

Dessa maneira, o vice-presidente de futebol celeste procurava legitimar a suposta identidade popular do clube que dirigia, a partir de uma das narrativas mais comumente aceitas em Belo Horizonte sobre a fundação de Atlético e Cruzeiro. Conforme muito bem demonstrou Marcelino da Silva<sup>67</sup> em suas reflexões sobre a “construção discursiva da rivalidade entre Atlético e Cruzeiro”, desenvolvidas em seu pós-doutoramento em Estudos Culturais, alguns dos mais conhecidos livros de história do Cruzeiro sustentam a tese de que o clube celeste teria nascido como uma instituição desportiva de imigrantes italianos humildes – daí, seu nome original, “Palestra Itália”. Uma realidade bem distinta da do rival, fundado pelas classes mais abastadas da cidade. A referência ao sofisticado e valorizado bairro de Lourdes, onde atualmente se encontra a sede do Atlético, feita por Vicintin, seria a comprovação dessa ascendência elitista atleticana.

Segundo esses parciais relatos históricos cruzeirenses analisados por Marcelino da Silva, esses imigrantes italianos teriam vindo a Belo Horizonte, em sua maioria, para trabalhar na construção da nova capital e, como trabalhadores braçais, fixaram-se no popular e, à época, periférico bairro do Barro Preto, também citado pelo vice-presidente de futebol do Cruzeiro. A decisão de fundarem uma entidade esportiva teria sido cultivada por eles desde os primeiros anos de convivência na cidade e passava, sobretudo, pelo desejo de se verem plenamente integrados à terra onde haviam aportado. A plenitude dessa integração social seria representada a partir de uma narrativa meritocrática muito semelhante àquela usada por meu colega de escola quando o Cruzeiro venceu a Copa do Brasil no ano de 2000. Como se os vários títulos conquistados pelo clube ao longo de sua história tivessem contribuído para sua consolidação social e, conseqüentemente, para sua popularidade.

Essa laboriosa e vitoriosa trajetória cruzeirense, partilhada por essa memória coletiva, legitimaria, segundo Marcelino da Silva,<sup>68</sup> a associação do Cruzeiro às ideias de

[t]rabalho e astúcia, [...] projetando a imagem heroica de um povo que marcha triunfalmente em direção ao futuro. Uma imagem que tem o potencial de sinalizar

<sup>66</sup> SIMÕES, Alexandre; ARAÚJO, Guyanne. Em áudio vazado pelo WhatsApp, Bruno Vicintin enaltece torcida celeste e alfineta rivais. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 14 set. 2015. Disponível em: [bit.ly/2K2FNH0](http://bit.ly/2K2FNH0). Acesso em: 25 jul. 2019.

<sup>67</sup> SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Quem desloca tem preferência*: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura. Belo Horizonte: Relicário, 2014, p. 115-120.

<sup>68</sup> SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Quem desloca tem preferência*: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura. Belo Horizonte: Relicário, 2014, p. 120.

tanto para a promessa capitalista de ascensão social pelo trabalho quanto para as utopias nacionalistas de progresso e os sonhos de uma revolução proletária.

Uma identidade, portanto, bem própria da “ideologia liberal e racionalista da ascensão pelo trabalho”, como diria, mais uma vez, Marcelino da Silva.<sup>69</sup> Uma identidade que valoriza a racionalidade, o planejamento, a competição e, sobretudo, o sucesso, o desempenho, a *performance*, as vitórias e os títulos. Valores que, como sugeri no capítulo anterior, seriam próprios da modernidade e da sociedade liberal-capitalista.

Apesar de toda essa suposta solidez histórica da popularidade cruzeirense, lembro-lhes aqui de que a marca que a diretoria de *marketing* alvinegra tentou registrar, “CAM O verdadeiro time do povo desde 1908”, também dialogava com acontecimentos passados, mais precisamente com o ano de fundação do Atlético. Como se o Atlético fosse genuinamente popular, aliás, antes mesmo que o Palestra fosse fundado, em 1921. As razões dessa reivindicação atleticana poderiam igualmente ser encontradas em alguns dos mais conhecidos livros sobre a história do clube. Isso porque, segundo Marcelino da Silva,<sup>70</sup> embora o Atlético de fato tenha sido fundado por um segmento social abastado da nova capital mineira, essas memórias atleticanas procuram associá-lo, desde o momento de sua criação, a uma mística, a um só tempo, rebelde, transgressora, maternal e acolhedora. Possivelmente, a “mitologia da ‘raça’”, associada, de maneira ambivalente, tanto às ideias de luta e superação, quanto de heterogeneidade sociorracial de seus jogadores e torcedores, seja a expressão mais bem-acabada dessa representação simbólica atribuída ao clube alvinegro. Dessa maneira, por meio da análise de uma série de fragmentos sobre o passado atleticano publicados nessas obras, reveladores da convivência entre atleticanos brancos e negros, estudantes e analfabetos, ricos e pobres, tanto nas arquibancadas quanto nos gramados, Marcelino da Silva<sup>71</sup> sustenta que o Atlético teria, digamos assim, associado sua imagem a uma

[...] massa heterogênea e irracional, que extrai suas energias e sua coesão de um equilíbrio instável entre mediação social e potencial de conflito. Uma imagem bem semelhante à que, segundo certa tradição cultural, define a identidade nacional brasileira, construída com base na hibridação étnica e cultural e na conciliação sempre tensa das diferenças.

<sup>69</sup> SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Quem desloca tem preferência: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura*. Belo Horizonte: Relicário, 2014, p. 122.

<sup>70</sup> SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Quem desloca tem preferência: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura*. Belo Horizonte: Relicário, 2014, p. 109-115.

<sup>71</sup> SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Quem desloca tem preferência: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura*. Belo Horizonte: Relicário, 2014, p. 115.

Uma identidade, portanto, dominante do ponto de vista nacional e que, segundo autores diversos,<sup>72</sup> teria sido forjada entre os anos de 1920 e 1940, durante a consolidação de uma cultura política nacional-desenvolvimentista no país, que, dentre outros objetivos, ansiava por redefinir a imagem símbolo do povo brasileiro, incorporando, como parte dela, e de maneira ambivalente, manifestações culturais ligadas a segmentos sociais historicamente excluídos, como a dos negros, analfabetos, trabalhadores braçais e pobres. Uma inclusão bem própria da “ideologia populista da mediação e do pacto social”, como diria Marcelino da Silva.<sup>73</sup> Talvez por isso, a identidade popular do Atlético pretende-se hegemônica, pois, como muito bem assevera o sociólogo franco-austriaco Michael Pollak,<sup>74</sup> as narrativas que “se integram bem à memória nacional dominante” conseguem sobreviver sem grandes problemas em meio à miríade de narrativas e identidades existentes na sociedade.

Assim, segundo Marcelino da Silva,<sup>75</sup> Atlético e Cruzeiro realmente representariam, cada um a seu modo, o “time do povo”, cultivando uma relação conflituosa que seria caracterizada, a um só tempo, por uma lógica de “espelhamento e complementaridade”. Uma rivalidade potente, pautada por uma relação de dependência, em que “o Atlético inveja a racionalidade e astúcia cruzeirenses, [e] o Cruzeiro tem ciúmes da paixão e da fidelidade da torcida atleticana”. Mais do que isso, uma rivalidade, como já mencionei, que simplesmente desconsidera o América como parte do sistema de representações clubísticas da capital mineira. O que, aliás, seria muito bem evidenciado justamente a partir da estratégia americana de tentar se inserir nessa batalha de motes travada por atleticanos e cruzeirenses.

---

<sup>72</sup> Nos últimos anos, uma extensa bibliografia sobre essa identidade nacional dominante no futebol já foi produzida. Apenas a título de ilustração, cito aqui, por ordem de produção, os seguintes trabalhos: SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *Futebol, raça e nacionalidade: releitura da história oficial*. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2003; SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006; SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008; COUTINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014. (Coleção Brasil Republicano).

<sup>73</sup> SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Quem desloca tem preferência: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura*. Belo Horizonte: Relicário, 2014, p. 122.

<sup>74</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudo Históricas*, FGV/CPDOC, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 13. Tradução de Dora Rocha Flaksman.

<sup>75</sup> SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Quem desloca tem preferência: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura*. Belo Horizonte: Relicário, 2014, p. 122.

## 2.1 O inofensivo, simpático e diferenciado “Time da Família”; ou, “Um time para poucos. Que [não] são cada vez mais”

Possivelmente interessado nos polêmicos e promissores desdobramentos da disputa atleticana e cruzeirense sobre qual seria o “verdadeiro clube do povo” em Belo Horizonte, ainda no primeiro semestre de 2016 a diretoria de *marketing* do América também lançou um *slogan* que, pretensamente, seria capaz de traduzir toda a essência do clube e de seus torcedores na capital mineira. Mas, ao contrário dos dois outros clubes, o *slogan* adotado pelo América não poderia se vangloriar do tamanho da sua torcida nem, tampouco, como se verá ainda neste capítulo, da heterogeneidade social dos americanos. Assim, em fevereiro daquele ano, o clube adotaria como seu novo mote o *slogan* “Time da Família”.

Como forma de divulgar sua nova identidade, a Arena Independência, de propriedade do América, foi toda redecorada pelo clube com faixas inscritas com o novo mote (Figura 8), e as publicações oficiais do clube no *Twitter* passaram a ser, invariavelmente, acompanhadas de uma *hashtag* alusiva a ele. Assim que o América iniciou seus confrontos das semifinais do Campeonato Mineiro daquele ano, seus torcedores passaram a ser presenteados, logo nos portões de entrada do estádio, com diversos balões e enormes camisas de papelão (Figura 9), que igualmente estampavam o novo *slogan*.

Figura 8 – Faixas com o *slogan* “#otimedafamilia” na Arena Independência



Fonte: Fotografia de Dudu Macedo.<sup>76</sup>

Figura 9 – Camisa de papelão distribuída pelo América na fase final do Mineiro de 2016



Fonte: Acervo pessoal.

As surpreendentes vitórias americanas sobre Cruzeiro e Atlético na reta final da competição, lhe rendendo o 16º título de campeão mineiro da sua história, poderiam ter ajudado a decolar a campanha de *marketing* americana. Mas não foi isso que aconteceu. De

<sup>76</sup> MACEDO, Dudu. BELO HORIZONTE, MG - 05/01/2016: AMERICA MG X ATHLETIC MG - America-MG Torcida for America MG vs Atletico-MG, the first match of the final of the Campeonato Mineiro 2016. *Alamy*, 1 maio 2016. Disponível em: [bit.ly/2K1KxMZ](http://bit.ly/2K1KxMZ). Acesso em: 25 jul. 2019.

maneira muito distinta da briga travada entre atleticanos e cruzeirenses em torno da marca “Time do Povo”, o mote de “Time da Família” idealizado pelo América não recebeu qualquer repercussão nas mídias especializadas da capital mineira. A nova identidade americana tampouco se mostrou capaz de produzir reações de repulsa ou indignação nos demais torcedores da cidade. Assim, pouco a pouco, ela foi abandonada pelas publicações do clube em suas redes sociais oficiais e, mais recentemente, as faixas alviverdes que ornamentavam o Independência com a *#otimedafamilia* também foram retiradas de circulação.

Isso não significa, contudo, que o *slogan* criado em 2016 pela diretoria de *marketing* americana se mostrasse descolado de uma imagem comumente atribuída ao América. Em maio de 2018, por exemplo, a Barra Una (Unida Nação Americana), uma das mais antigas e atuantes torcidas organizadas do clube, postou em sua conta oficial do *Twitter* uma foto de um homem erguendo uma criança trajada com o uniforme americano em meio à festa promovida pela torcida, em um dia de jogo do América. Apresentando a imagem, a Barra Una dizia o seguinte: “Arquibancada, espaço pra [sic] família”.<sup>77</sup> Dois dias depois, *retuitando* a postagem da organizada americana, um internauta reforçava essa mensagem: “Arquibancada, espaço pra [sic] família!!! @americamg #OTIMEdaFAMÍLIA”.<sup>78</sup>

Em grande medida, esse tipo de manifestação reforçaria uma crença muito difundida na capital mineira de que os jogos do América são eventos aprazíveis, agradáveis, bons para serem frequentados por crianças e mulheres. Quando digo a alguém na cidade que torço para o América, por exemplo, comumente escuto frases do tipo: “O bom de jogo do América é que não dá briga. Dá para levar criança, esposa... Torcedor do América é tranquilo, não é igual atleticano e cruzeirense.” Um estereótipo que, não raras vezes, vejo ser frustrado no Independência. Já perdi as contas de quantas vezes presenciei algum atleticano ou cruzeirense mais desavisado ser hostilizado pelos torcedores americanos, para sua surpresa e indignação, por levarem seus filhos aos jogos do América vestidos com camisas de seus clubes do coração.

A meu ver, esse tipo de leitura sobre os americanos se sustenta a partir da ideia de que o América é um clube inofensivo, que não faz mal a ninguém. Ou que os americanos não se preocupam tanto com os resultados alcançados por suas equipes de futebol, haja vista seus recorrentes fracassos, se comparados aos desempenhos de Atlético e Cruzeiro. E que, assim, o

---

<sup>77</sup> Arquibancada, espaço pra família. 27 maio 2018. *Twitter*: @barrauna. Disponível em: [bit.ly/2MhYIFL](https://bit.ly/2MhYIFL). Acesso em: 26 jul. 2019.

<sup>78</sup> #INDEPAaCASAdoDECA. Arquibancada, espaço pra família!!! @americamg #OTIMEdaFAMÍLIA. 29 maio 2018. *Twitter*: @RobertoTiburcio. Disponível em: [bit.ly/2Yq1y8P](https://bit.ly/2Yq1y8P). Acesso em: 26 jul. 2019.

americano não alimentaria qualquer tipo de ódio e desavença contra atleticanos e cruzeirenses.

Não por coincidência, no mesmo mês em que a Barra Una *tuitou* sua ode ao “Time da Família”, o Ibope divulgou uma pesquisa,<sup>79</sup> realizada nacionalmente, que dizia que o América era o clube com a maior proporção de simpatizantes dentre todos os disputantes do Brasileirão daquele ano. Só para se ter uma ideia, naquela ocasião, e em relação a essa proporção, o América figurava à frente, por exemplo, da Chapecoense, um clube que se envolveu em um trágico desastre aéreo no ano de 2016, que consternou a todos os brasileiros. Mais do que isso, de acordo com os dados divulgados pelo Ibope, de todos os participantes do campeonato nacional daquele ano, apenas América, Chapecoense e Paraná apresentavam ter uma proporção de simpatizantes maior que a de torcedores fiéis. Mas, ao contrário desses outros dois clubes, a proporção entre simpatizantes e torcedores americanos era abissal. Isso porque, enquanto 44% dos entrevistados que se lembraram do Paraná Clube se diziam torcedores paranistas e 56% simpatizavam com o clube paranaense, e 23% se declaravam fiéis à Chapecoense contra 77% de simpatizantes da agremiação catarinense, de todas as citações envolvendo o América, apenas 7% afirmavam ser torcedores do clube, enquanto outros 93% consideravam o clube mineiro sua “segunda equipe” preferida.

Assim, no dia 8 de maio de 2018, Felipe Drummond Neto estampava, em manchete publicada no caderno “SuperFC” do jornal *O Tempo*, que a “[p]esquisa [do Ibope] confirma[va o] América como o time mais ‘simpático’ do Brasil”.<sup>80</sup> Um resultado, como o jornalista mesmo dizia, que apenas ratificava uma máxima recorrentemente ouvida pelos americanos: a de que, em Belo Horizonte, “todo mundo também torce para o América”. Por isso, atleticanos e cruzeirenses costumam carinhosamente chamar o América de “Ameriquinha” ou “Mequinha”. Uma alcunha fortemente rechaçada pelos americanos, pois, como me dizia, por exemplo, meu amigo Marinho, o Mário César Monteiro, um dos maiores colecionadores e estudiosos informais da história do América, “o que nós mais queremos, Marcus, é sermos odiados!”.

Mas, ao mesmo tempo, publicações como as da Barra Una evidenciam que, em meio às interações jocosas típicas do futebol, a inferioridade americana, em especial de sua torcida, não apenas é atribuída ao América e aos seus torcedores como seu “caráter pretensamente negativo” comumente é revertido e adotado pelos americanos a partir de “uma conotação

---

<sup>79</sup> Cf. DRUMMOND NETO, Felipe. Pesquisa confirma América como o time mais ‘simpático’ do Brasil. *O Tempo*, SuperFC, Belo Horizonte, 5 maio 2018. Disponível em: [bit.ly/2JYvpBi](http://bit.ly/2JYvpBi). Acesso em: 26 jul. 2019.

<sup>80</sup> DRUMMOND NETO, Felipe. Pesquisa confirma América como o time mais ‘simpático’ do Brasil. *O Tempo*, SuperFC, Belo Horizonte, 5 maio 2018. Disponível em: [bit.ly/2JYvpBi](http://bit.ly/2JYvpBi). Acesso em: 26 jul. 2019.

orgulhosamente provocativa”, como diria José Miguel Wisnik.<sup>81</sup> Em outras palavras, é como se os americanos valorizassem justamente os estigmas que lhes são atribuídos e estigmatizassem o que, segundo atleticanos e cruzeirenses, os valorizaria. Assim, ao se orgulharem, por exemplo, de que os jogos do América são um espaço de sociabilidade familiar, aqueles americanos procuravam dizer que sua torcida não é tão numerosa justamente porque aqueles que a compõe possuem um perfil social pretensamente “diferenciado” dos demais. Uma representação que, diga-se de passagem, seria muito mais cultivada e cultuada pelos americanos que aquela de “Time da Família” proposta pela diretoria de *marketing* do clube. E que, justamente por isso, também já havia sido alvo de outras campanhas publicitárias promovidas pelo América.

Muito provavelmente, uma das mais emblemáticas ações de *marketing* americana realizadas nesse sentido teria acontecido no ano de 2012, quando o América completou 100 anos de existência. Naquela ocasião, dentre as diversas iniciativas desenvolvidas pelo clube, o América lançou, em parceria com a empresa de publicidade *Filadélfia*, o vídeo “América, um time para poucos”,<sup>82</sup> que, como o próprio título já sugere, traduzia, em grande medida, toda essa valorização do perfil supostamente “diferenciado” dos americanos.

Exibido em canais de televisão e no telão do Independência nos intervalos dos jogos do América, o vídeo, de aproximadamente dois minutos de duração, construía sua narrativa, realizada por um locutor ausente, valendo-se da teoria da seleção natural de Charles Darwin, ou então da hipótese já apresentada no capítulo anterior de que “os clubes mais ‘queridos’ são também os ‘melhores’”.<sup>83</sup> Assim, intercalando imagens da torcida americana e de jogos do clube com cenas de predadores selvagens, o narrador iniciava o vídeo dizendo o seguinte: “Torcedor é uma espécie como outra qualquer da natureza. Se as condições são favoráveis, e seu time faz muitas presas, a população cresce. É natural.” Mas, como procurei demonstrar, esta, definitivamente, não era a realidade americana, seja porque o América não é, digamos assim, um clube vitorioso ou porque sua torcida não é propriamente muito expressiva do ponto de vista numérico, sobretudo se comparado aos dois outros clubes da capital mineira.

De todo modo, segundo o vídeo, essa realidade americana não diminuía o clube e sua torcida. Pelo contrário. Na sequência do texto narrado, a voz *off* do vídeo asseverava que,

---

<sup>81</sup> WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 47-48.

<sup>82</sup> FILADÉLFIA; AMÉRICA FUTEBOL CLUBE. *América, um time para poucos*. YouTube, 4 abr. 2012. Disponível em: [goo.gl/z6mwhN](http://goo.gl/z6mwhN). Acesso em: 19 ago. 2017.

<sup>83</sup> DAMO, Arlei Sander. *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998, p. 39.

assim como no mundo natural, também no futebol, “[n]a hora da escassez, os mais fracos não resistem. Os que só se escondem atrás dos outros, os que só se alimentam de títulos, vão debandando um a um.” Diante dessa selvageria que seria o futebol, ele lançava a seguinte pergunta: “E quem sobra?” E na sequência, respondia: “Os mais fortes. Os que não desistem de buscar novas presas, ainda que elas sejam maiores. Os que não se deixam abater por uma, duas, várias derrotas.”

Essas respostas, evidentemente, faziam uma clara alusão ao tipo de torcedor que optava por acompanhar o América. Por isso, elas vinham acompanhadas de uma série de imagens de americanos no estádio, nas ruas e nos bares em dias de jogos do seu clube do coração. Essa sequência de imagens representava uma torcida não muito numerosa, como o próprio áudio mencionava: “É verdade, não somos muitos”. Mas, contrapostas ao texto narrado, esse pequeno contingente de torcedores se notabilizava por ter sido “selecionad[o] pela natureza”. Mais do que isso, como defendia o vídeo, a torcida americana era pequena por escolha dos próprios americanos, pois, como dizia seu locutor: “Pensando bem, quem disse que queremos ser um time de muitos?”

Concluindo a propaganda de maneira apoteótica, o narrador tentava, enfim, explicar por que “somos seletos” e que, “injustiças à parte, as melhores coisas da vida são para poucos”. E justamente aqui que o vídeo expressava boa parte do status social pretensamente superior atribuído ao América e aos americanos. Segundo o locutor, os americanos eram “seletos” porque sua torcida tinha um comportamento social exemplar, civilizado, distinta do estereótipo violento atribuído às Organizadas dos clubes de massa. Pois, “[e]ntre uma massa que vai ao estádio para brigar, somos os poucos que vão para torcer. Queremos torcer!”, dizia ele. Também pertencíamos a um grupo restrito de torcedores porque, ao contrário de “uma maioria que entra no futebol para ganhar dinheiro” seríamos “a minoria que está ali pela paixão”. Aliás, não precisávamos de dinheiro porque já éramos ricos, afinal, “[t]er seu próprio estádio é para poucos”. E não precisávamos nos preocupar com títulos porque nosso passado já era glorioso, pois “[f]azer o gol mais rápido do Brasil é para poucos. Ser o primeiro decacampeão do mundo é para poucos.” Por todos esses argumentos, concluía o vídeo, o América era mesmo “um time para poucos”, *slogan* que aparecia como uma espécie de echarpe, envolto em um coração alviverde pulsante, e que se transmutava para a expressão “que são cada vez mais” (ver Figura 10).

Figura 10 – “Um time para poucos. Que são cada vez mais.”



Fonte: *Frames finais do vídeo América, um time para poucos.*<sup>84</sup>

Como a própria voz *off* do vídeo institucional americano mencionava, em grande medida essa representação do América como “um time para poucos” também seria legitimada por uma narrativa sobre o passado do clube. E, para o caso americano, tendo a pensar, cada vez mais, que um dos marcos centrais, ou um dos principais pontos de referência da memória coletiva do clube, estaria situado entre os anos de 1920 e 1940. Um período que, como vimos, teria sido marcado pela conquista do decacampeonato e, ao mesmo tempo, pela perda da hegemonia futebolística e social do clube na capital mineira. E, a meu ver, uma das formas como esse marco mais poderia ser recuperado pelo América e pelos americanos seria por meio da camisa vermelha que o clube usou entre os anos de 1930 e 1940.

## 2.2 Um protesto virtuoso como representação do “jeito elite de ser e viver”

A essa altura, imagino que alguns dos leitores menos familiarizados com o futebol belo-horizontino devam estar se perguntando: que história é essa de o América usar uniforme vermelho nos anos de 1930 e 1940? Afinal de contas, como dizem alguns americanos que conheço, o América de Minas é um dos únicos Américas no Brasil que não é vermelho.<sup>85</sup> O do Rio e o de Natal, talvez os mais conhecidos deles, são alvirrubros. O de São José do Rio Preto, interior paulista, também. Nosso segundo uniforme de jogo, contudo, é alviverde – assim como o primeiro jogo de camisas do América de Recife, para não dizer que me esqueci do clube do coração do renomado poeta João Cabral de Melo Neto. E nosso uniforme principal é verde e preto. Aliás, somos reconhecidos nacionalmente pela original camisa de

<sup>84</sup> FILADÉLFIA; AMÉRICA FUTEBOL CLUBE. América, um time para poucos. YouTube, 4 abr. 2012. Disponível em: [goo.gl/z6mwhN](http://goo.gl/z6mwhN). Acesso em: 19 ago. 2017.

<sup>85</sup> Ver comentário de internauta identificado pelo *nickname* “zeustachio” na rede social da Torcida Desorganizada Avacoelhada, que disse o seguinte: “[...] Aliás, o único América aqui no Brasil que não é vermelho somos nós, o que nos torna especiais.” Cf. ZEUSTACHIO. Camisa vermelha do América! *Fórum da Avacoelhada América MG*. Byte bola virtual, 9 jul. 2007. Disponível em: [bit.ly/2xv42aR](http://bit.ly/2xv42aR). Acesso em: 5 jul. 2019.

listras verticais verdes e pretas. Por toda essa mistura de cores, o “estatuto do novo milênio”<sup>86</sup> do América o definiu como um clube tricolor: verde, preto e branco. Mas vermelho o América de Minas não é.

Apesar disso, nos últimos quinze anos essa camisa vermelha foi reeditada em ao menos quatro oportunidades. Inclusive, em algumas dessas ocasiões, ela se converteu em grande sucesso de vendas entre os torcedores americanos, atestando, assim, sua forte aceitação e sua capacidade de produzir, mais uma vez parafraseando Michael Pollak,<sup>87</sup> um “altíssimo grau de identificação social” nessa comunidade.

No ano de 2004, por exemplo, a diretoria americana mandou confeccionar alguns exemplares dessa camisa, em parceria com a *Kickball*, então fornecedora de materiais esportivos para o time principal, com o objetivo de organizar uma exposição comemorativa e temática de uniformes do clube no salão do antigo Centro de Lazer do América, o CLAM<sup>88</sup> (Figura 11). Nas redes sociais, alguns americanos se recordam da boa repercussão que essa iniciativa teve entre os torcedores do clube. Isso porque, logo no primeiro dia de exposição, “todo o estoque de camisas vermelhas já tinha acabado”.<sup>89</sup>

Em 2007, foi a vez da oficina mecânica que mencionei na apresentação desta tese mandar fabricar, para revenda em suas lojas, modelos promocionais desse uniforme alvirrubro.<sup>90</sup> Mas, ao contrário da camisa de 2004, essa nova remessa de camisas coloradas estampava, no peito, um escudo alviverde e, na região da barriga, a propaganda do estabelecimento comercial que a encomendou. Ainda assim, conforme me confessou um dos atuais responsáveis pela oficina, todos os exemplares à época confeccionados se esgotaram já há alguns anos, o que, mais uma vez, atesta sua aceitação por parte da torcida americana.

Cinco anos mais tarde, a camisa vermelha foi reincorporada como uniforme alternativo de jogo por ocasião das comemorações do centenário do clube. Sua reestrea aconteceu no dia 26 de maio de 2012, em jogo válido pela segunda rodada da Série B do

<sup>86</sup> Sobre a definição de cores do América presente no “estatuto do novo milênio”, ver: AMÉRICA FUTEBOL CLUBE. Clube. Símbolos. *América Futebol Clube*. Belo Horizonte: CAGDis IE, 2019. Disponível em: [bit.ly/30pKjGa](http://bit.ly/30pKjGa). Acesso em: 8 jul. 2019.

<sup>87</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudo Históricas*, FGV/CPDOC, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 201. Tradução de Dora Rocha Flaksman.

<sup>88</sup> O CLAM localizava-se na rua Mantena, bairro Ouro Preto, região da Pampulha, e foi recentemente vendido e demolido para dar lugar a um grande empreendimento residencial da cidade. Sobre a confecção da camisa vermelha pela *Kickball* em 2004, ver: Evolução das camisas do América. *Estado de Minas*, Superesportes, Belo Horizonte, 9 abr. 2012. Disponível em: [bit.ly/2xvGOGt](http://bit.ly/2xvGOGt). Acesso em: 5 jul. 2019.

<sup>89</sup> Ver comentário do internauta de *nickname* Formiga em: FORMIGA. Uniforme América Mineiro Centenário. *Fórum da Avacoelhada América MG*. Byte bola virtual, 30 mar. 2012, à 1:28:00 PM. Disponível em: [bit.ly/2XDrTED](http://bit.ly/2XDrTED). Acesso em: 10 jul. 2019.

<sup>90</sup> Ver divulgação em: Camisa vermelha do América! *Fórum da Avacoelhada América MG*. Byte bola virtual, 9 a 16 jul. 2007. Disponível em: [bit.ly/2xv42aR](http://bit.ly/2xv42aR). Acesso em: 10 jul. 2019.

Campeonato Brasileiro de 2012 (Figura 12).<sup>91</sup> Curiosamente, naquela ocasião, o adversário também seria um clube alvirrubro, o CRB (Clube de Regatas Brasil) de Alagoas. A coincidência, ou a intencional escolha do *marketing* americano em estreiar o novo uniforme contra um clube como esse, talvez tenha contribuído para dar ainda maior visibilidade à iniciativa americana. Se, no campo de jogo, a camisa vermelha parece ter atraído sorte ao América, que saiu vitorioso pelo elástico placar de 4 a 0, fora dele, poderia dizer que o clube aplicou outra “goleada”. Somente durante o confronto contra o CRB, cerca de 200 camisas foram comercializadas.<sup>92</sup> Uma vendagem que poderia soar como irrisória para os grandes clubes brasileiros, mas que, para o América, definitivamente, representou uma soma considerável.

Figura 11 – Camisa vermelha em exposição no CLAM



Fonte: Fotografia reproduzida em reportagem do portal *Superesportes*.<sup>93</sup>

Figura 12 – Estreia da camisa vermelha do centenário americano



Fonte: Fotografia reproduzida em reportagem do portal *Globo Esporte*.<sup>94</sup>

Como se verá um pouco mais adiante neste capítulo, no primeiro semestre de 2018 o América voltaria a reeditar a camisa vermelha, desta vez, em caráter exclusivo para o segundo confronto das semifinais do Campeonato Mineiro (Figura 13). Pouco tempo após o término daquela edição do estadual, a *Loja do América* passaria a ofertar uma camisa de algodão, toda vermelha, em alusão a esse uniforme. Por suas características materiais, essa camisa, que ainda se encontra disponível na loja do clube, vem sendo vendida por um preço bem mais acessível que os uniformes oficiais de jogo.

<sup>91</sup> Sobre a estreia da camisa vermelha americana em 2012, ver: FUSCALDI, Rodrigo. De vermelho, jogadores do América-MG estreiam nova camisa. *Globo Esporte*, Belo Horizonte, 26 maio 2012. Disponível em: [glo.bo/2xJWpgM](http://glo.bo/2xJWpgM). Acesso em: 11 jul. 2019.

<sup>92</sup> Sobre a comercialização da camisa vermelha americana durante o confronto entre América e CRB, ver: CAPELO, Rodrigo. América-MG usa camisa vermelha e fatura R\$ 20 mil. *Máquina do Esporte*, São Paulo, 29 maio 2012. Disponível em: [bit.ly/2xFRGg9](http://bit.ly/2xFRGg9). Acesso em: 11 jul. 2019.

<sup>93</sup> Evolução das camisas do América. *Estado de Minas*, Superesportes, Belo Horizonte, 9 abr. 2012. Disponível em: [bit.ly/2xvvgOGt](http://bit.ly/2xvvgOGt). Acesso em: 5 jul. 2019.

<sup>94</sup> FUSCALDI. De vermelho, jogadores do América-MG estreiam nova camisa. *Globo Esporte*, Belo Horizonte, 26 maio 2012. Disponível em: [glo.bo/2xJWpgM](http://glo.bo/2xJWpgM). Acesso em: 11 jul. 2019.

Por fim, não poderia deixar de mencionar que, nos últimos anos, atentos ao potencial comercial desse uniforme entre os americanos, empresas especializadas em confecção de camisas de futebol “retrô”, como a *RetrôMania* (Figura 14), também passaram a ofertá-lo na internet. Isso sem falar das situações em que ele inspirou a elaboração de novos uniformes do América. Uma dessas ocasiões teria envolvido um polêmico enxoval criado para a temporada de 2016, episódio que também será recuperado aqui em momento oportuno.

Figura 13 – Camisa vermelha usada pelo América no Mineiro de 2018



Fonte: Fotografia reproduzida em reportagem do portal *Globo Esporte*.<sup>95</sup>

Figura 14 – Camisa vermelha da *RetrôMania*



Fonte: Acervo pessoal.

Por um lado, pode ser que a boa aceitação americana da camisa vermelha se justifique pelo simples fato de ela ser diferente dos uniformes convencionalmente usados pelo clube. De todo modo, não poderia desconsiderar aqui uma outra hipótese desse “culto” americano ao uniforme alvirrubro: a de que a história costumeiramente utilizada para explicar sua origem se adequa muito bem à forma como os torcedores do clube se enxergam em meio ao clubismo belo-horizontino. Possivelmente, um dos maiores exemplos nesse sentido tenha sido o projeto de *marketing* realizado pelo América, mais uma vez, no ano de 2012.

Durante os preparativos dos festejos de 100 anos de sua fundação, comemorados no dia 30 de abril daquele ano, o América publicou uma enquete em seu *site* oficial perguntando aos internautas “qual [deveria ser] a camisa do centenário”<sup>96</sup> do clube. Na ocasião, a arte da consulta pública disponibilizava para votação dois modelos de uniformes comemorativos (Figura 15) que, ao serem clicados, retornavam uma pequena caixa de texto com um breve

<sup>95</sup> América-MG usa camisa vermelha antes de clássico em protesto contra a arbitragem. *Globo Esporte*, Belo Horizonte, 25 mar. 2018. Disponível em: [glo.bo/2y0J18a](http://glo.bo/2y0J18a). Acesso em: 22 jul. 2019.

<sup>96</sup> A enquete foi retirada do ar do site oficial do clube, mas algumas lojas virtuais de materiais esportivos ainda mantiveram em seus *sites* matérias sobre a campanha, como, por exemplo: MARINS, Vitor. América Mineiro – Camisas do Centenário. *Camisas e Chuteiras*, 28 mar. 2012. Disponível em: [goo.gl/6DagBo](http://goo.gl/6DagBo). Acesso em: 18 ago. 2017. EXTRA: União-MT e América-MG. *Camisas & Manias*, Curitiba, ano 7, 27 mar. 2012. Disponível em: [goo.gl/4m7y7M](http://goo.gl/4m7y7M). Acesso em: 18 ago. 2017.

histórico explicativo sobre cada um dos croquis apresentados. Enquanto o uniforme de número 1, intitulado de “Camisa verde e branca”, fazia alusão ao “modelo de 1913”, portanto, um dos primeiros a serem usados pelo América, “mas que ganhou força na década de [19]70, quando o time adotou o padrão como uniforme número dois”,<sup>97</sup> o outro modelo disponível para votação, intitulado de “Camisa vermelha”, sustentava a seguinte narrativa histórica:

A década de 1930 foi marcada por ferrenhas disputas quanto aos rumos do futebol em Minas Gerais quando chegou a haver duas ligas atuando paralelamente: A A.M.E. (Associação Mineira de Esportes) e a LMDT (Liga Mineira de Desportos Terrestres). Atlético [sic] e Palestra se juntaram à Associação Mineira de Esportes (A.M.E.), para forçar a mudança do amadorismo para o profissionalismo, com o que o América não concordava. Os americanos entendiam o futebol como um complemento do lazer, a ser praticado enquanto seus atletas estudavam nas escolas superiores, se preparando para se tornarem profissionais em diversas áreas e ajudarem no desenvolvimento de Minas e do país. Achavam que profissionalizar o futebol seria desvirtuar esta condição.

Após fortes discussões, o Conselho Administrativo da A.M.E. decretou: ou o América aceitava as mudanças ou seria excluído das disputas, o que, na prática, significaria uma sentença de morte para o clube. Acuado e sem saída, a diretoria americana se viu obrigada a se enquadrar, mas, absolutamente inconformada, resolveu passar a usar a camisa vermelha, em protesto contra a imposição da alteração do regime amador para o regime profissional.

O uso destas cores durou dez anos e esta camisa se transformou em uma espécie de ‘símbolo da resistência’ dos americanos, uma postura que, até hoje, faz parte do perfil do torcedor do clube, que, contra tudo e contra todos, luta com bravura e não se curva, diante das desigualdades de tratamento e dos contínuos equívocos e anomalias cometidos no futebol brasileiro.<sup>98</sup>

Figura 15 – Artes gráficas da enquete da camisa do centenário do América



Fonte: Anúncios da enquete reproduzidos nos sites *Camisas e Chuteiras* e *Camisas & Manias*.<sup>99</sup>

Segundo o *release* da votação feito por Gilson de Souza<sup>100</sup> para a revista do Centro de Lazer do América (CLAM), a camisa vermelha teria alcançado 51% dos votos dos

<sup>97</sup> SOUZA, Gilson. Uniforme – Camisas do centenário. *CLAM* – Centro de Lazer do América. Revista comemorativa do centenário do América Futebol Clube. 1912 a 2012. Belo Horizonte: EGL Editores Gráficos Ltda., 2012. p. 30.

<sup>98</sup> AMÉRICA FUTEBOL CLUBE. Modelo 02 – Camisa vermelha. *América Futebol Clube* [site institucional], 2012. Disponível em: [americamineiro.com.br](http://americamineiro.com.br). Acesso em: 18 maio 2012.

<sup>99</sup> MARINS. América Mineiro – Camisas do Centenário; EXTRA: União-MT e América-MG.

<sup>100</sup> SOUZA, Gilson. Uniforme – Camisas do centenário. *CLAM* – Centro de Lazer do América. Revista comemorativa do centenário do América Futebol Clube. 1912 a 2012. Belo Horizonte: EGL Editores Gráficos Ltda., 2012. p. 30.

internautas, saindo vitoriosa da enquete. Apesar disso, naquele ano o clube lançaria as duas camisas postas em votação sob alegação dos dirigentes americanos de que o resultado da enquete havia sido muito parecido, quase um “empate técnico”.<sup>101</sup> Convenhamos, uma grande jogada de *marketing*.

Como já mencionado, não saberia precisar aqui se essa grande aceitação da camisa vermelha, a começar pela votação majoritária na enquete, aconteceu porque os americanos se identificaram com a narrativa histórica apresentada ou pelo fato de esse uniforme ser diferente dos demais usados pelo clube, o de listras verdes e pretas e o segundo jogo de uniforme, alviverde. Embora ambas as hipóteses me pareçam plausíveis, o texto histórico apresentado pela campanha da camisa do centenário de fato evidencia como a identidade americana, ou algumas características positivas atribuídas ao América e aos seus torcedores, muitas vezes são explicadas ou interpretadas a partir do episódio que originou a adoção do uniforme alvirrubro.

Como o dramático texto da campanha anunciava, a decisão do América de usar a camisa vermelha pela primeira vez teria acontecido nos anos de 1930, quando os dirigentes esportivos travaram “ferrenhas disputas”, “fortes discussões” acerca de uma possível “mudança do amadorismo para o profissionalismo” no futebol mineiro. De um lado desse debate, estavam “Athletico [sic] e Palestra”, ou Atlético e Cruzeiro, que, aliados à “Associação Mineira de Esportes”, defendiam a tese da profissionalização do futebol; enquanto, de outro, se encontrava o América, defensor do amadorismo e “discordante” da “mudança” pretendida pelo grupo majoritário.

E seria justamente essa defesa solitária do amadorismo empreendida pelo América um dos traços mais significativos do *ethos* americano que, como já anunciado, diz respeito ao caráter pretensamente distintivo de seus torcedores. Como é possível apreender desse texto, o América teria se oposto ao profissionalismo porque os americanos dos anos de 1930, ao contrário dos atleticanos e palestrinos, representariam um segmento muito restrito da sociedade. Um segmento social pretensamente mais esclarecido que os demais, composto por “estudantes das escolas superiores”. Um grupo, portanto, capaz de realizar um “protesto” altamente simbólico e sofisticado, somente compreensível àqueles que conseguiam enxergar a principal “virtude” do futebol à época: a de ser “um complemento do lazer”, um ingrediente a

---

<sup>101</sup> Alguns comentários sobre o resultado da enquete podem ser encontrados em: Uniforme América Mineiro Centenário. *Fórum da Avacoelhada América MG*. Byte bola virtual, 25 dez. 2012 a 15 out. 2012. Disponível em: [bit.ly/2XDrTED](http://bit.ly/2XDrTED). Acesso em: 10 jul. 2019.

mais na formação moral dos futuros “profissionais” que “ajudar[iam] no desenvolvimento de Minas e do país”.

Mais do que isso, essa representação se ajusta muito bem à memória oficial do futebol brasileiro construída entre os anos de 1920 e 1940. Uma narrativa, como ensaiei dizer para o caso atleticano, ancorada em um projeto de redefinição da identidade nacional e que, aplicada ao futebol, sustentaria a tese de que a popularização desse esporte em nosso país teria se caracterizado por uma longa e conflituosa “luta pela superação das barreiras raciais” que impediam os jogadores negros, trabalhadores braçais, pobres e analfabetos de acessarem os “principais clubes e ligas esportivas do país”.<sup>102</sup> Integração bem-sucedida que teria tornado o futebol um esporte de massa e contribuído para o surgimento de um suposto estilo futebolístico *sui generis*, o famoso futebol-arte, o futebol-moleque brasileiro, caracterizado pela ginga, pelo improviso e pela espontaneidade, tão apreciados e propalados pelos meios de comunicação nativos e pelos próprios brasileiros. Uma massificação e um estilo de jogo, portanto, que, necessariamente, passou pela contribuição cultural dada pelos negros na “formação étnica e cultural da sociedade brasileira”.<sup>103</sup>

Ainda segundo essa memória, o regulamento amadorista teria sido um dentre os vários mecanismos utilizados pelas elites urbanas para impor uma barreira sociorracial nos primeiros anos de prática e assistência futebolística no país. Por meio dele, esses grupos mais abastados da sociedade teriam conseguido restringir o futebol a apenas alguns segmentos sociais, como o caso dos estudantes e dos profissionais bem-sucedidos, que, assim, se valiam desse esporte como uma estratégia de distinção social.

Transposta para o caso belo-horizontino, esse “reinado” da elite no futebol seria muito bem representado pelo América, defensor do amadorismo. Se, naqueles tempos de amadorismo era preciso ser rico, estudante ou profissionalmente bem-sucedido para ser jogador de futebol, isso o América tinha de sobra, como revelava o texto da camisa vermelha do centenário. Teria sido dessa maneira que a equipe americana tornou-se imbatível no campo de jogo, sagrando-se decacampeã mineira, e socialmente prestigiada fora dele, conquistando, por exemplo, a “popular” Taça Líder, como comentado ainda no capítulo *Uma torcida que*

---

<sup>102</sup> SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 170.

<sup>103</sup> SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 170.

*conversa com as paredes*.<sup>104</sup> E teria sido também, por isso, que os americanos se recusaram a aceitar o novo regime no futebol brasileiro.

Por isso, ainda hoje os americanos cultivam a imagem de que o América é um clube restrito e restritivo. Essa representação seria corroborada, por exemplo, por uma estrofe do hino oficial do clube, que diz que “a tua classe aristocrata é quem fulmina os teus rivais”. Um hino que, diga-se de passagem, é cantado pelos americanos em dias de jogos do clube sempre que possível. Ainda nesse sentido, lembro-me aqui de uma das mais antigas torcidas organizadas do América ainda em atividade, que ostenta o nome de “Coelhões da Elite” (COEL), e cuja mascote é a imagem de um coelho de fraque e cartola (Figura 16 e Figura 17). Um traje comumente associado aos primeiros apreciadores e, ainda hoje, aos poderosos dirigentes dos clubes de futebol no país.

Figura 16 – Mascote da COEL



Fonte: Enciclopédia do América.<sup>105</sup>

Figura 17 – Faixa da COEL



Fonte: Acervo pessoal, 7 set. 2012.

E, para não dizer que essa representação circula apenas entre os americanos, vale a pena mencionar a antiga identidade visual da coluna americana veiculada pelo jornal *Super Notícia*. Para quem não o conhece, o *Super Notícia* foi o primeiro jornal diário impresso em formato tabloide do estado de Minas Gerais. Lançado em 2002 por Vittorio Medioli, também proprietário do jornal *O Tempo*, o *Super Notícia* foi inspirado no tabloide *Diário Gaúcho*, que, no início dos anos 2000, havia se “tornado referência em jornalismo popular-massivo no Brasil”,<sup>106</sup> destinado, preferencialmente, às classes C e D. Comercializado inicialmente a R\$

<sup>104</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 64.

<sup>105</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 372.

<sup>106</sup> GUEDES, Maria da Consolação Resende. *Jornal popular-massivo: as estratégias utilizadas pelo Super Notícia para conquistar seu leitor*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – PUC-Minas, Belo Horizonte, 2010, p. 75.

0,25 e, hoje, a R\$ 0,50, com “projeto gráfico privilegiando cores fortes, fotos de mulheres sensuais na capa, chamadas sensacionalistas e matérias que davam visibilidade para pessoas que não tinham espaço na mídia tradicional”,<sup>107</sup> rapidamente o *Super Notícia* se converteu em um dos jornais mais lidos do Brasil. Segundo levantamento divulgado pela Associação Nacional de Jornais, a ANJ, quatro anos após ser fundado, o tabloide mineiro já figurava entre os dez “maiores jornais do Brasil de circulação paga”<sup>108</sup> e, a partir de 2008, passou a ocupar, invariavelmente, a primeira ou segunda posição desse *ranking*, competindo, de igual para igual, com os gigantes *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*.<sup>109</sup>

De acordo com a comunicadora social Maria da Consolação Guedes,<sup>110</sup> a seção “A voz da arquibancada”, publicada de terça a domingo pela editoria de esportes do jornal, se converteu em uma das estratégias mais interessantes “utilizadas pelo *Super Notícia* para conquistar seu leitor”. Em linhas gerais, “A voz da arquibancada” é composta por três colunas de opinião destinadas, cada qual, a um dos clubes belo-horizontinos. Desde o dia 7 de junho de 2010, essas colunas passaram a ser assinadas por um torcedor-símbolo desses clubes,<sup>111</sup> mas, antes disso, seus redatores eram anônimos, como se as opiniões ali expressas traduzissem o sentimento de um torcedor comum. Para reforçar esse sentimento nos leitores, o *Super Notícia* criou uma personagem para representar cada um desses desconhecidos colunistas, simbolizada por uma charge e devidamente dotada de nome e uma frase de efeito. Todas essas personagens faziam referência às consagradas mascotes dos clubes da capital mineira – o coelho, do América; o galo, do Atlético; e a raposa, do Cruzeiro – e às características socialmente atribuídas a eles. Assim, o anônimo colunista americano de “A voz da arquibancada” era denominado “Américo Coelho”, uma personagem simbolizada por um coelho de perfil, com bochechas rechonchudas e sardentas, dentes levemente arqueados, usuário de óculos verdes, redondos e de aros grossos, que encobria os olhos ligeiramente cerrados, aparentemente cansados (Figura 18). Um coelho, portanto, com ares de intelectual,

<sup>107</sup> GUEDES, Maria da Consolação Resende. *Jornal popular-massivo: as estratégias utilizadas pelo Super Notícia para conquistar seu leitor*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – PUC-Minas, Belo Horizonte, 2010, p. 75.

<sup>108</sup> ANJ. Os maiores jornais do Brasil de circulação paga, por ano. *Associação Nacional de Jornais*, Brasília, 2008-2014. Disponível em: [bit.ly/2yblkKk](http://bit.ly/2yblkKk). Acesso em: 24 jul. 2019.

<sup>109</sup> Para uma lista atualizada, para os anos de 2016 e 2018, desses jornais de maior circulação no país, ver, respectivamente: HARADA, Eduardo. Os 10 jornais impressos mais lidos no Brasil. *Ah duvido: História, ciência, mistério e curiosidades imperdíveis*. Maringá, 24 dez. 2016. Disponível em: [bit.ly/2Mcq9vg](http://bit.ly/2Mcq9vg). Acesso em: 24 jul. 2019; MELLO, Fábio Alberici de. Quais os maiores jornais do Brasil? *Comunicare*, São Paulo, 25 set. 2018. Disponível em: [bit.ly/2Gu7fMJ](http://bit.ly/2Gu7fMJ). Acesso em: 24 jul. 2019.

<sup>110</sup> GUEDES, Maria da Consolação Resende. *Jornal popular-massivo: as estratégias utilizadas pelo Super Notícia para conquistar seu leitor*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – PUC-Minas, Belo Horizonte, 2010, p. 75.

<sup>111</sup> Sobre essa mudança, ver: Super estreia a nova “Voz da Arquibancada”. *Super Notícia*, Belo Horizonte, 6 jun. 2010. Disponível em: [bit.ly/2y7Wprd](http://bit.ly/2y7Wprd). Acesso em: 24 jul. 2019.

e, conseqüentemente, descrito pelo editorial do jornal como o legítimo representante do “jeito elite de ser e viver”.

Ao contrário do simpático Américo Coelho, as personagens criadas pela editoria de esportes do *Super Notícia* para dar “voz” aos cruzeirenses e atleticanos no popular tabloide mineiro evidenciavam, mais uma vez, como essa representação americana se encontra dissonante do clubismo belo-horizontino. De um lado, a coluna do “Celestino Raposo”, descrito como “o papa-caneco”, representava o Cruzeiro, em uma clara alusão aos inúmeros títulos conquistados pelo clube ao longo de sua história. De outro, a coluna do “Reinaldo Cantagalo”, “o fanático da geral”, o representante da fiel, apaixonada e popular massa atleticana – uma torcida que, segundo os atleticanos, é capaz de lotar o Mineirão a cada jogo do clube, especialmente os setores de ingressos mais baratos, como a extinta e folclórica geral, e de ovacionar seus ídolos, dentre eles, o Reinaldo, o lendário “Rei”, atacante alvinegro dos anos de 1970 e 1980 e um dos maiores artilheiros da história do Atlético que, aparentemente, serviu de inspiração para a criação da personagem atleticana. Mais do que isso, as charges que o *Super Notícia* usava para representá-los (Figura 19 e Figura 20) encarnam, em suas fisionomias e em suas posturas corporais, todo o pré-conceito, todo o estereótipo atribuído pelo senso comum aos torcedores organizados brasileiros. Seus rostos angulosos, suas dentições laterais à mostra, seus olhares enervados e provocantes, seus topetes levantados, os braços intencionalmente despojados do Celestino Raposo sobre a taça de campeão, bem como os punhos cerrados e eriçados do corredor Reinaldo Cantagalo, dão a impressão de que ambos estariam prontos para o confronto físico. Mas não um confronto contra um “quatro olhos” esnobe e infantil como o Américo Coelho. Um confronto, antes de mais nada, entre iguais. Entre um vencedor, um “papa-caneco”, e uma massa popular, um “fanático da geral”.

Figura 18 – Américo Coelho, “o jeito elite de ser e viver”



Figura 19 – Celestino Raposo, “o papa-caneco”



Figura 20 – Reinaldo Cantagalo, “o fanático da geral”



Fonte: Editoria de Esportes do *Super Notícia*.<sup>112</sup>

Apesar de toda essa exclusão, os americanos bem que tentam construir alguns possíveis atritos a partir da representação pretensamente elitista, diferenciada, restrita e restritiva atribuída ao seu clube do coração e à sua comunidade de pertencas. Isso porque, ao cultuarem esse conjunto de representações, os torcedores do América reforçam para si próprios e, principalmente, tentam dizer para a sociedade que, ao contrário dos atleticanos e cruzeirenses, são eles os únicos torcedores letrados, esclarecidos, endinheirados, de boa índole, “de família”. Enfim, os únicos e legítimos representantes do “jeito elite de ser e viver” na capital mineira. E, se o América é a elite, o resto é a ralé.

Não por coincidência, desde cedo aprendi com meu saudoso e americano vô Oswaldo, e também com meus companheiros de paixão clubística, a argumentar, a quem quer que fosse, que o América é um clube de “gente fina”, da “nata”, de “gente inteligente e importante”. Para se tornar um de nós, diz uma máxima americana, é preciso muito mais que títulos. É necessário preencher requisitos sociais básicos, requisitos distintivos e de classe. “Americano não é para qualquer um. É para quem pode”. O Atlético, como diria meu avô, é “time de pobre”, de “preto”, do “pessoal da Pedreira Prado Lopes”. Ou, como diriam os americanos, os atleticanos são a “cachorrada” da cidade. Por isso, quando os estamos vencendo, gritamos: “Iu, iu, iu, silêncio no canil!”. Já o Cruzeiro seria um clube de aproveitadores, de gente que não gosta de futebol, que se torna cruzeirense só porque seu time ganha; um “simpatizante”; um torcedor sem “colhão”. Para sintetizar todos esses xingamentos, nas arquibancadas do Independência, volta e meia a torcida americana canta duas paródias, no mínimo, preconceituosas da tradicional canção “La Bamba”, consagrada nos anos de 1980 pela banda mexicana *Los Lobos*, substituindo seus famosos versos da seguinte maneira:

<sup>112</sup> *Super Notícia*, Editoria de Esportes, Belo Horizonte, 23 out. 2008. Disponível em: [bit.ly/2LDNjvc](http://bit.ly/2LDNjvc). Acesso em: 24 jul. 2019.

<b>Versão original</b>	<b>Paródia cantada aos atleticanos</b>	<b>Paródia cantada aos cruzeirenses</b>
<i>Yo no soy marinero</i> (2x)	Eu não sou atleticano (2x)	Eu não sou cruzeirense (2x)
<i>Soy capitán</i> (3x)	Não sou ladrão (3x)	Não sou veado (3x)
<i>Bamba, la Bamba</i> (3x)	Dá-lhe, Coelho (3x)	Dá-lhe, Coelho (3x)

Sei que, a essa altura, posso parecer um enorme preconceituoso e que podem estar se perguntando: “Como é possível ter coragem de proferir tanta asneira, e ainda por cima, sem pudor?” Antes, porém, de ser acusado dessa maneira, devo confessar que, hoje, também me espanto com toda essa antipática leitura de mundo. Aliás, se for possível salvar minha integridade, diria ainda que me senti constrangido em colocar todas essas racistas e homofóbicas manifestações no papel.

De todo modo, diante do que foi apresentado, reforço que esses argumentos não são nenhum exagero ou invencionice minha. Aliás, arriscaria dizer, corroborando as ensaísticas reflexões de Beto Vianna,<sup>113</sup> que essas representações preconceituosas e homofóbicas são quase um lugar-comum na capital mineira – senão no próprio futebol brasileiro. Segundo ele, haveria uma máxima entre os belo-horizontinos, consideravelmente preconceituosa, que afirma que apenas “três coisas [...] você nunca vai ver: um americano pobre, um atleticano branco e um cruzeirense macho”.<sup>114</sup>

Apesar de o ditado ser acessado pelos americanos para reforçar a identidade de seu clube do coração e a de si próprios, segundo esse linguista mineiro, essa máxima tomaria de empréstimo um modo de “observar, de descrever”, “de viver” e “de falar” específicos do Atlético e dos atleticanos.<sup>115</sup> Isso porque, segundo Beto Vianna, esse tipo de representação adota a relação Atlético-Cruzeiro como fundamental para produzir a maioria das representações simbólicas na cidade, se convertendo, segundo ele, em uma espécie de “*chiaro oscuro* da linguagem futebolística belo-horizontina”,<sup>116</sup> tanto para “atleticanos e cruzeirenses

<sup>113</sup> VIANNA, Beto. Preto no branco: para uma linguística do Galo. In: FREIRE, Alexandre (Org.). *Preto no branco: ensaios sobre o Clube Atlético Mineiro: o Galo entre a razão e a paixão*. Belo Horizonte: edição do autor, 2007, p. 23-37.

<sup>114</sup> VIANNA, Beto. Preto no branco: para uma linguística do Galo. In: FREIRE, Alexandre (Org.). *Preto no branco: ensaios sobre o Clube Atlético Mineiro: o Galo entre a razão e a paixão*. Belo Horizonte: edição do autor, 2007, p. 33.

<sup>115</sup> VIANNA, Beto. Preto no branco: para uma linguística do Galo. In: FREIRE, Alexandre (Org.). *Preto no branco: ensaios sobre o Clube Atlético Mineiro: o Galo entre a razão e a paixão*. Belo Horizonte: edição do autor, 2007, p. 27-30.

<sup>116</sup> VIANNA, Beto. Preto no branco: para uma linguística do Galo. In: FREIRE, Alexandre (Org.). *Preto no branco: ensaios sobre o Clube Atlético Mineiro: o Galo entre a razão e a paixão*. Belo Horizonte: edição do autor, 2007, p. 32.

quanto [para os] americanos, [os] torcedores de outros times (que se relacionam com o modo de vida belo-horizontino) e até [para os] belo-horizontinos que não se interessam por futebol”.<sup>117</sup> Embora essa linguagem seja produzida a partir da dualidade Atlético-Cruzeiro, poderíamos dizer que ela seria favorável ao clube alvinegro, já que o associa a segmentos sociais que, como vimos, seriam os protagonistas do futebol popular brasileiro. “Assim, as dicotomias pobre-rico, preto-branco e macho-bicha”, expressas em manifestações como o caso das paródias americanas da canção “La Bamba”, “fa[riam] parte de um mesmo quadro de valores que permeia e legitima uma linguagem do Galo: o elemento ‘oprimido [...], o fraco transforma-se em forte, vira a mesa, mas para isso ele deve manter-se viril, másculo”.<sup>118</sup> Daí a tradição atleticana de chamar o Atlético de “Galo forte, vingador” e sua torcida de “massa”, e os cruzeirenses de “bicharada” e, mais recentemente, de “Maria”.

Talvez isso também explique o fato de as acintosas provocações americanas não surtirem o efeito esperado pelos torcedores do América, já que, em grande medida, aos serem acionadas, elas não fazem mais do que reforçar a rivalidade entre Atlético e Cruzeiro, caindo, assim, mais uma vez, no vazio do jogo das representações clubísticas da capital mineira. Algo muito diferente, como vimos, do que aconteceu no caso da disputa travada entre atleticanos e cruzeirense sobre qual dos dois seria o legítimo “clube do povo” na cidade.

Mas, talvez para tranquilizar o leitor, assombrado com todo o preconceito dos americanos, diria que essas representações simbólicas presentes na narrativa da origem do uniforme vermelho não são as únicas capazes de produzir um “altíssimo grau de identificação”<sup>119</sup> na comunidade de pertencas articulada em torno do América. Vale lembrar, nesse sentido, que, como o próprio texto da camisa vermelha do centenário já asseverava, a participação americana nos debates travados em relação à “mudança do amadorismo para o profissionalismo” no futebol mineiro teria contribuído para que os americanos cultivassem as ideias de “protesto”, de “resistência”, de “bravura” e de “luta” como “uma postura que, até hoje, faz parte do perfil do torcedor do clube”. Aliás, arriscaria, mais uma vez, dizer que, nos últimos anos, essa “postura” vem sendo acionada, ao menos pelos americanos, tanto quanto a consagrada identidade elitista atribuída ao clube e aos seus torcedores. Uma imagem que,

---

<sup>117</sup> VIANNA, Beto. Preto no branco: para uma linguística do Galo. In: FREIRE, Alexandre (Org.). *Preto no branco: ensaios sobre o Clube Atlético Mineiro: o Galo entre a razão e a paixão*. Belo Horizonte: edição do autor, 2007, p. 32.

<sup>118</sup> VIANNA, Beto. Preto no branco: para uma linguística do Galo. In: FREIRE, Alexandre (Org.). *Preto no branco: ensaios sobre o Clube Atlético Mineiro: o Galo entre a razão e a paixão*. Belo Horizonte: edição do autor, 2007, p. 34.

<sup>119</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudo Históricas*, FGV/CPDOC, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 201.

como se verá a seguir, mais uma vez muito nos diz sobre a forma como os americanos veem o passado do clube e, ao mesmo tempo, se enxergam dentro do clubismo belo-horizontino.

### 2.3 Um retrato do “velho futebol mineiro”<sup>120</sup>

Em toda a minha vida de americano, considero ter comemorado pouquíssimos títulos. Por isso, digo que todos foram muito especiais e estão guardados, com muito carinho, em minha memória. Mas, de todos eles, os estaduais de 2001 e de 2016 talvez tenham sido os mais emblemáticos. Ser campeão derrotando Atlético e Cruzeiro é coisa rara e motivo de muita festa para nós, americanos.

Consequentemente, no início de 2018, alguns colegas e eu estávamos bastante esperançosos quanto à possibilidade de reeditarmos esse feito. Mais do que isso, estávamos muito eufóricos ante a possibilidade de sermos campeões mineiros de novo em um curto espaço de tempo, o que, como vimos no capítulo passado, não acontecia desde os anos de 1920. Depois de muitos esforços, e atendendo aos apelos dos americanos e de boa parte da imprensa esportiva local, os dirigentes do clube mantiveram para a temporada que se abria toda a comissão técnica e uma parte importante do elenco campeão da Série B de 2017. Algumas contratações pontuais também nos encheram de expectativa e, fora de campo, a diretoria vinha promovendo algumas estratégias interessantes para atrair um público cada vez mais diverso para o estádio. Em outras palavras, a impressão que tínhamos é de que poderíamos, enfim, mudar de patamar, reescrever a história do clube.

Mesmo que a equipe ainda não tivesse alcançado o mesmo padrão de jogo competitivo do ano anterior, chegamos à metade do Mineiro de 2018 na vice-liderança da competição. Na quinta rodada, havíamos sido derrotados apenas pelo Cruzeiro, por 1 a 0, que, no ano anterior, conquistou nada mais, nada menos que sua quinta Copa do Brasil. Mas logo na rodada seguinte nos reabilitamos, vencendo o Uberlândia, no Triângulo Mineiro, pelo elástico placar de 3 a 0.

Como vice-líderes, enfrentaríamos, em nosso próximo confronto, o Atlético, talvez nosso maior rival, que vinha de uma sequência não muito animadora para suas pretensões. A nona colocação no Brasileirão de 2017 interrompeu uma série de cinco participações consecutivas do clube na Copa Libertadores da América, e seu início de ano vinha sendo

---

<sup>120</sup> O texto desta seção é uma versão modificada do artigo publicado originalmente em: LAGE, Marcus Vinícius Costa. A campanha #tambémvamoscom12 e a tradição americana de luta e resistência. *Ludopédio*, Arquivancada, FULIA, Futebol pelo Brasil, vol. 108, n. 3, 3 jun. 2018a. Disponível em: [bit.ly/2xToRx3](https://bit.ly/2xToRx3). Acesso em 11 jul. 2019. Agradeço, imensamente, ao “fulião” Gustavo Guimarães pela leitura, revisão e sugestões dadas antes da publicação da versão original desse texto, o isentando, claro, das possíveis inconsistências.

marcado por uma sucessão de desempenhos insatisfatórios tanto no Mineiro quanto na Copa do Brasil. Na rodada anterior, por exemplo, eles haviam sido derrotados, em casa, pela Caldense, equipe da interiorana cidade de Poços de Caldas.

Por isso, estávamos muito animados com aquele jogo. Lembro, por exemplo, que fiz questão de levar ao Independência toda a família comigo: Ju e as pequenas Teté e Bibi. Assim como nós, a otimista torcida americana compareceu em bom número. E, como éramos mandantes do jogo, nossa diretoria limitou a entrada dos atleticanos a apenas um dos portões do estádio, o que nos dava a impressão de estarmos em condições relativamente parelhas fora de campo.

Apesar de todo esse cenário positivo, saímos todos muito decepcionados do jogo. Nossa equipe jogou bem, com brio, mas nossa defesa foi vazada em três oportunidades cruciais: a primeira delas, aos 45 do primeiro tempo; e as duas últimas, já nos cinco minutos finais da etapa complementar. E nosso ataque se mostrou inoperante, não conseguindo marcar nenhum tento. Uma tristeza.

Mas, na saída do Independência, escutei vários americanos indignados dizendo que o jogo havia sido roubado. Que, no primeiro gol atleticano, a bola não havia entrado por completo. E que, no início do segundo tempo, o trio de arbitragem não havia marcado um gol legítimo nosso após um bate-rebate na área.

Sinceramente, achei toda aquela conversa choradeira de perdedor. “Toda vez que a gente perde para o Atlético é a mesma história”, pensei comigo mesmo. Mas, assim que cheguei à minha casa e conferi os melhores momentos do jogo, constatei que aquela ladainha americana fazia sentido.<sup>121</sup> “E quem dizia isso era a própria *Rede Globo*, que não dá crédito nenhum ao América”, dizia a mim mesmo.

Durante os dias que se seguiram, diversas figuras públicas ligadas ao América fizeram questão de externar toda essa nossa indignação em relação ao frustrante confronto. E o que se viu na imprensa e nas redes sociais foram diversas manifestações que procuravam argumentar que tudo aquilo que havia acontecido não era novidade alguma. Havia uma história de injustiças, complôs, esquemas contra a gente e a favor do nosso histórico rival.

Logo no dia seguinte ao jogo, por exemplo, o presidente americano Marcus Salum, por meio de sua conta oficial no *Twitter*, definiu aquele América 0 x 3 Atlético como um

---

<sup>121</sup> O *Globo Esporte* selecionou os lances polêmicos da partida e imprimiu neles recursos gráficos para auxiliar as análises dos comentaristas esportivos. As imagens podem ser vistas na matéria: Presidente do América-MG dispara após erros no clássico: “Velho futebol mineiro”. *Globo Esporte*, Belo Horizonte, 18 fev. 2018. Disponível em: [goo.gl/UsFn5W](http://goo.gl/UsFn5W). Acesso em: 24 maio 2018.

retrato do “velho futebol mineiro”.<sup>122</sup> De maneira bem semelhante, Jairo Viana confessou, em sua resenha sobre o jogo, publicada dois dias depois no *Decadentes*, site dedicado exclusivamente ao América, que “[foi] embora [do estádio] aos 20 minutos do segundo tempo, tomado por uma revolta absurda e uma indignação tão plena por testemunhar a ressurreição das velhas roubalheiras”.<sup>123</sup>

Na semana seguinte, passado, portanto, o calor dos acontecimentos, o colunista americano Paulo Vilara escreveu mais uma de suas ácidas crônicas para o *Superesportes*, sugestivamente intitulada “Um bandeirinha fora de série”,<sup>124</sup> que ainda reverberava os erros cometidos pela arbitragem contra o América. Mas, mais do que isso, nesse seu texto o jornalista preocupou-se em recuperar situações específicas que comprovariam as pretensas injustiças históricas sofridas pelo clube alviverde, citando, como exemplo, os “famosos casos dos árbitros Joaquim Cocó e Cidinho Bola Nossa, que sempre davam um jeito de proteger o Atlético”. Para aqueles que nunca ouviram falar desses folclóricos árbitros mineiros dos anos de 1940, 1950 e 1960, Joaquim Cocó era, na verdade, Joaquim Gonçalves da Silva, e Cidinho Bola Nossa, Alcebíades Magalhães Dias.<sup>125</sup> Ao chamá-los por seus apelidos de “Cocó”, em referência ao canto do galo, e “Bola Nossa”, em alusão a uma tradicional expressão de pertencimento usada no Brasil pelos praticantes do futebol, Paulo Vilara claramente associava a parcialidade desses antigos árbitros às suas supostas predileções alvinegras.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio de Paulo Vilara, meu colega Marinho Monteiro escreveu e publicou um texto no *Decadentes*<sup>126</sup> dez dias depois do polêmico jogo entre América e Atlético, em que ele comparava o resultado dos decisivos confrontos entre os dois clubes no Campeonato Mineiro com o estado de origem da arbitragem. Ao recuperar essas informações, ele procurava alertar os americanos para o fato de que os erros cometidos contra o América naquele encontro com o Atlético pela sétima rodada do Mineiro de 2018 não eram uma mera casualidade. Por isso, logo no primeiro parágrafo de seu texto, ele asseverava: “Não se prendam em mais um fato [sic]. Analisem a História!” Isso porque, segundo as fichas técnicas dos jogos por ele consultadas, e “considerando o período da Era

<sup>122</sup> SALUM, Marcus. “Esse é o velho futebol mineiro. Mas não vamos nos acovardar. Isso só vai nos fortalecer!”. 18 de fevereiro de 2018. *Twitter*: @marcus\_salum. Disponível em: [goo.gl/S2HA3V](https://goo.gl/S2HA3V). Acesso em: 9 jul. 2018.

<sup>123</sup> VIANA, Jairo. Rádio-Polícia. *Decadentes*, 19 fev. 2018. Disponível em: [goo.gl/zB5byP](https://goo.gl/zB5byP). Acesso em: 23 maio 2018.

<sup>124</sup> VILARA, Paulo. Um bandeirinha fora de série. *Estado de Minas*, Superesportes, Belo Horizonte, 23 fev. 2018. Disponível em: [goo.gl/vVV4aV](https://goo.gl/vVV4aV). Acesso em: 23 maio 2018.

<sup>125</sup> Para uma breve biografia desses dois árbitros, ver: LIMA, Jairo Anatólio. *Estádio Independência*. Belo Horizonte: Conceito, 2003, p. 68-70. (BH. A cidade de cada um).

<sup>126</sup> MONTEIRO, Mário César. A gota versus Oceano. *Decadentes*, 27 fev. 2018. Disponível em: [goo.gl/ATgF33](https://goo.gl/ATgF33). Acesso em: 23 maio 2018.

Profissional do futebol mineiro, [...] o América NUNCA [sic] conseguiu ser campeão tendo em uma final o adversário Atlético e um árbitro mineiro da [Federação Mineira de Futebol –] FMF.”

Apesar de sairmos derrotados desse confronto, ao final da 11ª rodada ainda conseguimos terminar a primeira fase da competição sem sermos superados novamente. Mantivemos a vice-liderança, à frente do Atlético e atrás apenas do Cruzeiro, única equipe invicta do certame. Assim, pelos cruzamentos definidos pela tabela de classificação, enfrentaríamos o Boa Esporte de Varginha nas quartas de final e, muito provavelmente, voltaríamos a cruzar com a equipe alvinegra nas semifinais da competição, caso ela também vencesse seu confronto contra a URT (União Recreativa dos Trabalhadores) de Patos de Minas.

Diante desse cenário, um dia antes do início da fase final do Mineiro 2018, Paulo Vilara<sup>127</sup> mais uma vez utilizaria sua coluna no portal *Superesportes* para alertar os americanos ante uma possível e nova injustiça da arbitragem contra a equipe alviverde. Em sua crônica, o representante do América na imprensa esportiva argumentava que o Atlético só havia se classificado para as fases finais porque “a FMF, a Comissão de Arbitragem [...] e grande parte da imprensa esportiva de Minas Gerais” procuraram “favorec[ê-lo] e proteg[ê-lo]” durante toda a primeira fase da competição. Assim, para o cronista americano, naquela reta final de campeonato, não poderíamos ter outra reivindicação em mente que não aquela utilizada por ele para intitular sua crônica: “Queremos juiz de fora!”.

Mas, para assombro geral dos americanos, tão logo os semifinalistas foram decididos, e os prognósticos confirmados, a Federação Mineira não apenas indicou um árbitro local para o sorteio da arbitragem do confronto semifinal entre América e Atlético, como também designou o mesmo juiz daquela sétima rodada da competição. E quiseram os deuses do futebol que o sorteado da vez fosse justamente esse árbitro.

A notícia, evidentemente, não foi bem recebida pela torcida americana, que, mais uma vez, acionou a tese de que seu clube vinha sendo prejudicado, desde muito tempo, pelos dirigentes esportivos de Minas Gerais. Ao comentar o pré-jogo América x Atlético no *Decadentes*, Jairo Viana,<sup>128</sup> por exemplo, considerou que a decisão da Comissão de Arbitragem da FMF em escalar novamente o árbitro da primeira fase “revesti[u o confronto] de uma capa de infâmia e injustiça”, provando, de maneira incontestável, que o Atlético era

---

<sup>127</sup> VILARA, Paulo. Queremos juiz de fora! *Estado de Minas*, Superesportes, Belo Horizonte, 16 mar. 2018. Disponível em: [goo.gl/eCnxPY](http://goo.gl/eCnxPY). Acesso em: 23 maio 2018.

<sup>128</sup> VIANA, Jairo. Canção do exílio. *Decadentes*, 21 mar. 2018. Disponível em: [goo.gl/72ePW0](http://goo.gl/72ePW0). Acesso em: 23 maio 2018.

mesmo o “time da federação”. Em contrapartida, Marinho Monteiro<sup>129</sup> e o comunicador social Walisson Fernandes<sup>130</sup> aproveitavam o contexto para lembrar que situações como aquela apenas reforçavam a máxima de que o América é a “resistência” ao futebol corrupto, manipulado, desleal, e que, por isso, ele deve sempre “luta[r], contra tudo e contra todos”.

Como se fosse possível confirmar essa crença americana de que o clube vinha sendo perseguido e prejudicado há anos pelos dirigentes esportivos do estado, logo no primeiro confronto das semifinais o América foi novamente derrotado, dessa vez tendo dois gols anulados pela arbitragem, um em cada tempo. O primeiro deles, segundo os comentaristas esportivos, mais uma vez de forma equivocada.<sup>131</sup> E, ainda por cima, quando a partida estava 0 a 0. Para piorar a situação, aos 31 minutos do segundo tempo, o atleticano Cazares marcou um gol meio esquisito, revertendo a vantagem americana “no apito”, como fez questão de registrar o presidente americano no dia seguinte.<sup>132</sup>

Em reação à “injusta” derrota americana, também no dia subsequente ao primeiro confronto semifinal a diretoria de *marketing* do América lançou a campanha intitulada *#tambémvamoscom12* para a segunda e decisiva partida. Claramente, o título da campanha tinha o propósito de denunciar os erros de arbitragem a favor do adversário, como se, nos dois primeiros confrontos, ou em outras situações pregressas, ele tivesse contado com a colaboração de um 12º e irregular jogador. Ao mesmo tempo, a mensagem procurava sensibilizar o torcedor americano a comparecer ao estádio e apoiar sua equipe em um momento delicado, fazendo o papel de 12º jogador, igualando simbolicamente as forças dessa maneira.

Mas o mais curioso é que, enquanto alfinetava a Federação e o Atlético e promovia o segundo jogo das semifinais da competição com a *#tambémvamoscom12*, o América também introduzia a cor vermelha em várias de suas peças gráficas, sobretudo nas redes sociais. Dois dias antes da partida, a imprensa esportiva noticiou, por exemplo, que uma placa de publicidade alvirrubra estampando a referida *hashtag* (Figura 21), justamente a que fica no

---

<sup>129</sup> MONTEIRO, Mário César. Sob o novo escudo vencerás! *Decadentes*, 23 mar. 2018. Disponível em: [goo.gl/YxE4B3](http://goo.gl/YxE4B3). Acesso em: 24 maio 2018.

<sup>130</sup> FERNANDES, Walisson. Foi Muito Feio (FMF). *Decadentes*, 20 mar. 2018. Disponível em: [goo.gl/HwuEMp](http://goo.gl/HwuEMp). Acesso em: 23 maio 2018.

<sup>131</sup> Para uma análise do jogo, ver, por exemplo, reportagem de: MARQUES, João Vitor. Atlético vence América em novo clássico com arbitragem polêmica e fica a um empate da final do Mineiro. *Estado de Minas, Superesportes*, Belo Horizonte, 22 mar. 2018. Disponível em: [bit.ly/2YRQrq8](http://bit.ly/2YRQrq8). Acesso em: 12 jul. 2019.

<sup>132</sup> Ver trechos da entrevista coletiva de Marcus Salum em: No dia seguinte à nova polêmica, Salum protesta na FMF: “Nossa luta é antiga”. *Globo Esporte*, Belo Horizonte, 23 mar. 2018. Disponível em: [goo.gl/mCm3MR](http://goo.gl/mCm3MR). Acesso em: 12 jul. 2019.

centro do gramado do Independência, vinha sendo preparada pelo clube para o dia do jogo.<sup>133</sup> Nas redes sociais, boa parte das suas postagens oficiais relativas ao decisivo confronto fazia referência à campanha e também trazia algum detalhe em alvirrubro (Figura 22).<sup>134</sup>

Figura 21 – Placa de publicidade da campanha #tambémvamoscom12



Fonte: Matéria do *Globo Esporte*.<sup>135</sup>

Figura 22 – Anúncio do segundo jogo das semifinais com detalhe alvirrubro



Fonte: *Tweet* oficial do América.<sup>136</sup>

Minutos antes de a bola rolar, o América ainda publicou em sua conta oficial no *Twitter* uma foto que mostrava o elenco americano no vestiário durante a já tradicional oração dos atletas e da comissão técnica, com os titulares ostentando um uniforme alternativo, todo colorado. Apresentando a foto, uma nota procurava explicar a decisão do clube de adotar o vermelho durante os dias que separaram os dois jogos válidos pelas semifinais: “Nossa camisa é centenária, tem peso. O vermelho é em protesto, como no passado. Por uma arbitragem justa e isenta. #TambémVamosCom12 #PraCimaDelesCoelho”<sup>137</sup> (ver Figura 23).

Vestidos dessa maneira, os jogadores americanos participaram de todo o pré-jogo: entraram em campo; perfilararam-se e acompanharam a execução do hino nacional; cumprimentaram os adversários e o trio de arbitragem; e postaram-se para a foto do jogo. Mas, como os árbitros da partida também trajavam camisas vermelhas e alegavam não terem sido comunicados da decisão americana de jogar com o uniforme alvirrubro, tão logo o ritual preliminar do jogo foi concluído, os jogadores americanos dirigiram-se ao banco de reservas e vestiram o uniforme de número 1, com listras verticais verdes e pretas, dando por encerrado, assim, o que o próprio clube havia denominado como um ato de protesto.

<sup>133</sup> Cf. Em tom de protesto, América-MG chama torcida para semi: #tambémvamoscom12. *Globo Esporte*, Belo Horizonte, 24 mar. 2018. Disponível em: [goo.gl/q6DSdq](http://goo.gl/q6DSdq). Acesso em: 23 maio 2018.

<sup>134</sup> Cf. AMÉRICA FUTEBOL CLUBE. Contra tudo e contra todos, BORA PRO INDEPA apoiar o #Coelhão no clássico decisivo da semifinal do Mineiro. VAMOS PELA VITÓRIA! #PraCimaDelesCoelho #TambémVamosCom12. 25 março 2018. *Twitter*: @AmericaMG. Disponível em: [goo.gl/Fz3vTD](http://goo.gl/Fz3vTD). Acesso em: 9 jul. 2018.

<sup>135</sup> Em tom de protesto, América-MG chama torcida para semi: #tambémvamoscom12. *Globo Esporte*, Belo Horizonte, 24 mar. 2018. Disponível em: [goo.gl/q6DSdq](http://goo.gl/q6DSdq). Acesso em: 23 maio 2018.

<sup>136</sup> AMÉRICA FUTEBOL CLUBE. Contra tudo e contra todos [...]. *Twitter*: @AmericaMG.

<sup>137</sup> Cf. AMÉRICA FUTEBOL CLUBE. Nossa camisa é centenária, tem peso. E o vermelho é em protesto, como no passado. Por uma arbitragem justa e isenta. #TambémVamosCom12 #PraCimaDelesCoelho. 25 março 2018. *Twitter*: @AmericaMG. Disponível em: [goo.gl/tEbXVM](http://goo.gl/tEbXVM). Acesso em: 9 jul. 2018.

Assim, era como se a campanha *#tambémvamoscom12* nos dissesse que todas as lutas travadas pelo clube contra as injustiças por ele sofridas tivessem começado ainda nos anos de 1930. Isso porque, relembremos aqui o texto da camisa vermelha do centenário americano, ainda naquele contexto de “mudança do amadorismo para o profissionalismo”, os conflitos extracampo em que o América se envolveu teriam se caracterizado por uma composição de forças desfavorável, já que Atlético, Palestra e dirigentes da AME haviam se reunido, não apenas para defenderem o profissionalismo, mas também para combaterem o América. Mais do que isso, a solitária defesa do amadorismo pelo América não apenas seria rechaçada politicamente pela maioria dos dirigentes do futebol mineiro, como o grupo majoritário, favorável à profissionalização, ainda teria “obrigado” o clube “a se enquadrar” ao novo regime, ameaçando “excluí-lo” das competições oficiais. Em tom dramático, toda essa imposição política, dizia ainda o texto da enquete do uniforme do centenário, poderia ter representado “uma sentença de morte”, uma possível extinção do América. Para evitar esse trágico destino, a diretoria americana, “acuada e sem saída”, acabou por aceitar o novo regime, embora “absolutamente inconformada”. E teria sido justamente como uma forma de externar todo esse “inconformismo” que o clube passou a usar, por “dez anos”, a tal camisa vermelha, em sinal de “protesto”.

Mas, se nos anos de 1930 o protesto americano teria sido motivado contra a injusta imposição de atleticanos, cruzeirenses e demais dirigentes do esporte mineiro, “hoje” a “luta” do clube seria muito maior; seria “contra tudo e contra todos”. Isso porque, ainda segundo o texto da camisa vermelha do centenário, volta e meia o América era submetido a constantes “desigualdades de tratamento e [...] contínuos equívocos e anomalias cometidos no futebol brasileiro”. Situações estas semelhantes, por exemplo, à dos confrontos contra o Atlético naquele Campeonato Mineiro de 2018, ou dos casos lembrados pelos torcedores do clube ao longo da competição.

Mas todo esse protesto americano não seria capaz de reverter a difícil situação da equipe após o resultado do primeiro jogo contra o Atlético. Ou, talvez, ele apenas tivesse antecipado uma possível justificativa americana para uma nova e dolorosa eliminação diante de seu principal rival. Isso porque, nessa segunda partida, o América foi novamente derrotado, dessa vez pelo placar de 2 a 0, e sem polêmicas envolvendo a arbitragem.

Se a mobilização do clube não surtiu o efeito esperado, à medida que o jogo desenrolava, e o Atlético se aproximava da classificação, os torcedores rivais, em especial os atleticanos, envolvidos diretamente no episódio, aproveitaram a oportunidade para também

interagir com a *hashtag* americana nas redes sociais, quase sempre, de maneira jocosa.<sup>138</sup> Com grandes doses de ironia, diversos internautas sugeriam que o título da campanha fazia referência ao número de americanos que estavam no Independência, dizendo: “#TambémVamosCom12 torcedores no indepa<sup>139</sup> [sic]”; “#TambémVamosCom12 não funciona mais. Depois de 2 gols do #Galo, 7 americanos já foram embora.”; ou ainda, “#TambemVamosCom12 [sic] / Todos os 12 indo embora / Chupa Microbio [sic]”. Outros associavam o número 12 à quantidade de americanos que regularmente, e supostamente, iam aos jogos do América, afirmando: “Campanha do América, #tambémvamoscom12 tá [sic] certinha, é o motorista + [sic] 11 passageiros da Kombi”. Houve ainda quem dissesse que essa era a quantidade de torcedores do América que existiam na cidade, como o caso da *tuiteira* que escreveu: “O América colocou em uma das placas no campo #TambemVamosCom12 [sic] para lembrar que nasceu mais um torcedor americano em Belo Horizonte. Até ontem eram 11.” Uma clara evidência de que as simbólicas manifestações americanas, mais uma vez, cairiam no vazio do clubismo belo-horizontino.

Ainda assim, para boa parte dos americanos, a campanha promovida pelo clube durante aqueles dias fez muito sentido. Não por coincidência, apesar da eliminação americana, ainda no primeiro semestre daquele ano, aproveitando-se da repercussão que o caso teve na imprensa e nas redes sociais, a loja oficial do clube passou a ofertar uma camisa de algodão, toda vermelha, que trazia no peito uma mascote e um escudo estilizados do América e, em destaque, a *#tambémvamoscom12* escrita em letras garrafais (Figura 24). Dessa maneira, o clube tornava acessível a quem quer que fosse, por um preço bem mais acessível que os uniformes oficiais de jogo, a camisa da injustiça e do protesto. Injustiças e protestos, como evidenciava a cor vermelha, que eram mais antigos do que poderiam supor muitos torcedores da capital mineira.

---

<sup>138</sup> As interações com a #TambémVamosCom12 podem ser vistas em: *Twitter*: #TambémVamosCom12, 23 a 26 mar. 2018. Disponível em: [bit.ly/32iJOzb](https://bit.ly/32iJOzb). Acesso em: 11 jul. 2019.

<sup>139</sup> Muitos belo-horizontinos chamam carinhosamente a Arena Independência, outrora Estádio, de “Indepa”.

Figura 23 – Jogadores do América em preleção com uniforme alvirrubro



Fonte: *Tweet* oficial do América.<sup>140</sup>

Figura 24 – Camisa vermelha #tambémvamoscom12



Fonte: Anúncio da *Loja do América*.<sup>141</sup>

Muito embora a repulsa do América à profissionalização do futebol, reverberada nas supostas frequentes “lutas” travadas contra as “desigualdades de tratamento” a que é submetido, seja recorrentemente partilhada pelo clube e por seus torcedores como produtoras de uma “postura” louvável entre os americanos, por certo essa não é única mensagem que essa memória tenta nos passar. Ao mesmo tempo, diria que, nas entrelinhas dessa narrativa, também transparece uma interpretação de que, a partir do momento em que o América perdeu a batalha contra o profissionalismo, era como se o clube igualmente tivesse perdido a capacidade de competir, em pé de igualdade, com os outros clubes do país, em especial, com seus rivais belo-horizontinos. Por isso, relembremos Paulo Vilara<sup>142</sup> e Marinho Monteiro,<sup>143</sup> os americanos acreditam piamente que nunca foram campeões estaduais enfrentando o Atlético em finais arbitradas por juízes mineiros na “Era Profissional” porque esses árbitros tinham uma clara inclinação a favor do nosso adversário. Não à toa, como vimos, alguns deles eram apelidados de Joaquim Cocó e Cidinho Bola Nossa. Por isso, também, a equipe americana não teria sido capaz de derrotar o Atlético nos confrontos válidos pelo Mineiro de 2018. Uma memória, portanto, que, em grande medida, reconhece a inferioridade histórica do América, definindo um marco inaugural para o ocaso do clube. Uma memória, como se verá

<sup>140</sup> AMÉRICA FUTEBOL CLUBE. Nossa camisa é centenária [...]. *Twitter*: @AmericaMG.

<sup>141</sup> Anúncio “Camisa vermelha vamos com 12 América”. *Loja do América*. Disponível em: [bit.ly/32vhrhA](http://bit.ly/32vhrhA). Acesso em: 14 jul. 2019.

<sup>142</sup> VILARA, Paulo. Um bandeirinha fora de série. *Estado de Minas*, Superesportes, Belo Horizonte, 23 fev. 2018. Disponível em: [goo.gl/vVV4aV](http://goo.gl/vVV4aV). Acesso em: 23 maio 2018.

<sup>143</sup> MONTEIRO, Mário César. A gota versus Oceano. *Decadentes*, 27 fev. 2018. Disponível em: [goo.gl/ATgF33](http://goo.gl/ATgF33). Acesso em: 23 maio 2018.

ao longo desta tese, que me parece ser a base do que chamarei aqui de *mito da decadente aristocracia americana*.

Isso porque tendo a pensar que a memória partilhada pelos americanos sobre o protesto contra o profissionalismo aproxima-se do que Jacques Le Goff<sup>144</sup> chamou de “ideologia” ou “mitologia da decadência”. De acordo com esse historiador francês, a ideia de decadência, substituída pelo conceito de crise na historiografia contemporânea, teria sido muito utilizada pelas sociedades humanas para explicar a queda, a ruína, o desmoronamento, a instabilidade e o declínio de um poder, uma cultura e uma moral hegemônicas e, conseqüentemente, a viragem, a renovação, a reforma e a correção da correlação de forças, dos costumes, das línguas, das letras, das artes e das ciências no mundo.<sup>145</sup> Como se a decadência, ou a “destru[ição] complet[a] [d]os restos e [d]as ruínas do velho ciclo”, fosse imprescindível “[p]ara que algo de verdadeiramente novo p[udesse] ter início”, como diz o mitólogo romeno Mircea Eliade.<sup>146</sup>

Aplicada a essa memória do protesto americano, é como se o novo futebol inaugurado nos anos de 1930, profissional, popular, pertencente a todas as raças e classes, e dominado por Atlético e Cruzeiro, só tivesse como surgir na capital mineira a partir da completa “extinção” do amadorismo elitista, branco, excludente. Conseqüentemente, o América, o decacampeão mineiro, o clube “mais querido da cidade” durante o amadorismo, o principal defensor desse “velho ciclo”, também deveria ser “sentenciado à morte” para que essa nova história fosse escrita. E que, muito embora essa “morte” não tivesse se concretizado, nessa “nova era” caberia ao América simbolizar aquele passado “decadente” e definitivamente superado por atleticanos e cruzeirenses, representando, por exemplo, uma elite que já não fazia mais a diferença para o universo do futebol. Daí, talvez, o América ser visto – e quando é visto – como um clube pequeno, inexpressivo, inofensivo, passadista, de velhos, de poucos e para poucos.

Mas, como afirma Raoul Girardet,<sup>147</sup> se todo mito é polimorfo e ambivalente em sua essência, o mito da decadência, segundo Le Goff,<sup>148</sup> curiosamente “[...] ‘corrige’ o seu pessimismo com uma crença ainda mais forte na vinda obrigatória de uma *renovação*”. Uma

<sup>144</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 343-386.

<sup>145</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 343-344.

<sup>146</sup> ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972, p. 40. (Debates; Filosofia).

<sup>147</sup> GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 15.

<sup>148</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 376. (grifô no original).

“renovação” que não é apenas a substituição do “velho” pelo “novo”, mas, principalmente, segundo Eliade,<sup>149</sup> uma crença estoica no “eterno retorno”. E isso, como se verá a seguir, também estaria presente nessa memória do protesto americano contra a profissionalização do futebol. Sobretudo quando alguns americanos, na contramão da narrativa dominante, de exaltação do episódio, procuram culpar o próprio América pelos destinos do clube, acreditando, apesar dos insucessos e sofrimentos recorrentes, que, um dia, a história poderá ser escrita de outra maneira.

#### 2.4 “Por que sempre perdemos o bonde da história?”

Como procurei demonstrar com a enquete da camisa do centenário americano, já há algum tempo, o lançamento dos novos uniformes de futebol, junto com os anúncios de contratações e despensas de jogadores e as informações sobre os primeiros ensaios do novo elenco, converteu-se em um dos eventos mais aguardados pelos torcedores no início de cada temporada. No final de 2015, aproveitando-se de um momento festivo proporcionado pelo acesso à Série A do Campeonato Brasileiro, a diretoria americana antecipou um pouco esse calendário e anunciou que Ronaldo Fraga seria o responsável por “desenvolver os [novos] modelos [do clube] para jogos, treinos e viagens”.<sup>150</sup>

Ronaldo Fraga é um estilista, empresário e criador mineiro bastante popular, ao menos em Belo Horizonte. Seus trabalhos estampam uma infinidade de peças utilitárias, como roupas, calçados, óculos, carteiras, bolsas, almofadas, guarda-chuvas, canecas, pratos, toalhas de mesa, móveis e até sacolas retornáveis, que podem ser adquiridos e apreciados, com certa facilidade, em lojas e ruas da cidade. Suas novas coleções e seus desfiles são, com frequência, destaque na imprensa nacional, e os *experts* no assunto valorizam o fato de suas criações “transita[rem] entre a arte, o design e a moda”, representando “painéis expressivos da cultura brasileira”.<sup>151</sup> Não por coincidência, em 2007, o Ministro da Cultura, Gilberto Gil, concedeu-lhe a importante Comenda da Ordem Cultural, a primeira dada a um representante da moda nacional.

O simples fato de a diretoria americana convidar um estilista para desenhar sua nova linha de uniformes, ainda mais um estilista da estirpe de Ronaldo Fraga, já seria suficiente para provocar os sentimentos e opiniões daqueles mais envolvidos com o futebol na capital

---

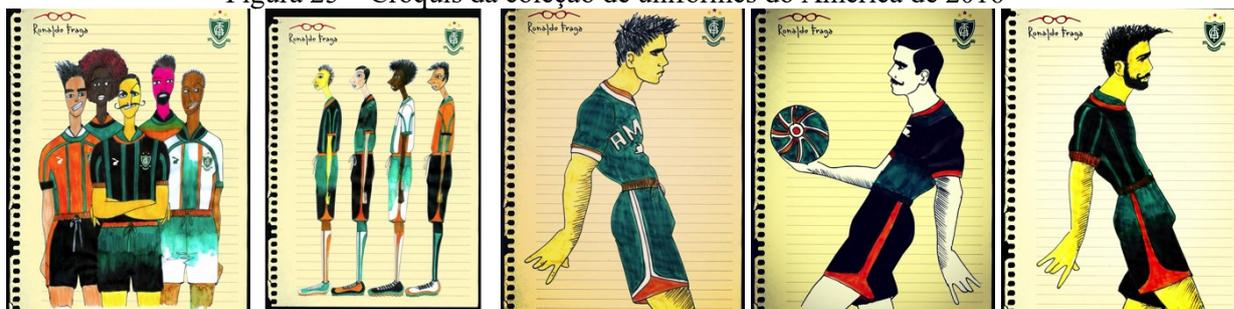
<sup>149</sup> ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972, p. 48. (Debates; Filosofia).

<sup>150</sup> América-MG terá uniforme desenhado pelo estilista mineiro Ronaldo Fraga. *Globo Esporte*, Belo Horizonte, 19 dez. 2015. Disponível em: [goo.gl/qrAQDr](http://goo.gl/qrAQDr). Acesso em: 15 ago. 2017.

<sup>151</sup> VIEIRA, Luciana Rothberg. *Na superfície têxtil: narrativas em estampas de Ronaldo Fraga*. 2012. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012, p. 30-31.

mineira. Especialmente se levarmos em consideração que, por meio dessa parceria, Ronaldo Fraga tenha se tornado “o primeiro estilista de renome nacional a desenhar [o] conjunto de roupas de um time nacional”.<sup>152</sup> Bastou então que os primeiros croquis da nova coleção fossem divulgados pela imprensa (Figura 25) para que um acalorado debate se iniciasse entre os americanos.<sup>153</sup>

Figura 25 – Croquis da coleção de uniformes do América de 2016



Fonte: Postagens da conta oficial de Ronaldo Fraga no *Instagram*.<sup>154</sup>

Alguns dos críticos mais contumazes do projeto vaticinavam, por exemplo, que Ronaldo Fraga havia “estrag[ado] a nova camisa” e “invad[ido] a TRADIÇÃO [sic] das cores do Coelho”.<sup>155</sup> Para eles, o uso excessivo da cor preta, identificada com o Atlético, histórico rival do América, era algo inaceitável, quase uma heresia cometida pelo estilista. Mas a maioria dos descontentes se surpreendeu mesmo com a presença da cor laranja nos uniformes, uma novidade introduzida por Ronaldo Fraga. Vários deles disseram que o estilista havia “inventado moda”, “viajado na maionese”, confundido campo de futebol com passarela. “Uniforme não é vestidinho. É coisa séria”, diziam.

Mas, curiosamente, ao publicar alguns croquis dos futuros uniformes americanos em suas redes sociais, o estilista revelaria que uma de suas maiores influências teria sido, justamente, a camisa vermelha. Isso porque, segundo ele:

Em 1934 o América usa pela primeira vez o uniforme em vermelho. Mas para que não [sic] fosse confundido com o vermelho e verde do Palestra Italia [sic] optaram por um tom vermelho alaranjado. Optamos por um laranja luminoso que além de

<sup>152</sup> América-MG terá uniformes desenhados por estilista cruzeirense, e torcedores criticam. *ESPN Brasil*, blog Olha isso..., 19 dez. 2015. Disponível em: [bit.ly/2Sxg6SM](http://bit.ly/2Sxg6SM). Acesso em: 19 jul. 2019.

<sup>153</sup> Para uma apreciação da repercussão dos uniformes desenhados por Ronaldo Fraga nas redes sociais, ver postagens no tópico intitulado: *Uniformes 2016*. Fórum da Avacoelhada América MG. Byte bola virtual. 18 dez. 2015/14 out. 2016. Disponível em: [goo.gl/Q8rjPq](http://goo.gl/Q8rjPq). Acesso em: 15 ago. 2017.

<sup>154</sup> *Instagram*: @fragaronaldo. Postagens entre 18 e 22 dez. 2015. Disponível em: [instagram.com/fragaronaldo](http://instagram.com/fragaronaldo). Acesso em: 17 ago. 2017.

<sup>155</sup> Essas críticas foram retiradas do texto do blogueiro americano Matheus Laboissière, reproduzido pelo internauta de *nickname* Careca Americano, no Fórum da Torcida Desorganizada Avacoelhada. Cf. CARECA AMERICANO. *Uniformes 2016*. 20 dez. 2015, 7:08:00 PM.

representar energia contrasta muito bem com o verde e preto, contrasta os detalhes e põe a tradição em diálogo com outras frentes.<sup>156</sup>

Ainda assim, a maior parte dos americanos não viu qualquer relação entre o laranja das camisas desenhadas pelo estilista e o cultuado vermelho do uniforme dos anos de 1930 e 1940. Outros consideraram essa relação “bem forçad[a]” ou “débil” demais.<sup>157</sup>

Em meio ao oceano de acusações, Henrique Pinheiro<sup>158</sup> se notabilizou como um dos poucos americanos que saiu em defesa pública do projeto. Em crônica publicada na coluna “...fora o baile...”, do blogue *Caldeirão do Deca*, o blogueiro rebateu os críticos, elogiando o trabalho, ainda que incipiente, do renomado estilista e, principalmente, a iniciativa do América em convidá-lo para assinar a nova coleção de uniformes. Para ele, “respeitar a história [seria] diferente de se apegar a minúcias, a uma camisa”. Em sua opinião, “[n]ão ser[ia] um laranjinha na gola” do novo uniforme, “listras com 5 milímetros a mais pra lá ou pra cá, ou [um] tom de verde com mais ou menos ciano” “que fa[r]iam o América deixar de ser América”. E, para justificar seus argumentos, recuperava, de maneira irônica, justamente a narrativa do protesto americano contra o profissionalismo.

Assim, logo nos primeiros parágrafos de seu texto, antes mesmo de comentar os desenhos do estilista e a iniciativa da direção americana em convidá-lo, o blogueiro brincava com seu público leitor afirmando que apenas naquele 24 de fevereiro de 2016, data em que seu texto foi ao ar, ele havia descoberto que o “América perdeu sua luta contra a profissionalização do futebol”, empreendida pelo clube nas “décadas de 1930 e 1940”. O principal indício dessa tardia revelação, que lhe fora feita por um “passarinho verde”, seria, justamente, o convite da diretoria americana para que Ronaldo Fraga assinasse a nova coleção de uniformes do América. Algo que, segundo ele, representava a “evolução ou renovação” do clube, que só agora se mostrava “atento às oportunidades de mercado, mídia e tudo mais o que aparecer fora das quatro linhas”. Uma “oportunidade sensacional” de realizar uma “bela exposição [de sua marca] na mídia” e de conquistar novos corações, especialmente os da “molecada” e das “meninas”. Oportunidades de grande valia para um clube que teria “tanta

<sup>156</sup> FRAGA, Ronaldo. Em 1934 o América usa pela primeira vez o uniforme em vermelho. Mas para que nao confundido com o vermelho e verde do Palestra Italia optaram por um tom vermelho alaranjado. Optamos por um laranja luminoso que além de representar energia contrasta muito bem com o verde e preto, contrasta os detalhes e põe a tradição em diálogo com outras frentes. Belo Horizonte, 22 dez. 2015. *Instagram*: @fragaronaldo. Disponível em: [bit.ly/2XE6ZQZ](http://bit.ly/2XE6ZQZ). Acesso em: 11 jul. 2019.

<sup>157</sup> Exemplo de crítica nesse sentido pode ser encontrada em: JABUR, Miguel. Com a tradição não se brinca. *Globo Esporte*, Torcedor do América Mineiro, 14 mar. 2016. Disponível em: [glo.bo/30xgpzH](http://glo.bo/30xgpzH). Acesso em: 11 jul. 2019.

<sup>158</sup> PINHEIRO, Henrique. Chora mais: vai ter laranja, sim! E se reclamar muito, vai ter Flicts. *Globo Esporte*, blogs, torcedor do América Mineiro, Coluna “...fora o baile...”, 24 fev. 2016. Disponível em: [goo.gl/iN8Enu](http://goo.gl/iN8Enu). Acesso em: 15 ago. 2017.

dificuldade em colocar torcedores em campo”, principalmente no contexto atual, onde, segundo o blogueiro, o “dinheiro”, “o faz-me-rir [sic], o poder econômico” são tão “importante[s] e faz[em] falta” para qualquer clube de futebol profissional.

Como de costume nos blogues disponíveis na internet, após ser publicado, o texto de Henrique Pinheiro recebeu alguns comentários que, pelo caráter laudatório às suas ideias, presumo terem sido formulados também por torcedores do América. Dentre esses comentários, havia um, por exemplo, que dizia o seguinte:

Excelente texto. Concordo com tudo o que disse. Sem frescurices, né moçada [sic]! Temos que correr atrás de meio século de atraso em relação à profissionalização do nosso futebol. Provavelmente não vai dar tempo, mas não custa sonhar. Saudações TRICOLORS [sic].<sup>159</sup>

Para o comentador de Henrique Pinheiro, a “dificuldade [do América] em colocar torcedores em campo” e o convívio com baixas receitas, descritos pelo blogueiro, representavam uma realidade decadente, de “meio século de atraso” do clube. Isso porque, como ele disse, o América ainda não havia compreendido, provavelmente desde os anos de 1930, “os tempos em que vivemos”. Mas se o texto do blogueiro carregava um certo tom otimista em relação à iniciativa da diretoria de *marketing* americana, possivelmente capaz de reverter essa histórica realidade do clube, o comentarista de seu texto concluía com algumas doses de fatalismo estoico, típico do “mito da decadência”, argumentando que, mesmo com muito trabalho e “sonho”, “provavelmente” o América não conseguiria dar a volta por cima.

E essa interpretação de que a culpa pela decadência americana seria do amadorismo de sua diretoria não foi uma invenção de Henrique Pinheiro ou de seu comentador. Ao que me parece, ela está tão disseminada quanto a narrativa que valoriza o episódio do protesto como um símbolo positivo da identidade americana.

Em julho de 2007, por exemplo, o moderador do *Fórum da Avacoelhada*, um dos mais antigos e referenciais espaços de discussão dos americanos na internet, abriu um tópico para divulgar a comercialização da camisa vermelha do América que havia sido reeditada por iniciativa da tal oficina mecânica.<sup>160</sup> Naquela ocasião, o América atravessava uma das piores fases de sua história, tendo sido recentemente rebaixado ao Módulo II do Campeonato Mineiro, algo equivalente à segunda divisão do estadual. Em meio às interações produzidas

<sup>159</sup> Retirado dos comentários do texto: PINHEIRO, Henrique. Chora mais: vai ter laranja, sim! E se reclamar muito, vai ter Flicts. *Globo Esporte*, blogs, torcedor do América Mineiro, Coluna “...fora o baile...”, 24 fev. 2016. Disponível em: [goo.gl/iN8Enu](http://goo.gl/iN8Enu). Acesso em: 15 ago. 2017.

<sup>160</sup> Ver divulgação e repercussão dessa camisa em: ZEUSTACHIO. Camisa vermelha do América! *Fórum da Avacoelhada América MG*. Byte bola virtual, 9 jul. 2007. Disponível em: [bit.ly/2xv42aR](http://bit.ly/2xv42aR). Acesso em: 5 jul. 2019.

pela notícia, um internauta se prontificou a explicar a origem do inusitado uniforme, dizendo que “[a] cor vermelha [representava o] protesto ao profissionalismo que o América não [sic] coadunou e usou tal cor!” Poucas horas depois, outro participante do *Fórum* o respondia, afirmando que “[...] até hoje o América não entrou no profissionalismo. / Vive no amadorismo.” A manifestação foi apoiada por outros três americanos frequentadores desse espaço de discussão. Um deles, em especial, escreveu, em caixa alta: “CONCORDO 2X / ‘VIVA AO FUTURO CENTENARIO [sic] CLUBE DE FUTEBOL AMADOR DE BELO HORIZONTE’”. Dessa maneira, era como se aqueles americanos dissessem que o clube só estava naquela incômoda situação porque sua diretoria havia se negado historicamente a aceitar o profissionalismo, a começar pelos anos de 1930.

Cinco anos mais tarde, foi a vez de uma narrativa bem semelhante ser expressa em outro tópico do *Fórum da Avacoelhada* dedicado a discutir os uniformes do centenário do clube. Logo no dia seguinte à derrota americana em casa para o Ceará, pelo placar de 3 a 1, encerrando o primeiro turno da Série B de 2012, um membro do *Fórum* escreveria que “[a]gora [ele] entendia a camisa vermelha no centenário: quer dizer VERGONHA [sic]”. Algumas horas depois, outro assíduo participante desse espaço de discussões ironicamente discordou da manifestação, argumentando o seguinte: “não [sic] é isso, a camisa vermelha representa o protesto contra o profissionalismo, ou seja, somos eternos amadores ainda”.

Já no final de 2018, Jairo Viana<sup>161</sup> publicou uma emotiva crônica no *Decadentes*, que, digamos assim, fazia coro ao mito da decadência americana. O texto, que recebia o sugestivo título de “Por que?”, se iniciava com uma sequência de 18 perguntas que procuravam questionar e, ao mesmo tempo, indicar as possíveis respostas para os insucessos históricos do clube. Como, naquela ocasião, a equipe americana havia acabado de ser rebaixada para a “segundona” nacional pela sexta vez em sua história, dividindo com o Vitória da Bahia o topo do “ingrato *ranking*”<sup>162</sup> de clubes rebaixados da Série A do Brasileirão, a maior parte das perguntas formuladas por Jairo Viana fazia referência aos supostos erros cometidos pelo América ao longo daquela competição. Dessa maneira, o autor se questionava, por exemplo: “Por que perdemos um técnico no meio de um campeonato para um rival?”; “Por que perdemos um mês de pré temporada [sic] durante a copa [sic]?”; “Por que insistir em um armador bichado [sic] e trazer um reserva que fez apenas um jogo?”; “Por que um atacante perde um gol na cara [sic] em um jogo de vida e morte?”; “Por que nosso mais bem pago

<sup>161</sup> VIANA, Jairo. Por que? *Decadentes*, 3 dez. 2018. Disponível em: [bit.ly/30GXH8L](http://bit.ly/30GXH8L). Acesso em: 19 jul. 2019.

<sup>162</sup> Lista de rebaixados no Brasileirão: América-MG e Vitória assumem liderança; veja ranking. *Globo Esporte*, Rio de Janeiro, 2 dez. 2018. Disponível em: [glo.bo/2GiwUbi](http://glo.bo/2GiwUbi). Acesso em: 19 jul. 2019.

jogador amarelou [sic] para bater um penal em seu ex-clube [sic]?” e etc. E, mais uma vez reverberando todo o estoicismo da mitologia decadente, terminava sua sequência de porquês se perguntando: “Por que continuar torcendo para esse time, o América Futebol Clube?”

Mas, em meio a esse conjunto de sofridas indagações, Jairo Viana não se esqueceu de questionar alguns prováveis erros pregressos e capitais cometidos pelo clube. Dentre eles, havia uma pergunta que muito se assemelhava às considerações tecidas por Henrique Pinheiro e seu comentarista naquele ano de 2016. Uma pergunta que dizia o seguinte: “Por que sempre perdemos o bonde da história, desde a recusa ao profissionalismo?” Uma pergunta que também poderia ser associada a uma outra formulada por ele, muito típica das narrativas decadentes: “Por que apoiar um conjunto de dirigentes que tem a cabeça no passado e teme o futuro?”.

Por fim, para ilustrar o quanto essa interpretação do ocaso americano é forte entre os torcedores do América, aproveito para relatar mais um de meus casos pessoais. No segundo semestre de 2017, o prédio onde moro recebeu uma nova família de moradores. Para minha surpresa, seu progenitor é um americano talvez ainda mais fanático que eu. Desde que se fixaram entre nós, diariamente o vejo trajando uniformes do América e, quase todos os dias, na hora do almoço e ao entardecer, ouço ecoar de sua cozinha as notícias do “Rádio Esportes” e da “Turma do Bate-Bola”, dois dos mais conhecidos noticiários esportivos da cidade transmitidos pela *Rádio Itatiaia*. Também depois que o conheci, quase sempre o avisto no Estádio Independência e proximidades em dias de jogos do América. E, quando a equipe americana joga fora de Belo Horizonte, consigo captar, da sala da minha casa, suas manifestações de apoio, desaprovação, êxtase ou descontentamento, típicas de um torcedor apaixonado que acompanha, a distância, seu clube do coração. Algo, aliás, que, muito provavelmente, ele também consegue ouvir vindo da minha casa.

Certo dia, logo nas primeiras semanas de convivência, o encontrei nas escadas do prédio e, além de conversarmos sobre futebol e sobre o América, em particular, aproveitamos a ocasião para nos conhecermos um pouco mais. Provavelmente curioso com meus expedientes domésticos e paternos, ele me perguntou “o que eu fazia”, ao que respondi que era professor de História, mas que, desde 2015, vinha me dedicando, como doutorando, a um projeto de pesquisa que, grosso modo, tinha o objetivo de entender o que havia acontecido com o América para que ele não alcançasse o posto de um dos grandes do nosso futebol. Embora seja carreirista em um banco particular, meu novo vizinho não se fez de rogado e, dando uma de orientador, primeiro me aconselhou para, em seguida, apresentar sua versão sobre os fatos. Diante desse propósito central, dizia ele, minha pesquisa deveria versar sobre a

profissionalização do futebol, já que o América começou a perder prestígio e força quando protestou contra esse regime nos anos de 1930. Por isso, apesar de colecionar uniformes do América, ele me falou que não quis comprar nenhuma das camisas vermelhas que o clube reeditou nos últimos anos. Sem querer entrar muito nos pormenores, disse a ele que vinha fazendo algo mais ou menos nesse sentido e, depois de mais uma meia dúzia de assuntos trocados, seguimos nossas rotinas.

Como meu interesse nesta tese não é propriamente o de avaliar historicamente os possíveis erros e acertos da gestão americana, limito-me aqui a interpretar todas essas manifestações como expressão de um sentimento partilhado por um conjunto de torcedores do clube. Um sentimento que parte do pressuposto de que o América deveria ter feito justamente o oposto do que fez e tem feito. Segundo esses discursos, o América deveria ter explorado o *marketing* esportivo, atraído novos torcedores, investido racionalmente na montagem de seus elencos, conquistado títulos e se mantido estável na elite do futebol nacional. Em última análise, o América deveria ter abraçado o profissionalismo ao invés de protestar contra ele lá nos anos de 1930. E, mais do que isso, deveria parar de negá-lo sistematicamente. Enquanto não fizer isso, continuará sendo um clube “atrasado”, de “amadores” e de “aristocratas decadentes”. E que continuará conversando com as paredes.

Em grande medida, toda a narrativa histórica que sustentaria esse sistema de representações definidores do América e dos americanos foi recentemente sistematizada em um caudaloso e luxuoso livro. Uma obra resultante de uma pesquisa de fôlego, que consagraria seu autor como o legítimo historiador oficial do América. Uma história, portanto, também oficial, que evidencia, de maneira clara, a relação do clubismo americano com o mito da decadente aristocracia americana. E é sobre essa publicação, e seu autor, que passo agora a escrever.

### CAPÍTULO 3 – “ISSO ESTÁ NAS PÁGINAS IMORTAIS DO AMÉRICA”

Em um dia qualquer de 1974, Osias de Oliveira e seu filho Carlos Eduardo se puseram em frente ao rádio de casa para acompanhar o desempenho do seu “time do coração”.<sup>163</sup> Assim que a bola rolou, Osias passou a apreciar os lances da partida a partir das reações do filho. Carlos Eduardo, pouco mais de 16 anos, ouvidos atentos ao jogo, vibrava a cada ataque amigo e sofria a cada investida adversária. Observando a devoção do filho pelo América, Osias lembrou seu saudoso pai, João Antônio, que lhe ensinou, ainda na infância, o “prazer” de ser americano. Aos poucos, também recordou o sogro, o seu Manoel Luiz, mais conhecido como “Luiz Capixaba”, “caminhoneiro que viveu e morreu amando o América em Sete Lagoas”, transmitindo “este amor” à filha Leny, sua esposa e mãe de Carlos Eduardo. Àquela altura, a família Paiva de Oliveira podia se orgulhar de ter três gerações de americanos “puro-sangue”, pensava ele.<sup>164</sup>

Absorto pelas lembranças que o filho lhe provocara, Osias se desligou, por um instante, da narração do jogo que ecoava do antigo aparelho de som de sua casa. De repente, se viu surpreendido com Carlos Eduardo saltando bruscamente em frente ao rádio. Já recobrado do susto, viu o filho lamentar a chance de gol desperdiçada pelo América e ouviu o radialista, também entusiasmado com o lance, dizer: “Isso está nas páginas imortais do América”. “Quanto exagero”, pensou. Mas não para o filho.

Tão logo o comentário foi proferido pelo radialista, Carlos Eduardo, que até aquele momento havia permanecido em silêncio, atento ao jogo, procurou saber de seu pai onde estavam as tais “páginas imortais” americanas. Para sua surpresa, Osias lhe contou que elas ainda não haviam sido escritas. Ao menos não que ele soubesse.

Diante da resposta que seu pai lhe deu, o jovem Carlos Eduardo decidiu tomar para si a “nobre” tarefa de redigir as “páginas imortais” do América. Assim, ainda em 1974, iniciou o que ele próprio chamou, anos mais tarde, de um “trabalho primitiv[o]”<sup>165</sup> de coleta e

<sup>163</sup> O trecho biográfico que apresento nesses primeiros parágrafos foi construído livremente a partir do texto de divulgação da *Enciclopédia do América*, publicado pelo clube em seu site oficial. Embora o texto tenha saído do ar, uma cópia dele ainda pode ser encontrada em: As páginas imortais do América de Minas. *Aqipossa Informativo*, coluna “Então é isso...”, 11 maio 2012. Disponível em: [goo.gl/9sK8o3](http://goo.gl/9sK8o3). Acesso em: 11 out. 2018.

<sup>164</sup> A narrativa sobre a ascendência americana de Carlos Paiva foi inspirada em: PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão: a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, s/p [dedicatória]. E também em: PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Minha paixão: o América Futebol Clube, BH, o América Mineiro*. Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2011, s/p [dedicatória]. (Minha paixão; 1)

<sup>165</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão: a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, s/p [O Decampeão de nossos corações].

sistematização de informações relativas à história americana. Iniciava-se ali a trajetória do futuro historiador oficial do América, o Carlos Paiva, ou simplesmente “Carlinhos” para os americanos.

Mas definir Carlos Paiva apenas como pesquisador ou historiador do América não faz jus ao que ele representou e representa para o clube. Mais do que qualquer um desses predicados, sem dúvida alguma, Carlos Paiva é um exemplo preciso do que o antropólogo Arlei Damo<sup>166</sup> chamou de “torcedor militante”, popularmente conhecido como “torcedor fanático, doente, cego”. Um torcedor de “corpo e alma”, que vivencia o clube no seu dia a dia, manifestando seu “pertencimento”, muitas vezes, fora do “espaço-tempo de jogo”. E que, aos olhos daqueles que não comungam dos mesmos sentimentos que os dele, têm atitudes consideradas como irracionais. Algumas das quais, no caso de Carlos Paiva, reveladas por ele próprio.

Isso porque, de acordo com suas notas autobiográficas,<sup>167</sup> sua vida se confundiria com sua “militância” nas “hostes” alviverdes. No início dos anos de 1980, por exemplo, formou-se em Biblioteconomia, pela UFMG, e especializou-se em “documentos antigos só para ter acesso aos jornais que traziam a história do América”. De lá para cá, leu “cerca de 70 mil jornais”<sup>168</sup> de diversos arquivos, bibliotecas e hemerotecas públicos, indo até Salvador e São Paulo em busca de informações sobre o passado americano. Comprou um “rádio de sete faixas” para escutar jogos de futebol do América realizados fora de Belo Horizonte e que não contavam com a cobertura da imprensa local, anotando, em primeira mão, as escalações das equipes, os trios de arbitragem, as substituições realizadas, os cartões aplicados e os gols assinalados de cada confronto americano.<sup>169</sup> Isso quando ele próprio não organizava as “caravanas” de torcedores para ver o América jogar Brasil afora, muitas delas de torcidas organizadas que ajudou a fundar e para as quais confeccionou bandeiras e bandeirões, selos e símbolos. Dentre elas, as pioneiras Torcida Jovem e COEL, fundadas ainda nos anos de 1970; a última, como já mencionei no capítulo anterior, possivelmente a Organizada americana mais antiga que ainda se encontra ativa nas arquibancadas do Independência e da qual Carlos Paiva

<sup>166</sup> Sobre o “torcedor militante”, ver: DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editora, Anpocs, 2007, p. 51-52.

<sup>167</sup> Quando não referenciadas, as informações biográficas de Carlos Paiva, apresentadas nos próximos parágrafos, foram retiradas de: PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Minha paixão: o América Futebol Clube, BH, o América Mineiro*. Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2011, p. 150-151.

<sup>168</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão: a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, s/p.

<sup>169</sup> O relato sobre o “rádio de sete faixas” me foi revelado por Carlos Paiva em entrevista realizada em 2012. PAIVA, Carlos. *Carlos Eduardo Paiva de Oliveira: depoimento* [ago. 2012]. Entrevistador: Marcus Vinícius Costa Lage, 2012 (95 minutos).

é o atual “presidente de honra”. Além disso, organizou, na antiga sede social do clube, localizada na rua Mantena, no bairro Ouro Preto, região da Pampulha, diversos bailes de carnaval, galerias de troféus e exposições, envolvendo o patrimônio e a memorabilia americana, em comemoração aos 80 e 90 anos de fundação do América. Ali também coordenou “escolinhas” de diversas modalidades esportivas. Transitando pelas arquibancadas e sede social americanas, Carlos Paiva se tornou “conselheiro benemérito” do América e, mais do que isso, recolheu ainda diversos “documentos”, “fotos pessoais” e depoimentos de torcedores, atletas e familiares de americanos para seu projeto de redação das “páginas imortais” do clube.<sup>170</sup>

Assim, pouco a pouco, Carlos Paiva passou a ser reconhecido publicamente como um sábio conhecedor da história do clube, uma espécie de “guardião da verdade” americana e um legítimo “historiador da casa”, como diria Michael Pollak.<sup>171</sup> Um dos principais responsáveis por cuidar da imagem que o América “passa de si mesm[o]”, respondendo institucionalmente por seu passado. Não por coincidência, foi convidado pela *TV Alterosa* nos anos de 1980 para representar o América no programa “O povo na TV”, comandado pelo lendário radialista e apresentador de programas de auditório Dirceu Pereira. Já nos anos 2000, tornou-se “fonte de consultas estatísticas para a Assessoria de Imprensa do América”, para importantes veículos da imprensa esportiva nacional, para graduandos, mestrandos e doutorandos que estudam “a história [...] do esporte em Minas Gerais” e pelos próprios americanos interessados no passado do clube.

Apesar disso, no início dos anos 2000, as tais “páginas imortais” do América de Carlos Paiva ainda não haviam deixado de ser um sonho juvenil – um claro exemplo da forma como os clubes e as entidades reguladoras dos esportes no Brasil, dentre eles, o futebol, se relacionam com suas histórias e suas memórias. Ou, para usar uma definição de Jacques Le Goff,<sup>172</sup> como um dos traços da “cultura histórica”, no caso, das instituições esportivas de nosso país. Valendo-me ainda do renomado historiador francês, diria que essas instituições não são de todo avessas ao passado, possuindo, ao contrário, um “gosto” até mesmo acentuado por suas histórias. Como vimos no capítulo anterior, por iniciativa delas, ou a partir de suas vivências, entramos em contato, cotidianamente, com algum tipo de registro da

---

<sup>170</sup> Sobre as fontes mobilizadas por Carlos Paiva, ver: PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão: a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 148-149.

<sup>171</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudo Históricas*, FGV/CPDOC, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 11-12.

<sup>172</sup> As citações a seguir relacionadas à “cultura histórica” foram retiradas de: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 49-76.

história do futebol, especialmente, por meio das diferentes *media*, que, como o próprio nome já evidencia, seriam responsáveis, mais uma vez segundo Jacques Le Goff, por “mediar”, ou “vulgarizar” essas histórias, difundindo, ou reverberando “memórias”, “mitos”, “anedotas” no “imaginário coletivo”.

Apesar disso, como muito bem assinalaram os historiadores Victor de Melo, Maurício Drumond, Rafael Fortes e João Santos,<sup>173</sup> quando existem, essas iniciativas são muito tímidas ou intermitentes. Isso porque, de acordo com o historiador Hilário Franco Júnior,<sup>174</sup> suas motivações, na maior parte das vezes, dizem respeito à “imediatez de uso interno (política no clube) e externo (interesses mercadológicos do clube)”. O que explica o fato de serem reservadas, quase sempre, às comemorações de efemérides consagradas pelo *marketing* esportivo, como os centenários ou os aniversários de títulos, de “feitos esportivos” e de ídolos. Realidade que muito bem expressa o caso de Carlos Paiva.

Só para se ter uma ideia, mesmo sendo reconhecido, inclusive pelo próprio clube, como historiador oficial do América, nos mais de 40 anos dedicados à pesquisa da história americana ele acumulou essa função de maneira não remunerada, com seus trabalhos de biblioteconomista, agente cultural e, desde meados dos anos 2000, de empresário e comerciante no interior paulista. A ponto de, em 2004, ele pedir demissão de seu trabalho como “animador sociocultural” do Serviço Social do Comércio (SESC), na capital paulista, para se dedicar exclusivamente à redação das tais “páginas imortais”.<sup>175</sup> Uma dupla e ambígua condição só aceita, evidentemente, por seu cariz de torcedor “militante”.

Talvez um dos poucos momentos em que Carlos Paiva não viveu essa dupla condição tenha sido às vésperas da comemoração do centenário americano, quando alguns dirigentes do clube decidiram apoiar financeiramente seu projeto de edição e publicação da história americana. Foi dessa maneira que, entre 2011 e 2012, o historiador do América conseguiu, enfim, lançar os livros *Minha paixão*<sup>176</sup> e *Enciclopédia do América*,<sup>177</sup> ambos editados pela Editora Gráfica Alicerce, uma empresa especializada em impressões de materiais

---

<sup>173</sup> MELO, Victor Andrade de et al. *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p. 153-155. (Coleção Visão de Campo).

<sup>174</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. Futebol, sociedade, cultura: Apontamentos a título de conclusão. In: CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela (Org.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 381.

<sup>175</sup> PAIVA, Carlos. *Carlos Eduardo Paiva de Oliveira*: depoimento [ago. 2012]. Entrevistador: Marcus Vinícius Costa Lage, 2012 (95 minutos).

<sup>176</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Minha paixão*: o América Futebol Clube, BH, o América Mineiro. Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2011. (Minha paixão; 1).

<sup>177</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América*: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012.

promocionais – cartazes, catálogos, *folders*, *flyers*, pôsteres e revistas – que, segundo me informou Carlos Paiva, até aquele momento, não havia publicado um livro sequer.<sup>178</sup>

Como o próprio autor fez questão de registrar,<sup>179</sup> *Minha paixão*, de 2011, trata-se de “um resumo de partes” da *Enciclopédia do América*, lançada no ano seguinte, e do *Almanaque do América*, que ainda segue no prelo e sobre o qual comentarei mais adiante. Seguindo o “conceito de *marketing*” editorial dos livros de bolso<sup>180</sup> – não por coincidência, a obra foi anunciada como um *pocket book* nas redes sociais americanas –,<sup>181</sup> essa primeira publicação do historiador oficial do América seria composta por pouco mais de 150 páginas, todas elas impressas em verde e branco, sem ilustrações, em formato reduzido – 15 x 11,5 cm –, com papel de baixa gramatura, encadernadas em brochura simples e capas moles. De acordo com seu sumário, esse breve texto foi organizado em pouco mais de 20 capítulos, que, em sua maioria, sistematizam, em extensas listagens, diversas informações: a) relativas aos “recordes” obtidos pelos times de futebol profissional do clube, como, por exemplo, “As maiores goleadas” alcançadas, os “Principais títulos” conquistados, os “Jogos históricos” e “internacionais” já realizados e os seus “Adversários no Campeonato Brasileiro [de] 2011”; e b) referentes às personalidades americanas, incluindo: i) seus jogadores de futebol – “Quem mais jogou”; “Os maiores artilheiros”; aqueles que serviram à “Seleção Mineira” e à “Seleção Brasileira”; e alguns outros considerados pelo autor como “Jogadores principais” –; ii) os “Técnicos” que comandaram as equipes de futebol do América; e, iii) os dirigentes do clube, apresentados nos capítulos “Patronos”, “Presidentes de honra”, “Presidentes” e “Conselho Deliberativo 2006/2011”. Abrindo esse conjunto de informações, Carlos Paiva apresentava ainda quatro capítulos que têm como objetivo, digamos assim, introduzir o leitor aos principais “Símbolos” do clube – uniformes, escudos, bandeiras e mascote –, ao “Hino” oficial do América e às diferentes músicas compostas em sua homenagem, às suas principais torcidas organizadas – capítulo intitulado “Torcida” – e a um “Resumo da História” do América – ou “História resumida”, segundo a página inaugural do capítulo, que perfaz um total de 10 páginas, ou pouco mais de 5% da obra.

<sup>178</sup> PAIVA, Carlos. *Carlos Eduardo Paiva de Oliveira: depoimento* [ago. 2012]. Entrevistador: Marcus Vinícius Costa Lage, 2012 (95 minutos).

<sup>179</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Minha paixão: o América Futebol Clube, BH, o América Mineiro*. Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2011, s/p [Apresentação]. (Minha paixão; 1).

<sup>180</sup> Sobre a definição dos livros de bolso como um “conceito de *marketing*” editorial, ver: PINHEIRO, Flora Borges. *Vira-Vira da BestBolso: uma estratégia para livro de bolso*. Monografia (Graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011, p. 13.

<sup>181</sup> O livro foi anunciado como um *pocket book*, por exemplo, pelo moderador do Fórum da Avacoelhada Marco Antônio. Cf. *A Voz da Arquibancada*. Fórum da Avacoelhada. Byte bola virtual. 18 maio 2012. Disponível em: [goo.gl/6Bz1UT](http://goo.gl/6Bz1UT). Acesso em: 17 jul. 2018.

Mas, por ora, deixemos *Minha Paixão* de lado para concentrarmos a atenção na obra-prima de Carlos Paiva. Um livro que, tão logo passou a circular no mercado editorial, se converteu na principal referência sobre o passado americano. Quem conhece seu texto, por exemplo, não encontra dificuldades em perceber que é ele que subsidia boa parte dos conteúdos históricos do clube publicados em *sites* diversos, como: o verbete “América Futebol Clube (Belo Horizonte)”, da *Wikipédia*,<sup>182</sup> “enciclopédia livre” amplamente consultada pelos internautas; o *Acervo do Coelho*, uma das poucas páginas da internet com conteúdo histórico exclusivo sobre o América, produzida pelo pesquisador e torcedor americano Miguel de Souza;<sup>183</sup> e a própria página oficial do clube, que conta com uma seção relativa à sua história.<sup>184</sup>

### 3.1 Um livro de “história de histórias e glórias”

Resultado de longos anos de pesquisa e dedicação, a *Enciclopédia do América*, sem dúvida alguma, trata-se de uma obra admirável e imponente. Só para se ter uma ideia, por meio dela Carlos Paiva trouxe a público mais de 400 páginas de texto fartamente ilustradas, impressas em policromia de alta qualidade, papel *couché* brilhante, de tamanho 29 x 28 cm, com miolo encadernado em lombada quadrada, costuradas em tela e coladas a uma capa dura. Uma edição, portanto, de “luxo”. E que, não por coincidência, quando de seu lançamento, seria comercializada a um valor fixo de R\$ 150,00,<sup>185</sup> preço equivalente, por exemplo, aos cobiçados uniformes comemorativos de jogo lançados pelo clube em 2012.<sup>186</sup> Atualmente, alguns de seus exemplares ainda podem ser encontrados em um ou outro sebo virtual, ou em livrarias especializadas na temática do futebol, com valores aproximados de R\$ 300,00.<sup>187</sup>

Essas características tipográficas, aliás, são muito comuns nas publicações do gênero. Evidentemente que não estou sugerindo aqui que a *Enciclopédia do América* tenha o mesmo alcance e envergadura que, por exemplo, a *Barsa*, empreendimento editorial introduzido no

<sup>182</sup> América Futebol Clube (Belo Horizonte). [verbo] *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 20 jun. 2018. Disponível em: [goo.gl/z3z7hE](http://goo.gl/z3z7hE). Acesso em: 20 jun. 2018.

<sup>183</sup> Dentre os vários sites que poderia aqui apresentar, destaco o *Acervo do Coelho*. Cf. SOUZA, Miguel Jabur de. América Vermelho (1930-1942). *Acervo do Coelho*. Disponível em: [goo.gl/HiFA3k](http://goo.gl/HiFA3k). Acesso em: 20 jun. 2018.

<sup>184</sup> AMÉRICA FUTEBOL CLUBE. Clube, História. *América Futebol Clube*. Belo Horizonte: CAGDis IE, 2018. Disponível em: [goo.gl/B9f6SB](http://goo.gl/B9f6SB). Acesso em: 20 jun. 2018.

<sup>185</sup> Valor pago por mim na Loja do América no extinto CLAM.

<sup>186</sup> Para uma cotação de mercado das camisas do centenário do América, ver postagens no tópico “Uniforme América Mineiro Centenário”. Fórum da Avacoelhada. Byte bola virtual. 25 dez. 2011/15 out. 2012. Disponível em: [goo.gl/4Gv8cN](http://goo.gl/4Gv8cN). Acesso em: 18 jul. 2018.

<sup>187</sup> Ver, como exemplo, a Livraria Pontes, de Campinas. Disponível em: [goo.gl/ZHKKge](http://goo.gl/ZHKKge). Acesso em: 18 jul. 2018.

Brasil ainda nos anos de 1960<sup>188</sup> pela *Enciclopédia Britannica* e que se tornou muito popular a partir de 1980.<sup>189</sup> Menciono aqui a *Barsa* porque me lembro bem de que, durante minha infância e adolescência nos anos de 1990, quase todo semestre letivo algum representante editorial, vestido, invariavelmente, de terno e gravata, passava em nossa escola para divulgar as novas, volumosas e garbosas coleções daquela enciclopédia. Depois de fazer uma breve apresentação de seu produto, esse vendedor nos entregava o *folder* de divulgação, acompanhado de um formulário de aquisição, que deveria ser repassado aos responsáveis e devolvido logo no dia seguinte, mesmo que não preenchido, talvez para usar do constrangimento como estratégia de venda. Assim, naquela época, os que não possuíam ao menos uma coleção da *Barsa* em suas casas não encontravam maiores dificuldades em consultá-la, quando necessário, na casa dos colegas, ou em alguma biblioteca pública ou escolar.

Em grande medida, a *Barsa*, e outras obras congêneres, se aproximariam do projeto seiscentista de Denis Diderot e Jean d’Alembert. Para esses iluministas franceses, as enciclopédias deveriam ser livros compostos por um conjunto alfabeticamente organizado de verbetes capaz de traduzir “os princípios gerais em que se baseia e os detalhes mais essenciais” de cada “ciência” e de cada “arte”, fossem elas “libera[is]” ou “mecânica[s]”.<sup>190</sup> Daí seu nome original: *Dicionário Raciocinado* – ou *Racional*, ou, ainda, *Razoado* – *das Ciências, das Artes e dos Ofícios*.

De todo modo, como muito bem assevera Jacques Le Goff,<sup>191</sup> ao longo da história, e antes mesmo do lançamento da famosa *Enciclopédia* de Diderot e d’Alembert, publicações muito menos generalistas e com formatos distintos daquele preconizado pelos iluministas franceses também teriam recebido o título de “enciclopédia”. Publicações que se dedicaram, por exemplo, a reunir saberes de natureza astronômica, astrológica e religiosa; saberes relativos aos trabalhos agrícolas, à medicina e à higiene; capitulações de obras literárias e até informes de festejos populares, de feiras e “das chegadas e partidas dos correios”. Assim, para o renomado historiador francês, o que define se uma obra é ou não uma enciclopédia não é

---

<sup>188</sup> Cf. NUNES, José Horta. Para uma história do discurso enciclopédico no Brasil. ENANPOLL, 27, Niterói. *Anais...* Instituto de Letras/UFF, 2012.

<sup>189</sup> Cf. CAMPELLO, Bernadete Santos; ANDRADE, Maria Eugênia Albino; MEDEIROS, Nilcéia Lage de. Enciclopédias publicadas no Brasil: estudo comparativo das enciclopédias Mirador, Barsa e Delta Universal. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 22, n. 1, jan./abr. 1993.

<sup>190</sup> A citação da *Enciclopédia* de Diderot e d’Alembert foi retirada de: CEZARIO, Natalia Trevisan. *Da Enciclopédia à Wikipédia: o conhecimento em circulação*. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual de São Paulo, Araraquara, 2011, p. 71.

<sup>191</sup> As citações a seguir, referentes às características das enciclopédias, foram retiradas de: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 477-481.

tanto a forma de apresentação de seu conteúdo e sim a sua intenção de ser uma espécie de manual de fácil interpretação, um “saber para todos”, capaz de atingir um público o mais abrangente possível, especialmente “os analfabetos [e] quem lê pouco”. O que explica, como vimos, o seu alto investimento tipográfico, fazendo das abundantes ilustrações, sejam elas “signos, figuras, imagens”, uma espécie de fio condutor do texto apresentado.

Não por coincidência, recordando mais uma vez meu passado de estudante, quando um professor da educação básica solicitava alguma pesquisa para ser feita em casa, independentemente de qual fosse a área do conhecimento, meus colegas e eu quase sempre recorriamos às grandes enciclopédias e copiávamos, no caderno, vários fragmentos ou todo o texto do verbete correspondente. Isso, claro, sem nos esquecermos de fazer uma fotocópia colorida das ilustrações encontradas. De modo semelhante, e como já adiantei aqui, acredito que também seria muito em função dessa intenção mais popular das obras enciclopédicas que o texto do livro de Carlos Paiva, incluindo as imagens ali publicadas, encontram-se hoje referenciados, quando não reproduzidos, *ipsis litteris*, em diversos *sites* cujos conteúdos são dedicados ao América.

Mas se a *Enciclopédia do América* não é propriamente uma publicação enciclopédica “clássica”, generalista, um “dicionário racional” ao estilo da *Barsa* ou da grande *Enciclopédia iluminista francesa*, qual seria, então, o seu tipo de enciclopédia? Para responder a essa pergunta, não vejo ninguém melhor do que o próprio Carlos Paiva, pois, como vimos na abertura deste capítulo, a sua *Enciclopédia do América* jamais teria existido caso ele não viesse a saber que as “páginas imortais” do clube que tanto ama ainda estavam por ser escritas. Olhando, assim, por esse prisma, diria que a obra de Carlos Paiva nasce de sua preocupação com a perda, com o desaparecimento do que, para ele, deveria ser publicamente inesquecível, eterno, infinito, inolvidável. E o que, para ele, deveria durar indefinidamente na memória da humanidade seriam as “histórias e glórias” do América; suas “vitórias”, seu “palmaré” e seus “importantes recordes mundiais”; o nome de seus “fundadores” e “pioneiros”, de seus “artilheiro[s], dos “campeões nacionais e internacionais”; os “eventos sociais” promovidos nos “salões do clube”; os “prefeitos, governadores e vice-governadores, vereadores, deputados, senadores, ministros e presidentes da República” formados em meio às “hostes americanas”.<sup>192</sup>

---

<sup>192</sup> Trechos retirados do texto de apresentação da obra, intitulado “O Decacampeão de nossos corações”. In: PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, s/p.

Assim, seguindo mais uma vez Jacques Le Goff,<sup>193</sup> a *Enciclopédia do América* poderia perfeitamente ser enquadrada como uma enciclopédia de tipo histórico. Uma enciclopédia como outra qualquer. Que, mesmo diante de todo o investimento comum às publicações enciclopédicas, seleciona seus “assuntos” por motivos que, na maior parte das vezes, estão longe de serem guiados por critérios científicos. E que, por sua natureza histórica, assim o faz a partir de uma linhagem cronológica, evidenciando “os grandes personagens, os acontecimentos históricos ou anedóticos” consagrados pelo clube e por sua comunidade de pertencas.

Mas a motivação original de Carlos Paiva traria outros importantes elementos para a classificação de sua obra, já que, em alguma medida, ela se aproximaria daquela cultivada pelo grande colecionador, caracterizado por Walter Benjamin<sup>194</sup> como um indivíduo “tocado bem na origem pela confusão, pela dispersão em que se encontram as coisas no mundo”. Diante, portanto, do incômodo causado pelo possível fenecimento das lembranças, o colecionador se lança em uma fascinante “luta contra a dispersão” das coisas do passado, reunindo e organizando fragmentos desse tempo que já se foi como “uma forma de recordação prática [e] resumida”. Entretanto, como vimos em sua autobiografia, a busca pelos restos dispersos do passado americano seria apenas parte das preocupações de Carlos Paiva. Para ele, não bastava reunir documentos do clube e excertos de jornais de época, colecionar memórias e memorabilia, fossem suas ou de outros americanos. Em última instância, suas incessantes pesquisas só fariam sentido se um dia elas fossem traduzidas em palavras, em narrativa, nas tais “páginas imortais”.

Essa é uma obsessão própria dos memorialistas, como muito bem observa Marcelino da Silva<sup>195</sup> em sua análise do livro *O negro no futebol brasileiro*, de Mário Filho, talvez o maior expoente dos grandes memorialistas do nosso futebol. De acordo com o professor da Faculdade de Letras da UFMG, uma das principais preocupações desses contadores de histórias seria, justamente, a “tentativa de evitar, pela narração” e, sobretudo, pela edição e publicação de livros, a “morte”, o “esquecimento”, o “desaparecimento” das lembranças dispersas, fragmentadas. Dessa maneira, seus trabalhos buscariam ainda “reconstituir o passado” e, principalmente, registrá-lo, “por meio de uma obsessiva adição [...] de cacos

---

<sup>193</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 480.

<sup>194</sup> BENJAMIN, Walter. O colecionador. In: BOLLE, Willie; MATOS, Olgária Chain Féres (Org.). *Passagens*. Tradução de Irene Aron; Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

<sup>195</sup> SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 188.

condenados à falta e à incompletude”. Operação que explica, para Marcelino, o fato de esses livros serem tão volumosos, como o caso da *Enciclopédia do América* e suas mais de 400 páginas.

De todo modo, não poderia deixar de recuperar aqui uma premissa que é quase que um lugar-comum entre os historiadores: a de que mesmo o pesquisador mais empenhado de todos não seria capaz de reconstituir o passado tal como ele ocorreu. Afinal, como diz Jacques Le Goff,<sup>196</sup> o passado não é algo que está dado *a priori*, como um objeto pronto para ser descrito; e a história, por sua vez, não seria uma simples invocação de fatos e indivíduos notáveis. Aliás, chama ainda a atenção o renomado historiador francês, um fato ou uma personalidade seria, antes de mais nada, “resultado duma montagem”, de uma visada, de uma escolha, de “uma construção e uma reinterpretação constante”; ou, para valer-me de Michael Pollak,<sup>197</sup> seriam produto de um trabalho de “enquadramento da memória” realizado com o objetivo de manter a coesão interna dos grupos e de defender suas fronteiras simbólicas.

Assim, parafraseando mais uma vez Marcelino da Silva,<sup>198</sup> “embora o autor não reconheça”, em obras memorialísticas como a que me parece ser a *Enciclopédia do América*, “[a]o lado da tentativa de reconstituir o passado”, “[...] ‘a imaginação de romancista’ tem sempre um lugar”, “ajudando a preencher os vazios [...] e estabelecer conexões entre os fragmentos do passado”, de modo a “interpretá-lo segundo [alguma] hipótese” que lhe é cara. E, como seria de se esperar de uma obra escrita por um “torcedor militante” e um “historiador da casa” como Carlos Paiva, o quadro de referências utilizado por ele para emoldurar a história americana seria carregado de representações simbólicas próprias do sistema de pertencimento clubístico belo-horizontino. Referências que, algumas das vezes, mostram-se passíveis de contestação a partir do cotejamento historiográfico e documental, mas que, mesmo assim, resultam em uma narrativa capaz de produzir plena identificação entre os americanos. Uma narrativa que, como se verá a seguir, não estaria imune ao mito da decadente aristocracia americana.

---

<sup>196</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 24-35.

<sup>197</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudo Históricas*, FGV/CPDOC, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 9-12. Tradução de Dora Rocha Flaksman.

<sup>198</sup> SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 188.

### 3.2 “Um clube diferente”, “especial”, “da elite”

“Carlos Eduardo Paiva de Oliveira é a prova provada de que o torcedor americano é mesmo diferente”. É com essas palavras que Afonso Celso Raso abre o “Prefácio” da *Enciclopédia do América*. Mas se, nesse texto de abertura, o predicado usado para caracterizar os americanos se relacionava à dedicação de Carlos Paiva à história do clube, em vários momentos do livro as qualidades dos americanos seriam encontradas pelo autor nos atributos sociais pretensamente privilegiados, nos valores e comportamentos supostamente mais sóbrios e elegantes, mais esclarecidos e civilizados partilhados pelos torcedores do clube. Um perfil anunciado ao leitor já nos parágrafos finais de seu texto de apresentação.<sup>199</sup> Ali, Carlos Paiva escreveu que, ao contrário do que “[t]odos dizem”, o América não seria “um clube diferente”, e sim “um clube especial”. Um clube “grande entre os grandes”, “primeiro entre os primeiros”. Um clube que “cultua a esperança, a paz e a lembrança”. Enfim, um “clube da elite” e, paradoxalmente, “de todas as classes sociais”. Virtudes próprias de uma torcida que teria um “comportamento exemplar, e único, [...] reconhecido [até] pelo mais ferrenho adversário”.

Antes, contudo, de sintetizar a alma de sua “paixão maior” e a essência de seus companheiros de arquibancada, Carlos Paiva lista, nesse mesmo introito, uma série de “glórias” e o nome de diversos “americanos ilustres” que seriam objeto de sua atenção. Uma espécie de atestado histórico da grandeza do América e da prodigiosa maneira de ser de seus adeptos. Muito embora os fatos e personalidades esmiuçados por ele ao longo das quatro grandes partes temáticas que compõem seu livro – “história”, “as categorias de base”, “esportes especializados” e uma quarta parte sem denominação específica, composta com informações relacionadas a jogadores, torcidas organizadas, premiações, patrimônio e dirigentes do clube – percorressem todo o centenário passado americano, diga-se de passagem, quase sempre abordados ano a ano, ainda nesse texto de apresentação Carlos Paiva nos dá a entender que boa parte das representações simbólicas definidoras do América e de seus torcedores em meio ao clubismo belo-horizontino se encontrariam ambientadas nos primeiros decênios de vida do América. Daí sua menção especial, nessas páginas de apresentação, à fundação do clube, passando pela conquista do decacampeonato, até chegar ao propalado protesto de sua diretoria contra a profissionalização do futebol nos anos de 1930 e 1940. Como se ele nos dissesse, dessa maneira, que o América, desde sua mais tenra

---

<sup>199</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, s/p. [O Decacampeão dos nossos corações].

existência, fosse mesmo um clube restrito e restritivo, e os americanos, legítimos representantes da elite belo-horizontina.

Para começar a nos contar essa história, na abertura da primeira parte de seu livro Carlos Paiva recua à cidade de Belo Horizonte de 1911 para registrar uma espécie de preâmbulo do nascimento do clube e da “paixão alviverde”. Nesse texto, sugestivamente intitulado de “A pré-história do América”,<sup>200</sup> ele estabelece um paralelo entre as características arrojadas e visionárias do planejamento, da construção, da ocupação e do desenvolvimento da nova capital mineira e os primeiros sonhos e ensaios de fundação de um clube de futebol que, logo no ano seguinte, viria a se tornar o América. Assim, Belo Horizonte é caracterizada por ele como “a proposta mais cara” de “nova capital dos mineiros” dentre as várias que haviam sido apresentadas no final do século XIX. Uma “das primeiras cidades planejadas do Brasil”, cujo projeto “inspira[d]o na cidade de Washington [...]; a capital dos americanos do norte”, “com avenidas muito largas” e “um grande ‘Parque Municipal’”, simbolizavam a “modernidade” e o “progresso”. Campo fértil para que “divers[ões]” e “brincadeiras” modernas, como o futebol, introduzido “por Victor Serpa”, em 1904, tivessem lugar.

Contrariando, contudo, uma extensa bibliografia sobre os primeiros anos de vida da nova capital mineira,<sup>201</sup> ainda nessa espécie de preâmbulo da história americana, Carlos Paiva adequaria o perfil social dos primeiros ocupantes da cidade a um dos principais simbolismos presentes no mito da decadente aristocracia americana. Assim, sem mencionar, em nenhum momento, a presença dos trabalhadores braçais que efetivamente edificaram a cidade, essa “geração pioneira” belo-horizontina de Carlos Paiva corresponderia a um grupo social relativamente homogêneo, composto exclusivamente por “funcionários públicos e s[eus] fam[iliares]” residentes de Ouro Preto. E, segundo ele, teriam sido justamente os filhos desses “pioneiros”, “alguns dos primeiros belo-horizontinos”, os fundadores do América. Um idealista e requintado “grupo de meninos com idade entre 11 e 13 anos, que jogava sempre na

---

<sup>200</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 33-34.

<sup>201</sup> Para ficar apenas nos trabalhos mais referenciados sobre o tema, sugiro a leitura de: FARIA, Maria Auxiliadora; GROSSI, Yone de Souza. A classe operária em Belo Horizonte: 1897-1920. In: MONTEIRO, Norma de Góes (Coord.). *V Seminário de Estudos Mineiros: A República Velha em Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982; GUIMARÃES, Berenice Martins. *Cafuas, barracos e barracões: Belo Horizonte, cidade planejada*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991; MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo (Coord.). *Belo Horizonte: espaços e tempos em construção*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/PBH, 1994. (Coleção BH 100 anos).

esquina da rua [da] Bahia com rua Dos Timbiras [sic], já que moravam em seus arredores” e que ali “se reuni[am] à sombra de uma das árvores e planejav[am] o mundo”.

A constante referência à mítica e originária esquina americana, presente inclusive no subtítulo da obra – “Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão” – e à região do bairro Funcionários, onde residiam as famílias desses primeiros americanos, é de fundamental importância para compreender essa simbólica caracterização social do clube e de seus primeiros adeptos realizada por Carlos Paiva. Para aqueles que não conhecem a capital mineira, ou a história de sua construção, a confluência entre as duas ruas está localizada a um quarteirão da Avenida João Pinheiro, via que, até o ano de 1908, recebia o nome de “Avenida Liberdade”,<sup>202</sup> por integrar o principal conjunto político da cidade, que tinha sua centralidade na apoteótica Praça da Liberdade.<sup>203</sup> Ocupando o ponto mais alto do projeto da nova capital mineira, a Praça da Liberdade havia sido pensada como a sede do poder do estado, recebendo, em suas imediações diretas, o Palácio do Governo – atual Palácio da Liberdade –, além das secretarias e edifícios dos demais órgãos político-administrativos de Minas. Para ela, convergiam cinco grandes avenidas, dentre as quais a Avenida Liberdade, responsável por interligar a Praça da República, atual Praça Afonso Arinos, e, em alguma medida, o próprio Palácio da Municipalidade, nos dias de hoje o prédio da Prefeitura. Para o entorno da Avenida Liberdade, a Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC) ainda planejaría a construção do nobre bairro dos funcionários públicos do estado e da cidade. Região ocupada, por exemplo, pelos irmãos Francisco Silviano de Almeida Brandão e Júlio Bueno Brandão, presidentes de Minas Gerais nas gestões de 1898 a 1902 e 1908 a 1910, respectivamente, e por José Gonçalves, secretário de agricultura durante o governo de Bueno Brandão; todos os três, pais e tios de alguns dos “garotos” que planejaram a fundação do América.

Mas, voltando à narrativa preambular do passado americano, o sonho de fundação do novo clube foi interrompido, segundo Carlos Paiva, pelos “estudos muito exigentes do ‘Gymnasium Anglo-Mineiro’”, instituição onde supostamente estudavam esses primeiros idealizadores do clube. Entretanto, como afirma a doutora em Estudos do Lazer Sarah Souto

---

<sup>202</sup> Sobre a história da toponímia da avenida João Pinheiro, ver: GOMES, Leonardo José Magalhães. *Memória de ruas*. Dicionário toponímico da cidade de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura, Museu Abílio Barreto, 1992, p. 131.

<sup>203</sup> Sobre o conjunto urbano da Praça da Liberdade, ver: GOMES, Leonardo José Magalhães. *Memória de ruas*. Dicionário toponímico da cidade de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura, Museu Abílio Barreto, 1992, p. 138. E também: A nova capital do estado de Minas Gerais, em Belo Horizonte. *Revista Geral dos Trabalhos – I*. Belo Horizonte: Comissão Constructora da Nova Capital, 1895. In: MAGALHÃES, Beatriz de Almeida; ANDRADE, Rodrigo Ferreira. *Belo Horizonte: um espaço para a República*. Belo Horizonte: UFMG, 1989, p. 70.

Mayor,<sup>204</sup> “esta [...] versão [seria] insustentável”, já que “o referido colégio só abriu suas portas em Belo Horizonte no ano de 1914”. Dessa maneira, vejo a menção ao Anglo-Mineiro como mais um dos artifícios usados pelo autor para enobrecer aqueles jovens futebolistas belo-horizontinos. Isso porque, para Carlos Paiva, o Anglo-Mineiro não era um colégio como outro qualquer. Afinal de contas, suas “aulas eram dadas em inglês por professores ingleses e, na maioria, norte-americanos”. E, em seu currículo, ensinava-se o “Inglês e outros idiomas” e fomentava-se a prática esportiva como forma de “prepara[r] a elite da classe dirigente de Minas e do Brasil”.<sup>205</sup>

Influenciados pelos professores estrangeiros, não demorou muito para que aqueles jovens “sonhadores”, futuros dirigentes do país, reavivassem o plano de fundação de um clube de futebol para chamar de seu. E o que se vê nesses atos fundacionais, descritos por Carlos Paiva no capítulo intitulado como “O Início”,<sup>206</sup> é a comprovação do poderio político e econômico e do comportamento requintado desses primeiros americanos. Dessa maneira, afirma o autor, a partir do dia 30 de abril de 1912, aqueles mesmos “meninos” de antes, acrescidos de alguns outros, também “filhos da elite belo-horizontina e mineira, [...] de funcionários públicos [e da] elite financeira” do estado, residentes do Funcionários e estudantes do Anglo-Mineiro, passaram a se reunir com frequência a fim de formalizar a existência do novo clube de futebol. Muitos dos quais, como diz Carlos Paiva ainda na apresentação de sua obra,<sup>207</sup> se tornaram engenheiros, médicos, bacharéis de Direito e importantes políticos de Minas Gerais e do Brasil. Vários deles, lembrados na toponímia de ruas, avenidas, alamedas, praças e bairros, edifícios, hospitais e grupos escolares da cidade. E que, não por coincidência, foram agraciados pela “Ordem dos Pioneiros” de Belo Horizonte, “criada para homenagear seus primeiros habitantes e instituições”.

Em uma dessas reuniões, realizada no mês de maio daquele ano, os “meninos” se encontraram para escolher o nome do clube. De acordo com o registro, a admiração aos “professores norte-americanos”, às “histórias que contavam” e aos Estados Unidos da

---

<sup>204</sup> SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. *O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940*. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerias, Belo Horizonte, 2017, p. 323-324.

<sup>205</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 36.

<sup>206</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 35-38.

<sup>207</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, s/p. [O Decacampeão dos nossos corações].

América, uma das principais referências republicanas para os brasileiros da época,<sup>208</sup> fez com que alguns deles sugerissem o nome de “América”. Apesar disso, outras possibilidades, como “Riachuelo, Arlequim, Timbiras, Guarany”, também foram aventadas. E a solução para o impasse, narrada por Carlos Paiva, simbolizou a presença de um capital cultural pretensamente nobre partilhado por aqueles fundadores. Isso porque, naquela ocasião, Alda de Meira, a “irmãzinha” de um dos anfitriões da reunião, “pegou um chapéu” de um dos presentes e o transformou em uma espécie de urna, em que foram depositados papezinhos com as diversas sugestões de nomes apresentadas pelos presentes. E, de sua “[b]endita mão”, saiu “um papel [que] estava escrito [América]”. Resultado, como afirma o autor, “acatado por todos conforme o combinado entre aqueles pequenos cavalheiros”.

Mas, para o autor da *Enciclopédia do América*, apesar de nascidos em “berço de ouro” e de todo o apoio recebido dos pais e professores estrangeiros, nesse primeiro ano de existência o novo clube ainda viveu de maneira muito improvisada.<sup>209</sup> Seus primeiros jogos, por exemplo, disputados “contra outras equipes de garotos das redondezas”, sequer teriam sido dignos de “registro histórico”. Suas duas primeiras bolas foram adquiridas às custas de rateio e empréstimos, um dos quais concedidos pelo próprio presidente do estado, Bueno Brandão. Seu primeiro jogo de uniformes “era na realidade uma malha daquelas usadas nas aulas de ginástica (ou educação física); branca de mangas compridas” com “uma faixa diagonal verde, que ficava solta e irregular”. Seus primeiros campos eram escolhidos em algum terreno vago da cidade, “macadamizado” ou próximo a barrancos, ou emprestado de outro clube mais bem estabelecido, “como o campo do Atlético [sic], cedi[do] em determinados dias da semana para o treinamento do time do filho do Presidente do Estado”. Muitas das vezes, as ruas do bairro Funcionários serviram como sedes provisórias para as primeiras assembleias: ora realizadas embaixo da mítica árvore enraizada na esquina das ruas da Bahia com Timbiras, ora à sombra da “gameleira existente na confluência [da Avenida] Álvares Cabral com [a Rua] Espírito Santo”, e, em algumas situações, em “outra árvore nas proximidades da residência de Arthur Haas, na Rua da Bahia, onde se fixavam os cartazes do antigo cinema Odeon”. Às vezes, também se encontravam no saguão do Palácio da Liberdade, presidido, à época, por Júlio Bueno Brandão, pai de Francisco Bueno Brandão Filho e tio de Affonso Silviano e Lincoln Brandão. Em outras oportunidades, deliberavam o necessário ao

---

<sup>208</sup> Sobre a influência do ideário republicano norte-americano entre os brasileiros, ver: CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 17-34.

<sup>209</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 37-38.

“redor do balcão ou nas portas” de algum estabelecimento comercial, como a renomada “casa comercial de Domingos Meira”, pai de Aldemar, Alcides e Alda de Meira. Ou, ainda, realizavam suas reuniões no “porão” ou no “quarto” da casa de Cezar e Oscar Gonçalves, filhos do secretário de agricultura de Minas Gerais, José Gonçalves. Um improviso, como se vê, cheio de privilégios, bem distante daquele vivenciado pelos clubes suburbanos que começavam a se organizar na cidade naquela mesma década de 1910.<sup>210</sup> Talvez justamente por isso, relata ainda Carlos Paiva, “em todos esses locais”, “do Palácio ao meio-fio das ruas”, “começaram a [se] multiplicar [os] adeptos” do clube.

Mas, pelo que seu texto nos diz, os novos entusiastas do clube não pareciam ser um tipo de gente qualquer. Antes pelo contrário. Logo no capítulo seguinte, por exemplo, intitulado por ele como “O ano da virada”,<sup>211</sup> referente a 1913, Carlos Paiva passa a descrever os acontecimentos que permitiram ao América superar as dificuldades de primeira hora, se consolidando como um clube capaz de atrair a atenção, sobretudo, de importantes personalidades belo-horizontinas. A começar pela sua fusão com o “Minas Gerais Foot-Ball Club”, agremiação fundada em 1911 por destacados políticos e profissionais liberais da cidade, como o caso de seu “presidente de honra” “Olyntho Meyrelles, Médico, e então prefeito de Belo Horizonte”. Para o autor, o episódio representa o ecoar dos valores tão prezados pelos primeiros americanos, sendo lido por ele como um “gesto de nobreza esportiva” do último presidente do Minas Gerais, Octávio Penna, que, assim, concedeu ao América o “direito ao ‘usufruto’ d[e um] campo” que, anos mais tarde, seria transformado em seu estádio de futebol, diga-se de passagem, o primeiro da capital mineira, e onde, atualmente, encontra-se edificado o Mercado Central de Belo Horizonte. Com a fusão, o América se viu obrigado a aceitar todos os antigos sócios e a arcar com uma dívida de 25\$998 réis do extinto Minas Gerais. O que, por um lado, abriu as portas do clube aos primeiros adultos e, por outro, revelou o poderio financeiro de um clube curiosamente ainda comandado por “garotos de 11 e 13 anos”.

Daquele mesmo “ano da virada”, Carlos Paiva registrou o pedido de filiação ao América por parte de alguns renomados sócios do Atlético, “entusiasmados com o progresso e [a] invejável harmonia que reinava no alviverde”. Dentre eles, “dois dos fundadores” do clube

---

<sup>210</sup> Sobre esses clubes suburbanos, ver: LAGE, Marcus Vinícius Costa. A “sociogênese” da profissão de jogar de futebol em Belo Horizonte/MG: aspectos da consolidação social e da espetacularização futebolística na capital mineira. In: GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais (Org.). *Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2015, p. 128-130. (Luminária Academia).

<sup>211</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 39-40.

alvinegro “e também todos os seus presidentes desde sua fundação”. Digna de nota nesse episódio seria a justificativa usada pelos americanos, segundo Carlos Paiva, para deferir “imediatamente” o pedido dos atleticanos. Um argumento, a um só tempo, esportivo, já que “eram bons jogadores”, e, em última instância, também cultural, tendo em vista que eles partilhavam “os mesmos ideais dos garotos do América”.

Passado esse estágio inicial de organização do clube, a narrativa apresentada por Carlos Paiva caracteriza-se por uma constante trajetória de ascensão do América, tanto do ponto de vista dos resultados futebolísticos alcançados, passando pelas diversas realizações de suas diretorias, incluindo, ainda, o crescente apreço a ele cultivado pela sociedade belo-horizontina. Exemplos nesse sentido são as duas vitórias americanas conquistadas sobre o Atlético em 1914, intituladas em seu livro, respectivamente, como “A primeira grande vitória” e a “Primeira goleada no galo”.<sup>212</sup> Em outra aparente operação de enquadramento da memória, Carlos Paiva afirma que, a partir de então, os jogos entre “os dois grandes clubes de Minas” “tornaram-se disputadíssimos”, “passando a ser chamado[s] de o ‘Clássico das multidões’”, dividindo a torcida mineira. Um epíteto costumeiramente atribuído a Mário Filho para designar os confrontos entre Flamengo e Fluminense, os famosos “fla-flus” do cronista pernambucano, criado já nos primeiros anos de profissionalização do futebol carioca.<sup>213</sup> E que, usado anacronicamente pelo autor da *Enciclopédia do América*, passa a ideia de que, apesar de hoje Atlético e Cruzeiro serem os grandes rivais da cidade, o primeiro e mais envolvente confronto local foi protagonizado pelo seu clube do coração.

De todo modo, comentando a surpreendente vitória americana conquistada no ano de “1915”<sup>214</sup> sobre “o até então imbatível time do Morro Velho Foot-ball Club”, formado por trabalhadores ingleses da mina britânica da vizinha cidade de Nova Lima, Carlos Paiva nos mostra que as “multidões” arrastadas pelo ainda jovem América não são tão plurais e heterogêneas como seria de se supor. Embora, nesse registro, ele nos diga que o êxito alviverde simboliza o momento em que “A POPULARIDADE [sic] do clube [...] começou a se tornar realidade”, o “povo” que seguiu nos “bondes para o distante” campo do Prado

<sup>212</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 40-41.

<sup>213</sup> Exemplo nesse sentido pode ser encontrado em: STEIN, Leandro. Como o profissionalismo ajudou a tornar o Fla-Flu tão grandioso. *Trivela*, 24 nov. 2014. Disponível em: [bit.ly/36ntgaQ](http://bit.ly/36ntgaQ). Acesso em: 2 jan. 2020.; HOLANDA, Helládio. *Os 75 maiores clássicos de futebol no mundo: as grande rivalidades mundiais contadas em detalhes*. Joinville: Clube de Autores, s/d, p. 58.

<sup>214</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 42.

Mineiro e assistiu “ao jogo em pé” tinha um comportamento social exemplar, “cedendo seus lugares às senhoritas presentes”. E, para não deixar qualquer dúvida quanto à presença desse selete público no evento americano, seu texto vinha acompanhado de duas imagens representativas da assistência masculina, devidamente trajada de terno, gravata e chapéu panamá, e das mulheres de longos vestidos, guarda-chuvas usadas como bengalas e ostentosos chapéus matinê.<sup>215</sup> Apesar de essas imagens não serem devidamente creditadas quanto às suas fontes, algo, aliás, recorrente ao longo do livro, tendo a acreditar que, por suas qualidades e enquadramentos, muito provavelmente elas foram recortadas de outras fotografias maiores. Isso, claro, para evidenciar, ainda mais, a indumentária daqueles que supostamente estiveram presentes em grande número no Prado Mineiro.

O grande marco, contudo, dessa ascendente trajetória americana narrada por Carlos Paiva fica mesmo por conta dos registros relacionados aos anos de 1916 a 1925, quando o clube conquistou o tão cultuado decacampeonato mineiro. Ali, cada uma das vitoriosas campanhas americanas é devidamente resumida pelo autor: primeiro, por meio de duas tabelas descritivas, contendo os jogos do clube e seus respectivos resultados, ordenados pelas datas em que foram realizados e separados pela fase da competição – se válidos pelo turno ou retorno; em seguida, a partir de uma breve síntese do número de jogos disputado pelo América, vitórias, empates e derrotas obtidos, e os gols convertidos e sofridos; e, concluída pela relação dos atletas que atuaram pelo clube segundo suas funções no campo de jogo. Todos esses resumos ainda eram ilustrados por uma fotografia da equipe campeã.

Essas informações mais técnicas do decacampeonato vinham, invariavelmente, também acompanhadas de uma ou outra seção dedicada ao registro de alguma curiosidade daquela campanha. Em alguns casos, a efeméride dava lugar, ou se associava, a uma seção mais narrativa, semelhante a uma crônica esportiva de algum jogo ou episódio marcante da conquista – ou, então, que reverberava outro grande feito do clube, dentro ou fora dos gramados.

Como era de se imaginar, a maior parte dessas seções narrativas tinha o objetivo precípua de valorizar o feito americano e de seus jogadores, legitimando, assim, o imaginário de que, durante aqueles dez anos, o clube exerceu uma verdadeira hegemonia no cenário futebolístico belo-horizontino. Nesse sentido, Carlos Paiva diz, em mais de uma ocasião, que

---

<sup>215</sup> A imagem não foi reproduzida porque se encontra em baixa resolução. Para visualizá-la ver PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 42.

os “campeonatos [eram] tranquilos”<sup>216</sup> e conquistados com “facilidade”<sup>217</sup> pelo América; alguns dos quais, inclusive, de maneira invicta e sem levar “UM ÚNICO GOL [sic]” sequer.<sup>218</sup> Em alguns momentos, afirma ainda ele, “seus adversários [eram] massacrados”<sup>219</sup> ou abandonavam a disputa “temendo ser goleados” “[d]iante da flagrante”<sup>220</sup> ou “inquestionável superioridade”<sup>221</sup> americana. Em outros, o próprio América “entreg[ava] os pontos” em alguma partida oficial, sendo derrotado por “W.O.” porque “já era o Campeão Mineiro, e o resultado destes jogos já não importava”.<sup>222</sup> A ponto de “Arco e Flexa, famoso cronista esportivo belo-horizontino, escrev[er] e descrev[er] as vitórias do América, durante o Deca [sic], por antecipação [...] deixa[ndo] um pequeno espaço para anunciar o placar, tal a certeza que o América lhe dava”.<sup>223</sup>

Mas, como bem ilustra o texto que resume “A campanha do deca”,<sup>224</sup> para Carlos Paiva “o América [só] escreveu sua história no futebol mundial” com a conquista do decacampeonato em virtude dos atributos de alguns de seus jogadores. Dentre eles,

os chutes formidáveis de João Britto, as *entradas elegantes* de ‘Rato’ [...], os gols espetaculares do leve [...] ‘Chico’ Mattos, os dribles e a distribuição perfeita de Kainço [...], o vigor de Octacílio Negrão de Lima, a segurança de Tonico [...], ou Satyro Taboada, o maior artilheiro de nossa história.

[...] Graças à *inteligência* desses homens e ao controle de bola que eles exerciam e a outros atletas que igualmente conquistaram outro decacampeonato nos segundos quadros no mesmo período, nos tornamos os únicos decacampeões do mundo nos dois quadros, independente de dividirmos esta glória de ser decacampeões com o

<sup>216</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 48.

<sup>217</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 49.

<sup>218</sup> A passagem é referente ao campeonato de 1917. Além dele, os certames de 1918 e 1919 também foram conquistados de forma invicta pelo clube.

<sup>219</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 49. Relato semelhante também pode ser encontrado na página 58.

<sup>220</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 54.

<sup>221</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 58.

<sup>222</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 57.

<sup>223</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 58.

<sup>224</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 58-59.

ABC Futebol Clube, de Natal, e com um time da Lituânia, pós-União Soviética. Entre milhares. [grifos meus]

Como se vê, muito embora a maior parte dos decacampeões americanos se notabilizasse, segundo o autor, por suas qualidades exclusivamente técnicas, ou seja, por serem primorosos jogadores, o comportamento distintivo, expresso pelas “entradas elegantes de ‘Rato’” e pela “inteligência” de seus atletas, teria sido igualmente fundamental para o inigualável triunfo do clube. E, para Carlos Paiva, ao longo daqueles dez anos, essas qualidades, mais uma vez, não teriam ficado restritas aos gramados, manifestando-se também nos “eventos sociais” promovidos pelo clube, capazes de reunir a “mais fina sociedade da Capital” em sua “bem mobiliada” sede social, dotada “com os mais modernos aparelhos de ginástica, adquiridos na Alemanha”.<sup>225</sup> Nos bailes de gala, ainda segundo ele, a entrada no salão principal, “lugar onde muitas vezes se decidiu o destino de Minas”, “só era permitida [...] em trajes a rigor”,<sup>226</sup> características que faziam os espetáculos americanos, já naquela época, reunirem, em “um domingo agradável”, “famílias inteiras”.<sup>227</sup> Esses eventos possibilitavam ao América fechar parcerias culturais interessantes, como aquela firmada com o elegante “Cine Pathé”,<sup>228</sup> que garantia, aos sócios do clube, descontos e privilégios na aquisição de ingressos para as sessões de cinema na “capital cultural” da Savassi, bairro que disputava com o Funcionários o status de principal espaço de sociabilidade requintada da cidade.<sup>229</sup> Pouco antes do acordo entre América e Cine Pathé, os cinemas da capital mineira, aliás, exibiriam o filme “Carlito foot-ballista por amor”, encenado no dia 28 de julho de 1918, nos gramados do Prado Mineiro, antes de um jogo entre América e Yale.<sup>230</sup>

Era um claro sinal de prestígio social do clube, representado, de maneira ainda mais evidente por Carlos Paiva, em sua narrativa sobre o evento de inauguração da “Praça de

<sup>225</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 48.

<sup>226</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, s/p. [O Decacampeão dos nossos corações].

<sup>227</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 53.

<sup>228</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 50.

<sup>229</sup> Sobre a importância da Savassi e do Cine Pathé para a cultura belo-horizontina, ver: LEMOS, Celina Borges. Uma centralidade belo-horizontina. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 43, n. 2, jul./dez. 2007, p. 94-104.

<sup>230</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 48.

Esportes”<sup>231</sup> do clube, realizado em maio de 1923. De acordo com o autor, desde a divulgação de “seus planos de construção”,<sup>232</sup> a “grandiosa obra” do “stadium” americano já atraía a atenção de diversos “curiosos” na cidade. Por isso, sua planta, dotada de “um campo de futebol (espaçoso e gramado); uma quadra de tênis; uma pista de patinação; um stand de tiro ao alvo e uma quadra para vôlei e basquete” teria sido exposta, no dia 20 de abril de 1921, nas vitrines da loja Parc Royal. De acordo com a historiadora Marissa Gorberg,<sup>233</sup> o “grande magazine” Parc Royal,

[...] que comercializava roupa feminina, masculina e infantil, além de acessórios, presentes e artigos para casa, marcou sua posição no imaginário coletivo como sinônimo de elegância e qualidade aliadas a preços competitivos; um local onde se poderia encontrar o que havia de melhor à disposição daqueles que ambicionavam produtos impregnados de novidade, beleza, requinte e modernidade.

Fundado no Rio de Janeiro no ano de 1873, o Parc Royal chegou a Belo Horizonte justamente naquele ano de 1921, como símbolo da *belle époque* carioca. Nesse sentido, presume-se que a exposição da planta da nova Praça de Esportes americana era vista pela loja como uma estratégia de *marketing* para atrair novos clientes alinhados aos “belos, requintados e modernos” artigos por ela oferecidos. E, no caminho inverso, também se supõe que, do ponto de vista americano, a divulgação de seu novo e arrojado projeto não poderia ser realizado em um espaço como outro qualquer, mas sim vinculado a um empreendimento que representava os mesmos valores sofisticados tão caros a seus adeptos.

Mas, para Carlos Paiva, o “stadium” americano tinha outros atrativos além daqueles relacionados à exibição de seus desenhos nas vitrines do Parc Royal. Isso porque, segundo ele, o projeto em questão, cujos traçados de suas arquibancadas mais pareciam os de um teatro ou de um edifício público qualquer (Figura 26), seria assinado pelo renomado arquiteto Antônio da Costa Christino. O mesmo projetista, dentre outros edifícios,<sup>234</sup> da imponente residência localizada na Rua da Bahia (Figura 28), nos dias de hoje, sede da Academia

<sup>231</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 48.

<sup>232</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 51.

<sup>233</sup> GORBERG, Marissa. *Parc Royal: um magazine na modernidade carioca*. 2013. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – FGV/CPDOC, Rio de Janeiro, 2013, p. 11 e 31.

<sup>234</sup> De acordo com o Inventário do Fundo Secretaria Municipal Adjunta de Regulação Urbana 1896 a 2006, produzido pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, a capital mineira conta com pelo menos dez projetos arquitetônicos tombados de autoria de Antônio Costa Christino. Dentre eles, o edifício onde atualmente se encontra instalada a Academia Mineira de Letras, na Rua da Bahia, número 1466. Cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. *Inventário*. Fundo Secretaria Municipal Adjunta de Regulação Urbana 1896 a 2006. Belo Horizonte: APCBH, Divisão de Arquivos Permanentes, 2008.

Mineira de Letras e, à época, de propriedade de Borges da Costa,<sup>235</sup> conceituado médico da cidade e ex-atleta do América.<sup>236</sup> O mesmo que, curiosamente, também assinou a planta do elegante edifício em estilo eclético (Figura 27) que se ergueu em 1920 para receber o Parc Royal na nobre Rua da Bahia, projetado pelo carioca Luiz Morais Júnior, responsável pelo desenho do Instituto Manguinhos, no Rio de Janeiro, atual Fundação Oswaldo Cruz (Figura 29).

Figura 26 – Desenho das arquibancadas do futuro *stadium* do América



Fonte: APCBH.<sup>237</sup>

Figura 27 – Detalhes da fachada do Parc Royal



Fonte: Maria Lúcia Domas.<sup>238</sup>



Fonte: Marco Túlio Barreto.<sup>239</sup>

<sup>235</sup> Sobre o histórico do edifício da Rua da Bahia, número 1466, ver: RODRIGUES, Bernadete Bittencourt. Projeto Corredor Cultural Rua da Bahia: educação patrimonial e memória urbana. Belo Horizonte: [s.n.], 2006, p. 45. Disponível em: [bit.ly/2QpCsWV](http://bit.ly/2QpCsWV). Acesso em: 3 jan. 2020.

<sup>236</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América*: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, s/p.

<sup>237</sup> Reproduzido por: SOUZA NETO, Georgino Jorge de. *A invenção do torcer em Bello Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010, p. 54.

<sup>238</sup> Reproduzido pelos anexos de RODRIGUES, Bernadete Bittencourt. Projeto Corredor Cultural Rua da Bahia: educação patrimonial e memória urbana. Belo Horizonte: [s.n.], 2006. Disponível em: [bit.ly/2QpCsWV](http://bit.ly/2QpCsWV). Acesso em: 3 jan. 2020.

<sup>239</sup> Reproduzido pelos anexos de RODRIGUES, Bernadete Bittencourt. Projeto Corredor Cultural Rua da Bahia: educação patrimonial e memória urbana. Belo Horizonte: [s.n.], 2006. Disponível em: [bit.ly/2QpCsWV](http://bit.ly/2QpCsWV). Acesso em: 3 jan. 2020.

Figura 28 – Antiga casa de Borges da Costa



Fonte: Marco Túlio Barreto.<sup>240</sup>

Figura 29 – Instituto Manguinhos



Fonte: Casa de Oswaldo Cruz.<sup>241</sup>

Por todos esses preparativos, e por se tratar da primeira praça de esportes da capital mineira, dotada de um pioneiro “campo gramado” para a prática de futebol, a “festa” de inauguração foi prestigiada, segundo Carlos Paiva, por diversas “senhoras e senhoritas”. Antes do amistoso comemorativo, travado entre o anfitrião belo-horizontino e seu homônimo carioca, os convidados ainda presenciaram “o Presidente do Estado, Dr. Raul Soares (conselheiro do América)”, trajado de “fraque, cartola e bengala”, “com toda a gala que o evento merecia”, dar o simbólico “chute inicial”, ovacionando-o. Uma participação, como relata o autor, reveladora da “importância do evento” para a cidade. E, para coroar todo o elegante festival americano, à noite os visitantes foram “homenageados com um banquete” oferecido pelos donos da casa.

Mas se todos esses episódios fizeram do América um clube diferenciado, especial, de elite, levando-o a trilhar o caminho dos títulos e do reconhecimento social, para Carlos Paiva a manutenção desse cariz restrito e restritivo, tão definidor dos americanos, frente aos novos ventos que sopravam em direção ao futebol mineiro, contribuíram para que o clube entrasse em uma fase de longa e constante derrocada. Uma trajetória, como se verá, muito própria do mito da decadência. Que, muito embora reconheça o declínio e o ocaso de um agente dominador, ou a decadência do clube da elite, e a emergência de um novo período comandado por outras forças, acredita piamente no retorno aos memoráveis e faustos tempos.

<sup>240</sup> Reproduzido pelos anexos de RODRIGUES, Bernadete Bittencourt. Projeto Corredor Cultural Rua da Bahia: educação patrimonial e memória urbana. Belo Horizonte: [s.n.], 2006. Disponível em: [bit.ly/2QpCsWV](http://bit.ly/2QpCsWV). Acesso em: 3 jan. 2020.

<sup>241</sup> Disponível em: [bit.ly/2FeAK4e](http://bit.ly/2FeAK4e). Acesso em: 3 jan. 2020.

### 3.3 De “1926 em diante”: a “esperança que todos americanos acreditam”

*Parecia que os próprios americanos queriam parar no Deca a sequência de títulos, mas a verdade é que os jogos no meio de semana prejudicaram os estudos dos atletas americanos que preferiram se formar a jogar bola.*

Um novo ciclo se abriu para o futebol belo-horizontino e mineiro após o término do decacampeonato americano. Ao menos é nisso que Carlos Paiva crê. Não por coincidência, o capítulo seguinte ao histórico feito recebeu o título de “1926 em diante”.<sup>242</sup> Um texto, paradoxalmente, breve, que ocupa menos de meia página de sua *Enciclopédia do América*, mas que sintetiza muito bem o que, para ele, representava o dilema americano a partir daquele novo tempo que se descortinava. Entregar-se, de corpo e alma, ao futebol, que se tornava cada vez mais competitivo e popular, com jogos disputados, inclusive, “no meio da semana”, ou se dedicar arduamente ao mundo das letras, ser alguém na vida, conquistar uma profissão digna e conduzir os destinos da nação?

Antes de 1926, conforme Carlos Paiva, realizar as duas atividades não só era compatível como, mais do que isso, uma atividade parecia também complementar a outra. Afinal de contas, recordemos aqui, o América teria nascido de um grupo de colegas que supostamente estudavam no “muito exigente” Anglo-Mineiro, instituição de ensino, aliás, que fomentava a prática esportiva como um dos pilares da formação moral e política da juventude belo-horizontina. Justamente por isso, os primeiros americanos teriam reinado no cenário esportivo local entre 1916 e 1925. De modo que “[a]s Seleções Universitárias Mineiras, das décadas de [19]10 e [19]20, eram formadas pelos atletas do primeiro e segundo times do América”. Dentre eles, “os renomados médicos Mário Penna, zagueiro decacampeão, e Lucas Machado, hoje imortalizados com a criação do Hospital Mário Penna e [da] Faculdade de Medicina Lucas Machado”.<sup>243</sup>

Nesse sentido, escreve Carlos Paiva, o percurso natural dos vitoriosos americanos seria o de “pendurar as chuteiras” ainda muito jovens, tão logo estivessem de posse de seus “canudos” universitários. Segundo ele, teria sido este o caminho trilhado por José Borges de Carvalho e Manoel Hermeto Júnior, diplomados no final de 1920, respectivamente, em

<sup>242</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 60.

<sup>243</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, s/p. [O Decacampeão dos nossos corações].

Medicina e Ciências Jurídicas e Sociais.<sup>244</sup> E, também, o de Humberto Cortes Marinho, que ainda “no sexto ano de Medicina, deixou o futebol” em março de 1933.<sup>245</sup>

Embora Carlos Paiva não deixe isso explícito, ao contrário dos atletas dos anos de 1920, a menção ao abandono prematuro dos gramados pelo “center-half” americano Humberto Cortes Marinho, no princípio daquele ano de 1933, antes mesmo de ter concluído seus estudos universitários, aparece enquadrada e, portanto, justificada, na *Enciclopédia do América* em um cenário de “mudança[s] vivenciadas pelo] futebol mineiro”<sup>246</sup> após o fim do decacampeonato. Talvez o primeiro sintoma dessas transformações, anunciado pelo autor no excerto usado como epígrafe desta seção, tenha sido a autorização para que os jogos oficiais, válidos por competições organizadas pela Liga local, passassem a ser realizados também “no meio da semana”. Uma decisão que, na sua visão, tornava incompatível a prática esportiva para aqueles que pretendiam continuar seus estudos, como parecia ser o caso dos atletas americanos. Mas, ao mesmo tempo, um sinal do quanto o futebol vinha se convertendo em uma disputa cada vez mais envolvente e apreciada para os moradores da capital mineira, como se não bastasse mais aos assistentes, sócios, atletas, dirigentes, jornalistas e incipientes patrocinadores daquele esporte os esporádicos jogos aos finais de semana.

Mais do que isso, nessa nova fase do futebol local, inaugurada de “1926 em diante”, o aumento do número de jogos deveria vir acompanhado de exibições mais interessantes, conduzidas por equipes bem preparadas, jogadores mais qualificados tecnicamente, arquibancadas cheias e bilheteria lucrativas. Isso fica evidenciado quando Carlos Paiva reproduz a “reclamação” de um “cronista da época”, que, assombrado com as acachapantes goleadas de 11 a 1 do América sobre o Palmeira, de 13 a 0 do Atlético contra o Calafate e de 10 a 0 do Palestra Itália frente ao Alves Nogueira, em rodada válida pelo Campeonato Mineiro de 1929, escreveu em seu jornal: “assim os ‘30 ou 40’ pagantes só vão perder o interesse”.<sup>247</sup> E, para levar a cabo as demandas desse novo ciclo, de acordo com o autor da *Enciclopédia do América*, alguns clubes se desviaram do amadorismo puro e altruísta,

---

<sup>244</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 50.

<sup>245</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 69.

<sup>246</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 69.

<sup>247</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 63.

passando a praticar o “amadorismo marrom”,<sup>248</sup> termo pelo qual ficou consagrada a estratégia usada pelos clubes de inscrever atletas de destacada qualidade técnica, independentemente de seus atributos sociais, como parte de seu corpo de associados, utilizando-os em competições promovidas pelas entidades amadoristas, compensando-os ou gratificando-os financeira e materialmente, de modo extraoficial.

Para Carlos Paiva, Atlético e Palestra teriam sido os únicos a praticarem o “amadorismo marrom” em Belo Horizonte, enquanto os americanos “consideravam [...] o futebol, como os demais esportes, [...] complemento do lazer, a ser praticado enquanto seus atletas estudavam nas escolas superiores, para se tornar a elite de Minas e da nação”.<sup>249</sup> E, nesse sentido, o único regulamento possível e aceitável para o América seria o amadorismo simples e puro. Do contrário, os clubes estariam sujeitos a situações como aquela vivenciada pelo próprio América em março de 1933, quando o indeciso Carlos Brant “resolveu sair do Atlético [sic], vindo para o América” e “[d]epois mudou de idéia [sic]”, “roubou os documentos na Secretaria” do clube e “sai[u] correndo pela rua”. Um verdadeiro “papelão”, como define Carlos Paiva.<sup>250</sup> Um comportamento indigno, que não condizia com o legítimo amadorismo tão prezado pelos americanos, acostumados, mesmo após o término do decacampeonato, a “fazer do clube a extensão de seu lar”,<sup>251</sup> de enxergar o América como um “Clube-Família”.<sup>252</sup> Um clube onde jogadores e sócios, “estudantes das escolas de Direito, Engenharia e Medicina”, se confraternizavam, em “traje a rigor”,<sup>253</sup> nos bailes realizados em sua sede social, que, a partir de 1928, passou a contar com: um “salão de festas”, que era um “mimo”, ornamentado com “vários grupos de confortáveis poltronas e cadeiras”; uma “sala de orquestra”, equipada com um piano de “bem talhadas linhas” “feito especialmente [...] pelo maestro Mário Pastori” e uma “vitrola, marca ‘Sonora’, com som mavioso”; e um “saliente[e]

<sup>248</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce 2012, p. 70.

<sup>249</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 70-71.

<sup>250</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 69.

<sup>251</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 78.

<sup>252</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 78.

<sup>253</sup> Sobre a nova sede social do clube, ver: PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 61-62.

salão de honra”, composto de um “lindo pedestal central, artisticamente iluminado, em cujas transparentes e límpidas ‘vitrines’ ostentavam-se, em profusão, a série numerosa dos louros das vitórias conquistados pelo América”. Definitivamente, Carlos Brant não era atleta para o América, que se orgulhava de jogadores como o zagueiro Tônico. Um verdadeiro *gentleman*, que “no jogo de 20 de maio, contra o Guarany (da Lagoinha)”, acusou um impedimento de seu próprio companheiro de equipe, o Satyro Taboada, que havia assinalado um gol em posição irregular validado pelo árbitro da partida.<sup>254</sup>

Para evitar episódios desagradáveis como aquele protagonizado por Carlos Brant é que deveria existir uma fiscalização severa do regulamento amadorista. Uma vigília que faria os jogadores pensarem duas vezes antes de optar por mudar de pavilhão. Algo que, para Carlos Paiva, não acontecia desde, pelo menos, 1928, quando outro Brant, o Francisco, “deixou o América e se transferiu para o Syrio Horizontino”.<sup>255</sup> Se, num primeiro momento, a Liga “eliminou” o atleta de seus jogos oficiais por essa transferência, assim que Francisco Brant “alegou [ter] se exonerado do América cessa[ndo, assim,] sua inscrição como amador”, a entidade voltou atrás de sua decisão e apenas “advertiu” o jogador, “entendendo que só um motivo muito forte poderia fazer alguém ‘trocar as cores’” que defendia. Isso em plena vigência do amadorismo.

Pautado, portanto, nessa narrativa de que os americanos eram altaneiros defensores de uma concepção social e política de esportes amadorista é que Carlos Paiva recupera a memória americana do protesto contra a profissionalização do futebol. Assim, nos conta ele,<sup>256</sup> tão logo os presidentes “do Atlético e do Palestra” propuseram a regulamentação do futebol profissional em Minas Gerais no final de maio de 1933, o presidente americano, “Dr. Clóvis Pinto[,] reiterou suas convicções amadoristas”, que, aliás, eram as mesmas das de seus jogadores e dos torcedores do clube, os quais, àquela altura, também não “se convenciam da necessidade de implantação” do novo regime no estado. E, diz ainda o autor, após uma série de debates que opuseram o outrora decacampeão mineiro aos demais clubes mineiros, finalmente o “América se enquadrou, mas não se conformou, e mudou as suas cores para vermelho e branco, em protesto contra o regime de profissionalismo implantado no futebol”.

<sup>254</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 62.

<sup>255</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 62.

<sup>256</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 69-70.

A partir de então, Carlos Paiva nos apresenta uma série de episódios reveladores do impacto negativo da regulamentação do futebol profissional pelo clube. Como se o novo momento inaugurado a partir daquele primeiro semestre de 1933 só tivesse trazido problemas ao América. A começar pelo ano de 1934, quando dois de seus presidentes, eleitos em momentos distintos pelo Conselho Deliberativo, renunciaram por motivos semelhantes: o primeiro deles, o “Coronel Antônio Ribeiro de Abreu”, por “não pode[r] levar seus projetos à frente”, dentre eles, o de “terminar a construção da piscina” do clube; e o segundo, “Coronel Oscar Paschoal”, por “motivo de saúde”, mas também por “não suport[ar o peso d]a administração”, especialmente em função da “[in]adequação entre receita e despesa”<sup>257</sup> provocado pelo novo regime implementado no estado.

Instabilidades como aquela vivenciada em 1934 se arrastaram, segundo Carlos Paiva, até o ano de 1941, fazendo o time de futebol do América acumular “péssimos resultados e um desempenho medíocre”<sup>258</sup> nos Campeonatos de 1933, 1935 e 1941. Até que, no final daquela temporada, os dirigentes americanos deram por encerrado seu protesto. Dez anos de história que, segundo Carlos Paiva, trouxeram sérias consequências para o destino do clube. Isso porque, escreve ele no desfecho dessa narrativa, “o América se apercebeu tarde [de que o] amadorismo não era mais possível” de ser praticado. E esse equívoco americano teria feito o clube “tom[ar] um handicap dos co-irmãos”, lhe “rest[ando] correr atrás” do tempo perdido. O que, aliás, o América “ainda hoje” tem feito.<sup>259</sup>

Mas, como um típico defensor do mito da decadência, Carlos Paiva conclui essa passagem lembrando as seguintes palavras do “seu ‘Chico’ Oliveira Neto (funcionário, conselheiro e ex-administrador do estádio Independência, que colaborou por mais de 40 anos [com o clube]): ‘O rio sempre volta ao seu velho leito’. E é nessa esperança que todos americanos acreditam”.

Como se vê, toda essa narrativa seria muito semelhante àquela apresentada no segundo capítulo desta tese. Uma narrativa, portanto, consagrada pela memória coletiva, que se ufana da elegância e do requinte que levaram o clube de elite, ferrenho defensor do amadorismo, às glórias e ao topo do cenário esportivo mineiro. Que também reconhece o ocaso provocado

<sup>257</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 71.

<sup>258</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 78.

<sup>259</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 78.

pelo novo ciclo, que o afundou em sucessivas crises políticas e financeiras, enquanto Atlético e Palestra assumiam o protagonismo social e desportivo do estado. Mas que, ainda assim, acredita piamente na lei do “eterno retorno”, que o conduzirá, novamente, ao caminho das vitórias e do prestígio público.

E, externando todo o seu otimismo, nos capítulos finais da primeira parte da *Enciclopédia do América*, Carlos Paiva dá a entender que o passado recente do clube era um sinal de que a “profecia” do “seu ‘Chico’ Oliveira Neto” estava próxima de se concretizar. E os responsáveis por fazer o “rio” América “voltar ao seu velho leito” de glórias também seriam aqueles que, em alguma medida, possibilitaram que ao menos uma parte de suas tão sonhadas “páginas imortais” americanas se tornasse realidade.

### 3.4 “O América recomeça”

Se fosse possível descrever a trajetória do América no início do “novo milênio” por meio de alguma metáfora, diria que ele foi do céu ao inferno e, depois de uma longa jornada por lá, passou a fazer breves visitas ao paraíso, tamanha a instabilidade de suas performances. E se pensam que estou exagerando, contarei, rapidamente, um pouco dessa história que vi e vivi bem de perto.

Como fiz questão de deixar registrado no capítulo intitulado *Uma torcida que conversa com as paredes*, contrariando todos os prognósticos, em 2001 o América conquistou o 15º Campeonato Mineiro de sua história, vencendo o Atlético na final. Mas, já no segundo semestre daquele ano, enquanto o rival alvinegro disputava o título do Campeonato Brasileiro, sendo eliminado apenas na fase semifinal pela sensação São Caetano, e o Cruzeiro lutava, com certa dificuldade, é verdade, contra o rebaixamento, o América esteve em poucos momentos fora da “zona da degola”.<sup>260</sup> Assim, ao final da primeira fase da competição, sua 26ª posição o levou ao quarto rebaixamento para a segunda divisão do futebol brasileiro em sua história.

Embora, no ano seguinte, o América tenha “batido na trave” para voltar à elite do futebol pátrio, sendo eliminado pelo Fortaleza nas quartas de final da Série B, em 2003 sua fraca campanha quase o rebaixou à terceira divisão do Campeonato Brasileiro. Destino, aliás, que foi selado já na edição seguinte da competição nacional. Talvez uma das lembranças mais tristes que guardo em minha memória de torcedor seja a do famoso “jogo do emprego”, o

---

<sup>260</sup> Em alusão às últimas colocações do campeonato, destinadas ao rebaixamento para a divisão inferior no ano seguinte.

último do América em Belo Horizonte naquele ano de 2004.<sup>261</sup> Naquela ocasião, o confronto contra o CRB, válido pela penúltima rodada da segunda divisão do Brasileiro daquele ano, era visto como a última chance para o clube escapar de um novo rebaixamento, já que nos jogos derradeiros a equipe necessitava de dois resultados positivos. Pensando nisso, um grupo de americanos desesperados, composto por “empresários, ex-dirigentes e conselheiros” do clube, criou o “Movimento todos juntos América vencer e vencer”, que, com o apoio da direção, realizou uma série de iniciativas para atrair um maior número de torcedores à partida contra a equipe alagoana, tendo em vista que, como de costume, o melhor público do América na competição havia sido de aproximadamente 3 mil torcedores. Assim, o duelo programado para acontecer no Independência naquela quarta-feira à noite foi transferido para o Mineirão, com bilhetes a preço único, no valor de R\$ 1,00, distribuição de “800 camisas do clube para os primeiros torcedores que chega[sse]m ao estádio” e sorteio de 20 cestas básicas e 10 vagas de emprego em “hospital[is], construtora[s], comércio[s]” e outros estabelecimentos de propriedade de torcedores do clube. Mas, apesar dos pouco mais de 20 mil presentes e do foguetório na entrada da equipe no gramado do Gigante da Pampulha, os comandados do técnico Pintado, ex-jogador do América, não conseguiram vazar a defesa adversária. E, confesso a vocês, minha maior tristeza talvez nem tenha sido o 0 a 0 no placar, e sim o clima festivo partilhado por boa parte dos que ali estavam, atraídos pelas promoções do clube, mesmo após o apito final do árbitro.

De todo modo, para o América e seus torcedores, aquele início de novo milênio ainda reservaria uma página ainda mais vexatória que aquela do “jogo do emprego”. E essa página foi escrita pouco menos de três anos após esse episódio, mais precisamente durante o primeiro semestre de 2007.<sup>262</sup> Depois de uma pífia campanha no campeonato estadual daquela temporada, conquistando apenas uma vitória e dois empates em 11 jogos disputados, o América se viu rebaixado novamente, dessa vez à segunda divisão do futebol mineiro. Com o inédito descenso do clube, sua equipe de futebol sequer pôde pleitear uma vaga na terceira divisão do Campeonato Brasileiro do ano seguinte, lhe restando, para o remanente calendário daquele ano, a disputa da extinta Taça Minas Gerais, competição usualmente concorrida pelos

---

<sup>261</sup> As informações relativas ao “jogo do emprego” foram retiradas de: América-MG sorteia empregos para chamar torcida. *Globo Esporte*, Belo Horizonte, 14 set. 2004. Disponível em: [glo.bo/2Eq122R](http://glo.bo/2Eq122R). Acesso em: 16 dez. 2019.

<sup>262</sup> As informações referentes ao ano de 2007 do América foram sistematizadas a partir do texto de: PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 175.

clubes interioranos do estado e praticamente esquecida pelos torcedores da capital, já que seus clubes do coração não figuram entre o rol de participantes.

Para tentar salvar o ano vindouro, os dirigentes americanos ainda conseguiram, por meio de suas influências políticas, que esse certame ofertasse uma vaga *ad hoc* para a Série C nacional. Isso desde que o clube se sagrasse campeão da desprestigiada Taça Minas Gerais para os belo-horizontinos. Todavia, mesmo sem contar com a concorrência de seus arquirrivais, o América terminou essa disputa regional na terceira colocação, atrás do campeão Ituiutaba – hoje Boa Esporte de Varginha – e do vice-campeão Tupi, da cidade de Juiz de Fora. Mas, para sua sorte, como ambas as equipes do interior do estado já haviam obtido o direito de participar da terceira divisão do Brasileiro do ano seguinte com seus bons desempenhos no Campeonato Mineiro, a última vaga mineira para a competição nacional acabou por ser “herdada” pelo América, como relata Carlos Paiva.<sup>263</sup> De modo que, para o historiador americano, o ano de 2008 passou a representar a possibilidade de um “recomeço”<sup>264</sup> para o clube. E, pouco a pouco, essa trajetória ascendente começou a ser percorrida.

Logo no início daquela temporada, o América conquistou o título de campeão do Módulo II do Campeonato Mineiro, garantindo-se na primeira divisão do estadual do ano seguinte. No dia 9 de abril daquele ano, a CBF ainda anunciou a criação da quarta divisão nacional, oficialmente chamada de Série D, para a temporada seguinte.<sup>265</sup> Dessa maneira, a partir do próximo ano, a Série C, que era disputada por mais de 60 clubes de todo o país, contaria, à semelhança das duas primeiras divisões nacionais, com apenas 20 participantes. E a definição de quais clubes comporiam esse novo certame seria realizada a partir da classificação geral dos concorrentes da terceira divisão daquele ano. Assim, muito embora no segundo semestre de 2008 o América tenha ficado distante de conquistar o acesso à Série B do Brasileiro, sua classificação entre os 20 melhores clubes da competição lhe garantiu a vaga em uma futura Série C um pouco menos concorrida que aquela disputada até então.

E, no ano seguinte, o América não apenas não deixou passar essa oportunidade como também se sagrou campeão brasileiro da nova terceira divisão. Mais do que isso, a partir de

---

<sup>263</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 175.

<sup>264</sup> Menção ao capítulo intitulado “O América recomeça”. Cf. PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 177.

<sup>265</sup> Ver a esse respeito: RSSSF BRAZIL. Brazil 2008 Championship – Third Level (Série C). *RSSSF Brasil – The Rec.Sport.Soccer Statistics Foundation*, 24 nov. 2008. Disponível em: [bit.ly/36RheXp](http://bit.ly/36RheXp). Acesso em: 16 dez. 2019.

2010 ele se firmou como um dos clubes com o maior número de acessos à divisão de elite do futebol nacional, mesmo não permanecendo nela por mais de um ano seguido. Para surpresa de muitos, o primeiro desses acessos veio logo no ano seguinte ao título da Série C. O feito foi ainda reprisado nos anos de 2015 e 2017, nesta última ocasião coroado com o título de campeão nacional. Isso sem me esquecer, é claro, de suas competitivas participações no campeonato estadual, dentre as quais destaco o vice-campeonato de 2012 e a conquista da edição de 2016.

Mas como explicar, na história do clube, tamanha reviravolta em um curto espaço de tempo? Como o América chegou “ao fundo do poço”, disputando a segunda divisão estadual e a terceira e última divisão nacional, de lá saindo para se converter em um dos fortes candidatos ao acesso à elite do Brasileirão? Em outras palavras, como explicar esse triunfante “recomeço” do clube a partir de 2008, quando muitos acreditavam que ele estava a um passo da solvência?

Para Carlos Paiva,<sup>266</sup> uma resposta simples de ser dada. Segundo ele, no mesmo ano em que o América jogou o infame Módulo II do Mineiro, “figuras de expressão” do clube propuseram uma reforma estatutária que visava substituir o sistema presidencialista por um “Conselho de Administração”. Uma espécie de gestão compartilhada do clube, ou, segundo Carlos Paiva, um “novo conceito de administração”, em que cada membro do conselho tinha uma função específica, que ia desde a busca por “novos patrocínios” e “novas fontes de renda” a soluções jurídicas e financeiras para “saldar seus compromissos de ordem trabalhista, previdenciária e fiscal”. “Reunindo-se ordinariamente todas às segundas-feiras”, segundo ele, o novo Conselho teria produzido “resultados [...] muito positivos” em pouco tempo de trabalho. A começar pelo desempenho da equipe de futebol do clube, que “retomou o caminho das vitórias [...], saindo da terceira divisão brasileira para a segunda, e logo a seguir a primeira”. Isso tudo em apenas dois anos de gestão, “mostrando a eficiência” daquele novo modelo de gestão.

Mas, para o historiador americano, todos esses “feitos memoráveis” não teriam sido conquistados se não fosse o “plano de recuperação financeira” implementado por aquele Conselho de Administração, formado, em sua maioria, por profissionais liberais do Direito, do mercado imobiliário e da construção civil. Capitaneados pelo engenheiro civil Marcus

---

<sup>266</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 179-180.

Vinícius Salum,<sup>267</sup> um dos proprietários da Salum Construções e figura ativa na vida político-administrativa do clube desde os anos de 1980, os novos “presidentes” do América, como também ficaram conhecidos os membros desse Conselho, teriam conseguido implementar uma série de projetos que, segundo Carlos Paiva, visava “melhor aproveitamento dos imóveis” americanos na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), proporcionando, assim, recursos estáveis a serem investidos em seu departamento de futebol profissional.

Nesse sentido, portanto, em junho de 2007, em um antigo campo de futebol do clube no bairro Santa Efigênia, região leste da capital mineira, às margens da Avenida dos Andradas, um dos principais eixos viários metropolitanos, o América viu as obras de construção do *Boulevard Shopping* serem iniciadas.<sup>268</sup> Nas mãos do Conselho de Administração, o empreendimento, realizado por meio de parceria com um dos maiores grupos de gestão de shoppings do Brasil e uma grande empreiteira brasileira, superou, e muito, as expectativas do projeto original, quando ainda era chamado de “Planeta América”, por prever também a edificação da nova sede administrativa do clube e uma praça esportiva destinada à realização de projetos de assistência social no terraço do *shopping*. Se em 2010, o *Boulevard Shopping* seria inaugurado já como o “segundo maior [centro comercial] de Belo Horizonte”,<sup>269</sup> tendo o América um percentual fixo de participação na venda e no aluguel das lojas, dois anos depois o lançamento da *Boulevard Corporate Tower*, construída sobre parte do *mall*, a primeira “torre comercial agregada a um shopping center” da cidade, de 17 andares de salas com acabamento de “alto padrão”, incrementaria consideravelmente o fluxo de visitantes diários<sup>270</sup> e a renda mensal do clube. Como se não bastasse, antes mesmo que a *Boulevard Corporate Tower* fosse aberta ao público, os gestores do empreendimento adquiriram, com a anuência do Conselho de Administração americano, um “último terreno desocupado do quarteirão do centro de compras” para implantar um “espaço multifuncional”.<sup>271</sup> Durante um longo período, a área ociosa foi alugada para parques, circos e outros eventos temporários. Até que, no início de 2017, o terreno de 2.600 m<sup>2</sup> deu origem ao

---

<sup>267</sup> Para uma breve biografia de Marcus Vinícius Salum, ver: SOUZA, Gilson de. Minha história no América, o time do meu coração. *CLAM* – Centro de Lazer do América. Revista comemorativa do centenário do América Futebol Clube. 1912 a 2012. Belo Horizonte: EGL Editores Gráficos Ltda., 2012. p. 56-60.

<sup>268</sup> Sobre a parceria ver: PEDROSA, Ana Paula; BOMFIM, Simone. Boulevard Shopping ganha sócio de peso. *O Tempo*, Belo Horizonte, 9 maio 2007. Disponível em: [bit.ly/2M0z55T](http://bit.ly/2M0z55T). Acesso em: 16 dez. 2019.

<sup>269</sup> MURTA, Letícia. Boulevard Shopping é inaugurado. *O Tempo*, Belo Horizonte, 25 maio 2010. Disponível em: [bit.ly/36FDHq8](http://bit.ly/36FDHq8). Acesso em: 16 dez. 2019.

<sup>270</sup> RIGUEIRA, Marina. Boulevard Shopping inicia obras da primeira torre comercial agregada a um mall em BH. *Estado de Minas*, Economia, Belo Horizonte, 12 dez. 2011. Disponível em: [bit.ly/2G2IHuK](http://bit.ly/2G2IHuK). Acesso em: 19 jan. 2020.

<sup>271</sup> TATIANA, Iêva. Boulevard compra área de R\$ 18 milhões e prepara expansão. *Hoje em Dia*, Primeiro Plano, Belo Horizonte, 15 fev. 2013. Disponível em: [bit.ly/2TDYHKA](http://bit.ly/2TDYHKA). Acesso em: 19 jan. 2020.

projeto *Be Green Boulevard*, que, além de ser a “primeira fazenda urbana da América Latina, e a nona do mundo”, produzindo alimentos orgânicos em uma enorme estufa, também passou a contar com restaurantes e lojas do gênero.<sup>272</sup>

A experiência bem-sucedida do América com o *Boulevard Shopping* levou seu Conselho de Administração a planejar a negociação, ainda em 2011, de seu Clube de Lazer, o CLAM, localizado no bairro Ouro Preto, região da Pampulha, e de um terreno no bairro Três Barras, em Contagem, que em meados dos anos de 1980 poderia ter abrigado o novo estádio do clube e que, nos últimos anos, vem sendo usado “por escolinhas de futebol e por times amadores” da cidade.<sup>273</sup> Se a imensa área de 73 mil m<sup>2</sup> em Três Barras segue ainda em fase de negociação, em meados de 2013 o CLAM, que ocupava cerca de 18 mil m<sup>2</sup>, teve suas atividades encerradas após a direção americana firmar parceria com duas das maiores construtoras e incorporadoras de imóveis residenciais do país. Dessa maneira, o antigo clube social, que gerava uma renda mensal ao América de pouco menos de 20 mil reais, passou a reverter aos cofres americanos cerca de 250 mil reais ao mês após o lançamento dos condomínios *Splendido e Supremo* no início de 2018.<sup>274</sup>

Com o fechamento do CLAM, a sede social do América, que antes funcionava ali, foi transferida para o primeiro pavimento da *Boulevard Corporate Tower*, inteiramente reservado ao clube. Nesse espaço, o América ainda abriu, em 2016, sua primeira loja física na capital mineira, destinada a comercializar produtos exclusivamente alusivos a ele.<sup>275</sup> E, para os próximos anos, prevê a inauguração de um Museu-Memorial aberto ao público que, segundo seu plano de divulgação, contará com “atrativos tecnológicos e interativos”.<sup>276</sup>

A cruzada do Conselho de Administração para tornar o patrimônio americano em receita fixa do clube chegou a envolver, na virada de 2010 para 2011, até o Centro de Treinamento (CT) Lanna Drumond, localizado também em Contagem, próximo à Lagoa da

<sup>272</sup> MAIA, Bibiana. Em Belo Horizonte, a Be Green inaugura a primeira fazenda urbana da América Latina. *Draft*, 3 maio 2017. Disponível em: [bit.ly/2sFdDgp](http://bit.ly/2sFdDgp). Acesso em: 19 jan. 2020.

<sup>273</sup> ALMEIDA, Fernando. Estádio Três Barras: o sonho do América pré-Independência. *O Tempo*, Super.FC, América-100 anos, Belo Horizonte, 30 abr. 1919. Disponível em: [bit.ly/2NKCN4B](http://bit.ly/2NKCN4B). Acesso em: 21 jan. 2020.

<sup>274</sup> Sobre a negociação do CLAM com as empreiteiras, ver: SAAD, Nalu. América negocia patrimônio. *O Tempo*, Mercado Imobiliário, Belo Horizonte, 22 jul. 2011. Disponível em: [bit.ly/2G7ZFqo](http://bit.ly/2G7ZFqo). Acesso em 19 jan. 2020; Clube do América fecha as portas para dar lugar a prédios residenciais. *Estado de Minas*, Economia, Belo Horizonte, 17 maio 2013. Disponível em: [bit.ly/2sEdSIz](http://bit.ly/2sEdSIz). Acesso em: 19 jan. 2020. Sobre o lançamento dos condomínios, ver: Antigo Clube de Lazer do América ganha novo empreendimento. *Estado de Minas*, Lugar Certo, Mercado Imobiliário, Belo Horizonte, 8 dez. 2012. Disponível em: [bit.ly/2TFqNoE](http://bit.ly/2TFqNoE). Acesso em: 19 jan. 2020; Empresa entrega mais dois condomínios em BH. *Estado de Minas*, Lugar Certo, Lançamento, Belo Horizonte, 11 fev. 2018. Disponível em: [bit.ly/30yVZaO](http://bit.ly/30yVZaO). Acesso em: 19 jan. 2020

<sup>275</sup> Cf. Loja oficial do América será inaugurada com lançamento do novo uniforme. *O Tempo*, Esportes, Belo Horizonte, 1 mar. 2016. Disponível em: [hoje.vc/1n1vn](http://hoje.vc/1n1vn). Acesso em: 20 jan. 2020.

<sup>276</sup> América lança projeto de museu contando a história dos 106 anos do clube. *Estado de Minas*, Superesportes, América, Belo Horizonte, 22 out. 2018. Disponível em: [bit.ly/2Gjbqux](http://bit.ly/2Gjbqux). Acesso em: 20 jan. 2020.

Pampulha. Naquela ocasião, outra grande empreiteira e incorporadora habitacional do país havia adquirido uma área de 96 mil m<sup>2</sup> contíguos à propriedade americana e pretendia comprar o CT para realizar um grande empreendimento residencial na região.<sup>277</sup> Mais recentemente, as tratativas entre eles definiram que o América permute um outro terreno de 40 mil m<sup>2</sup> na região por 30 mil m<sup>2</sup> dessa área contígua ao Lanna Drumond, de propriedade da empreiteira, como forma de viabilizar um arrojado projeto de expansão do CT.<sup>278</sup> Com inauguração prevista para 2022, o novo empreendimento, que receberá o nome de “Planeta América”, “contará com 10 campos (dois com arquibancadas), hotel do elenco profissional, alojamento para a base, piscinas, quadras poliesportivas, salas de musculação e espaços de convivência. A área total é de 150 mil metros quadrados”.<sup>279</sup>

Em meio a todas essas iniciativas, o América ainda foi agraciado, entre os anos de 2008 e 2009, com o anúncio do governo estadual de que seu estádio seria completamente remodelado visando atender à Copa das Confederações e à Copa do Mundo, sediadas no país em 2013 e 2014, respectivamente. Pouco antes das obras serem concluídas, o estado de Minas abriu um edital de licitação para que a nova Arena Independência, com capacidade para receber 23 mil espectadores em jogos de futebol, fosse administrada pela iniciativa privada. Pelo acordo firmado, o América passou a receber pouco mais de 5% de “toda a renda auferida”<sup>280</sup> pelo estádio.

Mas os projetos desenvolvidos pelo novo Conselho de Administração não ficaram restritos à conversão do extenso patrimônio imobiliário americano em fonte de renda mais estável para o clube. Seguindo o caminho de boa parte dos grandes clubes de futebol do país, a partir do novo modelo de administração, o América incorporou uma diretoria de *marketing* como órgão permanente de seu organograma. Uma diretoria que encontrou campo fértil para atuar em 2012, ano em que, coincidentemente, o Independência seria reinaugurado como uma nova e moderna arena multiuso e o próprio América completaria 100 anos de vida.

Para aquela ocasião, o *marketing* americano programou uma série de atividades comemorativas, como o lançamento da camisa do centenário, que contou com a participação

---

<sup>277</sup> COSTA, Guilherme. América-MG pretende vender CT para criar receita. *UOL*, Máquina do Esporte, 3 dez. 2010. Disponível em: [bit.ly/2tBfdF](http://bit.ly/2tBfdF). Acesso em: 20 de jan. 2020.

<sup>278</sup> ARRUDA, Rafael. Planeta América: parceria entre clube e MRV impulsiona expansão do Lanna Drumond. *Estado de Minas*, Superesportes, América, Belo Horizonte, 4 nov. 2019. Disponível em: [bit.ly/365YcLW](http://bit.ly/365YcLW). Acesso em: 20 de jan. 2020.

<sup>279</sup> “Planeta América”: clube apresenta a conselheiros passo a passo do projeto de novo CT. *Estado de Minas*, Superesportes, América, Belo Horizonte, 3 mar. 2019. Disponível em: [bit.ly/3648xYQ](http://bit.ly/3648xYQ). Acesso em: 20 de jan. 2020.

<sup>280</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 189.

virtual dos torcedores, e a exibição, em TV aberta, do vídeo “América, um time para poucos” – ambos comentados no capítulo anterior. Já na segunda metade daquele ano, o *marketing* americano ainda realizou uma festa no Museu Inimá de Paula para divulgar seu novo programa de sócio-torcedor, o “Onda Verde”, como forma de garantir a fidelização de seus adeptos.<sup>281</sup>

Mas foi mesmo em uma cerimônia realizada no Grande Teatro do Palácio das Artes, na noite do dia 30 de abril, data de aniversário da fundação do América, que o trabalho da diretoria de *marketing* mais se pronunciou.<sup>282</sup> Naquela “noite de gala”, o governador do estado, o prefeito da cidade e diversos convidados do clube se juntaram a mais de “mil americanos” de todos os tipos, desde “empresários, artistas, dirigentes, ex-atletas” e torcedores, para “celebrar as conquistas do último século de vida e as aspirações para os próximos anos”. Uma cerimônia que, segundo discurso de abertura proferido por Afonso Celso Raso, então presidente do Conselho de Administração, representaria um “ponto de encontro do passado, do presente e do futuro do América”. Assim, no palco do Grande Teatro, os presentes viram “ex-presidentes, ex-jogadores [e] parentes dos fundadores” do clube serem homenageados pelo troféu “Coelho de Esmeraldas”, em reconhecimento às suas participações na história americana. Entre uma homenagem e outra, atletas do time de 2012 desfilaram, sob efusivas palmas, os novos uniformes americanos, alusivos ao “protesto contra o profissionalismo no início da década de [19]30” e “ao modelo de 1913, [...] que ganhou força na década de [19]70”. E os gestores do clube apresentaram ao público o “Selo do Centenário”, idealizado por André Rios, que deveria ser “difundido em vários países” pelos Correios e que continha, em sua parte central, a logomarca criada para identificar as comemorações do centenário americano.<sup>283</sup>

Já no *foyer* do Grande Teatro, medalhas do decacampeonato, troféus da Série B de 1997, da Série C de 2009, da Copa Sul-Minas de 2000 e diversas “camisas históricas” de propriedade do “historiador americano” Mário César Monteiro, o Marinho, recepcionavam o

---

<sup>281</sup> América divulga planos do programa “Onda Verde”, sócio-torcedor é lançado com festa. *Estado de Minas*, Superesportes, América, Belo Horizonte, 5 jul. 2012. Disponível em: [bit.ly/36ccDhF](http://bit.ly/36ccDhF). Acesso em: 20 de jan. 2020.

<sup>282</sup> As citações desse parágrafo relativo à comemoração do centenário americano foram retiradas de: ASSESSORIA AFC. América comemora seu centenário em noite histórica. *CLAM* – Centro de Lazer do América. Revista comemorativa do centenário do América Futebol Clube. 1912 a 2012. Belo Horizonte: EGL Editores Gráficos Ltda., 2012, p. 46-52. E de BADARÓ, Tarcísio. América-MG encerra com chave de ouro comemoração pelo centenário. *Globo Esporte*, Belo Horizonte, 30 abr. 2012. Disponível em: [glo.bo/2TGrRZr](http://glo.bo/2TGrRZr). Acesso em: 20 jan. 2020.

<sup>283</sup> O modelo do Selo do Centenário do América e suas descrições técnicas podem ser encontrados em: Centenário do América Futebol Clube-MG. *Ludopédio*, Museu, Selos, s. d. Disponível em: [bit.ly/30DtLLR](http://bit.ly/30DtLLR). Acesso em: 20 jan. 2020.

público no evento. E, mais ao fundo, em um discreto cantinho do salão, Carlos Paiva ocupou uma mesa, ficando a postos para vender e autografar a *Enciclopédia do América*, recém-saída das máquinas tipográficas. Um livro cuja capa é ilustrada por um grande escudo do América, sobreposto por uma faixa contendo a seguinte inscrição: “1912 / centenário / 2012”. E sua ficha catalográfica identifica a publicação como uma “edição especial do centenário”. Mais do que isso, abaixo da tradicional sinopse, sua quarta capa estampa não apenas o “Selo do Centenário” como também o registro de que aquele é um “Produto oficial do América Futebol Clube” (Figura 30).

Figura 30 – Capas da *Enciclopédia do América*



Fonte: *Enciclopédia do América*. Acervo pessoal.

Não por coincidência, embora o então presidente do Conselho de Administração do clube dissesse, durante a cerimônia do dia 30 de abril de 2012, que a *Enciclopédia do América* era “um trabalho espetacular do Carlos Paiva”, para ele a obra também seria a concretização de “um sonho antigo” dos dirigentes do clube. Isso porque o livro só foi incorporado aos festejos do centenário e, em alguma medida, só se tornou viável porque diversos atores da política americana, muitos dos quais, membros do Conselho de Administração do clube, decidiram financiá-lo. O que talvez explique por que um projeto como aquele, dedicado a “mostrar [à] Nação Americana as glórias de nosso passado, nossas vitórias e histórias”,<sup>284</sup> teria, como primeiras imagens reproduzidas em meio aos habituais paratextos – dedicatória, agradecimentos, prefácio e apresentação –, um conjunto de três fotos (Figura 31) reunindo nove membros do Conselho de Administração para o triênio 2012-2014. Todos eles trajados como manda o figurino: de roupa social, terno e gravata.

<sup>284</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, s. p. [O Decacampeão de nossos corações].

Figura 31 – Dirigentes do América representados entre os paratextos da *Enciclopédia do América*



Fonte: Paratextos da *Enciclopédia do América*; acervo pessoal.

Assim, podemos questionar se, para Carlos Paiva, aquele novo órgão executivo do clube seria mesmo responsável pelo “ressurgimento” do América; ou se, em alguma medida, a leitura do recente passado americano feita por ele refletiria um compromisso com seus mecenas. Difícil dizer. De todo modo, como já disse antes, a *Enciclopédia do América* não trouxe a público todas as pesquisas feitas por Carlos Paiva. Por isso, nos últimos anos, ele mantém a esperança de conseguir financiamento para a publicação do *Almanaque do América* e do livro *Nossos ídolos, nossa paixão*. O primeiro, composto por “966 laudas digitadas” de: “fichas técnicas com escalações e gols de mais de 90% dos jogos [de futebol] disputados [pelo clube] desde 1912”; estatísticas relacionadas a essas partidas, aos jogadores do clube e também da “equipe feminina de futebol”; e “dados sobre outros esportes”. Já o segundo possui quase 1.500 páginas, com “minibiografias” ilustradas de “pelo menos 4 mil jogadores que defenderam o América”.<sup>285</sup> Enquanto isso não acontece, o historiador oficial do América continua coletando e sistematizando pequenas biografias de americanos e estatísticas de jogos do clube, algumas delas divulgadas em sua conta pessoal no *Facebook*.<sup>286</sup> Isso tudo mesmo residindo, já há algum tempo, no interior paulista, onde trabalha como empresário e comerciante do ramo de vestuário.

<sup>285</sup> ARRUDA, Rafael. Historiador busca recursos para publicar obras com fichas de mais de 4.600 jogos e minibiografias de cerca de 5 mil atletas do América. *Estado de Minas*, Superesportes, América, Belo Horizonte, 5 set. 2018. Disponível em: <https://goo.gl/1VNbfQ>. Acesso em: 12 mar. 2019.

<sup>286</sup> Cf. PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo (carlosetuado.paivaoliveira). *Facebook*. Disponível em: [goo.gl/c5guAP](https://goo.gl/c5guAP). Acesso em: 18 jul. 2018.

Se essas obras trarão alguma novidade quanto à narrativa histórica do América, só o tempo dirá. Entretanto, se pretendo ser justo aqui com a *Enciclopédia do América* e com toda a brilhante pesquisa documental realizada por Carlos Paiva, devo dizer que, como um texto de natureza memorialística, essa sua obra-prima também viveria o dilema, tão bem sintetizado por Marcelino da Silva, de “reconstituir e presentificar o passado e, ao mesmo tempo, [...] interpretá-lo, dar a ele um sentido, uma unidade”.<sup>287</sup> Duas intenções incompatíveis, segundo o professor de literatura da UFMG, já que “o passado é sempre complexo e multifacetado, rebelde a generalizações, escapando inevitavelmente à busca por coerência empreendida pelo memorialista”. Por isso, as publicações de memória, como as “páginas imortais” do América escritas por Carlos Paiva, incorporaram episódios e personagens que, por vezes, fogem à hipótese central da narrativa apresentada, empenhada em atestar a tradição do América elitista, adido defensor do amadorismo. Dentre eles, a já mencionada conquista americana da Taça Líder, “curso [promovido pelo] jornal ‘Folha da Noite’” no ano de 1930 para eleger “o clube mais querido” da capital mineira. Uma conquista curiosamente comemorada, segundo Carlos Paiva, em “um grande baile de gala, com o obrigatório traje a rigor (casaca, smoking ou branco [sic])”.<sup>288</sup> Ou ainda a menção do historiador americano à “crônica de ‘Abel’, publicada em 19 de novembro [de 1916] no semanário ‘As Alterosas’”, que afirmava ser o América o clube “com o maior número de admiradores” na cidade, fossem eles “acadêmicos” ou da “classe operária, onde seu nome é proferido com sincera dedicação e amizade”.<sup>289</sup> Registros, como se verá a seguir, que podem servir como porta de entrada para interrogarmos as representações simbólicas defendidas pela *Enciclopédia do América*. E é justamente isso que passo a fazer a partir de agora.

---

<sup>287</sup> SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 189.

<sup>288</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 64.

<sup>289</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 45.

## CAPÍTULO 4 – “NÃO SOMOS MAIS DECA???”

Peço licença aos meus companheiros americanos para começar este capítulo retomando uma grande polêmica que envolve o símbolo maior da supremacia americana. Uma “ladainha” que, por certo, os americanos estão cansados e desgostosos de ouvir. De todo modo, uma discussão muito interessante para aqueles que, como eu, acreditam que as tradições podem e devem ser questionadas.

Apesar de o decacampeonato americano ser atualmente oficializado pela FMF, e também reconhecido nacionalmente, nos últimos anos alguns pesquisadores do futebol mineiro vêm se empenhando em questionar a legitimidade dessa histórica e tão festejada conquista. Talvez o principal deles seja o historiador oficial do Cruzeiro, Carlos Henrique Ribeiro, que, no ano de 2008, afirmou em seu *Blog do Campeonato Mineiro* que o decacampeonato americano era “um dos maiores mitos do futebol”<sup>290</sup> Evidentemente que o renomado pesquisador cruzeirense não se referia ao significado de mito que venho aqui mobilizando, mas sim à noção popular de mito inaugurada, segundo Mircea Eliade,<sup>291</sup> lá pelos gregos clássicos, que, de maneira pioneira, contrapuseram as mitologias à lógica, à história, à razão, conferindo-lhe o sentido de ficção, de falsidade. Não por coincidência, nesse mesmo texto Carlos Henrique Ribeiro explicava que o decacampeonato era um “mito” porque seus argumentos “cont[inham] erros históricos”. A começar pela nomeação do campeonato organizado pela Liga à época.

Segundo ele, naquela ocasião a CBD proibia a “criação de ligas municipais nas capitais”, de modo que as competições realizadas nessas cidades, embora organizadas “pela entidade máxima do estado”, não outorgavam ao vencedor o título de campeão estadual. Nesse sentido, caso o América realmente tivesse vencido a competição local por dez vezes consecutivas, seu epíteto não seria o de decacampeão mineiro, e sim o de decacampeão de Belo Horizonte. Mas, para Carlos Henrique Ribeiro, as dez ininterruptas conquistas americanas tampouco haviam acontecido. Em sua opinião, os que defendiam a existência do inigualável recorde alviverde realizavam uma equivocada interpretação dos resultados e do inusitado e abrupto desfecho do Campeonato de 1925.

---

<sup>290</sup> A publicação inicial de Carlos Henrique Ribeiro pode ser encontrada em: SAMURAY-BH. Não somos mais Deca???. *Fórum da Avacoelhada América MG*. Byte bola virtual, 25 jan. 2008. Disponível em: [bit.ly/2xv42aR](http://bit.ly/2xv42aR). Acesso em: 5 jul. 2019. Anos mais tarde, esse texto seria revisado e ampliado em outra iniciativa de Carlos Henrique Ribeiro. Cf. RIBEIRO, Carlos Henrique. 1925 sem campeonato e a farsa do deca do América. *Almanaque do Cruzeiro*, 21 jan. 2016. Disponível em: [almanaquedocruzeiro.blogspot.com.br/search?q=deca](http://almanaquedocruzeiro.blogspot.com.br/search?q=deca). Acesso em: 24 fev. 2017.

<sup>291</sup> ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972, p. 6-9. (Debates; Filosofia).

De acordo com a versão consagrada pela memória do futebol belo-horizontino, também reproduzida por Carlos Paiva<sup>292</sup> em seu livro, o Campeonato de 1925 teve início com alguns dias de atraso, já que o América, interessado em realizar “um último amistoso” contra o Sport Club Syrio, de São Paulo, solicitou à Liga o adiamento da competição. Diante do aceite da entidade responsável pela disputa, a partida inaugural do América na competição, marcada contra o suburbano Sport Club Calafate (Calafate) no dia 7 de junho daquele ano, só aconteceu uma semana mais tarde, e ainda por cima contra o Atlético, encontro previsto inicialmente para acontecer apenas na terceira rodada da competição. Para Carlos Paiva, após a magra derrota alviverde para a equipe paulistana, aquele América x Atlético foi ansiosamente aguardado pelos torcedores da cidade. A ponto de seu livro registrar que a “Pharmácia Americana” ofertou um “bronze” ao seu vencedor. Mas, para confirmar o favoritismo do enecampeão mineiro, a equipe da casa, jogando diante de uma numerosa torcida, derrotou o adversário pelo elástico placar de 4 a 1, com gols de “Bolivar, Satyro Taboada, Osvaldinho e Gauchinho”.

Ainda segundo a narrativa comumente difundida, tão logo o confronto entre os dois clubes se encerrou, o Campeonato organizado pela Liga foi suspenso para que a Seleção Mineira se preparasse para a disputa do extinto Campeonato Brasileiro de Seleções.<sup>293</sup> Como diz Carlos Paiva, aquele selecionado mineiro foi todo formado por atletas egressos do América, tamanha sua primazia no futebol local. E, muito embora aquela equipe fosse derrotada por 3 a 0, sendo eliminada logo no segundo jogo da competição nacional pela Seleção do Distrito Federal, na rodada de abertura os americanos representantes de Minas venceriam a Seleção do Rio de Janeiro pelo elástico placar de 6 a 0. Um escore verdadeiramente admirável para uma disputa tão grande como aquela.

Assim, conclui Carlos Paiva:<sup>294</sup>

Quando a seleção mineira, que era o América, massacrou a seleção do Estado [sic] do Rio de Janeiro, os outros times disputantes do campeonato mineiro [...], temendo um massacre maior do que o sofrido pelo Atlético [sic], oficiaram à liga reconhecendo o América como legítimo campeão dada a sua inquestionável superioridade.

<sup>292</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 57-58.

<sup>293</sup> As informações referentes ao Campeonato Brasileiro de Seleções foram retiradas de: MOREIRA, Marcos Galves. 4º Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais-1925. *RSSSF Brasil – The Rec.Sport.Soccer Statistics Foundation*, 12 ago. 2003. Disponível em: [bit.ly/2N89bxH](http://bit.ly/2N89bxH). Acesso em: 8 jan. 2020.

<sup>294</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 58.

Mas, para Carlos Henrique Pinheiro, a realidade teria sido outra, bem diferente. Ao contrário do que sustenta a narrativa de Carlos Paiva, o pesquisador celete afirma que “o primeiro clube a se desinteressar pela disputa” daquele ano foi justamente o América, quando sua diretoria, no início de junho, solicitou “o adiamento da 2ª rodada [...] para promover” seu amistoso interestadual. Ainda de quebra, para a realização desse festivo encontro, os anfitriões convidaram o recém-fundado SÍrio Horizontino e o Palestra Itália para medirem forças na partida preliminar, sendo que o Palestra já havia sido escalado pela Liga para enfrentar o Sete de Setembro por jogo válido por aquela mesma rodada do “Campeonato da Cidade”. Um claro boicote à competição oficial.

Aliás, ainda para Carlos Henrique Ribeiro, a iniciativa americana naquele início de junho de 1925 foi reeditada pelos demais clubes belo-horizontinos depois da interrupção da disputa local para os preparativos do Campeonato Brasileiro de Seleções. Assim, concluiu o pesquisador celete, ao invés de os demais concorrentes terem desistido do campeonato daquele ano, “se rende[ndo à] supremacia alvi-verde [sic]”, eles teriam optado por substituir “as rodadas [restantes do Campeonato, a serem realizadas a partir de agosto,] por amistosos [contra] adversários do interior de outros estados”, de modo que o campeonato daquele ano foi declarado pela entidade, em comum acordo com os presidentes dos clubes envolvidos, como inexistente.

Para atestar a veracidade de seus argumentos, Carlos Henrique Ribeiro anexou ao seu texto a reprodução fac-similar de uma matéria do jornal *Estado de Minas* de 16 de janeiro de 1931, intitulada “Taças, taças e mais taças!”.<sup>295</sup> Um texto que repercutia a iniciativa da LMDT de “entregar os prêmios [sic] que conquistaram os nossos clubs [sic] no período [sic] de 1918 a 1930”. Para realizar a premiação, os ex-presidentes da Liga Antonio Kneipp Rodrigues e Adão Lopes haviam realizado um “trabalho para apurar quaes [sic] os campeonatos [havam sido] ganhos pelos clubs”. E, segundo a síntese desse levantamento, publicada pelo jornal, “[o] campeonato de 1925, do qual poucos jogos se realizaram foi considerado inexistente para todos os efeitos [sic] em reunião conjuncta [sic] da directoria [sic] da Liga, com os presidentes dos clubs [sic] interessados (Acta de 18 de dezembro de 1925).”

Para complementar a sequência de “erros históricos” do decacampeonato americano identificados por ele, o pesquisador celete escreveu ainda que, mesmo que a Liga tivesse levado em consideração apenas as partidas realizadas para nomear o grande campeão de 1925, ao contrário do que se costuma dizer, o confronto América 4 x 1 Atlético não teria sido o

---

<sup>295</sup> Ver fac-símile reproduzida por Carlos Henrique Pinheiro no Anexo D desta tese.

único a acontecer. Subsidiado por suas pesquisas em periódicos da época, empreendidas para a redação de seu *Almanaque do Cruzeiro*,<sup>296</sup> lançado, aliás, às vésperas da polêmica publicação no *Blog do Campeonato Mineiro*, Carlos Henrique Ribeiro demonstrou que, no dia 31 de maio de 1925, o Sete de Setembro bateu a equipe do Calafate por 5 a 2, e o Luzitano não compareceu ao jogo contra o Palestra, sendo derrotado por W.O., em partidas válidas pela primeira rodada da competição. Já em 14 de junho, mesmo dia que o América golearia o Atlético por 4 a 1, o Lusitano ganhou do Sete pelo placar de 1 a 0. Dessa maneira, argumentaria ele, no momento da inexplicável interrupção da competição, o Palestra Itália também liderava a tabela de classificação ao lado do América com “zero pontos perdidos”, devendo, assim, e se fosse esse o caso, também ter sido nomeado o campeão daquele certame.

Como esperado, o texto de Carlos Henrique Ribeiro foi recebido como uma grande ofensa pelos americanos, que, prontamente, fizeram questão de se posicionar a respeito do assunto.<sup>297</sup> Mesmo que alguns reconhecessem a existência da contestação ao decacampeonato, afirmando, por exemplo, que antigos familiares atleticanos já haviam mencionado a respeito “da confusão do campeonato de 1925 e que o título não seria do América”, a imensa maioria dos torcedores alviverdes considera a iniciativa do pesquisador cruzeirense como sinônimo de “inveja”, desqualificando sua pesquisa como “brincadeira”, “papo furado”. Como um pesquisador sério, questionaram eles, pode afirmar que algum clube, como o Palestra, também liderava uma competição com “0 ponto perdido” e com apenas um jogo vencido por W.O.? Ou que história mais desmesurada era aquela de dizer que o campeonato da Liga não tinha o status de Campeonato Mineiro, já que haveria outras competições no estado, como a de Juiz de Fora, que eram tão ou mais fortes que a da capital? Isso só podia “ser coisa de um da bicharada...”, comentou um americano em alusão pejorativa ao fato de Carlos Henrique Ribeiro ser torcedor e historiador oficial do Cruzeiro; ou trabalho de um “débil mental”, de um “idiota” que não “sabe contar”, que não tem o “mínimo [de] bom senso primário”, seja lá o que isso queira dizer.

Como se não bastasse, continuavam a criticar os americanos, Carlos Henrique Ribeiro usava como fonte o *Estado de Minas*, que, ao invés de ser “O grande jornal dos mineiros”, como diz seu *slogan*, seria, na verdade, “O GRANDE BOSTAL DOS MINEIROS”. Um veículo de imprensa claramente atleticano; ou, como diriam os americanos, “uma sucursal canina, já de longa data”, que “tinha (e tem) um vínculo muito forte com a cachorrada pelo

<sup>296</sup> RIBEIRO, Henrique. *Almanaque do Cruzeiro*. Belo Horizonte: edição do autor, 2007.

<sup>297</sup> As repercussões da postagem de Carlos Henrique Ribeiro entre os americanos podem ser encontradas no tópico do *Fórum da Avacoelhada* intitulado: Não somos mais Deca???. *Fórum da Avacoelhada América MG*. Byte bola virtual, 25 jan. 2008 a 30 jan. 2008. Disponível em: [bit.ly/2xv42aR](http://bit.ly/2xv42aR). Acesso em: 5 jul. 2019.

fato de ter diretores em comum” e que, por isso, “[s]ó publica matérias de interesse deles, não merecendo qualquer credibilidade”. Não seria nenhuma surpresa, complementava outro indignado torcedor do América, se “essa matéria de 1931 [tivesse] sido arranjada por um diretor dos canis na época”. Para eles, muito mais importante do que os achados de Carlos Henrique Ribeiro eram “os registros da FMF”, ou o que constava no *site* da Federação. E o que constava por lá, como fez questão de apresentar mais um dos comentaristas americanos, era que o América havia vencido todos os campeonatos realizados entre 1916 e 1925; que o América era, portanto, “[e]terna e exclusivamente DECA”.

Apesar de todo repúdio despendido pelos americanos, quatro anos mais tarde o próprio *Estado de Minas*, por meio de seu portal de notícias digital, publicou uma matéria especial de Luiz Martini<sup>298</sup> repercutindo a pesquisa de Carlos Henrique Ribeiro. Mas, naquela ocasião, às vésperas do centenário americano, Luiz Martini foi atrás de dois outros especialistas sobre o futebol belo-horizontino para reavivar a polêmica. O primeiro deles meu colega Raphael Rajão, à época ainda mestre em História pela UFMG,<sup>299</sup> defensor, segundo o autor da matéria, de que houvesse “uma pesquisa detalhada para nomear o campeão mineiro de 1925”, já que ele mesmo “não [havia] consult[ado] os jornais da época”. Mas, até onde tinha conhecimento, o América de fato liderava aquele certame “até o momento em que ele foi interrompido” e que, ao fim e ao cabo, o “campeonato [de 1925 acabou] não se conclui[ndo].” Como contraponto ao acadêmico, o jornalista trazia ainda a opinião do requisitado historiador do clube, o Carlos Paiva, que aproveitou a oportunidade para repercutir a tese do “medo” e da “desistência” dos demais concorrentes de 1925 frente a “qualidade” da equipe americana, que era a própria Seleção Mineira da época.

Mesmo dando voz ao “guardião do passado” americano, mais uma vez os torcedores do América demonstraram todo seu descontentamento em relação ao *Estado de Minas*.<sup>300</sup> Um “jornaleco atreticano [sic]”, “periodico [sic] de fofoca semanal”, segundo eles. Um jornal que, para variar, “quer[ia] inventar polêmica”, pondo à prova o maior laurel da história do clube.

<sup>298</sup> MARTINI, Luiz. Decacampeonato: série de títulos do Coelho gera polêmica entre historiadores. *Estado de Minas*, Superesportes, Centenário do América 1912-2012, Belo Horizonte, 19 maio 2012. Disponível em: [bit.ly/2tlaAEx](http://bit.ly/2tlaAEx). Acesso em: 24 fev. 2017.

<sup>299</sup> Cf. RIBEIRO, Raphael Rajão. *A bola em meio as ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Recentemente seu trabalho foi publicado em formato de livro: RIBEIRO, Raphael Rajão. *A bola, as ruas alinhadas e uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. Rio de Janeiro: Drible de Letra, 2018.

<sup>300</sup> As repercussões da matéria de Luiz Martini entre os americanos podem ser encontradas, mais uma vez, no mesmo tópico do *Fórum da Avacoelhada* (Não somos mais Deca???) para o seguinte recorte temporal: 10 maio a 27 maio 2012.

E para comprovar a parcialidade do veículo em questão, a principal crítica dos americanos se direcionou, dessa vez, à infeliz publicação da opinião de Raphael Rajão sobre o assunto. Desconhecendo que o hoje doutorando em História, Política e Bens Culturais pela FGV/CPDOC havia concentrado suas pesquisas documentais entre os anos de 1904 e 1921, diversos comentaristas ironizaram a matéria, dizendo que ela havia se embasado em “depoimento [de] Historiador que não pesquisa”, em “achômetro [sic]”.

Possivelmente para encerrar os debates em torno da veracidade da conquista do decacampeonato, no dia 30 de abril de 2012 a diretoria americana conseguiu que a FMF homologasse o feito americano em pleno evento de comemoração do centenário do clube. Uma solenidade realizada no Grande Teatro do Palácio das Artes, com toda pompa do mundo, prestigiada por diversas personalidades da cidade e do estado devidamente trajadas de terno e grava.<sup>301</sup> Dentre os presentes, lá estava o presidente da FMF Paulo Schettino, que, ao ser questionado pela imprensa local a respeito da iniciativa da entidade em oficializar o deca americano, argumentou se tratar de um ato de “justiça ao grande clube que é o América”, resultado de “uma pesquisa” que revelou a perda do “documento assinado pelas outras equipes” oficializando a conquista americana, muito embora o feito fosse “público e notório”.<sup>302</sup> Como se vê, uma informação muito imprecisa se comparada à pesquisa de Carlos Henrique Ribeiro.

De todo modo, ao longo desse período, nem todos os americanos revoltados com a contestação do decacampeonato se limitaram a atacar a dignidade do historiador oficial do Cruzeiro e a confiabilidade de suas fontes. Em janeiro de 2010, por exemplo, Mário Monteiro, colecionador de memorabilia americana e pesquisador informal da história do clube, fez uma série de postagens no *Fórum da Avacoehada*, intitulada “Curiosidades do deca mineiro”, como forma de atestar a procedência da narrativa dominante.<sup>303</sup> Usando como referência exemplares do *Diário de Minas*, Mário Monteiro afirma que “[a] superioridade americana na década de [19]20 era incrivelmente superior [sic] às demais equipes”, a ponto de sua equipe não precisar “treinar como os demais”, vencendo partidas contra o “Tupy” de Juiz de Fora, Flamengo, Fluminense e América do Rio, Paulistano e Syrio de São Paulo, além de golear o Atlético em seu primeiro jogo do campeonato daquele ano. Todo esse poderio americano teria

<sup>301</sup> A cobertura do evento comemorativa pelo centenário do América pode ser vista em: BADARÓ, Tarcísio. América-MG encerra com chave de ouro comemoração pelo centenário. *Globo Esporte*, Belo Horizonte, 30 abr. 2012. Disponível em: [glo.bo/1v4f9Si](http://glo.bo/1v4f9Si). Acesso em: 8 jan. 2020.

<sup>302</sup> No dia do centenário, FMF oficializa título mineiro de 1925 do América-MG. *Globo Esporte*, Belo Horizonte, 30 abr. 2012. Disponível em: [glo.bo/1BU3MLl](http://glo.bo/1BU3MLl). Acesso em: 8 jan. 2020.

<sup>303</sup> As postagens de Mário Monteiro, realizadas no dia 12 de janeiro de 2012, podem ser visualizadas, uma vez mais, no tópico “Não somos mais Deca???” a partir de seu *nickname* Marinho.

provocado, segundo um dos jornais por ele encontrado, um “frio interesse pelo campeonato de foot-ball”<sup>304</sup> de 1925. Excerto que, para Mário Monteiro, evidencia a tese da desistência dos demais participantes.

A iniciativa do adido defensor da história americana foi valorizada por um assíduo internauta torcedor do clube<sup>305</sup> como um empreendimento “[e]xcelente!”. Mais um projeto saído “[d]ireto do Baú do Marinho...”, dizia ele. Mas como as fontes mobilizadas por Mário Monteiro haviam se restringido aos meses de abril e maio, para esse comentador ainda “falta[ria] postar o ‘depois’... ou seja, os jornais que confirmam o título... a desistência do atlético [sic] etc [sic] e tal... Isso é que estão nos questionando... Essa é a questão... a resposta que teremos de dar...”. Contudo, nem Marinho, nem Carlos Paiva, ou nenhum outro americano, deu-lhe ouvidos. De modo que sua demanda permaneceu uma incógnita entre os americanos menos convencidos do vitorioso desfecho do Campeonato de 1925, incluindo a mim.

Por isso, durante minhas pesquisas de doutoramento decidi retornar aos periódicos belo-horizontinos daquela época, ou ao menos os que se encontram disponíveis hoje na Hemeroteca Pública de Minas Gerais, na Coleção Linhares da UFMG e na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, para entender o que se passou com o Campeonato de 1925, consultando, evidentemente, os periódicos locais que haviam circulado durante aquele ano. Embora, como se verá ao longo deste capítulo, minhas pesquisas tenham retornado alguns interessantes apontamentos acerca do mito da decadente aristocracia americana, naquelas primeiras edições consultadas, nenhuma nota sequer mencionava a respeito de uma possível decisão da Liga e dos clubes de declarar o Campeonato de 1925 como inexistente; tampouco me deparei com evidências que atestavam a possível desistência dos demais participantes do certame frente à superioridade americana, e a nomeação do América como o grande vencedor daquela contenda. O que não significa que as duas versões estejam incorretas. Talvez, no momento em que me interessei pela questão, os periódicos acionados por outros pesquisadores simplesmente não se encontravam mais à disposição, sendo recolhidos a reservas técnicas das instituições que as salvaguardam. Ou então pode ser que existam outros acervos ou outras coleções que desconheço capazes de esclarecer melhor esse episódio.

Diante dessa incerteza, lancei-me à consulta dos exemplares da imprensa belo-horizontina que circularam no ano seguinte. Muito embora, em janeiro de 1926, o *Minas*

<sup>304</sup> Trecho de matéria publicada pelo *Diário de Minas* em 21 de maio de 2015. A ortografia dos documentos de época foi mantida do original, dispensando aqui o uso da expressão *sic* para indicar possível erro na redação.

<sup>305</sup> Ver postagem, também no dia 12 de janeiro de 2012, do usuário de *nickname* Formiga, no tópico “Não somos mais Deca???”.

*Geraes* publicasse a convocação e as atas de eventuais assembleias da Liga Mineira realizadas para deliberar assuntos relativos ao ano anterior,<sup>306</sup> em tempo algum esses sucintos informes oficiais mencionam qualquer tipo de decisão tomada quanto ao desfecho daquele certame. Também nos demais títulos pesquisados – *Diario de Minas* e *Correio Mineiro* –, nada foi encontrado.

Ainda assim, não me dei por satisfeito e, para todos os efeitos, continuei a leitura do *Correio Mineiro*, veículo responsável por consolidar o jornalismo moderno em Belo Horizonte,<sup>307</sup> cujas edições encontram-se disponíveis para consulta na Coleção Linhares. E, à medida que ia lendo as páginas daquele importante veículo de comunicação impressa, fui percebendo, tenho certeza de que para a tristeza dos meus colegas de arquibancada, que as evidências encontradas estão muito mais próximas da tese de Carlos Henrique Ribeiro do que para a narrativa consagrada pelos americanos e oficializada pela FMF. Embora, em momento algum o *Correio Mineiro* informasse seus leitores sobre o resultado final do Campeonato de 1925, ao repercutir o encerramento da temporada do ano seguinte seus redatores dedicaram uma nota especial ao América, segundo eles, “exemplo unico em toda a historia esportiva do Brasil!” “O querido ex-campeão”, que embora “destronado desta vez”, depois de “guard[ar] durante nove (9) annos, envolta em seu glorioso pavilhão alvi-verde, a taça da victoria” [grifo meu], “decerto não [se] descuidará do treinamento de seus quadros para os proximos torneios”.<sup>308</sup> Repito aqui o que diz o texto: de acordo com o *Correio Mineiro*, o “glorioso” e “destronado” “pavilhão alvi-verde” não foi o vencedor de dez títulos da Liga, e sim de nove conquistas. De modo que, nos anos seguintes, o clube deveria ser chamado pelo cognome de “eneacampeão”, e não pelo de “decacampeão”.

Todavia, em 1927, não foi esse o atributo concedido ao América pelos jornalistas daquele periódico, já que, em ao menos três oportunidades, eles chamam o clube de “tetra campeão mineiro”.<sup>309</sup> A quais conquistas americanas o *Correio Mineiro* se referia? Difícil

---

<sup>306</sup> Cf. Liga Mineira de Desportos Terrestres. *Minas Geraes*, Desportos, Belo Horizonte, 11 e 12 jan. 1926, p. 13; Liga Mineira de Desportos Terrestres. *Minas Geraes*, Desportos, Belo Horizonte, 14 jan. 1926, p. 10; Liga Mineira de Desportos Terrestres. *Minas Geraes*, Desportos, Belo Horizonte, 15 jan. 1926, p. 10.

<sup>307</sup> Sobre história e características do *Correio Mineiro*, ver nota de: LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerário da imprensa em Belo Horizonte: 1895-1954*. (Estudo crítico e nota biográfica de Maria Céres Pimenta S. Castro) – Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995, p. 243-245. (Coleção Centenário).

<sup>308</sup> O Campeonato Mineiro. *Correio Mineiro*, Jogos e Desportos, Liga Mineira, Belo Horizonte, 11 dez. 1926, p. 3.

<sup>309</sup> Cf. America x Fluminense. *Correio Mineiro*, Jogos e Desportos, Belo Horizonte, 22 abr. 1927, p. 2; O Club PRM, vai treinar no Campo do America. *Correio Mineiro*, Jogos e Desportos, Belo Horizonte, 29 maio 1927, p. 2; O treino do America com o Tupinambás. *Correio Mineiro*, Jogos e Desportos, Belo Horizonte, 11 set. 1927, p. 3.

dizer. Fato é que, nos primeiros dias de 1928, uma vez mais o *Correio Mineiro*<sup>310</sup> chama o América a partir dessa mesma alcunha, para, logo em seguida, atribuir-lhe o laurel de “campeão da Liga Mineira, durante oito anos”.<sup>311</sup> Não mais “durante nove (9) anos”, tampouco por dez vezes consecutivas.

Essa mesma confusão em relação ao número de conquistas americanas também foi mencionada, nesse mesmo contexto, por outros órgãos de imprensa belo-horizontinos. Na edição dos dias 1º e 2 de junho de 1925, por exemplo, o *Minas Geraes*<sup>312</sup> republicou uma breve nota do paulistano *Diario Popular*, a respeito do confronto entre América e Syrio de São Paulo, que afirmava ser o representante da capital mineira o “[c]ampeão ha 8 anos [do] campeonato de Minas”. E, já no final daquele mesmo ano, em matéria que anunciava a possível vinda do mesmo Syrio a Belo Horizonte, o *Diario de Minas*<sup>313</sup> atribuiu ao América o epíteto de “bi campeão de Minas”. Uma indefinição, tal como ensaiou dizer Carlos Henrique Ribeiro, que possivelmente tinha a ver com a dificuldade de discernir o status do campeão da competição organizada pela Liga durante aqueles anos. Não por coincidência, ao longo de toda a década de 1920, ora o América era chamado, como vimos, de “campeão de Minas” ou “campeão mineiro”, ora de “campeão local”,<sup>314</sup> “campeão horisontino”,<sup>315</sup> “campeão da capital”,<sup>316</sup> “campeão da cidade”.<sup>317</sup>

Agora, o mais curioso disso tudo é que, ainda no mês de janeiro de 1928, aquele mesmo *Correio Mineiro* que, poucos dias atrás, havia atribuído ao América a conquista de oito títulos oficiais, apelidou, finalmente, o clube alviverde de o “deca-campeão mineiro”.<sup>318</sup> Uma nomeação, diga-se de passagem, bastante casual, mencionada como um simples louvor ao América em meio a uma matéria sobre os preparativos do festival esportivo organizado pelo Alves Nogueira, da cidade de Sabará, do qual o clube belo-horizontino havia sido convidado a participar. E atestando que a alcunha parecia ter vindo para ficar, já em setembro daquele ano, logo em sua reportagem de capa, o semanário humorístico e esportivo belo-horizontino *O Pirolito*<sup>319</sup> também intitularia o América como o “deca-campeão”.

<sup>310</sup> O Alves Nogueira vae comemorar o 11º anniversario de sua fundação. *Correio Mineiro*, Jogos e Desportos, Belo Horizonte, 8 jan. 1928, p. 4.

<sup>311</sup> O anniversario do Alves Nogueira. *Correio Mineiro*, Jogos e Desportos, Belo Horizonte, 12 jan. 1928, p. 2.

<sup>312</sup> S. C. Syrio x America F. C. *Minas Geraes*, Desportos, Belo Horizonte, 1 e 2 jun. 1925, p. 11.

<sup>313</sup> America versus Syrio. *Diario de Minas*, Vida Sportiva, Belo Horizonte, 12 dez. 1925, p. 2.

<sup>314</sup> America x Tupynambás. *Diario de Minas*, Vida Sportiva, Belo Horizonte, 13 maio 1925, p. 2.

<sup>315</sup> America – Tupy. *Diario de Minas*, Vida Sportiva, Belo Horizonte, 31 maio 1925, p. 3.

<sup>316</sup> America x Syrio. *Diario de Minas*, Vida Sportiva, Belo Horizonte, 9 jun. 1925, p. 3.

<sup>317</sup> America x Tupy. *Minas Geraes*, Desportos, Belo Horizonte, 5 abr. 1925, p. 24.

<sup>318</sup> O grande festival de hoje em Sabará. *Correio Mineiro*, Jogos e Desportos, Belo Horizonte, 22 jan. 1928, p. 3.

<sup>319</sup> O jogo dos campeões, *O Pirolito*, Belo Horizonte, 10 set. 1928, capa.

E, por quais motivos, a partir de 1928, o América teria sido, enfim, proclamado e reconhecido como decacampeão pela imprensa local? Mais uma vez, não sei responder. De todo modo, como escrevi ao final do capítulo anterior, esta quarta passagem da tese não seria exatamente sobre essa aparente “tradição inventada” americana, como define o renomado historiador inglês Eric Hobsbawn.<sup>320</sup> Por isso, imagino e suponho que, a essa altura, a pergunta seja se aqui eu não escreveria sobre as narrativas dissonantes de Carlos Paiva em relação ao mito da decadente aristocracia americana. Afinal de contas, a contagem ou não do Campeonato de 1925 não muda em nada a percepção de que, ao longo daqueles anos, o América teria, senão exercido um verdadeiro domínio no cenário futebolístico da capital mineira, ao menos sido um de seus principais e mais notáveis protagonistas. Um ano a mais ou a menos não faria tanta diferença assim para esse tipo de análise, a não ser pelo glamour, pelo orgulho, completamente compreensível, de torcer por um clube campeão de uma mesma competição por dez temporadas consecutivas. Indubitavelmente, um recorde quase que único e inigualável.

Para esclarecer, portanto, esse longo preâmbulo, no capítulo da *Enciclopédia do América* dedicado ao ano de 1925,<sup>321</sup> e também em seu depoimento para o *Estado de Minas* no ano de 2012,<sup>322</sup> o historiador oficial do América menciona um episódio passado do clube que aparentemente foge à consagrada memória do decacampeonato. Um acontecimento que me parece dizer muito sobre o conturbado desfecho daquele certame; e, mais do que isso, que evidencia a inabilidade da diretoria americana durante aqueles anos de transição do amadorismo para o profissionalismo.

De maneira um tanto quanto teleológica e anacrônica, Carlos Paiva escreve, na abertura daquele capítulo dedicado ao certame de 1925, que a conquista do decacampeonato era um “desejo entre todos os americanos”, uma espécie de “prev[isão da] importância histórica do fato, visto que em todo o mundo apenas dois clubes conquistaram tal glória”. Mas o mais importante para o que pretendo demonstrar aqui é que, segundo o historiador do América, para alcançar o tão almejado triunfo, “os americanos não pouparam esforços”, “form[ando] um esquadrão” com “jogadores já consagrados nacionalmente”. “Inclusive”, como afirma ele a Luiz Martini do *Estado de Minas*, o “Coelho [...] trouxe jogadores da

<sup>320</sup> HOBSBAWN. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-23.

<sup>321</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 57.

<sup>322</sup> MARTINI, Luiz. Decacampeonato: série de títulos do Coelho gera polêmica entre historiadores. *Estado de Minas*, Superesportes, Centenário do América 1912-2012, Belo Horizonte, 19 maio 2012. Disponível em: [bit.ly/2tlaAEx](http://bit.ly/2tlaAEx). Acesso em: 24 fev. 2017.

Seleção Brasileira”, “aumentando ainda mais o [seu] poderio.” Dentre os atletas arregimentados pelo alviverde naquele início de ano, Carlos Paiva destaca os nomes de “Badú, Sangureira, Villa, Pequitoti” ou Pequitotte, segundo sua *Enciclopédia*, “Tango, [...] Vespú” e o do “zagueiro Telefone, que veio do Flamengo, mas [que] não queria ser chamado por esse apelido”.

Mas que história é aquela de o América ter trazido “jogadores consagrados nacionalmente”? Jogadores que, inclusive, já haviam servido à Seleção Brasileira? Como os enecampeões americanos Badú e Sangureira também seriam nobres filhos de funcionários públicos e grandes comerciantes do país; futuros líderes da nação; estudantes de importantes colégios de suas cidades de origem; ou graduandos de Direito, Engenharia ou Medicina? E Villa e Pequitotte seriam atletas inteligentes, de jogadas elegantes, praticantes do tão valorizado *fair play* pelos americanos? Tango, Vespú e Telefone, por sua vez, seriam mesmo amadores legítimos, que veriam o clube como “a extensão de seu[s] lar[es]”? Aqueles novos associados do América de 1925 contemplariam sua imponente sede social, desfilariam por seus vários salões em “trajes a rigor”, apreciariam o “som mavioso” de uma “vitrola ‘Sonora’” e de um piano finamente esculpido e talhado pelo renomado maestro Mário Pastori? Afinal, relembremos a narrativa de Carlos Paiva, este era o perfil do americano que sonhava com o decacampeonato e que, depois de 1925, se gabava da inigualável conquista de seu clube do coração.

Diante disso, passei a me perguntar: quem eram, então, aqueles novos atletas do América? De onde realmente haviam vindo? E quais suas motivações para se associarem ao clube naquele início de 1925?

Perguntas difíceis de serem completamente esclarecidas pelas fontes da época, que nos fornece apenas algumas pistas quanto à biografia desses futebolistas. O caso de Telefone, por exemplo, comumente mencionado pelos pesquisadores da Seleção Brasileira dos anos de 1920, ainda permanece, ao menos para esta pesquisa, uma incógnita; o que talvez se explique por ele ter, segundo Carlos Paiva, substituído o indesejado apelido pelo desconhecido nome próprio assim que aportou na capital mineira. Já os demais aparentemente teriam se notabilizado no futebol do interior paulista, tendo a cidade de Uberaba, importante centro pecuarista do país, como porta de entrada para Belo Horizonte.

Para começar a escrever essa história, faço um breve recuo ao mês de dezembro de 1922, quando um combinado carioca excursionou até a conhecida “capital mundial do zebu” para enfrentar os dois principais clubes uberabenses. E, como se verá pela crônica da viagem publicada por um importante veículo de comunicação da então capital federal, as

características desses atletas muito se distinguiram daquelas pretensamente definidoras dos primeiros e multicampeões americanos.

#### 4.1 “As aventuras de uma excursão sportiva”

Enquanto, no dia 6 de maio de 1923, o América inaugurava oficialmente a primeira praça de esportes e o primeiro estádio de futebol gramado da capital mineira,<sup>323</sup> seis meses antes o Uberaba Sport Club (Uberaba SC) realizava a solenidade de abertura de sua nova casa em um confronto interestadual contra o temível Paulistano, oito vezes campeão da capital paulista (Figura 32).<sup>324</sup> Uma praça de esportes construída toda em “estilo art-nouveau”, dotada de um “pavilhão de arquibancada” que comportaria cerca de “1120 pessoas”, “vestiários, banheiros, toaletes para senhoras, [...] bar” e, claro, um “campo de jogo” de futebol. Mas o novo campo de futebol uberabense não seria um campo qualquer. Segundo o memorialista triangulino Hildebrando Pontes, aquele novo campo seguiria as “dimensões máximas [...] estabelec[idas] pela Liga Mineira de Desportos Terrestres”, sendo “magnificamente nivelado, gramado a capricho e contornado de cerca de madeira aparelhada e oleada”, e que, em sua “parte alta”, contaria com um jardim, “reservando-se [à] outra parte [...] duas quadras de tênis e uma vasta pista para rink” de patinação. Um empreendimento grandioso, “orçado em mais de 80 contos de réis” (80:000\$000), quase o dobro dos 46 contos (46:000\$000) previstos para a construção da praça esportiva americana.<sup>325</sup> Boa parte desse valor foi custeado pelas quermesses promovidas pelo clube uberabense (Figura 33) e também pela generosa doação de seus entusiastas, como a nababesca quantia de 20 contos de réis (20:000\$000) depositadas na conta do Uberaba SC<sup>326</sup> pelos “Coronéis” da família Rodrigues da Cunha e o “Coronel” Joaquim Machado Borges. Adeptos que, como a maior parte dos primeiros fundadores do alvirrubro triangulino, se notabilizavam na cidade como grandes

---

<sup>323</sup> Sobre a inauguração da praça de esportes americana, ver: PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 55-56.

<sup>324</sup> Sobre a nova praça de esportes do Uberaba SC, ver: PONTES, Hildebrando de Araujo. *História do futebol em Uberaba*. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, Bolsa de Publicações do Município de Uberaba, 1972, p. 91-92.

<sup>325</sup> Sobre o orçamento da praça de esportes americana, ver: PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 51.

<sup>326</sup> Sobre as doações recebidas pelo Uberaba SC no início dos anos 1920, ver: PONTES, Hildebrando de Araujo. *História do futebol em Uberaba*. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, Bolsa de Publicações do Município de Uberaba, 1972, p. 91-92.

fazendeiros, representantes de importantes casas comerciais e destacados políticos da cidade, desejosos de ver o “progresso” da cidade representado Brasil afora.<sup>327</sup>

Figura 32 – Arquibancada da Praça de Esportes do Uberaba SC durante evento de inauguração, 1922



Fonte: Acervo da Família Machado Borges.<sup>328</sup>

Figura 33 – Quermesse promovida pelo Uberaba SC na Praça Comendador Quintino, 1917



Fonte: Revista *Via Lactea*, 1 out. 1917, p. 11.<sup>329</sup>

Mas, para que o tão almejado sonho de seus mecenas se cumprisse, não bastaria que o Uberaba SC tivesse instalações esportivas dispendiosas e “modernas” como aquela nova praça de esportes inaugurada em novembro de 1922. Mais do que isso, para eles era necessário que o ainda jovem clube uberabense contasse com um time de futebol à altura dos grandes centros futebolísticos do país. E, segundo “os mineiros do Triângulo”<sup>330</sup> emissários de uma carta ao jornal paulistano *A Gazeta*, isso o Uberaba SC tinha de sobra. A ponto de seu nome, segundo eles, ser amplamente conhecido “nos campos da Paulicéia”, onde enfrentou o “Rio Branco, de Villa Americana”, o “Paulista, de São Carlos”, o Commercial, de Ribeirão Preto” e o Corinthians, de Jundiahy”. Todos eles, “a exceção do Commercial”, “batidos honrosamente” pelo clube uberabense.

O segredo do sucesso daquele Uberaba SC dos anos de 1920 seria revelado, ao menos para mim, quando o *Correio da Manhã*, da então capital federal, Rio de Janeiro, publicou uma crônica sobre mais um dos confrontos interestaduais realizados na interiorana cidade mineira.

<sup>327</sup> Sobre o perfil social dos fundadores do Uberaba SC e suas primeiras intenções, ver: PONTES, Hildebrando de Araujo. *História do futebol em Uberaba*. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, Bolsa de Publicações do Município de Uberaba, 1972, p. 83-96.

<sup>328</sup> CELLULARI, Luiz Henrique. Uberaba Sport Club: uma história de paixão pelo futebol uberabense. Superintendência do Arquivo Público de Uberaba, 5 set. 2017. Disponível em: [bit.ly/2QKSx9E](http://bit.ly/2QKSx9E). Acesso em: 11 jan. 2020.

<sup>329</sup> CELLULARI, Luiz Henrique. Uberaba Sport Club: uma história de paixão pelo futebol uberabense. Superintendência do Arquivo Público de Uberaba, 5 set. 2017. Disponível em: [bit.ly/2QKSx9E](http://bit.ly/2QKSx9E). Acesso em: 11 jan. 2020.

<sup>330</sup> Os mineiros do Triangulo protestam contra o 13 a zero... *A Gazeta*, A Gazeta Esportiva, Futebol, São Paulo, 27 jul. 1922, p. 3.

Outro festivo evento esportivo realizado há menos de um mês da inauguração da nova praça de esportes uberabense.<sup>331</sup> Naquela ocasião, o convidado da vez foi um “combinado de jogadores cariocas” organizado pelo “dr. Oswaldo Gomes” e pelo “velho sportman Antonio Carneiro de Campos”, o “Antonico” do “C. R. do Flamengo”, a pedido do Uberaba SC e da Associação Atlética do Triângulo. Esta última, mais conhecida pela alcunha de Red, por se tratar do antigo terceiro time formado pelo mesmo Uberaba SC no final de 1918 com o nome de Red and White Team.<sup>332</sup> Portanto, uma cisão do Uberaba SC; uma dissidência aparentemente nada amistosa, que, segundo o veículo de imprensa carioca, teria originado uma “rivallidade [...] doentia” em relação à qual “[n]ão ha[veria] ninguém indiferente naquella cidade.” A ponto de um de seus “match[es], certa vez, [...] acab[ar] em facadas, tiros, mortos e feridos”. Uma rivalidade que, assim como muitas outras, seria capaz de mobilizar dois grupos sociais muito distintos. De um lado, o Red, de “elementos mais escolhidos e de gente indiscutivelmente melhor”. E, de outro, o Uberaba SC, o “mais popular” e o de “maior número de ‘torcedores’”, descrito, pelo cronista carioca, de um modo um tanto quanto preconceituoso.

Isso porque, de acordo com ele, seus torcedores teriam sido responsáveis pela “molecada”, pelo “accinte”, pela “affronta”, pelo “acto de suprema descortezia, consentido pelos directores” do clube, de registrar, “á giz, em pleno campo, com letras garrafaes”, o placar “Uberaba 4, Cariocas 0”, antes mesmo do início da partida. E seus dirigentes e associados, “desgosto[sos]” e “mago[ados]” pela “victoria do Red” por 3 a 1, alguns dias antes, “sobre um team que elles não puderam ganhar”, teriam sido capazes de “desapparecerem como por encanto” após o empate em 2 a 2 entre as duas equipes, não “providencia[ndo sequer] os automoveis de regresso [dos] cariocas ao hotel”, os “abandona[n]do completamente” na “noite do jantar”. “Indelicadezas” típicas de um clube que ignorava os bons costumes, o cavalheirismo, o *fair play*, tão valorizados pelo cronista do *Correio da Manhã* e também, segundo ele, pelo Red, o “adversario irreconciliavel do Uberaba”. Uma “prova” do que acontecia com aqueles que se deixavam atrair pela vitória a qualquer custo, se desviando do caminho do amadorismo.

Por isso, escreveu ainda o redator da crônica do importante jornal carioca, “[n]ão ha[via] quem desconhe[cesse] naquella cidade mineira, a vida dos profissionaes do Uberaba

---

<sup>331</sup> As aventuras de uma excursão. *Correio da Manhã*, Football, Rio de Janeiro, 19 dez. 1922, p. 5; As aventuras de uma excursão. *Correio da Manhã*, Correio Sportivo, Football, Rio de Janeiro, 20 dez. 1922, p. 16.

<sup>332</sup> Sobre a criação da Associação Atlética do Triângulo, ver: PONTES, Hildebrando de Araujo. *História do futebol em Uberaba*. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, Bolsa de Publicações do Município de Uberaba, 1972, p. 116-120.

Sport Club”. Atletas, diga-se de passagem, que haviam igualmente dado uma lição do que era capaz um jogador verdadeiramente empregado do clube; um futebolista atraído pelo dinheiro “fácil”. Dentre eles, o “fullback uruguayo De Villa, que foi ao hotel” onde estava hospedada a delegação visitante “duas horas antes do jogo para se vender”. De sua “propria bocca”, os excursionistas teriam ouvido, “boquiabertos”, “as mais escabrosas confissões da sua vida de profissional” na cidade triangulina. Ali, diria De Villa aos nobres representantes da capital federal, ele “quasi não gast[ava] dinheiro” porque morava “com seis companheiros do team, no campo do Uberaba, nuns quartos muito bons que tem embaixo das archibancadas.” E, “[q]uando [lhe] falta[va] dinheiro”, adotava a “tactica” de se “finj[ir] [sic]” de doente, permanecendo no quarto para receber visitas de “uma romaria de gente”. Para que seu esquema funcionasse, De Villa só autorizava a entrada de um torcedor por vez. Assim, um lhe deixava 20 mil réis (20\$000), outro dava 50 mil (50\$000), outro mais 30 mil (30\$000), e dessa maneira ele dizia ir se “arranjando”. Embora os cariocas se mostrassem estupefatos “com o semvergonhismo, com o descaramento [do] typo”, para De Villa nada mais justo que receber algum benefício; afinal de contas, ele se esforçava muito pelo clube. Ou, segundo suas próprias palavras, “[t]ambém que diabo, a gente ‘cava’ muito nos jogos, é preciso alguma compensaçãosinha”. E, para provar que o profissionalismo era um claro desvirtuamento do princípio maior que deveria preponderar no esporte, ainda que o “fullback” estivesse “ha muito tempo empregado no club como jogador, o presidente do Uberaba SC não lhe t[inha] uma confiança absoluta”. De modo que, assim que tomou conhecimento de sua “palestra” com a delegação visitante, e observando, “para azar do tar [sic] uruguayo”, seu desempenho “abaixo da critica” no primeiro tempo, “disse-lhe bem alto e bom som, para quem quizesse ouvir”:

– Seu crápula, seu sem vergonha (disse outras coisas que não podemos repetir, mas que o Zézé, do Fluminense, ouviu e pôde reproduzir a quem quizer. Não só o Zézé, mas os jogadores Mauricio e Carnaval, da Associação Athletica do Triangulo) por que você não ficou no quarto? Jogar dessa maneira. Era melhor não ter vindo aqui.

Para o cronista do *Correio da Manhã*, o destempero do presidente do clube local significava uma “grave injustiça” cometida por ele, que, dessa maneira, supunha “que os cariocas eram tão indignos” quanto os envolvidos com o Uberaba SC. Definitivamente, esse não era o perfil dos excursionistas cariocas. Entre eles, ninguém toleraria a presença de um “typo” De Villa. Muito menos a de um Badú, descrito pelo periódico do Rio, pasmem, como “[u]m negrão boçal, narinas super dilatadas, voz cavernosa”, “homem useiro e veseiro na pratica de todas as ind[i]sciplinas”, “cuja profissão ninguem conhece outra, além de jogador

do Uberaba Sport Club”. Fazendo troça de sua maneira de expressar, supostamente um indício de seu baixo capital cultural, o cronista carioca ainda apelidaria Badú de “o tal da ‘mão na *conciência*’”, já que, segundo ele, “em face de um goal legitimamente conquistado” pelos visitantes e “ractificado” pelo árbitro, o indigno atleta da casa teria protestado, “numa atitude francamente ameaçadora”, da seguinte maneira: “– O que isso ‘sô’ juiz? Ponha a mão na ‘conciência’ moço. Foi ‘fisaide’ – Foi ‘fisaide’. [...] Oia moço, vancê não serve não. Vá pra fora do campo.” Uma acintosa reclamação que seria engrossada pelo “center half local”, de nome Tango, que, “de passagem” pelo árbitro da partida, o ameaçou dizendo: “– Acho bom vêr melhor esses offsides e marcar isso direitinho.”

A seleção que fiz dos excertos da crônica publicada no *Correio da Manhã* não leva em consideração apenas as caracterizações pejorativas, ou melhor, preconceituosas dos atletas do Uberaba SC. De fato, dos onze uberabenses em campo,<sup>333</sup> apenas Badú, De Villa e Tango receberam a devida atenção do cronista carioca. E, convenhamos, uma atenção nada gratificante, bem distante dos adjetivos usados por Carlos Paiva para descrever os decacampeões americanos.

Mas toda aquela desqualificação social dos uberabenses realizada pelo *Correio da Manhã* era comum naqueles tempos, pois, como já demonstraram diversos pesquisadores,<sup>334</sup> durante os primeiros anos de prática futebolística no país o regulamento amadorista serviu como uma clara estratégia de distinção sociorracial usada pelas elites urbanas. Isso porque, ao exigir que os atletas inscritos nas ligas oficiais fossem estudantes ou trabalhadores e letrados, as entidades e os principais clubes da época impediam, assim, que a grande massa de excluídos, formada por trabalhadores braçais, desempregados, negros e analfabetos, pudesse conviver nesses eventos esportivos restritos e restritivos, quanto menos sobreviver a partir deles. De todo modo, à medida que as exibições públicas de futebol se tornaram mais constantes, e os resultados obtidos em campo passaram a ser vistos como símbolo de prestígio social, suscitando intensos sentimentos de pertencimento e rivalidade relacionados às agremiações, alguns dos responsáveis pela promoção do incipiente espetáculo começaram a burlar o regulamento, arregimentando para suas equipes atletas de destacada qualidade técnica, independentemente de seus atributos sociais. Para cumprir com as exigências da Liga,

<sup>333</sup> A escalação completa do combinado carioca, do Red e do Uberaba SC, bem como um contraponto de narrativa sobre a excursão carioca à cidade triangulina, podem ser encontrados em: Os cariocas em Uberaba. *Lavoura e Commercio*, Columna sportiva, Foot-ball, Uberaba, 14 dez. 1922, p. 5.

<sup>334</sup> Embora pudesse citar aqui alguns clássicos da temática, apenas a título de ilustração menciono a coletânea de estudos sobre a profissionalização do futebol em diversos territórios brasileiros realizada por: GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais (Org.). *Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2015. (Selo Luminária Academia).

os jogadores pediam desligamento do seu antigo clube apresentando nova ficha de inscrição como sócio de outro clube. Evidentemente que nem todos os atletas se transferiam de clube de maneira altruísta. Como o caso de De Villa, a sobrevivência financeira de muitos deles era proporcionada pelos adeptos da nova agremiação, que ora lhes pagava, extraoficialmente, premiações, gratificações e recompensas, prática consagrada no futebol carioca pelo nome de “bicho”; ora lhes ofertava postos de trabalho em algum estabelecimento comercial ou industrial de propriedade de dirigentes e torcedores do clube; outrora, custeavam seus estudos superiores. Dessa maneira, esses jogadores tinham acobertadas, perante as entidades gestoras dos esportes, suas carreiras de futebolistas – ou, como diziam à época, suas condições de “semiprofissionais”, “profissionais marrons” ou “amadores marrons”. Especialmente se considerarmos que essas atividades profissionais ou educacionais constantes nas fichas de registros dos atletas nas ligas nem sempre eram priorizadas, tendo em vista as exigências dos treinamentos e dos jogos cada vez mais intensos.

Cada vez mais conduzidos pela busca de prestígio social e alimentados por uma intensa rivalidade – daí a realização de diversos concursos pela imprensa local para eleger o clube favorito nas mais diversas contendidas,<sup>335</sup> ou para apontar o clube<sup>336</sup> e o jogador<sup>337</sup> mais populares da cidade –, não demorou muito para os principais clubes belo-horizontinos também começarem a praticar o amadorismo marrom na capital mineira. E foi após uma goleada sofrida para o próprio Uberaba SC, em mais uma arrojada iniciativa dos adeptos do clube uberabense, que o América conheceu pessoalmente De Villa, Badú, Tango e alguns outros amadores marrons da cidade. Atletas que, mais tarde, possivelmente se converteram também nos primeiros amadores marrons de Belo Horizonte.

## 4.2 Os ecos de uma goleada uberabense

Na madrugada do dia 25 de março de 1924, a menos de um mês do início do calendário oficial do futebol belo-horizontino, a delegação do América, chefiada por meia dúzia de dirigentes e composta por pouco mais de 15 jogadores, tomou o rumo da cidade de Uberaba.<sup>338</sup> Como o trajeto entre Belo Horizonte e a hoje conhecida “capital

<sup>335</sup> Nosso Concurso. *Minas Esporte*, Belo Horizonte, 4 jul. 1927, p. 2.

<sup>336</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 64.

<sup>337</sup> O concurso do “O Pirolito”. *O Pirolito*, Belo Horizonte, 14 jan. 1929, p. 4.

<sup>338</sup> Sobre a viagem da delegação americana, ver: Foot-ball. *Lavoura e Commercio*, Columna sportiva, Uberaba, 23 mar. 1924, p. 5; Foot-ball. *Lavoura e Commercio*, Columna sportiva, Uberaba, 27 mar. 1924, p. 5; Foot-ball. *Lavoura e Commercio*, Columna sportiva, Uberaba, 30 mar. 1924, p. 5.

mundial do zebu” não era em nada facilitado, os americanos viajaram três dias para chegar ao seu destino final. Naquele mesmo 25 de março, por exemplo, tiveram que pernoitar em São Pedro, cidade do extremo sudoeste mineiro e, no dia seguinte, seguiram para a região do Alto Paranaíba, onde, mais uma vez, interromperam a viagem, com parte da comitiva hospedando-se em Araxá, e a outra, na cidade vizinha, Ibiá. Lá, eles se encontraram com alguns políticos uberabenses, que lhes deram “as primeiras saudações de Uberaba e de seu povo” e lhes conduziram, em “automoveis especiaes”, ao seu destino, aonde só chegariam por volta das sete horas da noite.

Enquanto os americanos percorriam esse longo e extenuante trajeto, Uberaba e região se movimentavam para assistir ao “esperado encontro”, “o maior encontro de ‘foot-ball’ realisavel dentro do Estado de Minas”. O confronto que, segundo o jornal local *Lavoura e Commercio*, colocaria, frente a frente, “as mais perfeitas organizações sportivas do Estado”: de um lado, o anfitrião Uberaba SC, que “tem sabido manter-se, desde a sua fundação em 1917, no honroso posto de campeão desta vasta zona do Triangulo”; e de outro, o América, “a maior gloria sportiva do Estado”, o “campeão de Minas”, o “club de Bello Horizonte composto da elite social da capital do Estado, [que] possui de facto um quadro respeitavel e poderoso que o está fazendo deter ha 8 longos anos o título de campeão absoluto do territorio mineiro”. Segundo noticiava diariamente o veículo de imprensa da cidade, os hotéis uberabenses estavam “quasi abarrotados”, “com dificuldades para hacomodar os numerosos hospedes”, desde “forasteiros de longe” a “numerosas exmas. famílias” que afluíam à cidade para presenciar a partida.

No dia 27 de março, vários diretores do Uberaba SC que haviam permanecido na cidade reuniram-se com seus automóveis e, tão logo avistaram os “excursionistas” chegando, iniciaram um “cortejo”, que passou pela praça da Matriz, onde “mais de 2.000 pessoas e as bandas de musica ‘Italo-Brasileira’ e a do 4º Batalhão” os aguardavam. Ali mesmo, “o provector advogado dr. Tancredo Martins, digno presidente do Jockey Club” se dirigiu a “uma das janellas da sêde do Uberaba S.C.” para “saud[ar] os illustres hospedes [...] apresentando-lhes [as] boas vindas em nome do club local e do povo uberabense”. Retribuindo as honras da casa, o “sr. dr. Francisco Negrão de Lima, redator do ‘Diario de Minas’”, “admirável e distinctissimo orador do America”, mais tarde importante político brasileiro,<sup>339</sup> discursou em nome dos visitantes, concluindo sua fala “com estas bellas palavras: – ‘nós, os sportsmen daquelas montanhas de lá, chegamos a Uberaba como amigos e queremos sahir como

---

<sup>339</sup> Para uma biografia política de Francisco Negrão de Lima, ver: Negrão de Lima [verbete]. In: ABREU, Alzira Alves de. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2001.

irmãos”’. Uma fala que, segundo a imprensa local, teria de “imediate [...] conquistado a admiração geral dos uberabenses”’. Um discurso à altura de um dos mais “importantes [clubes] do paiz, representante legitima da elite social horisontina [sic], composto exclusivamente de gente fina e luzida”’.<sup>340</sup>

Encerrado o evento de recepção, os “illustres hospedes [foram] levados ao Hotel do Commercio onde ficar[am] hospedados” até 30 de março,<sup>341</sup> dia do esperado e “grande” “acontecimento social e esportivo”. E, de acordo com o *Lavoura e Commercio* de Uberaba, o encontro entre as duas equipes, acompanhado por “mais de 5.000 pessoas”, corresponderia a toda a expectativa gerada. Isso porque, conforme narrou ele em sua “Columna sportiva”, concluído o “jogo preliminar” entre “a turma de maiores do Gymnasio local e o Team Extra do Uberaba S.C.”, a numerosa “assistencia” presenciaria “talvez o melhor [jogo] até agora disputad[o] em Uberaba, não só pelo equilibrio de forças como, principalmente, pela maneira elevada, distincta e cavalheirosa com que decorreu até [o] final”. A ponto de o cronista afirmar ter tido “a impressão de estar assistindo a um jogo entre brasileiros e uruguayos, no memoravel campeonato sul-americano de 1918!”

Em sua descrição da partida, durante os dez minutos iniciais, os visitantes, aproveitando-se da “verdadeira ansiedade [dos] uberabenses”, “impressionados pela fama e pelo prestigio que precederam o grande club horisontino” e que, assim, “faziam um jogo completamente descombinado e sem orientação”, exerceram “uma pressão formidavel e um dominio tão grande” que parecia “nitida” a derrota dos mandantes. Mas, pouco a pouco, “os da camisa rubra, mais calmos, começaram a mover-se com segurança, “responde[ndo] aos ataques do temivel adversario”. Até que, ainda no primeiro tempo, Carnaval abriu o placar para os donos da casa, e Rodario ampliou logo em seguida. Isso depois de Pequitote e Carnaval desperdiçarem “dois ‘penalties-kicks provenientes de faltas commetidas na área perigosa”, marcados por volta dos 15 minutos da primeira etapa. Como se não bastasse, já no estágio complementar do jogo, Carnaval, Pequitote e Annibal marcaram em outras três oportunidades para os anfitriões, dando números finais ao confronto. Uma “contagem elevada” curiosamente descrita pelo cronista local como obra do acaso, algo “fortuito”. Uma vitória conquistada graças apenas à “felicidade com que desferiram os seus ‘shoots’ ao ‘goal’” os uberabenses. E que, dessa maneira, não “desmerece[ria] [...], de modo algum”, o “valor”

---

<sup>340</sup> America Foot-Ball Club vs. Uberaba Sport Club. *Lavoura e Commercio*, Columna sportiva, Foot-ball, Uberaba, 3 abr. 1924, p. 5.

<sup>341</sup> A crônica do festival esportivo uberabense, que contou com a participação do América, e o encerramento da visita americana ao Triângulo Mineiro podem ser lidos, mais uma vez, em: America Foot-Ball Club vs. Uberaba Sport Club. *Lavoura e Commercio*, Columna sportiva, Foot-ball, Uberaba, 3 abr. 1924, p. 5.

do quadro belo-horizontino, “composto de jogadores magnificos”; “um conjunto verdadeiramente respeitavel e perigoso”.

Para atestar a hospitalidade uberabense e ratificar os anseios dos visitantes, terminado o embate o Uberaba SC ofereceu um banquete, no Hotel do Commercio, aos seus “hospedes illustres”. Uma festa que teria ocorrido “animadamente, entre risos e alegrias de todos os presentes”, regada a “champagne” e mais alguns “finissimos” discursos. O jantar só foi interrompido para mais uma última homenagem ao América. Uma “soirée’ dançante” na sede social do clube anfitrião, “que foi uma beleza”, varando a “madrugada de segunda-feira, dia em que os queridos e illustres hospedes partiram para Ribeirão Preto”, onde, já no dia seguinte, enfrentariam o Botafogo daquela cidade. E, como esperado, depois de uma noitada daquelas, mais uma vez os excursionistas seriam derrotados, agora pelo placar de 2 a 1.<sup>342</sup>

Mas, a despeito de toda a harmonia com que o evento daquele final de março de 1924 foi descrito pela imprensa local, se recuarmos um pouco mais no tempo perceberemos que a expectativa criada em torno do encontro entre o grande “campeão de Minas” e o “campeão do Triângulo” estava longe de se relacionar ao cavalheirismo e ao espírito fraterno tão propalados pelos redatores do *Lavoura e Commercio*. Para os triangulinos, confrontar um grande time da capital servia para provar para a LMDT e para todo o país que “a força maxima do futebol em Minas” não estava em Belo Horizonte. Ao menos era essa a ideia expressa pelos “mineiros do Triangulo” signatários de uma carta publicada pelo jornal paulistano *A Gazeta* no dia 27 de julho de 1922.<sup>343</sup> Uma correspondência que protestava “vehementemente contra a petulancia da Liga Mineira e da Sub-Liga” juiz-forana, que, conduzidas por “mesquinhos interesses regionaes”, “despreza[ram]” jogadores uberabenses “de valor incontestavel” para formar um “pseudo-seleccionado mineiro”, um “ultra-fundo, [...] super-extra canja cominado” com “os laureados campeões de Juiz de Fóra e de Bello Horizonte!” Uma equipe que, no primeiro Campeonato Brasileiro de Seleções, organizado naquele ano pela CBD, “desmoralizou Minas”, “desmoronou [...] o esporte mineiro”, “mat[ou] de vergonha os filhos de Minas”, sendo derrotado pelos paulistas, “camaradas em extremo, piedosos até”, pelo “assombroso” placar de 13 a 0.

Por isso, naquele março de 1924, os dirigentes do Uberaba SC não pouparam esforços para levar o América até sua cidade, despendendo cerca de oito contos e meio de réis

---

<sup>342</sup> A notícia da ida do América à Ribeirão Preto e o resultado de seu jogo contra o Botafogo local também foram apresentados em: America Foot-Ball Club vs. Uberaba Sport Club. *Lavoura e Commercio*, Columna sportiva, Foot-ball, Uberaba, 3 abr. 1924, p. 5.

<sup>343</sup> Os mineiros do Triangulo protestam contra o 13 a zero... *A Gazeta*, A Gazeta Esportiva, Futebol, São Paulo, 27 jul. 1922, p. 3.

(8:500\$000) com transportes, refeições, pernoites em São Pedro, Araxá e Ibiá, além das diárias no Hotel do Commercio, contratação de bandas de música e diversos outros atrativos ao longo daqueles três dias.<sup>344</sup> Só para se ter uma ideia, considerando os anúncios do próprio *Lavoura e Commercio*<sup>345</sup> de 3 de abril de 1924, com a quantia gasta pelo clube triangulino, qualquer grande fazendeiro da região seria capaz de comprar um “tractor universal Fordson”. Uma máquina que poderia tanto ser usada como trator quanto como “usina de força motriz”. E, ainda por cima, receberia de troco a bagatela de dois contos e oitocentos e cinquenta mil réis (2:850\$000) (ver reprodução do anúncio na Figura 34). Mas, ao fim e ao cabo, todo o sacrifício dos próceres uberabenses foi recompensado, já que, quando a equipe local goleou o América por 5 a 0, o mesmo *Lavoura e Commercio* anunciou, no subtítulo da crônica do jogo, que, a partir daquele momento, o Uberaba SC era o “campeão absoluto deste estado”.<sup>346</sup>

Figura 34 – Anúncio do trator Fordson (canto direito superior da página)

The image shows a page from the newspaper *Lavoura e Commercio* from Uberaba, dated February 28, 1924. The page is densely packed with advertisements. The most prominent one is for the Fordson tractor, located in the top right corner. The tractor advertisement features the Fordson logo, a price tag of 5:650\$ (with a note 'Preço vulgar S. Paulo'), and an illustration of the tractor. Below the tractor ad are several smaller ads for medical products like 'Siphilis!!!', 'FERRO ROXO', and 'Elixir das Damas'. There are also ads for 'Peitoral de Angico Potentise' and 'Menteiro Guimarães & Comp. RIO DE JANEIRO'. The bottom of the page has a large advertisement for 'Cura as molestias do estomago, fígado e intestinos'.

Fonte: *Lavoura e Commercio*, 28 fev. 1924, p. 3.

<sup>344</sup> Os gastos dos uberabenses podem ser encontrados em: Foot-ball. *Lavoura e Commercio*, Columna sportiva, Uberaba, 23 mar. 1924, p. 5.

<sup>345</sup> Fordson. O tractor universal. *Lavoura e Commercio*, Uberaba, 3 abr. 1924, p. 3.

<sup>346</sup> America Foot-Ball Club vs. Uberaba Sport Club. *Lavoura e Commercio*, Columna sportiva, Foot-ball, Uberaba, 3 abr. 1924. p. 5.

Muito embora o título outorgado pela imprensa uberabense à equipe local não fosse ratificado pela Liga Mineira, a derrota sofrida pelo América naquele 30 de março de 1924 foi recuperada, pouco mais de um ano depois, pelo presidente do Sport Club de Juiz de Fora (SC Juiz de Fora) para que ele contestasse o status de “campeão mineiro” do clube belo-horizontino reivindicado por um torcedor alviverde em carta publicada pela *A Gazeta* de São Paulo.<sup>347</sup> Uma clara evidência, como muito bem asseverou Carlos Henrique Ribeiro, de que o futebol mineiro daqueles anos de 1920 não se restringia ao que acontecia na capital do estado. Ou, ainda, como escreveram os “mineiros do Triângulo” em 1922, um contundente atestado de que o Uberaba SC daquele tempo não poderia mesmo ser “desprezado” por qualquer outro centro futebolístico do país.

Mas se o título de campeão mineiro do clube triangulino foi também ignorado pela imprensa da capital do estado, que se limitou a apresentar apenas algumas breves notas cronológicas da excursão americana ao interior mineiro e paulista, aparentemente o evento promovido pelos uberabenses, com direito a goleada e tudo, serviu para mostrar aos dirigentes americanos que as estratégias adotadas pelo Uberaba SC poderiam ser replicadas por eles em Belo Horizonte. Afinal, apesar de inscrito na LMDT desde 25 de dezembro de 1919,<sup>348</sup> o clube triangulino vinha fazendo seu nome no cenário futebolístico nacional com uma equipe formada por jogadores que estavam longe de serem legítimos amadores, mas que se exibiam, com brilhantismo, em badalados encontros interestaduais.

Isso talvez explique, ao contrário da interpretação de Mário Monteiro no ano de 2010, as matérias do *Diario de Minas* que registravam a “frieza”<sup>349</sup> com que o campeonato programado para começar no dia 21 de maio de 1925 vinha sendo aguardado e a ausência de “francos treinos” por parte dos principais clubes da cidade. Possivelmente, as principais preocupações dos americanos durante aquele primeiro semestre tenham sido a montagem de seu novo elenco e a realização de chamativos amistosos. Dentre eles, a disputa interestadual da Taça Mello Vianna, que, segundo o *Diario de Minas*, “marcaria epocha no meio sportivo mineiro”, por envolver o Syrio, “um dos mais fortes conjunctos de S. Paulo”, que “ha poucos

---

<sup>347</sup> As cartas do americano e do presidente do Esporte Clube de Juiz de Fora podem ser lidas, respectivamente, em: Mineiros x Paulistas. *A Gazeta*, Todos os Esportes, São Paulo, 12 ago. 1925, p. 4; Em torno do encontro Mineiros x Paulistas. *A Gazeta*, Todos os Esportes, Futebol, São Paulo, 14 ago. 1925, p. 4.

<sup>348</sup> Sobre a filiação do Uberaba SC à LMDT, ver: PONTES, Hildebrando de Araujo. *História do futebol em Uberaba*. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, Bolsa de Publicações do Município de Uberaba, 1972. p. 87.

<sup>349</sup> A frieza do campeonato deste anno. *Diario de Minas*, Vida Sportiva, Belo Horizonte, 21 maio 1925, p. 2.

dias se viu em acirrada peleja [contra] o campeão mundial, C.A. Paulistano”.<sup>350</sup> Ou a disputa da Taça Defoe contra o Tupy de Juiz de Fora,<sup>351</sup> o embate contra o recém-formado “team” da Liga de Sports organizada pela Marinha<sup>352</sup> e o amistoso contra o Palestra, valendo a Taça 24 de maio.<sup>353</sup> Ou, ainda, a disputa da Taça Equitativa contra o campeão da Sub-Liga de Juiz de Fora, Tupynambás, que seria usada, segundo o *Diario de Minas*, como preparativo “para a formação do quadro de jogadores que [...] representar[ia Minas] no proximo Campeonato Brasileiro”.<sup>354</sup>

Nesses jogos, portanto, é que o América apresentou aos belo-horizontinos “alguns elementos novos, ainda não conhecidos pelo nosso publico”, que, embora fossem muito distintos daqueles que vinham se apresentando pelo clube alviverde, “jogavam muito bem, conquistando vibrantes applausos”.<sup>355</sup> Dentre eles, Badú, revelado pelo “Guarany” de Campinas, por volta de 1916, 1917 ou 1918, como “medio aza direito”,<sup>356</sup> inscrevendo-se, no início dos anos de 1920, como “back” do Comercial de Ribeirão Preto.<sup>357</sup> Ali, o já renomado zagueiro Badú, que chegou a ter sua convocação para a Seleção Brasileira requisitada por um torcedor paulista,<sup>358</sup> conheceu Tango<sup>359</sup> e Pequitote (ora Pequitot, ora também Pequitotte),<sup>360</sup> com quem, pouco tempo mais tarde, partiu rumo ao Triângulo Mineiro, com destino ao Uberaba SC. Se, junto a Badú, Tango e Villa, Pequitote só saiu do clube uberabense já em 1924 para se incorporar às fileiras americanas, antes disso os dois primeiros tiveram uma breve passagem pela capital paulista. Por lá, Tango atuou pela equipe de “Veteranos Ford” ao lado do balado Friedenreich e também de Badú,<sup>361</sup> que, por sua vez, ainda foi inscrito pelo

<sup>350</sup> Syrio x America. *Minas Geraes*, Desportos, Belo Horizonte, 8-9 jun. 1925, p. 8; America x Syrio. *Diario de Minas*, Vida Sportiva, Belo Horizonte, 9 jun. 1925, p. 3.

<sup>351</sup> America x Tupy. *Minas Geraes*, Desportos, Belo Horizonte, 5 abr. 1925, p. 24; America x Tupy. *Diario de Minas*, Vida Sportiva, Belo Horizonte, 5 jul. 1925, p. 2.

<sup>352</sup> Em Belo Horizonte um team da Marinha empatou a equipe do America. *O Imparcial*, Vida Desportiva, Belo Horizonte, 24 abr. 1925, p. 9. Sobre a formação da Liga de Sports da Marinha, ver: CANCELLA, Karina Barbosa. O esporte e a Marinha do Brasil: primeiras aproximações e a institucionalização da prática esportiva através da criação da Liga de Sports da Marinha. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24, ANPUH. *Anais...* São Paulo, jul. 2011.

<sup>353</sup> America x Palestra. *Diario de Minas*, Vida Sportiva, Belo Horizonte, 26 maio 1925, p. 3.

<sup>354</sup> America x Tupynambás. *Diario de Minas*, Vida Sportiva, Belo Horizonte, 13 maio 1925, p. 2.

<sup>355</sup> America x Tupy. *Minas Geraes*, Desportos, Belo Horizonte, 6-7 abr. 1925, p. 12.

<sup>356</sup> Badú, Amilcar e Abbate. *A Gazeta*, Todos os Esportes, Futebol, Opiniões... O selecionado e os leitores, São Paulo, 26 jul. 1924, p. 3.

<sup>357</sup> Écos. *A Gazeta*, A Gazeta Esportiva, Futebol, São Paulo, 3 mar. 1923, p. 2.

<sup>358</sup> Cf. Badú, Amilcar e Abbate. *A Gazeta*, Todos os Esportes, Futebol, Opiniões... O selecionado e os leitores, São Paulo, 26 jul. 1924, p. 3.

<sup>359</sup> Em torno do encontro Mineiros x Paulistas. *A Gazeta*, Todos os Esportes, Futebol, São Paulo, 14 ago. 1925, p. 4.

<sup>360</sup> Pequenos écos. *A Gazeta*, A Gazeta Esportiva, Futebol, São Paulo, 5 jan. 1923, p. 2.

<sup>361</sup> Jogos intermunicipaes. *A Gazeta*, A Gazeta Esportiva, Futebol, São Paulo, 27 mar. 1923. [nº da p. não legível].

Syrio Paulistano na Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA),<sup>362</sup> flertando, em algumas ocasiões, com o futebol carioca.<sup>363</sup>

Mas as caras novas do América naquele princípio de 1925 não se restringiram aos ex-defensores do Uberaba SC, Badú, Pequitote, Tango e Villa. Além deles, a nova esquadra alviverde passou a contar com o concurso do “celebrado e magnífico arqueiro Salim, do Americano de Araguay”,<sup>364</sup> que assumiu o posto de Meira, acometido por uma doença durante a excursão americana a Uberaba, em 1924. Improvisado de última hora, o goleiro araguarino evitou uma goleada ainda maior do time da capital, ao defender, ainda no primeiro tempo da partida, um pênalti batido por Pequitote. Completando o reformulado “onze” americano, os amantes do futebol belo-horizontino ainda veriam nos gramados da cidade a atuação do “afamado” jogador de Ribeirão Preto, Vespú,<sup>365</sup> e a de Hércules Del Nero (por vezes, Delvero), o Sangureira (às vezes também Sanguêra), mais tarde eleito o jogador “mais popular” do interior paulista pelo *Diario Nacional*.<sup>366</sup>

Apesar de todo aparente pioneirismo americano, após a realização do Campeonato Brasileiro de Seleções de 1925, a imprensa local viveu um longo período sem poder noticiar a realização de novos confrontos das equipes belo-horizontinas.<sup>367</sup> Diante dessa realidade, a partir de setembro daquele ano, o *Diario de Minas* teceu severas críticas quanto à inatividade das agremiações futebolísticas de Belo Horizonte. A ponto de sua coluna “Vida Sportiva” mencionar, em mais de uma ocasião, o completo desaparecimento do futebol na cidade<sup>368</sup> e o “absolut[o] alhea[mento] das [...] confortantes praças de desportos” de seus clubes.<sup>369</sup>

Envolto em uma série de boatos quanto à realização de amistosos interestaduais, o principal alvo dos improperios do *Diario de Minas* foi o América.<sup>370</sup> O “pobre America”, segundo seus redatores, de “saudosas tradições” e conquistas, “a quem cabia,

<sup>362</sup> Écos. *A Gazeta*, A Gazeta Esportiva, Futebol, São Paulo, 3 mar. 1923, p. 2; A linha média do Syrio, de S. Paulo. *O Paiz*, Sports... Foot-Ball, Rowing, Turf e Outros, Foot-ball, Notas officiaes, Rio de Janeiro, 13 mar. 1923, p. 11; Écos. *A Gazeta*, A Gazeta Esportiva, Futebol, São Paulo, 2 abr. 1923, p. 2.

<sup>363</sup> Écos. *A Gazeta*, A Gazeta Esportiva, Futebol, São Paulo, 2 abr. 1923, p. 2.

<sup>364</sup> America Foot-Ball Club vs. Uberaba Sport Club. *Lavoura e Commercio*, Columna sportiva, Foot-ball, Uberaba, 3 abr. 1924, p. 5.

<sup>365</sup> Associação Paulista de Sports Athleticos. *Correio Paulistano*, Sports, São Paulo, 17 abr. 1926, p. 5; *Correio de S. Paulo*, Correio Esportivo, São Paulo, 24 nov. 1932, p. 5.

<sup>366</sup> O resultado final do concurso do “Diario Nacional”. *Diario Nacional*, Todos os esportes, Rio de Janeiro, 25 ago. 1928, p. 6.

<sup>367</sup> Cf. Fluminense x America. *Diario de Minas*, Vida Sportiva, Belo Horizonte, 2 set. 1925, p. 2; America versus Syrio. *Diario de Minas*, Vida Sportiva, Belo Horizonte, 12 dez. 1925, p. 2.

<sup>368</sup> Cf. Não ha mais foot ball? *Diario de Minas*, Vida Sportiva, Belo Horizonte, 27 set. 1925, p. 3; Desapareceu o spot na capital. *Diario de Minas*, Vida Sportiva, Belo Horizonte, 24 nov. 1925, p. 2.

<sup>369</sup> Palestra Italia toma a frente do movimento sportivo da capital. *Diario de Minas*, Vida Sportiva, Belo Horizonte, 9 out. 1925, p. 3.

<sup>370</sup> Cf. America versus Syrio, p. 2; [Bem falámos nós [...]]. *Diario de Minas*, Vida Sportiva, Belo Horizonte, 26 dez. 1925, p. 2.

incontestavelmente, o papel de impulsiona[r]” o futebol da cidade, “pois que a *sympathica* e robusta esquadra americana é o mais adestrado conjunto de foot-ball do Estado, ex [provavelmente, abreviação de “exímio”] conhecedor dos melhores da *technica Sportiva*”. Mas que, ao se descuidar de sua imagem, deixando seu time de futebol “quasi destreinado”, havia “enterrado” o esporte belo-horizontino. Por isso, quando o Palestra e o Atlético anunciaram, já no início de dezembro de 1925, a realização de seus amistosos interestaduais contra a Associação Atlética Caçapavense (AA Caçapavense), da cidade paulista de Caçapava, retomando “o movimento sportivo” belo-horizontino, o *Diario de Minas* fez coro para que esses dois clubes se tornassem “as taboas de salvação do foot-ball da nossa capital”.<sup>371</sup>

Curiosamente, dos embates atleticano e palestrino contra a AA Caçapavense, o América viu ainda a possibilidade de incorporar seu oitavo atleta “estrangeiro” naquele ano de 1925. O escolhido da vez foi Tatú, “o formidável foward [...], campeão sul-americano, e elemento indispensavel no scratch paulista”,<sup>372</sup> novo companheiro de Badú e Tango na “linha de ataque” americana.<sup>373</sup> Uma aquisição, para o *Diario de Minas*, que poderia fazer do América “um conjunto quasi perfeito e capaz de continuar o renome que gosa [em] Minas”.

Mas aquela equipe, que, segundo o veículo de imprensa belo-horizontino, haveria “de temer bem poucos adversarios no paiz inteiro”, sequer voltaria a atuar no restante daquela temporada, sendo, ainda por cima, completamente desmanchada para o ano seguinte. Enquanto isso, como demonstrei em minha dissertação de mestrado,<sup>374</sup> usando uma estratégia muito semelhante à americana, ainda em 1925 o Atlético se exibiu em Juiz de Fora e Formiga, trazendo de lá Cardosinho e Mário de Castro, que tiveram seus cursos de Engenharia e Medicina, respectivamente, além de suas estadias e alimentações, custeados pelos adeptos do clube. Assim, era como se as prestigiadas exibições amistosas do América naquele início de ano tivessem encorajado seu rival a seguir o mesmo caminho que o dele. Um caminho, contudo, que o próprio América aparentava abandonar, encontrando enormes dificuldades para se refazer depois daquela primeira experiência de amadorismo marrom. Uma possível evidência de que a prática do semiprofissionalismo estava longe de ser uma unanimidade entre os envolvidos com o clube.

<sup>371</sup> Palestra Italia toma a frente do movimento sportivo da capital. *Diario de Minas*, Vida Sportiva, Belo Horizonte, 9 out. 1925, p. 3.

<sup>372</sup> Tatú. *Minas Sport*, Belo Horizonte, 11 out. 1925, p. 2.

<sup>373</sup> O America adquire um bello elemento. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, 22 out. 1925, p. 3.

<sup>374</sup> LAGE, Marcus Vinícius Costa. “*Deixem em paz os nossos cracks*” – Análise sociológica da profissionalização do futebol belo-horizontino: a regulamentação e os significados sociais. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) –PUC Minas, Belo Horizonte, 2013, p. 120-125.

Não por coincidência, em março de 1926 o presidente americano Ramiro Barros convocou uma série de reuniões para discutir as estratégias esportivas e sociais do clube para aquela temporada que se abria. Em um desses encontros,<sup>375</sup> o dirigente máximo do América “concitou os valorosos elementos do quadro americano a se empenharem com entusiasmo para a garantia do nome do velho gremio e para a elevação do conceito do desporto de Minas”. Entre os participantes, estariam “[v]arios [...] bons elementos afastados do club”, como “os grandes ‘players’ Tônico, Sousa, Oswaldinho, Bolivar, Demosthenes, L. Brandão, Gabriel, Hugo, Luiz d’Almeida e muitos outros”. Todos eles integrantes dos antigos quadros campeões pelo América e que, naquela ocasião, “comprometteram-se a voltar ao seio [do clube] para continuar a obra do seu engrandecimento”.

Ainda assim, ao longo de 1926 a imprensa local repercutiu, em diversos momentos, as dificuldades americanas em organizar uma equipe capaz de competir, de igual para igual, com os novos praticantes do amadorismo marrom na cidade. Às vésperas de sua estreia no campeonato organizado pela Liga, por exemplo, o *Diario de Minas* noticiou que “os treinos no stadium do America têm se realizado sem a menor regularidade, com falta de ‘players’ dos principaes de ambos os quadros e no meio da mais intensa frieza”.<sup>376</sup> Já no transcurso daquela competição, foi a vez do *Correio Mineiro*<sup>377</sup> divulgar o não comparecimento da equipe americana em jogo válido contra o Sete de Setembro, incitando a Liga a punir o clube.

Por isso, logo no dia seguinte a esse episódio, noticiado pelo jornal belo-horizontino a partir do título “[u]m facto lamentavel”, o América convocaria “todos os [seus] directores” para que fossem tomadas “deliberações da mais alta importancia para o club”.<sup>378</sup> A nota do *Correio Mineiro* sobre a reunião convocada, escrita pelo jornalista de codinome Carpas, era acompanhada de um apelo seu para que “os desportistas de boa vontade que o club ainda possui [...] reergue[ssem] o glorioso pavilhão americano” que se encontrava, segundo ele, “ameaç[do] de uma debacle completa”. Para Carpas, a principal explicação para o “cresc[imento assustador da] decadência do América” se relacionava à “reforma dos estatutos” do clube promovidas desde a construção das “optimas installações da avenida Paraopeba”. Reformulações estas que haviam criado, em seus quadros diretivos, “innumerous cargos e complicadas attribuições”.

Seria este um indício de que os numerosos dirigentes americanos não se entendiam em relação à prática do amadorismo marrom pelo clube? Difícil dizer. Recorrendo mais uma vez

<sup>375</sup> Cf. América F. C. *Diario de Minas*, Vida Sportiva, Belo Horizonte, 23 mar. 1926, p. 2.

<sup>376</sup> Os treinos no “stadium” do América. *Diario de Minas*, Vida Sportiva, Belo Horizonte, 22 jun. 1926, p. 2.

<sup>377</sup> Um facto lamentavel. *Correio Mineiro*, Jogos e Desportos, Belo Horizonte, 16 nov. 1926, p. 2.

<sup>378</sup> CARPAS. América F. C. *Correio Mineiro*, Jogos e Desportos, Belo Horizonte, 18 nov. 1926, p. 3.

à minha dissertação de mestrado,<sup>379</sup> fato é que, de 1927 a 1933, quando os dirigentes mineiros finalmente regulamentaram o futebol profissional no estado, a equipe de futebol do América, bem como a dos demais clubes da cidade, foi, em diversas ocasiões, reforçada por atletas que claramente não cumpriam os requisitos exigidos pelo regulamento amadorista da Liga. Só para se ter uma ideia, em junho de 1927 o jornal *Minas Esporte*<sup>380</sup> registrou, em uma mesma edição: a chegada do “meia-direita” J. Cunha e do “keeper” carioca Vicente Coelho de Almeida ao América; a ida do “festejado half” americano Hugo Jacques às “falanges athleticanas”; e a inscrição do atacante Nelo, ex-jogador do Sport Club Olympic, e o retorno do “meia-direita” Nani, que havia recentemente “ingressado no Gremio Ludopedio Calafate”, ao Palestra Itália. A prática do amadorismo marrom por parte da diretoria americana parece ter sido tão intensa naquele ano que oito “pedidos de inscrição de amadores” por parte do clube foram indeferidos, de uma só vez, pela “comissão de Syndicancia” da Liga, órgão criado para fiscalizar a real condição amadora dos atletas do estado.<sup>381</sup> Sete desses indeferimentos se justificavam, segundo o despacho da sindicância, porque “o peticionario não [havia] declara[do] o que estuda[va]” na ficha de inscrição. A única exceção correspondia ao pedido de inscrição do “Dr. José de Almeida Netto”, o “compeão [sic] sul-americano e ex-defensor do Club de Regatas Flamengo”,<sup>382</sup> que se transferiu para o América sem o consentimento de seu antigo clube.

Aliás, situações como aquela vivenciada pelo América com Almeida Netto seriam cada vez mais recorrentes antes que o profissionalismo fosse regulamentado no estado. Cada vez mais, os atletas que viam o futebol como um meio de sobrevivência não titubeavam em trocar de clube diante de ofertas de trabalho e pagamento de premiações mais interessantes que aqueles oferecidos na capital mineira. Em tom de forte reprovação, esses atletas seriam apelidados pela imprensa de “andorinhas” e “borboletas”, como se voassem ligeiros em busca de melhores oportunidades de vida.

A lista dos jogadores que passaram esvoaçantes pelos gramados mineiros era extensa. As idas e vindas de Badú e Tango da capital mineira, ainda em 1925, talvez as primeiras “andorinhas” da cidade, chegaram a provocar uma acalorada discussão entre o presidente do SC Juiz de Fora e um torcedor americano, repercutida nas páginas d’*A Gazeta* paulistana no

---

<sup>379</sup> LAGE, Marcus Vinícius Costa. “*Deixem em paz os nossos cracks*” – Análise sociológica da profissionalização do futebol belo-horizontino: a regulamentação e os significados sociais. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PUC Minas, Belo Horizonte, 2013, p. 121-122.

<sup>380</sup> *Minas Esporte*, Belo Horizonte, 4 jun. 1927, p. 3.

<sup>381</sup> Do America F.C. *Correio Mineiro*, Jogos e Desportos, Belo Horizonte, 25 maio 1927, p. 2.

<sup>382</sup> Almeida Neto no America. *Correio Mineiro*, Jogos e Desportos, Belo Horizonte, 6 abr. 1927, p. 2.

final de 1925, sobre em qual dos dois clubes eles estariam inscritos na Liga.<sup>383</sup> Em 1927, Pimentinha, “‘player’ carioca” que atuou pelo “Ypiranga”, pelo “Lisboa-Rio F.C.” e que flertava com o Atlético e o Fluminense da capital mineira, também recebeu, para sua desaprovação, o epíteto de “borboleta” por parte de seu entrevistador.<sup>384</sup> Ainda aquele ano, Zezinho e Yoyô, inscritos pelo América no início de 1927<sup>385</sup> e que, na segunda metade daquele ano, atuavam pelo Syrio Horizontino e pelo Palestra Itália, foram outros dois a terem a desonra de receber o epíteto da época. Na virada de 1927 para 1928, foi a vez dos palestrinos darem adeus aos “espertos” Morgante, Morgantinho e Osti, que, juntos a Carazzo, haviam se inscrito na Liga Mineira após deixarem o Palestra paulista. Osti teria inclusive “cinz[ado] o Palestra” enquanto por lá esteve, segundo a *Folha Esportiva*.<sup>386</sup> Já as “andorinhas” atleticanas de 1929 teriam sido “Bené, o homem das pirulêtas, e Herminio”.<sup>387</sup> E “[a]té o Armando deu para sabido e passou o seu *bleufezinho*, no Palestra”.<sup>388</sup> Mas, naquele ano, de acordo com a *Folha Esportiva*, a “maior vítima do profissionalismo” havia sido mesmo o América, que viu os jogadores cariocas “Helcio, Darcy, Lincoln, Fragoso e Alfredinho” passarem pelo clube apenas durante o interregno de competições oficiais na capital federal. A ponto de o jornalista de codinome Aelea,<sup>389</sup> do mesmo jornal, ironizar clube a partir do seguinte diálogo fictício:

- Então ‘seu’ America? Cadê os campeões brasileiros da Cariocolandia que iam fortalecer o seu team?
- Voaram para bem longe, ligeiros e pressurosos como voam as borboletas de azas longas e traiçeras.
- Ah! então para o anno elles voltam... mas nas férias esportivas? ‘tá bom... deixa’.

Mas, diante de tantas evidências da prática do amadorismo marrom pelo América, que história era aquela de o clube ser adido defensor do legítimo amadorismo na capital mineira? Afinal de contas, como diria Michael Pollak, qualquer trabalho de enquadramento da memória, como a *Enciclopédia do América*, não pode se descuidar “do material fornecido pela história”. E, muito embora Carlos Paiva tenha omitido em suas “páginas imortais”

<sup>383</sup> Cf. Em torno do encontro Mineiros x Paulistas. *A Gazeta*, Todos os Esportes, Futebol, São Paulo, 14 ago. 1925, p. 4.

<sup>384</sup> PIMENTINHA. A historia de um player carioca. *Minas Esporte*, Belo Horizonte, 8 jun. 1927, p. 1. [entrevista]

<sup>385</sup> Sobre Zezinho ver: America x 12 Regimento. *Correio Mineiro*, Jogos e Desportos, Belo Horizonte, 21 jan. 1927, p. 3; ZEZINHO. Ouvindo os nossos ‘players’. *Minas Esporte*, Belo Horizonte, 4 jun. 1927, p. 1 [entrevista]. Sobre Yoyô ver: Boatos infundados. *Correio Mineiro*, Jogos e Desportos, Belo Horizonte, 28 out. 1927, p. 3; Os bonds esportivos. *Folha Esportiva*, Belo Horizonte, 21 abr. 1930, p. 7.

<sup>386</sup> Os bonds esportivos. *Folha Esportiva*, Belo Horizonte, 21 abr. 1930, p. 7.

<sup>387</sup> Os bonds esportivos. *Folha Esportiva*, Belo Horizonte, 21 abr. 1930, p. 7.

<sup>388</sup> Os bonds esportivos. *Folha Esportiva*, Belo Horizonte, 21 abr. 1930, p. 7.

<sup>389</sup> AELEA. Então “seu” America?. *Folha Esportiva*, Belo Horizonte, 21 maio 1930, p. 8.

americanas que jogadores como Badú, Tango, Pequitote e Villa vivessem do futebol, deslizes como esse não voltariam a se repetir a partir do momento em que ele passa a recuperar o posicionamento americano nos debates sobre a profissionalização do futebol e as estratégias do clube após a regulamentação do novo regime. De modo que, mais uma vez, poderíamos ter a impressão de que a sua narrativa, em alguns momentos, parece se distanciar do mito da decadente aristocracia americana. Vejamos, então, por que digo isso.

### 4.3 O “protesto contra o profissionalismo” e o “time mais caro do estado”

Acredito que, a essa altura, estamos convencidos de que boa parte dos atletas citados nas duas seções anteriores não vieram a Belo Horizonte para uma simples temporada turística, desinteressados em ganhar a vida, ou ao menos ajeitá-la, como jogadores de futebol. Isso não significa, contudo, que aquela experiência americana na virada de 1924 para 1925 tenha feito desaparecer por completo a figura dos legítimos amadores nos clubes da cidade. Até maio de 1933, os futebolistas “semiamadores” da capital mineira ainda haveriam de conviver com atletas como Tupá, “o querido meia direita americano”, que, ao ser entrevistado pela *Folha Esportiva*, dizia “amar o clube” incondicionalmente.<sup>390</sup> E que, por isso, se “aborre[cia] quando v[ia] companheiros [...] zangados por não pertencerem á equipe principal”. Para ele, “[u]ma tola vaidade” que “precisa[va] acabar”, já que todos eram, ou deveriam ser, “amadores do club, e tudo [precisavam] fa[zer] por elle, em qualquer que fosse a equipe. Classificação não [lhes] deve[ria] interessar”, concluía Tupá, pois, “[a]cima de tudo [deveria] est[ar] o amor pelo pavilhão alvi-verde. Coração é coração.” E se essa mentalidade ainda existia no início dos anos de 1930 entre alguns jogadores belo-horizontinos, evidentemente que ela também haveria de ser cultivada por muitos amantes do futebol na cidade.

A questão do profissionalismo foi tão polêmica na capital mineira que, no dia 22 de fevereiro de 1933, o *Estado de Minas* lançou uma enquete intitulada “Praticavel a implantação do profissionalismo no nosso futebol?”. Durante quase um mês, o principal veículo de comunicação impresso da cidade apresentava aos seus leitores, quase que diariamente, em suas seções esportivas, a opinião, a respeito do tema, de jornalistas, dirigentes e jogadores do América, do Atlético e do Palestra que ainda se encontravam em

---

<sup>390</sup> TUPÁ, Pelo America jogarei até no quarto team. *Folha Esportiva*, Belo Horizonte, 21 maio 1930, p. 7. [entrevista].

atividade ou que haviam “pendurado as chuteiras”. De acordo com Rodrigo Moura,<sup>391</sup> que em sua dissertação de mestrado recuperou, de maneira acurada, os resultados da enquete realizada pelo *Estado de Minas*, naquela ocasião o “principal argumento presente nos discursos” proferidos pelos entrevistados do jornal, desde os “mais críticos aos mais otimistas, era de que a renda dos jogos em Belo Horizonte era pequena” demais se comparada à de outros centros futebolísticos do país, como Rio de Janeiro e São Paulo, que haviam, recentemente, se decidido pela regulamentação do profissionalismo – de modo que “a manutenção do *regimen* profissional torna[va]-se impossível” na capital mineira.

Aliás, essa mesma percepção em relação ao assunto havia sido defendida por Clóvis Pinto, então presidente americano, poucos dias antes do lançamento da pesquisa do *Estado de Minas*, em resposta a uma carta endereçada a ele por Marcelo Linhares, ex-jogador do clube, também publicada pelo jornal da cidade.<sup>392</sup> De maneira muito semelhante a Tupá, o antigo defensor do América e, à época, promotor de justiça em Montes Claros, acreditava que a “censurável remuneração” dos atletas belo-horizontinos tirariam todo “o entusiasmo, o ardor, a fibra, a tenacidade, o amor ao clube e, ainda, o decôro dos amadores”. De todo modo, ainda segundo ele, caso “a reacção que devemos começar desde cedo for vencida, e victoriosa se fizer a novação que se propõe, [seria] então, chegado o momento [do clube] selecciona[r] ainda mais o [seu] conjuncto, si é que, porventura – eu o duvido, nelle ha ellementos que aceitem as vantagens da troca”. E, como forma de concluir seu apelo ao dirigente máximo americano, Marcelo Linhares o lembraria “do ideal sonhado pelos fundadores do nosso deca”, defensores fiéis dos lemas “Sport pelo Sport” e “mens sana in corpore sano”.

Ainda em meados de janeiro daquele ano, em entrevista ao mesmo *Estado de Minas*,<sup>393</sup> José de Souza, diretor de futebol e ex-jogador do América, também se recusou a “apoiar a medida”, que já havia sido adotada em outros centros futebolísticos, por “[n]ão achar digna a profissão”. Reiterando que o amadorismo marrom era uma antiga realidade no país, o novo dirigente americano confessava ao seu palestrante que, “quando actuava” pelo clube alviverde, por “varias vezes” foi “offerecido para pertencer a quadros cariocas com bôa remuneração”, o que teria recusado “com altivez, pois [acreditava ser] uma indignidade

<sup>391</sup> MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. *O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas*. O futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010, p. 113.

<sup>392</sup> A carta de Marcelo Linhares e a resposta de Clóvis Pinto publicadas no *Estado de Minas* entre os dias 14 e 21 de fevereiro de 1933 foram recuperadas por: SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. *O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940*. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerias, Belo Horizonte, 2017, p. 173-174.

<sup>393</sup> SOUZA, José de. Souza fala ao Estado de Minas sobre a reorganização esportiva do America. *Estado de Minas*, 15 jan. 1933, p. 8. [entrevista].

hombrear com um profissionalismo encoberto, com amadores de verdade e pessoas de elevada categoria”. Muito embora dissesse ter a intenção de se afastar “para sempre do futebol, quando fo[ssem] invadidos pela onda do ‘dinheiro’”, José de Souza dizia tolerar, para os outros clubes, mas não para o América, um “profissionalismo que abraçass[e]” a todos os clubes, “egualando todos os seus defensores. A mistura”, concluiu ele, “é que me enoja!”

Mas, se durante os dois primeiros meses de 1933 os envolvidos com o futebol na capital mineira e o próprio redator esportivo do *Estado de Minas* se mostravam refratários à “boa nova”, à medida que o profissionalismo se assentava em outras cidades do país, Belo Horizonte viu aparecer os primeiros e contundentes discursos em defesa do novo regime. Pouco a pouco, aqueles que antes se opunham à reformulação do estatuto desportivo, argumentando que os clubes belo-horizontinos não dispunham de condições financeiras para cumprir suas futuras obrigações contratuais, foram se convencendo, a partir da experiência carioca noticiada frequentemente pela imprensa local, de que as exibições de equipes profissionais na cidade também poderiam se converter em um atrativo a mais aos torcedores, proporcionando, assim, maiores arrecadações das bilheterias. Além disso, como revelara José de Souza, se ainda nos tempos do amadorismo marrom diversos atletas belo-horizontinos já vinham sendo assediados por clubes de centros urbanos mais ricos do país, a partir da regulamentação do futebol profissional, emissários cariocas e paulistas empreenderiam uma verdadeira caçada aos principais jogadores da capital mineira. De modo que alguns dirigentes dos clubes belo-horizontinos também passaram a ver a oficialização do profissionalismo na cidade como uma espécie de panaceia do que chamavam à época de “êxodo de ‘cracks’” para a pauliceia e a capital federal. Mas não os dirigentes americanos, que, naquele contexto, mantiveram-se irredutíveis quanto à possibilidade da Liga Amadora de Futebol (LAF), entidade então responsável pela gestão do esporte na cidade, reformar seu estatuto, endossando o novo regime no estado.

Foi ambientado nesse cenário que o presidente atleticano, Thomaz Naves, e o próprio jornalista responsável pela seção esportiva do *Estado de Minas* se tornaram ferrenhos defensores da profissionalização do futebol mineiro. E, como forma de convencer os amantes do esporte das vantagens do novo regime, o principal periódico da cidade à época operou o que Sarah Soutto Mayor chamou de uma verdadeira “inversão discursiva” a respeito do tema.<sup>394</sup> Assim, os defensores do amadorismo, como Clóvis Pinto, antes representados como

---

<sup>394</sup> SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. *O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940*. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) –Universidade Federal de Minas Gerias, Belo Horizonte, 2017, p. 179.

figuras “altivas”, de “fibra”, “cavalheirosas”, amantes incondicionais do clube, converteram-se, nas páginas da imprensa local, em personagens “retrógradas”, ultrapassadas, enquanto o dirigente máximo do Atlético passaria a ser tido como um “homem de ação”, “visionário”, capaz de proporcionar maior “qualidade” e “maiores rendas” ao futebol belo-horizontino. Representações que foram intensamente mobilizadas pelo *Estado de Minas* entre o final de maio e os meses de junho e julho, quando, finalmente, os membros do Conselho Superior da LAF regulamentaram o novo regime na capital mineira.

Se, por um lado, Carlos Paiva não se preocupou em realizar uma análise discursiva como essa, a reconstituição dos debates dos dirigentes esportivos da cidade e, em alguma medida, até a justificativa usada pelos americanos para se opor às novas diretrizes do futebol mineiro narrados em sua *Enciclopédia do América*, seguiram, criteriosamente, os registros feitos pelo jornal *Estado de Minas* ao longo daqueles três meses. Abrindo a seção “Amadorismo x Profissionalismo”<sup>395</sup> de seu livro, o historiador americano relata que, em maio de 1933, “[e]missários do Atlético [sic] e do Palestra foram ao Rio de Janeiro para se informar sobre o movimento em favor do profissionalismo”. Como resultado dessa viagem, segundo ele, dias mais tarde o Conselho Superior da LAF, composto à época pelos presidentes do América, do Atlético, do Palestra, do Villa Nova e da própria entidade gestora, também aprovou a regulamentação do novo regime no estado mineiro. Apesar disso, segundo Carlos Paiva, ao longo das reuniões que “determina[ram] a mudança do futebol mineiro para o ‘Profissionalismo’”, realizadas entre 29 de maio e 27 de junho daquele ano, os dirigentes americanos tentaram, de diversas maneiras, evitar que essa decisão fosse, de fato, posta em prática. Ainda no primeiro encontro, realizado, segundo ele, sob o “mais absoluto sigilo” na “residência do presidente do Atlético [sic], Sr. Thomaz Naves”, o presidente americano, “Dr. Clóvis Pinto, reiterou suas convicções amadoristas, mas não quis perturbar a ordem dos trabalhos, numa posição que colocou unicamente o América em oposição aos demais”. Mas, como voto vencido em assembleia geral da LAF, no dia 1º de junho, toda a diretoria do clube tomou a decisão de renunciar, “contrária ao novo regime”. Apesar disso, poucos dias depois, em reunião do Conselho Deliberativo, “os dirigentes que haviam renunciado consentiram em voltar aos seus cargos” “com a condição de que o clube apenas se tornasse profissional no futebol pró-forma”, isto é, “aceitando a nova condição para efeito externo, não a adotando na prática”. Essa estratégia americana, contudo, não foi acatada pelo Conselho Administrativo da

---

<sup>395</sup> As citações deste parágrafo são referentes a essa seção: PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 69-70.

Associação Mineira de Esportes (AME), novo nome da entidade máxima dos esportes no estado criada a partir daquele início de junho, e, principalmente, pelos presidentes dos clubes que o compunham, em especial o presidente do Atlético, que, nas reuniões realizadas ao longo do mês de junho, travou “fortes” e “acaloradas discussões” com o presidente americano acerca da questão. A querela entre o América e os demais clubes começou a se arrefecer apenas no final daquele junho de 1933. Segundo Carlos Paiva, “[v]endo que ‘batendo de frente’ não se chegaria a um acordo, o presidente da AME, os presidentes de Atlético [sic], Palestra, Villa, Retiro e Siderúrgica manda[ra]m um ofício para o América fazendo um ‘caloroso apelo’ para que o América respeitasse a deliberação do Conselho Administrativo”, firmando contrato com seus jogadores.

A resposta americana a esse “caloroso apelo” dos novos clubes profissionais de Minas Gerais só foi apresentada por Carlos Paiva na seção seguinte da *Enciclopédia do América*, intitulada “O América fica vermelho”. Ali, o historiador do clube diz que, no final de junho daquele ano, o América finalmente “se enquadrou, mas não se conformou, e mudou as suas cores para vermelho e branco, em protesto contra o regime de profissionalismo implantado no futebol”. Como registrei no capítulo anterior, a explicação da recusa americana ao novo regime, segundo ele, reside na concepção político-social de esportes que prevalecia entre os americanos. Assim, afirma Carlos Paiva:

Enquanto Atlético [sic] e Palestra praticavam, desde muito, o “amadorismo marrom”, os americanos consideravam que o futebol, como os demais esportes, eram o complemento do lazer, a ser praticado enquanto seus atletas estudavam nas escolas superiores, para se tornar a elite de Minas e da nação.

Bom, até aqui é possível pensar: se a narrativa da *Enciclopédia do América* sobre o protesto do América contra a profissionalização do futebol mineiro se mostra compatível com as fontes da época, a aparente inconsistência apresentada por Carlos Paiva seria a afirmação de que Atlético e Palestra foram os únicos clubes belo-horizontinos a praticarem o amadorismo marrom na cidade. Mas, talvez para surpresa dos americanos, diria que a tão propalada camisa vermelha do América também não parece ter sido adotada como um comunicado público e simbólico da insatisfação dos dirigentes do clube. Ao menos é isso que Sarah Soutto Mayor,<sup>396</sup> professora de Educação Física da UFJF, defendeu em sua tese de doutorado. E foi isso que minhas consultas aos jornais da época igualmente evidenciaram.

---

<sup>396</sup> SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. *O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940*. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) –Universidade Federal de Minas Gerias, Belo Horizonte, 2017, p. 313-322.

Ainda em outubro de 1925, ao noticiar a “aquisição” americana do atacante Tatú, da Caçapavense, o *Diario de Minas*<sup>397</sup> chamou o América de “o sympathico alvi-rubro mineiro”. Contudo, tendo a acreditar que essa menção tenha sido um pequeno deslize do redator daquela notícia, visto que, antes de agosto de 1933, o clube belo-horizontino era invariavelmente caracterizado por suas cores verde e branca pelas páginas esportivas da imprensa local. Mas, como muito bem asseverou Sarah Soutto Mayor, apesar da mudança simbólica abrupta americana dois meses após a regulamentação do futebol profissional no estado, apenas o jornal *A Tribuna*, atualmente recolhido à reserva técnica da Hemeroteca de Minas Gerais,<sup>398</sup> apresentou uma versão sobre os supostos motivos que levaram o América a substituir os seus originais uniformes alviverdes pela camisa alvirrubra. E, ao contrário do que comumente afirmam as narrativas mais difundidas sobre o episódio, para Sarah, aquela decisão tomada pelos dirigentes do clube, ao menos segundo as fontes por ela consultada, teria sido parte de uma série de estratégias que objetivavam reconduzir o América ao caminho das vitórias e dos triunfos, do qual ele se encontrava afastado desde o término de 1925. Uma iniciativa, no caso da adoção do novo uniforme, da ordem do simbólico. Como se uma nova cor de camisa, semelhante à dos “milhares de Americas por esse Brasil afora”, fosse capaz de estimular “o começo de uma nova fase” na vida do América de Minas.

E essa “nova fase” não foi exatamente caracterizada pelo protesto contra o profissionalismo ou pela resistência amadorista americana. Ao contrário disso, o que se viu a partir de então foi a tentativa dos dirigentes do clube de adotarem plenamente o novo regulamento esportivo. A ponto de, em alguns momentos, seus investimentos para montagem de elencos superarem suas próprias condições financeiras. E, muito embora Carlos Paiva<sup>399</sup> avalie que, durante quase uma década – de maio de 1933 a outubro de 1941 –, os “heroicos” americanos, como “quixotes”, tentaram “em vão lutar contra o moinho invencível do profissionalismo”, levando o clube a “tom[ar] um handicap dos co-irmãos”, se “apercebe[ndo] tarde” que o “amadorismo não era mais possível”, ele mesmo reconhece, em sua *Enciclopédia do América*, o empenho americano em relação ao novo regime e as crises por ele proporcionadas ao longo dos capítulos dedicados aos anos de 1934 e 1941.

---

<sup>397</sup> O America adquire um bello elemento. *Diario de Minas*, Belo Horizonte, 22 out. 1925, p. 3. (grifo meu)

<sup>398</sup> Os exemplares d’*A Tribuna* mobilizados por Sarah Soutto Mayor percorreram o intervalo de tempo entre os dias 30 de julho e 5 de setembro de 1933.

<sup>399</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 78.

Não por coincidência, o historiador americano escreve<sup>400</sup> que, já em 1934, o América vivenciou uma forte “crise financeira”, levando dois dirigentes à renúncia, porque sua diretoria anterior “havia inflacionado o salário” dos atletas. Mais do que isso, nesse mesmo texto, Carlos Paiva deu a entender que a estratégia inicial de contratação adotada pelos gestores americanos havia sido, inclusive, mais onerosa que a praticada pelos demais clubes da cidade. Isso porque, para tentar adequar as despesas às receitas do clube, os novos dirigentes daquele ano não só teriam “dispens[ado] 5 (cinco) jogadores que recebiam muito” como também propuseram “uma nova forma de remuneração” dos atletas, pagando seus ordenados com “uma porcentagem do valor da renda” – algo que, aliás, destaca ele, também “acontecia com a maioria dos jogadores de Atlético [sic] e Palestra”.

Mesmo diante da crise financeira instalada no clube, como revela uma breve nota do *Diário da Tarde*<sup>401</sup> de 15 de novembro de 1934, no final daquele ano a diretoria americana continuou preocupada em “contractar novos elementos” para seu quadro de profissionais. Por isso, seus dirigentes enviaram o “player Del Nero”, mais conhecido como “Sangureira”, à capital paulista para que ele aliciasse alguns atletas para a temporada seguinte. Talvez um ensaio do que os americanos fariam a partir da segunda metade de 1935, quando o América, segundo Carlos Paiva,<sup>402</sup> “acord[ou] da pasmaceira”, montando, para o ano seguinte, “um grande time, uma verdadeira seleção”; ou, como ele mesmo define, “o time mais caro do estado”.

Apesar de o capítulo dedicado à temporada de 1935 da *Enciclopédia do América* ter considerado aquele “um ano para ser esquecido”,<sup>403</sup> conforme nos revela a imprensa belo-horizontina, entre os meses de agosto e setembro a diretoria americana enviou a outro grande centro do futebol brasileiro mais um de seus jogadores para que lhe “arranja[sse] novos elementos de valor”.<sup>404</sup> Dessa feita, o escolhido foi Dondon, que, apesar de não ser o do Andarahy, teria feito ainda mais sucesso que seu homônimo carioca, consagrado, anos mais tarde, no samba de Nei Lopes e Antônio de Paula Filho eternizado nas vozes de Zeca

---

<sup>400</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 71.

<sup>401</sup> Del Nero chegou ontem. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 15 nov. 1934, p. 4.

<sup>402</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 73-74.

<sup>403</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 72.

<sup>404</sup> Dondo voltou! *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 1 set. 1935, p. 11.

Pagodinho e Dudu Nobre.<sup>405</sup> Mineiro de Cataguases, esse Dondon americano serviu à Seleção Brasileira em cinco amistosos realizados na capital baiana em 1934, chegando, inclusive, a marcar gol em um deles. Já no ano seguinte, como jogador do América, ele voltou da capital federal trazendo para seu novo clube o meia-direita Armando, do São Cristóvão, o pontaesquerda Jaguarão, o “keeper” Princeza, além de Monteiro e Raul.<sup>406</sup>

Pode ser que tenha sido também como resultado dessa viagem de Dondon ao Rio que, logo em janeiro de 1936, o América montou o tal “time mais caro do estado” mencionado por Carlos Paiva.<sup>407</sup> Isso porque, das duas contratações por ele mencionadas, uma teria sido a de “Lima”, do Tupy de Juiz de Fora, e a outra a de Rebollo, que, “inesperadamente peg[ou] um trem [...], deixando o Bonsucesso, do Rio de Janeiro”, para também jogar pelo América. Como noticiou *O Diário*,<sup>408</sup> junto de Rebollo, que “recentemente [havia] integr[ado] o seleccionado carioca”, a diretoria americana também trouxe Nevercino, “outro profissional de cartaz”, com passagens pelo Tupy de Juiz de Fora, pelo América do Rio, pelo Boca Juniors e pelo Estudiantes da Argentina, pelo Nacional de Montevideú, pela “Portuguesa de Sports” e pelo Santos. Ainda aquele mês, a imprensa local repercutiu uma série de boatos relativos à contratação de outros atletas de renome do futebol nacional pelo América.<sup>409</sup> Dentre eles, o zagueiro Moysés, ex-defensor do Flamengo e do Boca Juniors. Isso sem contar jogadores das interioranas cidades mineiras de Ouro Fino, Juiz de Fora, Nova Lima e Sabará.<sup>410</sup>

Possivelmente inspirados em notícias como as que foram publicadas nos dias 26 e 27 de janeiro na imprensa da capital mineira,<sup>411</sup> Carlos Paiva<sup>412</sup> descreve que alguns dos adeptos mais “doentes” do clube chegaram a dormir nas arquibancadas de seu estádio para acompanhar o “primeiro treino dos novos contratados”. A ponto de dois deles apostarem “que o campo estava mais cheio que no dia do jogo Cariocas x Mineiros”. E, de modo muito perspicaz, a diretoria americana aproveitou toda aquela ansiedade criada entre os torcedores do clube para aumentar suas fontes de arrecadação, lançando uma campanha de adesão de

<sup>405</sup> Sobre os dois Dondons, ver: ASSESSORIA CBF. Dondon, que não era do Andarahy, jogou na Seleção. *Confederação Brasileira de Futebol*, 16 set. 2015. Disponível em: [url.gratis/mewG7](http://url.gratis/mewG7). Acesso em: 16 jan. 2020.

<sup>406</sup> Cf. O America dará uma amostra, contra o Commercial, do “team” que pretende organizar em definitivo. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 22 set. 1935, p. 10; O grande “match” de domingo. *O Diário*, 4 out. 1935, p. 9.

<sup>407</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 73.

<sup>408</sup> Um quadro de “cracks para a temporada de 1936. *O Diário*, Belo Horizonte, 24 jan. 1936, p. 7.

<sup>409</sup> Cf. O America espera ainda um grande “crack”... *O Diário*, Belo Horizonte, 27 jan. 1936, p. 7.

<sup>410</sup> O America continua contractando jogadores. *O Diário*, Belo Horizonte, 25 jan. 1936, p. 7.

<sup>411</sup> Cf. O aprompto dos americanos. *O Diário*, Belo Horizonte, 26 jan. 1936, p. 7; America ensaiou ante-ontem seu novo quadro. *O Diário*, Belo Horizonte, 27 jan. 1936, p. 7.

<sup>412</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 74.

novos associados. Conforme noticiou *O Diario*,<sup>413</sup> o logro da iniciativa dependeria e, ao mesmo tempo, seria partilhado pelo próprio quadro de sócios do América, fosse ele adimplente ou não, que, a partir de fevereiro daquele ano, passou a receber a seguinte correspondência endereçada pelo clube:

Prezado consocio

Empenhada a Directoria do America F. Club, no reerguimento da sociedade, e, querendo proporcionar aos seus associados todo conforto, toda a possibilidade de recreio e esportes, propos a si mesmo, um programma de realizações.

Assim, tomou providencias para melhorar os seus teams de Foot-Ball, iniciou já os trabalhos preliminares para a construção de uma piscina olympica, que deverá ser modelar, estuda novas quadras para tennis, para volley-ball e basket e, valendo-se da ampla area do seu Estadio, projecta um parque ou logradouro para recreio das familias dos seus associados.

Tudo isto, porem, dependerá immediata e directamente da pujança do seu quadro social, que deverá ser numeroso.

É com essa finalidade pois, que se dirige ao presado consocio appellando para o concurso.

Pede pouco: – apenas, preencher com nomes de amigos seus as duas guias annexas, e remettel-as á Séde [...].

Objectivando o aumento do quadro social resolveu ainda dispensar [*trecho apagado do original*] de tres mezes, a joia de entrada.

Resolveu mais, offerecer o recibo de quitação por um anno ao associado que contribuir para a entrada de 12 novos socios.

Com relação aos socios antigos porventura em debito para com o Clube, cancellar as mensalidades atrasadas, desde que pretenda voltar ao seio da sociedade, dando disso conhecimento, por escripto, á Directoria em uma das guias alludidas.

[...]

Com o vosso concurso, poderá ella [a diretoria] realizar o que promete, e sobretudo reatar o período de louros e victorias que, por tantos annos aureolou o nome do America Foot-Ball Club.

Se, por um lado, a imprensa local pareceu não ter se preocupado em divulgar os resultados da campanha americana, no ano seguinte o América seria, mais uma vez, motivo de destaque nas páginas esportivas da cidade pela montagem de seu elenco profissional. Em junho de 1937, por exemplo, seus dirigentes “deleg[ariam] poderes a João Schiavoni, o famoso alliciador de jogadores, para [que ele] descobri[sse] e tr[ouxesse] nada menos de 5 elementos”<sup>414</sup> para o clube. Todavia, como afirmou o redator esportivo d’*O Diario*, a diretoria americana não se interessaria por qualquer atleta, mas apenas por “‘cracks’ authenticos!...”.

Composta, assim, por grandes nomes do futebol brasileiro, a equipe profissional de futebol do América de 1936 e 1937 foi convidada a realizar alguns amistosos intermunicipais e interestaduais de grande apelo, segundo o jornal belo-horizontino *O Diario*. Dentre eles, “o cyclo de jogos” que simbolizava “sua nova phase de remodelação” vivenciada a partir de 1936, quando o time americano enfrentou e venceu o Bangu, o Bonsucesso, o Flamengo, o

<sup>413</sup> Para o reerguimento do America F. C. *O Diario*, Belo Horizonte, 13 fev. 1936, p. 7.

<sup>414</sup> 5 jogadores para o America. *O Diario*, Belo Horizonte, 24 jun. 1937, p. 7.

Fluminense e o América do Rio – este último, com quem também empatou um de seus confrontos. América, Flamengo e Fluminense seriam inclusive considerados pel’*O Diário* como os “mais punjantes clubs da Liga Carioca”.<sup>415</sup> Já em 1937, o América voltou a enfrentar uma equipe carioca. Só que, dessa vez, seu adversário foi o Madureira, segundo a imprensa da capital mineira, “o quadro revelação do campeonato de 36 da C. B. D.”.<sup>416</sup> Pouco tempo depois, a equipe americana fez ainda uma “espetacular temporada na Bahia”,<sup>417</sup> de quase três meses. Reforçado de “dois elementos de Mattozinhos”,<sup>418</sup> cidade do interior de Minas Gerais, na “boa terra” os americanos empataram em 1 a 1 com o Bahia e o Galícia, golearam o Vitória por 4 a 2 e o Ypiranga por 4 a 0 e foram derrotados apenas em uma ocasião, em jogo com o Botafogo. Mesmo assim, pelo apertado placar de 3 a 2. Todos esses confrontos, diga-se de passagem, também foram registrados por Carlos Paiva em sua *Enciclopédia do América*.

Mas, para a infelicidade americana, os anos em que o clube mais investiu em sua equipe de futebol profissional desde a regulamentação do novo regime também ficaram marcados como um dos períodos de maior atribulação política dos esportes nacionais. Um cenário que levou o clube, aí sim, a extinguir seu Departamento de Futebol Profissional pela primeira vez na sua história.

#### 4.4 Enfim, a “extinção do profissionalismo”

Muito embora, a partir de janeiro de 1933, os desentendimentos a respeito do novo estatuto atlético brasileiro tenham cindido em duas a entidade máxima responsável pelos esportes no país, dizer que toda essa querela, que se estendeu ao menos até o final de 1937, teria se originado das divergências ideológicas existentes entre os dirigentes esportivos paulistas e, principalmente, os cariocas sobre a concepção e função dos esportes, parece-me limitar demais o problema. Como muito bem perceberam os historiadores cariocas Denaldo de Souza<sup>419</sup> e Maurício Drumond,<sup>420</sup> em grande medida, o “dissídio” que ali foi inaugurado teve como protagonistas dois grupos da elite que “tinham plena consciência da importância econômica do futebol para a ampliação de seus negócios”.<sup>421</sup> Nesse sentido, a luta pela

<sup>415</sup> Embarcará amanhã, para o Rio, o onze do America. *O Diário*, Belo Horizonte, 27 ago. 1937, p. 7.

<sup>416</sup> America x Madureira no inter-estadual de depois de amanhã. *O Diário*, Belo Horizonte, 8 jan. 1937, p. 6.

<sup>417</sup> O America despediu-se da Bahia vencendo o Ypiranga. *O Diário*, Belo Horizonte, 9 mar. 1937, p. 7.

<sup>418</sup> O America treinou para a excursão á Bahia. *O Diário*, Belo Horizonte, 13 jan. 1937, p. 6.

<sup>419</sup> SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo!* Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Annablume, 2008, p. 39-57.

<sup>420</sup> DRUMOND, Maurício. *Estado Novo e esporte: a política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar* (1930-1945). Rio de Janeiro: 7Letras, 2014, p. 69-80. (Coleção Visão de Campo).

<sup>421</sup> SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo!* Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Annablume, 2008, p. 44-45.

hegemonia da gestão e oferta do espetáculo futebolístico se converteu na principal ambição desses dirigentes. E, para alcançá-la, valeria, inclusive, o artifício da exclusão de clubes opositores da entidade que controlavam; ou, no caso do grupo contra-hegemônico, a criação de uma nova e paralela sociedade para gerir os esportes. Nem que, para isso, fossem utilizadas como argumentos a manutenção do regime amadorista ou a regulamentação do profissionalismo. Tema que, como mais uma vez constataram os dois historiadores do Rio, estava longe de ser consensual naquele início de 1933, tanto entre os dirigentes que se mantiveram no seio da amadora Confederação Brasileira de Desportos (CBD) quanto entre aqueles que decidiram organizar uma “especializada” Federação Brasileira de Futebol (FBF) para cuidar do novo futebol profissional.

Para atestar que o litígio realmente não se restringia à questão da profissionalização do futebol, logo no ano seguinte a CBD reformulou seu estatuto adotando o que chamava de “regime livre”, permitindo a convivência de amadores e profissionais na mesma competição esportiva.<sup>422</sup> A medida visava, principalmente, a organização do selecionado brasileiro que atuaria nos campos italianos por ocasião da realização da III Copa do Mundo de Futebol. Isso porque a CBD era a única entidade gestora do futebol brasileiro reconhecida pela Fifa e, em função da regulamentação do profissionalismo, muitos dos principais jogadores do país encontravam-se inscritos em clubes filiados à FBF. Contudo, mesmo após a adoção do “regime livre” pela CBD, a organização esportiva brasileira manteve-se cindida em duas. E, como ensaiei dizer antes, o ápice de toda essa disputa viria a acontecer exatamente entre aqueles faustosos anos americanos de 1935 e 1937.

Em busca de maior legitimidade política, a partir de 1935 o grupo dissidente passou a realizar uma verdadeira cruzada para criar federações especializadas no país, com o objetivo de filiá-las ao Comitê Olímpico Internacional (COI), tendo em vista a realização dos Jogos Olímpicos de Berlim no ano seguinte. Assim, acreditavam os dirigentes das “especializadas”, eles se tornariam, ao menos simbolicamente, o principal representante do país no cenário esportivo mundial. Só para ter uma ideia, ainda no ano de 1935, dezesseis novas federações especializadas foram criadas no Brasil,<sup>423</sup> e os primeiros passos para a organização de um Comitê Olímpico Brasileiro (COB) também foram dados por eles. Como resposta, os

---

<sup>422</sup> SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008, p. 76.

<sup>423</sup> Além da FBF, a partir de 1935 os dissidentes criaram federações para gerir o atletismo, basquete, tênis, vela e motor, natação, polo aquático e saltos, remo, tiro, ginástica, luta, hipismo, ciclismo, motociclismo, esgrima, boxe, halterofilismo e hóquei. A esse respeito, ver: SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008, p. 52.

“cebedenses” decidiram organizar o seu próprio Comitê Olímpico, requisitando, para si, a hegemonia da gestão esportiva nacional.

Em virtude disso, o Brasil enviou à capital alemã duas delegações para a disputa das Olimpíadas de 1936, que, somadas, contavam com mais de cem atletas. Um recorde na história do esporte olímpico brasileiro. Apesar disso, muitos daqueles representantes do esporte pátrio “não tinham condições esportivas de estarem ali”, enquanto “outros foram prejudicados pelas péssimas condições de treinamento”. Por isso, “[q]uase todos [...] tiveram péssimas colocações”<sup>424</sup> nas modalidades que disputaram, e nenhum deles chegou ao pódio de premiação. Um verdadeiro “fiasco” público e internacional que, segundo a imprensa nativa, deveria ser creditado aos dirigentes brasileiros e suas brigas egocêntricas. Mas, mesmo sofrendo forte pressão da opinião pública, os próceres em litígio só “pacificariam” a gestão dos esportes brasileiros em julho de 1937, após acordarem que “as federações regionais ficariam filiadas às federações especializadas e estas à CBD”. Em outras palavras, a partir da “pacificação”, era como se um dos grupos em litígio passasse a “domina[r] as bases, e o outro [...] a cúpula do *campo esportivo*”.<sup>425</sup>

O que veríamos acontecer em Belo Horizonte, contudo, não foi um mero rebatimento do que se passava naqueles grandes centros esportivos. Como se verá, muito embora as decisões tomadas, sobretudo na então capital federal, repercutissem no restante do país, como demonstrei em minha dissertação de mestrado,<sup>426</sup> ao longo dos anos de 1920 e 1930 os dirigentes esportivos da capital mineira protagonizaram sua própria disputa pela hegemonia da gestão e oferta do espetáculo futebolístico na cidade. Todavia, se no Rio de Janeiro e em São Paulo as supostas justificativas mobilizadas pelos paredros dos clubes gravitavam em torno da regulamentação do futebol profissional, os conflitos políticos travados entre os dirigentes belo-horizontinos foram, ao menos em tese, provocados pelas atuações pretensamente clubistas da entidade gestora dos esportes no estado.

Um exemplo nesse sentido seria a dissidência, liderada pelo presidente americano Clóvis Pinto, dois anos antes da regulamentação do futebol profissional em Minas Gerais. Como naquela ocasião Anibal Matos presidia o Atlético e a LMDT ao mesmo tempo, o dirigente máximo do América argumentou que a convocação do selecionado mineiro para a

---

<sup>424</sup> SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008, p. 56.

<sup>425</sup> SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008, p. 57. [grifo no original].

<sup>426</sup> LAGE, Marcus Vinícius Costa. “*Deixem em paz os nossos cracks*” – Análise sociológica da profissionalização do futebol belo-horizontino: a regulamentação e os significados sociais. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PUC Minas, Belo Horizonte, 2013, p. 76-86.

disputa do Campeonato Brasileiro de Seleções e a atuação dos árbitros do campeonato oficial organizado pela Liga vinham claramente favorecendo o clube alvinegro. E, contando com o apoio de diversos dirigentes esportivos do estado, dentre eles os presidentes do Villa Nova e do Palestra Itália, no início de 1932 Clóvis Pinto conduziu os trabalhos de criação da Associação Mineira de Esportes Gerais. Entidade que, até o final de janeiro de 1933, competiu com a LMDT na condição de responsável pela gestão dos esportes em Minas Gerais.

Curiosamente, a “pacificação do esporte mineiro” foi levada a cabo quase concomitantemente à cisão protagonizada pelos dirigentes cariocas e paulistas – dissidência, como vimos, que deu origem às primeiras organizações profissionais de futebol no país. Em uma aparente demonstração de que o grupo comandado pelo América havia saído vitorioso da disputa inaugurada em 1931, depois de muitos e acalorados debates, o nome da nova associação responsável pelo futebol no estado – LAF – teria sido aquele proposto por Clóvis Pinto. Todavia, poucos meses depois, Thomaz Naves, o recém-aclamado presidente do Atlético, assumiu a frente do movimento bem-sucedido que regulamentou o futebol profissional em Minas Gerais. Um movimento que, mais uma vez, oporia os quadros diretivos de América e Atlético. E, talvez como um reconhecimento da hegemonia política do rival, os americanos decidiram se incorporar ao novo regime, alegando, contudo, que a decisão tomada pelo clube procurava garantir a harmonia há pouco reconquistada pela entidade gestora dos esportes no estado.

Dessa maneira, durante aproximadamente três anos, todos os principais clubes de futebol de Minas mantiveram-se filiados, no plano nacional, à especializada FBF. Até que, no ano de 1936, quando o América montou “o time mais caro do estado”, mais uma vez um grande clube da capital mineira pôs à prova a unidade política dos esportes em Minas. Só que, nessa ocasião, o descontente da vez foi o Palestra Itália, que após se retirar de campo no jogo decisivo do retorno do campeonato contra a equipe atleticana, decidiu por se desfiliar da Associação Mineira de Futebol (AMF), sem, contudo, pedir sua integração aos quadros da CBD.<sup>427</sup>

A decisão palestrina provocou um “impasse”<sup>428</sup> no campeonato daquele ano, principalmente considerando que seu regulamento ainda previa a realização de um terceiro turno, com jogos realizados em campo neutro. Onde jogariam América e Atlético pelo chamado “turno neutro” do certame, já que o Palestra havia se desfilado da entidade?

---

<sup>427</sup> Cf. O Palestra desfilia-se da Associação Mineira de Futebol. *O Diário*, Belo Horizonte, 28 out. 1936, p. 7.

<sup>428</sup> Entre a sinuca e o impasse. *O Diário*, Belo Horizonte, 28 out. 1936, p. 7.

Haveriam de viajar para encontrar um campo que abrigasse o confronto entre eles? E, principalmente, o que fazer com os pontos dos jogos disputados pelos palestrinos?<sup>429</sup>

Após quase uma semana de expectativa, o Conselho Deliberativo da AMF finalmente tomou uma decisão. Para descontentamento atleticano, líder do campeonato e único a vencer seus dois confrontos contra o clube desistente, a entidade comunicou que, a partir daquele momento, os pontos disputados pelo Palestra Itália seriam desconsiderados da tabela de classificação. E, o mais curioso, para a realização do jogo América x Atlético, o campo neutro a ser usado seria o estádio palestrino. Segundo *O Diário*,<sup>430</sup> um “gesto de elogiável *sympathia* para com o América”, talvez um sinal de que as duas diretorias haviam construído um acordo político. Não por coincidência, na mesma reunião em que a AMF anunciava a decisão de anular as partidas disputadas pelo Palestra, a diretoria americana entrou com um pedido para que a entidade reintegrasse os palestrinos aos seus quadros, suprimindo qualquer possível penalização ao clube.<sup>431</sup>

Todavia, conforme revelou o redator esportivo d'*O Diário*,<sup>432</sup> a “representação pacificadora” feita pelo América ao Conselho Deliberativo da AMF tinha motivos que iam “[a]lém da velha amizade que v[inha] unindo os dois clubes”. De acordo com ele, para os americanos, a ausência dos palestrinos no “turno neutro” “diminu[ía] positivamente as possibilidades dos rubros” conquistarem o certame. Mas, para completa consternação dos americanos, menos de 48 horas depois o Conselho da AMF voltou a se reunir, não apenas para rechaçar a proposta formulada pelo clube como também os conselheiros presentes, a pedido do Atlético, voltaram atrás da decisão de anular os pontos do Palestra.<sup>433</sup> Deliberações que fizeram a diretoria americana acusar Atlético, Villa Nova, Retiro e Siderúrgica de não se interessarem pela paz e de celebrarem “planos ocultos tendentes a destruí-lo.”. E, antes mesmo de enfrentar o líder do campeonato em jogo válido pela primeira rodada do terceiro turno, o América também abandonou a competição, pedindo, de imediato, sua filiação à CBD, e foi finalmente acompanhado pelo Palestra Itália.<sup>434</sup>

Quinze dias mais tarde, os dois formalizaram, diante de representantes da Confederação, a criação de uma nova entidade gestora dos esportes no estado, a Liga de

---

<sup>429</sup> Essas questões foram apresentadas em diversas edições d'*O Diário* entre 30 de outubro e 4 de novembro de 1936.

<sup>430</sup> Reunião de ontem do Conselho Deliberativo da A.M.F. *O Diário*, Belo Horizonte, 4 nov. 1936, p. 6.

<sup>431</sup> Representação feita pelo América, ao Conselho da A.M.F. *O Diário*, Belo Horizonte, 5 nov. 1936, p.7.

<sup>432</sup> América e Palestra na C.B.D. *O Diário*, Belo Horizonte, 10 nov. 1936, p. 6.

<sup>433</sup> Reunião de ontem do Conselho da A.M.F. *O Diário*, Belo Horizonte, 6 nov. 1936, p. 7.

<sup>434</sup> América e Palestra na C.B.D. *O Diário*, Belo Horizonte, 10 nov. 1936, p. 6.

Esportes Mineira (LEM).<sup>435</sup> A partir de então, as disputas políticas do futebol belo-horizontino passaram a ser emolduradas pelo dissídio nacional protagonizado pelos dirigentes cariocas e paulistas. Assim, tão logo americanos e palestrinos decidiram abandonar a AMF, as entidades em litígio no plano nacional programaram uma série de jogos contra clubes da capital mineira.<sup>436</sup> Mas nenhum dos amistosos realizados pelos participantes da LEM foi tão interessante quanto o “Campeonato brasileiro das ‘especializadas’” realizado em janeiro de 1937. Uma competição que reuniu os campeões dos certames de 1936 organizados pelas principais entidades filiadas à FBF e que “alcançou a cifra de 123:260\$200”<sup>437</sup> de réis nas bilheterias, cabendo ao Atlético Mineiro, o grande “campeão dos campeões”, a maior renda de todas, de pouco mais de 30 contos e meio de réis (30:564\$000).

Talvez por isso, ainda em janeiro de 1937, o prefeito de Belo Horizonte, Octacílio Negrão de Lima, ex-jogador do América dos anos de 1910 e 1920 e figura política atuante no clube, tenha tomado a iniciativa de criar um Tribunal Superior dos Esportes, composto de “vultos de inconfundível projecção na [...] magistratura, advocacia, medicina, engenharia, imprensa e arte”<sup>438</sup> para dirimir quaisquer desentendimentos esportivos na cidade. A começar pela questão do dissídio. Apesar dos presidentes dos três principais clubes belo-horizontinos se mostrarem inclinados a “trabalha[r] em prol [da] paz esportiva”<sup>439</sup> no estado desde as primeiras reuniões promovidas por Octacílio Negrão de Lima, os entendimentos entre os partidários da LEM e da AMF só foram finalmente celebrados depois que “cebedenses” e “especializados” também reataram suas relações no Rio e em São Paulo.<sup>440</sup>

Mas se entre dezembro de 1936 e janeiro de 1937 os ecos do litígio nacional promoveram uma série de interessantes encontros interestaduais para os clubes mineiros, passado esse primeiro ímpeto, o futebol belo-horizontino, à exceção do Atlético, viveu quase oito meses de completa inatividade. Um cenário, metaforizado pela coluna “Kicks &

<sup>435</sup> Cf. Fundada hontem a Liga Esportiva Mineira. *O Diario*, Belo Horizonte, 15 nov. 1936, p. 6.

<sup>436</sup> Cf. Annuncia a facção dissidente dos nossos esportes para domingo um empolgante interestadual entre o PALESTRA e o BOTAFOGO, *O Diario*, 11 nov. 1936, p. 6; Vamos ter novos nomes no cartas. *O Diario*, Belo Horizonte, 12 nov. 1936, p. 6; Chega, hoje, ás 10 horas, pelo novo rápido, a delegação do BOTAFOGO. *O Diario*, Belo Horizonte, 14 nov. 1936, p. 6; Flamengo x Villa Nova. *O Diario*, Belo Horizonte, 14 nov. 1936, p. 6.

<sup>437</sup> A renda do Torneio de Campeões. *O Diario*, Belo Horizonte, 5 mar. 1937, p. 6.

<sup>438</sup> Por iniciativa do prefeito da cidade, vae ser installado o Tribunal Superior dos nossos esportes. *O Diario*, Belo Horizonte, 21 jan. 1937, p. 10.

<sup>439</sup> Adiada a installação do Tribunal superior dos nossos esportes. *O Diario*, Belo Horizonte, 22 jan. 1937, p. 8.

<sup>440</sup> Cf. No mundo dos boatos. *O Diario*, Belo Horizonte, 23 jul. 1937, p. 8; Pacificação dos esportes mineiros. *O Diario*, Belo Horizonte, 10 ago. 1937, p. 7; A pacificação geral do esporte mineiro será assinallada dentro de 48 horas. *O Diario*, Belo Horizonte, 10 ago. 1937 p. 8; Restabelecida a paz nos esportes mineiros. *O Diario*, Belo Horizonte, 11 ago. 1937, p. 7; Será realizado amanhã o sensacional “jogo da paz” entre as selecções da Liga Esportiva Mineira e Associação Mineira de Futebol. *O Diario*, Belo Horizonte, 17 ago. 1937, p. 7.

Driblings”, d’*O Diário*,<sup>441</sup> que se assemelhou a uma lagoa de “aguas paradas” com “profundidades de abysmos”. E que trazia enormes prejuízos ao “patrimônio moral” e às “finanças” dos clubes. Segundo o redator da coluna, o América, por exemplo, “parec[ia] ter perdido o apetite de jogar”, vivendo “uma apathia que vinha causando estranheza a todos os seus associados”. Isso em um momento em que o clube parecia ter investido alto na montagem de seu elenco, o que, por certo, haveria de lhe provocar mais uma grande crise financeira.

E, mesmo que Carlos Paiva não reconheça os possíveis impactos dessa dissidência para as finanças do América, sua narrativa foi muito precisa ao reconhecer que o ponto alto dessa crise teria sido vivenciado pelo clube, ou ao menos acusado por seus dirigentes, em meados de 1940.<sup>442</sup> Foi ali, conforme escreve ele, em consonância com as fontes por mim encontradas, e não em maio de 1933, como costuma dizer a memória comumente partilhada sobre o episódio, que o América finalmente decidiu “abandonar o profissionalismo”. Uma decisão tomada após o Conselho Deliberativo americano acatar, por unanimidade, a proposta apresentada por Clóvis Pinto em reunião realizada no clube no dia 24 de junho daquele ano. Mesmo que não estivesse mais presidindo o clube, Clóvis Pinto dizia ter “liberdade para propor tal decisão porque, fóra elle proprio que, ha annos atrás, propuzera ao mesmo Conselho a criação do Departamento de Futebol Profissional”.<sup>443</sup> Um claro atestado de que, em 1933, o América, de fato, teria adotado o novo regime, mesmo se dizendo contrário a ele.

Ao noticiar o acontecimento, o jornal *Folha de Minas*<sup>444</sup> afirmou que o dirigente americano acreditava que “o futebol profissional não [havia trazido] nenhum benefício para o America”. Por um lado, essa avaliação, possivelmente partilhada por “quasi a totalidade do Conselho Deliberativo” presente na reunião, levava em consideração os “deficits elevados” provocados pelo novo regime e a ausência de grandes conquistas, mesmo diante dos altos investimentos realizados. Um rombo financeiro, segundo Carlos Paiva,<sup>445</sup> que só para o triênio 1937-1939, presidido por Gerson de Salles Coelho, representou 287 contos de réis (287:000\$000). Mas, por outro lado, aquela decisão também evidenciava que, para muitos

<sup>441</sup> Kicks & Driblings. *O Diário*, Belo Horizonte, 28 jul. 1937, p. 7.

<sup>442</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 75-76.

<sup>443</sup> Summariamente abolido o regimen profissionalista no America F.C. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 25 jun. 1940, p. 12.

<sup>444</sup> Summariamente abolido o regimen profissionalista no America F.C. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 25 jun. 1940, p. 12.

<sup>445</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 75.

americanos, a prática esportiva ainda deveria servir como instrumento de formação moral, moldando comportamentos e caracteres dos futuros líderes da nação. Como se o profissionalismo tivesse feito o clube, e os esportes em geral, se desviassem desse altivo princípio. Um exemplo nesse sentido é a declaração dada à mesma *Folha de Minas*<sup>446</sup> pelo conselheiro do clube, Oscar Ricardo, logo após o término da reunião que extinguiu o Departamento de Futebol Profissional do América. Segundo o redator da notícia, “Oscar Ricardo que já foi um grande torcedor de futebol mas que hoje é um inimigo ferrenho do profissionalismo”, dizia ter a “certeza que essa [...] decisão [tomada pelo Conselho] abria uma era de finalidades mais nobres e de esportividade mais pura para o América e quem sabe não para toda Minas esportiva”. E, para concluir, afirmava acreditar que, a partir daquele momento, seu clube podia “desenvolver grandiosamente todos os seus departamentos de esportes verdadeiramente úteis à nossa juventude”.

Não por coincidência, nos dias subsequentes à extinção do profissionalismo, o presidente do América, major Pedro Paulo Penido, anunciou uma série de imediatas medidas a serem adotadas naqueles novos tempos que seriam vivenciados pelo clube. Curiosamente, a retomada do “antigo uniforme verde e branco” logo no “primeiro jogo do América amador” figurava como parte dessas iniciativas. Um uniforme, segundo o major Penido, “que tantas recordações agradáveis traz[ia] aos adeptos do América”,<sup>447</sup> possivelmente evocando a conquista do decacampeonato dos tempos do amadorismo. Assim, ao contrário do que nos diz a memória coletiva sobre o episódio, também sustentada por Carlos Paiva, a camisa vermelha simbolizava, ao menos para o grupo politicamente dominante no América de 1940, a adoção do clube ao profissionalismo, e não um protesto contra aquele regime. De todo modo, como muito bem observa o historiador oficial do América, o regresso das cores verde e branca no uniforme do clube só seria, de fato, concretizado em 1943 – mais precisamente, segundo *O Diário*<sup>448</sup> da capital mineira, no dia 11 de abril daquele ano, por ocasião do Torneio Início, uma espécie de evento inaugural da temporada futebolística. De acordo com o jornal, a única justificativa plausível para o América ter “surgido em campo envergando o seu antigo” e “tradicional uniforme do ‘Deca’”, “[e]m bela combinação [de] calções pretos e a camisa branca com gola e mangas verdes”, durante os jogos disputados naquele domingo, seria um possível acordo celebrado entre as diretorias americana e do Sete de Setembro, que, naquela

---

<sup>446</sup> Summariamente abolido o regimen profissionalista no América F.C. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 25 jun. 1940, p. 12.

<sup>447</sup> O América negociará os passes dos seus jogadores profissionais. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 26 jun. 1940, p. 7.

<sup>448</sup> Cruzeiro e América. *O Diário*, Belo Horizonte, 13 abr. 1943, p. 5.

ocasião, abandonou o seu uniforme alviverde, adotado desde meados dos anos de 1930, para voltar a envergar “sua antiga camisa vermelha”. Uma aparente troca simbólica, para que não houvesse dois clubes com as mesmas cores na cidade.

Mas o desejo de que o América voltasse a ser verde e branco não seria a única e, talvez, nem a mais importante das medidas previstas pelo presidente do clube em meados de 1940. Segundo fez saber a imprensa da cidade o major Penido,<sup>449</sup> dentro em breve, sua diretoria também pretendia realizar diversos “incrementos” nas instalações do clube, como a construção de um “‘gymnasium’ coberto” para a prática de “bola ao cesto” e de uma “moderna pista” de “athletismo”, o funcionamento do “departamento de esgrima [...] na sala que até então servia de dormitório para os profissionais”, e a criação dos “Departamentos de Tiro e Universitário de Futebol”. Medidas que foram comemoradas entusiasticamente por alguns torcedores do América, como o caso do “Director de Futebol da Faculdade de Medicina”, Milton Mourão, que encaminhou ao clube uma “nota oficial do Directorio Academico de Medicina”, que não apenas “manifestava sua alegria pela criação do departamento Universitario” como também classificava a “transformação do departamento profissional em universitario” como uma “gigantesca resolução [da] directoria” americana.<sup>450</sup>

Todavia, ao contrário do que nos dá a entender a *Enciclopédia do América*, a extinção do Departamento de Futebol Profissional do América não foi tão fácil assim de ser concretizada. Em mais um indício de que a recusa ou a adoção plena ao regime profissional estava longe de ser um consenso entre os americanos, no dia 19 de julho a *Folha de Minas*<sup>451</sup> repercutiu a realização de uma conturbada reunião do Conselho Deliberativo, cuja sessão foi aberta pelo “ex-presidente Gerson de Salles Coelho le[ndo] um volumoso relatório sobre a sua gestão”. Provavelmente uma defesa de sua presidência e da manutenção do regime profissional no futebol do América, já que, após o término de sua exposição, “vários diretores apresentaram pedidos de demissão”, que, muito embora fossem negados pelos conselheiros presentes, convulsionaram a administração americana. A ponto de seu Conselho Deliberativo decidir, algumas semanas mais tarde, “entregar o clube”, por um período de cinco meses, “a uma junta governativa, composta de cinco membros, com plenos poderes para resolver os assumptos de maior gravidade e urgência do clube”.<sup>452</sup>

<sup>449</sup> O América negociará os passes dos seus jogadores profissionais. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 26 jun. 1940, p. 7; Na reunião de ontem da diretoria do América. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 27 jun. 1940, p. 10.

<sup>450</sup> MOURÃO, Milton. Os universitários estão satisfeitos. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 05 jul. 1940, p. 7.

<sup>451</sup> A extinção do profissionalismo no América. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 19 jul. 1940, p. 9.

<sup>452</sup> A reunião do América. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 2 ago. 1940, p. 7. A decisão do tempo de mandato da Junta Governativa foi noticiada em: Continua sem solução a situação do América. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 3 ago. 1940, p. 7.

Presidida por Carlos Quadros, o antigo Kainço do time americano dos anos de 1920, a Junta Governativa divulgou, em pouco tempo de trabalho, um conjunto de iniciativas a serem adotadas durante seu mandato, visando, sobretudo, a “obte[nção dos] recursos monetarios imediatos”<sup>453</sup> ao funcionamento do clube. Enquanto os novos e provisórios gestores americanos “traça[vam] o programma do clube rubro”, uma série de boatos foram publicados nas páginas esportivas da imprensa da cidade. Dentre eles, “declarações atribuídas ao dr. Carlos Alberto Quadros”, “não confirmad[as] nem tão pouco desmentid[as]”, de “que o America F.C. voltar[ia] ao profissionalismo”.<sup>454</sup>

Apesar disso, até outubro do ano seguinte, os dirigentes americanos ratificariam a decisão tomada pelo Conselho Deliberativo no mês de junho de 1940, disputando as competições profissionais com uma equipe amadora de futebol. Medida, aliás, que contou com anuência da então Liga de Futebol de Belo Horizonte.<sup>455</sup> Uma incompatibilidade técnica que, segundo Carlos Paiva,<sup>456</sup> fez o clube acumular “péssimos resultados e um desempenho medíocre no Campeonato Mineiro”. Tropeços que, para ele, foram perfeitamente compreensíveis, já que, no início de 1941 o “América convid[ou], por meio de jornais, a todos os que quisessem jogar a comparecer ao clube”. E, se “muitos torcedores” se dispuseram a integrar o elenco americano, “jogador mesmo, parece que nenhum”.

Mas, mais uma vez, o que as fontes me disseram foi uma realidade um pouco diferente daquela apresentada pelo historiador oficial do América. Ao que tudo indica, após conceder “passe livre” a alguns de seus profissionais e negociar a transferência da maioria deles com outros clubes,<sup>457</sup> a diretoria americana passou a montar sua equipe com “elementos recrutados entre os clubes amadoristas”<sup>458</sup> da cidade. Muitos deles, como o caso do “pivot” Rubens e o “meia esquerda” Gerson, foram descritos pela imprensa belo-horizontina, é bom que o diga, como “figura[s] de destaque no[s] team[s]”<sup>459</sup> amadores pelos quais atuavam. A ponto de a *Folha de Minas*<sup>460</sup> anunciar, ao contrário do que Carlos Paiva descreve, que, atendendo ao

<sup>453</sup> Manifesto da Junta Governativa do America. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 4 ago. 1940, p. 10.

<sup>454</sup> Continua sem solução a situação do America. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 3 ago. 1940, p. 7.

<sup>455</sup> O America disputará o campeonato com o seu quadro de amadores e o Sete foi reincluído. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 5 mar. 1941, p. 10.

<sup>456</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 78.

<sup>457</sup> As notícias sobre o desmonte do elenco profissional do América foram veiculadas pelas edições da *Folha de Minas* dos dias 26 de junho a 23 de julho de 1940.

<sup>458</sup> O vencedor do Palestra. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 1 nov. 1940, p. 7.

<sup>459</sup> Para o jogo com o Athletico. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 6 nov. 1940, p. 9; Gerson. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 6 nov. 1940, p. 9.

<sup>460</sup> Grande numero de cracks compareceu ao 1º ensaio do America. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 14 mar. 1941, p. 9.

convite americano feito no início de 1941, um “grande numero de cracks compareceu ao ensaio do America”. Todos provenientes da “várzea, o eterno celloiro de ‘cracks’”, segundo Tonheca, o treinador americano entrevistado pelo jornal. Muitos deles, aliás, já conhecidos dos torcedores da cidade.

Um sinal, como muito bem vem demonstrando o historiador Raphael Rajão,<sup>461</sup> de que o futebol amador daqueles tempos já não tinha mais o mesmo significado social dos anos de 1910, 1920 ou 1930. Àquela altura, as centenas de clubes de várzea na cidade já haviam se consolidado como importantes espaços de sociabilidade popular. Em torno deles, as comunidades menos abastadas se mobilizavam para acompanhar os jogos do campeonato organizado pelo Departamento de Futebol Amador (DFA) ou para participar ativamente dos “festivais esportivos” promovidos pelos próprios clubes. Uma espécie de “apropriação da cerimônia que marcou a prática esportiva desde a sua introdução no país”, uma “mime[se dos] elementos daquelas celebrações” muito usadas como um ritual de distinção social pelos “clubes tradicionais, ligados às classes altas”, que os abandonou à medida que o “circuito competitivo” oficial foi se consolidando. Nas mãos dos clubes de várzea, esses rituais contavam, a partir dos anos de 1940, com a eleição e a participação de “patronos” e “rainhas” da comunidade, campos ornamentados com “bandeiras”, exibição de “foguetório”, diversos jogos aos sábados e domingos, “alambrados apinhados de gente” e “prestação de homenagens a pessoas ligadas” às agremiações participantes. E, evidentemente, os jogadores que ali se exibiam estavam longe de ser nobres filhos da elite, estudantes que se preparavam para conduzir o futuro do país.

Arregimentados pelo América, aqueles atletas realizavam treinos regulares e jogos inclusive durante a semana. De modo que não foi um equívoco supor que os times montados por ele desde a extinção de seu Departamento de Futebol Profissional seguiam uma estratégia que estava mais para uma reedição do amadorismo marrom dos anos de 1920 e 1930 do que para a defesa de uma concepção de esportes moralista e segregacionista. Não por coincidência, à medida que alguns dos novos jogadores americanos começaram a ser “assediados” por outros clubes do país, a diretoria do clube decidiu retomar o profissionalismo, firmando contratos que previam o pagamento mensal de duzentos e cinquenta mil réis (250\$000) para cada jogador e “gratificações de 50\$000 por jogos ganhos e 25\$000 por jogos empatados”.<sup>462</sup> Decisão que pretendia evitar que aqueles atletas deixassem o

<sup>461</sup> RIBEIRO, Raphael Rajão. Festivais esportivos varzeanos em Belo Horizonte: memória social da cultura futebolística popular. *Folia/UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, 2019, p. 10-36.

<sup>462</sup> Varios jogadores do America foram contratados. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 25 out. 1941, p. 9.

clube e que, mais do que isso, não encontraria qualquer tipo de resistência, seja por parte dos conselheiros americanos, seja por parte dos próprios jogadores, supostos amadores.

Mas, curiosamente, aquele “um ano e quatro meses”<sup>463</sup> de amadorismo, ou de semiprofissionalismo americano, não teria sido a última vez que o América ensaiou extinguir seu Departamento de Futebol Profissional. Algumas décadas mais tarde, novos gastos desmesurados com contratação de atletas levariam a uma nova crise política e financeira, fazendo outro presidente americano propor uma medida bastante semelhante àquela adotada pelo Conselho Deliberativo do clube em meados dos anos de 1940. Só que, nessa ocasião, a realidade do futebol brasileiro era muito distinta daquela vivenciada até a primeira metade do século XX. Defender o amadorismo como um traço distintivo, nobre, não fazia mais sentido algum.

E, como se verá a partir do próximo capítulo, ao que me parece, teria sido justamente ambientado nesse novo momento de crise vivido pelo América que o mito da decadente aristocracia americana começou a ganhar a forma que tem nos dias de hoje. Um contexto que, diga-se de passagem, tem muito a nos dizer sobre as dificuldades enfrentadas pelo clube nos últimos anos. E que, mais do que isso, me faz pensar que as menções de Carlos Paiva às contratações americanas dos jogadores uberabenses, ou a montagem do “time mais caro do estado”, ou ainda a breve extinção do profissionalismo no futebol motivada pela crise financeira do clube ao longo dos anos de 1920 e 1940, seriam apenas um aparente desvio do mito da decadente aristocracia americana.

---

<sup>463</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 78.

## CAPÍTULO 5 – “A TUA CLASSE ARISTOCRATA É QUEM FULMINA OS TEUS RIVAIS”

*Mantendo nosso espírito esportivo,  
social e cultural,  
vamos cantando o hino do América  
tão famoso e tradicional.  
E cantamos nossa música querida,  
vibrando com amor no coração.  
Enaltecemos, assim, a nossa equipe,  
o nosso América decacampeão.  
As suas cores são alviverdes,  
tua torcida feminina é demais.  
A tua classe aristocrata  
é quem fulmina os teus rivais.  
América, és o maior,  
teu futebol é sensacional.  
Cantamos para o mundo inteiro,  
tu és a glória do esporte nacional.*

Quando, no dia 2 de julho de 2017, Atlético e Cruzeiro se viram, frente a frente, no gramado do Independência, em jogo válido pela 11ª rodada do Campeonato Brasileiro, o maior clássico do futebol mineiro atingiu a expressiva marca de 500 jogos já disputados. Diante da efeméride, o caderno “Superesportes” do *Estado de Minas* publicou uma seção extraordinária na edição daquele domingo.<sup>464</sup> Um adendo volumoso e especial, intitulado “Clássico 500”, composto por reproduções fac-similares de jornais que noticiaram o primeiro encontro entre eles no dia 15 de abril de 1921, quando a equipe celeste ainda se chamava Palestra Itália, fotografias de diversos estádios que já haviam recebido o confronto, artes gráficas que sistematizavam os números daqueles 500 jogos e, claro, diversas matérias que recuperavam curiosidades históricas do clássico. Dentre essas matérias, havia o texto “Queda do América, popularização dos times e títulos: as razões do crescimento da rivalidade entre Atlético e Cruzeiro”, de autoria de Roger Dias e Rafael Arruda. Como sugeria o título da matéria, os jornalistas mineiros dos *Diários Associados* abriam seu texto afirmando que, muito embora a rivalidade entre Atlético e Cruzeiro chegasse aos 500 jogos a “pleno vapor”, a “história mostra[va] que nem sempre [havia sido] assim”. Segundo eles, “[n]as primeiras décadas do século passado, na transição do futebol amador para o profissional”, “Galo e Coelho dividiam a popularidade dos torcedores e eternizavam o chamado ‘Clássico das Multidões’”. E, para entender “as razões do crescimento da rivalidade entre” atleticanos e

<sup>464</sup> Sobre o especial, ver: Clássico 500. *Estado de Minas*, Superesportes, Belo Horizonte, 2 jul. 2017. Disponível em: [bit.ly/2v7UynX](http://bit.ly/2v7UynX). Acesso: em 21 jan. 2020.

cruzeirenses, Roger Dias e Rafael Arruda deram voz ao “[p]residente do Centro Atletico de Memórias [CAM], o historiador Emmerson Maurílio”, e ao coautor do livro *De Palestra a Cruzeiro*, “o historiador Luiz Otávio Trópia Barreto”, que defendem, cada um a seu modo, a tese de que o desempenho dos clubes da cidade ao longo dos anos de 1940 e 1960 determinaram a “queda” do América e a ascensão do Cruzeiro como principal adversário do Atlético. Enquanto Luiz Otávio Barreto dizia que, em um contexto marcado pelo “desenvolvimento industrial de Belo Horizonte” e pela chegada à capital mineira de “muitas pessoas do interior, de outros estados e do exterior”, o tricampeonato mineiro do Cruzeiro entre 1943 e 1945 teria feito o clube se tornar o principal rival dos atleticanos, para Emmerson Maurílio, os “vários anos” em que o América ficou “sem ganhar” o certame estadual permitiram que o clube celeste “toma[sse] o [seu] lugar” nos anos de 1950. Ainda assim, ambos concordavam que “o clássico [só] se fortaleceu”, segundo o presidente do CAM, ou “mud[ou] de patamar”, “se transforma[ndo] no que é hoje”, para o historiador cruzeirense, a partir da chegada do Estádio Mineirão nos anos de 1960. Momento em que, segundo Luiz Otávio Barreto, o Cruzeiro teria montado um “time de craques”, extremamente vitorioso.

Mesmo que a memória coletiva do futebol belo-horizontino reconheça o suposto protesto americano contra o profissionalismo dos anos de 1930 e 1940 como marco inaugural da decadência do clube, é comum ouvir na cidade, mesmo que sem a consistência empírica das avaliações feitas pelos historiadores oficiais atleticano e cruzeirense, uma narrativa muito semelhante àquela apresentada por eles para o especial “Clássico 500”. Uma fala de que, até os anos de 1940 ou 1950, o América protagonizava o “Clássico das Multidões” com o Atlético, mesmo diante de seus longos jejuns de conquistas oficiais. Contudo, à medida que o Cruzeiro dividia os títulos estaduais com os atleticanos, essa realidade foi, pouco a pouco, se alterando. Até que o estrelado elenco cruzeirense, formado por Raul Plassmann, Dirceu Lopes, Wilson Piazza, Tostão e companhia, oito vezes campeão mineiro entre 1959 e 1969, e campeão da Taça Brasil sobre o Santos de Pelé, em 1966, um ano após a inauguração do Gigante da Pampulha, terminou de reconfigurar as hierarquias futebolísticas da cidade.

Aliás, essa explicação para o ocaso americano e a ascensão cruzeirense já teria sido, inclusive, registrada em alguns livros de memórias sobre o futebol belo-horizontino. Em 2004, por exemplo, a Conceito Editorial lançou a coleção intitulada “BH. A cidade de cada um”, dedicada a publicar, desde então, pequenos livros de “memória afetiva” escritos por personalidades que “viveram e conviveram” nos mais diferentes e marcantes bairros, ruas,

praças, viadutos, edifícios, colégios, faculdades e livrarias da cidade.<sup>465</sup> Em meio aos três primeiros títulos da coleção, a Conceito Editorial publicou o livro *Estádio Independência*,<sup>466</sup> de autoria de Jairo Anatólio Lima, locutor esportivo da *Rádio Inconfidência* entre os anos de 1947 e 2009.<sup>467</sup> Uma obra composta por dezenas de crônicas sobre o principal palco do futebol mineiro até a inauguração do Mineirão e, em alguma medida, sobre a própria história dos clubes e do futebol da cidade durante esse período. É, portanto, em um desses textos memorialísticos que Jairo Anatólio Lima nos conta que, durante os anos de 1950 e 1960,

[o] América possuía a segunda maior torcida de Minas. Perdia apenas para o Atlético. Para que se tenha uma idéia [sic], no Independência, como já disse, a torcida do Atlético ocupava dois terços do estádio. O outro um terço tinha 60 por cento de americanos e 40 de cruzeirenses.<sup>468</sup>

Curiosamente, no livro *Minha Paixão*,<sup>469</sup> Carlos Paiva também sustenta uma tese muito semelhante a esta. Ao contrário do que escreve em sua obra-prima, nessa edição de bolso o historiador oficial do América diz que o grande marco da decadência americana não foram os dez anos de protesto contra o profissionalismo, mas os anos de 1960. Uma década, segundo ele, “muito ruim para o Coelho, prejudicado com o surgimento do Mineirão”, que fez o “estádio da Alameda”, de propriedade do clube, “deix[ar] de ser o segundo [maior] de Minas”, tornando-se ocioso e “diminuindo” as suas fontes de arrecadação. Além disso, ainda segundo ele, durante aquele período o “futebol do América não apresentou bons resultados, mesmo com bons times”, conseguindo, no máximo, três vice-campeonatos nos anos de 1961, 1964 e 1966. Aliás, a gota d’água, ou, citando o autor, “o limite da paciência de milhares de torcedores” teria sido o campeonato estadual de 1964, quando “o América decidiu em casa o título mineiro contra o Siderúrgica, e perdeu por 3x1”. Uma derrota, de acordo com Carlos Paiva, que foi levada em consideração pela “autoritária CBD”, que, dessa maneira, acabou excluindo o clube do Torneio Roberto Gomes Pedrosa, em seus dizeres, “a Copa do Brasil na época, o mais perto de um torneio nacional que era possível ser realizado”.

<sup>465</sup> Sobre a coleção ver site oficial: [www.bhdecadaum.com.br](http://www.bhdecadaum.com.br).

<sup>466</sup> LIMA, Jairo Anatólio. *Estádio Independência*. Belo Horizonte: Conceito, 2003, p. 42. (BH. A cidade de cada um).

<sup>467</sup> Para uma breve biografia de Jairo Anatólio Lima, ver: GISCHEWSKI, Andreza. Jairo Anatólio Lima. In.: PRATA, Nair; SANTOS, Maria Cláudia (Org.). *Enciclopédia do Rádio Esportivo Mineiro*. Florianópolis: Insular, 2014, p. 201-203.

<sup>468</sup> LIMA, Jairo Anatólio. *Estádio Independência*. Belo Horizonte: Conceito, 2003, p. 42. (BH. A cidade de cada um).

<sup>469</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2013, p. 23.

Para não perder a oportunidade de reforçar o cariz distintivo dos americanos, de acordo com o texto de *Minha Paixão*, antes mesmo da fatídica derrota para o clube sabarense, “a juventude universitária[,] que era americana, em sua maioria”, já havia se afastado do campo em função da “grande insegurança política” vivenciada pelo país após o golpe civil-militar impetrado em março daquele ano. Apesar disso, para o historiador oficial do América, nenhum “pai americano jamais admitiria que seu filho se tornasse Carijó”, maneira como ele se refere ao Atlético nesse seu livro. E, como, naquele contexto, o “clube dos Azuis”, em alusão ao Cruzeiro, “havia levado o craque Tostão do América”, além de outros “ex-americanos”, montando uma equipe que apresentava “um futebol de qualidade”, “a juventude de BH foi empurrada para um novo fenômeno”. Assim, conclui ele nessa avaliação dos anos de 1960, o “América perdeu visibilidade, perdeu torcida e perdeu a década”, “entrando em declínio” daí em diante.

E, antes que se pense que venho novamente desconstruir mais uma narrativa, afirmo que, em grande medida, esse tipo de avaliação me parece ser muito consistente. Aliás, como vimos no capítulo intitulado *Uma torcida que conversa com as paredes*, se houve um momento a partir do qual o prestígio americano se distanciou consideravelmente de Atlético e Cruzeiro, jamais se aproximando dele, esse momento teria sido o meio da década de 1960. Lembremos, aqui, que, a partir de 1965, as pesquisas de popularidade envolvendo os clubes da capital mineira passaram a registrar um abismo tão grande entre a torcida do América e as torcidas atleticana e cruzeirense que seria um equívoco contestá-las, seja por qual motivo for.

Mais do que isso, como sustenta ainda essa mesma narrativa, tal perda de popularidade americana também guarda relação com o que acontecia dentro do campo de jogo. Mas, em relação a isso, tendo a acreditar que mais importante do que os fracos desempenhos americanos no campeonato estadual foi a exclusão sofrida pelo América por parte dos organizadores do incipiente certame nacional – aliás, algo que Carlos Paiva ensaiou dizer em *Minha Paixão*. Porque, como sustenta Arlei Damo,<sup>470</sup> se o clubismo e, mais especificamente, as rivalidades clubísticas, são um tipo de “disputa por reconhecimento social”, como toda luta que se preze, as disputas simbólicas dos clubes “não exist[em] sem alguma modalidade de circunscrição”.

E, como procurei demonstrar em outra ocasião, a partir do momento em que o país passou a contar com uma competição interclubes de abrangência nacional mais estável,

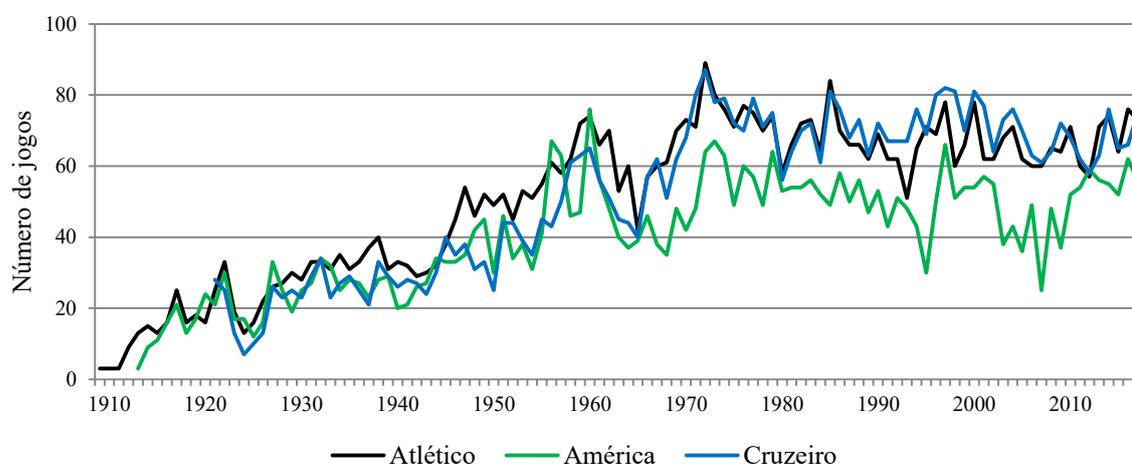
---

<sup>470</sup> DAMO, Arlei Sander. O espetáculo das identidades e alteridades: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Org.). *Futebol objeto das Ciências Humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 42-43.

[...] o “circuito futebolístico” americano registrou, pela primeira vez, um movimento oscilatório que se tornou frequente em sua história, caracterizado ora por aproximações pontuais, ora por longos momentos de distanciamento com o “circuito” concorrido por atleticanos e cruzeirenses.<sup>471</sup>

Como pode ser visto no Gráfico 3, a partir de meados dos anos de 1960 as equipes de futebol de Atlético e Cruzeiro passaram a realizar de seis a oito dezenas de jogos ao ano. Isso sem considerar alguns picos pontuais, como no início dos anos de 1970, em que eles chegaram a fazer quase noventa partidas anuais. Enquanto isso, a partir desse mesmo período, o time de futebol do América raramente superou a casa dos 60 jogos ao ano, sendo que, nos anos de 1960 e em meados dos anos de 1990 e 2000, essa média ficou próxima a quatro dezenas de partidas, realidade muito semelhante àquela vivenciada pelo futebol belo-horizontino das décadas de 1940 e 1950, quando o profissionalismo ainda dava seus primeiros passos no país. Assim, enquanto as equipes atleticana e cruzeirense passaram a realizar, a partir de 1960, algo semelhante a um jogo a cada quatro ou cinco dias, os americanos jogavam a cada semana ou a cada dez dias, em média.

Gráfico 3 – Número de jogos realizados ao ano pelos clubes da capital mineira (1910-2010)



Fonte: Elaborado pelo autor por meio da plataforma *Futebol80*.<sup>472</sup>

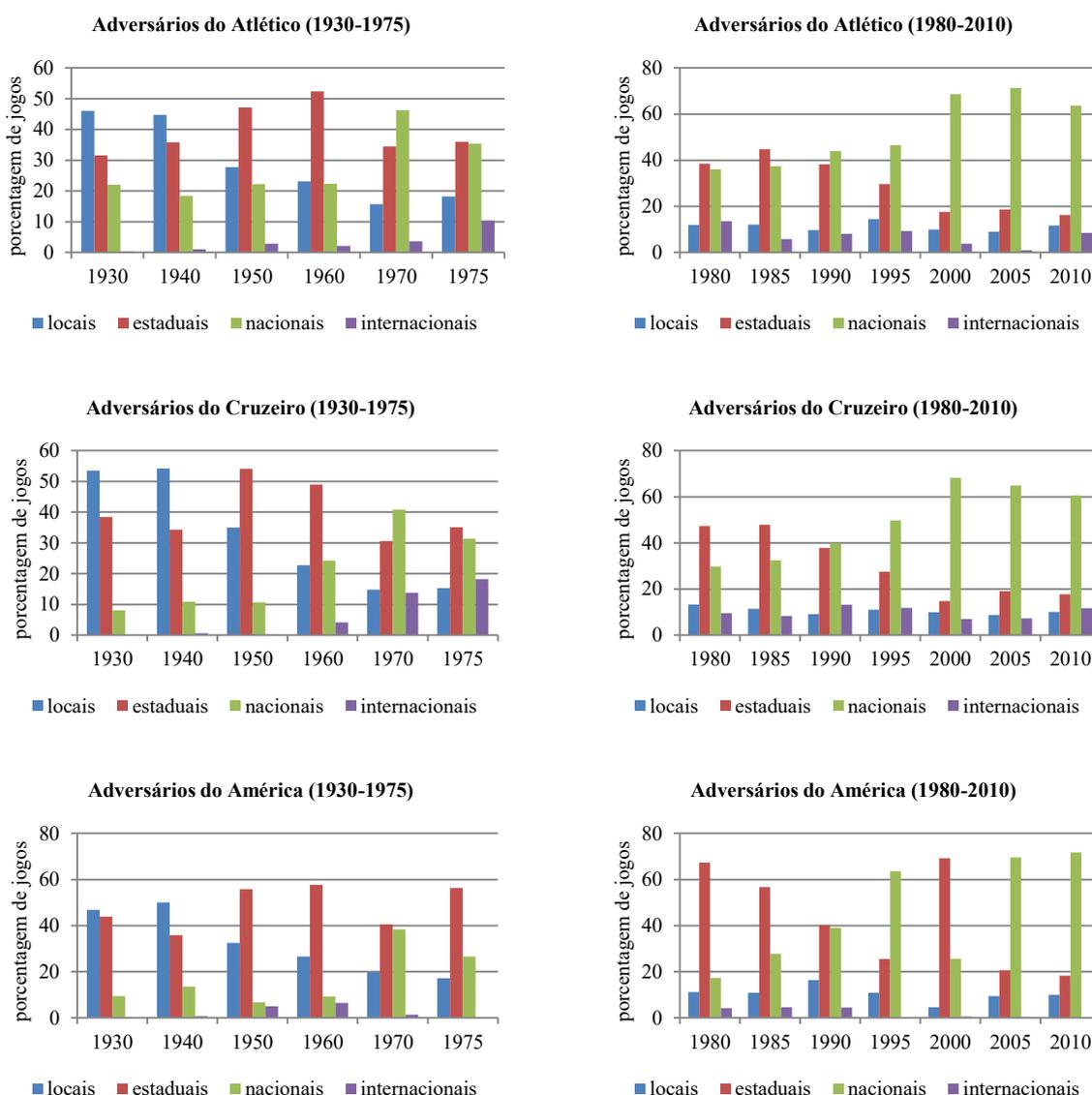
Não por coincidência, quando apreciamos o local de origem dos adversários dos clubes da capital mineira ao longo do tempo (Gráfico 4), percebemos que atleticanos e cruzeirenses deixaram, paulatinamente, de realizar jogos mais caseiros para enfrentar, cada

<sup>471</sup> LAGE, Marcus Vinícius Costa. As estatísticas de futebol como fonte de pesquisa: o caso do “circuito clubístico” belo-horizontino. *Recorde*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, jul./dez. 2018, p. 9.

<sup>472</sup> Para os jogos do América, ver: América-MG. *Futebol80*, s.d. Disponível em: [goo.gl/4K9pUE](http://goo.gl/4K9pUE). Acesso em: 23 mar. 2018. Para os jogos do Atlético, ver: Atlético-MG. *Futebol80*, s.d. Disponível em: [goo.gl/HiyRLS](http://goo.gl/HiyRLS). Acesso em: 23 mar. 2018. Para os jogos do Cruzeiro, ver: Cruzeiro. *Futebol80*, s.d. Disponível em: [goo.gl/cM737A](http://goo.gl/cM737A). Acesso em: 23 mar. 2018.

vez mais, clubes provenientes de outros estados do país. Só para se ter uma ideia, se nos anos de 1960 Atlético e Cruzeiro disputavam cerca de 20% de seus jogos contra clubes de outros estados brasileiros, já na década seguinte esse número se aproximaria dos 40%, se estabilizando, a partir do novo milênio, na casa dos 60%. Durante esse mesmo período, o América viveu movimentos de idas e vindas em relação ao futebol nacional. Nos anos de 1960 e 1980 e na primeira metade dos anos 2000, por exemplo, sua equipe de futebol disputou cerca de 70% a 80% de suas partidas contra clubes exclusivamente mineiros.

Gráfico 4 – Adversários dos clubes da capital mineira (1930-2010)



Fonte: Elaborado pelo autor por meio da plataforma *Futebol80*.

Dessa maneira, podemos concluir que, jogando mais vezes ao ano e contra equipes de outros estados a partir de meados dos anos de 1960, Atlético e Cruzeiro tiveram mais visibilidade e maiores chances de serem apreciados pelos amantes do futebol do que o

América. Bom, então aí parece estar a chave da questão. Não seria, portanto, a difícil inclusão do meu clube do coração no cenário nacional o grande marco inaugural da disparidade afetiva e futebolística em relação aos demais clubes da capital mineira?

Embora, realmente, essa me pareça a explicação mais plausível para o problema de pesquisa que elegi aqui, penso que ainda falta um ingrediente para que ela seja de todo consistente. Afinal, como chamei a atenção logo no capítulo inaugural deste trabalho, um clube não é grande pelo simples fato de ter uma numerosa torcida e muitos troféus em sua galeria. Antes de mais nada, a grandeza de um clube é medida pelo que ele representa para a sociedade. E, como se verá ao longo deste capítulo, tendo a acreditar que o sistema de representações simbólico capaz de amalgamar os americanos e, ao mesmo tempo, excluí-los do clubismo belo-horizontino, do qual a narrativa do mito da decadente aristocracia americana é uma das partes mais importantes, parece ter se forjado, em grande medida, justamente no contexto em que o América lutava para se inserir naquele novo “circuito futebolístico” inaugurado em meados de 1960. A ponto de seu hino oficial, composto por Vicente Motta no início dos anos de 1970 – e usado como epígrafe e título de boa parte das seções deste capítulo –, ser uma espécie de síntese histórica de alguns dos episódios mais marcantes do clube naquele contexto.

### 5.1 “Quem foi para ver Pelé, viu Tostão”

O debate em torno da criação de um campeonato nacional é antigo no país, remontando ainda aos anos de 1920, quando a CBD promoveu uma disputa entre as seleções dos estados da Bahia, do Distrito Federal ou da Guanabara – que compreendia, à época, à cidade do Rio de Janeiro –, Minas Gerais, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, para servir como uma espécie de seletiva para os Jogos Sul-Americanos sediados no país, em comemoração ao Centenário da Independência do Brasil. Ao campeão, pensava a CBD, caberia a prerrogativa de representar o país na competição internacional. Assim, em suas primeiras edições, as elites esportivas brasileiras, notadamente aquelas do Rio de Janeiro e de São Paulo, o viam como uma disputa para definir quem “deveria ter a primazia do esporte nacional”.<sup>473</sup>

Ainda nos anos de 1920, o Campeonato Brasileiro de Seleções tornou-se a principal fonte de renda das entidades gestoras do futebol no país, já que as arrecadações de bilheteria

---

<sup>473</sup> SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. Campeonato Brasileiro de Seleções: economia de um projeto nacional (1922-1932). *Heera*, Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada, UFJF, v. 6, n. 10, jan./jul. 2011, p. 44.

dos jogos eram, majoritariamente, revertidas à CBD e, minoritariamente, às suas filiadas estaduais.<sup>474</sup> Mas, como vimos no capítulo anterior, com a regulamentação do futebol profissional no país, em 1933, seu monopólio sobre o calendário dos clubes, que, por diversas vezes tinham que interromper suas disputas e, em alguns casos, ceder seus principais atletas, passou a ser ameaçado. Além de buscar a legitimidade do novo regime, o principal interesse dos clubes brasileiros ao promover esses certames era o de viabilizar a própria existência do futebol profissional no país. Em linhas gerais, acreditava-se que, criando uma competição de futebol interclubes de maior abrangência territorial possível, disputada por times compostos pelos principais jogadores do país, os clubes conseguiriam atrair maiores públicos aos jogos e arrecadações de bilheteria mais vantajosas, viabilizando, assim, seu profissionalismo.

Apesar disso, salvo pontuais exceções, como a Copa dos Campeões Estaduais de 1936, vencida pelo Atlético (e também comentada no capítulo anterior), as primeiras competições desse tipo foram disputadas apenas por clubes cariocas e paulistas. Aliados desse cenário e frente à constante demanda pública por melhores espetáculos, os demais clubes brasileiros procuravam, cada um a seu modo, aprimorar suas estratégias para conseguir maiores arrecadações. Não teria sido coincidência, portanto, a expansão paulatina, entre os anos de 1940 e 1950, das fronteiras geográficas dos circuitos de jogos de América, Atlético e Cruzeiro, resultado de “excursões” cada vez mais frequentes, realizadas por esses clubes, pelo interior do estado, por outras cidades de diferentes federações do país e, eventualmente, pelo exterior (ver Gráfico 4).

Em setembro de 1955, essa demanda dos clubes brasileiros ganhou contornos ainda mais nítidos, quando, capitaneados pela FMF, delegados das principais federações estaduais de futebol do Brasil se reuniram na capital mineira para a realização do *I Congresso Nacional de Federações de Futebol*.<sup>475</sup> Acompanhando o próprio discurso nacional-desenvolvimentista do governo federal de Juscelino Kubitschek, tão bem representado pela construção de Brasília, o texto ali defendido por Natalício Carsalade, presidente da FMF, e aclamado por todos os presentes, sugeria que o desenvolvimento interno do futebol brasileiro só se tornaria possível através de medidas que garantissem maior integração entre os clubes de todas as regiões do país. Uma das principais medidas sugeridas por esse documento era que o calendário futebolístico brasileiro fosse uniformizado, a começar pela padronização dos

---

<sup>474</sup> SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. Campeonato Brasileiro de Seleções: economia de um projeto nacional (1922-1932). *Heera*, Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada, UFJF, v. 6, n. 10, jan./jul. 2011, p. 44.

<sup>475</sup> Sobre esse congresso, ver: ASSUMPCÃO. *O temp(l)o das geraes: a nova ordem do futebol brasileiro*. Montes Claros: Editora Unimontes, 2005, p. 97-100.

formatos de disputa dos campeonatos estaduais e pela reforma do Campeonato Brasileiro de Seleções, permitindo, em última instância, a realização de uma competição nacional interclubes, cujos participantes seriam escolhidos por critérios técnicos definidos pelas federações estaduais. Ao mesmo tempo, as entidades e clubes alijados do eixo Rio-São Paulo, liderados, na ocasião, pela FMF, aproveitaram esse Congresso para defender a necessidade de superar a concentração técnica, financeira e política do futebol brasileiro em torno de cariocas e paulistas. É dentro dessa linha de argumentação, portanto, que esse documento também sugeria a criação de um Conselho Técnico de Futebol, subordinado à CBD, que possibilitasse “às federações estaduais a efetiva participação nos debates e regulamentações que fossem estabelecidas para o futebol nacional”.<sup>476</sup> Mas um primeiro aceno à proposta das federações de futebol só aconteceu quatro anos depois da realização do Congresso em Belo Horizonte. Mesmo assim, pode-se dizer que, mais uma vez, a decisão visava mais os interesses da CBD do que, propriamente, atender ao desejo dos próceres dos principais clubes de futebol do país. E explico por quê.

No final dos anos de 1950, a crescente circulação dos clubes brasileiros, inclusive pelo exterior, associada à realização do Torneio Rio-São Paulo, rebatizado em 1954 como Torneio Roberto Gomes Pedrosa,<sup>477</sup> minava a viabilidade do Campeonato Brasileiro de Seleções, sobretudo do ponto de vista financeiro, fazendo com que seus jogos tivessem cada vez menos público e menores arrecadações do que aqueles disputados pelos clubes de futebol.<sup>478</sup> Além disso, com a conquista brasileira da Copa do Mundo de 1958, cada vez mais a opinião pública se perguntava: como era possível o campeão do mundo de futebol não contar, no plano interno, com uma competição que identificasse o seu próprio campeão nacional?<sup>479</sup> Questionamento, como muito bem chamou a atenção Sandro Francichini,<sup>480</sup> que traduzia uma situação no mínimo controversa vivenciada pelo futebol brasileiro, pois, “[s]e existia uma

---

<sup>476</sup> ASSUMPCÃO. *O tempo das gerações: a nova ordem do futebol brasileiro*. Montes Claros: Editora Unimontes, 2005, p. 99.

<sup>477</sup> Roberto Gomes Pedrosa, falecido em 1954, foi goleiro do Botafogo e do São Paulo nos anos de 1930, presidente deste clube paulista e da Federação Paulista de Futebol nos anos de 1940-50. Um personagem, portanto, ideal para ser homenageado em uma competição que reunia clubes cariocas e paulistas. Ver: MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D’Amaral. *Futebol e Ditadura Militar: elaboração dos projetos políticos para o futebol brasileiro 1966-1971*. Dissertação (Mestrado em História) –Universidade Federal do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017, p. 123.

<sup>478</sup> SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. CPDOC: Rio de Janeiro, 2006, p. 106.

<sup>479</sup> FRANCISCHINI, Sandro. A difícil nacionalização do futebol brasileiro: a era Havelange. In: TOLEDO, Luiz Henrique de; COSTA, Carlos Eduardo (Org.). *Visão de jogo: Antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009. p. 168. (Coleção Antropologia Hoje).

<sup>480</sup> FRANCISCHINI, Sandro. A difícil nacionalização do futebol brasileiro: a era Havelange. In: TOLEDO, Luiz Henrique de; COSTA, Carlos Eduardo (Org.). *Visão de jogo: Antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009. p. 168. (Coleção Antropologia Hoje).

unidade simbólica em torno do selecionado, reconhecido no plano internacional, internamente o futebol estava fracionado em competições estaduais e interestaduais”.

A saída encontrada pela CBD a esses impasses não se limitou, contudo, à questão nacional. Como de costume em sua trajetória de dirigente esportivo, João Havelange, então presidente da entidade máxima dos esportes no Brasil, vislumbrou, nesse contexto, a possibilidade de angariar prestígio político, advogando que a Fifa colocasse “em disputa um título mundial de clubes”.<sup>481</sup> Para isso, a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) não apenas deveria seguir a União das Federações Europeias de Futebol (Uefa), promovendo uma competição sul-americana interclubes que seria encampada pela CBD em parceria com a Associação de Futebol Argentina (AFA), como o próprio Brasil também deveria contar com sua competição nacional interclubes, devidamente agenciada pela Confederação Brasileira. Evidenciando, portanto, suas origens político-institucionais, a competição nacional recebeu o nome de “Taça Brasil”, à semelhança de sua congênera sul-americana, batizada de “Taça das Américas”.

Assim como acontecia com o Campeonato Brasileiro de Seleções, a Taça Brasil também era disputada em “chaves” regionais e em sistema eliminatório, com jogos de ida e volta, cujos vencedores avançavam à fase seguinte. Reunindo todos os campeões estaduais da temporada pregressa, ela contou, desde sua primeira edição realizada ainda em caráter experimental no ano de 1959, com grande presença de público nos jogos disputados, o que garantiu bons resultados financeiros aos clubes participantes, às federações estaduais e, claro, à CBD,<sup>482</sup> contribuindo, assim, para sua rápida consolidação. Mas, também à semelhança do certame de selecionados estaduais, mais uma vez cariocas e paulistas mantiveram alguns privilégios, entrando na competição só em sua fase semifinal.<sup>483</sup>

Para os dirigentes cariocas e paulistas, esse privilégio concedido a seus clubes se justificava por uma questão financeira simples. Segundo eles, a ausência de estádios que pudessem receber grandes públicos no restante do país representava uma perda na arrecadação de seus clubes, comprometendo a viabilidade do profissionalismo e a saúde financeira dessas competições. Aliás, essa era uma preocupação antiga dos gestores do futebol belo-horizontino, que consideravam a ausência de um estádio de grande porte na cidade um dos principais entraves para o aprimoramento da estrutura do futebol profissional na capital

---

<sup>481</sup> SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. CPDOC: Rio de Janeiro, 2006, p. 106.

<sup>482</sup> SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. CPDOC: Rio de Janeiro, 2006, p. 107.

<sup>483</sup> ASSUMPÇÃO. *O temp(l)o das geraes: a nova ordem do futebol brasileiro*. Montes Claros: Editora Unimontes, 2005, p. 97-100.

mineira, dificultando seus clubes de competir, em “pé de igualdade”, com cariocas e paulistas.<sup>484</sup>

Ainda em 1933, por exemplo, o estatuto da AME, entidade que, como vimos, oficializou o futebol profissional em Minas Gerais, já estabelecia essa correlação entre estádio, equipes competitivas e arrecadação de bilheteria, ao definir, na seguinte ordem, os critérios básicos para aceitação de novos filiados: a propriedade de “praça de esportes confortáveis, com capacidade para 1.000 espectadores, no mínimo, fechada [...], esquadras em magnífica ‘performance’ [...], condições financeiras que os habilitem aos encargos da situação a ser adquirida”.<sup>485</sup> Uma década mais tarde, ao repercutir o projeto de um estádio do Atlético que nunca saiu do papel, Nilton Isaias<sup>486</sup> escreveu, no editorial da revista *Vida Esportiva*, de agosto de 1946, que “a construção de um grande estádio em Belo Horizonte” deveria ser considerado “o motivo fundamental que vem tolhendo o progresso, a ascensão do futebol mineiro”, que estaria “evidentemente em plano bastante inferior” por não ter “recursos financeiros para competir com Rio e São Paulo no mercado de jogadores”.

Essa demanda foi parcialmente solucionada quando, em 1948, a CBD aventou a possibilidade de Belo Horizonte ser um dos possíveis palcos da IV Copa do Mundo de Futebol da Fifa, sediada no país. Naquela ocasião, o prefeito da cidade decidiu subsidiar a construção de uma praça de esportes para o Sete de Setembro, que recebeu o sugestivo nome de Estádio Independência. Muito embora a imprensa da cidade propagandeasse que, depois de pronto, o novo campo setembrino se converteria no “terceiro Estádio do país, rivalizando com o Pacaembú e São Januário”,<sup>487</sup> com capacidade para 45 mil, e até para 80 mil espectadores em algumas fontes,<sup>488</sup> às vésperas da Copa suas obras foram interrompidas, o que limitou sua capacidade de público para cerca de 30 mil espectadores. Isso no mesmo ano em que o Rio inaugurava o Maracanã, que registrou, no último jogo do mundial, o recorde de quase 200 mil torcedores. E, ainda por cima, em um contexto de intensa metropolização da capital mineira, que espalhava seu tecido urbano em ao menos três frentes: à oeste, em direção à Cidade Industrial Juventino Dias, inaugurada em 1946 na cidade de Contagem; ao norte, rumo à Lagoa da Pampulha, área chacareira e de luxo, destinada ao lazer, criada pela Prefeitura de

<sup>484</sup> Em outra oportunidade, publiquei um texto justamente sobre essa questão. Cf. LAGE, Marcus Vinícius Costa. A Copa de 1950 como uma “janela de oportunidades” para o futebol montanhês. In: COUTO, Euclides de Freitas (Org.). *As copas do mundo no Brasil: memórias, identidades e diplomacia* (1950/2014). Rio de Janeiro: 7Letras, 2018, p. 78-95. (Coleção Visão de Campo).

<sup>485</sup> Importantes resoluções do Conselho Superior da L.A.F. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 31 maio 1933, p. 9.

<sup>486</sup> ISAIAS, Nilton. O novo estádio do Atlético. *Vida Esportiva*, Belo Horizonte, ano I, n. 2, ago. 1946, p. 3.

<sup>487</sup> Cf. [Contracapa]. *Vida Esportiva*, Belo Horizonte, ano II, n. 10, dez. 1948, p. 32.

<sup>488</sup> Cf. Seis jogos do Mundial na cidade, ao invés de três. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 nov. 1949, p. 8.

Belo Horizonte entre meados dos anos de 1930 e 1940; e ao distrito de Venda Nova, região que seria ocupada, assim como o eixo oeste, por uma população de baixa renda.<sup>489</sup> Por isso, já em 1952, Jairo Anatólio Lima<sup>490</sup> afirmou que o “problema de rendas no futebol mineiro continua[va] sendo o assunto do momento”. E o colunista esportivo A. Ribeiro defendia, novamente, a “necessidade inadiável de um grande estádio”<sup>491</sup> em Belo Horizonte.

Para tentar solucionar a questão, nesse mesmo ano o então governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek, criou uma Comissão de Construção do Estádio Estadual composta por “Antonio Ubaldo Pena, Antonio Abraão Caram e João Amaral de Castro”.<sup>492</sup> Mas, apesar do anseio por um novo e maior estádio, a proposta dividiu a opinião pública da cidade e acabou perdendo força, sendo recuperada apenas em julho de 1959.<sup>493</sup> Como forma de evitar que esse projeto novamente naufragasse, o deputado estadual Jorge Carone Filho previu, em lei, que o empreendimento seria erguido com recursos provenientes da Loteria Mineira. Além disso, aproveitando-se da gestão de Juscelino Kubitschek como presidente da República, que, quando prefeito de Belo Horizonte e governador de Minas Gerais, havia incrementado o complexo arquitetônico da Pampulha e criado a Comissão de Construção do Estádio Estadual, o projeto do Estádio Minas Gerais seria construído por meio de um convênio com a Universidade de Minas Gerais (atual UFMG), que também cederia área de 300 mil m<sup>2</sup> de sua Cidade Universitária, em construção pelo governo federal justamente na região da Pampulha.

Ainda assim, por quase três anos, as obras do novo estádio pouco avançaram, muito em função dos interesses políticos em jogo. Esse cenário só começou a se alterar em 1963, quando a Seleção Mineira de futebol conquistou o título de campeã brasileira de seleções, varrendo a cidade por um ufanismo “montanhês”. Vislumbrando a possibilidade de usar politicamente a conquista futebolística mineira na corrida presidencial de 1964, o governador do estado, Magalhães Pinto, que considerava, até então, que o empreendimento não era prioridade de seu governo, transformou o Estádio Minas Gerais em uma das principais realizações de sua gestão, fazendo o canteiro de obras funcionar diuturnamente. Enquanto

---

<sup>489</sup> MENDONÇA, Jupira Gomes de. *Segregação e mobilidade residencial na Região Metropolitana de Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – IUPERJ, UFRJ, Rio de Janeiro, 2002, p. 36-37.

<sup>490</sup> LIMA, Jairo Anatólio. Última página. *A Semana Esportiva*, Belo Horizonte, ano I, n. 5, 1 out. 1952, p. 12.

<sup>491</sup> RIBEIRO, A. O problema financeiro dos clubes de futebol. *A Semana Esportiva*, Belo Horizonte, ano I, n. 2, 3 set. 1952, p. 15.

<sup>492</sup> Um assunto em foco. *A Semana Esportiva*, Belo Horizonte, ano I, n. 1, 27 ago. 1952, p. 1.

<sup>493</sup> As informações sobre a construção do Estádio Minas Gerais foram retiradas de: ASSUMPÇÃO. *O tempo das geraes: a nova ordem do futebol brasileiro*. Montes Claros: Editora Unimontes, 2005, p. 154-186. E de: SOUZA NETO, Georgino Jorge de. *Do Prado ao Mineirão: a história dos estádios na capital inventada*. Tese (Doutorado em Lazer) – UFMG, Belo Horizonte, 2017, p. 170-218.

isso, a imprensa da cidade explorava a nova praça de esportes como um empreendimento que, à semelhança outrora do Maracanã para os cariocas, engrandeceria todo o povo mineiro. Diariamente, suas páginas noticiavam os trabalhos que vinham sendo realizados e a visita de jogadores, dirigentes e jornalistas esportivos de todo o país ao “Gigante da Pampulha”, legitimando-o também no plano nacional.

Assim, no dia 5 de setembro de 1965, a inauguração do Minas Gerais, já chamado à época de “Mineirão”, foi marcada por uma série de eventos que simbolizavam essa mudança de patamar pretensamente alcançada pelo futebol da cidade. A começar pelo público presente, registrado oficialmente em pouco mais de 70 mil pessoas, mas noticiado, à época, em cerca de 130 mil espectadores. Muito provavelmente o principal desses eventos tenha sido o jogo inaugural entre a Seleção Mineira e o River Plate da Argentina, vencido pela equipe da casa por 1 a 0.

Todavia, de nada adiantaria um estádio monumental como o Mineirão se os clubes da cidade não tivessem, com frequência, jogos de grande apelo popular a serem disputados nele. Possivelmente, os exemplos mais emblemáticos nesse sentido foram produzidos na primeira metade dos anos de 1970, quando o governo militar brasileiro construiu dezenas de estádios públicos Brasil afora, dentro de seu Programa de Integração Nacional (PIN).<sup>494</sup> Dentre eles, o Estádio Universitário do Mato Grosso do Sul, localizado em Campo Grande, inaugurado em 1971, para um público estimado de 45 mil espectadores,<sup>495</sup> que, por si só, não foi capaz de alçar o futebol daquele estado ao posto de protagonista no cenário nacional.

Pensando nisso, ainda em 1965, os representantes da FMF passaram a pressionar cariocas e paulistas para que o Torneio Roberto Gomes Pedrosa incorporasse equipes de outras federações do país, ou, ao menos, América, Atlético e Cruzeiro, da capital mineira – principalmente porque a competição interestadual entre os clubes de São Paulo e do Rio era disputada, desde os anos de 1930, em sistema de pontos corridos. Um certame, portanto, mais longo e financeiramente mais vantajoso que a Taça Brasil. Nessa sua empreitada, os mineiros contaram com o apoio dos gaúchos, que, entre meados dos anos de 1950 e o início

---

<sup>494</sup> COUTO, Euclides de Freitas. *Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)*. Niterói: Editora da UFF, 2014, p. 164-165.

<sup>495</sup> Para uma lista dos estádios de futebol construídos no país entre 1966 e 1979, ver: MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D’Amaral. *Futebol e Ditadura Militar: elaboração dos projetos políticos para o futebol brasileiro 1966-1971*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017, p. 168-169.

dos anos de 1970, erguiam também seus grandes estádios em Porto Alegre por iniciativa das direções de Grêmio e Internacional.<sup>496</sup>

A demanda mineira e gaúcha passou a ser vista com bons olhos, sobretudo pelos paulistas, quando a CBD se viu mergulhada em uma forte crise de representatividade, criada, em grande medida, pelos desdobramentos da Copa do Mundo de 1966.<sup>497</sup> Naquele ano, a seleção brasileira de futebol iria à Inglaterra defender seu bicampeonato conquistado em 1958 e 1962, na Suécia e no Chile, respectivamente. Interessado nos dividendos político-institucionais de um possível tricampeonato do selecionado nacional, João Havelange decidiu assumir a chefia da delegação brasileira, afastando do cargo Paulo Machado de Carvalho, importante jornalista esportivo paulista e dirigente do São Paulo Futebol Clube, que havia ocupado essa mesma função nas duas Copas anteriores, o que lhe rendeu a alcunha de “Marechal da Vitória”. Mas o que Havelange não esperava era que a seleção brasileira fosse eliminada ainda na primeira fase do mundial, sendo derrotada em dois dos três jogos disputados.

A derrota brasileira nos gramados ingleses recaiu, em grande medida, sobre João Havelange, que, dessa maneira, teve de enfrentar alguns pedidos de CPI no Legislativo nacional e até mesmo alguns inquéritos realizados pelo Serviço Nacional de Informação (SNI) do regime militar. Em meio a essa turbulência, os presidentes das federações paulista e carioca formaram uma comissão executiva para discutir a ampliação do Torneio Roberto Gomes Pedrosa, sobretudo como forma de minar o poder da CBD com a Taça Brasil. Mas, como nos conta Jorge Fernando Moreira,<sup>498</sup> a reformulação desse Torneio ainda garantiria o monopólio carioca e paulista sobre o futebol brasileiro. Nesse sentido, seu regulamento previa que os clubes interessados em participar desse certame deveriam pagar às agremiações cariocas e paulistas cotas de cinco a dez milhões de cruzeiros (Cr\$ 5 milhões e Cr\$ 10 milhões), além do custeio de estadia e viagem dos times do Rio de Janeiro e São Paulo quando eles jogassem fora de seus domínios. Apesar disso, essas exigências foram flexibilizadas já no final de 1966, muito em função do desfecho da Taça Brasil daquele ano.

---

<sup>496</sup> DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002, p. 72-73. (Coleção Academia).

<sup>497</sup> Sobre a crise de representatividade da CBD em 1966, ver: MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D’Amaral. *Futebol e Ditadura Militar: elaboração dos projetos políticos para o futebol brasileiro 1966-1971*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017, p. 120-122.

<sup>498</sup> Sobre a reformulação do Torneio Roberto Gomes Pedrosa, ver, mais uma vez: MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D’Amaral. *Futebol e Ditadura Militar: elaboração dos projetos políticos para o futebol brasileiro 1966-1971*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017, p. 123-139.

Em julho de 1966, os campeões estaduais de Alagoas, do Amazonas, do Ceará, da Bahia, do Distrito Federal, do Espírito Santo, de Goiás, da Guanabara, do Maranhão, de Minas Gerais, da Paraíba, do Pará, do Paraná, de Pernambuco, do Piauí, do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Norte, do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, de São Paulo e do Sergipe iniciaram a disputa da oitava edição da Taça Brasil. Como previsto em regulamento, a primeira fase da competição foi disputada em duas grandes zonas: a Zona Norte e a Zona Sul. Ao Náutico, da cidade de Recife, campeão da Zona Norte, ficava garantida uma vaga nas quartas de final, a ser disputada contra o campeão paulista, o Palmeiras. Enquanto isso, a disputa da Zona Sul ficava dividida em dois grupos: o Grupo Sul, com confrontos entre catarinenses e paranaenses, e uma fase final, com a participação do campeão gaúcho; e o Grupo Central, que contava com três fases, as duas primeiras concorridas pelos campeões do Distrito Federal, Espírito Santo e Rio de Janeiro, cujo vencedor enfrentava, na fase final, o Cruzeiro, campeão mineiro de 1965. No início de outubro, a equipe mineira, vencedora da Zona Sul, se juntou, na fase semifinal, ao Náutico, vencedor do confronto das quartas de final contra o Palmeiras, ao Fluminense, campeão carioca de 1966, e ao Santos, pentacampeão da Taça Brasil entre os anos de 1961 e 1965. Confirmando, com certa dificuldade, seu favoritismo na competição, o Santos, de Pelé e companhia, uma das bases da seleção bicampeã do mundo em 1958 e 1962, bateu o Náutico em uma melhor de três confrontos. Enquanto isso, o Cruzeiro venceu seus dois jogos contra o Fluminense, tornando-se o primeiro representante de Minas Gerais a decidir o certame nacional desde sua criação, em 1959.<sup>499</sup>

Àquela altura, o presidente da FMF, Coronel José Guilherme Ferreira, já argumentava que “Minas est[ava] perfeitamente em condições de exigir, não mais sendo favor[,] sua inclusão” no Roberto Gomes Pedrosa do ano seguinte. E isso não apenas em função do desempenho cruzeirense na Taça Brasil daquele ano, mas, sobretudo, porque os jogos do Campeonato Mineiro e do Cruzeiro pela competição nacional já haviam arrecadado “cêrca de meio bilhão de cruzeiros”. Cifra que, segundo sua previsão, deveria ser acrescida de mais “Cr\$ 700 milhões até o final” da temporada, de modo que ele “não t[inha] dúvidas de que [os clubes mineiros] entrar[iam] no torneio em igualdade de condições com Rio e São Paulo”.<sup>500</sup>

---

<sup>499</sup> Sobre os jogos da Taça Brasil de 1966, ver: PONTES, Ricardo; DIOGO, Julio Bovi. Brazil Cup 1966. *RSSSF Brasil*, 23 nov. 2008. Disponível em: [goo.gl/q6x7Ew](http://goo.gl/q6x7Ew). Acesso em: 5 out. 2018.

<sup>500</sup> Cel. José Guilherme desmente notícia. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 8 out. 1966, p. 10.

Como se não bastasse, para surpresa da imprensa esportiva brasileira,<sup>501</sup> sobretudo a carioca e a paulista, logo no primeiro confronto da decisão o Cruzeiro aplicou uma sonora goleada de 6 a 2 na equipe santista. Um verdadeiro espetáculo do time celeste. A ponto de Mário Lúcio Marinho<sup>502</sup> abrir sua crônica do dia seguinte com o título “Quem foi para ver Pelé, viu Tostão”. “E se deu por satisfeito”, concluiu ele, ao final do texto. Fora de campo, quase 80 mil pagantes possibilitaram que as bilheterias do Mineirão “quebr[assem] todos os recordes brasileiros”,<sup>503</sup> angariando pouco mais de 220 milhões de cruzeiros.

Assim, antes mesmo que o Cruzeiro ratificasse sua conquista na Vila Belmiro, vencendo mais uma vez o Santos, agora pelo placar de 3 a 2, a imprensa da capital mineira noticiava que o novo campeão brasileiro estava garantido no Torneio Roberto Gomes Pedrosa do ano seguinte, junto de seu arquirrival Atlético.<sup>504</sup> E, com o título consumado, suas presenças no ampliado Robertão ainda dispensariam o pagamento de cotas quando cariocas e paulistas jogassem no Mineirão.<sup>505</sup> Um anúncio que, por um lado, foi muito festejado pela imprensa belo-horizontina, mas que, por outro, deu origem a uma longa batalha travada pelo América nos bastidores do mundo da bola.

## 5.2 “Tu és a glória do esporte nacional”

Acompanhar os debates protagonizados pelos americanos em busca de uma vaga no Robertão por meio da imprensa da capital mineira não foi a tarefa mais fácil desta pesquisa.<sup>506</sup> Os nomes de dezenas de personalidades, dos mais diversos setores da sociedade, iam e vinham das mesas de negociações. Apoios concedidos eram retirados em um piscar de olhos. Decisões dadas como certas eram desmentidas logo no dia seguinte. Reuniões, de todos os tipos, se sobrepunham; parecia que nunca teriam fim. Entrava ano, saía ano, a única coisa que não mudava nunca era a frustração e a indignação dos americanos frente à ausência de seu clube na competição nacional.

---

<sup>501</sup> Sobre a repercussão da final da Taça Brasil de 1966 entre Cruzeiro, ver: ASSUMPÇÃO. *O temp(l)o das geraes: a nova ordem do futebol brasileiro*. Montes Claros: Editora Unimontes, 2005, p. 129-136; MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D’Amaral. *Futebol e Ditadura Militar: elaboração dos projetos políticos para o futebol brasileiro 1966-1971*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017, p. 132-133.

<sup>502</sup> MARINHO, Mário Lúcio. Quem foi para ver Pelé, viu Tostão. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 1 dez. 1966, p. 7.

<sup>503</sup> Cf. Cruzeiro mostrou que é o bom do Brasil. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 1 dez. 1966. [contracapa]

<sup>504</sup> Cf. Atlético e Cruzeiro entram no próximo Rio-São Paulo. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 2 dez. 1966. [contracapa]

<sup>505</sup> Cf. América paga para entrar no Rio-São Paulo. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 19 dez. 1966. [contracapa]

<sup>506</sup> A pesquisa percorreu as edições do *Diario da Tarde*, de setembro de 1966 a setembro de 1971.

Inicialmente, o apoio de João Havelange, presidente da CBD, foi um dos grandes trunfos da diretoria americana para tentar uma vaga para o clube no Robertão. Valendo-se das boas arrecadações de bilheteria nos jogos realizados pelos clubes belo-horizontinos no Mineirão, e comprometendo-se a pagar cotas de cinco milhões de cruzeiros (Cr\$ 5 milhões), “além das despesas com viagens e hospedagens para cariocas e paulistas”,<sup>507</sup> os dirigentes do América conseguiram que o chefe máximo dos esportes brasileiros defendesse a participação do clube nos certames de 1967 e 1968.<sup>508</sup> Alguns meses antes da realização da primeira edição do torneio, por exemplo, a confiança americana de que sua vaga estava garantida era tamanha que alguns abastados dirigentes do clube chegaram a “levantar a quantia de Cr\$ 115 milhões, que ter[iam] a finalidade de permitir a conquista de novos jogadores”<sup>509</sup> para seu plantel e cobrir as despesas com a vinda dos clubes visitantes.

Todavia, a opinião de Havelange teve pouco relevância prática para aqueles dois primeiros e incipientes torneios nacionais. Como mencionei anteriormente, a ampliação do Roberto Gomes Pedrosa para além do eixo Rio-São Paulo havia sido conduzida pelos dirigentes esportivos daqueles dois centros futebolísticos nacionais, de modo que sua organização também ficaria a cargo das Federações Paulista (FPF) e Carioca de Futebol (FCF). Embora João Havelange se notabilizasse como um importante agente político, a palavra final em relação ao novo Robertão coube, portanto, aos presidentes daquelas entidades estaduais. E essa baixa capacidade de ingerência da CBD nos dois primeiros torneios nacionais foi muito bem utilizada por Havelange para suas pretensões políticas.

Diante da crise deflagrada após a precoce eliminação da Seleção Brasileira no Mundial de 1966, Havelange fez de tudo para não se indispor com os dirigentes paulistas e cariocas. Tanto é assim que, ainda naquele ano, ele reincorporou o “Marechal da Vitória” como chefe da seleção brasileira de futebol, criando também a Comissão Seleccionadora Nacional, responsável por fazer a convocação dos jogadores para a Seleção Brasileira – uma instância técnica composta por “figuras de confiança”<sup>510</sup> tanto de João Havelange quanto do

<sup>507</sup> *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 19 dez. 1966. [contracapa].

<sup>508</sup> Cf. Clubes cariocas vetam ingresso do América. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 21 dez. 1966, p. 10; Cartolas decidem hoje a sorte do América. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 6 out. 1967, p. 12; Prata para o América só mesmo com sorte. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 17 nov. 1967, p. 12; América quase na Taça Prata. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 18 nov. 1967 [capa]; Só falta Otávio aceitar e América entra no Prata. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 18 nov. 1967, p. 4; CBD adia decisão, até Israel quer o América. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 22 nov. 1967, p. 11; Falcão decide hoje se o América entra mesmo. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 23 nov. 1967, p. 11.

<sup>509</sup> América com 115 milhões para o torneio. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 28 dez. 1966, p. 13.

<sup>510</sup> MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D’Amaral. *Futebol e Ditadura Militar: elaboração dos projetos políticos para o futebol brasileiro 1966-1971*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017, p. 122.

aclamado dirigente paulista Paulo Machado de Carvalho. Por outro lado, o presidente da CBD também parecia avaliar que seu poder não se sustentaria caso ficasse restrito a esses dois grupos políticos do futebol pátrio. Não por coincidência, ao longo dos preparativos para a realização daqueles dois primeiros e incipientes torneios nacionais, Havelange comunicou à imprensa e às federações estaduais do país que, muito embora ele fosse favorável à inclusão de diversos outros clubes no certame, a decisão caberia aos presidentes da FCF e FPF. Um exemplo disso teria ocorrido em dezembro de 1966, envolvendo o próprio América. Pouco mais de uma semana após comunicar à FMF que os três principais clubes da capital mineira teriam suas vagas garantidas no primeiro Robertão,<sup>511</sup> ele “autoriz[ou] a Assistência Técnica a confeccionar a tabela de jogos do torneio [...] sem a participação do América”.<sup>512</sup> Uma decisão, segundo Havelange, que levava em consideração a posição do “presidente Antônio do Passo, da FCF, [que se] mostrou irredutível, principalmente depois da deliberação de Bangu, Fluminense e Vasco de não permitirem três clubes de Minas no ex-Rio-São Paulo”.

Foi, portanto, por meio desse perspicaz jogo político que ele se reelegeu presidente da CBD em janeiro de 1967.<sup>513</sup> Mais do que isso, em meados de 1968, Havelange aproveitou os intermináveis debates sobre quais seriam os clubes participantes do Robertão do ano seguinte para impetrar um verdadeiro “golpe contra as federações organizadoras do certame”.<sup>514</sup> Acionando dispositivos e membros do Conselho Nacional de Desportos (CND), ele argumentou que “qualquer torneio entre clubes de duas federações filiadas” à CBD deveria ser “patrocinado e dirigido” pela entidade nacional.<sup>515</sup> Uma decisão que retirava dos dirigentes das federações, notadamente os da FCF e da FPF, boa parte do poder decisório sobre o Robertão. Só para se ter uma ideia, a partir da edição de 1969, coube à CBD definir o número de participantes estaduais do torneio, que, aliás, foi rebatizado por ela com o nome de “Taça de Prata”.<sup>516</sup> Já os dirigentes das entidades estaduais podiam, quando muito, estabelecer os critérios para a seleção de seus representantes para a nova competição nacional, já que até

---

<sup>511</sup> América já está no R-SP. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 15 dez. 1966, p. 10.

<sup>512</sup> Havelange não atende pretensão do América. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 23 dez. 1966, p. 10.

<sup>513</sup> MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D’Amaral. *Futebol e Ditadura Militar: elaboração dos projetos políticos para o futebol brasileiro 1966-1971*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017, p. 122.

<sup>514</sup> MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D’Amaral. *Futebol e Ditadura Militar: elaboração dos projetos políticos para o futebol brasileiro 1966-1971*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017, p. 126.

<sup>515</sup> MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D’Amaral. *Futebol e Ditadura Militar: elaboração dos projetos políticos para o futebol brasileiro 1966-1971*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017, p. 126.

<sup>516</sup> América está fora mesmo do Robertão. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 7 out. 1967, p. 12.

essas regras, digamos assim, mais caseiras deveriam ser aprovadas pelos gestores dos esportes nacionais.

Mas, como diz uma máxima futebolística de nosso país, “em time que está ganhando não se mexe”. Apesar das mudanças no núcleo diretivo e do novo nome escolhido pela CBD, a Taça de Prata, realizada em 1969 e 1970, não trouxe novidade alguma em relação à competição que vinha sendo organizada, até então, por paulistas e cariocas. Afinal, o Robertão de 1967 e 1968 havia provado ser um grande sucesso de público e renda. Assim, mesmo perdendo a hegemonia política, a FCF e a FPF mantiveram o privilégio de poder indicar, cada uma delas, cinco representantes para a competição nacional, sendo quatro dessas vagas preenchidas pelos grandes clubes daqueles estados – Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco, no Rio, e Corinthians, Palmeiras, Santos e São Paulo, em São Paulo. Atlético, Cruzeiro, Grêmio e Internacional também permaneceram intocáveis, como únicos participantes de Minas Gerais e Rio Grande do Sul na disputa. A Federação Paranaense de Futebol teve igualmente garantida a vaga de seu estado, ocupada, desde 1967, pelo vencedor de um triangular disputado por Atlético Paranaense, Coritiba e Ferroviária, que ainda tinha o direito de “pegar emprestado dois jogadores das outras equipes [...] sob a condição de pagar como compensação 25% da renda líquida”<sup>517</sup> a cada uma delas. Os pernambucanos também mantiveram sua vaga na competição nacional, preenchida, desde 1968, pelo campeão de seu certame estadual. E o Bahia Esporte Clube, outro estreante na segunda edição do Robertão, continuou a ser agraciado nos anos seguintes pela Federação Baiana de Futebol como o único participante daquela unidade federativa brasileira, por ser o recordista de bilheterias em seu estado. Além disso, à semelhança do que ocorrera em 1968, nas duas edições da Taça de Prata que seriam disputadas, todos esses 17 concorrentes foram divididos em dois grandes grupos, em que todos se enfrentavam em turno único, cabendo ao campeão e ao vice de cada grupo uma vaga no tão almejado quadrangular final. Nessa última fase, todos os quatro melhores clubes do estágio inicial se enfrentavam, também em jogos únicos, para a definição do grande campeão nacional.

Para apaziguar os ânimos, ainda em 1968 a CBD criou duas competições interestaduais, chamadas pela imprensa belo-horizontina de “[o] Robertão dos times pequenos”,<sup>518</sup> para contemplar os excluídos da nova Taça de Prata. Contando com a

---

<sup>517</sup> MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D’Amaral. *Futebol e Ditadura Militar: elaboração dos projetos políticos para o futebol brasileiro 1966-1971*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017, p. 136.

<sup>518</sup> Centro-Sul começa hoje para mineiros. *Diário da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 5 out. 1968. [contracapa]

participação de equipes altamente populares de Alagoas, do Ceará, do Maranhão, do Pará, da Paraíba, do Rio Grande do Norte e da própria Bahia e de Pernambuco, o Torneio Norte-Nordeste encontrou enorme respaldo entre os dirigentes esportivos e grande interesse público entre os torcedores daquelas duas regiões do país. Assim, mesmo depois de a CBD substituir a Taça de Prata em 1971 pelo que se convencionou chamar de primeiro Campeonato Brasileiro de futebol, a competição regional foi incorporada como uma das fases da segunda divisão nacional – realidade muito distinta daquela vivenciada pelos clubes do Centro-Oeste, do Sudeste e do Sul do país, dentre eles o América, agraciados com a criação do Torneio Centro-Sul. Desentendimentos em relação aos critérios de seleção dos participantes, indefinições quanto ao formato de disputa da competição, problemas na montagem da tabela de jogos, desprestígio por parte dos dirigentes e baixas arrecadações de bilheteria não permitiram a conclusão do Centro-Sul de 1969. Isso depois da realização de uma primeira edição muito tumultuada daquela competição interestadual.<sup>519</sup>

Diante do fracasso dessa edição do Torneio Centro-Sul, em meados de 1970 Havelange idealizou a realização da Taça Garrastazu Médici, ou Taça Independência, concorrida por três clubes de Minas, três do Rio e três de São Paulo que não participavam da principal competição nacional organizada pela CBD. Segundo seu projeto original, a nova competição foi tanto uma estratégia para preencher o calendário desses clubes como também mais um atrativo de público para a Taça de Prata, já que seus jogos seriam realizados no “Mineirão, Maracanã e Pacaembu ou Parque Antártica” como “preliminares do Robertão”.<sup>520</sup> Mesmo que a Taça Garrastazu Médici, ou Independência, jamais fosse disputada, a iniciativa evidenciava que, para João Havelange, a Taça de Prata não suportava novos integrantes. Não por coincidência, desde o anúncio da criação dos torneios interestaduais, o presidente da CBD dificilmente voltaria a defender a inclusão americana na competição nacional.

De todo modo, a encampação do Roberto Gomes Pedrosa pela CBD não fez o América perder apenas o aparente e importante apoio de João Havelange para entrar no principal certame pátrio. Desde o momento em que os mineiros iniciaram as tratativas para a ampliação do antigo Torneio Rio-São Paulo, o Coronel José Guilherme Ferreira, presidente da FMF, fez uma defesa incisiva da participação dos três principais clubes belo-horizontinos na

---

<sup>519</sup> Para um exemplo dos percalços enfrentados pela CBD na realização desse primeiro Torneio Centro-Sul, ver: América quer deixar Centro-Sul. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 31 out. 1968, p. 13.

<sup>520</sup> A briga do América é mais forte agora. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 14 set. 1970, p. 7.

competição – aliás, se convertendo, em vários momentos, em porta-voz de suas demandas.<sup>521</sup> À medida que as negociações avançavam, e os organizadores do Torneio davam a entender que o América ficaria de fora da disputa, a entidade gestora do futebol mineiro, apoiada pelos dirigentes atleticanos e cruzeirenses, lançou mão de algumas táticas mais arrojadas para tentar reverter a situação. Só para se ter uma ideia, no segundo semestre de 1967, o Coronel José Guilherme Ferreira chegou a ameaçar retirar Atlético e Cruzeiro da edição do Robertão do ano seguinte caso os organizadores do Torneio não reconsiderassem o pedido de inclusão do América na competição.<sup>522</sup> Uma chantagem que contou com a anuência dos presidentes atleticano e cruzeirense, mas que sequer encontrou ressonância entre os presidentes da FCF e FPF, responsáveis pelo certame nacional.<sup>523</sup>

Com a incumbência de organizar a tabela de jogos dos clubes mineiros e capixabas no Torneio Centro-Sul de 1968, durante o segundo semestre daquele ano a FMF praticamente não repercutiu mais as reivindicações americanas. Aliás, como se seguisse o mesmo caminho adotado pela CBD, a partir de 1969 a impressão que se tem é a de que a entidade mineira se mostrava muito mais empenhada em criar competições alternativas para que a equipe americana e os demais clubes filiados a ela preenchessem seu calendário durante a disputa nacional do que propriamente em reivindicar mais vagas para Minas no certame promovido pela CBD. E, também de maneira muito semelhante aos projetos formulados pela entidade gestora dos esportes no país, as proposições apresentadas pela FMF sequer saíram do papel.

Talvez o primeiro fracasso da entidade mineira nesse sentido tenha acontecido ainda no início de 1969, quando ela aventou a possibilidade de organizar uma competição chamada Taça Inconfidência, a ser disputada após o término do Campeonato Mineiro pelos “14 times da divisão ‘extra’”<sup>524</sup> do estadual que não haviam entrado no Robertão daquele ano. Uma espécie de reedição do estadual, sem, contudo, contar com a participação atleticana e cruzeirense, dois dos maiores atrativos. Naquele mesmo ano, a FMF também propôs a realização de um torneio interestadual, que seria apelidado de “Robertinho”. Uma curta competição, com duração aproximada de dois meses, prevista para acontecer durante o “período de treinamentos da seleção brasileira”<sup>525</sup> em 1969 e concorrida pelos quatro grandes clubes do Rio – Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco – e pelos três principais das

<sup>521</sup> Cf. Cel. José Guilherme desmente notícia. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 8 out. 1966, p. 10; FMF marca reunião com clubes para decisão do RSP. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 4 dez. 1966. [contracapa]; Reunião dia 15 para decisão do RSP. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 6 dez. 1966, p. 10.

<sup>522</sup> Cf. Minas só vai ao Robertão se América entrar. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 19 set. 1967, p. 10; Prata para o América só mesmo com sorte. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 17 dez. 1967, p. 12.

<sup>523</sup> Cf. Otávio tirou América do Robertão: só os 15. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 1 dez. 1967, p. 10.

<sup>524</sup> Após o Campeonato, Taça Inconfidência. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 9 maio 1969, p. 13.

<sup>525</sup> Coronel quer o Robertinho. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 24 jun. 1969, p. 16.

capitais paulista – Corinthians, São Paulo e Palmeiras – e mineira – América, Atlético e Cruzeiro. Uma proposta que também foi engavetada diante do desinteresse da maior parte dos clubes convidados, mais inclinados a celebrar lucrativas excursões pelo país e pelo exterior do que disputar um “Robertinho” poucos meses antes do verdadeiro Robertão.

Como se não bastasse, ao longo daqueles anos o América entrou em rota de colisão com a FMF em diversos momentos. Em meados de 1968, por exemplo, a diretoria americana acusou Esmeraldo Botelho, assistente técnico geral da Federação Mineira, de elaborar uma tabela de jogos que prejudicava a vida financeira do clube no Torneio Centro-Sul.<sup>526</sup> Muito embora os dirigentes do clube belo-horizontino conseguissem fazer prevalecer sua posição em relação à confecção da tabela do Centro-Sul de 1968,<sup>527</sup> nos anos seguintes a defesa de inclusão do América na Taça de Prata pela FMF foi muito menos enfática do que aquela realizada anteriormente. Um sinal de que Paulo Papini,<sup>528</sup> idealizador e titular da coluna “Dente de Coelho” do *Diario da Tarde*, estava mesmo certo. Isso porque, ainda em dezembro de 1966, ele noticiou um boato de “que o América entrar[ia] em campo de luto, protestando contra o presidente da Federação que não se empenhou, como prometera, para que o clube tomasse parte do Rio-São Paulo”. Mas, para ele, a iniciativa não fazia o menor sentido. E, em tom irônico, asseverava seus colegas americanos: “O América que fique esperando ajuda dos outros e não procure andar com suas próprias pernas, para ver uma coisa”. Talvez convencido disso, na segunda metade de 1969 o América decidiu promover o seu próprio “Robertinho”, uma série de amistosos disputados no Mineirão contra equipes cariocas e paulistas nas preliminares dos jogos atleticanos e cruzeirenses válidos pelo Robertão daquele ano.<sup>529</sup>

O estopim para que os americanos se revoltassem veementemente com a direção do futebol mineiro só viria, contudo, em setembro do ano seguinte, logo após um tumultuado confronto entre América e Atlético válido pelo campeonato estadual. Aquele jogo terminou com a expulsão de sete americanos de campo. Um deles acusado, junto ao vice-presidente do clube, de ter agredido o árbitro José Alberto Teixeira, responsável pela condução da partida. Enquanto os advogados do América preparavam a defesa dos americanos no TJD, o Conselho Deliberativo do clube se reunia para oficializar, junto à CBD e ao CND, um pedido de

<sup>526</sup> Cf. Briga do América com FMF já é por escrito. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 5 nov. 1968, p. 11.

<sup>527</sup> Cf. Centro Sul tem mais uma tabela. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 9 dez. 1968, p. 5.

<sup>528</sup> PAPINI, Paulo. Exemplo do Cruzeiro e solução do América. *Diario da Tarde*, coluna Dente de Coelho, Belo Horizonte, 5 dez. 1966, p. 26.

<sup>529</sup> Cf. É o Robertinho, um torneio no Robertão. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 24 set. 1969, p. 12; No América, uma surpresa: 300 meninos para o treino juvenil. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 14 out. 1969, p. 15; América só tem *deixa-disso*. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 22 out. 1969, p. 14.

“intervenção na FMF e uma reformulação total no [...] Tribunal e no Colegiado”<sup>530</sup> da entidade. A motivação do gesto, todavia, não se resumia ao episódio do clássico. Segundo externou o presidente americano Rui da Costa Val durante aquele encontro, o problema vinha de longe. Em sua opinião, a entidade era “omiss[a]” e “total[mente] desinteress[ada]” pela “vida” e pelos “problemas” do clube.<sup>531</sup> Para ele, a inclusão do América no Robertão de 1970 teria sido algo fácil de se conseguir não fosse a postura da Federação em “desprestigi[á-los]”. Ele mesmo teria provas disso, já que havia telefonado para o Coronel José Guilherme Ferreira, ido à sede da FMF e até a casa do presidente “várias vezes”. E, “[n]em mesmo um telefonema”, “[n]em uma satisfação” lhe foi dada. Por isso, o presidente do Conselho Deliberativo, Milton Machado Mourão, aquele mesmo que, na condição de Diretor de Futebol da Faculdade de Medicina felicitou o clube pela extinção do Departamento de Futebol Profissional, em 1940, abriu a reunião do dia 8 de setembro de 1970 dizendo que havia “[c]heg[ado] a hora de dizer basta”, de “afastar os que [lhes] d[avam] tapinhas nas costas pela frente e [lhes] apunhala[vam] por trás”.<sup>532</sup>

A querela entre América e Federação fez até o humorista Augusto Rocha<sup>533</sup> imaginar um interessante “[d]iálogo telefônico quase possível entre o presidente Rui da Costa Val, do América e o coronel José Guilherme, governador da FMF”. Uma cômica conversa, publicada na tradicional coluna “Bi-Toque” do *Diario da Tarde*, que trazia as seguintes falas:

ZÉ GUILHERME – Alô! É o Rui? Aqui é o Zé Guilherme, que não admite intervenção e muito menos ostentação do América e outros filiados. Aqui, na Federação, é igual na minha casa, quem manda é o Galo, tá?

DR. RUI – Pra mim isto não é novidade, porque aí, na Federação, sempre foi assim; ou o Galo canta, ou o Cruzeiro compra.

ZÉ GUILHERME – Pode esfriar a cuca Dr. Rui! A Federação vai promover o torneio Bebeto Gomes Pedroca, para os times pés de chinelo, que ficaram na beira da estrada e o América é o primeiro na boca, tá?

DR. RUI – Olha aqui seu Zé! Pé de chinelo é a Federação, que vive de chupar sangue de nôsco [sic], que disputamos o campeonato e ainda escala para apitar nossos jogos, um juiz que é pior do que purgante pra botar pra fora!

ZÉ GUILHERME – Você está se referindo ao Dr. José Alberto Teixeira, juiz do quadro da CBD, escalado para soprar no Robertão? Se fôr o referido dito cujo, queira se retratar e pedir perdão, caso contrário o América não entra nem no Bebeto Gomes Pedroca, tá?

DR. RUI – Tá doído, sô? O América é muito fechado! Troca de camisa, não dá certo; troca de presidente, também não dá; troca de América para Coelhão-70, idem, idem; toca o braço no juiz, a vaca foi direta pro brejo. Êta time zorongado [sic]!

<sup>530</sup> A briga do América é mais forte agora. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 14 set. 1970, p. 7.

<sup>531</sup> América rompe com coronel. Diretoria resolve intervenção. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 9 set. 1970, p. 14.

<sup>532</sup> América rompe com coronel. Diretoria resolve intervenção. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 9 set. 1970, p. 14.

<sup>533</sup> ROCHA, Augusto. Ruy da Costa Val x Zezé Guilherme. *Diario da Tarde*, Bi-Toque, Belo Horizonte, 14 set. 1970, p. 12.

ZÉ GUILHERME – Então, Dr. Rui, você vai me dar licença porque eu tenho que fazer outra entrega, tá?  
 DR. RUI desligando e perdendo a esportiva – Poxa vida, sô! Se sacanagem fôsse petróleo, a Federação seria dona da Shell!...

Como se vê, o satírico diálogo repercutia a visão americana de que a Federação Mineira favorecia Atlético e Cruzeiro e não se preocupava tanto com as necessidades do clube. Todavia, os desentendimentos entre a diretoria do América e a FMF se arrefeceriam logo no final daquele setembro de 1970, quando o Coronel José Guilherme Ferreira se licenciou de seu cargo por um mês para a realização de uma “operação no joelho”, ocupando o seu lugar o vice-presidente Francisco de Castro Côrtes. Embora assumisse provisoriamente a função, a imprensa local vislumbrava a breve gestão de Francisco Côrtes como uma possibilidade para que ele se efetivasse no cargo durante o restante do mandato do Coronel. Aliás, o novo dirigente interino já havia sido eleito para a presidência da Federação em outras duas oportunidades e, tão logo ocupou o cargo vacante naquela segunda metade de 1970, tratou de anunciar seu “plano de trabalho” e sua intenção de ser mais presente na sede da entidade para “atendimento aos clubes”, pondo fim à pecha de que a FMF era uma ““bagunça e alheia à vontade de seus filiados””.<sup>534</sup> Mas, como era de se esperar de uma família que continua ainda hoje à frente da Federação,<sup>535</sup> o Coronel José Guilherme Ferreira não deixou Francisco Côrtes prorrogar sua gestão para além daqueles trinta dias. Ainda assim, o plano americano de intervenção na gestão do futebol mineiro não foi mais ventilado pelos dirigentes do clube, que, àquela altura, pareciam ter se convencido de “caminhar com suas próprias pernas”, como afirma Paulo Papini.

Não por coincidência, antes mesmo desse episódio, o América já buscava aliados do clube fora do universo futebolístico, flertando, cada vez mais intensamente, com as instituições e os atores da política institucional brasileira. Ainda em dezembro de 1966, por exemplo, a diretoria americana conseguiu que o governador de Minas, Israel Pinheiro, o “comandante da Região Militar” e diversos deputados engrossassem seu frustrado pedido de inclusão no Robertão do ano seguinte junto a João Havelange.<sup>536</sup> Em setembro do ano seguinte, foi a vez da Assembleia Legislativa de Minas Gerais e da Câmara Municipal de Belo Horizonte defenderem publicamente a “luta pela entrada do América no próximo torneio ‘Roberto Gomes Pedrosa’”. Naquela ocasião, o deputado Valdir Morato chegou a fazer uma nota de “desagravo” aos organizadores da competição, acusando-os de “defender[em apenas]

<sup>534</sup> Coronel sai. Côrtes pode ficar. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 26 set. 1970, p. 10.

<sup>535</sup> RAGAZZI, Lucas. FMF é usada para gerar renda a aliados e membros da família. *O Tempo*, Política, Trem da Alegria, Belo Horizonte, 22 set. 2017. Disponível em: [bit.ly/36otMVu](http://bit.ly/36otMVu). Acesso em: 25 jan. 2020.

<sup>536</sup> Havelange não atende pretensão do América. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 23 dez. 1966, p. 10.

os interesses de São Paulo e da Guanabara”,<sup>537</sup> e a elaborar uma “proposição de apoio do Legislativo [a]o América”.<sup>538</sup> Dois meses depois, Israel Pinheiro voltou a interceder em favor do América junto a Havelange, contando, dessa vez, com o apoio do então Ministro das Relações Exteriores, Magalhães Pinto,<sup>539</sup> e do Chefe da Casa Civil da Presidência da República, Rondon Pacheco.<sup>540</sup> Mas foi mesmo após a encampação do Robertão pela CBD e o recrudescimento do autoritarismo praticado pelos militares que o América lançou voos mais audaciosos nessa direção. Por um lado, entre os anos de 1969 e 1970, muitos acreditavam que o melhor caminho político a ser percorrido pela cúpula de gestores do clube seria apelar para os grandes políticos do país, os quais eram “não só mineiros mas americanos da primeira linha”,<sup>541</sup> dentre eles: o próprio Rondon Pacheco e alguns integrantes de seu Gabinete da Casa Civil da Presidência da República;<sup>542</sup> o Chefe do Gabinete do Governo da Guanabara, Negrão de Lima;<sup>543</sup> Abílio Machado Filho e Joaquim Painhas, que “ocupa[vam] cargos de influência no Palácio do Planalto”,<sup>544</sup> e, ainda, o Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, Geraldo Starling,<sup>545</sup> que já havia sido “ex-presidente do C.N.D. e membro influente junto aos atuais dirigentes da C.B.D.”, além de “presidente do Conselho Deliberativo americano”. Enquanto isso, outros optavam por acionar figuras ainda mais fortes do Estado brasileiro, como o Ministro dos Transportes, Mário Andreazza,<sup>546</sup> o Ministro do Trabalho e, mais tarde, da Educação, Jarbas Passarinho,<sup>547</sup> e até o Presidente Médici.<sup>548</sup>

<sup>537</sup> Deputado entra na briga com paulista. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 21 set. 1967, p. 12.

<sup>538</sup> Deputado é atleticano mas sai pelo América. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 22 set. 1967, p. 12.

<sup>539</sup> Para uma breve biografia política de José de Magalhães Pinto, ver: KORNIS, Mônica; SOUSA, Luís Otávio de. José de Magalhães Pinto. [verbete] In: ABREU, Alzira Alves de. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2001. Disponível em: [bit.ly/2RNi01r](http://bit.ly/2RNi01r). Acesso em: 25 jan. 2020.

<sup>540</sup> Cf. América quase na Taça Prata. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 18 nov. 1967. [capa]; Só falta Otávio aceitar e América entra no Prata. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 18 nov. 1967, p. 4; CBD adia decisão, até Israel quer o América. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 22 nov. 1967, p. 11.

<sup>541</sup> PRADO, Márcio Rubens. o negócio é o seguinte. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 07 jun. 1969, p. 4.

<sup>542</sup> Cf. PRADO, Márcio Rubens. o negócio é o seguinte. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 07 jun. 1969, p. 4; PAPINI, Paulo. Lembrando o jogo [...]. *Diario da Tarde*, coluna Dente de Coelho, Belo Horizonte, 13 jul. 1970, p. 4.

<sup>543</sup> Cf. Se dobrar o passo América entra no Robertão. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 17 maio 1969, p. 6.

<sup>544</sup> PAPINI, Paulo. Exemplo do Cruzeiro e solução do América. *Diario da Tarde*, coluna Dente de Coelho, Belo Horizonte, 5 dez. 1966, p. 9.

<sup>545</sup> Se dobrar o passo América entra no Robertão. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 17 maio 1969, p. 6.

<sup>546</sup> Cf. O América pode jogar no Maracanã, domingo. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 26 ago. 1969, p. 14.

<sup>547</sup> Cf. América é mais o Passarinho. Diz que entra. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 29 jul. 1970, p. 11.

<sup>548</sup> Cf. América vai até a Medici para entrar. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 3 jul. 1970, p. 16.

Apesar disso, conforme sustentou Jorge Fernando Moreira<sup>549</sup> em sua dissertação de mestrado, naquela ocasião João Havelange era tido como um homem de confiança da “linha dura”, uma figura política muito mais alinhada ao general Médici que os castelistas que governaram o país nos dois primeiros anos da Ditadura Militar. O que, para o mestre em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), explica o fato de o presidente da CBD ter grande autonomia para conduzir os esportes brasileiros durante 1967 e 1974. Aliás, suponho que o mesmo possa ser dito do Coronel José Guilherme Ferreira, que foi nomeado, pela primeira vez, presidente da FMF, no ano de 1966, por indicação dos militares brasileiros. E, como vimos, para João Havelange, a principal competição nacional de futebol interclubes, ao menos durante a vigência da Taça de Prata, deveria seguir o mesmo formato previsto pelos dirigentes cariocas e paulistas nos anos de 1967 e 1968. Dirigentes como João Mendonça Falcão, presidente da FPF, que, em novembro de 1967, também “deixou transparecer que não aceita[ria] jogadas políticas”<sup>550</sup> para a inclusão de novos clubes no torneio.

Mas, afinal de contas, por que o América ficaria de fora dessas competições? Quais as razões seriam levadas em consideração pelos organizadores do Robertão para não o incluir no restrito grupo de clubes brasileiros participantes do torneio nacional? E, como se verá a seguir, ao contrário do que disse Carlos Paiva, as justificativas apresentadas estavam longe de se restringirem aos fracassos americanos nos últimos campeonatos mineiros.

### 5.3 “Tua torcida feminina é demais”

Muito embora, para Carlos Paiva,<sup>551</sup> o América tivesse sido preterido por “não apresent[ar] bons resultados” no Campeonato Mineiro, a questão financeira foi a principal justificativa usada pelos promotores do Robertão para definir quais clubes seriam ou não incluídos na disputa nacional. Em grande medida, as bases desse argumento foram lançadas quando as Federações Carioca e Paulista de Futebol organizavam, ainda, as duas primeiras e experimentais edições do torneio. No mesmo dia em que a tabela do certame de 1967 veio a público, por exemplo, o *Diario da Tarde* repercutiu a fala de Mendonça Falcão, presidente da FPF, de que sua recusa ao América não teria sido conduzida “por desprezo ao futebol

---

<sup>549</sup> MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D’Amaral. *Futebol e Ditadura Militar: elaboração dos projetos políticos para o futebol brasileiro 1966-1971*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017, p. 117-119.

<sup>550</sup> CBD adia decisão, até Israel quer o América. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 22 nov. 1967, p. 11.

<sup>551</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Minha paixão: o América Futebol Clube, BH, o América Mineiro*. Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2011, p. 23.

mineiro” ou ao clube belo-horizontino, mas apenas porque a “meta do torneio [era] dinheiro e não compaixão”.<sup>552</sup> Mas se, naquela ocasião, os argumentos de Mendonça Falcão já não foram muito bem aceitos pela opinião pública da capital mineira, ufanista de seu novo e rentoso estádio, seu apreço na cidade e, em especial, entre os americanos, sofreu uma baixa ainda maior quando, em setembro daquele ano, ele usou o América como ilustração para justificar a seleção dos clubes que comporiam a disputa de 1968. Referindo-se ao clube belo-horizontino como um “time pequeno”,<sup>553</sup> de “torcida muito pequena”,<sup>554</sup> o presidente da FPF diria que “[n]o Robertão só entra[vam aqueles] capazes de garantir o sucesso financeiro do torneio”.<sup>555</sup> E, para ele, clubes como o América, “desconhecido nos outros Estados [sic]”, “não seria atração nenhuma” para os torcedores do restante do país.

Como esperado, a fala do dirigente paulista provocou uma forte reação por parte dos americanos, que não aceitariam quem quer que fosse chamar seu clube do coração de “pequeno”. Uma reação que, em vários momentos, foi levada para o lado pessoal, como no caso de Paulo Papini,<sup>556</sup> que, em sua tradicional coluna “Dente de Coelho”, do *Diario da Tarde*, aproveitou a ocasião para relembrar a todos os esquemas de “corrupção” praticados pelo deputado Mendonça Falcão, que só não teve seu mandato cassado porque “exigiu” “esforços desumanos” de João Havelange “junto às autoridades federais”. Como se não bastasse, nesse texto o colunista americano ainda desqualificou o dirigente paulista, chamando-o de “cafajeste”, “energúmeno”, “que não anda de quatro porque a classe cavalari e os quadrúpedes iriam protestar”. E, dirigindo-se diretamente a Mendonça, que não devia ter seu sobrenome de Falcão pronunciado porque “o falcão é uma ave distinta, coitada dela”, ele ainda disse:

Pequeno é você seu Falcão, porque além disso ainda é sujo, pois dizem que você não faz a barba e chega a exalar cheiro de vela, o mais desagradável odor dêste mundo. Sujo por fora e pequeno por dentro. E se por acaso eu estivesse perto do local onde você fez tal declaração, garanto-lhe que ali não nasceria mais “capim”, e o prejudicado seria você, que contaria com menos alimentação futura.

Talvez, para sua infelicidade, pouco tempo após dar essas declarações, Mendonça Falcão se viu em Belo Horizonte na condição de presidente da FPF, em função de um jogo já

<sup>552</sup> Falcão diz que América só iria por compaixão. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 11 jan. 1967, p. 12.

<sup>553</sup> PAPINI, Paulo. Falcão é uma ave tão distinta, coitada dela. *Diario da Tarde*, coluna Dente de Coelho, Belo Horizonte, 18 set. 1967, p. 18.

<sup>554</sup> Minas só vai ao Robertão se América entrar. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 19 set. 1967, p. 10; Prata para o América só mesmo com sorte. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 17 dez. 1967, p. 12.

<sup>555</sup> Vaia e passeata apavoram Falcão. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 21 set. 1967, p. 12.

<sup>556</sup> PAPINI, Paulo. Falcão é uma ave tão distinta, coitada dela. *Diario da Tarde*, coluna Dente de Coelho, Belo Horizonte, 18 set. 1967, p. 18.

programado entre as seleções de Minas Gerais e São Paulo. Antes mesmo da delegação paulista chegar à capital mineira, a recém-fundada Torcida Uniformizada Feminina do América (TUFA) convocou os belo-horizontinos para uma “passeata de desagravo”<sup>557</sup> ao dirigente do estado vizinho. Tão logo soube da iniciativa, Mendonça Falcão a ironizou, dizendo que “passeata [era] coisa de provinciano”, que estava “achando muita graça nisso da torcida mineira sair pelas ruas [...] só para protestar contra o que [ele] disse” e que “se pudesse influir entre os que est[avam] fazendo êsse movimento, daria uma opinião – que f[izessem] essa passeata na hora do jôgo, em direção ao Estádio, pois assim a renda pode[ria] ser maior”.<sup>558</sup> Contudo, conforme noticiou o *Diario da Tarde*, à medida que o dirigente paulista foi tomando conhecimento dos planos americanos, “esta tranquilidade e até êste senso de humor [...] foram acabando”.

Em um contexto em que sair às ruas para protestar não era visto com bons olhos, a TUFA se precaveu para que tudo saísse dentro do planejado.<sup>559</sup> Dias antes da passeata, as organizadoras conseguiram que o Departamento de Trânsito autorizasse um longo desfile pelas ruas do centro da cidade – “rua Carijós, avenida Olegário Maciel, rua dos Caetés, avenida Afonso Pena, rua da Bahia e rua Goiás” –, devidamente escoltado pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Além disso, “[e]sperando engrossar a passeata com torcedores que est[ivessem] na rua, à tarde, a TUFA dividiu suas 120 associadas em três turmas”. A primeira delas, formada por torcedoras de “mini-saias verdes e blusas brancas com escudo do América”, que carregavam taças e troféus conquistados “pelo clube em tôdas as modalidades de esporte”; a segunda, trajada de “calça comprida branca e blusa verde”, com bandeiras do América e cartazes com “temas esportivos”, aprovados previamente pelo Departamento de Vigilância Social; e a terceira, “com calças compridas verdes e blusas brancas”, seguida pela “charanga” e por uma carreata. Abrindo o desfile, quatro torcedoras seguravam “uma faixa da largura de uma rua [...] contendo os dizeres: ‘Falcão: êste é o América que você tentou humilhar’”. E, na sequência, um “jipe sem capota do ex-diretor de futebol do clube, Valter Ribeiro”, carregava a rainha do América, Selma Marisa Fernandes, candidata a “‘miss’ Futebol Mineiro”. Entre os torcedores, ainda havia “um grande cavalo com a inscrição ‘Federação Mineira de Futebol’” montado por um “cartola”, representando Mendonça Falcão. Uma grande movimentação que pretendia atrair “mais de 10 mil participantes e 200 automóveis”.

<sup>557</sup> Milton teve a idéia que movimentava uma cidade. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 22 set. 1967, p. 12.

<sup>558</sup> Vaia e passeata apavoram Falcão. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 21 set. 1967, p. 12.

<sup>559</sup> As citações referentes ao programa da passeata foram retiradas da matéria publicada pelo *Diario da Tarde* no dia 22 setembro de 1967, p. 12.

Diante das informações recebidas, Mendonça Falcão convocou “os homens fortes do futebol paulista” para discutir a ofensiva recepção que os esperava na capital mineira. E, segundo o *Diario da Tarde*, um de seus conselheiros foi Paulo Machado de Carvalho, que lhe confidenciou que deixaria a esposa na capital paulista e levaria “dois ternos” caso um “fô[sse] rasgado”. Já outros diretores da FPF e de clubes paulistanos aconselharam o presidente da entidade a cancelar a viagem e o jogo por falta de condições, lhe dizendo: “Quem garante que a torcida vai ficar quietinha no Estádio”. Mas essa foi uma escolha que não estava nos planos de Mendonça Falcão, que considerava seu “problema” com o América “um assunto pessoal”, que não t[inha] nada [a ver] com a seleção paulista” e que ele “não [iria] acabar com tudo [...] só por causa de umas vaias no campo”.<sup>560</sup>

Assim, no dia 22 de setembro de 1967,<sup>561</sup> o “presidente da Federação Paulista e todos os seus convidados” aportaram em Belo Horizonte “meio apavorados” com a possível recepção que os aguardava. Procurados pela imprensa da cidade ainda no aeroporto, nenhum deles quis se pronunciar, “dizendo que só o fa[riam] com cópias autenticadas e por escrito, para não haver deturpações”. Já nas dependências do Hotel Normandy, viram “uma multidão” concentrada, com bandeiras e flâmulas do América e vários cartazes em repúdio ao mandatário da FPF (Figura 35). Em um deles, os manifestantes aproveitavam para anunciar quem seria a bola da vez: “Coronel José Guilherme, estamos esperando, para depois falar do senhor”. Da janela de seus aposentos, alguns poucos atletas ouviram provocantes palavras de ordem e alguns foguetes que estouravam bem próximo a eles. Dali também viram a passeata seguir seu cortejo pelo centro da capital mineira em uma prova, segundo o *Diario da Tarde*, de que “Minas t[inha] futebol para dar e vender”. Mais do que isso, recuperando a cultura política da época, o jornal considerou aquela reivindicação como única no mundo, realizada sem “nenhuma interferência de agentes comunistas”, “sem caráter ideológico, sem pretender reivindicação de salários, sem ser marcha contra a política financeira, nem contra o acôrdo MEC-USAID”. “Um sucesso”, portanto.

E, como disse um jornalista,<sup>562</sup> “[m]ais tarde, já sorrindo, e sem o mêdo da degola”, o presidente da Federação Paulista fez um pronunciamento público reiterando suas antigas declarações de que não era “contr[ário a]o América” ou ao estado de Minas Gerais. Segundo ele, as definições no número de participantes do Robertão eram realizadas por um Conselho Executivo composto pela CBD, pela FPF e pela FCF. Um Conselho, como já havia dito o

<sup>560</sup> Vaia e passeata apavoram Falcão. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 21 set. 1967, p. 12.

<sup>561</sup> Sobre a repercussão da visita da delegação paulista à capital mineira e da passeata da TUFA, ver matérias publicadas pelo *Diario da Tarde* do dia 23 de setembro de 1967, p. 12.

<sup>562</sup> Mêdo não fêz mudar opinião de Mendonça. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 23 set. 1967, p. 12.

*Diario da Tarde*<sup>563</sup> em outra oportunidade, que “gosta[va] do Mineirão, a nova mina do futebol brasileiro. Mas só do Atlético e Cruzeiro, os recordistas de renda do Brasil”. E que, por isso, o “América nem sendo campeão ter[ia] vez”, já que “títulos técnicos não [lhe] interessa[vam]”.

Ainda assim, naquela sua vinda a Belo Horizonte, Mendonça Falcão disse à imprensa mineira que, caso esse Conselho deliberasse pela inclusão de novos clubes, ele “não [iria] brigar”. No entanto, acreditava que, “por causa das condições financeiras do país”, o torneio “não poder[ia] ser disputado com mais de 15 [times]”. Tanto era assim que em “uma reunião do Conselho Executivo [ele mesmo] já [havia] f[feito] uma proposição”, não acatada pelos demais membros, “para que o Robertão t[ivesse] 4 clubes paulistas e 4 clubes cariocas”. E que se os mineiros quisessem ser representados por três equipes, que apresentassem “argumento”, “porque na base do ‘muque’ não adianta[va]”. Como, de fato, não adiantou.

Figura 35 – Repercussão da passeata da TUFA



Fonte: *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 21 e 23 set. 1967.

De todo modo, apesar da intensa mobilização americana, as declarações de Mendonça Falcão não podiam ser consideradas totalmente descabidas. Ao longo daqueles anos, a imprensa belo-horizontina repercutiu, em diversas ocasiões, o quanto o América vinha perdendo adeptos na capital mineira; ou, ainda, que o clube já não tinha mais o mesmo apreço dos amantes do futebol na capital mineira. Diga-se de passagem, uma realidade que foi mencionada, em alguns momentos, pelos próprios americanos.

Uma prova disso foi a própria criação da TUFA, que, muito embora fosse composta exclusivamente por “môças”, havia sido idealizada por Nilton de Castro Ribeiro, proprietário

<sup>563</sup> Cf. Otávio tirou América do Robertão: só os 15. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 1 dez. 1967, p. 10.

do salão de beleza “Belle-France”. Segundo as palavras do próprio comerciante, a fundação da torcida feminina do América tinha o objetivo de “fazer renascer a torcida americana, que há muitos anos est[ava] passiva e sem entusiasmo”.<sup>564</sup> Uma avaliação muito semelhante ao idealizador da TUFA foi apresentada pelo próprio presidente do clube, Amador de Barros, às vésperas da partida inaugural do América pelo Torneio Centro-Sul de 1968. Fazendo votos de que a torcida comparecesse ao Independência, ele lembrou que, “há quatro anos”, o América era “o segundo [...] em torcida em Minas, mas, depois da inauguração do Mineirão, [...] com as várias derrotas seguidas [...] ficou como um time pequeno e alguns torcedores passaram até a gostar mais do Cruzeiro”.<sup>565</sup>

Não por coincidência, durante aquela segunda metade dos anos de 1960, à medida que as equipes da capital mineira realizavam suas partidas, a imprensa belo-horizontina repercutia alguns balanços de arrecadação dos jogos que comprovavam o quanto a torcida americana havia perdido espaço para a do Atlético e do Cruzeiro. Um mês após a visita da seleção paulista a Belo Horizonte, por exemplo, o *Diario da Tarde*<sup>566</sup> publicou um *ranking* de rendas obtidas pelos clubes mineiros durante o campeonato estadual daquele ano, indicando que, mesmo faltando seis rodadas para o término da competição, o Atlético, com quase quatrocentos mil cruzeiros novos (NCr\$ 388.268,50), era “o campeão de arrecadação”, o que lhe garantia, segundo o jornal, a vaga na Taça de Prata de 1968. Embora o América figurasse na terceira posição desse *ranking*, o clube teria angariado cerca de cento e quarenta mil cruzeiros novos (NCr\$ 146.298,00), pouco mais de um terço dos atleticanos e menos da metade do Cruzeiro, o segundo colocado, com quase duzentos e noventa mil cruzeiros novos (NCr\$ 287.440,00). Já em meados dos anos de 1970, o mesmo *Diario da Tarde*<sup>567</sup> noticiou que o América teria tido um prejuízo de quase sete mil cruzeiros (Cr\$ 7 mil) na primeira rodada do Campeonato Mineiro, enquanto, na segunda partida válida pela competição estadual, o clube praticamente “não ganhou nada”, de tão pequeno que havia sido o seu público pagante. Outro caso icônico nesse sentido aconteceu mais uma vez em jogo válido pelo certame estadual, realizado um mês antes da estreia americana no Torneio Centro-Sul. Naquela ocasião, a diretoria americana recusou a proposta cruzeirense de mil cruzeiros novos (NCr\$ 1.000,00) para realizar sua partida contra o inexpressivo Independente Atlético Clube de Uberaba, lanterna da competição, como preliminar do confronto da equipe celeste no

<sup>564</sup> Milton teve a idéia que movimentava uma cidade. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 22 set. 1967, p. 12.

<sup>565</sup> América com time novo, uma atração. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 5 out. 1968. [contracapa]

<sup>566</sup> Robertão tem o Atlético certo. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 6 nov. 1967, p. 27.

<sup>567</sup> América só tem prejuízo. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 7 jul. 1970, p. 14.

Mineirão, acreditando ser capaz de arrecadar bem mais do que isso mandando seu jogo isoladamente em seu estádio.<sup>568</sup> Apesar de realmente superar a quantia proposta pela diretoria cruzeirense, contrariando as expectativas dos dirigentes do América, no dia da apresentação americana as bilheterias do Estádio Alameda registraram menos de quatro mil cruzeiros novos (NCr\$ 4.000,00) com a venda de ingressos. Um prato cheio para que o humorista Augusto Rocha<sup>569</sup> escrevesse na seção “Bi-toque”, do *Diario da Tarde*, a seguinte piada: “A renda do clássico da morte, América e Independente, não chegou a quatro mil cruzeiros novos. É mais uma prova de que a torcida do América é igual à linha do Equador. Todo mundo sabe que existe, mas ninguém vê.”

No entanto, durante aquele contexto, os americanos se recusaram a aceitar que seu clube do coração vivia aquela triste realidade. Mas o que seria capaz de reverter aquele cenário? A saída vislumbrada pelos americanos parecia ser uma só: encontrar uma fonte de renda fixa e fazer sua equipe de futebol novamente brilhar nos gramados. A questão que se impunha, portanto, era como fazer isso. Conseguir a fonte de renda antes, durante ou depois da montagem do plantel competitivo? Eis o grande dilema sobre o qual debateriam os americanos por horas a fio.

#### 5.4 “Mantendo o nosso espírito esportivo, social e cultural”

*Acredito que quando o América tiver um grande time vai recuperar a hegemonia de uma das maiores torcidas de Minas, a segunda, e que pode ser até a primeira.*

Como dito anteriormente, o Independência cedeu lugar ao Mineirão, e o Roberto Gomes Pedrosa virou “Robertão” porque a situação financeira dos principais clubes do nosso futebol não era nada alvissareira. Mas se engana quem pensa que, a partir de 1967, essa realidade mudaria da “água para o vinho”.

Em pleno 9 de setembro de 1969, por exemplo, o cronista Vicente Gomes<sup>570</sup> publicou mais um de seus “raios-x” do futebol mineiro no *Diario da Tarde*. Sugestivamente intitulado “Mineiro de pires e vela na mão”, naquele texto, Vicente Gomes afirmava que a “situação financeira do futebol mineiro [era] ruim e faz[ia] lembrar a todos a época do velho Independência”. Segundo ele, após a construção do Mineirão, os clubes da cidade ganharam

<sup>568</sup> Torcedor, ajude agora o América. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 22 ago. 1968, p. 12.

<sup>569</sup> ROCHA, Augusto. Agora Golias será Falcão. *Diario da Tarde*, DT Esportes, coluna Bi-toque, Belo Horizonte, 26 ago. 1968, p. 10.

<sup>570</sup> GOMES, Vicente. Mineiro de pires e vela na mão. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 9 set. 1969, p. 13.

“muito dinheiro” e até conseguiram entrar no Robertão. Mas, depois disso, também “começaram a fazer grandes contratações, inflaciona[ndo] o pobre futebol mineiro”. E se a prática de pagar “luvas”, “ordenados” e “bichos” astronômicos havia impactado a saúde financeira de Atlético e Cruzeiro, “os maiores e melhores times daqui”, para Vicente Gomes, “os únicos que leva[va]m dinheiro para a Federação”, sendo, por isso, “bem amparados” pela entidade mineira, o que diriam dos clubes do interior do estado ou até mesmo do América, que, como vimos, encontrava enormes dificuldades em levar público pagante aos seus jogos?

Por isso, muito embora a declaração da epígrafe deste tópico, dada por Rui da Costa Val poucos dias antes das eleições presidenciais do América, ocorridas no final de 1967,<sup>571</sup> fosse quase um lugar-comum entre os americanos, viabilizá-la não era tarefa das mais fáceis.

Ainda no ano de 1966, a diretoria do clube divulgou a intenção de transformar seu estádio de futebol em um parque esportivo de ponta, dotado de quadras de basquete, futebol de salão, vôlei, peteca, um ginásio poliesportivo, salão de jogos, um parque aquático com piscina olímpica, social e infantil, salões de festas e até um conjunto de lojas e um supermercado. “O maior clube situado no centro de Belo Horizonte... e o mais completo!” (Figura 36), como diz o encarte de divulgação do projeto. O “maior lançamento do ano!”, anunciou o *Diario da Tarde* (Figura 37). Um projeto, como afirmou o americano e colunista do *Diario da Tarde*, Paulo Papini,<sup>572</sup> que poderia fazer o América seguir o mesmo caminho do Cruzeiro, que no início dos anos de 1960 inaugurou sua Sede Campestre, na Pampulha, e conseguiu montar um grande e vitorioso plantel com recursos permanentes de seu novo clube social e esportivo.

Figura 36 – Encarte de divulgação do Centro Social e Desportivo do América

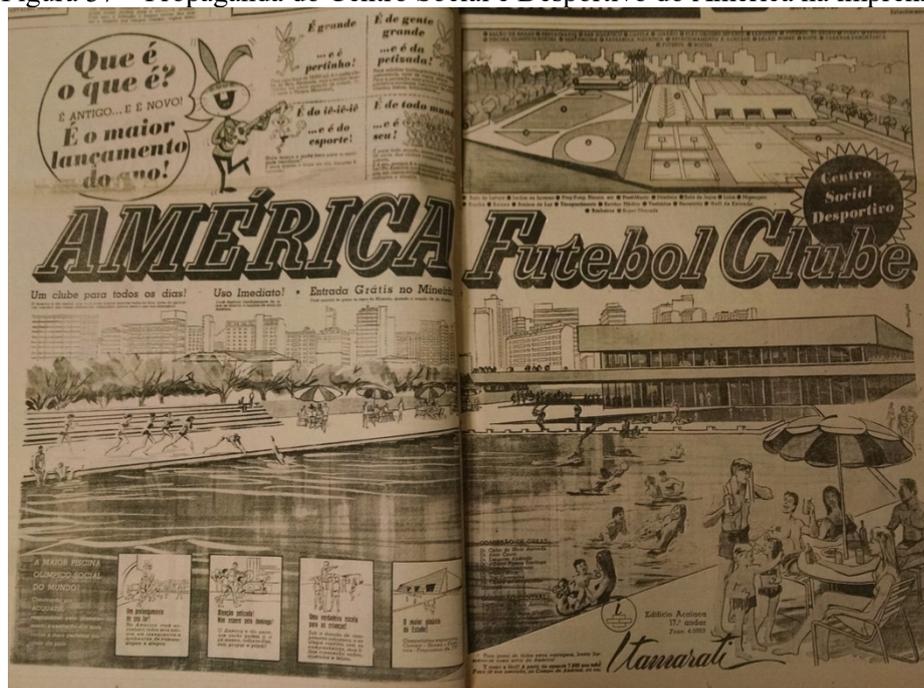


Fonte: Acervo de Milton Machado Mourão.

<sup>571</sup> Rui já aceitou, é presidente dia 12. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 22 nov. 1967, p. 11.

<sup>572</sup> PAPINI, Paulo. Exemplo do Cruzeiro e solução do América. *Diario da Tarde*, coluna Dente de Coelho, Belo Horizonte, 5 dez. 1966, p. 26.

Figura 37 – Propaganda do Centro Social e Desportivo do América na imprensa



Fonte: *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 5 dez. 1966, p. 6-7.

Assim, a partir de 1966, o empreendimento se converteu em uma verdadeira obsessão para os americanos, que o viam como uma espécie de panaceia para os problemas financeiros que assolavam os clubes da cidade e, principalmente, para a crise de títulos e de prestígio social vivida pelo América. A ponto de Márcio Rubens Paiva noticiar em sua coluna “O negócio é o seguinte” a intenção do diretor de relações públicas do América divulgar “um listão dos americanos que ainda não compraram os títulos do Centro Social Desportivo”, como forma de constrangê-los publicamente. Apesar disso, os anos iam se passando, e nada do Centro Social e Desportivo americano ser inaugurado. Aliás, o mais próximo possível do projeto original que o América chegou foi a abertura ao público do Parque Aquático e da sede administrativa, na virada de 1970 para 1971. E, ao que tudo indica, o principal entrave para a concretização do tão sonhado empreendimento americano foi a dificuldade dos dirigentes em conciliar o financiamento das obras com o investimento para a montagem de sua equipe de futebol profissional.

O principal indício da existência desse impasse foi a crise política vivenciada pelo América durante a gestão de Amador de Barros. Sua eleição à presidência, realizada no final de 1967, representou a conciliação de dois projetos políticos opostos: um deles acreditava que o clube deveria ser gerido por americanos ilustres da política institucional brasileira, personalidades potencialmente fortes “para buscar a indicação do América para o Robertão,

usando[, para isso,] apenas de seu[s] prestígio[s] pessoa[is]”;<sup>573</sup> e um outro grupo, que defendia a tese de que, “para ser presidente do América”, era preciso não apenas “expressão [social] para exercer o cargo” como também “dinheiro” para financiar os seus audaciosos projetos.<sup>574</sup> A solução encontrada pelos conselheiros do clube naquela ocasião foi eleger uma chapa encabeçada por Amador de Barros, um rico industrial e ex-prefeito da cidade de Campo Belo, onde, aliás, era um dos “donos” de um clube chamado Comercial,<sup>575</sup> tendo como vice Rui da Costa Val, ex-goleiro profissional do América e, à época, diretor do Departamento de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte.

O ponto alto dessa parceria veio logo no segundo semestre do ano seguinte, quando o futebol brasileiro aguardava ansiosamente o início de mais uma edição do Torneio Roberto Gomes Pedrosa. Durante aquela segunda metade de 1968, enquanto o vice-presidente americano “convers[ava] com muitos políticos influentes, inclusive com o chefe da casa civil da Presidência da República”, chegando a dar como certa a entrada do América no Robertão do ano seguinte,<sup>576</sup> Amador de Barros injetava muitos recursos pessoais para atrair os americanos de volta ao campo. A primeira estratégia nesse sentido foi a montagem de uma equipe com os “melhores jogadores indicados pela crítica especializada”,<sup>577</sup> como o capixaba Pedro Omar, do Fluminense, e vários outros do interior do estado, como Batista, do Valério, Hale, do Formiga, e Ferreira, do Uberlândia.<sup>578</sup> Mas como manter um bom time de futebol sem jogos atrativos, capazes de produzir boas arrecadações de bilheterias?

Uma alternativa, apresentada pelo dirigente Eder de Castro,<sup>579</sup> era a realização de uma longa excursão percorrendo as cidades de Vitória, Salvador, Recife, Fortaleza, Belém e Manaus. Do norte do país, a delegação americana seguiria ainda para Venezuela, Peru, México, terminando o giro nos Estados Unidos. Segundo as negociações, por cada jogo no Nordeste e no Norte do Brasil, o América receberia três milhões de cruzeiros novos (NCr\$ 3 mi) e, no exterior, três mil dólares (US\$ 3.000,00). A proposta perdeu força, contudo, quando os demais diretores do América, incluindo Amador de Barros, perceberam que a possível arrecadação do clube com a participação no Torneio Centro-Sul seria praticamente equivalente à tentadora excursão sugerida pelo “homem de confiança do presidente” americano. Especialmente porque, naquele segundo semestre, os principais nomes do futebol

<sup>573</sup> América tenta agora renovar sua política. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 30 nov. 1967, p. 12.

<sup>574</sup> Rui engaveta os planos e dá seu adeus ao América. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 25 nov. 1967, p. 11.

<sup>575</sup> Querem a cabeça do Amador. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 24 maio 1969, p. 8-9.

<sup>576</sup> Cf. América não tem nada contra TJD. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 30 out. 1968, p. 9.

<sup>577</sup> América completo no sábado. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 1 out. 1968, p. 12.

<sup>578</sup> Novo América já enche o campo. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 2 out. 1968, p. 14.

<sup>579</sup> Cf. Buião e Gilson para América. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 11 set. 1968, p. 12; Amador, o Centro-Sul é muito mais negócio. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 13 set. 1968, p. 12.

venezuelano e peruano estariam às voltas com a disputa da Taça Libertadores da América.<sup>580</sup> Além disso, os americanos acreditavam que uma boa participação na competição interestadual promovida pela CBD poderia representar uma “porta aberta para o Robertão do ano que vem”,<sup>581</sup> uma espécie de “cartão de visita para que os ‘cartolas’ que orienta[vam] o nosso futebol t[ivessem] a certeza de que est[ávamos] em igualdade de condições com São Paulo e Rio”.<sup>582</sup> Mais do que isso, circulavam boatos de que seu campeão provavelmente disputaria uma vaga na Taça continental contra o vencedor do Robertão daquele ano.<sup>583</sup>

Assim, o América, presidido por Amador de Barros, lançou todas as suas fichas na disputa do Torneio Centro-Sul de 1968. Às vésperas da estreia do clube na seletiva mineira da competição interestadual, a diretoria americana conseguiu transferir todos os seus jogos como mandante para o Estádio Independência, que estava “em melhores condições que seu velho estádio”.<sup>584</sup> E seu Departamento de Relações Públicas empreendeu uma grande campanha para atrair a torcida, mandando afixar nas “principais ruas e avenidas da cidade” a seguinte faixa: “Torcedor, prestigie o novo América no torneio centro-sul comparecendo aos seus jogos.”<sup>585</sup>

Em um primeiro momento, a aposta americana parece ter sido a mais correta. Em um dos últimos aprontos da equipe antes de seu primeiro confronto pelo “turno eliminatório”, disputado contra outros clubes de Minas, o *Diario da Tarde*<sup>586</sup> noticiou que as arquibancadas de seu Estádio Alameda estavam “cheias” de torcedores. No dia em que o América estreou pelo certame, Amador de Barros declarou à imprensa que “quer[ia] ver o estádio cheio [também], pois ele ainda acredita[va] que o seu clube t[inha] tantos torcedores quanto Atlético e Cruzeiro”.<sup>587</sup>

Depois de vencer as duas primeiras rodadas em casa, a diretoria do clube chegou a “pagar cinco milhões ao Democrata” de Sete Lagoas para inverter o mando de campo para o Independência, acreditando, assim, ser possível arrecadar mais de vinte milhões de cruzeiros novos (NCr\$ 20 mi) com a partida.<sup>588</sup> Embora naquele domingo as bilheteria do Independência registrassem pouco menos da metade do que esperava a direção americana,

<sup>580</sup> Amador, o Centro-Sul é muito mais negócio. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 13 set. 1968, p. 12.

<sup>581</sup> Ferreira é quase do Atlético. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 26 set. 1968, p. 12.

<sup>582</sup> América completo no sábado. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 1 out. 1968, p. 12.

<sup>583</sup> Amador, o Centro-Sul é muito mais negócio. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 13 set. 1968, p. 12.

<sup>584</sup> Novo América já enche o campo. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 2 out. 1968, p. 14.

<sup>585</sup> América completo no sábado. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 1 out. 1968, p. 12.

<sup>586</sup> Novo América já enche o campo. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 2 out. 1968, p. 14.

<sup>587</sup> América com time novo, uma atração. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 5 out. 1968. [contracapa].

<sup>588</sup> Cf. América e Democrata é no Sete. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 11 out. 1968, p. 14.

para Márcio Rubens Prado,<sup>589</sup> titular da coluna “O negócio é o seguinte”, a renda de quase dez milhões de cruzeiros (Cr\$ 10 mi) obtida pelo clube evidenciava que “a torcida americana est[ava] voltando, gradativamente, ao campo”. E o principal símbolo disso, segundo ele, foi o fato de que, naquele mesmo dia, os belo-horizontinos receberam em seus televisores a “transmissão direta de Cruzeiro e Santos, que ‘ainda’ é um dos maiores clássicos do futebol nacional”.

O desempenho do time americano, que terminou não só aquela primeira fase do Torneio Centro-Sul invicto, mas que vinha de uma invencibilidade de 12 jogos,<sup>590</sup> produziu uma onda de otimismo entre os torcedores do clube. Depois da terceira vitória consecutiva na competição interestadual, Márcio Rubens Prado<sup>591</sup> expressou todo esse sentimento dos americanos em mais uma de suas crônicas para a coluna “O negócio é o seguinte”. Logo no primeiro parágrafo de seu texto, sugestivamente intitulado “Americano ri à toa”, o adido defensor do América no *Diario da Tarde* escreveu:

Pois é, minha senhora. Antigamente, segunda-feira era o pior dia da vida de um americano. Sempre amanhecíamos na maior ressaca cívica, procurando psiquiatras, cardiologistas, cartomantes e curandeiros, a ver se curávamos o mal infalível das derrotas dominicais. Como os tempos mudaram! Tôda segunda-feira agora é dia de líquidas comemorações, pois o nosso time resolveu ir de vez pras cabeças. Êsse torneio Centro Sul, por exemplo, já é barbada tranquila. Cada adversário que aparece é faturado de conforme, sem problemas maiores. Valério, Formiga e Democrata já viram o que é bom para tosse e os grandões aí – Cruzeiro e Atlético – que se cuidem. Até o apelido de sofreadores, que carregávamos com bíblico estoicismo nesses anos todos, perdeu a razão de ser. Agora, estamos vivendo na base do “alegria, alegria”, “distribuindo sorrisos e irradiando simpatia, em mil e tantos quilociclos”.

Ainda aquele ano, o mesmo Márcio Rubens Prado<sup>592</sup> comentou em sua coluna uma promoção intitulada “Carteira do Torcedor”, talvez um ensaio do que tempos mais tarde seriam os programas de sócio-torcedor dos clubes brasileiros. E, segundo ele, àquela altura, as vendas apontavam que a “torcida em Belô est[ava] nesta base: 40 por cento de atleticanos, 36 por cento de cruzeirenses e 24 por cento de americanos”. Um placar que, para o colunista, deveria ser usado pelos “que viv[iam] trombeteando por aí que a diferença [das torcidas dos dois primeiros para a americana era] quilométrica”. E, se alguém lhe viesse “com a desculpa de que entra poder econômico na história”, ele não aceitaria, “porque a Carteira é baratinha e o torcedor que é torcedor, tem orgulho de comprar a sua”.

<sup>589</sup> PRADO, Márcio Rubens. Americano ri à toa. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 15 out. 1968, p. 16.

<sup>590</sup> Cf. América quer deixar o Centro-Sul. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 31 out. 1968, p. 13

<sup>591</sup> PRADO, Márcio Rubens. Americano ri à toa. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 15 out. 1968, p. 16.

<sup>592</sup> PRADO, Márcio Rubens. Americano ri à toa. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 15 out. 1968, p. 13.

Mas isso durou pouco. Apesar de realizar três dos quatro confrontos da seletiva no Independência, as arrecadações dos jogos não foram suficientes para bancar o valoroso plantel montado por Amador de Barros. Além disso, os já comentados desentendimentos do clube com a FMF na elaboração da tabela de jogos da segunda fase do interestadual levaram o América a perder a possibilidade de fazer uma rentosa “excursão pelo nordeste do Brasil”, “cancel[ando] vários amistosos que estavam praticamente acertados”,<sup>593</sup> prejudicando ainda mais suas finanças. Sem jogos para disputar, os atletas passaram a se desinteressar pelos treinos e ameaçavam abandonar o clube,<sup>594</sup> de modo que a diretoria americana chegou a aventar a possibilidade “de dispensar seus profissionais que praticamente receb[iam] sem jogar”.<sup>595</sup> Para piorar a situação, depois de quase um mês de negociações, o time americano fez uma péssima campanha na fase seguinte do Centro-Sul, vencendo apenas um de seus quatro confrontos contra os clubes do Espírito Santo.

Tudo isso representou um balde de água fria para as pretensões de Amador de Barros. Um dia após a eliminação americana no Torneio Centro-Sul, por exemplo, o *Diario da Tarde*<sup>596</sup> publicou uma matéria sobre aquele primeiro ano de sua gestão, dizendo que o “presidente milionário”, que em “janeiro [...] era um homem forte, entusiasmado, alegre”, que “[c]onversava com todos, dando atenção a tudo”, que “[d]ificilmente deixava de fazer uma brincadeira com os amigos”, parecia, agora, “ter envelhecido 20 anos”. Desejoso de fazer do América “um dos melhores times do Brasil”, ele já havia gasto “mais de um bilhão de cruzeiros velhos” com os “melhores jogadores do interior, deixando Atlético e Cruzeiro para trás, “pagou quase tôdas as dívidas do clube, reorganizou a parte administrativa, e procurou dar mais confôrto aos jogadores”. Apesar disso, só havia colhido “aborrecimentos, incompreensão, críticas injustas, e até ameaças dos próprios torcedores”.

Diante disso, logo nos primeiros anos de 1969, Amador de Barros propôs o encerramento provisório do departamento de futebol do clube após a disputa do campeonato estadual e o leilão dos atletas profissionais caso o América não entrasse no Robertão e “o dinheiro não aparece[sse]”.<sup>597</sup> Essa sugestão fez com que alguns de seus antigos apoiadores, como o colunista Paulo Papini,<sup>598</sup> defendessem, de maneira veemente, sua saída da

<sup>593</sup> O Centro-Sul já revolta América. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 8 nov. 1968, p. 11.

<sup>594</sup> Cf. América vira bagunça com a falta de jogos. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 9 nov. 1968, p. 4.

<sup>595</sup> Centro-Sul vira bagunça na CBD. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 8 nov. 1968, p. 16.

<sup>596</sup> Só deus salva o América. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 9 dez. 1968, p. 10.

<sup>597</sup> Um lugar no Robertão e o América estará salvo. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 10 maio 1969, p. 6.

<sup>598</sup> Sobre o seu apoio a Amador de Barros, ver: PAPINI, Paulo. Quando vou iniciar [...]. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 28 set. 1968, p. 11. Já suas críticas podem ser lidas em: PAPINI, Paulo. Francamente

presidência, chegando, inclusive, a questionar sua prestação de contas à frente do clube. A saída encontrada pelos americanos, e apoiada por Amador de Barros e Rui da Costa Val,<sup>599</sup> foi a reativação do Conselho Deliberativo do clube, paralisado desde as eleições de 1967, para que ele servisse como uma espécie de agente fiscalizador da direção executiva.

Tão logo o Conselho foi formalizado, tendo como presidente Milton Machado Mourão,<sup>600</sup> Amador de Barros foi convocado para prestar esclarecimentos quanto aos seus planos para o América. Assim, em reunião realizada no dia 19 de junho de 1969, o então presidente em exercício apresentou um projeto composto de três itens: a reformulação e a paralisação temporária do departamento de futebol, considerado deficitário; a transferência dos atletas remanescentes para “uma casa muito grande lá em Betim”, adquirida com recursos próprios; e a aceleração das obras do Centro Social e Desportivo. Além disso, Amador de Barros se prontificou a quitar as dívidas do América desde que recebesse “alguma garantia em troca, e essa garantia seria representada por 500 títulos de socios beneméritos, no valor de NCr\$ 500 cada um, o que poderia diminuir e muito sua conta particular”.<sup>601</sup>

Mesmo tendo sua proposta recusada pelos conselheiros, no início de setembro daquele ano, Amador de Barros colocou parte de seu plano em prática, anunciando a interrupção das atividades do departamento de futebol do América. Em carta endereçada ao Conselho Deliberativo, o presidente se justificou dizendo

[...] que o América não tinha condições para sobreviver apenas como time de futebol. Isso porque dispõe de pequena torcida e não é auto-suficiente em virtude da inexistência de um quadro social. Esclareci na oportunidade, que somente o Centro Social Desportivo se poderia salvar e, em futuro próximo, consolidar a situação econômico-financeira do clube.<sup>602</sup>

Por isso, acreditava ser “imprescindível a conclusão da primeira parte do Centro Social Desportivo, integrada pela piscina e pelos vestiários” e que, para realizá-la, estava “disposto a enfrentar as dificuldades financeiras para o êxito deste empreendimento.” Para ele, não fazia sentido os diretores do clube “insisti[rem] no sentido de que um bom quadro de futebol salvaria o América.” E que, diante da ausência de jogos vantajosos no restante do ano, decidiu conceder férias coletivas ao “plantel profissional, que tamanhas desilusões [havi]am trazido.”

---

como [...]. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 10 maio 1969, p. 5; PAPINI, Paulo. Sou um homem [...]. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 12 maio 1969, p. 13.

<sup>599</sup> Cf. Conselho do América acaba com as ondas. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 29 maio 1969, p. 15.

<sup>600</sup> Cf. É o Conselho Deliberativo do América. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 7 jun. 1969, p. 13; América elegeu Mourão presidente. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 11 jun. 1969, p. 11.

<sup>601</sup> Amador tem planos mas o futebol vai acabar. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 20 jun. 1969, p. 13.

<sup>602</sup> Adeus América. Até 70. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 13 set. 1969, p. 6.

A medida tomada por Amador de Barros inspiraria Augusto Rocha<sup>603</sup> a produzir mais uma de suas bem humoradas tirinhas sobre o América para a seção “Bi-toque” do *Diario da Tarde*. Relembrando o audacioso projeto americano de eleger um milionário para conduzir o clube e citando as crises financeiras pelas quais passavam as grandes indústrias do país, ele escreveria o seguinte:

O presidente Amador de Barros, quando comprou, digo, assumiu a presidência do América, botou a bôca no Trombone, anunciando que o clube passaria a funcionar na base de uma emprêsa industrial. O homem prometeu e foi positivo. Vai dar uma de Volkswagen, dando férias coletivas a todo mundo.

Já entre os americanos, a reação foi de completa indignação e repulsa à iniciativa do presidente americano. Em sua coluna “Dente de Coelho”, Paulo Papini<sup>604</sup> escreveu uma crônica sobre a “dona Maria”, “uma preta, velha – de uns setenta anos”, que tinha a “privilegiada virtude de torcer para [o] América” e a “honrada profissão de lavadeira”. De acordo com o colunista americano, “dona Maria” havia ganhado “60 contos” “no jôgo da escala zoológica” e mais “30 milhões de cruzeiros” na Loteria Federal. E, ao invés de “jogar dinheiro de grila e desandar a fazer besteiras fanfarronadas”, ela havia reservado seu dinheiro para comprar “uma máquina de costura”, “uma televisão para cada uma [das] três irmãs”, “[p]assar da cachaça para a cerveja e guardar um dinheiro para os jogadores do América no primeiro campeonato que tirar...”. “E mesmo diante de episódios como êste”, escreveu Paulo Papini, “ainda exist[ia] gente querendo acabar com o futebol do América”.

Sofrendo forte pressão, Amador de Barros decidiu protocolar junto ao Conselho Deliberativo um pedido de licença de seu cargo por três meses. Contudo, em reunião convocada para se discutir a questão,<sup>605</sup> a maior parte dos conselheiros se negava a aceitar a solicitação do presidente, pedindo, em seu lugar, o seu “impedimento” no clube. Após diversas “discussões e brigas, algumas quase para valer”, o próprio Amador de Barros aceitou o desejo da maioria, de modo que seu vice, Rui da Costa Val, foi proclamado o novo presidente do clube.

Logo no dia seguinte à sua nomeação para a presidência do América, o novo mandatário foi à Alameda tranquilizar os jogadores em relação à manutenção do departamento de futebol do clube e dos contratos em vigência. Ainda ali, ele anunciou à

<sup>603</sup> ROCHA, Augusto. Atlético e Cruzeiro, aquele abraço. *Diario da Tarde*, coluna Bi-toque, Belo Horizonte, 15 set. 1969, p. 12.

<sup>604</sup> PAPINI, Paulo. É uma preta [...]. *Diario da Tarde*, coluna Dente de Coelho, Belo Horizonte, 15 set. 1969, p. 7.

<sup>605</sup> Amador cai de madrugada e Rui já é o nôvo presidente. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 17 set. 1969, p. 14.

imprensa sua intenção de promover jogos semanais para o time profissional, alguns dos quais como preliminares, quando Atlético e Cruzeiro disputassem o Roberto Gomes Pedrosa no Mineirão.<sup>606</sup> Agregando, também, alguns “americano[s] de quatro costados”<sup>607</sup> para gerir o clube, como Roberto Prates para a vice-presidência,<sup>608</sup> o coronel Jairo Pereira da Silva<sup>609</sup> para o cargo de diretor de futebol, e Afonso Celso Raso<sup>610</sup> para os esportes especializados, Rui da Costa Val foi reeleito para o cargo em dezembro de 1969. O que, aliás, muito contribuiu para sua bem-sucedida candidatura, no ano seguinte, ao cargo de deputado estadual por Minas Gerais.

Sob o comando de Rui da Costa Val e Roberto Prates, o América iniciou o ano com algumas boas notícias. A primeira, de que a diretoria do clube havia conseguido firmar parcerias e empréstimos com o governo do estado e a prefeitura para viabilizar a conclusão do parque aquático de seu Centro Social e Desportivo.<sup>611</sup> O anúncio fez o América vender novos títulos em pouco espaço de tempo, chegando à marca de sete mil associados antes mesmo da inauguração do clube.<sup>612</sup> Só para se ter uma ideia, naquele mesmo contexto, o tradicional e consolidado Minas Tênis Clube contava com 25 mil adeptos em seu quadro de sócios.

Ao mesmo tempo em que procurava financiar as obras do Centro Social e Desportivo, a nova gestão americana não se descuidava da montagem do elenco de jogadores profissionais, repatriando-os para aquela temporada. Talvez o principal nome anunciado pela direção do clube naquele início de ano tenha sido o repatriamento do cobiçado atacante Jair Bala, para formar, com Ferreira, uma forte dupla de ataque. A contratação do artilheiro inspirou o ilustrador Radik a desenhar uma charge na seção “Bi-toque”, de 16 de fevereiro de 1970 (Figura 38), que fazia um trocadilho entre o apelido do atleta e as “armas” do então treinador da equipe, Orlando Fantoni, dando a entender que Jair Bala era o reforço que faltava ao elenco americano.

---

<sup>606</sup> Cf. Este é o Rui que o Conselho exigiu. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 18 set. 1969, p. 15.

<sup>607</sup> É o Robertinho, um torneio no Robertão. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 24 set. 1969, p. 12

<sup>608</sup> Rui disposto a fazer muito em pouco tempo. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 20 set. 1969, p. 6.

<sup>609</sup> Cf. É o Robertinho, um torneio no Robertão. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 24 set. 1969, p. 12

<sup>610</sup> Rui disposto a fazer muito em pouco tempo. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 20 set. 1969, p. 6.

<sup>611</sup> Cf. Governo ajuda América amanhã: dá NCr\$ 12 mil. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 3 fev. 1970, p. 13; Nem carnaval para treino no América. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 9 fev. 1970, p. 14; América faz tudo para Centro sair. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte 7 mar. 1970, p. 2.

<sup>612</sup> Cf. América espera dinheiro para completar as obras. *Estado de Minas*, Esportes, Belo Horizonte, 22 mar. 1970, p. 4.

Figura 38 – A contratação de Jair Bala por Radik



Fonte: *Diário da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 16 fev. 1970, p. 10.

Enquanto o competitivo time de futebol do América disputava o estadual daquele ano, a diretoria do clube ainda promoveu alguns amistosos de grande repercussão na cidade. Os de maior destaque, sem dúvida alguma, foram os dois confrontos contra o Nacional do Uruguai, no Mineirão. Só para se ter uma ideia, ao anunciar a realização americana, Hélio Fraga,<sup>613</sup> titular da coluna “Por dentro do futebol”, do jornal *Estado de Minas*, escreveu que, naquele “paradeiro do futebol mineiro, em 1970, o América [vinha sendo] o responsável pelas melhores iniciativas”. E aquela, em especial, foi “a melhor de tôdas”. Isso porque, escreveu Ângelo Prazeres<sup>614</sup> em sua coluna “Fora de jôgo”, também do *Estado de Minas*, o Nacional contava com “jogadores extraordinários” e estava “invicto há quase um ano”.

Aliás, foi no primeiro jogo com o Nacional que o América apresentou “uma novidade” aos seus torcedores. Uma “camisa preta e verde”, “em listras verticais” e “com um escudo branco à altura do coração e as iniciais A.F.C.”, “muito vistosa”, “toda de sêda”.<sup>615</sup> Uma possível resposta ao uniforme que vinha sendo usado pelo clube naquele início de ano e que rendeu, inclusive, um crítico texto de Paulo Papini<sup>616</sup> em sua coluna “Dente de Coelho”. De acordo com o representante do América no *Diário da Tarde*, “[m]uita gente [havia lhe] pedido, com insistência, para chamar a atenção da diretoria do América para um detalhe que, à primeira vista, parec[ia] sem importância, mas que no fundo [era] de relevância e merec[ia] cuidado”. E esse detalhe era o “uniforme do América”, composto por listras brancas e verdes “fininhas demais”, que “deixa[vam] o jogador na aparência do esmirrado e esprimido [sic]”.

<sup>613</sup> FRAGA, Hélio. América e Nacional. *Estado de Minas*, Esportes, coluna Por dentro do futebol, Belo Horizonte, 21 mar. 1970, p. 3.

<sup>614</sup> PRAZERES, Ângelo. Foi bom [...]. *Estado de Minas*, Esportes, coluna Fora de jôgo, Belo Horizonte, 23 mar. 1970, p. 2.

<sup>615</sup> Revanche América e Nacional, 4ª. *Diário da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 23 mar. 1970, p. 2.

<sup>616</sup> PAPINI, Paulo. Muita gente [...]. *Diário da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 7 fev. 1970, p. 3.

Para o colunista, “[m]uita gente [era] levada a torcer para um clube em razão das cores de seus uniformes”. Ele mesmo era uma prova disso, já que “na primeira vez [em] que f[oi] a um campo simpatiz[ou] de cara com o vermelho da [...] antiga camisa”. Apesar disso, em sua opinião, aquela “camisinha mixuruca” que vinha sendo usada “[n]ão atra[ía] ninguém” e “poder[ia] até mesmo espantar algum torcedor em potencial, se já não espantou”.

E foi, portanto, trajado de verde e preto, que o América chegou, no dia 24 de julho daquele ano, disputando com o Atlético o simbólico título de campeão do primeiro turno do Campeonato Mineiro. Anunciando a partida, o *Diario da Tarde*<sup>617</sup> fez uma grande manchete intitulada “Enfim está de volta o clássico das multidões” (Figura 39). Abrindo o *release* da matéria, ladeado com fotos dos artilheiros Dario e Jair Bala, o jornal descreveu, da seguinte maneira, o clima de euforia que parecia tomar conta da cidade:

As principais ruas e avenidas da cidade estão movimentadas. O trânsito para o estádio é lento. São milhares de automóveis, caminhões, ônibus e outros veículos que levam os torcedores para o Mineirão. Atlético e América vão reviver o clássico das multidões, e usam bandeiras, flâmulas, fotografias de seus ídolos para animar o carnaval que pretendem fazer.

Figura 39 – Manchete do “clássico das multidões” (24 jul. 1970)



Fonte: *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 24 jul. 1970, p. 14.

Mas, para Radik,<sup>618</sup> o América estava bem distante de reeditar o “clássico das multidões”. Dois dias após a derrota americana pelo placar de 1 a 0, com gol contra de Batista, o ilustrador, pela humorista seção “Bi-toque”, do *Diario da Tarde*, desenhou uma charge que encenava o que, para ele, seria a realidade da rivalidade futebolística belo-horizontina naquele momento (Figura 40). Na primeira cena de sua ilustração, via-se um pequeno coelho, posicionado entre um galo e uma raposa, observando, com atenção e

<sup>617</sup> Enfim está de volta o clássico das multidões. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 24 jul. 1970, p. 14.

<sup>618</sup> RADIK. Saravá para o Coelhoão 70 zero quilômetro! *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 6 jul. 1970, p. 12.

curiosidade, os dois se encararam raivosamente, corpos inclinados para frente, bico e focinho prensados, testas franzidas, dentes à mostra, punhos cerrados e direcionados um contra o outro, como se estivessem prestes a se agredirem fisicamente. Em seguida, o pensativo roedor parecia fugir do fogo cruzado, pulando para trás da raposa, para surpresa dos beligerantes, que o olhavam boquiabertos e alados por pontos de interrogação, ao que ele lhes dizia, sorridente e de braços abertos: “Aqui é bem mais cômodo!”

Figura 40 – A rivalidade do futebol belo-horizontino por Radik



Fonte: *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 27 jul. 1970, p. 12.

Aliás, foi nas páginas da satírica “Bi-toque” que encontrei as leituras simbólicas mais interessantes sobre a forma como a torcida americana e o próprio América vinham sendo representados naquela virada dos anos de 1960 para 1970. No final de fevereiro de 1970, por exemplo, após empatar um amistoso contra o Botafogo, em 0 a 0, no Mineirão, Augusto Rocha<sup>619</sup> escreveu uma tirinha dizendo que o resultado quase teria sido comemorado pela torcida americana. E, segundo ele, “[n]o ameaço de passeata que a charanga do Coelhão-70 começou a ensaiar [...], o americano mais nôvo que [ele dizia ter] manj[ado] tinha no mínimo 45 anos de idade”.

<sup>619</sup> ROCHA, Augusto. América, o vice-vingador dos mineiros. *Diario da Tarde*, coluna Bi-toque, Belo Horizonte, 23 fev. 1970, p. 10.

Já em julho daquele mesmo ano, quando o América se apresentava como um dos possíveis candidatos ao título do Mineiro, Radik<sup>620</sup> ironizou, em mais uma de suas charges, as pretensões do clube. Na ocasião, às vésperas de um jogo contra o Villa Nova, o ilustrador representou um coelho seguro de si, segurando um estandarte com a inscrição “Deca 70”, dizendo: “A década de 70 vai ser do Deca!” Seu interlocutor, um leão villanovense, olhar fixo no estandarte, pincel gotejando na mão e sorriso no rosto, dava-lhe as costas, limitando-se a dizer: “Tô manjando”. Isso porque, em sua travessura, o leão havia incluído, na frase ostentada pelo coelho, as letras “ido”, de modo que o América não seria o “Deca 70”, mas o “Decaído 70”. Expressão, diga-se de passagem, usada, várias vezes, por Augusto Rocha para se referir pejorativamente ao outrora decacampeão mineiro.

Figura 41 – O “Decaído 70”, por Radik



Fonte: *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 6 jul. 1970, p. 14.

Representações, portanto, de grande apelo popular, reveladoras do espaço ocupado pelo América e por seus torcedores dentro do clubismo belo-horizontino daqueles tempos. Mais do que isso, interpretações muito semelhantes àquelas analisadas nas primeiras seções do capítulo *Uma torcida que conversa com as paredes*, como se o América e os americanos já não coubessem dentro do sistema clubístico de representações belo-horizontino. Mesmo assim, entre 1970 e 1971, os americanos visivelmente lutaram contra esse tipo de simbolismo. E foi justamente ambientado nesse cenário que o América lançou no mercado editorial suas duas primeiras obras de memória do clube, ainda muito distantes das “páginas imortais” que foram publicadas em 2012, mas que, aparentemente, foram de grande influência para consolidar o mito da decadente aristocracia americana.

<sup>620</sup> RADIK. Saravá para o Coelho 70 zero quilômetro! *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 6 jul. 1970, p. 14.

## CAPÍTULO 6 – “ERA UMA VEZ UM GRANDE”

Os anos de 1970 não foram muito melhores do que os de 1960 para o América. Mas dizer que aqueles dez anos foram “decaídos anos 70” era exagerar demais. O terceiro lugar no Campeonato Mineiro de 1970 não teria sido tão ruim para o América não fosse a confirmação de que, mais uma vez, o clube estava fora do Robertão. A ausência de grandes jogos no segundo semestre daquele ano fez, mais uma vez, o clube viver uma grave crise financeira. Logo após a exitosa campanha política de Rui da Costa Val para a Assembleia Legislativa de Minas Gerais, os jogadores americanos anunciaram uma greve em função dos “ordenados atrasados”.<sup>621</sup> Energicamente, o presidente do clube colocou os articuladores do movimento à venda e ainda suspendeu os entusiastas da iniciativa, multando todos “em 40% de seus vencimentos”. Além disso, demitiu o técnico Orlando Fantoni, que havia se posicionado, publicamente, em favor da paralisação dos atletas.

Ainda assim, o ano de 1970 guardou uma grata surpresa para os americanos. Embora João Havelange tenha recusado, mais uma vez, a participação do clube na quarta edição do Robertão, justificando que o calendário daquela temporada era atípico em função da realização da Copa do Mundo, ainda em meados de 1970 o presidente da CBD divulgou a intenção de promover, no ano seguinte, um campeonato nacional mais amplo do que até então vinha sendo disputado. E, naquele novo projeto da CBD, muito bem alinhado ao “plano de integração” posto em prática pelo regime militar, não só os “clubes nortistas” seriam contemplados como também alguns outros da região sudeste do país. Dentre eles, o próprio América.<sup>622</sup>

Diante da boa notícia, a diretoria americana se sentiu impelida a montar um forte plantel para demonstrar que o clube realmente tinha capacidade de competir em “pé de igualdade” com os demais clubes participantes da nova competição. Pensando nisso, na virada de 1970 para 1971, Rui da Costa Val organizou um grupo de trabalho dentro do Departamento de Futebol Profissional para “traçar planos para o clube disputar o Campeonato Nacional e para que o time t[ivesse] condições de fazer boa figura no torneio”.<sup>623</sup> Uma cúpula formada por nomes fortes da política americana, como os de: Lísio Juscelino Gonzaga, o “Biju”, supervisor de futebol na gestão de Rui da Costa Val e técnico do time de futebol

---

<sup>621</sup> A tranquilidade do América durou pouco. Acabou ontem, com a greve. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 20 nov. 1970, p. 16.

<sup>622</sup> Cf. Campeonato nacional em 71. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 15 jul. 1970, p. 14.

<sup>623</sup> América quer 500 mil para um nôvo time. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 10 fev. 1971, p. 13.

profissional desde a demissão de Orlando Fantoni;<sup>624</sup> Wilson Gosling, um ex-presidente do América muito apreciado pelos americanos, que, ainda em maio de 1969, assumiu o cargo de supervisor de futebol do clube;<sup>625</sup> Roberto Calvo, conselheiro deliberativo do América e um grande empresário ligado ao ramo de bebidas no estado de Minas;<sup>626</sup> e Delcio Alves Martins, chefe do Departamento de Administração de Minas Gerais, anticomunista convicto e ex-presidente do clube justamente no ano de 1964, quando se posicionou, fervorosamente, a favor do golpe de Estado impetrado pelos militares.<sup>627</sup> Representados por Wilson Gosling, talvez o principal nome do grupo, a “previsão inicial” daquele núcleo gestor era “a de se gastar Cr\$ 500 mil com o futebol, contratando novos jogadores e formando uma grande equipe”. A maior parte desse orçamento, algo em torno de trezentos mil cruzeiros (Cr\$ 300.000,00), deveria ser obtida “com os jogos do time [...] no período de janeiro a agosto”, e o restante com “a campanha dos mil socios e também com outra campanha, a do Centro Social Desportivo”.<sup>628</sup>

Apesar disso, durante os dois primeiros meses de 1971, a imprensa belo-horizontina fez severas críticas quanto à inoperância dos dirigentes americanos. Repercutindo, por exemplo, a participação de Rui da Costa Val no tradicional programa esportivo “Bola na Área”, da *TV Alterosa*, Lauro Diniz, titular da coluna “Bola Livre” do *Diario da Tarde*<sup>629</sup> escreveu que “[n]inguém duvida[va] das boas intenções do clube, mas todos reclama[vam] e insist[iam] na execução dos programas, pois o tempo est[ava] passando e o América, em termos de preparação para o importante torneio, não [havia] d[ado] o ar da sua graça”. E, em tom provocativo, concluiu: “Ou será que o clube pretende pregar uma surpresa em todo mundo, fazendo espetaculares contratações quando faltar apenas um ou dois dias para seu primeiro jôgo?” Ainda nesse sentido, no final de fevereiro daquele ano, o caderno de esportes do mesmo *Diario da Tarde*<sup>630</sup> anunciou mais uma das diversas especulações de contratação de jogadores pelo América, estampando a seguinte manchete: “Até agora o América só falou.

<sup>624</sup> Cf. Um América bem nôvo é a grande meta do clube. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 26 nov. 1970, p. 15.

<sup>625</sup> Cf. Um lugar no Robertão e o América estará salvo; PAPINI, Paulo. Ando ótimo [...]. *Diario da Tarde*, DT Esportes, coluna Dente de Coelho, Belo Horizonte, 17 maio 1969, p. 7; PRADO, Márcio Rubens. América – desta vez ou vai ou racha. *Diario da Tarde*, coluna o negócio é o seguinte, Belo Horizonte, 21 maio 1969, p. 14.

<sup>626</sup> Cf. Mineiros vão à Inglaterra. *Correio da Manhã*, Diretor Econômico, Rio de Janeiro, 28 abr. 1972 [contracapa].

<sup>627</sup> Sobre a trajetória política de Délcio Alves Martins, ver: UDN mineira solidária com ação de Lacerda no combate ao comunismo. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 2 abr. 1963, p. 8; Tropa em MG custou 400 milhões. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 5 abr. 1964 [capa]; Federação Rural acusa Pe. Laje de subversão. *Jornal do Brasil*, 1º caderno, Rio de Janeiro, 18 out. 1964, p. 12.

<sup>628</sup> América quer 500 mil para um nôvo time. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 10 fev. 1971, p. 13.

<sup>629</sup> DINIZ, Lauro. Time de competição. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 15 jun. 1971, p. 15.

<sup>630</sup> Até agora o América só falou. Não contratou ninguém. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 27 fev. 1971, p. 4.

Não contratou ninguém.” Segundo o autor da matéria, o clube não havia concretizado algumas das interessantes transações e renovações de contrato que já haviam sido encaminhadas porque “não t[inha] dinheiro” para pagar o que vinha negociando.

E, mais uma vez, a exemplo da crise vivida pelo América durante a gestão de Amador de Barros, seus dirigentes encontraram uma solução bem caseira para esse problema. Assim, por meio de uma reforma em seu estatuto, a partir do dia 15 de março daquele ano o clube realizou uma extraordinária expansão em seu Conselho Deliberativo, que passou a contar com 570 nomes.<sup>631</sup> E, logo na noite em que os 450 novos conselheiros foram empossados, o América conseguiu “levant[ar], em poucos minutos, Cr\$ 120 mil”, dos quais cem mil foram usados “para comprar [...] Bráulio e Zé Carlos, do Villa Nova” e vinte mil foram enviados ao Corinthians Paulista, para a contratação de Dirceu Alves.<sup>632</sup>

Assim, naquela primeira metade de 1971, o América apostou todas as suas fichas na disputa do Campeonato Mineiro, com o objetivo de mostrar ao futebol brasileiro que realmente tinha condições de participar da nova competição nacional, a ser realizada no segundo semestre. Embora o técnico Biju reconhecesse que seus comandados não eram “malabaristas da bola”, praticantes do tão cultuado “futebol-arte” daqueles tempos, em sua opinião, a diretoria do clube tinha conseguido “armar um time de competição”, com jogadores que “coloca[vam] o coração acima de tudo”, e não “um time medroso”, que “só joga[va] na retranca”, como muitos vinham dizendo.<sup>633</sup> E foi com essa equipe, formada por uma “Legião de Renegados”, como disse Augusto Rocha,<sup>634</sup> na seção “Bi-toque” do *Diario da Tarde*, que o América conquistou, de maneira invicta, seu primeiro título após a inauguração do Mineirão, pondo fim a um jejum de 13 anos sem levantar o caneco estadual. Uma competição marcada por uma série de polêmicas, desde a ameaça atleticana e cruzeirense, levada a cabo parcialmente pelo último, de disputá-la com uma equipe alternativa, sob a justificativa de que seus desinteressantes jogos não viabilizariam a manutenção de seus valorosos plantéis,<sup>635</sup> até uma série de boatos de que América e Cruzeiro, que disputavam a dianteira da tabela de

<sup>631</sup> Para uma listagem completa dos novos conselheiros do América, ver: América empossa hoje os novos conselheiros. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 15 mar. 1971, p. 5.

<sup>632</sup> Conselho do América garante na posse a compra de reforços. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 16 mar. 1971, p. 14.

<sup>633</sup> DINIZ, Lauro. Time de competição. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 15 jun. 1971, p. 14.

<sup>634</sup> ROCHA, Augusto. O América continua [...]. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 9 ago. 1971, p. 20.

<sup>635</sup> Cf. FERREIRA, Arthur. Minas cresceu, não quer mais jogar pelada. *Placar*, n. 43, São Paulo, 8 jan. 1971, p. 6-7; CBD diz à Federação que é contra as viagens. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 25 mar. 1971, p. 16.

classificação, teriam praticado a famosa “mala branca”, oferecendo dinheiro a outras equipes e jogadores, nas rodadas finais, para que eles se empenhassem em seus últimos confrontos.<sup>636</sup>

E foi justamente nesse contexto de aparente reformulação do futebol do América, vivenciado entre os anos de 1970 e 1971, que o público leitor belo-horizontino viu nascer o que parecem ser as duas primeiras obras dedicadas a contar a história do América. Duas publicações ainda muito distantes, é bom que o diga, das “páginas imortais” escritas por Carlos Paiva quase quatro décadas mais tarde. De todo modo, essas duas obras foram não apenas citadas pelo atual historiador do clube em sua *Enciclopédia do América* como também serviram bem mais do que simples inspirações para que ele redigisse seu livro. E que, como produtos tipicamente memorialísticos, essas duas publicações foram igualmente impregnadas pelo momento em que foram lançadas.

### **6.1 “1 bilhão em prêmios”, um fascículo da História do América e “um golpe na cabeça”**

Até meados de 1960, os gestores do futebol brasileiro acreditavam ser possível manter um clube ativo e competitivo apenas com as rendas obtidas nas bilheteria dos jogos e com a transação de alguns pontuais e destacados jogadores. Contudo, a paulatina transformação dos principais confrontos do país em um espetáculo televisivo, a conquista do tricampeonato mundial de futebol pela seleção brasileira na Copa do México, em 1970, e o interesse, cada vez mais frequente, da Europa ocidental por nossos jogadores inflacionaram o mercado futebolístico nacional, especialmente os salários e os passes dos atletas. Além disso, ano após ano, os dirigentes das entidades gestoras do futebol brasileiro procuravam ampliar o número de participantes nos campeonatos estaduais e nacionais, uma prática que respondia, a um só tempo, aos desejos de manutenção do poder político-administrativo no futebol e aos interesses dos militares que governavam o país. Dessa maneira, o excesso de partidas disputadas muitas vezes afastava os torcedores dos estádios, desinteressados pelos confrontos ou incapazes de adquirir tantos ingressos – o que, por sua vez, comprometia a principal fonte de arrecadação dos clubes.<sup>637</sup> Para agravar ainda mais a situação, no início dos anos de 1980 o país atravessou uma das piores recessões econômicas de sua história, vendo-se assolado pela hiperinflação.

---

<sup>636</sup> Cf. À pé do Mineirão à Igreja de Lourdes. É a promessa pelo título. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 15 jun. 1971, p. 14; Corrupção leva América à Justiça contra Fernando. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 22 jun. 1971, p. 14.

<sup>637</sup> Sobre essa situação, ver: FRANCISCHINI, Sandro Luis Montanheiro. *Campeonato brasileiro de futebol e a esportificação do futebol profissional (1971-1979)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFSCAR, São Carlos, 2006.

Segundo o economista Marcelo Proni,<sup>638</sup> esse cenário trouxe repercussões dramáticas para os cofres dos principais clubes brasileiros, contribuindo para o colapso do tradicional modelo político-administrativo do futebol e, conseqüentemente, para que as discussões relativas à “modernização empresarial” dos clubes ganhassem espaço no país.

Antes, porém, que esses debates se intensificassem na segunda metade dos anos de 1980, alguns dirigentes do futebol brasileiro já ensaiavam certas estratégias para evitar a perda de seus valiosos e prestigiados plantéis. Além da própria criação do Robertão, em 1967, que, como vimos, tinha como principal objetivo enxertar maiores recursos nos clubes, em meados dos anos de 1970 esses dirigentes começaram a reivindicar os direitos de transmissão dos principais jogos televisionados à época e a autorização para que patrocinadores estampassem suas marcas nos uniformes dos times.

Aproveitando-se da criação da Loteria Esportiva pelo governo federal<sup>639</sup> e do clima de euforia nacional pela realização da IX Copa do Mundo de Futebol, sediada no México, ainda no final de 1969 e início de 1970 algumas empresas de publicidade e alguns clubes brasileiros vislumbraram a possibilidade de ampliar suas receitas por meio do lançamento de empreendimentos promocionais que sorteavam, semanalmente, prêmios em dinheiro, além de carros, bicicletas, aparelhos de rádios, máquinas de costura, refrigeradores e televisores de última geração. Aqueles interessados em participar dessas promoções deveriam adquirir um carnê, normalmente composto por algumas parcelas, comercializado nos postos de venda autorizados, muitos deles instalados nas próprias sedes sociais dos clubes parceiros, e manter-se adimplentes às datas dos sorteios. Além das premiações principais, boa parte dessas promoções também distribuía brindes aos contratantes. A cada prestação paga, os adquirentes recebiam desde materiais esportivos a fascículos da história do futebol, vários deles dedicados exclusivamente ao clube ao qual a promoção era vinculada. Um projeto muito apropriado para aquele contexto também marcado pelo “milagre econômico”, pela queda relativa do analfabetismo e pelo recrudescimento do autoritarismo do regime militar.

Ao que tudo indica, um dos primeiros empreendimentos dessa natureza foi realizado pela Teivanir Pinheiro Editôra Ltda. – Publicidade e Vendas, em parceria com o Sport Club Corinthians Paulista: uma promoção denominada *Corintião*, amplamente propagandeada por canais de televisão e jornais paulistanos no final de 1969. De acordo com o projeto original, o

---

<sup>638</sup> PRONI, Marcelo Weishaupt. *Esporte-espetáculo e futebol-empresa*. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) – UNICAMP, Campinas, 1998, p. 217.

<sup>639</sup> Sobre a criação da Loteria Esportiva, ver: MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D’Amaral. *Futebol e Ditadura Militar: elaboração dos projetos políticos para o futebol brasileiro 1966-1971*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017, p. 83-92.

*Corintião* contou com cerca de 80 mil carnês, compostos, cada um, por oito prestações, que garantia ao comprador a participação semanal em sorteios de automóveis e eletrodomésticos. Além disso, a cada prestação paga, o adquirente recebia um fascículo da história do Corinthians escrito pelo próprio presidente do clube, Wadih Helu.

No entanto, de acordo com uma série de reportagens publicadas pela recém-criada revista *Placar*, em maio de 1970, poucos meses após ser lançada, a promoção caiu em descrédito em virtude de uma série de polêmicas envolvendo a parceria firmada entre a Teivanir Pinheiro e a presidência do clube.<sup>640</sup> E o primeiro impasse envolvendo o *Corintião* se deu justamente no plano político interno do Corinthians, já que o nome da promoção fazia uma clara alusão ao tão sonhado estádio corintiano – aliás, uma das principais promessas de campanha de Wadih Helu. Segundo Narciso James, da *Placar*, os vendedores autorizados do *Corintião* haviam sido “treinados para usar o nome e a figura do estádio” como chamariz. Não por coincidência, a “contracapa do[s] carnê[s]” e a “publicidade de venda” da promoção traziam, invariavelmente, a imagem do futuro empreendimento corintiano.<sup>641</sup> Apesar disso, em momento algum o regulamento do *Corintião* mencionava o nome do estádio ou sequer do clube ao qual era vinculado. Questionado pela *Placar*, Ardi Oliveira, representante da Teivanir Pinheiro, limitou-se a dizer:

– Corintião é apenas o nome da campanha, não tem nada a ver com o estádio. E o Coríntians não tem nada a ver com a campanha. Nós apenas pagamos o uso do nome Coríntians e o uso da sua história. Os lucros ou prejuízos são nossos, da Editôra Teivanir.<sup>642</sup>

Frente a esse cenário, a Revolução Coríntiana, grupo de oposição a Wadi Helu, passou a denunciar, nas páginas da *Placar*, que as bases contratuais da promoção não haviam sido discutidas, tampouco publicizadas, aos conselheiros e demais dirigentes do clube. Para piorar a situação, em 9 de abril daquele ano, o Ministro da Fazenda, Delfim Netto, considerou a promoção ilegal, alegando que “sorteio[s] ou distribuiç[ões] de prêmios só [eram] permitida[s] às organizações especiais, autorizadas pelo Decreto-Lei n.º 7 930, observadas as disposições do Decreto-Lei n.º 418”.<sup>643</sup> Em outras palavras, uma clara estratégia para que as loterias estatais não encontrassem concorrência. Na tentativa de reverter a situação, a Teivanir Pinheiro impetrou um mandado de segurança para continuar a comercializar seus carnês e a

<sup>640</sup> Cf. JAMES, Narciso. Denúncia. Coríntians. Isto é uma farsa. *Placar*, São Paulo, n. 7, 1 maio 1970, p. 35-37; JAMES, Narciso. A farsa continua. *Placar*, São Paulo, n. 8, 8 maio 1970, p. 30-31; JAMES, Narciso. Com quem vai ficar o dinheiro do *Corintião*? *Placar*, São Paulo, n. 9, 15 maio 1970, p. 34.

<sup>641</sup> JAMES, Narciso. Denúncia. Coríntians. Isto é uma farsa. *Placar*, São Paulo, n. 7, 1 maio 1970, p. 36.

<sup>642</sup> JAMES, Narciso. Denúncia. Coríntians. Isto é uma farsa. *Placar*, São Paulo, n. 7, 1 maio 1970, p. 36.

<sup>643</sup> JAMES, Narciso. Denúncia. Coríntians. Isto é uma farsa. *Placar*, São Paulo, n. 7, 1 maio 1970, p. 35.

realizar seus sorteios, que, aliás, eram sempre televisionados pela extinta *TV Tupi*.<sup>644</sup> Mas, diante da baixa vendagem de carnês, diversos prêmios anunciados passaram a não ser entregues, e o projeto terminou em litígio judicial.

Ainda assim, naquele mesmo ano, a Teivanir Pinheiro anunciou ao menos outras quatro promoções semelhantes em centros urbanos distintos: *América Deca 70*, em Belo Horizonte; *Catarinão 70*, em Florianópolis; *Goolllaço-70*, em Curitiba;<sup>645</sup> e uma promoção sem nome, em Recife.<sup>646</sup> Pode ser que alguma dessas iniciativas, ou todas elas, não tenham partido propriamente da empresa de “publicidade e vendas”, já que, em novembro de 1970, ela publicou um “alerta às [demais] empresas [do] setor” no “noticiário do sindicato”, publicado pelo *Boletim* da Associação Brasileira da Indústria Gráfica, “que elementos estranhos [à Teivanir Pinheiro], e a sua revelia, [vinham] utiliza[ndo] de seu nome para a confecção de serviços por ela não autorizados”.<sup>647</sup> De todo modo, em um momento ou em outro, todas essas outras quatro promoções também foram denunciadas, por grandes veículos de comunicação de suas cidades de origem, como ilegais pelo Ministério da Fazenda, ou, ainda, por não disporem dos prêmios previamente anunciados. Em contrapartida, a Teivanir Pinheiro insistentemente mantinha seus anúncios nas páginas desses mesmos jornais, fazendo-se acompanhar de fotos que comprovavam a entrega do prêmio principal do último sorteio e, principalmente, identificando o número do processo de autorização e a carta patente do empreendimento expedidos pelo Ministério da Fazenda – evidentemente, antes de sua cassação (Figura 42).

<sup>644</sup> Sobre os sorteios do *Corintião* na *TV Tupi*, ver: GUZMAN, Antonio. 20 notícias. *Diario da Noite*, 2º caderno, Rio de Janeiro, 4 maio 1970, p. 3.

<sup>645</sup> Sobre o *Catarinão 70* e *Goolllaço-70*, ver: Apreendidos os carnês da promoção “Goolllaço”. *Diario do Paraná*, 2º caderno, Curitiba, 10 jul. 1970, p. 6; Impedida realização do sorteio do “Catarinão”. *Diario do Paraná*, 2º caderno, Curitiba, 11 jul. 1970, p. 4; Goolllaço-70. *Diario do Paraná*, Curitiba, 9 ago. 1970, p. 19.

<sup>646</sup> Sobre a promoção realizada em Recife, ver: Polícia Federal “estoura” sorteios de automóveis. *Diario de Pernambuco*, Recife, 30 dez. 1970, 2º caderno, p. 12; Aviso. *Diario de Pernambuco*, 2º caderno, Recife, 29 jan. 1971, p. 10.

<sup>647</sup> Alerta. *Boletim da Indústria Gráfica*, Noticiário do sindicato, São Paulo, ABIGRAF, n. 225, ano XXII, nov. 1970, p. 5.321.

Figura 42 – Anúncio do “Goollação-70”

**GOOLLAÇO-70**

TEIVANIR PINHEIRO EDITORA PUBLICIDADE E VENDAS  
Autorizado pelo Ministério da Fazenda no Processo n.º 3.002.079/69  
(Agência Junior de Publicidade Ltda.).

**COMUNICADO**

A distribuição de prêmios Goollação-70, prevista para a data de ontem (8 de agosto), será realizada em dia e hora a serem previamente divulgados através de jornais, emissoras de rádio e televisão.



**ENTREGA DE PRÊMIOS**

A promoção Goollação-70 entregou, na última semana, mais um volkswagen, para a senhorita Vera Regina Panich, residente em Joaquim Távora. Vera Regina é aluna do Ginásio Prof. Francisco Benedetti, tem 18 anos, e é filha do sr. Aramando Panich. Para Joaquim Távora foi também entregue um refrigerador, para a menina Maria Olga Koralevski, de 11 anos.

**GOOLLAÇO-70**  
**É LEGAL!**

Fonte: *Diário do Paraná*, Curitiba, 9 ago. 1970, p. 19.

No caso específico da promoção belo-horizontina, os primeiros anúncios do *América Deca 70* por mim encontrados na imprensa da cidade datam do final de junho de 1970, mais precisamente nove dias após a conquista do tricampeonato mundial pela seleção brasileira, no México. Em um primeiro momento, as promessas feitas pela Teivanir Pinheiro na capital mineira relacionavam-se ao apelativo sorteio de “1 bilhão em prêmios”, distribuídos em “75 automóveis” – “3 Volks todo sábado – 1 Corcel ‘STD’ por mês – [e] milhões em outros prêmios”. O que, segundo esses mesmos anúncios, fazia do *América Deca 70* a “maior promoção do futebol mineiro”.<sup>648</sup>

Seguindo a previsão inicial da promoção, os quatro primeiros sorteios aconteceram, periodicamente, nos quatro primeiros sábados de julho de 1970 – ou seja, justamente no mesmo contexto em que Havelange comunicou ao público mineiro a sua intenção de criar o Campeonato Nacional, em 1971, com a participação dos três principais clubes da capital do estado. A considerar os resultados desses sorteios, publicados pela Teivanir Pinheiro nas páginas do *Diário da Tarde*, durante aquele mês o *América Deca 70* premiou os pagantes da

<sup>648</sup> As informações sobre os prêmios inicialmente previstos pela promoção *América Deca 70* foram retiradas do primeiro anúncio da promoção por mim encontrado. Cf. *América Deca-70. Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 30 jun. 1970, p. 7.

“1ª mensalidade” do carnê com 12 automóveis, 12 geladeiras e 12 televisores.<sup>649</sup> A partir da divulgação do resultado do segundo sorteio, o *América Deca 70* passou a anunciar que os compradores do carnê promocional automaticamente adquiriam a “reserva dos fascículos da História do América”.<sup>650</sup>

Cumprindo a promessa, os adimplentes da promoção receberam, provavelmente no mês de agosto, o primeiro volume de *América Deca 70*,<sup>651</sup> subtitulado “1º fascículo A História do América”. Uma publicação bem modesta: um livro de pouco mais de dez folhas, de tamanho semelhante a um papel de tipo A4, impressas em preto e branco, grampeadas ao meio e revestidas por uma capa plastificada verde e branca, que trazia uma foto, na parte inferior esquerda, de uma antiga equipe de futebol do América (Figura 43). Já em sua contracapa, *América Deca 70* procurava comprovar, de maneira similar ao anúncio do Goollão-70, publicado no *Diário do Paraná* (Figura 42), a veracidade da promoção na capital mineira, reproduzindo a foto de um provável sorteado, que posava, junto ao que parece ser o responsável pelo empreendimento, recebendo as chaves de um automóvel estacionado atrás deles (Figura 43). A imagem ainda vinha acompanhada de um breve texto, intitulado “Mais um contemplado”, que registrava a “[e]ntrega das chaves de um Volks-1300, zero quilômetro” pelo “Sr. Antônio Armando, do Departamento de Promoção do América Deca 70”, no dia 1º de agosto, a um dos sorteados pela promoção, que teria contado “com a cobertura da TV Vila Rica, canal 7”. Para demonstrar o caráter isonômico da promoção, o breve registro ainda fez questão de ressaltar as origens sociais simples do “felizardo”, o “Sr. Antenor Dias da Costa – carpinteiro, pai de quatro filhos, 56 anos de idade”.

---

<sup>649</sup> Ver anúncios da promoção nas edições de julho do *Diário da Tarde*, dias 9 (p. 15), 13 (caderno DT Esporte, p. 7), 20 (caderno DT Esporte, p. 9) e 27 (caderno DT Esporte, p. 6).

<sup>650</sup> Informação constante nos anúncios publicados nas edições de julho do *Diário da Tarde*, dias 9 (p. 15) e 13 (caderno DT Esporte, p. 7), 20 (caderno DT Esporte, p. 9).

<sup>651</sup> *AMÉRICA Deca-70*. 1º fascículo. A História do América. Belo Horizonte: Teivanir Pinheiro Editora, Publicidade e Vendas, [1970?].

Figura 43 – Capa e contracapa do 1º fascículo de *América Deca 70*

Fonte: Acervo pessoal.

Naquelas breves páginas, o “1º fascículo” da “História do América” trazia aos participantes da promoção *América Deca 70* dez pequenos textos que narram ou reproduzem curiosidades de alguma conquista marcante do clube, especialmente aquelas de seu time de futebol, e algumas crônicas que procuram sintetizar as características pretensamente definidoras do América e dos americanos. Ao longo desses dez textos, nota-se que as características que hoje são muito apreciadas pelos americanos, que supostamente os distingue dos demais torcedores da capital mineira, já estavam, em grande medida, sedimentadas no imaginário da cidade e articuladas a uma memória do clube e do futebol belo-horizontino.

No livreto, *América Deca 70*, foi publicado o texto “Como nasceu o América”, um relato de Affonso Silviano Brandão, identificado por uma fotografia estampada no verso da capa principal e apresentado como o “único sobrevivente dos 14 fundadores do ‘DECA’”. Além de ser um dos pais do clube, anos mais tarde Silviano Brandão viu sua vertente de memorialista ser consagrada com a publicação do livro autobiográfico *Na vivência do meu tempo*.<sup>652</sup> Talvez por isso ele fosse uma espécie de “guardião do passado” americano naqueles tempos. Em “Como nasceu o América”, ele narra, de maneira breve, alguns episódios que se tornaram quase um lugar-comum nas manifestações historiográficas sobre os primeiros anos de vida do clube – dentre elas, a própria *Enciclopédia do América*, de Carlos Paiva.

Assim, seu relato seguiu um percurso muito típico do mito da decadente aristocracia americana. Para começar, Silviano Brandão recuperou os atos fundacionais do clube, como: os primeiros ensaios frustrados de formação da nova agremiação, em 1911; a retomada do

<sup>652</sup> BRANDÃO, Affonso Silviano. *Na vivência do meu tempo*. Belo Horizonte: s.n., 1977.

plano inicial no ano seguinte, “por garôtos, cuja idade variava de ‘12 a 14 anos’”; suas primeiras e informais reuniões na “esquina das ruas Timbiras e Bahia”; a aquisição da primeira bola, “da marca de maior projeção na época”, mediante “rateio entre os craques mirins”; o sorteio para a escolha do nome do clube; o “início de projeção” americana depois da fusão com o Minas Gerais e da cisão atleticana, em 1913; e a vitória “sôbre o invencível e invencido Morro Velho”, em 1916, “marco inicial da popularidade e do fulgor do América”, “consagra[dos]” pela conquista do “Deca [...] pelo primeiro e segundo times”. Uma trajetória de ascendência que, segundo ele, foi interrompida pelo “profissionalismo”. Isso porque, para o memorialista, “[p]revaleceu, sempre, no seio do América, uma mentalidade amadorista, apesar de já ter tido um time semi-profissional”. Aliás, segundo ele, ao término de seu relato, o América teria “introduzi[do] em Belo Horizonte um profissionalismo marrom, com elementos recrutados fora da Capital, [...] contra o pensamento da maioria dos elementos mais destacados do clube, que era pela prática do amadorismo puro”.

Antes, porém, de mencionar esse contraditório pioneirismo americano, Silviano Brandão afirmou que, em função dessa “mentalidade amadorista”, “quando do advento do profissionalismo (1933), o alvi-verde, forçado para não ficar isolado, teve que aderir à nova moda”. Ainda assim, segundo o fundador americano, nos anos seguintes, o clube

continuou na sua política amadorista, sendo os contratos de seus jogadores assinados apenas pro-forma. Pois estes, com algumas exceções, eram amadores. Por esta falta ou dificuldade de adaptação do clube ao nôvo regime, ficou o América distanciado de seus irmãos por muitos anos, apesar de ter possuído times profissionais de real valor.

Um “distanciamento”, diga-se de passagem, vivido ainda naqueles anos de 1970 e revertido em um orgulhoso sentimento de resiliência e resistência partilhado pelos americanos. Por isso, a anônima crônica “A glória de ser torcedor do América”, publicada na sequência do depoimento de Silviano Brandão, afirmou, logo em sua primeira frase, que o “americano é antes de tudo um sofredor”, cuja “cont[a], na farmácia, varia de acôrdo com o número de partidas”. O americano sofre, segundo a crônica, porque seu time do coração não tem sorte: seu goleiro “abre o gol, enquanto o dos adversários fecham”; a “pontaria dos adversários é defeituosa: a pelota bate na trave, de raspão, e entra no [...] gol”; os atacantes americanos “são mestres exímios na arte de carimbar a trave”, vendo “a pelota volta[r] com uma violência incrível ou para pertinho de um zagueiro adversário”.

Crenças como essas eram tão comuns entre os americanos que Augusto Rocha e Radik ironizaram o clube no início de 1971, “apresenta[ndo] 9 dicas infalíveis para o deca ser

Américão Bijú 71”, na seção “Bi-toque”, do *Diario da Tarde*.<sup>653</sup> Dentre as cômicas sugestões dadas por eles, estava a “contrata[ção de um] nôvo pai de santo” e o “desvi[o d]a rota dos urubús, que passam por cima do estádio da Alameda”, já que próximo ao campo do América o frigorífico “Perrela”, um dos maiores da cidade, descartava seus rejeitos no ribeirão Arrudas.

Figura 44 – As “9 dicas infalíveis” da “Bi-toque” para o América



Fonte: *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 11 jan. 1971, p. 10.

Apesar disso, segundo “Lembranças de um velho americano”, outra crônica de *América Deca 70*, possivelmente escrita por João Etienne Filho – dadas as semelhanças das afetuosas memórias que ali são narradas e uma entrevista biográfica sua concedida anos mais tarde –,<sup>654</sup> “sofrer não é novidade para americano. Pelo contrário, de certo isso nos distingue. A gente sofre [,] mas é fiel.” Por isso, para Etienne Filho: “Podem dizer, os da ‘coligação anti-América’ que nosso prazer vem de longe. Podem gozar. Podem fazer o que quiserem.” Os americanos não se abalariam com isso.

<sup>653</sup> ROCHA, Augusto. Atlético e Cruzeiro, aquele abraço. *Diario da Tarde*, coluna Bi-toque, Belo Horizonte, 15 set. 1969, p. 10.

<sup>654</sup> ARREGUY FILHO; João Etienne. João Etienne Arreguy Filho: depoimento. [Entrevistadores: Adival Coelho Araújo, Beatriz Begalda, João Carlos Firpe Pena e Sirlene Ferreira Mendes]. In: *MEMÓRIA do jornalismo mineiro*: Aires da Mata Machado, Celius Aulicus, Edgar da Mata Machado, João Etienne Filho, José Mendonça. Belo Horizonte: PUC-Minas/UFMG, 1995, p. 6-52.

Mas, como toda narrativa que se pauta pela ideia da decadência, o relato de Silviano Brandão não poderia ser concluído com o ocaso do clube. Assim, logo após mencionar o episódio que teria feito o América “ficar distanciado” de Atlético e Cruzeiro, ele narra que, “[p]or volta de 1945”, o clube “passou [...] a olhar o regime profissional com mais simpatia [,] e êste movimento facultou ao América a conquista do campeonato de 1948”. Aliás, o título de 1948 recebeu uma atenção toda especial por parte do livreto, que publicou uma crônica sobre a final daquele campeonato, disputada entre América e Atlético, sob o título de “O famoso campeonato de 1948”, e reproduziu, na íntegra, a súmula traduzida do árbitro inglês Cyrill John Barrik, intitulada de “A súmula mais discutida do futebol brasileiro”. Isso tudo porque os minutos finais daquela decisão foram extremamente polêmicos, com contestação e agregação ao árbitro por parte dos atleticanos, que, ao fim, abandonaram o campo de jogo. Ou talvez uma demonstração de que, mesmo vitorioso, o América tinha que passar por provações. Ou ainda que, mesmo após a decadência, o Atlético continuaria a ser seu eterno rival.

Hipóteses que encontram ressonância em mais uma crônica de *América Deca 70*, intitulada “Vitória do coração”. Nesse texto anônimo, a publicação da Teivanir Pinheiro recuperou outra partida entre América e Atlético. Dessa vez, disputada no dia 31 de maio de 1931, quando “o esquadrão da Alameda [já] havia perdido os seus melhores valôres, estava desorganizado” e “colocou em campo um quadro bisonho, formado por moços sem a técnica e o traquejo dos craques veteranos”, enquanto a equipe atleticana vivia o “auge da glória e possuía o mais respeitável time de nossos campos”. Apesar disso, a crônica sustenta que

[...] antes da luta, diretores do ‘Deca’ foram ao vestiário e falaram com a alma e o coração àqueles jovens, contaram-lhes as glórias dos dez campeonatos e de outros feitos. Apelaram para os moços dizendo que a fê move montanhas. E aqueles onze jogadores entraram na cancha com a cabeça erguida e tomados de invulgar entusiasmo. Mais uma vez estava à prova a jamais desmentida fibra dos defensores alvi-verdes. E o resultado foi uma brilhante vitória de 2 x 1 sôbre o Atlético, vitória essa que deu ao Vila [sic] Nova o tricampeonato.

Possivelmente, uma motivação memorialística para aquele América que vinha enfrentando grandes equipes formadas por Atlético e Cruzeiro, na virada de 1960 para 1970. Mas o relato de Affonso Silviano Brandão ainda não teria fim com a suada conquista de 1948. Além daquele episódio, o “sobrevivente” fundador americano mencionou, de forma diacrônica, outros acontecimentos que, em tese, evidenciaram a decadência do clube e, ao mesmo tempo, engrandeceram o seu passado, apontando um futuro promissor.

O primeiro desses relatos foi justamente o “protesto original” levado a cabo pelo América, em 1933, quando, “premidado pelas circunstâncias, a diretoria mudou a côr do

uniforme (verde e branco ou totalmente verde, desde o princípio) para vermelho”, só retornando “à camisa tradicional”, “verde e branc[a] ou totalmente verde desde o princípio”, dez anos mais tarde. Uma narrativa muito apropriada para o momento em que *América Deca 70* vinha a público. Como vimos no capítulo anterior, no início de setembro a diretoria americana aventava a possibilidade de pedir uma intervenção na FMF por considerar que a entidade mineira só atuava em favor de Atlético e Cruzeiro. Aliás, em reunião do Conselho Deliberativo, realizada no dia 8 de setembro,<sup>655</sup> Afonso Celso Raso disse que o “América [era] conhecido como o clube das lágrimas, do protesto”.

Não por coincidência, a já aludida crônica “A glória de ser torcedor do América” atribuía à arbitragem boa parte do sofrimento do americano. Segundo esse texto, a arbitragem “apita pênalte a favor do América somente quando é baixado algum decreto ministerial”. “O bandeirinha cisma de coçar o braço toda vez que o ataque alamedino ataca.” E o “‘meritíssimo’ ouve quando um americano balbucia qualquer nominho”, apenas para puni-lo, de modo que o “América precisa fazer quatro gols para valer um”, enquanto “o juiz se encarrega de fazer alguns tentos para o adversário”.

Ainda nesse sentido, Silviano Brandão recuperou, naquele seu relato para os redatores de *América Deca 70*, mais um episódio em que o clube teria sido prejudicado pelas autoridades. Só que, dessa vez, o responsável pelo prejuízo seria o Estado de Minas Gerais, que, “[a]o tempo do Governador Antônio Carlos”, requisitou os campos americano e atleticano, entregando ao Atlético um estádio “inteiramente terminado”, e, ao América, um “incompletamente construído”, que “só v[iria] a receber maiores benfeitorias na presidência de Alair Couto”, no final dos anos de 1940. Talvez uma ótima oportunidade para pressionar os políticos do país que tentavam, inutilmente, interceder em favor do clube junto à CBD. Ou uma forma de dar um recado ao governador Israel Pinheiro de que o estado de Minas tinha uma antiga dívida com o América, que poderia ser sanada por meio da sua contribuição para a construção do Centro Social e Desportivo, que vinha sendo erigido sobre o mesmo incompleto edifício outrora entregue por Antônio Carlos.

Mas, como se posicionou o próprio Afonso Silviano Brandão naquela reunião do Conselho Deliberativo de 1970, os americanos “[n]ão deve[riam se] considera[r] pequenos. Dizer que esta[vam] humilhados e perseguidos”. “Chega de passa[r] por chorão”, vaticinou ele. “Só protesto não adianta mais”, concordou Afonso Celso Raso. E, como forma de mostrar que o americano era mais do que isso, Silviano Brandão se preocupou em apontar as

---

<sup>655</sup> América rompe com Coronel. Diretoria resolve intervenção. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 9 set. 1970, p. 14.

diferenças do “futebol antigo e moderno” para seus interlocutores de *América Deca 70*. Possivelmente, uma contraposição ao período amadorista e do profissionalismo, já que o seu “futebol antigo” era sinônimo dos jogadores que “participa[ram] de tôda a jornada” do decacampeonato, como os casos de Celso Mascarenhas e dele próprio. Dessa maneira, o memorialista americano afirmou que, “[n]o futebol antigo, observava-se a existência de jogadores de alta classe”, que jogavam com “mais garra, com mais coração”, com “vontade de vencer e amor à camisa”. Qualidades que, segundo ele, eram “muito difíceis de ver-se hoje”.

Como se vê, mais uma narrativa apropriadamente recuperada para descrever as genuínas e distintivas características dos americanos, de modo que Etienne Filho escreveu em sua crônica para o livreto que os americanos se notabilizavam por “esquece[r] quaisquer diferenças dentro do clube”, por “passa[r] por cima de ‘alas’” – uma clara alusão à solução encontrada pelos dirigentes do clube naquele conturbado final de 1969, quando da gestão de Amador de Barros. Não por coincidência, também, quando o Conselho Deliberativo do América foi reinstituído, em setembro de 1969, o *Diario da Tarde*<sup>656</sup> afirmou que seus participantes eram “pessoas da mais alta representação social e, sem favor, de elevado nível intelectual e moral”. Ou Wilma, “a chefe suprema” da TUFA, argumentando que “não [era] qualquer uma que entra[va] para a torcida organizada”. Antes de ser aceita, a “pretendente” precisava provar que tinha “um rosto mais ou menos razoável”, que não fosse “desajeitada” e que tivesse “desembaraço”.<sup>657</sup>

Afinal, “AMERICANO não é quem QUER [sic], mas quem pode”, “sempre di[zia] e repit[ia]” o torcedor Etienne Filho, em suas “Lembranças de um velho americano”. O “americano sempre faz a América. É feliz na vida. É rico em satisfações. É sorridente. É tranquilo”, conforme descreve *América Deca 70*, em “A glória de ser torcedor do América”. Representações, portanto, muito semelhantes à simbologia atribuída ao América e aos seus torcedores analisada no segundo capítulo desta tese.

E, por certo, elas serviram de inspiração a Carlos Paiva, que menciona, equivocadamente, esse pequeno livreto, em sua *Enciclopédia do América*, como uma obra lançada em 1980.<sup>658</sup> Todavia, *América Deca 70* está longe de ser uma publicação amplamente conhecida, não recebendo maiores atenções por parte dos americanos e demais colecionadores de memorabilia do futebol brasileiro e belo-horizontino. Tendo a acreditar que isso acontece

<sup>656</sup> Rui disposto a fazer muito em pouco tempo. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 20 set. 1969, p. 6.

<sup>657</sup> Passeata contra Falcão sai mesmo. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 23 set. 1967, p. 11.

<sup>658</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 130.

por dois motivos principais: o primeiro deles, pelo fato de ela ter sido distribuída como brinde, produzida a partir de um baixo investimento gráfico, o que lhe reservou um destino mais precível, já que, hoje, raros são os acervos particulares que dispõem de um de seus exemplares. Ou, então, *América Deca 70* permanece esquecida pelo próprio desfecho da promoção que a gerou. E digo o porquê desta segunda hipótese.

Curiosamente, no último anúncio de *América Deca 70*, publicado no mês de julho de 1970, pelo *Diario da Tarde*, o brinde aos compradores do carnê deixou de ser a “reserva dos fascículos da História do América”, sendo substituído por “6 fascículos com a História do Futebol”.<sup>659</sup> Possivelmente, uma estratégia adotada pela Teivanir Pinheiro visando ampliar seu potencial público consumidor. Isso porque, muito embora a promoção ainda mantivesse seu nome associado ao América, publicações sobre a história do futebol podiam atrair a atenção de leitores que não se interessavam apenas pelo clube belo-horizontino. Ainda nesse sentido, na quarta-feira, dia 29,<sup>660</sup> *América Deca 70* anunciou a realização de um último e extra sorteio para o mês de julho, cujo prêmio era um automóvel modelo Corcel. Talvez por isso, enquanto divulgava a promoção nas páginas da imprensa local, a Teivanir Pinheiro também parecia expandir seus negócios na capital mineira, anunciando, em caráter de “urgência”, o recrutamento de “inspetores”<sup>661</sup> que tivessem “‘Kombi’ e equipe”, e a “admi[ssão]” de “corretores(as)”,<sup>662</sup> “maiores [de] 18 anos”, interessados em captar novos participantes.

No entanto, nos três meses seguintes, as propagandas da promoção aparentemente desapareceram das páginas da imprensa belo-horizontina. Se, por um lado, não é possível afirmar que os sorteios da Teivanir Pinheiro foram interrompidos em Belo Horizonte durante esse período, por outro lado também não dá para dizer que o projeto seguiu seu curso natural. Um indício nesse sentido foi o texto publicado na edição do dia 28 de setembro de 1970 do *Diario da Tarde*, pelo jornalista E. A.,<sup>663</sup> então cobrindo licença médica de Paulo Papini na tradicional coluna americana “Dente de Coelho”. Ali, E. A. informava que “[a] diretoria do América [iria] apresentar, [naquela semana], uma explicação ampla e definitiva sobre o sorteio chamado ‘Deca 70’, que tanta fofoca vem provocando nos últimos dias”. Segundo o representante interino do América no *Diario da Tarde*, “[e]m princípio”, a promoção, que

<sup>659</sup> Cf. América Deca 70. Resultado do 4º sorteio. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 27 jul. 1970, p. 6.

<sup>660</sup> Cf. América Deca 70. Resultado do 4º sorteio. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 27 jul. 1970, p. 6.

<sup>661</sup> Inspetores – urgente. “América Deca 70” [anúncio]. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 13 jul. 1970, p. 7.

<sup>662</sup> Corretores(as) [anúncio]. *Diario da Tarde*, DT Esportes, Belo Horizonte, 13 jul. 1970, p. 7.

<sup>663</sup> E. A. A diretoria [...]. *Diario da Tarde*, DT Esportes, coluna Dente de Coelho Belo Horizonte, 28 set. 1970, p. 6.

revertia “apenas [...] pequena parte da arrecadação [ao clube], como pagamento do uso do [seu] nome”, havia lhe “parec[ido] séria”. Tanto era assim que até ele havia comprado os dois primeiros carnês que foram lançados. Mas se E. A. dizia “[c]onhe[cer] de sobra os [...] diretores” americanos, a ponto de “[b]ot[ar] a mão no fôgo por êles”, o mesmo não podia ser dito “dos diretores da firma que est[avam] vendendo os carnês do ‘Deca 70’”. O motivo principal dessa sua desconfiança se relacionava a “uma história complicadíssima que [havam] lhe] conta[do] sôbre um candidato a deputado federal (atleticano), cuja campanha estaria vinculada diretamente ao sucesso financeiro da promoção” – o que, para E. A., cabia investigação por parte da Polícia Federal e devolução do seu “tutu”. E, para concluir, dizia: “O importante é não misturar o América e os americanos com qualquer tentativa de golpe que tentem aplicar contra nós. Não tenham dúvidas: se houve golpe, foram os americanos que levaram na cabeça.”

Ao citar um possível “golpe” da Teivanir Pinheiro, em Belo Horizonte, E. A. evidenciava que, muito provavelmente, *América Deca 70* vinha trilhando um caminho muito semelhante àquele percorrido pelas promoções congêneres realizadas em outras cidades do Brasil. Apesar disso, no dia 27 de novembro de 1970, a Teivanir Pinheiro publicou, mais uma vez, nas páginas do *Diario da Tarde*, um breve “comunicado” sobre a promoção, dividido em três tópicos. O primeiro e mais extenso deles trazia o seguinte texto informativo:

De acôrdo com o “Memorandum” circular CSF n.º 474 de 23 de outubro de 1970 do Senhor Coordenador do Sistema de “Fiscalização” da Secretaria da “Receita Federal” e decisão do Meritíssimo Senhor Juiz da 5.ª Vara Federal, seção Guanabara, ficam programados os “Sorteios” mensais pelas extrações da Loteria Federal dos dias 28 de novembro, 30 de dezembro e 27 de janeiro – do “Corcel” e demais prêmios.<sup>664</sup>

Um “comunicado”, portanto, que tinha o claro propósito de reforçar a legalidade e a continuidade da promoção *América Deca 70*, em Belo Horizonte, depois da Teivanir Pinheiro já ter comercializado algumas parcelas do seu carnê promocional na capital mineira, realizado ao menos quatro sorteios no mês de julho e distribuído o primeiro fascículo da história do América. Diante da ausência de novas evidências, tendo a acreditar que *América Deca 70* não conseguiu avançar muito mais do que isso, de modo que coube a uma publicação mais ou menos contemporânea a ela a posição de principal e, por vezes, única obra de história do América antes do lançamento dos livros de Carlos Paiva.

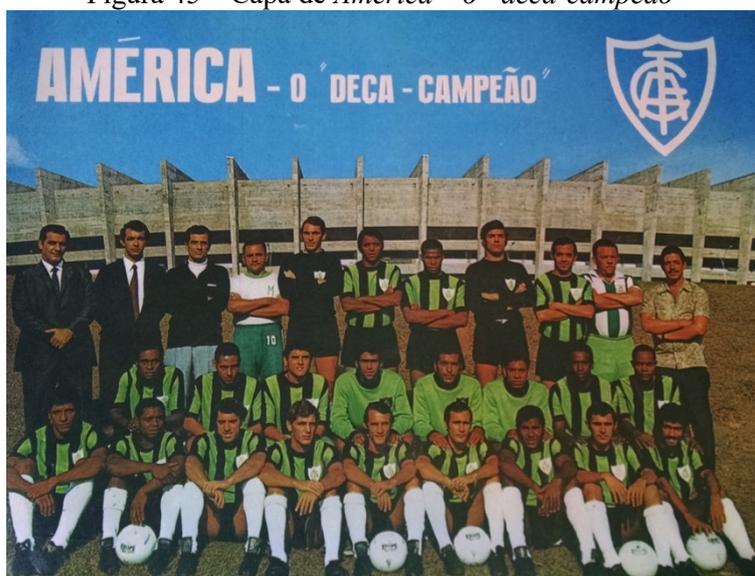
<sup>664</sup> América Deca-70. Comunicado. *Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 27 nov. 1970, p. 15.

## 6.2 “Unidos estão todos os americanos de todos os tempos”

Se não me falha a memória, a primeira vez em que tive contato com alguma publicação sobre a história do América aconteceu no início dos anos 2000 – portanto, cerca de uma década antes do lançamento dos livros de Carlos Paiva. Certo dia, meu pai me convidou para acompanhá-lo em um coquetel de confraternização de ex-jogadores, dirigentes e “ilustres” torcedores do América, promovido pela associação de trabalhadores ao qual ele é vinculado. Ou, para sermos justos, promovido pelo presidente dessa associação, fanático torcedor do Coelho. Embora esteja muito mais para americano “doente” que para americano “ilustre”, fiquei muito entusiasmado com o convite e decidi acompanhá-lo sem pensar duas vezes. Lembro que, para aplacar minha ansiedade, saí de casa bem antes do horário programado para o coquetel começar e encontrei-me com meu pai ainda em seu local de trabalho. Tive que esperar alguns longos minutos até que ele terminasse seu expediente, e, de lá mesmo, rumamos para o salão da associação dos trabalhadores à qual ele é vinculado. Assim que chegamos, avistamos, ainda do corredor, a decoração preparada para a ocasião: balões e papéis alviverdes caíam do teto, e alguns pôsteres de times do América ornamentavam as paredes do local. Como fomos um dos primeiros a marcar presença, acompanhamos a chegada de boa parte dos convidados, ex-jogadores, presidentes e torcedores do clube, seus reencontros e festejos. Muitos deles vestiam uniformes do América e, mais do que isso, traziam consigo suas memorabilia e “destilavam” seus “causos” sobre o clube. Apesar do clima festivo e descontraído, regado a cerveja e tira-gosto, meu pai e eu pouco participamos das rodas de conversa que se formavam ao nosso redor, provavelmente inibidos pelo grupo relativamente coeso, formado por aqueles “guardiões da memória” americana que ali se faziam presentes. Em determinado momento, o anfitrião da festa, talvez observando nosso distanciamento, aproximou-se e perguntou-me, em particular, se eu conhecia o livro que contava a história do América. Muito embora já cursasse os primeiros períodos da graduação em História e me interessasse pela história do futebol e do América – em especial, colecionando, mesmo que despreziosamente, materiais alusivos ao clube, como uniformes e ingressos de jogos, faixas e bandeiras, chaveiros, recortes de jornais, brinquedos e até utensílios domésticos –, disse-lhe desconhecer que o América tivesse uma obra dessa natureza. Diante da minha resposta, ele apenas sorriu discretamente e não tocou mais no assunto. E eu, apesar de curioso com a novidade, tampouco me senti à vontade para render conversa. Mesmo assim, voltei para casa jubiloso por ter participado de um encontro ímpar em minha ainda jovem vida de torcedor americano.

Tempos depois, ao chegar da universidade, deparei-me com um embrulho sobre a minha cama. Ao abrir, encontrei uma cópia xerográfica, muito bem-cuidada, colorida e encadernada, de uma publicação cuja capa reproduzia uma foto de uma equipe de futebol do América, acompanhada de seu *staff* e também do que parecia ser sua diretoria, em frente ao Mineirão. Na parte superior da imagem, sobre o céu anil, em letras garrafais brancas, lia-se: *América – o “deca-campeão”*.<sup>665</sup> E, no canto superior direito, comendo o título, via-se estampado, também todo de branco, o escudo americano (Figura 45).

Figura 45 – Capa de *América – o “deca-campeão”*



Fonte: Acervo pessoal.

Assim que desfiz o embrulho, procurei meus familiares para saber do que se tratava, ao que meu pai respondeu ser um presente de seu colega, o americano presidente da associação de seu trabalho. No mesmo instante, lembrei-me do tal livro sobre a história do América sobre o qual ele havia me contado. Tomado por uma mistura de entusiasmo e surpresa, passei a folhear suas páginas com atenção, certo de estar diante de uma fonte rara e importante sobre a história do meu “clube do coração”, conhecida apenas por americanos “ilustres” como aqueles presentes no coquetel em que estive com meu pai.

Contrariando essa impressão inicial, pouco depois desse episódio, vi alguns exemplares de *América – o “deca-campeão”* sendo comercializados por ambulantes na rua Pitangui, local onde fica uma das entradas do Estádio Independência que mais é usada pelos americanos. Eu que achava que a publicação era rara, valiosa, fiquei surpreso com a cena e, mais ainda, quando soube de seu módico preço. Sem imaginar que um dia a usaria como fonte

<sup>665</sup> SEIXAS, Raymundo (Dir.). *América: o “deca-campeão”*. Belo Horizonte: Raymar Promoções Ltda./Indústrias Gráficas Brasileiras Ltda., [1971-1972?].

de pesquisa, e contentando-me com a minha edição fotocopiada, preferi poupar minhas economias para a costumeira cerveja, acompanhada do famoso bolinho de feijão do seu Marcílio, vendido ao redor e, naquela época, também dentro do Independência.

Embora esse relato possa dar a impressão de que *América – o “deca-campeão”* é uma obra de grande circulação entre os americanos, devo confessar que nunca mais vi essa cena se repetir no Independência. Aliás, só voltei a encontrá-la disponível no mercado bem recentemente, quando comecei a escrever este texto e, finalmente, senti a necessidade de ter em mãos um de seus exemplares autênticos, principalmente para analisar aqui suas características físicas, mas também como forma de atestar se a fotocópia que havia ganhado alguns anos atrás reproduzia, em sua totalidade, o conteúdo da publicação original. Apesar de não ter muitas dificuldades para encontrá-la na internet, acredito que contei com uma boa dose de sorte nessa empreitada, já que minhas buscas retornaram apenas dois anúncios. Em ambos os *sites*, os exemplares eram anunciados como os únicos dos estoques, mas seus valores eram bem distintos: um deles, que adquiri assim que encontrei, o anunciava a um preço bem acessível, por pouco mais de 30 reais; já o outro, estava a 185 reais,<sup>666</sup> valor bem menos convidativo para leitores despreziosos do tema.

Entre o episódio dos ambulantes na porta do Independência e essa recente busca na internet, ainda tive a oportunidade de me deparar com *América – o “deca-campeão”* em outras ocasiões, todas elas proporcionadas pelas buscas por fontes que empreendi durante meus trabalhos de pós-graduação, iniciados em 2010. Diante da inexistência de um arquivo organizado do América, algo, aliás, comum entre os clubes brasileiros, segui a orientação dada pelos historiadores Victor Melo, Maurício Drumond, Rafael Fortes e João Santos<sup>667</sup> e procurei “recorrer ao maior número de [...] arquivos que não [fossem] necessariamente ligados” ao clube para conseguir realizar meus trabalhos. Nesse percurso, uma das estratégias adotadas foi a de identificar e, posteriormente, visitar alguns americanos colecionadores que, junto com Carlos Paiva, também são considerados espécies de “guardiões da memória” do América. Foi dessa maneira que conheci os acervos particulares de Afonso Celso Raso, advogado, jornalista, ex-atleta e dirigente americano por mais de cinco décadas, e Mário Monteiro, historiador de formação e adido defensor das torcidas organizadas americanas.

---

<sup>666</sup> Disponível em: [goo.gl/7Kfh3U](http://goo.gl/7Kfh3U). Acesso em: 29 jul. 2018.

<sup>667</sup> MELO, Victor Andrade de et al. *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p. 155. (Coleção Visão de Campo).

Como já mencionado a partir da caracterização de Walter Benjamin<sup>668</sup> a respeito dos colecionadores, Afonso Celso Raso e Mário Monteiro são alguns dos americanos que procuram “empreender a luta contra a dispersão [...] em que se encontram as coisas [do América] no mundo”, reunindo-as de modo a “informar a respeito [delas] através de suas afinidades ou de sua sucessão no tempo”. Além de se preocuparem em reunir o fragmentado passado americano, ao cultuarem objetos como *América – o “deca-campeão”*, que simbolizam o passado do clube e da própria comunidade a que se julgam pertencentes, esses colecionadores americanos também acreditam que, dessa maneira, seus sentimentos de identificação com o seu “time do coração” são reforçados.<sup>669</sup> Assim, ambos fizeram de suas residências, se é que posso dizer isso, verdadeiros memoriais do América.

A título de curiosidade, na casa de Mário Monteiro, encontrei: um pedaço de concreto da arquibancada do antigo Estádio Independência, antes de sua “arenização”, realizada entre 2010 e 2012; dezenas de uniformes, todos acondicionados em plásticos, e muitos deles expostos em araras; bolas de futebol originais, usadas em jogos considerados marcantes na história do clube; documentos administrativos originais do América, como seus estatutos de 1937; pôsteres comemorativos de equipes americanas; e mais uma infinidade de outros itens alusivos ao clube. O acervo de Mário Monteiro é tão diverso e valioso que alguns desses artigos já foram, inclusive, requisitados pela direção do clube e até por instituições de memória da capital mineira para compor exposições sobre a história do futebol belo-horizontino.<sup>670</sup>

Já Afonso Celso Raso possui um acervo ainda mais extenso, diversificado e requisitado que o de Mário Monteiro, sobretudo se considerarmos sua longa trajetória dentro do clube e do próprio esporte mineiro. Reconhecendo a importância desse conjunto de materiais, recorrentemente demandado por diversos pesquisadores e jornalistas da capital mineira, nos últimos anos Afonso Celso Raso tem organizado, em parceria com amigos e familiares, uma espécie de centro de memória ou arquivo da história dos esportes mineiros em um dos salões de sua casa, dispondo toda sua coleção em quadros, araras, estantes e armários

---

<sup>668</sup> BENJAMIN, Walter. O colecionador. In: BOLLE, Willie; MATOS, Olgária Chain Féres (Org.). *Passagens*. Tradução de Irene Aron; Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 245.

<sup>669</sup> Para um comentário sobre o público leitor de livros de futebol, com destaque para os colecionadores e torcedores, ver: PIAZZI, Giulia Sampaio. *Esporte de massa como objeto de nicho: uma análise editorial do mercado de livros de futebol*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Tecnologias de Edição) – CEFET-MG, Belo Horizonte, 2015, p. 48-59.

<sup>670</sup> Refiro-me aqui à exposição “Belo Horizonte F. C. – trajetórias do futebol na Capital Mineira”, em cartaz no Museu Histórico Abílio Barreto entre agosto de 2012 e julho de 2014.

projetados, alguns dos quais com tampos de vidros que servem como expositores de parte do seu acervo.

Desconsiderando os materiais dispersos, como recortes de revistas e jornais, e as obras dedicadas à história do futebol e dos esportes em geral, em ambos os acervos, *América – o “deca-campeão”* se apresenta, junto com os trabalhos de Carlos Paiva, como as únicas publicações impressas sobre a história americana. Aliás, para minha surpresa, na residência de Afonso Celso Raso, encontrei, junto às revistas e aos livros sobre o América, pelo menos três exemplares originais desse livro americano.

Ainda como parte das investigações que empreendi em arquivos pouco usuais, mais recentemente procurei expandir as fronteiras geográficas e passei a contatar, virtualmente, alguns pesquisadores que se dedicam a produzir *sites* de histórias do futebol brasileiro e arquivos de jogos e de campeonatos de futebol na internet. Por meio desses contatos, constatei que, enquanto Afonso Celso Raso e Mário Monteiro estão preocupados com a memória do América e dos esportes mineiros, esses pesquisadores da história do futebol Brasil afora têm se ocupado, já há algum tempo, de projetos um pouco mais ambiciosos. Em 22 de abril de 1988, por exemplo, a revista *Placar* publicou uma carta do leitor Décio Chiciuc Vital, intitulada “Memória da bola”,<sup>671</sup> que dizia o seguinte:

Quero salvar a memória de nosso futebol. Por isso estou formando um arquivo com dados sobre todos os campeonatos estaduais e brasileiros, torneios internacionais e jogos amistosos, desde o começo do século até os dias de hoje. Sei que é uma tarefa difícil. Assim, conto com a ajuda dos leitores de PLACAR [sic]. Qualquer informação será bem recebida.

Em contato estabelecido via e-mail, soube que Décio Vital continua desenvolvendo esse trabalho de compilação de dados de jogos de futebol envolvendo clubes ou selecionados brasileiros. Ainda por meio de conversas virtuais, soube também que, para realizar esse trabalho, Décio Vital constituiu uma invejável coleção de materiais impressos sobre o futebol brasileiro e mundial. Nos últimos anos, essa sua coleção vem sendo digitalizada e compartilhada a preços bem modestos com outros pesquisadores, incluindo uma precária cópia de *América – o “deca-campeão”*, contribuindo, assim, para que a obra circule e ganhe o status de uma das principais referências sobre o clube para além dos americanos e belo-horizontinos. Não por coincidência, algumas publicações dos primeiros campeonatos mineiros disponíveis na *RSSSF Brasil*, da qual faz parte o próprio Décio Vital, referenciam esse livro.<sup>672</sup>

<sup>671</sup> VITAL, Décio Chiciuc. Memória da bola. *Placar*, São Paulo, n. 933, 22 abr. 1988, p. 65.

<sup>672</sup> Disponível em: [goo.gl/B4EGHm](http://goo.gl/B4EGHm). Acesso em: 8 jun. 2018.

Teria sido, portanto, dessa maneira que, durante um longo período, que se estendeu do início dos anos de 1970 até princípios dos anos de 2010, *América – o “deca-campeão”* assumiu a condição de primeira e única referência impressa sobre a história do América. Isso explica por que, muitas vezes, *América – o “deca-campeão”* vem sendo referenciada por pesquisas de pós-graduação sobre o futebol belo-horizontino, como a pioneira dissertação de mestrado de Euclides Couto<sup>673</sup> e, mais recentemente, a tese de doutorado de Sarah Soutto Mayor<sup>674</sup> – e, ainda, minha própria dissertação de mestrado.<sup>675</sup> Além desses trabalhos, esse livro também possui forte presença em algumas das mais importantes manifestações historiográficas não acadêmicas sobre o clube, como o *Acervo do Coelho* e, principalmente, as obras de Carlos Paiva, que não apenas o referenciam na lista de livros consultados<sup>676</sup> como, em vários momentos, praticamente reescrevem os episódios históricos narrados pela publicação em questão. Assim, mais do que o primeiro fascículo de “História do América”, publicado pela promoção da Teivanir Pinheiro, *América – o “deca-campeão”* pode ser considerada uma espécie de matriz de parte significativa das narrativas históricas do América que hoje conhecemos.

### **6.2.1 Um álbum da “grande e simpática família americana”**

Aqueles que porventura forem apresentados a *América – o “deca-campeão”* como um livro de história, provavelmente irão passar pelo mesmo estranhamento que passei, já que, assim como a maior parte das pessoas e a despeito das inúmeras definições e descrições técnicas existentes, nossa tendência é chamar de livro aqueles “objeto[s] impresso[s], graficamente produzido[s] sob encadernação”<sup>677</sup> específica, na maior parte das vezes, com folhas costuradas e coladas.<sup>678</sup> Ao contrário disso, essa publicação é uma brochura pouco extensa, composta por 38 folhas de papel *offset*, tamanho 44 x 60 cm, algo equivalente a uma

<sup>673</sup> COUTO, Euclides de Freitas. *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PUC Minas, Belo Horizonte, 2003.

<sup>674</sup> SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. *O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940*. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerias, Belo Horizonte, 2017, p. 287-325.

<sup>675</sup> LAGE, Marcus Vinícius Costa. *“Deixem em paz os nossos cracks” – Análise sociológica da profissionalização do futebol belo-horizontino: a regulamentação e os significados sociais*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PUC Minas, Belo Horizonte, 2013, p. 105-116.

<sup>676</sup> PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012*. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012, p. 415; PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Minha paixão: o América Futebol Clube, BH, o América Mineiro*. Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2011, p. 148. (Minha paixão; 1).

<sup>677</sup> RIBEIRO, Ana Elisa. O que é e o que não é um livro: materialidades e processos editoriais. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 9, n. 4, out./dez. 2012, p. 334.

<sup>678</sup> Sobre os tipos de encadernação mais comumente utilizadas em livros, ver: VILLAS-BOAS, André. *Produção gráfica para designers*. 3. ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2010, p. 160-161. (Série Oficina)

folha de tipo A2, impressas em paisagem, monocromia preta e branca, reunidas por dois grampos “na dobra dos formatos abertos”<sup>679</sup> e revestidas por “um papel um pouco mais encorpado e brilhoso”,<sup>680</sup> impresso em cores. Um material, portanto, que, embora não seja tão modesto quanto o primeiro fascículo da “História do América”, lançado por *América Deca 70*, reflete um menor investimento material do que, por exemplo, a edição de luxo da *Enciclopédia do América*.

Além dessas características tipográficas mais “perceíveis”, menos dispendiosas e, portanto, mais frequentemente usadas “em revistas [...] de baixo custo”,<sup>681</sup> *América – o “deca-campeão”* também difere do que se convencionou chamar de *livro* por ser uma publicação não autoral – ou, se preferirmos, por ser um “ato coletivo”<sup>682</sup> –, produzida por um grupo de redatores. Em vez, por exemplo, de uma ficha catalográfica, que usualmente registra a numeração internacional (ISBN) e os demais créditos da obra, em sua última página, essa publicação nos apresenta um quadro intitulado “Expediente”, tal como o fazem os jornais e as revistas, identificando ali o seu “corpo de redação”.

Por meio desse “Expediente”, é possível perceber que *América – o “deca-campeão”* ficou a cargo do que parece ter sido, como seu próprio nome evidencia – Raymar Promoções Ltda. –, uma empresa de promoção comercial – provavelmente, de propriedade de Raymundo Seixas, ali também identificado como “Diretor Responsável” pela publicação. Essa natureza comercial de *América – o “deca-campeão”* fica ainda mais evidente quando constatamos que, depois de identificados a empresa e o “Diretor Responsável”, a terceira informação arrolada por esse “Expediente” é a função da “Publicidade”. Algo que explica, também à semelhança dos periódicos de grande circulação e, de maneira pouco usual, das publicações reconhecidamente tratadas como livros, o fato de o texto de *América – o “deca-campeão”* dividir boa parte de seu espaço com uma série de anúncios promocionais. Só para se ter uma ideia, são mais de 40 anúncios ao longo de toda a obra, oito deles ocupando uma página inteira, e outros 15, duas colunas ou meia página, o que reduz para metade as páginas com fotografias e, principalmente, com textos históricos escritos. A maior parte desses anúncios é de segmentos que historicamente promoveram, e ainda promovem, o futebol na cidade e no

<sup>679</sup> VILLAS-BOAS, André. *Produção gráfica para designers*. 3. ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2010, p. 160. (Série Oficina)

<sup>680</sup> VILLAS-BOAS, André. *Produção gráfica para designers*. 3. ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2010, p. 161. (Série Oficina)

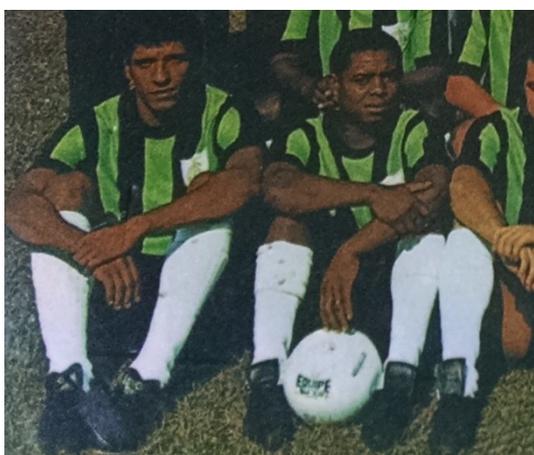
<sup>681</sup> VILLAS-BOAS, André. *Produção gráfica para designers*. 3. ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2010, p. 114 e 160. (Série Oficina)

<sup>682</sup> Para uma discussão das revistas como um “ato coletivo”, ver: ROCCA, Pablo. Por que, para que uma revista. (Sobre sua natureza e sua função no campo cultural latino-americano). *Boletim de Pesquisa NELIC*, Florianópolis, UFSC, v. 7, n. 10, p. 1-22, 2010. (Tradução de Doralicia Furtado da Rosa e George Luiz França)

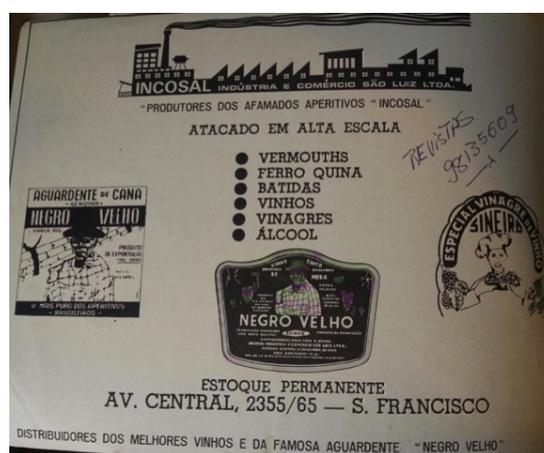
próprio país, como as indústrias e os comércios alimentícios, de bebidas e cigarros, da construção civil, de materiais esportivos, as lojas departamentais, as empresas do mercado financeiro, de comunicação social, da área de saúde e educacional, além de órgãos estatais ligados aos poderes legislativo e executivo de Belo Horizonte e Minas Gerais.<sup>683</sup>

Como se vê na Figura 46, até suas capas estampam publicidades de página cheia, à exceção da capa principal, composta por um pôster de uma equipe de futebol do América. Mas, se observarmos com cautela, até ali *América – o “deca-campeão”* abriu espaço para esse tipo de comunicação, já que cinco bolas da marca “Equipe Super” encontram-se dispostas entre os pés dos jogadores que estão sentados na fotografia.

Figura 46 – Capas de *América – o deca-campeão*



Legenda: Detalhe da bola “Equipe Super” na capa principal.



Legenda: Segunda capa.



Legenda: Terceira capa.



Legenda: Quarta capa.

Fonte: Acervo pessoal.

<sup>683</sup> O Apêndice A – Anúncios de *América – o “deca-campeão”* traz uma tabela com todos os 44 anúncios, categorizados segundo: a propriedade do anunciante, se público ou privado; o setor de atuação, se comercial, industrial ou de serviços; o segmento de atuação, se alimentício, de comunicação, construção civil, político, etc; o tamanho aproximado que aparecem na obra; a natureza de seus textos, se empresarial, em homenagem ao clube ou político; e se promoveram, mesmo que indiretamente, algum dirigente esportivo.

Apesar de se assemelhar, portanto, a uma revista promocional, logo em seu texto de apresentação, intitulado “A vez do América”, *América – o “deca-campeão”* se autotitulou como um “álbum de família”, da “grande e simpática família americana”. Muito provavelmente, a imagem do “álbum de família” que predomina em nossa sociedade é a do “caderno ou livro de folhas grandes” e “em branco”, “geralmente com capa ornamentada”, utilizado para “recolher notas, pensamentos, poesias, autógrafos, impressões de viagem” e, sobretudo, “fotografias”<sup>684</sup> familiares. Não por coincidência, essa é a conjugação das duas primeiras definições de “álbum” que constam em um dicionário brasileiro de língua portuguesa amplamente conhecido e disponível na internet. Mas, por ser uma reprodução tipográfica, cujas técnicas e materiais empregados para sua confecção, aliás, são relativamente simples, talvez fosse desnecessário dizer que o álbum americano não é, propriamente, um “álbum de família” tal como o conhecemos. Por outro lado, se procurarmos os limiares históricos desses livros ou cadernos preenchidos artesanalmente com fotografias familiares, veremos que essa autotitulação de *América – o “deca-campeão”* não é de todo despropositada.

De acordo com o videoartista Raimo Benedetti,<sup>685</sup> a origem dos álbuns de fotografias remonta a meados do século XIX, mais precisamente ao ano de 1850, quando o empresário belga Louis Désiré Blanquart-Évrard inventou uma das primeiras técnicas de impressão e colagem fotográficas de que se tem notícia, baseada no uso da clara de ovo, substância também conhecida nas ciências biológicas como albume ou albumina. Por meio da técnica em albumina, Blanquart-Évrard criou, em 1851, uma editora de arte que editava e comercializava, na Europa ocidental, especialmente na França, livros ilustrados, denominados por ele como álbuns, com trabalhos de diversos fotógrafos pioneiros. Assim, continua Benedetti, os álbuns fotográficos teriam nascido como uma das primeiras formas de “exploração comercial industrial das imagens fotográficas”, e não propriamente com a intenção de serem arquivos fotográficos particulares, “iconotecas da memória familiar”, como aponta Jacques Le Goff<sup>686</sup> sobre os álbuns de família, popularizados nas sociedades ocidentais apenas na segunda metade do século XX, quando da massificação das fotografias e das próprias máquinas fotográficas.

---

<sup>684</sup> ÁLBUM. In: *MICHAELIS – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2018. Disponível em: [goo.gl/9xybuf](http://goo.gl/9xybuf). Acesso em: 30 jul. 2018.

<sup>685</sup> BENEDETTI, Raimo. Fotografia e cinema: aproximações e distanciamentos no século XIX. *Teccogs: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, PUC-SP, São Paulo, n. 14, jul./dez. 2016, p. 151-168.

<sup>686</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 426-427.

Como demonstra o mestre em História Rodrigo dal Forno<sup>687</sup> para o caso brasileiro, nos três primeiros decênios do século XX, esses álbuns, impressos tipograficamente para fins comerciais, já não mais se restringiam ao universo artístico, sendo, inclusive, editados por veículos de comunicação, empresas de publicidade e órgãos oficiais governamentais. Daí muitos deles congregarem as mesmas características físicas das revistas ilustradas da época, com capa e contracapa impressas em cores, miolo em preto e branco, e farta presença de anunciantes. Por isso, continua Rodrigo dal Forno,<sup>688</sup> suas páginas passaram a ser compostas por “textos informativos, mapas e reportagens”, que “atua[vam] como uma linha de amarração da narrativa visual operada por meio das fotografias”.

Essa característica se aplicaria perfeitamente a *América – o “deca-campeão”*, que, em linhas gerais, é composto por 76 páginas e cerca de 40 textos fartamente ilustrados com fotografias de atletas, equipes esportivas, dirigentes, torcedores e patrimônios americanos. Além dos reclames publicitários já mencionados, entre sete e oito dezenas de fotografias também ilustram o álbum americano. Isso sem contar as cinco seções dispersas ao longo da obra, de natureza exclusivamente fotográfica, algumas delas chamadas de “galerias”, dedicadas a representar os presidentes do clube (Figura 47), os troféus conquistados por ele e os jogadores e times de futebol (Figura 48) e de basquete que o defenderam.

Figura 47 – Aspecto geral de parte da seção “Galeria dos presidentes”



Figura 48 – Aspecto geral da seção “América através dos tempos”, que traz alguns times de futebol do América



Fonte: Acervo pessoal.

<sup>687</sup> DAL FORNO, Rodrigo. *O “Álbum dos Bandoleiro” da Revolução de 1923: uma análise de Política e Imagem no Rio Grande do Sul da década de 1920*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015, p. 58-66.

<sup>688</sup> DAL FORNO, Rodrigo. *O “Álbum dos Bandoleiro” da Revolução de 1923: uma análise de Política e Imagem no Rio Grande do Sul da década de 1920*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015, p. 58.

Além disso, conforme Rodrigo dal Forno,<sup>689</sup> como produtos eminentemente comerciais, as narrativas sustentadas por esses álbuns “tenta[m] servir como referência de sinopse e registro de um episódio histórico específico” – geralmente, um episódio recente, capaz de atrair o interesse público e alavancar as vendas do projeto editorial. Algo que também me parece acontecer com *América – o “deca-campeão”*.

Embora, em momento algum, o álbum americano explicita a data em que foi posto em circulação pela primeira vez, seus mais de 40 anúncios fornecem algumas pistas para tentarmos descobrir o momento em que isso teria acontecido. Dois deles, em especial, sobre o jornal *O Debate*, que dizia que este “circula[va] aos domingos, à noite, há 18 anos” (Figura 49), e sobre a “feira de alimentação”, realizada “de 7 a 16 de abril de 1972” (Figura 50), são bastante sugestivos. Se *O Debate* foi fundado em 28 de agosto de 1953,<sup>690</sup> e os anunciantes da “feira” não teriam o menor interesse em divulgar seu evento depois que ele já tivesse se encerrado, é de se presumir que, àquela altura, estávamos, portanto, entre o final de agosto de 1971 e o início de abril de 1972.

Figura 49 – Anúncio do jornal *O Debate* e seus 18 anos de existência



Figura 50 – Anúncio da “feira de alimentação” para abril de 1972



Fonte: Acervo pessoal.

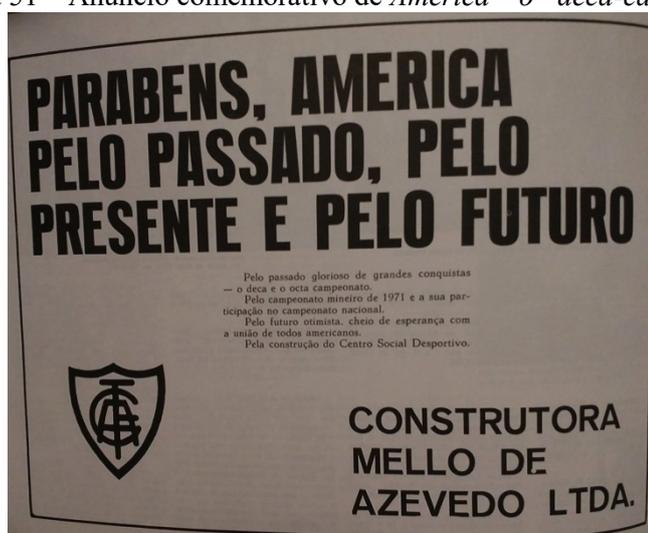
Em outras palavras, isso significa que *América – o “deca-campeão”* ganhou as ruas de Belo Horizonte em um momento alvissareiro para o clube e de grande esperança para seus torcedores. Um momento em que o clube inaugurava o parque aquático de seu Centro Social e Desportivo e em que seu time de futebol, vencedor do inédito título estadual na “era

<sup>689</sup> DAL FORNO, Rodrigo. *O “Álbum dos Bandoleiros” da Revolução de 1923: uma análise de Política e Imagem no Rio Grande do Sul da década de 1920*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015, p. 58.

<sup>690</sup> Cf. LINHARES, Joaquim Nabuco. Catálogo de periódicos: 1895-1954. In: *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995, p. 515.

Mineirão”, disputava sua primeira competição nacional interclubes. Não por coincidência, cerca de 20% das propagandas que estampam as páginas do álbum americano parabenizam o clube pela conquista de junho de 1971, atrelando a imagem dos anunciantes à vitoriosa campanha alviverde daquele ano. E, ao menos um deles (reproduzido na Figura 51) ainda o cumprimentava pela participação de seu time de futebol no Campeonato Nacional e pela inauguração parcial de seu clube social e esportivo.

Figura 51 – Anúncio comemorativo de *América* – o “deca-campeão”



Fonte: Acervo pessoal.

Um anúncio que, diga-se de passagem, sintetiza muito bem a intenção daquele álbum: a de ser não apenas uma publicação comemorativa dedicada à “família americana”, mas também um recado público da grandeza do América. Uma grandeza, como explicita a propaganda, que não se limitava ao ano de 1971, que pode ser encontrada no “passado glorioso e de grandes conquistas” do clube. E ainda projetada para o “futuro otimista”, “cheio de esperança com a união de todos americanos” e com a “construção do Centro Social Desportivo”.

### 6.2.2 “A grandeza do América começa aqui!”

Não havia maneira mais apropriada para abrir aquele álbum da “família americana” do que a afirmação de que a grandeza do América começava com a sua torcida. Isso porque a frase usada como título desta subseção aparece logo na primeira página do miolo de *América* – o “deca-campeão” (Figura 52), acompanhando uma fotografia da torcida americana em efusiva comemoração, na boleia de um caminhão, com grandes bandeiras e faixas alusivas ao

clube. Um discurso que tentava se contrapor a piadas como as de Augusto Rocha, que teria dito que o “americano era igual à linha do Equador: todo mundo sabe que existe[,] mas ninguém vê”. Ou à sistemática argumentação dos dirigentes do futebol brasileiro pela exclusão do clube no Robertão, de que a “torcida do América era pequena” e incapaz de viabilizar boas receitas em seus jogos.

Figura 52 – “A grandeza do América” pelo álbum americano



Fonte: Acervo pessoal.

Expressando ainda essa preocupação, logo após o seu texto de apresentação, *América – o “deca-campeão”* faz uma “Saudação à torcida” americana, ilustrada com uma fotografia da festa alviverde nas arquibancadas de algum estádio. Um texto que procurava sintetizar as características definidoras dos adeptos do clube na capital mineira, opondo-se à máxima de que os americanos eram apenas “elementos da classe média e superior”. Um exemplo disso, segundo essa “Saudação à torcida”, podia ser encontrado “à esquerda das cabines” do estádio Alameda, onde “tôdas as classes sociais ali est[ariam], a provar que o América F. C. [era] também um clube popular”. Uma realidade que já havia sido apresentada pelo americano Paulo Papini,<sup>691</sup> que, em fevereiro de 1970, escreveu sua coluna “Dente de Coelho” para o *Diario da Tarde* “instalado na geral do ‘Mineirão’”, como forma de atestar que o América não era um “time de arquibancada e cadeiras especiais”. Isso porque, ali de onde estava, ele “só v[ia] americano ao [seu] redor”.

<sup>691</sup> PAPINI, Paulo. Exemplo do Cruzeiro e solução do América. *Diario da Tarde*, coluna Dente de Coelho, Belo Horizonte, 5 dez. 1966. p. 7.

Apesar disso, o principal “salve” de *América – o “deca-campeão”* à torcida americana não foi dado em função de sua pluralidade social e econômica. Para o álbum americano, a torcida do América era “a mais fácil de ser saudada” porque ela “deve ser, ou é com certeza, a mais fiel do Brasil”. E as justificativas para essa fidelidade ímpar convergiam com a caracterização dos americanos feita pelo primeiro fascículo de *América Deca 70*. Isso porque, para o texto “Saudação à torcida”, “torcer para equipes que estão sempre ganhando” é moleza. Difícil mesmo é torcer para o América, cujos inúmeros “insucessos aborrecem” qualquer um, “nada mais natural”. Mesmo assim, segundo aquele texto, “[n]ão se conhecem casos de rasgamento de carteiras no América. O time não vai bem? Paciência.” Em outras palavras, de acordo com os redatores do álbum, o americano “[s]ofre, mas ama o seu clube. E ama com orgulho.” E essa forte resiliência faz do americano um torcedor diferenciado. Assim, *América – o “deca-campeão”* reproduzia a máxima de Etienne Filho, de que “americano é quem pode, não é quem quer”. Por isso é que eles “sauda[vam] a brava, a elegante, a ardorosa, torcida americana”.

Toda essa caracterização é uma boa amostra da narrativa histórica do clube apresentada por *América – o “deca-campeão”* logo após esse texto de “Saudação à torcida”. Embora não respeite uma divisão tão demarcada quanto o livro do historiador oficial do América, em alguma medida aquele álbum do início dos anos de 1970 já organizava os registros do passado americano a partir de quatro partes principais, muito semelhantes àquelas adotadas por Carlos Paiva. Assim como na *Enciclopédia do América*, a primeira, e também a mais referenciada pelos trabalhos que se valeram de *América – o “deca-campeão”*, é a mais extensa delas, composta por 12 textos (ou capítulos, se preferirmos), que narram, cronologicamente, os principais acontecimentos dos, então, 60 anos de existência do clube. Não ano a ano, como faria o historiador americano no início do novo milênio, mas a partir de alguns episódios considerados marcantes na história do clube. Registros que, em vários momentos, parecem ter sido reescritos por Carlos Paiva, tamanha suas simetrias. Apenas para ilustrar, apresento, a seguir, um quadro comparativo com os títulos das notas cronológicas utilizadas pelo álbum e pela enciclopédia americanos para narrar a fundação e os primeiros anos de vida do clube. É de se notar, nesse quadro, que apenas uma nota de cada obra não possui correspondência, enquanto sete títulos de *América – o “deca-campeão”* são apropriados, explicitamente, pelo texto da *Enciclopédia do América*.

Quadro 1 – Comparativo de títulos das duas obras

<b>Título dos textos de <i>América – o “deca-campeão”</i></b>	<b>Título dos textos da <i>Enciclopédia do América</i></b>
“As primeiras providências” “A escolha do nome” “Os fundadores” “Os primeiros estatutos”	“1912 – O início”
“As côres [sic] do clube”	“O primeiro uniforme”
“A 1ª bola”	“A primeira bola”
“A 2ª bola”	“A segunda bola”
“A primeira equipe”	“Primeira equipe”
“Os primeiros campos”	“Os primeiros campos”
“Fusão do América com o Minas Gerais” “Adesões”	“1913 – O ano da virada”
“Novas adesões” “Nova fase [sic]”	“A cisão deles”
“Os primeiros jogos”	“Os primeiros jogos”
“A 1ª grande vitória”	“A primeira grande vitória”
“1º jogo interestadual”	[sem texto correspondente]
“As primeiras sedes”	“As primeiras ‘sedes””
[sem texto correspondente]	“Primeira goleada no Galo”

Fonte: História do América. In: SEIXAS (Dir.). *América – o “deca-campeão”*, s/p.; [PAIVA] OLIVEIRA. *Enciclopédia do América*, p. 35-41.

Exemplos como esse podem ser estendidos aos próprios textos narrativos sobre a fundação do clube e aos títulos e histórias dos demais episódios apresentados por *América – o “deca-campeão”*, sobretudo até o decacampeonato. Não por coincidência, assim como a *Enciclopédia do América*, o álbum americano também caracteriza o passado do clube a partir de duas grandes fases, muito típicas do mito da decadente aristocracia americana. A primeira delas, situada entre os anos de 1911 e 1925, registra uma trajetória de ascendência do clube, ou, conforme a publicação, um “progredir continuado”, marcado pelos “feitos” esportivos e pelas conquistas patrimoniais, que lhe garantiram reconhecimento social e a “hegemonia” do futebol belo-horizontino durante esse período.

O episódio inaugural dessa primeira fase, apresentado em texto intitulado “História do América”, foi o da fundação do clube. Nele, encontramos um registro dos primeiros anos de história do América que, em vários momentos, nos remete ao depoimento concedido por

Affonso Silviano Brandão aos redatores de *América Deca 70*. Dentre as várias informações que ali se apresentam, destaque para a recorrente menção aos fundadores e primeiros associados do América, chamados pela publicação de “paladinos da bela causa” e descritos como estudantes abastados e destacados políticos e comerciantes do estado. É a eles que *América – o “deca-campeão”* atribui o papel de enfrentar o “período delicado para a consolidação da sociedade” que estava em formação, garantindo ao clube a “estabilidade necessária ao franco desenvolvimento posterior”.

Como não podia ser diferente, para os redatores do álbum o auge dessa ascendente trajetória do América, ou da grandeza da história do clube, teria sido o “Deca campeonato”. Na obra, a conquista é abordada a partir de uma crônica de abertura e outra de encerramento e um sumário das vitoriosas campanhas, com a data de realização dos jogos e seus resultados, além de uma relação dos “jogadores campeões” – tal como o faz Carlos Paiva, com seus “resumos” do decacampeonato. E não é exagero de minha parte dizer que o atual historiador do América reescreve alguns dos registros de *América – o “deca-campeão”*: a crônica de apresentação do decacampeonato nessa publicação também atribui o “feito glorioso” do América aos “formidáveis chutes de João Brito, [às] entradas elegantes de ‘Rato’ (Waldemar Jacob), [aos] gols espetaculares de Francisco Mattos, [aos] ‘driblings’ e [à] distribuição perfeita de ‘Kainço’ (Carlos Quadros)”. E menciona, ainda, da mesma maneira que Carlos Paiva, o caso de “Arco e Flexa, famoso cronista esportivo da cidade”, que “escrev[ia] as vitórias do América, no tempo do Déca, por antecipação. Na crônica de véspera, deixava pequeno espaço para anunciar o placar, tal a certeza do sucesso da equipe alvi-verde”.

Essas similitudes também se fazem presentes na crônica de encerramento do decacampeonato, dedicada à suposta conquista americana de 1925. Ali, *América – o “deca-campeão”* recorre à mesma perspectiva teleológica de Carlos Paiva, afirmando que a décima conquista consecutiva do clube era um “sonho há tantos anos acalentado” pelos americanos. Para concretizá-lo, diz ainda o álbum do início dos anos de 1970, a diretoria americana “reforç[ou]” o seu plantel “trazendo para a Alameda diversos jogadores já consagrados no cenário esportivo do Brasil”. Dentre eles, “Villa, Hércules Del Nero (Sangureira), Benedito Rochelle do Amaral (Tango), Badú, Vespú e Pequitote”. Todos, como vimos, igualmente citados pelo atual historiador americano em sua obra de 2012. Contando com esses atletas, conforme *América – o “deca-campeão”*, ainda nessa crônica, a equipe americana “não encontrava aqui adversários à altura e que pudessem fazer perigar a sua hegemonia no futebol das montanhas”. E, “diante d[e sua] flagrante superioridade”, os demais participantes “resolveram não mais disputar o certame após a 3ª rodada do 1º turno”, de modo que “a

L.M.D.T. deu ganho de causa ao América, proclamando-o campeão de 1925”. Talvez um primeiro sintoma do fim da fase áurea do clube, já que a “desistência” dos adversários teria sido “uma desagradável surpresa”, e o décimo título foi “encerrado melancolicamente”, segundo o álbum.

De todo modo, o episódio-chave que, segundo o álbum americano, representa um ponto de inflexão na história do clube, inaugurando uma nova fase de sua existência, foi mesmo o “protesto contra o profissionalismo” empreendido por sua diretoria. Um episódio que, mesmo de longe, lembra as vicissitudes enfrentadas pelo clube naquela virada dos anos de 1960 para 1970. E que foi revestido de uma simbologia digna de ser incorporada à história do clube e à identidade dos americanos.

Dessa maneira, *América – o “deca-campeão”* começou aquele texto, que recebeu o título de “Reação contra o profissionalismo”, dizendo que, “[a] partir de 1926, o América viveu uma fase de lutas fora dos gramados, com as primeiras auras do profissionalismo”. Muito embora não estivesse equivocada, essa frase possivelmente também aludia às longas negociações travadas pelos americanos nos bastidores do futebol para a inclusão do clube no Robertão naqueles últimos anos. Recuperando uma memória como aquela compartilhada por Affonso Silvano Brandão, em *América Deca 70*, para os redatores do álbum o principal motivo do América se envolver nessas “lutas” foi a “recus[a]” do clube em “aceitar o profissionalismo aberto”, mesmo tendo sido o “[i]ntroductor em Minas do profissionalismo marron (pagamento do jogador às ocultas)”. “E, para levar avante o seu protesto, substituiu até o verde de seu pavilhão pelo vermelho”.

Mas se os dirigentes dos anos de 1930 haviam sido responsáveis por consagrar aquele cariz inconformista tão próprio dos americanos, *América – o “deca-campeão”* assevera que aquela mesma “Reação contra o profissionalismo” teria feito o clube “fic[ar] parado no tempo e no espaço, enquanto o Atlético, o Palestra (antigo nome do Cruzeiro), o Vila Nova [sic] e outros se lançavam à frente”. Uma espécie de aviso para aqueles que, como Amador de Barros, pretendiam acabar com o departamento de futebol do clube. Tanto é assim que, para o álbum americano, o clube só “voltou atrás de sua decisão” em 1947. Um ano que, como vimos, não corresponderia exatamente ao retorno do “verde e branco adotado em sua fundação, em 1912”, segundo *América – o “deca-campeão”*, mas que anteciparia “a primeira conquista americana dentro do profissionalismo. Depois só em 1957 e 1971”, conclui o registro daquele episódio.

Assim, a história americana que, até o decacampeonato, vinha sendo narrada quase que anualmente por *América – o “deca-campeão”*, passou a ser, a partir de então, bem mais

seletiva, restringindo-se àquelas escassas conquistas futebolísticas do clube. Um longo período, mais marcado pelas agruras do que pelos sucessos. E que teve a “Reação contra o profissionalismo” como a principal responsável pelo ocaso. Por outro lado, essa mesma fase que foi inaugurada após o decacampeonato também representou a capacidade de superação do clube, indicando um possível reencontro com os áureos anos de 1910 e 1920. Um exemplo nesse sentido é o texto dedicado à conquista da “tríplice coroa” de 1957, título simbólico dado ao América campeão mineiro profissional, aspirante e juvenil naquele ano. “Um rosário de títulos”, como descreveu a publicação, “que somente pode[riam] ser conquistados por um clube capaz de sair das situações mais aflitivas, para uma jornada brilhante, cheia de glória e vitórias memoráveis”.

Mas, como revelaram os redatores do álbum americano em um de seus últimos textos, intitulado “O América atual”, foi mesmo no início daqueles anos de 1970 que o América parece ter “da[do] um impulso decisivo para reconquistar seu lugar entre os maiores clubes do Brasil”, lançando as bases da “estrutura necessária ao ressurgimento do América como força básica do futebol mineiro ao lado do Cruzeiro e do Atlético”. E, para *América – o “deca-campeão”*, “[t]odos os planos do América para o futuro se base[ariam] na construção da Vila Olímpica, pois ela ir[ia] possibilitar ao público a reunião de uma grande massa de torcedores, o que canalizar[ia] para os seus cofres uma renda mensal apreciável”.

A importância do projeto para o “futuro” do clube fez o álbum americano dedicar um de seus textos ao “Centro Social e Desportivo”. Uma espécie de prestação de contas aos “americanos de tôdas as camadas sociais” que estavam “prestigiando inteiramente” a iniciativa e que haviam comprado “[m]ilhares de títulos [...] em tempo recorde”. Ao mesmo tempo, uma propaganda do empreendimento de “22 mil metros”, concebido com “linhas arquitetônicas [...] inteiramente modernas”, “o maior e mais bonito centro esportivo do Brasil, com a vantagem de estar localizado bem no centro da cidade, a 5 minutos da Praça Sete”, um dos corações da capital mineira. E, o mais importante, uma “monumental obra, que possibilitar[ia] ao grêmio alvi-verde a sua independência financeira, além de proporcionar a expansão da natação e de outros esportes que tantas e tantas glórias deram ao clube”. Não por coincidência, o informe do “Centro Social e Desportivo” foi publicado logo após *América – o “deca-campeão”* apresentar a vitoriosa história das diversas modalidades esportivas que o clube já havia abrigado. Assim, o álbum americano conclui esse texto conclamando todos os americanos a “participarem dêsse esforço gigantesco”, pois “[s]ó assim o América voltar[ia] às suas gloriosas jornadas”.

E, como diz o texto “O América atual”, a maior prova de que o clube estava mesmo no “rumo certo” era que, no ano de inauguração da “piscina olímpica”, das “2 piscinas para crianças e [do] ‘playground’” do Centro Social e Desportivo, a diretoria americana havia montado “um bom plantel, onde se destaca[vam] algumas realidades e várias promessas do futebol mineiro”. Uma equipe que não apenas havia conquistado o inédito estadual na “era Mineirão” como também “se disp[unha] a brilhar no próximo campeonato mineiro, para alegria e desafôgo dos seus agora animados torcedores”. Como se o América daqueles anos de 1971 e 1972 representasse, para a publicação, uma espécie de ponte histórica, que ligava aquele alvissareiro momento vivido pelo clube ao seu passado outrora “hegemônico”.

Possivelmente, a composição de sua capa principal (Figura 45) seja a representação maior desse esforço. Como nos pôsteres comemorativos, comumente lançados pela grande imprensa após a conquista de alguma competição de futebol, a capa de *América – o “deca-campeão”* estampava a foto da equipe de futebol do América, sua comissão técnica e seus dirigentes engravatados, emoldurados pelo Mineirão, palco da invicta campanha americana de 1971. No entanto, ao contrário desses pôsteres, que mencionam explicitamente, em letras garrafais, o feito daquela equipe vitoriosa, o subtítulo do álbum americano, inscrito sobre o céu anil, traz a lembrança do decacampeonato, maior laurel de toda a história do clube – de modo que aqueles representantes do América de 1971 e 1972 apareciam ali como legítimos herdeiros de um América progresso, supostamente hegemônico nos anos de 1910 e 1920. Um América que parecia, enfim, ter reencontrado o caminho das glórias e da grandeza.

### 6.3 A *Placar* anuncia: “Era uma vez um grande” América

“– Deixe o Jair Bala fumar, beber e até tomar LSD. É melhor um viciado que jogue bola do que comportadinhos que não ganhem jogo. Clube não é seminário.” (Figura 53) Esse incisivo e provocante conselho dado a Rui da Costa Val por um anônimo americano foi publicado na seção “De primeira”, do segundo e ainda experimental número da revista *Placar* de 3 de fevereiro de 1970. Uma polêmica opinião, como bem observou o historiador João Malaia,<sup>692</sup> que se mostrava muito alinhada ao editorial daquele novo projeto do Grupo Civitas, proprietário da editora Abril, interessado não apenas em preencher uma lacuna da imprensa brasileira, carente de uma “grande revista semanal dedicada exclusivamente aos esportes” e ao público masculino, como também a de ser uma voz politicamente dissonante ao

<sup>692</sup> MALAIA, João. *Placar*: 1970. In: HOLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 150-154. (Coleção Visão de Campo)

regime militar. Principalmente se levarmos em consideração o “momento de grandes expectativas entre os torcedores com a chegada da Copa do Mundo de Futebol no México” e de recrudescimento do autoritarismo, com vários clubes, dentre eles, como vimos, o próprio América, muito próximos ao alto escalão da Ditadura.

Figura 53 – “Deixe o Jair Bala fumar, beber e até tomar LSD” (*Placar*, 1970)



Fonte: *Placar*, São Paulo, n. 0, 3 fev. 1970, p. 12.

Sem desmerecer a pertinente análise de João Malaia sobre as originais características discursivas da *Placar*, essa pequena nota publicada na seção “De primeira” também pode sugerir que, naquele início dos anos de 1970, o América vivia um relativo protagonismo no cenário futebolístico brasileiro. Um protagonismo supostamente ratificado pela conquista invicta do Campeonato Mineiro de 1971 e pela inserção do clube no campeonato nacional daquele ano, como defende *América – o “deca-campeão”*. Não por coincidência, naqueles dois primeiros anos de vida, as páginas da *Placar* frequentemente dedicavam sua atenção ao América e aos seus jogadores. Aliás, embora não tenha encontrado nenhuma evidência que atestasse a veracidade da informação, para alguns americanos o destaque de seu clube do coração era tamanho que, no início de 1971, o novo uniforme do América, estreado contra o Nacional de Montevideú, teria inspirado a revista a presentear Pelé, por ocasião de seu milésimo jogo – um amistoso filantrópico disputado em Paramaribo, no Suriname, contra o campeão local Transvaal<sup>693</sup> –, com uma camisa de listras verticais verdes e pretas. E, ainda, a capa de seu quadragésimo sétimo número estampava uma foto do “rei do futebol” segurando uma “Bola de Prata”, título criado pela *Placar* para premiar os melhores jogadores do Campeonato Nacional, e trajando a tal camisa (Figura 54).

<sup>693</sup> Pelé, mil jogos pelos campos do mundo. *Placar*, São Paulo, n. 47, 5 fev. 1971, p. 2-3.

Figura 54 – A camisa do milésimo jogo de Pelé



Fonte: *Placar*, São Paulo, n. 47, 5 fev. 1971, capa.

Mas, contrariando, mais uma vez, as ufanistas narrativas americanas, na maior parte dos casos, o América não era representado como um dos protagonistas do futebol brasileiro naqueles primeiros anos de existência da *Placar*. Só para se ter uma ideia, uma semana após estampar Pelé supostamente trajado de América em sua capa, a revista abriu sua quadragésima oitava edição com uma matéria que criticava a inclusão do terceiro clube mineiro no primeiro Campeonato Nacional, a ser realizado no segundo semestre daquele ano de 1971.<sup>694</sup> De acordo com os redatores do texto, a criação da “Divisão Extra” do Campeonato Nacional, com a participação de vinte clubes brasileiros, havia sido “uma vitória do sr. João Havelange”, que “reforçou seu esquema político” ao ceder às fortes pressões políticas sofridas desde a segunda metade dos anos de 1960, o que lhe permitia, assim, “tratar de sua candidatura à presidência da FIFA – mas sem pensar em abandonar a CBD”. Ainda segundo a matéria, a inclusão do América na competição seria uma dentre as várias “manobras políticas” orquestradas por João Havelange. Uma decisão que desconsiderava o próprio “Plano-Base do Campeonato, distribuído pela CBD”, que havia definido a “capacidade técnica e financeira” dos clubes como critérios para suas indicações ao certame. Isso porque, para eles, o América “não t[inha] gabarito para disputar um torneio tão importante” e “a inclusão de mais um clube [mineiro] – [fosse] êle qual fôr, [era] prejuízo certo para seus adversários, em Belo Horizonte ou não”.

E, para a tristeza dos americanos, os prognósticos da *Placar* não se mostraram de todo equivocados. Já naquele primeiro Campeonato Brasileiro disputado em 1971, a equipe americana foi eliminada logo na primeira fase da competição, terminando na penúltima

<sup>694</sup> Cf. Até que enfim o campeonato nacional. *Placar*, São Paulo, n. 48, 12 fev. 1971, p. 2-3.

colocação de seu grupo e na décima oitava posição da tabela geral de classificação, à frente apenas do Sport Recife e do Ceará. Em dezenove confrontos realizados, somente duas vitórias obtidas.<sup>695</sup> Acompanhando seu fraco desempenho nos jogos disputados, o clube registrou, ainda, apenas a décima sétima melhor arrecadação de bilheteria.<sup>696</sup> Uma realidade que, por certo, não foi pior tendo em vista que um de seus adversários foi o Atlético, talvez seu maior rival, que, ainda por cima, sagrou-se campeão do certame e vinha se notabilizando como um dos grandes recordistas de público do futebol brasileiro.<sup>697</sup> Embora, no ano seguinte, o América terminasse à frente de quatro clubes na tabela de classificação final do Brasileiro, o cenário não foi menos desolador que aquele vivenciado em 1971. Em uma competição disputada por vinte e seis clubes, o time americano conquistou míseras três vitórias, e sua média de público pagante girou em torno dos cinco mil torcedores – menos de um terço daquela registrada para toda a competição.<sup>698</sup>

Os insucessos acumulados dentro e fora dos gramados fizeram a CBD ameaçar excluir o clube das próximas edições do Campeonato Nacional. A intimidação dos próceres nacionais provocou um grande abalo nas estruturas político-administrativas americanas, especialmente quando a direção do clube apresentou a proposta de venda do ainda incompleto Centro Social e Desportivo, que, em *América – o “deca-campeão”*, havia sido apontado como a tábua de salvação do América. Mesmo contando com forte resistência por parte de alguns ilustres americanos, como Affonso Silviano Brandão, Wilson Gosling<sup>699</sup> e Oswaldo Nobre,<sup>700</sup> o negócio foi selado ainda no ano de 1972, quando uma grande rede de supermercados adquiriu o valioso terreno americano.

Com as contas cheias, o América se preparou como nunca para a disputa da terceira edição do Campeonato Nacional. E, pela primeira vez na sua história, o clube se classificou para a segunda fase da competição, atrás apenas de Palmeiras, Grêmio, Cruzeiro e Santos. Ao final do certame, a equipe americana terminou em sétimo lugar, até hoje o seu melhor desempenho na principal disputa interclubes do país, de modo que vários de seus jogadores figuraram na lista da “IV Bola de Prata” da *Placar*. Dentre eles, Pedro Omar, um dos

<sup>695</sup> A ficha técnica do Campeonato Nacional de 1971 pode ser consultada em: PONTES, Ricardo F. F. Brazil 1971 Championship – Primeiro Campeonato Nacional de Clubes. *RSSSF Brasil – The Rec.Sport.Soccer Statistics Foundation*, 13 maio 2010. Disponível em: [bit.ly/386G46k](http://bit.ly/386G46k). Acesso em: 6 fev. 2020.

<sup>696</sup> CARVALHO, Sérgio A. Era uma vez um grande. *Placar*, São Paulo, n. 300, 26 dez. 1975, p. 70.

<sup>697</sup> Cf. Brasília exige jogos e a CBD não publica tabela. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 19 maio 1968, p. 7.

<sup>698</sup> A ficha técnica do Campeonato Nacional de 1971 pode ser consultada em: SILVA, João Batista Lopes da. Campeonato Brasileiro – 1972. *Sumulas –Tchê – Tabelão Futebol Gaúcho e Brasileiro*, 12 mar. 2013. Disponível em: [bit.ly/2S2Nx0U](http://bit.ly/2S2Nx0U). Acesso em: 6 fev. 2020.

<sup>699</sup> CARVALHO, Sérgio A. Era uma vez um grande. *Placar*, São Paulo, n. 300, 26 dez. 1975, p. 70.

<sup>700</sup> GOMES, Reinaldo; DI TOLEDO, Otávio. *Uma paixão que não se acaba: 50 anos de jornalismo de Oswaldo Nobre*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1990. p. 70.

vencedores na categoria “médio-volante”, e o goleiro Neneca, que, por dois décimos, não levou a “Bola de Ouro” como melhor jogador da competição.<sup>701</sup>

Mas como futebol não é corrida de cavalo, e o público não se conduz apenas pelo desempenho dos concorrentes, mesmo naquela histórica edição do Brasileiro de 1973 o América ocupou o desprestigiado trigésimo quarto lugar no ranking de arrecadações.<sup>702</sup> Isso em uma competição inchada com quarenta participantes, em função do claro aceno da CBD ao Programa de Integração Nacional (PIN), posto em prática pela Ditadura Militar. Assim, não demorou muito para o América voltar a viver uma forte crise política. Passados seis meses da venda da Alameda, os dirigentes americanos solicitaram um empréstimo de trezentos mil cruzeiros (Cr\$ 300.000,00) a um banco particular.<sup>703</sup> E, mesmo com a liberação desse recurso, o clube se viu sem condições de manter seu oneroso plantel, “vende[ndo] quase a totalidade de seus jogadores”<sup>704</sup> na virada de 1973 para 1974. Para piorar a situação, em 1975 surgiram boatos de que algum dirigente havia desviado recursos do clube<sup>705</sup> – acusação nunca comprovada, mas que bem evidencia o clima nada amistoso pelo qual atravessava a instituição naquele momento.

Todo esse cenário levou o correspondente mineiro da revista *Placar*, Sérgio Carvalho,<sup>706</sup> a publicar, em dezembro de 1975, uma matéria especial, de três páginas, sugestivamente intitulada “Era uma vez um grande”. Mais do que apresentar a delicada situação vivida pelo América naqueles primeiros anos de 1970, seu texto procurava compilar, por meio de diversos depoimentos, que iam desde dirigentes a simples torcedores do clube, as “[m]uitas explicações [...] propostas para a decadência do América”. Uma manifestação historiográfica, em grande medida coletiva, sobre o clube, reveladora das representações simbólicas cristalizadas em torno do clube naquele contexto.

Logo na abertura de sua matéria, Sérgio Carvalho trazia o seguinte desabafo de um americano:

– Essa torcida pode acabar, o clube também. Culpa de quem? De diretores incapazes, incompetentes e sem experiência. Isso vem de longe. São todos idealistas – que visam o interesse pessoal, o nome no jornal. Se não fossem eles, o América estaria hoje na mesma situação de sempre, ou melhor que nos bons tempos.

<sup>701</sup> Cf. IV Bola de Prata. *Placar*, São Paulo, n. 195, 7 dez. 1973, p. 36-37.

<sup>702</sup> CARVALHO, Sérgio A. Era uma vez um grande. *Placar*, São Paulo, n. 300, 26 dez. 1975, p. 70.

<sup>703</sup> CARVALHO, Sérgio A. Era uma vez um grande. *Placar*, São Paulo, n. 300, 26 dez. 1975, p. 70..

<sup>704</sup> CARVALHO, Sérgio A. Era uma vez um grande. *Placar*, São Paulo, n. 300, 26 dez. 1975, p. 70.

<sup>705</sup> CARVALHO, Sérgio A. Era uma vez um grande. *Placar*, São Paulo, n. 300, 26 dez. 1975, p. 70.

<sup>706</sup> CARVALHO, Sérgio A. Era uma vez um grande. *Placar*, São Paulo, n. 300, 26 dez. 1975, p. 68-70.

Embora a fala pareça ter sido proferida por um torcedor apaixonado, seu autor foi o prestigiado Wilson Gosling, apresentado na matéria como “ex-presidente do América, apontado por quase todos os americanos como o melhor diretor que já passou pelo clube”, talvez um dos representantes da oposição política do clube naqueles tempos. Não por coincidência, seu depoimento também foi usado para “rebate[r] a tese” “mais aceita” sobre a decadência do clube, segundo Sérgio Carvalho: a de que o América “não teria se preparado para o Mineirão”. Uma “[m]entira”, para Wilson Gosling, que acreditava que “[c]lube algum se preparou” para aquela nova era. “Apenas Cruzeiro e Atlético continuaram sua vida, seus dirigentes não demonstraram tanta preocupação em tirar proveito de seus cargos. O mesmo não aconteceu no América”, concluía ele. E sua gestão como diretor de futebol do clube, em 1956, foi representada, junto à presidência de Alair Couto, em 1948, como um oásis em meio à crítica trajetória descendente vivida pelo clube. Uma “crise”, segundo Affonso Silvano Brandão, outro entrevistado de Sérgio Carvalho, que teria se inaugurado na virada dos anos de 1920 para 1930 e da qual o clube “não sa[iu] até hoje”. Reforçando seu testemunho publicado em *América Deca 70* e a própria narrativa reproduzida pelo álbum americano, para o fundador e primeiro presidente do clube a origem da decadência do clube tinha relação com a forma como ele encarou a profissionalização do futebol. Segundo ele, ao contrário de Atlético e Palestra, que “já praticavam o amadorismo marrom”, o time americano “ainda era rigorosamente amador” em meados dos anos de 1920. E quando “o profissionalismo [se tornou] um fato, o clube resolveu adotá-lo [...] a contragosto, apenas para não ficar só com o seu amadorismo, ameaçado de sumir”. E, para o autor da matéria, aquela estratégia americana teria sido “[m]ais um amadorismo marrom, em que os jogadores eram ajudados, enquanto os profissionais de Atlético e Cruzeiro eram pagos, o que lhes permitia formar grandes equipes”. Uma medida que provocou “brigas internas” e se agravou quando Affonso Silvano Brandão e Gerson de Sales Coelho propuseram “acabar com o profissionalismo” em definitivo. Foi aí que, segundo o próprio Silvano Brandão, o “futebol começou a perder, as coisas se complicaram e, então, apareceram os torcedores de pijama”. “Um torcedor talvez único no Brasil, privilégio do América”, de acordo com Sérgio Carvalho. O torcedor de pijama, segundo ele, seria aquele americano “que jamais vai a campo e nada faz para ajudar o clube, mas se julga no direito de atacar o time, os dirigentes e até os torcedores que vão aos estádios”.

Apesar disso, aquele “ferrenho amadorismo”, defendido pelos “radicais, pelos “do contra”, também era visto na matéria como o responsável por fazer “o clube se transforma[r] na maior força de Minas”, com a conquista do decacampeonato em 1925. “O que te[ria]

também sua explicação”, para o correspondente mineiro da *Placar*, já que “suas primeiras diretorias contavam todas com elementos das mais tradicionais famílias mineiras – gente que, além de dinheiro, tinha instrução, capacidade, vivia para o clube. No rastro dos títulos, crescia a torcida.” Uma torcida, segundo Silviano Brandão, que ficou taxada como “de elite” justamente porque, naquela época, o time americano “só tinha acadêmicos e conquistou torcedores que tinham boas posições econômica e social”. Mas, segundo ele, o clube também contava com “torcedores pobres, pretos e brancos”. Uma opinião partilhada, apenas parcialmente, por Wilson Gosling, que acreditava que a “torcida do América era gente fina, de sociedade, uns figurões que foram passando para seus filhos a bandeira americana, mantendo sempre o bom nome da família e do clube. Hoje”, concluía ele, naquele dezembro de 1975, “continuamos com grande parte da torcida de elite, mas o número já é infinitamente menor”. Por isso, segundo Sérgio Carvalho, durante os anos de 1956 e 1957, quando o departamento de futebol do América era dirigido por Wilson Gosling, América e Atlético protagonizavam uma das maiores rivalidades da cidade, polarizadas, simbolicamente, em

[d]uas torcidas diferentes. A do Atlético reunindo o povão, que ia de bonde para os estádios. A do América mais classe média para cima, que ia aos jogos em carros particulares ou táxis. A massa atleticana não suportava olhar para os almofadinhas americanos, que não paravam de gritar e insultar – o Galo era freguês. Mas, apesar disso, os títulos eram dele. Tanto assim que foi pentacampeão. Mas o América impediu o hexa em 1957.

Por tudo isso, Sérgio Carvalho escreveu, no *lead* de sua matéria, a seguinte síntese da história americana:

O clube nasceu pequeno, do tamanho dos garotos que o fundaram em 1912. E pequeno-burguês, pois eram todos filhos da gente fina de Belo Horizonte. Cresceu no amor dos meninos e no dinheiro dos pais. Mas se adaptou mal ao profissionalismo e foi ultrapassado pelos clubes de raízes mais populares.

Uma história, portanto, muito própria do mito da decadente aristocracia americana. Evidentemente emoldurada pelo conturbado contexto político vivido pelo clube naquelas últimas temporadas, mas que, de todo modo, representa uma narrativa altamente ambivalente, que acredita que os mesmos fatores que garantiram o apogeu ao clube o levaram à derrocada, que vê o protagonismo dos dirigentes do clube como solução e problema, ao mesmo tempo. Aliás, que dá grande destaque a esses “cartolas”, como se eles fossem, portanto, a representação do sucesso e do fracasso do clube.

Não por acaso, as otimistas avaliações apresentadas pelo álbum americano e pela *Enciclopédia do América* sobre o contexto em que clube se encontrava foram pautadas por

esse jogo de contraposições políticas do clube. E se, para o atual historiador americano, o Conselho de Administração criado em 2008 foi o grande responsável pelo “recomeço” triunfante do clube, para o texto “O América atual”, de *América – o “deca-campeão”*, o título de 1971, o ingresso no Campeonato Nacional e a conclusão do parque aquático do Centro Social e Desportivo só se tornaram possíveis porque, desde a saída de Amador de Barros da presidência do clube, “[u]nidos est[avam] todos os americanos de todos os tempos”. “[D]esde o mais alto dirigente ao mais simples servidor”, segundo os redatores do álbum na crônica “Campeão invicto de 1971”.

No entanto, como um texto típico do mito da decadente aristocracia americana, “todos os americanos” responsáveis pelo esperançoso momento vivido pelo clube estavam bem longe de ser o massagista, o roupeiro ou algum outro “simples servidor” da instituição. De acordo com a crônica do campeonato de 1971, as expoentes figuras daquela virada de 1960 para 1970 foram mesmo o “deputado Dr. Ruy [sic] da Costa Val” e o “Dr. Milton Machado Mourão”, ambos lembrados ali como peças fundamentais na superação dos “desmandos” praticados na gestão de Amador de Barros. Assim, Rui da Costa Val foi descrito nesse texto como “um verdadeiro americano [...] que defendera as côres do clube como atleta”. Qualidades que não apenas o distinguiam de seu antecessor como também fizeram Milton Machado Mourão, que “tão bem [havia] dirigido” o Conselho Deliberativo do América, lhe “entregar o comando” executivo do clube. Como “vice-presidente” do América, ainda segundo a crônica, Rui da Costa Val “não vacilou” frente à “crise existente no clube”, “[c]omeç[ando] o seu trabalho quase sozinho”. E, dessa maneira, ele foi “guindado à presidência do clube”, reunindo “os americanos verdadeiros, prontos a dar tudo de si pelo clube”.

Segundo a publicação, aquele grupo aglutinado por Rui da Costa Val e Milton Machado Mourão saberia enfrentar “uma série infinda de fatores adversos”, desde “a incompreensão e a intransigência, o medo e a pusilanimidade de muitos adeptos do clube, adversários das grandes e arrojadas iniciativas”, até “sérias dificuldades financeiras”. Isso tudo para que o América

[...] reencontrasse a trilha que o destinaria, novamente, à vitória, para que aos olhos dos americanos, de ontem e de hoje, os seus troféus voltassem a ter aquele mesmo sentido que antes lhes era dado, para que os alamedinos pudessem olhar com o mesmo orgulho de quase cinco décadas passadas aquela exposição arrogante de taças, bronzes, bandeiras e flâmulas, que marcam um passado faustoso e expressivo [...]. Para a realização de um sonho a tantos anos acalentado, qual o de tornar o América na maior expressão do futebol mineiro, ladeando em igualdade de condições com o Atlético e o Cruzeiro.

No entanto, toda essa esperançosa análise do “América atual” seria, no mínimo, muito suspeita, já que boa parte daqueles “verdadeiros americanos” prestigiados pela obra teria contribuído para que ela viesse a público. Só para se ter noção, quase 15% dos anúncios do álbum americano foram pagos ou estimulados por importantes dirigentes da gestão de Rui da Costa Val. Dentre eles, os anúncios do grupo Dinamiza e da Construtora Mello de Azevedo Ltda. (Figura 51), de propriedade de Celso Mello de Azevedo – aliás, homenageado com o texto “Um grande patrono”. Ou, ainda, a foto do tradicional “jogo das faixas”, com Rui da Costa Val correndo à frente dos atletas e torcedores no gramado da Alameda, reproduzida pela festiva propaganda da “Cia. Alterosa de Cervejas”, cujo americano Roberto Calvo era um de seus diretores acionistas.

E, ao que tudo indica, a participação daqueles apoiadores de Rui da Costa Val em *América – o “deca-campeão”* não se limitou ao financiamento da publicação. Isso porque, alguns dos poucos textos autorais da obra foram assinados pelos dirigentes americanos José Flávio Vieira, Milton Machado Mourão e Oswaldo Nobre, que, junto a João Etienne Filho, outro torcedor e militante político do América, figuram como “Colaboradores” no “Expediente” da publicação. Em grande medida, suas participações no álbum americano guardam relação com suas trajetórias de profissionais e políticas no clube.

Como vimos no capítulo “*Não somos mais Deca???*”, ainda no ano de 1940, o então acadêmico e “Director de Futebol da Faculdade de Medicina” em Belo Horizonte, Milton Mourão, já procurava, mesmo que timidamente, atuar nos debates políticos do clube, assinando notas oficiais do “Directorio Academico de Medicina” sobre as deliberações internas do América.<sup>707</sup> Como presidente do Conselho Deliberativo do clube entre os anos de 1969 e 1973, ele apareceu, em *América – o “deca-campeão”*, como principal representante da gestão de Rui da Costa Val, assinando jubilosa nota, publicada ao lado do texto “O América atual”, sobre as atividades do órgão (Figura 55). Naquelas suas breves palavras, Milton Mourão dizia que aquele Conselho por ele presidido “deve ter quebrado todos os recordes de vida associativa: em 12 meses, cêrca de 12 reuniões!” E que seus colegas eram verdadeiros abnegados, por terem trabalhado “expontaneamente, para [...] fundar o Centro Social Desportivo [...], [e] organizar a retaguarda americana”. Além, é claro, de serem “permanentes constituintes de entusiástica torcida de arquibancada”. Mais do que isso, reforçando o caráter político da obra, nesse texto Milton Mourão não deixou de lembrar a todos a “fase, felizmente de pouca duração, em que não existiu Conselho” no América “por razões que [ele] não

<sup>707</sup> Cf. MOURÃO, Milton. Os universitarios estão satisfeitos. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 5 jul. 1940, p. 7.

gostar[ia] de comentar”. Um período, de acordo com suas próprias palavras, em que o “Clube parecia obscurecido, anêmico, inautêntico”. Como se aquela gestão conduzida por Rui da Costa Val e seus colegas tivesse sido responsável por iluminar, dar vida e autenticidade ao América (Figura 55).

Ao contrário de Milton Machado Mourão, que ficou reconhecido como o primeiro endoscopista de Minas Gerais, os outros três “Colaboradores” de *América – o “deca-campeão”* se notabilizaram como influentes jornalistas da capital mineira. Guardadas as devidas áreas de atuação, em um momento ou em outro, suas trajetórias profissionais se cruzaram na história da imprensa, o que, possivelmente, os levou a participar da redação daquele álbum americano.

João Etienne Filho, por exemplo, ingressou na imprensa belo-horizontina logo aos 17 anos de idade, após ser aprovado na prova de redação do jornal *O Diário*,<sup>708</sup> veículo de comunicação impresso de grande circulação, fundado pela Arquidiocese de Belo Horizonte, em 1935, e popularmente conhecido como *Diário Católico*.<sup>709</sup> Entre idas e vindas, foi também no *Diário Católico*, já como redator-chefe, que ele se aposentou, no ano de 1969.<sup>710</sup> Durante essas pouco mais de três décadas, Etienne Filho, como era mais conhecido, dirigiu diversos periódicos belo-horizontinos e colaborou com vários outros, alguns cariocas, notabilizando-se como um importante crítico teatral, cronista político e esportivo da capital mineira.<sup>711</sup> Com a consolidação do empreendimento editorial católico nos anos de 1940, Etienne Filho passou a assumir importantes funções dentro d’*O Diário*, como a editoria de política e, mais tarde, de esportes. Sua atuação no jornalismo esportivo o levou, juntamente com José de Araújo Cotta, à direção d’*O Diário Esportivo*, semanário vinculado ao órgão oficial da Arquidiocese e que,

<sup>708</sup> ARREGUY FILHO; João Etienne. João Etienne Arreguy Filho: depoimento. [Entrevistadores: Adival Coelho Araújo, Beatriz Begalda, João Carlos Firpe Pena e Sirlene Ferreira Mendes]. In: *MEMÓRIA do jornalismo mineiro*: Aires da Mata Machado, Celius Aulicus, Edgar da Mata Machado, João Etienne Filho, José Mendonça. Belo Horizonte: PUC-Minas/UFMG, 1995, p. 12.

<sup>709</sup> Sobre o jornal *O Diário*, ver: OLIVEIRA, Ramiro Barboza de. *O conservadorismo católico na imprensa de Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930: os jornais O Horizonte e O Diário (1923-1937)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2010.

<sup>710</sup> ARREGUY FILHO; João Etienne. João Etienne Arreguy Filho: depoimento. [Entrevistadores: Adival Coelho Araújo, Beatriz Begalda, João Carlos Firpe Pena e Sirlene Ferreira Mendes]. In: *MEMÓRIA do jornalismo mineiro*: Aires da Mata Machado, Celius Aulicus, Edgar da Mata Machado, João Etienne Filho, José Mendonça. Belo Horizonte: PUC-Minas/UFMG, 1995, p. 7.

<sup>711</sup> Alguns dos periódicos em que Etienne Filho trabalhou podem ser encontrados no “Catálogo de periódicos” elaborado por Joaquim Nabuco Linhares. Cf. LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerário da imprensa em Belo Horizonte: 1895-1954*. (Estudo crítico e nota biográfica de Maria Céres Pimenta S. Castro) – Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995, p. 353, 354, 370, 388, 414. (Coleção Centenário). E também em sua entrevista: ARREGUY FILHO; João Etienne. João Etienne Arreguy Filho: depoimento. [Entrevistadores: Adival Coelho Araújo, Beatriz Begalda, João Carlos Firpe Pena e Sirlene Ferreira Mendes]. In: *MEMÓRIA do jornalismo mineiro*: Aires da Mata Machado, Celius Aulicus, Edgar da Mata Machado, João Etienne Filho, José Mendonça. Belo Horizonte: PUC-Minas/UFMG, 1995.

“apesar de ter circulado por pouco mais de 16 meses, entre 1945 e 1946, foi o periódico do gênero de maior produtividade na cidade até 1954, com 68 números publicados”.<sup>712</sup>

Mas Etienne Filho não ficou reconhecido na cidade apenas como jornalista, escritor e teatrólogo. Conforme relatou em entrevista autobiográfica,<sup>713</sup> “desde menino” ele foi também um “esportista”. Em sua infância, por exemplo, vivida em Itabirito, no interior mineiro, ele disse ter jogado muito “futebolzinho de rua” e “bola de meia”. Ainda nessa época, ele teria também aprendido a “gostar do América”, paixão que o acompanhou por toda a sua vida. Já em Belo Horizonte, como estudante do Colégio Arnaldo, Etienne Filho aprendeu ainda a jogar “um basquetebol muito incipiente, com bola de borracha”. Mais tarde, como professor do Colégio Padre Machado, também da capital mineira, tornou-se técnico de basquete. E entre 1946 e 1952, transferiu-se para o Rio de Janeiro, como jornalista d’*O Diário Carioca*, onde assumiu o cargo de técnico de basquete do Fluminense, se “envolve[ndo]”, assim, com o “esporte carioca”. Quando regressou a Belo Horizonte, convidado pelo *Diário Católico* para solucionar “um conflito entre o pessoal da oficina e [...] a direção”, Etienne Filho disse ter encontrado o América envolto “numa crise pior que a do jornal”. Foi aí, então, que ele decidiu participar ativamente da vida política do clube, “entr[ando], levant[ando] o América” e contribuindo para que sua equipe de futebol “jog[asse] de igual para igual” no ano de 1955. Dessa experiência como atleta, treinador e dirigente, João Etienne Filho foi convidado a apitar alguns jogos de basquete, tornando-se árbitro amador da Federação Mineira. Também por isso, tendo a presumir que são dele os textos não autorais de *América – o “deca-campeão”* dedicados à história do basquete americano. Não por coincidência, uma das poucas fotografias alusivas ao basquete do América presentes na publicação, reproduzidas na Figura 56, traz o “Quadro Juvenil campeão invicto de 1945”, com Etienne Filho ao centro, “ladeado por seus pupilos”.

<sup>712</sup> LAGE, Marcus Vinícius Costa. Revista *América: a voz dos americanos (1947/1950)? FuLiA / UFMG*, Belo Horizonte, vol. 2, n. 1, jan./abr. 2017, p. 52.

<sup>713</sup> ARREGUY FILHO; João Etienne. João Etienne Arreguy Filho: depoimento. [Entrevistadores: Adival Coelho Araújo, Beatriz Begalda, João Carlos Firpe Pena e Sirlene Ferreira Mendes]. In: *MEMÓRIA do jornalismo mineiro*: Aires da Mata Machado, Celius Aulicus, Edgar da Mata Machado, João Etienne Filho, José Mendonça. Belo Horizonte: PUC-Minas/UFMG, 1995, p. 49.

Figura 55 – Dr. Milton Machado Mourão e sua nota do Conselho Deliberativo



Figura 56 – Etienne Filho e seus “pupilos” do basquete americano



Fonte: Acervo pessoal.

Embora com um currículo bem menos extenso que o de Etienne Filho, José Flávio Dias Vieira também pode ser apontado como um importante jornalista esportivo da cidade. Segundo nos conta Jader de Oliveira, em seu livro de memórias sobre a Belo Horizonte dos anos de 1950,<sup>714</sup> José Flávio entrou para o jornalismo mineiro justamente nessa década, como cronista esportivo do *Diário Católico*. Trabalhando sob a chefia de Etienne Filho, nas páginas do periódico arquidiocesano Zé Flávio, como era carinhosamente conhecido na cidade, manteve uma coluna intitulada “Cronometrando”, que, como seu próprio nome evidencia, era dedicada aos esportes especializados, em especial, ao atletismo. Pouco tempo depois, migrou para o *Diário de Minas*, à época, dirigido por Oswaldo Nobre,<sup>715</sup> levando consigo sua já ficou marcado na imprensa de Minas Gerais, quando, juntamente com Afonso Celso Raso, Afonso de Araújo Paulino, Cristiano Ferreira de Melo e Marcos Sousa Lima, adquiriu o *Diário Católico*, rebatizando-o de *Jornal de Minas*.<sup>716</sup>

Sua atuação destacada em defesa dos esportes especializados de Minas Gerais fez com que ele fosse indicado pelo então governador do estado, Magalhães Pinto (1961-1966), para compor a Comissão de Reestruturação da Diretoria de Esportes de Minas Gerais (DEMG).<sup>717</sup>

<sup>714</sup> OLIVEIRA, Jader de. *No tempo mais que perfeito: vida e sonhos de Belo Horizonte nos anos 50*. Belo Horizonte: [s.n.], 2010, p. 196.

<sup>715</sup> GOMES, Reinaldo; DI TOLEDO, Otávio. *Uma paixão que não se acaba: 50 anos de jornalismo de Oswaldo Nobre*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1990. p. 12-13.

<sup>716</sup> ZUBA, Fernando Horta (Org.). *Jornal de Minas: Histórias que ninguém leu*. Belo Horizonte: Páginas Editora, 2018.

<sup>717</sup> RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes; COSTA, Luciana Cirino Lages Rodrigues. Diretoria de Esportes de Minas Gerais: suas políticas, sua história (1946-1987). In.: RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). *Um olhar sobre a trajetória das políticas públicas de esporte em Minas Gerais: 1927 a 2006*. Contagem: MJR Editora Gráfica, 2014, p. 74.

Durante esse período, Zé Flávio tornou-se um grande defensor da conclusão das obras do Estádio Minas Gerais, que, mais tarde, ficou popularmente conhecido como Mineirão. Por isso, ele compôs uma das primeiras gestões do Conselho de Administração do estádio, inaugurado em setembro de 1965.<sup>718</sup> Uma forte evidência nesse sentido pode ser encontrada em seu livro de memórias sobre o novo palco do futebol mineiro, escrito em coautoria com Afonso Celso Raso, publicado em 1978 e sugestivamente intitulado de *A verdadeira história do Mineirão: o maior gol de Minas*.<sup>719</sup> Talvez por isso, o “Estádio ‘Minas Gerais’”, mais conhecido como Mineirão, “por seu Conselho de Administração”, do qual Zé Flávio e Afonso Celso Raso eram participantes, “sa[udava] o glorioso América F. C., Campeão Mineiro de Futebol de 1971” em um dos anúncios de *América – o “deca-campeão”* (Figura 57).

Figura 57 – Anúncio do Conselho de Administração do Mineirão



Figura 58 – Zé Flávio condecorando o “fundista” americano Juvenal Santos



Fonte: Acervo pessoal.

À semelhança de Etienne Filho, a participação de José Flávio Vieira no álbum americano também pode ser interpretada a partir de sua militância em prol dos esportes especializados na capital mineira. Em um dos poucos textos autorais da obra, esse “colaborador” escreveu uma homenagem póstuma à Juvenal Santos,<sup>720</sup> ali exaltado como o maior “fundista” da história americana e “patrono do atletismo mineiro”. Acompanhando o texto, vemos uma fotografia do próprio Zé Flávio condecorando o atleta americano (Figura 58). Nesse sentido, ao que me parece, o jornalista militante dos esportes especializados do América tentava, assim, legitimar frente aos esportistas belo-horizontinos o projeto dos

<sup>718</sup> SOUZA NETO, Georgino Jorge de. *Do Prado ao Mineirão: a história dos estádios na capital inventada*. Tese (Doutorado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017, p. 195.

<sup>719</sup> VIEIRA, José Flávio Dias; RASO, Afonso Celso. *A verdadeira história do Mineirão: o maior gol de Minas*. Belo Horizonte: Littera Maciel, 1978.

<sup>720</sup> Cf. VIEIRA, José Flávio. Juvenal Santos deixou de correr. In: SEIXAS (Dir.). *América – o “deca-campeão”*.

“dirigentes da Federação Mineira de Atletismo” de organizarem o “Museu Juvenal Santos”, instalando-o na sala do Conselho Deliberativo do clube.

Oswaldo de Figueiredo Nobre, por sua vez, ingressou na imprensa mineira no mesmo contexto que Etienne Filho, nos anos de 1940, como jornalista esportivo do *Diario da Tarde*. Já no ano seguinte, ele assumiu a chefia da seção de esportes dos *Diários Associados*,<sup>721</sup> do qual faziam parte tanto o *Diario da Tarde* quanto o *Estado de Minas*. Apesar dos inúmeros periódicos em que colaborou e dirigiu,<sup>722</sup> Nobre ficou conhecido na capital mineira como diretor e proprietário do semanário político-esportivo *O Debate*, adquirido por ele em 1953 e que ainda permanece sendo editado em formato digital.<sup>723</sup> Embora tenha sido fundado como um periódico prioritariamente de natureza política,<sup>724</sup> entre os anos de 1953 e 1986, *O Debate* tornou-se muito popular entre os amantes do futebol na capital mineira, já que, ao contrário de boa parte dos veículos de imprensa da época, aquele semanário era colocado em circulação nas noites de domingo, trazendo ao público as reportagens dos jogos de futebol da rodada que haviam acabado de acontecer.<sup>725</sup> Não por coincidência, como registrei anteriormente, uma das propagandas estampadas nas páginas de *América – o “deca-campeão”* é justamente referente ao jornal *O Debate*, ali identificado como um periódico que “circula[va] aos domingos à noite, há 18 anos” (Figura 49).

Mas, para os americanos, Oswaldo Nobre foi mesmo lembrado por sua relação apaixonada e política com o América. Como escreveram seus biógrafos, Reinaldo Gomes e Otávio di Toledo, aos domingos ele “sofria” nas oficinas d’*O Debate*, escutando os jogos do clube pelo rádio.<sup>726</sup> Mais do que isso, Oswaldo Nobre assumiu a diretoria de esportes do América em 1948, a presidência do clube em 1949,<sup>727</sup> e sua vice-presidência de futebol em

<sup>721</sup> GOMES, Reinaldo; DI TOLEDO, Otávio. *Uma paixão que não se acaba: 50 anos de jornalismo de Oswaldo Nobre*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1990, p. 23.

<sup>722</sup> Alguns dos periódicos em que Oswaldo Nobre trabalhou também podem ser encontrados em: LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerário da imprensa em Belo Horizonte: 1895-1954*. (Estudo crítico e nota biográfica de Maria Céres Pimenta S. Castro) – Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995, p. 451, 485, 486, 515 e 516. (Coleção Centenário). E também em livro que o biografou: GOMES, Reinaldo; DI TOLEDO, Otávio. *Uma paixão que não se acaba: 50 anos de jornalismo de Oswaldo Nobre*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1990.

<sup>723</sup> Cf. Quem somos. *O Debate* – Portal de Notícias. Disponível em: [goo.gl/TnqE4X](http://goo.gl/TnqE4X). Acesso em: 12 set. 2018.

<sup>724</sup> Cf. LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerário da imprensa em Belo Horizonte: 1895-1954*. (Estudo crítico e nota biográfica de Maria Céres Pimenta S. Castro) – Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995, p. 515-516. (Coleção Centenário). E também em livro que o biografou: GOMES, Reinaldo; DI TOLEDO, Otávio. *Uma paixão que não se acaba: 50 anos de jornalismo de Oswaldo Nobre*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1990, p. 45.

<sup>725</sup> GOMES, Reinaldo; DI TOLEDO, Otávio. *Uma paixão que não se acaba: 50 anos de jornalismo de Oswaldo Nobre*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1990, p. 15.

<sup>726</sup> GOMES, Reinaldo; DI TOLEDO, Otávio. *Uma paixão que não se acaba: 50 anos de jornalismo de Oswaldo Nobre*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1990, p. 55-57.

<sup>727</sup> GOMES, Reinaldo; DI TOLEDO, Otávio. *Uma paixão que não se acaba: 50 anos de jornalismo de Oswaldo Nobre*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1990, p. 69.

1964.<sup>728</sup> No início dos anos de 1970, foi um dos grandes defensores da transformação da Alameda, antigo estádio do clube, em centro social e esportivo. Diante da venda e demolição desse patrimônio, foi até um ferro-velho da cidade para adquirir o escudo e o portão que ornamentavam sua entrada principal. Já no final dos anos de 1980, ajudou o América a articular “o contrato de comodato de 30 anos” para uso do Estádio Independência.<sup>729</sup> Essa sua atuação política explica, em grande medida, o fato de Oswaldo Nobre não apenas aparecer em uma das fotos do álbum americano, abraçado ao então governador de Minas, Rondon Pacheco (Figura 59), tantas vezes acessado pelos dirigentes americanos naquela batalha pela entrada americana no Robertão, como também o de assinar um dos únicos textos propriamente autorais da obra *América – o “deca-campeão”*, intitulado “Otacilio – Benemérito dos esportes”, dedicado a biografar a vida esportiva e política do “ex-craque do América” e prefeito de Belo Horizonte, Otacílio Negrão de Lima.

Figura 59 – De Oswaldo Nobre (à direita) ao governador Rondon Pacheco



Fonte: Acervo pessoal.

Assim, *América – o “deca-campeão”* demonstrava, publicamente, que a grandeza daquele clube, que aparentemente vinha sendo reconstruída, não se restringia à sua “fiel”, “paciente”, “sofredora”, “brava”, “elegante”, “ardorosa”, “grande” e “simpática” torcida. Nem, tampouco, aos seus feitos esportivos inigualáveis descritos com zelo pela obra. Como dizia seu texto de apresentação, intitulado “A vez do América”, aquele clube deveria ser visto como um “Grande Clube”, assim mesmo, escrito em letras “maiúsculas de propósito”, porque “[d]esde aquele início, quase de brincadeira”, também contava com abnegados e distintos

<sup>728</sup> GOMES, Reinaldo; DI TOLEDO, Otávio. *Uma paixão que não se acaba: 50 anos de jornalismo de Oswaldo Nobre*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1990, p. 76-77.

<sup>729</sup> GOMES, Reinaldo; DI TOLEDO, Otávio. *Uma paixão que não se acaba: 50 anos de jornalismo de Oswaldo Nobre*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1990, p. 71.

adeptos que seriam capazes de fazer “uma ‘vaquinha para comprar a primeira bola”, “até os dias de hoje, quando se constr[uía] um dos maiores parques esportivos particulares do Brasil”.

Apesar disso, esse cariz distintivo dos dirigentes esportivos, muito embora não se mostrasse ausente, estava cada vez mais distante de ser a principal preocupação dos clubes que assumiam o protagonismo daquele novo “circuito futebolístico” que se formava desde meados dos anos de 1960. Um bom exemplo nesse sentido me parece ser a coleção *Grandes Clubes Brasileiros*, lançada, justamente, entre 1971 e 1972, pela Rio Gráfica e Editora, empresa ligada às Organizações Globo, com o objetivo de tornar a “trajetória das principais agremiações” do país “cada vez mais íntim[a]” dos torcedores e de “qualquer pessoa ligada ao esporte”.<sup>730</sup> Em suas quinze edições publicadas,<sup>731</sup> as histórias dos *Grandes Clubes Brasileiros*, dos quais apenas Atlético<sup>732</sup> e Cruzeiro<sup>733</sup> representavam o estado de Minas Gerais (ver capas na Figura 60), eram recheadas de conquistas e ídolos pregressos e recentes, muitos dos quais fotografados em estádios repletos de torcedores. Uma representação muito distinta daquela imagem que ilustrava a capa de *América – o “deca-campeão”*, com sua equipe e seus dirigentes engravatados dispostos ordeiramente no lado de fora Mineirão e, portanto, longe da atmosfera do espetáculo de massas em que havia se convertido o futebol no país (Figura 45).

Figura 60 – Capas atleticana e cruzeirense da coleção *Grandes Clubes Brasileiros*



Fonte: Acervo pessoal.

<sup>730</sup> Apresentação. *Grandes Clubes Brasileiros*, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editôra, n. 3, 1971, p. 3.

<sup>731</sup> Os clubes contemplados pela coleção, por ordem de publicação, foram os seguintes: Vasco da Gama, São Paulo, Atlético, Flamengo, Internacional, Corinthians, Grêmio, Bahia, Cruzeiro, Fluminense, Curitiba, Santos, Botafogo, Palmeiras e Ceará.

<sup>732</sup> Cf. *Grandes Clubes Brasileiros – Atlético*. Rio de Janeiro: Rio Gráfica e Editôra, n. 3, 1971.

<sup>733</sup> Cf. *Grandes Clubes Brasileiros – Cruzeiro*. Rio de Janeiro: Rio Gráfica e Editôra, n. 9, 1971.

Talvez um indício de que a reconstrução da grandeza americana percorria caminhos obsoletos, incapazes de proporcionar ao clube o tão esperado “eterno retorno” aos faustosos tempos. Mas que, por outro lado, contribuiu para conformar as representações do clube em meio ao clubismo na cidade. E que, à medida que se oficializava, garantia ao América um lugar periférico nesse sistema simbólico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: “UMA PAIXÃO QUE NÃO SE ACABA”

Durante minha adolescência, adorava dizer que torcia para um “clube de elite”, diferenciado, de torcedores selecionados. Inúmeras vezes, cantei a preconceituosa paródia de *La Bamba*: “não sou atleticano, não sou ladrão”, “não sou cruzeirense, não sou veado”. E pedi aos atleticanos, a plenos pulmões, “silêncio no canil”, quando ganhávamos de nosso maior rival. Ao me ver envolvido nas interações jocosas típicas do futebol brasileiro, sempre saía com a máxima: “americano não é quem quer, é quem pode”.

E essa representação era ratificada pela história do meu clube do coração. Uma história que me era contada pelos amigos de arquibancada; que lia, algumas vezes, nas páginas esportivas da imprensa local; ou então que era evocada por alguma campanha de marketing do clube. Mais do que isso, uma narrativa que se encontrava formalizada nos breviários historiográficos sobre o América, especialmente na obra-prima de Carlos Paiva – uma publicação lançada em 2012, com o status de produto oficial do clube, ou, em outras palavras, um registro oficial da história americana.

Todas essas manifestações historiográficas, desde as mais circunstanciais às mais elaboradas, me diziam que havíamos nascido em berço de ouro, pelos pés dos filhos da elite belo-horizontina. Nossas primeiras peladas foram disputadas no entroncamento da rua da Bahia com Timbiras, coração do poderoso bairro Funcionários. Algumas de nossas primeiras reuniões tiveram lugar no saguão do Palácio da Liberdade. Nossas primeiras equipes eram formadas exclusivamente por estudantes, muitos dos quais se tornaram, mais tarde, grandes personalidades públicas do país, vários deles lembrados pelas toponímias e edificações da cidade. Éramos, portanto, genuinamente “de elite”.

Mas, à medida que fui me educando politicamente, como um militante mais “de esquerda”, leitor de Marx, Bakunin e dos situacionistas franceses, frequentador do utópico Fórum Social Mundial, ainda sediado em Porto Alegre, admirador da dinamarquesa Cidade Livre de Christiania e das Okupas belo-horizontinas, essa representação passou a me incomodar muito. Como poderia defender uma sociedade igualitária, um projeto coletivista para a humanidade e, ao mesmo tempo, fazer parte de uma torcida elitista, de posses e heranças, de cânticos preconceituosos? Isso não fazia o menor sentido.

Talvez só não tenha me distanciado do América porque substituí a narrativa da elite, da seletividade, pela do oprimido, da minoria, do vencido. Afinal, como mostrei no capítulo intitulado *Nem só os cartórios vivem de títulos*, o meu clube do coração está longe de ser o mais lembrado e apreciado da cidade. Não disputamos as principais competições de futebol

em nosso país. Raramente somos destaque na imprensa esportiva, até mesmo na capital mineira. Títulos, então, muito eventuais e distantes dos holofotes. E isso vem de longe. Desde meados dos anos de 1920, nossos insucessos nos gramados são muito maiores que nossas glórias. Pelo menos dos anos de 1960 para cá, representamos uma ínfima fatia dos aficionados por futebol, seja nas arquibancadas, seja nas ruas da capital mineira. Podemos até ser taxados pejorativamente de elitistas, mas imperialistas, opressores, subjugadores, vencedores, como prefere o repertório político típico da esquerda, dificilmente o somos.

E quem muito me ajudou a ver o América a partir dessa outra perspectiva simbólica foram alguns colegas americanos, possivelmente tão incomodados quanto eu com a pecha de torcer para um “clube de elite”. Dentre eles, o Mário Monteiro, o meu colega Marinho, que em um dos momentos mais críticos da história do América, e da minha vida de americano, vividos entre 2007 e 2009, usou e abusou do filme *300* para fazer uma analogia entre a realidade do nosso clube do coração, de elencos modestos e torcida diminuta, e o pequeno, bravo e fiel exército espartano que lutou contra os Persas na Batalha de Termópilas.

Não sou ingênuo de afirmar aqui que os americanos abandonaram a identidade elitista pela oprimida. Aliás, como escrevi na seção “Arquibancada”<sup>734</sup> do *Ludopédio* no final de 2018, naquele início de ano muitos torcedores do clube rechaçaram veementemente a corajosa iniciativa de alguns de levar ao Independência uma bandeira do ex-presidente Lula vestido com o uniforme americano e outra da recém-assassinada ativista política Marielle Franco. Um indício de que, apesar da pequena torcida americana, como todas as outras do país, congregar os mais diversos segmentos da sociedade, muitos na capital mineira ainda gostam de ser vistos como torcedores diferenciados, mais ordeiros e esclarecidos que os demais.

De todo modo, essa outra maneira de enxergar o América parece fazer muito sentido para os americanos também. Tanto é assim que, no ano de 2019, o clube lançou uma marca própria de uniformes, batizada com o nome de *Sparta*, em uma clara referência às narrativas produzidas por torcedores como Mário Monteiro. Aliás, como demonstrei capítulo “*Isso está nas páginas imortais do América*”, a própria *Enciclopédia do América*, que oficializou a história do clube, mostrou-se capaz de conciliar essas duas simbologias, já que, naquelas “páginas imortais”, o América e sua comunidade de pertencas seriam representados, a um só tempo, como restritos e restritivos, oprimidos e contestadores.

E, ao que me parece, essa dupla e ambivalente representação encontrou campo fértil para se assentar no imaginário dos americanos justamente em função do tão propalado

---

<sup>734</sup> LAGE, Marcus Vinícius Costa. Vida longa à Seita do Coelho! Democracia “até o além”! *Ludopédio*, Arquibancada, v. 113, n. 2, 2 nov. 2018. Disponível em: [bit.ly/2OEQQZZ](http://bit.ly/2OEQQZZ). Acesso em: 8 fev. 2020.

episódio de recusa ao profissionalismo nos anos de 1930 e 1940. Não aceitamos jogar por dinheiro porque a prática esportiva deveria ser vista, naquela ocasião, como lazer e entretenimento, não como enriquecimento pessoal. Já éramos, e ainda somos, abastados, ou estudamos para nos tornarmos. Jogador de futebol não era, e ainda não o é, para muitos, uma profissão digna. Passar o dia correndo atrás de uma bola não era coisa de homem sério. E, mesmo que essa leitura de mundo tenha nos custado a hegemonia do futebol belo-horizontino, protestamos, de uniforme vermelho, contra os mercenários e aproveitadores, contra os que manipulam o jogo nos bastidores para aumentar seus troféus e seus seguidores. Um protesto, diga-se de passagem, que é reeditado sempre que necessário. Não por coincidência, no início de 2020, a *Sparta* lançou o terceiro uniforme de jogo do América recuperando, mais uma vez, o alvirrubro do suposto protesto americano contra o profissionalismo dos anos de 1930 e 1940.

Em grande medida, esta tese nasceu, portanto, desse antigo desconforto com a representação dominante do meu clube do coração. Por isso, a comecei intencionalmente demonstrando que as representações simbólicas produzidas em torno do América caem no vazio do clubismo belo-horizontino. Na capital mineira, os pares antitéticos “povo” e “elite”, muito comuns no futebol brasileiro, ou até mesmo o de “opressores” e “oprimidos”, próprios do repertório político da esquerda, não produzem qualquer tipo de tensão e rivalidade entre os torcedores. Em Belo Horizonte, os apaixonados por futebol estão muito mais interessados em decidir quem é o “verdadeiro clube do povo”, e essa disputa se restringe aos atleticanos e aos cruzeirenses. Alimentá-la, portanto, me parece ser uma das explicações para o fato de o América e os americanos permanecerem excluídos dessa importante rede de sociabilidades que se tornou o futebol em nosso país – mesmo que essa representação se encontre bem assentada a partir de uma narrativa sobre o passado do futebol belo-horizontino e brasileiro.

Mas é evidente que esta tese não teve a intenção de formular uma alternativa discursiva para o América. Em outras palavras, não sugeri aqui uma representação possivelmente mais adequada para o clube explorar a sua imagem dentro do mercado de bens simbólicos do futebol. De modo que minha pretensão, ao longo destas páginas, não foi a de substituir uma narrativa por outra, produzindo, como diria Michael Pollak,<sup>735</sup> mais uma “disputa de memória” em torno do passado americano. Deixo essa tarefa, por certo valiosa, aos especialistas das Ciências Sociais Aplicadas, talvez do marketing esportivo.

---

<sup>735</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudo Históricas*, FGV/CPDOC, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 4-7. Tradução de Dora Rocha Flaksman.

Como postulante ao título de doutor em História, optei por transformar essa memória do futebol belo-horizontino, e do América, em especial, em objeto de pesquisa. Assim, no segundo e terceiro capítulos desta tese, identifiquei a “força quase institucional” dessa narrativa sobre o passado do clube. Uma narrativa altamente ambivalente, que nomeei aqui como o *mito da decadente aristocracia americana*, dada sua capacidade de explicar o ocaso do clube e as características sociais de seus torcedores. Em linhas gerais, essa mitologia nos conta que o América foi hegemônico nos anos de 1910 e 1920 porque ele representava a “fina flor” da sociedade belo-horizontina. Essa supremacia foi posta à prova porque o clube e seus adeptos se recusaram a se abrir para a massa que vinha ocupando os estádios e os campos de jogo. Embora reconheça essa derrocada, os americanos lutam para continuar sendo representados dessa maneira. E acreditam que, um dia, voltarão a ser grandes, mesmo sendo poucos.

Uma narrativa, como diria Michael Pollak,<sup>736</sup> que se mostra capaz de “reforçar a coesão social” dos americanos, “não pela coerção”, “mas pela adesão afetiva ao grupo”. Por isso, ela é dominante, possuindo longa “duração, continuidade e estabilidade”. Mas, como toda memória coletiva, essa mitologia também seria resultado de seleções, esquecimentos, silêncios sobre o passado.

Para demonstrar esse “caráter potencialmente problemático” do mito da decadente aristocracia americana, segui, mais uma vez, as orientações do sociólogo franco-austríaco Michael Pollak<sup>737</sup> e, no capítulo “*Não somos mais Deca???*”, explorei as já existentes “memórias concorrentes”, ou alguns ensaios de “conflito e competição” existente em torno dos dois grandes marcos dessa consagrada narrativa do clube. Dessa maneira, pude demonstrar que a memória coletiva americana ignora ou relativiza sistematicamente as pioneiras e arrojadas estratégias de profissionalização do futebol empreendidas pelos dirigentes do clube justamente entre os anos de 1920 e 1930, quando o América, segundo a narrativa dominante, supostamente se recusou a adotar o novo regime. Ainda na virada de 1924 para 1925, por exemplo, o América formou um grande elenco com atletas do interior de Minas e de São Paulo, muitos dos quais acusados pela imprensa nacional de serem “falsos amadores”. Aliás, o interesse americano em exibir publicamente aquela poderosa equipe pode ter custado a não realização do campeonato de 1925, pondo por terra o consagrado episódio do decacampeonato mineiro. Já entre os anos de 1935 e 1937, durante o tão cultuado protesto

---

<sup>736</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudo Históricas*, FGV/CPDOC, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3. Tradução de Dora Rocha Flaksman.

<sup>737</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudo Históricas*, FGV/CPDOC, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-4. Tradução de Dora Rocha Flaksman.

americano contra o profissionalismo, o América montou o que Carlos Paiva chamaria de “o time mais caro do estado”, arrematando grandes jogadores da então capital federal com o claro objetivo de voltar a vencer a competição estadual. Mais do que isso, ao que tudo indica, a própria adoção da camisa vermelha, representada pelo mito da decadente aristocracia americana como símbolo do protesto do clube à regulamentação do futebol profissional, parece ter sido motivada pela adoção plena do novo regime pelo América. Uma espécie de revitalização da imagem do clube em função da nova era do futebol brasileiro. Ou, se preferirmos, uma incipiente estratégia de marketing do América naquele início dos anos de 1930.

De onde viria, então, esse imaginário de que somos avessos ao futebol profissional? De que nos recusamos a aceitar o profissionalismo nos anos de 1930? E de que maneira essa medida nos custou a hegemonia do futebol belo-horizontino e o cariz elitista de nossa torcida?

Segundo Michael Pollak,<sup>738</sup> esses esquecimentos, silêncios, apagamentos das memórias coletivas dominantes, são, antes de mais nada, fruto de um intenso jogo de poder, de negociações dos envolvidos com aquela coletividade. E a narrativa simbólica cultivada em torno do América, capaz de amalgamar os americanos em uma comunidade de pertencimento, não fugiria a essa regra. Assim, ainda nesse capítulo da tese, ensaiei apresentar uma das explicações mais plausíveis para a “constituição e formalização” desse mito da decadência aristocrática americana. Seguindo um percurso já trilhado por Sarah Soutto Mayor,<sup>739</sup> considere, ali, que as estratégias adotadas pela diretoria do América em relação ao futebol profissional durante os anos de 1920 e 1930 produziram um desequilíbrio entre as receitas e as despesas do clube. Em outras palavras, era como se, naquela ocasião, o clube tivesse investido mais do que podia, sem, contudo, obter os resultados almejados.

Uma realidade que parece ter virado regra na trajetória do clube. Embora não tenha mencionado ao longo desta tese, ela também se fez presente no final dos anos de 1940, momento em que o clube ampliou a Alameda, conquistou seu primeiro campeonato estadual na era profissional em 1948 e, depois, viu-se mergulhado em uma grave crise financeira.<sup>740</sup> Já em outro contexto, menciono o caso da parceria com o banco Excel Econômico, em meados dos anos de 1990, e com a Unimed, no início dos anos 2000. Estratégias próprias da

<sup>738</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudo Históricas*, FGV/CPDOC, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 4. Tradução de Dora Rocha Flaksman.

<sup>739</sup> SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. *O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940*. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) –Universidade Federal de Minas Gerias, Belo Horizonte, 2017, p. 287.

<sup>740</sup> LAGE, Marcus Vinícius Costa. Revista *América: a voz dos americanos (1947/1950)? FuLiA / UFMG*, Belo Horizonte, vol. 2, n. 1, p. 44-58, jan./abr. 2017; Dispensa em massa. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 09 set. 1950, p. 8.

“mercantilização do futebol”, que renderam ao América o seu primeiro título nacional, de campeão brasileiro da Série B, em 1997, e, mais tarde, a conquista da Copa Sul-Minas, em 2000, levando o clube, pouco tempo depois, a uma das maiores crises financeiras de sua história e, como consequência, ao vexatório, para nós americanos, descenso ao Módulo II do Campeonato Mineiro.

De todo modo, como defendi no capítulo “*A tua classe aristocrata é quem fulmina os teus rivais*”, essa instabilidade financeira parece ter encontrado seu ponto alto na virada dos anos de 1960 para 1970. Naquele contexto, a grandeza de um clube era, cada vez mais, medida pelas multidões que ele atraía em seus jogos, pelos ídolos populares que ele produzia, por sua satisfatória participação no “circuito futebolístico”, de âmbito nacional, que se consolidava. Desprovido dessas condições, o América viu, assim, seus reveses nos gramados, sua fracassada luta política pela inclusão do clube no novo calendário futebolístico, suas brigas internas e, sobretudo, o cariz distintivo de classe de sua diminuta torcida publicamente ridicularizados – especialmente pelos humoristas das páginas esportivas da capital mineira.

Por certo, investir mais do que pode não é uma especificidade do América. Aliás, as dívidas dos grandes clubes brasileiros, muitas delas inauguradas ainda na primeira metade do século XX, não são novidade alguma no país. De todo modo, como demonstrado aqui, no América esse desequilíbrio entre receitas e despesas geraram, desde os anos de 1920, incessantes crises políticas no clube. Algumas delas supostamente solucionadas com a extinção do futebol profissional. Daí, a máxima de que o América é avesso a esse regime, quando, na verdade, o pratica além da conta.

Mais do que isso, essas turbulências político-administrativas vêm se mostrando propícias para que os dirigentes do clube recuperem o mito da decadente aristocracia americana. Recorrentemente, os novos gestores acusam seus antecessores de provocar a derrocada do América, apresentando-se como a tábua de salvação, como os responsáveis pelo “eterno retorno” americano aos bons e velhos tempos. Acusações públicas que ganharam o status de narrativa histórica oficial com as publicações de *América – o “deca-campeão”*, no início dos anos de 1970, e da *Enciclopédia do América*, em 2012. Ambas, produtos de grandes concertações políticas do clube, que viram o protesto contra o profissionalismo dos anos de 1930 e 1940 como possíveis ensinamentos históricos para o tempo presente.

Por fim, retomo aqui uma passagem de Pierre Nora,<sup>741</sup> que, em sua defesa da memória como um objeto de estudo da História, asseverou que “[i]nterrogar uma tradição”, “seus mitos

---

<sup>741</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto História*, Dossiê História e Cultura, São Paulo, PUC-SP, v. 10, jul./dez. 1993, p. 11. Tradução de Yara Aun Houry.

e suas interpretações”, “por mais veneráveis que el[es] seja[m]”, significa “não mais [nos] reconhecer como seu único portador”. Em grande medida, acredito que esse tenha sido o meu exercício nesta tese. Como disse, já há algum tempo não gosto de ser taxado como elitista, excludente, abonado, por ser americano. Mas também não gostaria de ser reconhecido como torcedor de um clube que investiu tanto a ponto de inviabilizar a conquista de um inédito decacampeonato; que investe muito e não consegue ser alçado à elite do futebol nacional. O caminho, então, seria o de fortalecer essa imagem de clube oprimido, subjugado, que luta contra tudo e contra todos? Difícil dizer.

De todo modo, peço licença a Reinaldo Gomes e Otávio di Toledo<sup>742</sup> para tomar de empréstimo deles o título do livro que escreveram sobre a cinquentenária trajetória jornalística de Oswaldo Nobre. Para mim, o América é “uma paixão que não se acaba”. E, como muito bem chamou a atenção Michael Pollak,<sup>743</sup> uma coletividade “não pode mudar de direção e de imagem brutalmente a não ser sob risco de tensões difíceis de dominar, de cisões e mesmo de seu desaparecimento”. Embora essa outra representação do América muito me seduza, “era uma vez um grande” eu até tolero; já “era uma vez o América”, não consigo imaginar.

---

<sup>742</sup> GOMES, Reinaldo; DI TOLEDO, Otávio. *Uma paixão que não se acaba: 50 anos de jornalismo de Oswaldo Nobre*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1990.

<sup>743</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudo Históricas*, FGV/CPDOC, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 11. Tradução de Dora Rocha Flaksman.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

*A Gazeta*, São Paulo, 1922-1925.

*A Semana Esportiva*, Belo Horizonte, 1952.

*AMÉRICA Deca 70*. 1º fascículo. A História do América. Belo Horizonte: Teivanir Pinheiro Editora, Publicidade e Vendas, [1970?].

ARREGUY FILHO; João Etienne. João Etienne Arreguy Filho: depoimento. [Entrevistadores: Adival Coelho Araújo, Beatriz Begalda, João Carlos Firpe Pena e Sirlene Ferreira Mendes]. In: *MEMÓRIA do jornalismo mineiro: Aires da Mata Machado, Celius Aulicus, Edgar da Mata Machado, João Etienne Filho, José Mendonça*. Belo Horizonte: PUC-Minas/UFMG, 1995, p. 6-52.

BRANDÃO, Affonso Silvano. *Na vivência do meu tempo*. Belo Horizonte: s.n., 1977.

*Aqípossa Informativo: AMÉRICA MINEIRO*. As páginas imortais do América de Minas, 11 maio 2012.

*Boletim da Indústria Gráfica*, Noticiário do sindicato, São Paulo, ABIGRAF, n. 225, ano XXII, nov. 1970, p. 5.321.

*Camisas e Chuteiras: MARINS*, Vitor. América Mineiro – Camisas do Centenário, 28 mar. 2012.

*Camisas & Manias*, Curitiba: EXTRA: União-MT e América-MG, 27 mar. 2012.

*CLAM* – Centro de Lazer do América. Revista comemorativa do centenário do América Futebol Clube. 1912 a 2012. Belo Horizonte: EGL Editores Gráficos Ltda., 2012.

*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1922; 1963-1964; 1972.

*Correio Mineiro*, Belo Horizonte, 1926-1928.

*Correio Paulistano*, São Paulo, 1926.

*Decadentes: FERNANDES*, Walisson. Foi Muito Feio (FMF), 20 mar. 2018; *MONTEIRO*, Mário César. A gota versus Oceano, 27 fev. 2018; *MONTEIRO*, Mário César. Sob o novo escudo vencerás!, 23 mar. 2018; *VIANA*, Jairo. Canção do exílio, 21 mar. 2018; *VIANA*, Jairo. Por que?, 3 dez. 2018; *VIANA*, Jairo. Rádio-Polícia, 19 fev. 2018.

*Diario da Tarde*, Belo Horizonte, 1934; 1966-1971.

*Diário de Minas*, Belo Horizonte, 1925-1926.

*Diário Nacional*, Rio de Janeiro, 1928.

*Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 1970.

*Diário de Pernambuco*, Recife, 1970.

*Diário do Paraná*, Curitiba, 1970.

*Draft*: MAIA, Bibiana. Em Belo Horizonte, a Be Green inaugura a primeira fazenda urbana da América Latina, 3 maio 2017.

*ESPN Brasil*, blog Olha isso...: América-MG terá uniformes desenhados por estilista cruzeirense, e torcedores criticam, 19 dez. 2015.

*Estado de Minas* [versão digital], Belo Horizonte: América divulga planos do programa “Onda Verde”, sócio-torcedor é lançado com festa, 5 jul. 2012; América lança projeto de museu contando a história dos 106 anos do clube, 22 out. 2018; Antigo Clube de Lazer do América ganha novo empreendimento, 8 dez. 2012; ARRUDA, Rafael. Planeta América: parceria entre clube e MRV impulsiona expansão do Lanna Drumond, 4 nov. 2019; ARRUDA, Rafael. Historiador busca recursos para publicar obras com fichas de mais de 4.600 jogos e minibiografias de cerca de 5 mil atletas do América, 5 set. 2018; Clássico 500, 2 jul. 2017; Clube do América fecha as portas para dar lugar a prédios residenciais, 17 maio 2013; Empresa entrega mais dois condomínios em BH, 11 fev. 2018; Evolução das camisas do América, 9 abr. 2012; Galo dá o troco em rival e estampa na fachada da rodoviária de BH: “Verdadeiro time do povo”, 7 jan. 2016; MARTINI, Luiz. Decacampeonato: série de títulos do Coelho gera polêmica entre historiadores, 19 maio 2012; MARQUES, João Vítor. Atlético vence América em novo clássico com arbitragem polêmica e fica a um empate da final do Mineiro, 22 mar. 2018; “Planeta América”: clube apresenta a conselheiros passo a passo do projeto de novo CT, 3 mar. 2019; RIGUEIRA, Marina. Boulevard Shopping inicia obras da primeira torre comercial agregada a um mall em BH, 12 dez. 2011; VILARA, Paulo. Queremos juiz de fora!, 16 mar. 2018; VILARA, Paulo. Um bandeirinha fora de série, 23 fev. 2018.

*Estado de Minas* [versão impressa], Belo Horizonte: 1933, 1949 e 1970.

FILADÉLFIA; AMÉRICA FUTEBOL CLUBE. *América, um time para poucos*. YouTube, 4 abr. 2012. Disponível em: [goo.gl/z6mwhN](https://goo.gl/z6mwhN). Acesso em 19 ago. 2017.

*Folha Esportiva*, Belo Horizonte, 1930.

*Folha da Noite*, Belo Horizonte, 1929.

*Folha de Minas*, Belo Horizonte, 1935 e 1940-1941.

*Fórum da Avacoelhada América MG*: 2007-2008; 2012; 2015-2019.

*Futebol80*: América-MG, Atlético-MG e Cruzeiro.

*Globo Esporte*: América-MG sorteia empregos para chamar torcida, 14 set. 2004; América-MG terá uniforme desenhado pelo estilista mineiro Ronaldo Fraga, 19 dez. 2015; América-MG usa camisa vermelha antes de clássico em protesto contra a arbitragem, 25 mar. 2018; ASTONI, Marco Antônio. Em clássico com emoção até o fim, Cruzeiro e Galo empatam no Mineirão, 13 set. 2015; BADARÓ, Tarcísio. América-MG encerra com chave de ouro comemoração pelo centenário, 30 abr. 2012; Em tom de protesto, América-MG chama torcida para semi: #tambémvamoscom12, 24 mar. 2018; FUSCALDI, Rodrigo. De vermelho, jogadores do América-MG estreiam nova camisa, 26 maio 2012; JABUR, Miguel. Com a tradição não se brinca, 14 mar. 2016; Lista de rebaixados no Brasileirão: América-MG e Vitória assumem liderança; veja ranking, 2 dez. 2018; No dia do centenário, FMF oficializa título mineiro de 1925 do América-MG, 30 abr. 2012; No dia seguinte à nova polêmica, Salum protesta na FMF: “Nossa luta é antiga”, 23 mar. 2018; Organizada do Cruzeiro garante ter notificado Atlético-MG por slogan, 17 fev. 2016; PINHEIRO, Henrique. Chora mais: vai ter laranja, sim! E se reclamar muito, vai ter Flicts, 24 fev. 2016; Presidente do América-MG dispara após erros no clássico: “Velho futebol mineiro”, 18 fev. 2018.

GOMES, Reinaldo; DI TOLEDO, Otávio. *Uma paixão que não se acaba: 50 anos de jornalismo de Oswaldo Nobre*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1990.

*Grandes Clubes Brasileiros*, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editôra, n. 1-15, 1971-1972.

*Hoje em Dia* [versão digital], Belo Horizonte: GUIMARÃES, Guilherme. Cruzeiro confirma nome de Leandro Freitas para cargo de relacionamento com o torcedor, 19 jan. 2018; SIMÕES, Alexandre; ARAÚJO, Guyanne. Em áudio vazado pelo WhatsApp, Bruno Vicintin enaltece torcida celeste e alfineta rivais, 14 set. 2015; TATIANA, Iêva. Boulevard compra área de R\$ 18 milhões e prepara expansão, 15 fev. 2013.

*Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 1970.

*Lavoura e Commercio*, Uberaba, 1922, 1924.

LIMA, Jairo Anatólio. *Estádio Independência*. Belo Horizonte: Conceito, 2003. (BH. A cidade de cada um).

*Máquina do Esporte*, São Paulo: CAPELO, Rodrigo. América-MG usa camisa vermelha e fatura R\$ 20 mil, 29 maio 2012.

*Minas Esporte*, Belo Horizonte, 1927.

*Minas Sport*, Belo Horizonte, 1925.

*Minas Geraes*, Belo Horizonte, 1925-1926.

*O Diário*, Belo Horizonte, 1935-1937; 1943.

*O Imparcial*, Rio de Janeiro, 1925.

*O Paiz*, Rio de Janeiro, 1923.

*O Pirolito*, Belo Horizonte, 1928.

*O Tempo* [versão digital], Belo Horizonte: ALMEIDA, Fernando. Estádio Três Barras: o sonho do América pré-Independência, 30 abr. 2012; BOMFIM, Simone. Boulevard Shopping ganha sócio de peso, 9 maio 2007; DRUMMOND NETO, Felipe. Pesquisa confirma América como o time mais ‘simpático’ do Brasil, 5 maio 2018; Loja oficial do América será inaugurada com lançamento do novo uniforme, 1 mar. 2016; MURTA, Letícia. Boulevard Shopping é inaugurado, 25 maio 2010; PEDROSA, Ana Paula; RAGAZZI, Lucas. FMF é usada para gerar renda a aliados e membros da família, 22 set. 2017; SAAD, Nalu. América negocia patrimônio, 22 jul. 2011.

PAIVA, Carlos. *Carlos Eduardo Paiva de Oliveira*: depoimento [ago. 2012]. Entrevistador: Marcus Vinícius Costa Lage, 2012 (95 minutos).

PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Enciclopédia do América*: Bahia com Timbiras, onde nasceu uma paixão; a história do América Futebol Clube de Belo Horizonte 1912-2012. Ed. especial do centenário – Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2012.

PAIVA [DE OLIVEIRA], Carlos Eduardo. *Minha paixão*: o América Futebol Clube, BH, o América Mineiro. Belo Horizonte: Editora Alicerce, 2011. (Minha paixão; 1)

PINHEIRO, Henrique. Chora mais: vai ter laranja, sim! E se reclamar muito, vai ter Flicts. *Globo Esporte*, blogs, torcedor do América Mineiro, Coluna “...fora o baile...”, 24 fev. 2016. Disponível em: [goo.gl/iN8Enu](http://goo.gl/iN8Enu). Acesso em: 15 ago. 2017.

*Placar*, São Paulo, 1970-1971, 1973, 1975, 1988.

PONTES, Hildebrando de Araujo. *História do futebol em Uberaba*. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, Bolsa de Publicações do Município de Uberaba, 1972.

*Por Dentro de Minas*: Parou na trave! Cruzeiro domina mas não sai do 0 a 0 contra o Grêmio: as notícias de Minas, você encontra aqui, 4 out. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. *Inventário*. Fundo Secretaria Municipal Adjunta de Regulação Urbana 1896 a 2006. Belo Horizonte: APCBH, Divisão de Arquivos Permanentes, 2008.

RIBEIRO, Carlos Henrique. 1925 sem campeonato e a farsa do deca do América. *Almanaque do Cruzeiro*, 21 jan. 2016. Disponível em: [almanaquedocruzeiro.blogspot.com.br/search?q=deca](http://almanaquedocruzeiro.blogspot.com.br/search?q=deca) . Acesso em: 24 fev. 2017.

RIBEIRO, Henrique. *Almanaque do Cruzeiro*. Belo Horizonte: edição do autor, 2007.

*RSSSF Brasil – The Rec.Sport.Soccer Statistics Foundation*: “4º Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais-1925”; “As maiores torcidas do Brasil”; “Brazil 1971 Championship – Primeiro Campeonato Nacional de Clubes”; “Brazil 2008 Championship – Third Level (Série C)”; “Brazil Cup 1966”; “Pesquisas sobre torcidas em Minas Gerais”; “Minas Gerais State – List of Champions”.

SEIXAS, Raymundo (Dir.). *América: o “deca-campeão”*. Belo Horizonte: Raymar Promoções Ltda./Indústrias Gráficas Brasileiras Ltda., [1971-1972?].

SOUZA, Miguel Jabur de. *Acervo do Coelho*.

SOUZA, José de. Souza fala ao Estado de Minas sobre a reorganização esportiva do America. Estado de Minas, 15 jan. 1933, p. 8. [entrevista]

*Sumulas – Tchê: Campeonato Brasileiro – 1972.*

*Super Notícia*, Belo Horizonte: Editoria de Esportes, 23 ou. 2008; SUPER estreia a nova “Voz da Arquibancada”, 6 jun. 2010.

*UOL*: COSTA, Guilherme. América-MG pretende vender CT para criar receita, 3 dez. 2010; FERNANDES, Thiago. Atlético provoca Cruzeiro e se declara “Time do Povo” em ônibus de BH, 12 fev. 2016; FERNANDES, Thiago. “Time do Povo”? Entenda como Cruzeiro criou ação que gerou polêmica em BH, 12 fev. 2016.

*Vida Sportiva*, Belo Horizonte, 1946 e 1948.

VIEIRA, José Flávio Dias; RASO, Afonso Celso. *A verdadeira história do Mineirão: o maior gol de Minas*. Belo Horizonte: Littera Maciel, 1978.

ZUBA, Fernando Horta (Org.). *Jornal de Minas: Histórias que ninguém leu*. Belo Horizonte: Páginas Editora, 2018.

## **Bibliografia**

ABREU, Alzira Alves de. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2001. Disponível em: [bit.ly/2Nfz4ff](http://bit.ly/2Nfz4ff). Acesso em: 10 jan. 2020.

ASSUMPÇÃO. *O temp(l)o das geraes: a nova ordem do futebol brasileiro*. Montes Claros: Editora Unimontes, 2005.

BENEDETTI, Raimo. Fotografia e cinema: aproximações e distanciamentos no século XIX. *Teccogs: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, PUC-SP, São Paulo, n. 14, p. 151-168, jul./dez. 2016.

BENJAMIN, Walter. O colecionador. In: BOLLE, Willie; MATOS, Olgária Chain Féres (Org.). *Passagens*. Tradução de Irene Aron; Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 237-246.

BROMBERGER, Christian. As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 237-253, jul./dez. 2008. Tradução de Fernando Bretas. Revisão técnica de Arlei Sander Damo.

CAMPELLO, Bernadete Santos; ANDRADE, Maria Eugênia Albino; MEDEIROS, Nilcéia Lage de. Enciclopédias publicadas no Brasil: estudo comparativo das enciclopédias Mirador, Barga e Delta Universal. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 22, n. 1, jan./abr. 1993.

CANCELLA, Karina Barbosa. O esporte e a Marinha do Brasil: primeiras aproximações e a institucionalização da prática esportiva através da criação da Liga de Sports da Marinha. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24, ANPUH. *Anais...* São Paulo, jul. 2011.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CELLULARI, Luiz Henrique. Uberaba Sport Club: Uma história de paixão pelo futebol uberabense. *Superintendência do Arquivo Público de Uberaba*, 5 set. 2017. Disponível em: [bit.ly/2QKSx9E](http://bit.ly/2QKSx9E). Acesso em: 11 jan. 2020.

CEZARIO, Natalia Trevisan. *Da Enciclopédia à Wikipédia: o conhecimento em circulação*. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual de São Paulo, Araraquara, 2011.

COUTINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014. (Coleção Brasil Republicano)

COUTO, Euclides de Freitas. *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PUC Minas, Belo Horizonte, 2003.

COUTO, Euclides de Freitas. *Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

DAL FORNO, Rodrigo. *O “Álbum dos Bandoleiro” da Revolução de 1923: uma análise de Política e Imagem no Rio Grande do Sul da década de 1920*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002. (Coleção Academia)

DAMO, Arlei Sander. O espetáculo das identidades e alteridades: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Org.). *Futebol objeto das Ciências Humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 23-55.

DAMO, Arlei Sander. *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

DRUMOND, Maurício. *Estado Novo e esporte: a política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014. (Coleção Visão de Campo)

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*. Tradução Ana Falcão Bastos e Luís Leitão. 13. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2007.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972. (Debates; Filosofia)

FARIA, Maria Auxiliadora; GROSSI, Yone de Souza. A classe operária em Belo Horizonte: 1897-1920. In: MONTEIRO, Norma de Góes (Coord.). *V Seminário de Estudos Mineiros: A República Velha em Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982, p. 165-213.

- FRANCISCHINI, Sandro. A difícil nacionalização do futebol brasileiro: a era Havelange. In: TOLEDO, Luiz Henrique de; COSTA, Carlos Eduardo (Org.). *Visão de jogo: Antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009. p. 167-196. (Coleção Antropologia Hoje)
- FRANCISCHINI, Sandro Luis Montanheiro. *Campeonato brasileiro de futebol e a esportificação do futebol profissional (1971-1979)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFSCAR, São Carlos, 2006.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. Futebol, sociedade, cultura: Apontamentos a título de conclusão. In: CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela (Org.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 365-383.
- FREITAS, Wagner Augusto Álvares de; RODRIGUES, Rodrigo de Freitas; RIBEIRO, Carlos Henrique Miranda. *Almanaque do Leão do Bonfim*. Belo Horizonte: Edição do Editor, 2011.
- GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil. *Revista de História*, Dossiê História do Futebol, São Paulo, n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Moraes (Org.). *Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2015. (Selo Luminária Academia).
- GOMES, Leonardo José Magalhães. *Memória de ruas*. Dicionário toponímico da cidade de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura, Museu Abílio Barreto, 1992.
- GORBERG, Marissa. *Parc Royal: um magazine na modernidade carioca*. 2013. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – FGV/CPDOC, Rio de Janeiro, 2013.
- GUEDES, Maria da Consolação Resende. *Jornal popular-massivo: as estratégias utilizadas pelo Super Notícia para conquistar seu leitor*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – PUC-Minas, Belo Horizonte, 2010.
- GUIMARÃES, Berenice Martins. *Cafuas, barracos e barracões: Belo Horizonte, cidade planejada*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Dança dionisíaca?” Estilos nacionais no futebol sul-americano. *Projeto História*, São Paulo, PUC-SP, n. 49, p. 157-164, abr. 2014. Tradução de Daniel R. Bonomo.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. Estética versus futebol. *Folha de São Paulo*, esporte, São Paulo, 24 set. 1997. Entrevistador: Rodrigo Bertolotto. Disponível em: [goo.gl/BVr7Hm](http://goo.gl/BVr7Hm). Acesso em: 24 dez. 2018.

HARADA, Eduardo. Os 10 jornais impressos mais lidos no Brasil. *Ah duvido: História, ciência, mistério e curiosidades imperdíveis*. Maringá, 24 dez. 2016. Disponível em: [bit.ly/2Mcq9vg](http://bit.ly/2Mcq9vg). Acesso em: 24 jul. 2019.

HELAL, Ronaldo. O hexa do Flamengo e o dilema brasileiro. *Ludopédio*, Arquibancada, v. 21, n. 4, 11 mar. 2011. Disponível em: [goo.gl/dlzqPb](http://goo.gl/dlzqPb). Acesso em: 1 maio 2017.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2003.

HOLANDA, Helládio. *Os 75 maiores clássicos de futebol no mundo: as grande rivalidades mundiais contadas em detalhes*. Joinvile: Clube de Autores, s.d.

LAGE, Marcus Vinícius Costa. A campanha #tambémvamoscom12 e a tradição americana de luta e resistência. *Ludopédio*, Arquibancada, FULIA, Futebol pelo Brasil, vol. 108, n. 3, 3 jun. 2018. Disponível em: [bit.ly/2xToRx3](http://bit.ly/2xToRx3). Acesso em 11 jul. 2019.

LAGE, Marcus Vinícius Costa. A Copa de 1950 como uma “janela de oportunidades” para o futebol montanhês. In: COUTO, Euclides de Freitas (Org.). *As copas do mundo no Brasil: memórias, identidades e diplomacia (1950/2014)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2018, p. 78-95. (Coleção Visão de Campo)

LAGE, Marcus Vinícius Costa. A “sociogênese” da profissão de jogar de futebol em Belo Horizonte/MG: aspectos da consolidação social e da espetacularização futebolística na capital mineira. In: GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais (Org.). *Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2015, p. 124-154. (Luminária Academia)

LAGE, Marcus Vinícius Costa. As estatísticas de futebol como fonte de pesquisa: o caso do “circuito clubístico” belo-horizontino. *Recorde*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, jul./dez. 2018.

LAGE, Marcus Vinícius Costa. “*Deixem em paz os nossos cracks*” – Análise sociológica da profissionalização do futebol belo-horizontino: a regulamentação e os significados sociais. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PUC Minas, Belo Horizonte, 2013.

LAGE, Marcus Vinícius Costa. Revista *América: a voz dos americanos (1947/1950)? FuLiA / UFMG*, Belo Horizonte, vol. 2, n. 1, p. 44-58, jan./abr. 2017.

LAGE, Marcus Vinícius Costa. Vida longa à Seita do Coelho! Democracia “até o além”! *Ludopédio*, Arquibancada, v. 113, n. 2, 2 nov. 2018. Disponível em: [bit.ly/2OEQZZZ](http://bit.ly/2OEQZZZ). Acesso em: 8 fev. 2020.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LE MOS, Celina Borges. Uma centralidade belo-horizontina. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 43, n. 2, p. 93-111, jul./dez. 2007.

LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerário da imprensa em Belo Horizonte: 1895-1954*. (Estudo crítico e nota biográfica de Maria Céres Pimenta S. Castro) – Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995. (Coleção Centenário).

MAGALHÃES, Beatriz de Almeida; ANDRADE, Rodrigo Ferreira. *Belo Horizonte: um espaço para a República*. Belo Horizonte: UFMG, 1989.

MALAIÁ, João. Placar: 1970. In: HOLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 149-170. (Coleção Visão de Campo)

MELLO, Fábio Alberici de. Quais os maiores jornais do Brasil? *Comunicare*, São Paulo, 25 set. 2018. Disponível em: [bit.ly/2Gu7fMJ](http://bit.ly/2Gu7fMJ). Acesso em: 24 jul. 2019.

MELO, Victor Andrade de et al. *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. (Coleção Visão de Campo)

MENDONÇA, Jupira Gomes de. *Segregação e mobilidade residencial na Região Metropolitana de Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – IUPERJ, UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo (Coord.). *Belo Horizonte: espaços e tempos em construção*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/PBH, 1994. (Coleção BH 100 anos).

MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D’Amaral. *Futebol e Ditadura Militar: elaboração dos projetos políticos para o futebol brasileiro 1966-1971*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017.

MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. *O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas*. O futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Projeto História*, Dossiê História e Cultura, São Paulo, PUC-SP, v. 10, p. 7-28, jul./dez. 1993. Tradução de Yara Aun Khoury.

NUNES, José Horta. Para uma história do discurso enciclopédico no Brasil. ENANPOLL, 27, Niterói. *Anais...* Instituto de Letras/UFF, 2012.

OLIVEIRA, Jader de. *No tempo mais que perfeito: vida e sonhos de Belo Horizonte nos anos 50*. Belo Horizonte: [s.n.], 2010.

OLIVEIRA, Ramiro Barboza de. *O conservadorismo católico na imprensa de Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930: os jornais O Horizonte e O Diário (1923-1937)*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João Del’Rei, São João Del-Rei, 2010.

PIAZZI, Giulia Sampaio. *Esporte de massa como objeto de nicho: uma análise editorial do mercado de livros de futebol*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Tecnologias de Edição) – CEFET-MG, Belo Horizonte, 2015.

- PINHEIRO, Flora Borges. *Vira-Vira da BestBolso: uma estratégia para livro de bolso*. Monografia (Graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudo Históricas*, FGV/CPDOC, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Tradução de Dora Rocha Flaksman.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudo Históricas*, FGV/CPDOC, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Tradução de Dora Rocha Flaksman.
- PRATA, Nair; SANTOS, Maria Cláudia (Org.). *Enciclopédia do Rádio Esportivo Mineiro*. Florianópolis: Insular, 2014.
- PRONI, Marcelo Weishaupt. *Esporte-espetáculo e futebol-empresa*. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) – UNICAMP, Campinas, 1998.
- RIBEIRO, Ana Elisa. O que é e o que não é um livro: materialidades e processos editoriais. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 9, n. 4, p. 333-341, out./dez. 2012.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. *A bola, as ruas alinhadas e uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. Rio de Janeiro: Drible de Letra, 2018.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. *A bola em meio as ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. Festivais esportivos varzeanos em Belo Horizonte: memória social da cultura futebolística popular. *Fulia/UFMG*, v. 3, n. 3, p. 10-36, set./dez. 2019.
- ROCCA, Pablo. Por que, para que uma revista. (Sobre sua natureza e sua função no campo cultural latino-americano). *Boletim de Pesquisa NELIC*, Florianópolis, UFSC, v. 7, n. 10, p. 1-22, 2010. (Tradução de Doralicia Furtado da Rosa e George Luiz França)
- RODRIGUES, Bernadete Bittencourt. Projeto Corredor Cultural Rua da Bahia: educação patrimonial e memória urbana. Belo Horizonte: [s.n.], 2006. Disponível em: [bit.ly/2QpCsWV](http://bit.ly/2QpCsWV). Acesso em: 3 jan. 2020.
- RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). Um olhar sobre a trajetória das políticas públicas de esporte em Minas Gerais: 1927 a 2006. Contagem: MJR Editora Gráfica, 2014.
- RÚBIO, Kátia. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 86-91, jan./abr. 2006.
- SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. Campeonato Brasileiro de Seleções: economia de um projeto nacional (1922-1932). *Heera, Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada*, UFJF, v. 6, n. 10, p. 27-47, jan./jul. 2011.
- SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. CPDOC: Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Quem desloca tem preferência: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura*. Belo Horizonte: Relicário, 2014.

SILVA, Maria Lúcia Soares da; RÚBIO, Kátia. Superação no esporte: limites individuais ou sociais? *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto, v. 3, n. 3, p. 69-76, jul./dez. 2003.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *Futebol, raça e nacionalidade: releitura da história oficial*. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. *O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940*. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. *A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. *Do Prado ao Mineirão: a história dos estádios na capital inventada*. Tese (Doutorado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

STEIN, Leandro. Como o profissionalismo ajudou a tornar o Fla-Flu tão grandioso. *Trivela*, 24 nov. 2014. Disponível em: [bit.ly/36ntgaQ](http://bit.ly/36ntgaQ). Acesso em: 2 jan. 2020.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). *BIB, Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, n. 52, p. 133-165, 2º sem. 2001.

VIANNA, Beto. Preto no branco: para uma linguística do Galo. In: FREIRE, Alexandre (Org.). *Preto no branco: ensaios sobre o Clube Atlético Mineiro: o Galo entre a razão e a paixão*. Belo Horizonte: edição do autor, 2007, p. 23-37.

VIEIRA, Luciana Rothberg. *Na superfície têxtil: narrativas em estampas de Ronaldo Fraga*. 2012. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

VILLAS-BOAS, André. *Produção gráfica para designers*. 3. ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2010. (Série Oficina)

WEBER, Max. A nação. In: GERTH, H. H.; MILLS, C. Wright (Org.). *Ensaio de Sociologia*. Tradução de Waltensir Dutra. Rev. Técnica de Fernando Henrique Cardoso. Rio de Janeiro: LTC Editora S.A., 1982, p. 201-210.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

**APÊNDICE A – Anúncios de América – O deca-campeão**

<b>Razão social</b>	<b>Propriedade</b>	<b>Setor</b>	<b>Segmento</b>	<b>Tamanho</b>	<b>Natureza do texto</b>	<b>Promoção de dirigentes</b>
Feira de Alimentação	Privada	Comércio	Alimentício	Caixa pequena	Empresarial	-
Loteria de Minas	Pública	Serviços	Financeiro	Caixa pequena	Empresarial	-
O Debate	Privada	Comércio	Comunicação	Caixa pequena	Empresarial	Oswaldo Nobre
Escola de Datilografia São José	Privada	Serviços	Educação técnica	Caixa pequena	Homenagem ao clube	-
Câmara Municipal de Belo Horizonte	Pública	-	Poder Legislativo	Duas colunas	Político e homenagem ao clube	-
Embra	Privada	Indústria	Construção Civil	Duas colunas	Homenagem ao clube	Otávio Pena
Drogaria Araújo	Privada	Comércio	Saúde	Duas colunas	Empresarial	-
Cia. de Cigarros Souza Cruz	Privada	Indústria	Cigarros	Meia coluna	Empresarial	-
Precon	Privada	Indústria e Comércio	Construção Civil	Meia coluna	Empresarial	-
Ótica Odair	Privada	Comércio	Saúde e vestuário	Meia coluna	Empresarial	-
Centro Ótico	Privada	Comércio	Saúde e vestuário	Meia coluna	Empresarial	-
Fundo Mantiqueira de Investimentos	Privada	Serviços	Financeiro	Meia coluna	Empresarial	-
Estádio Minas Gerais	Pública	-	Poder Executivo	Meia coluna	Homenagem ao clube	Afonso Celso Raso e José Flávio Vieira
Churrascaria Gaúcha	Privada	Comércio	Alimentício	Meia página	Empresarial	-
Brahma Chopp	Privada	Indústria	Bebidas	Meia página	Empresarial	-
Refrigerantes Minas Gerais S.A.	Privada	Indústria	Bebidas	Meia página	Empresarial	-
Cia. Alterosa de Cervejas	Privada	Indústria e Comércio	Bebidas	Meia página	Homenagem ao clube	Roberto Calvo
Mesbla	Privada	Comércio	Departamento	Meia página	Homenagem ao clube	-

<b>Razão social</b>	<b>Propriedade</b>	<b>Setor</b>	<b>Segmento</b>	<b>Tamanho</b>	<b>Natureza do texto</b>	<b>Promoção de dirigentes</b>
Camisaria Clemente / Del Rei Camisaria	Privada	Comércio	Vestuário	Meia página	Empresarial	-
Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais	Pública	Serviços	Financeiro	Meia página	Empresarial	-
Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais S.A.	Privada	Serviços	Financeiro	Meia página	Empresarial	-
Grupo Nacional	Privada	Serviços	Financeiro	Meia página	Empresarial	-
Banco de Minas Gerais S.A.	Privada	Serviços	Financeiro	Meia página	Homenagem ao clube	-
Prefeitura de Belo Horizonte	Pública	-	Poder Executivo	Meia página	Político	-
Instituto Mineiro de Reabilitação e Reumatologia	Privada	Serviços	Saúde	Meia página	Homenagem ao clube	-
Restaurante Engrenagem	Privada	Comércio	Alimentício	Meio rodapé	Empresarial	-
Construbel	Privada	Comércio	Construção Civil	Meio rodapé	Empresarial	-
Bazar Novo Mundo	Privada	Comércio	Lazer	Meio rodapé	Empresarial	-
Luiz Cavalieri Ltda.	Privada	Comércio	Saúde	Meio rodapé	Empresarial	-
Construtora Bomtempo Ltda.	Privada	Serviços	Construção Civil	Meio rodapé	Empresarial	-
Foto Elias	Privada	Serviços	Fotografia	Meio rodapé	Empresarial	-
Indústria e Comércio São Luiz Ltda.	Privada	Indústria e Comércio	Bebidas	Página inteira	Empresarial	-
Cerveja Pérola	Privada	Indústria e Comércio	Bebidas	Página inteira	Empresarial	-
Salutar	Privada	Indústria e Comércio	Doméstico	Página inteira	Empresarial	-
Construtora Mello de Azevedo Ltda.	Privada	Serviços	Construção Civil	Página inteira	Homenagem ao clube	Celso Mello Azevedo
Dinamiza	Privada	Serviços	Construção Civil e Financeiro	Página inteira	Empresarial	Celso Mello Azevedo
Clínica Pinel	Privada	Serviços	Saúde	Página inteira	Homenagem ao clube	-

<b>Razão social</b>	<b>Propriedade</b>	<b>Setor</b>	<b>Segmento</b>	<b>Tamanho</b>	<b>Natureza do texto</b>	<b>Promoção de dirigentes</b>
Governo do Estado de Minas Gerais	Pública	-	Poder Executivo	Página inteira	Político	-
Banco do Estado de Minas Gerais	Pública	Serviços	Financeiro	Página inteira	Empresarial	-
Wella	Privada	Indústria e Comércio	Cosmético	Rodapé	Empresarial	-
Casa de Refrigeração e Pesca S.A.	Privada	Comércio	Lazer	Rodapé	Empresarial	-
Banco Mineiro do Oeste S.A.	Privada	Serviços	Financeiro	Rodapé	Empresarial	-
Indústria Brasileira Paraguay	Privada	Indústria	Bebidas	Uma coluna	Empresarial	-
Bolas Equipe Super	Privada	Indústria e Comércio	Material esportivo	Detalhe	Empresarial	-

Legenda: (-) Não se aplica

## ANEXO A – Tabela com a posição dos clubes nas pesquisas de torcidas

## PARTE 1 – DE JUNHO DE 1983 A SETEMBRO DE 2007

Clubes	Posição no ranking de torcidas em (mês/ano)														
	jun/83	out/83	dez/93	out/89	jul/00	abr/01	jun/01	jun/02	ago/02	dez/02	jan/04	out/04	mai/06	out/06	set/07
<b>Flamengo</b>	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	1
<b>Corinthians</b>	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2
<b>São Paulo</b>	7	3	3	3	4	3	3	4	3	3	3	3	3	3	3
<b>Palmeiras</b>	3	6	4	4	3	4	3	3	3	3	4	4	4	4	3
<b>Vasco</b>	3	4	5	5	5	5	3	5	5	5	5	5	5	4	5
<b>Grêmio</b>	8	12	6	6	6	7	6	6	7	6	6	7	5	6	6
<b>Santos</b>	5	10	6	8	6	8	8	8	8	7	8	8	7	8	7
<b>Cruzeiro</b>	8	9	6	8	6	6	7	7	6	7	6	6	7	6	7
<b>Internacional</b>	12	10	6	7	10	9	8	8	9	9	10	9	7	8	9
<b>Atlético-MG</b>	5	8	10	11	10	10	8	8	11	9	8	10	11	8	9
<b>Fluminense</b>	12	5	10	12	12	12	12	8	10	11	10	12	12	8	12
<b>Sport</b>	14	14	14	13	12	13	12	*	*	*	13	14	12	12	12
<b>Botafogo</b>	8	7	10	10	12	11	8	8	12	11	10	11	12	12	9
<b>Bahia</b>	8	13	14	14	12	13	12	13	13	11	13	13	12	12	12
<b>Vitória</b>	*	*	*	15	12	15	*	*	14	*	13	14	*	15	*
<b>Santa Cruz</b>	*	15	14	16	12	16	12	*	*	*	13	18	*	15	12
<b>Ceará</b>	*	*	14	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	15	*
<b>Atlético-PR</b>	*	*	*	17	*	*	*	*	15	*	*	18	*	15	*
<b>Paysandu</b>	*	*	14	*	*	*	*	*	*	*	13	17	*	*	*
<b>Náutico</b>	14	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
<b>Fortaleza</b>	*	*	*	*	*	18	*	*	*	*	*	*	*	15	*
<b>Remo</b>	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	13	16	*	*	*

Clubes	Posição no <i>ranking</i> de torcidas em (mês/ano)														
	jun/83	out/83	dez/93	out/89	jul/00	abr/01	jun/01	jun/02	ago/02	dez/02	jan/04	out/04	mai/06	out/06	set/07
Coritiba	*	*	*	*	*	17	*	*	17	*	13	21	*	15	*
Goiás	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Avai	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Figueirense	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Portuguesa	*	*	*	*	*	*	*	*	17	*	*	*	*	*	*
Vila Nova-GO	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Atlético-GO	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Paraná	*	*	*	*	*	*	*	*	15	*	*	*	*	*	*
Guarani	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Ponte Preta	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Seleção Brasileira	**	**	10	**	6	**	12	**	**	**	**	20	7	15	12
Juventude	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	22	*	*	*
América-MG	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	23	*	*	*

Legenda: (\*) Não mencionado / (\*\*) Não pesquisado

Fonte: ARRUDA, Marcelo Leme de. As maiores torcidas do Brasil. *RSSSF Brasil*, 18 maio 2018.

## PARTE 2 – DE JANEIRO DE 2008 A MAIO DE 2018

Clubes	Posição no <i>ranking</i> de torcidas em (mês/ano)													
	jan/08	jan/10	abr/10	jun/10	fev/12	out/12	dez/12	mar/13	jan/14	jun/14	ago/14	abr/16	abr/18	maio/18
<b>Flamengo</b>	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
<b>Corinthians</b>	2	2	2	2	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2
<b>São Paulo</b>	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
<b>Palmeiras</b>	4	4	4	4	4	4	4	5	4	4	4	4	4	4
<b>Vasco</b>	4	5	5	5	5	5	5	4	5	5	5	5	5	5
<b>Grêmio</b>	6	7	6	6	6	6	6	8	7	6	8	7	7	6
<b>Santos</b>	9	9	9	8	9	8	8	7	8	7	10	8	7	7
<b>Cruzeiro</b>	7	6	6	7	7	6	7	6	6	7	7	6	5	8
<b>Internacional</b>	7	7	6	10	8	8	9	10	9	7	9	10	7	9
<b>Atlético-MG</b>	9	9	9	9	10	8	10	9	10	10	6	9	10	10
<b>Fluminense</b>	13	12	11	12	11	8	12	11	14	10	11	13	11	11
<b>Sport</b>	13	*	11	11	14	8	*	13	11	10	15	14	*	11
<b>Botafogo</b>	9	9	11	12	11	8	11	12	12	10	12	11	11	13
<b>Bahia</b>	13	12	11	12	13	8	13	14	13	14	12	11	11	13
<b>Vitória</b>	13	12	11	15	15	15	14	15	15	14	14	*	11	15
<b>Santa Cruz</b>	*	*	*	17	16	15	*	16	15	*	17	*	*	16
<b>Ceará</b>	*	*	*	17	19	15	*	20	21	*	18	*	*	16
<b>Atlético-PR</b>	*	*	*	17	17	15	*	16	17	14	15	*	*	18
<b>Paysandu</b>	*	*	*	*	*	*	*	18	22	*	*	*	*	19
<b>Náutico</b>	*	*	*	*	21	15	*	18	18	*	*	*	*	20
<b>Fortaleza</b>	*	*	*	16	20	15	*	21	*	*	*	*	*	20
<b>Remo</b>	*	*	*	*	*	*	*	21	*	*	*	*	*	20
<b>Coritiba</b>	*	*	*	*	18	15	*	21	19	*	*	*	*	*
<b>Goiás</b>	*	*	*	*	21	*	*	21	20	*	*	*	*	*
<b>Avai</b>	*	*	*	*	24	*	*	25	*	*	*	*	*	*

Clubes	Posição no ranking de torcidas em (mês/ano)													
	jan/08	jan/10	abr/10	jun/10	fev/12	out/12	dez/12	mar/13	jan/14	jun/14	ago/14	abr/16	abr/18	maio/18
<b>Figueirense</b>	*	*	*	*	25	*	*	25	*	*	*	*	*	*
<b>Portuguesa</b>	*	*	*	*	30	*	15	*	*	*	*	*	*	*
<b>Vila Nova-GO</b>	*	*	*	*	23	*	*	*	*	*	*	*	*	*
<b>Atlético-GO</b>	*	*	*	*	25	*	*	*	*	*	*	*	*	*
<b>Paraná</b>	*	*	*	*	27	*	*	*	*	*	*	*	*	*
<b>Guarani</b>	*	*	*	*	28	*	*	*	*	*	*	*	*	*
<b>Ponte Preta</b>	*	*	*	*	28	*	*	*	*	*	*	*	*	*
<b>Seleção Brasileira</b>	9	**	11	**	**	**	**	**	**	**	**	**	**	**
<b>Juventude</b>	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
<b>América-MG</b>	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*

Legenda: (\*) Não mencionado / (\*\*) Não pesquisado

Fonte: ARRUDA, Marcelo Leme de. As maiores torcidas do Brasil. *RSSSF Brasil*, 18 maio 2018.

## ANEXO B – Tabela com a porcentagem de torcedores por clubes segundo as pesquisas de torcidas

## PARTE 1 – DE JUNHO DE 1983 A SETEMBRO DE 2007

Clubes	Percentual de torcedores em (mês/ano)														
	jun/83	out/93	dez/93	out/98	jul/00	abr/01	jun/01	jun/02	ago/02	dez/02	jan/04	out/04	mai/06	out/06	set/07
<b>Flamengo</b>	25,5	18,6	23,3	21,6	24,7	21,7	24	22,1	20,9	21,6	20,3	24,5	20,3	15,9	22,7
<b>Corinthians</b>	14	15,3	13,7	15,1	15,6	14,8	14,7	16,9	16,4	17,6	14,9	17,8	17,6	18,3	16
<b>São Paulo</b>	5	8,1	9,6	8,8	9,1	7,9	9,3	9,1	8,9	9,5	9,5	9,9	10,8	12,2	10,7
<b>Palmeiras</b>	7,4	4,9	6,8	7,7	10,4	7,7	9,3	10,4	8,9	9,5	8,1	8,8	9,5	6,1	10,7
<b>Vasco</b>	7,4	7,1	5,5	6,7	6,5	7,3	9,3	6,5	8,4	6,8	6,8	7,4	5,4	6,1	6,7
<b>Grêmio</b>	4,1	2,9	4,1	5,3	3,9	4,4	5,3	5,2	4,3	5,4	5,4	4,7	5,4	4,9	5,3
<b>Santos</b>	5,8	3,5	4,1	4,1	3,9	4	2,7	2,6	3,5	4,1	4,1	3,6	4,1	3,7	4
<b>Cruzeiro</b>	4,1	3,6	4,1	4,1	3,9	4,5	4	3,9	5,3	4,1	5,4	5	4,1	4,9	4
<b>Internacional</b>	3,3	3,5	4,1	4,3	2,6	3,6	2,7	2,6	3,4	2,7	2,7	3,5	4,1	3,7	2,7
<b>Atlético-MG</b>	5,8	3,7	2,7	2,4	2,6	2,4	2,7	2,6	2,7	2,7	4,1	2,7	2,7	3,7	2,7
<b>Fluminense</b>	3,3	5,2	2,7	2,2	1,3	1,6	1,3	2,6	3,1	1,4	2,7	1,6	1,4	3,7	1,3
<b>Sport</b>	1,6	2,5	1,4	1,7	1,3	1,5	1,3	*	*	*	1,4	1,3	1,4	2,4	1,3
<b>Botafogo</b>	4,1	3,8	2,7	2,8	1,3	2,3	2,7	2,6	2,3	1,4	2,7	2	1,4	2,4	2,7
<b>Bahia</b>	4,1	2,8	1,4	1,3	1,3	1,5	1,3	1,3	1,6	1,4	1,4	1,5	1,4	2,4	1,3
<b>Vitória</b>	*	*	*	0,8	1,3	0,9	*	*	1	*	1,4	1,3	*	1,2	*
<b>Santa Cruz</b>	*	2,3	1,4	0,7	1,3	0,8	1,3	*	*	*	1,4	0,7	*	1,2	1,3
<b>Ceará</b>	*	*	1,4	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	1,2	*
<b>Atlético-PR</b>	*	*	*	0,6	*	*	*	*	0,3	*	*	0,7	*	1,2	*
<b>Paysandu</b>	*	*	1,4	*	*	*	*	*	*	*	1,4	0,8	*	*	*
<b>Náutico</b>	1,6	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
<b>Fortaleza</b>	*	*	*	*	*	0,4	*	*	*	*	*	*	*	1,2	*
<b>Remo</b>	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	1,4	1	*	*	*

Clubes	Percentual de torcedores em (mês/ano)														
	jun/83	out/93	dez/93	out/98	jul/00	abr/01	jun/01	jun/02	ago/02	dez/02	jan/04	out/04	mai/06	out/06	set/07
Coritiba	*	*	*	*	*	0,5	*	*	0,2	*	1,4	0,4	*	1,2	*
Goiás	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Avai	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Figueirense	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Portuguesa	*	*	*	*	*	*	*	*	0,2	*	*	*	*	*	*
Vila Nova-GO	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Atlético-GO	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Paraná	*	*	*	*	*	*	*	*	0,3	*	*	*	*	*	*
Guarani	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Ponte Preta	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Seleção Brasileira	**	**	2,7	**	3,9	**	1,3	**	**	**	**	0,5	4,1	1,2	1,3
Juventude	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	0,3	*	*	*
América-MG	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	0,1	*	*	*

Legenda: (\*) Não mencionado / (\*\*) Não pesquisado

Fonte: ARRUDA, Marcelo Leme de. As maiores torcidas do Brasil. *RSSSF Brasil*, 18 maio 2018.

## PARTE 2 – DE JANEIRO DE 2008 A MAIO DE 2018

Clubes	Percentual de torcedores em (mês/ano)													
	jan/08	jan/10	abr/10	jun/10	fev/12	out/12	dez/12	mar/13	jan/14	jun/14	ago/14	abr/16	abr/18	maio/18
<b>Flamengo</b>	23	24,7	22,7	21,2	19,3	19,7	16,3	21,2	21,1	23,4	21,1	20,5	23,1	24,1
<b>Corinthians</b>	16,2	16,9	18,7	16,5	16,6	19,7	15,6	18,4	18,2	18,2	17,8	16,9	17,9	19,6
<b>São Paulo</b>	10,8	10,4	10,7	10,7	10,7	9,9	8,8	10,2	10,4	10,4	8,9	9,8	10,3	10,3
<b>Palmeiras</b>	8,1	9,1	8	7,4	8,1	7	6,8	6,2	7,4	7,8	6,9	6,9	7,7	9,6
<b>Vasco</b>	8,1	6,5	5,3	5	5,8	5,6	4,6	6,3	5,9	6,5	4,7	5,6	5,1	6,1
<b>Grêmio</b>	5,4	3,9	4	4,9	4,4	4,2	4,1	3,8	4,4	5,2	3,9	4,1	3,8	4,2
<b>Santos</b>	2,7	2,6	2,7	3,3	3,5	2,8	2,9	4,3	4,2	3,9	3,1	4	3,8	3,7
<b>Cruzeiro</b>	4,1	5,2	4	4,3	4,4	4,2	3,2	4,8	5,5	3,9	4	5	5,1	3,6
<b>Internacional</b>	4,1	3,9	4	3,1	3,8	2,8	2	3,2	3,1	3,9	3,7	3,2	3,8	3,3
<b>Atlético-MG</b>	2,7	2,6	2,7	3,2	3	2,8	1,9	3,3	3	2,6	4,6	3,5	2,6	3,1
<b>Fluminense</b>	1,4	1,3	1,3	2	1,9	2,8	1,5	2,3	2,1	2,6	2,3	2	1,3	1,8
<b>Sport</b>	1,4	*	1,3	2,1	1,5	2,8	*	1,8	2,5	2,6	1,6	1,9	*	1,8
<b>Botafogo</b>	2,7	2,6	1,3	2	1,9	2,8	1,5	2	2,4	2,6	2,2	2,2	1,3	1,6
<b>Bahia</b>	1,4	1,3	1,3	2	1,6	2,8	1,2	1,5	2,3	1,3	2,2	2,2	1,3	1,6
<b>Vitória</b>	1,4	1,3	1,3	1,5	1,3	1,4	1,1	1	1	1,3	1,7	*	1,3	1,2
<b>Santa Cruz</b>	*	*	*	0,7	0,9	1,4	*	0,9	1	*	1,3	*	*	1
<b>Ceará</b>	*	*	*	0,7	0,7	1,4	*	0,6	0,4	*	1	*	*	1
<b>Atlético-PR</b>	*	*	*	0,7	0,8	1,4	*	0,9	0,8	1,3	1,6	*	*	0,9
<b>Paysandu</b>	*	*	*	*	*	*	*	0,8	0,4	*	*	*	*	0,4
<b>Náutico</b>	*	*	*	*	0,5	1,4	*	0,8	0,6	*	*	*	*	0,3
<b>Fortaleza</b>	*	*	*	1	0,6	1,4	*	0,5	*	*	*	*	*	0,3
<b>Remo</b>	*	*	*	*	*	*	*	0,5	*	*	*	*	*	0,3
<b>Coritiba</b>	*	*	*	*	0,7	1,4	*	0,5	0,5	*	*	*	*	*
<b>Goiás</b>	*	*	*	*	0,5	*	*	0,5	0,5	*	*	*	*	*
<b>Avai</b>	*	*	*	*	0,3	*	*	0,4	*	*	*	*	*	*
<b>Figueirense</b>	*	*	*	*	0,3	*	*	0,4	*	*	*	*	*	*
<b>Portuguesa</b>	*	*	*	*	0,1	*	0,5	*	*	*	*	*	*	*

Clubes	Percentual de torcedores em (mês/ano)													
	jan/08	jan/10	abr/10	jun/10	fev/12	out/12	dez/12	mar/13	jan/14	jun/14	ago/14	abr/16	abr/18	maio/18
Vila Nova-GO	*	*	*	*	0,4	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Atlético-GO	*	*	*	*	0,3	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Paraná	*	*	*	*	0,2	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Guarani	*	*	*	*	0,1	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Ponte Preta	*	*	*	*	0,1	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Seleção Brasileira	2,7	**	1,3	**	**	**	**	**	**	**	**	**	**	**
Juventude	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
América-MG	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*

Legenda: (\*) Não mencionado / (\*\*) Não pesquisado

Fonte: ARRUDA, Marcelo Leme de. As maiores torcidas do Brasil. *RSSSF Brasil*, 18 maio 2018.

**ANEXO C – Tabela com o número de vezes que cada clube disputou a Primeira Divisão do Campeonato Brasileiro**

**PARTE 1 – OS 50 CLUBES MAIS ASSÍDUOS**

<b>Clube</b>	<b>Origem</b>	<b>Participações</b>	<b>Clube</b>	<b>Origem</b>	<b>Participações</b>
<b>Grêmio</b>	Porto Alegre	60	<b>Fortaleza</b>	Fortaleza	21
<b>Cruzeiro</b>	Belo Horizonte	59	<b>América</b>	Rio de Janeiro	19
<b>Santos</b>	Santos	59	<b>CSA</b>	Maceió	19
<b>Atlético</b>	Belo Horizonte	56	<b>Figueirense</b>	Florianópolis	17
<b>Palmeiras</b>	São Paulo	56	<b>América</b>	Belo Horizonte	16
<b>Botafogo</b>	Rio de Janeiro	55	<b>Juventude</b>	Caxias do Sul	16
<b>Flamengo</b>	Rio de Janeiro	54	<b>Nacional</b>	Manaus	16
<b>Fluminense</b>	Rio de Janeiro	53	<b>Paraná</b>	Curitiba	16
<b>Internacional</b>	Porto Alegre	53	<b>Remo</b>	Belém	16
<b>São Paulo</b>	São Paulo	52	<b>América</b>	Natal	15
<b>Vasco</b>	Rio de Janeiro	52	<b>Desp. Ferroviária</b>	Cariacica	15
<b>Corinthians</b>	São Paulo	51	<b>ABC</b>	Natal	14
<b>Bahia</b>	Salvador	47	<b>Criciúma</b>	Criciúma	13
<b>Athletico</b>	Curitiba	43	<b>Joinville</b>	Joinville	12
<b>Sport</b>	Recife	40	<b>Rio Branco</b>	Vitória	12
<b>Coritiba</b>	Curitiba	39	<b>Sampaio Corrêa</b>	São Luís	12
<b>Goiás</b>	Goiânia	39	<b>Sergipe</b>	Aracaju	12
<b>Vitória</b>	Salvador	39	<b>Bangu</b>	Rio de Janeiro	11
<b>Portuguesa</b>	São Paulo	35	<b>Campinense</b>	Campina Grande	11
<b>Náutico</b>	Recife	34	<b>CRB</b>	Maceió	11
<b>Guarani</b>	Campinas	29	<b>Moto Club</b>	São Luís	11
<b>Paysandú</b>	Belém	27	<b>Atlético</b>	Goiânia	10
<b>Ponte Preta</b>	Campinas	24	<b>Avaí</b>	Florianópolis	10
<b>Santa Cruz</b>	Recife	24	<b>Operário</b>	Campo Grande	10
<b>Ceará</b>	Fortaleza	23	<b>Bragantino</b>	Bragança Paulista	9

Fonte: *RSSSF BRASIL*.

## PARTE 2 – DO 51° AO 100° CLUBE MAIS ASSÍDUO

<b>Clube</b>	<b>Origem</b>	<b>Participações</b>	<b>Clube</b>	<b>Origem</b>	<b>Participações</b>
<b>Treze</b>	Campina Grande	9	<b>Anapolina</b>	Anápolis	4
<b>Vila Nova</b>	Goiânia	9	<b>Brasil</b>	Pelotas	4
<b>Americano</b>	Campo dos Goytacazes	8	<b>Caxias</b>	Caxias do Sul	4
<b>Chapecoense</b>	Chapecó	8	<b>CEOV</b>	Várzea Grande	4
<b>Confiança</b>	Aracaju	8	<b>Fluminense de Feira</b>	Feira de Santana	4
<b>Mixto</b>	Cuiabá	8	<b>Goiânia</b>	Goiânia	4
<b>River</b>	Teresina	8	<b>Piauí</b>	Teresina	4
<b>Botafogo</b>	João Pessoa	7	<b>Tuna Luso</b>	Belém	4
<b>Brasília</b>	Brasília	7	<b>Uberlândia</b>	Uberlândia	4
<b>Flamengo</b>	Teresina	7	<b>União São João*</b>	Araras	4
<b>Inter de Limeira</b>	Limeira	7	<b>Alecrim</b>	Natal	3
<b>Londrina</b>	Londrina	7	<b>CEUB*</b>	Brasília	3
<b>Rio Negro</b>	Manaus	7	<b>Dom Bosco</b>	Cuiabá	3
<b>São Caetano</b>	São Caetano do Sul	7	<b>Fast Clube</b>	Manaus	3
<b>Botafogo</b>	Ribeirão Preto	6	<b>Ferroviário*</b>	Curitiba	3
<b>Comercial</b>	Campo Grande	6	<b>Fonseca*</b>	Niterói	3
<b>Ferroviário</b>	Fortaleza	6	<b>Leônico</b>	Salvador	3
<b>Gama</b>	Gama	6	<b>Maranhão</b>	São Luís	3
<b>Goytacaz</b>	Campo dos Goytacazes	6	<b>Rabello*</b>	Brasília	3
<b>Grêmio Maringá</b>	Maringá	6	<b>São Paulo</b>	Rio Grande	3
<b>Uberaba</b>	Uberaba	6	<b>Villa Nova</b>	Nova Lima	3
<b>Itabaiana</b>	Itabaiana	5	<b>Volta Redonda</b>	Volta Redonda	3
<b>Tiradentes*</b>	Teresina	5	<b>XV de Piracicaba</b>	Piracicaba	3
<b>Colorado*</b>	Curitiba	5	<b>América</b>	São José do Rio Preto	2
<b>Metropol*</b>	Criciúma	5	<b>Campo Grande</b>	Rio de Janeiro	2

Legenda: (\*) Clubes extintos

Fonte: *RSSSF BRASIL*.

## PARTE 3 – DO 101° AO 158°

Clube	Origem	Participações	Clube	Origem	Participações
Capelense	Capela	2	Estrela do Mar*	João Pessoa	1
Central	Caruaru	2	Ferroviária	Araraquara	1
Comercial	Ribeirão Preto	2	Ferroviário	São Luís	1
Galícia	Salvador	2	Francana	Franca	1
Grêmio Barueri	Barueri	2	Guanabara*	Brasília	1
Itabuna	Itabuna	2	Guará	Guará	1
Olaria	Rio de Janeiro	2	Hercílio Luz	Tubarão	1
Pinheiros*	Curitiba	2	Inter de Lages	Lages	1
Santa Cruz*	Estância	2	Inter de Santa Maria	Santa Maria	1
Santo André	Santo André	2	Itaptinga	Ipatinga	1
Santo Antônio*	Vitória	2	Itumbiara	Itumbiara	1
São José	São José dos Campos	2	J. Malucelli*	Curitiba	1
XV de Jaú	Jaú	2	Juventus	São Paulo	1
Água Verde*	Curitiba	1	Manufatora*	Niterói	1
América	Fortaleza	1	Noroeste	Bauru	1
América	Propriá	1	Novo Hamburgo	Novo Hamburgo	1
Anápolis	Anápolis	1	Olímpico*	Manaus	1
ASA	Arapiraca	1	Olímpico*	Blumenau	1
Auto Esporte	João Pessoa	1	Operário	Ponta Grossa	1
Auto Esporte*	Teresina	1	Paula Ramos*	Florianópolis	1
Brasiliense	Taguatinga	1	Perdigão*	Videira	1
Caldense	Poços de Caldas	1	Potiguar	Mossoró	1
Catuense	Catu	1	Rio Branco	Campos dos Goytacazes	1
Colatina	Colatina	1	São Bento	Sorocaba	1
Comercial *	Cornélio Procópio	1	Siderúrgica*	Sabará	1
Corumbaense	Corumbá	1	Sobradinho	Sobradinho	1
Cruzeiro do Sul*	Cruzeiro	1	Taguatinga	Taguatinga	1
Defelê*	Brasília	1	Vitória-ES	Vitória	1
Eletropavo*	Niterói	1			

Legenda: (\*) Clubes extintos

Fonte: *RSSSF BRASIL*.

ANEXO D – Fac-símile da matéria do *Estado de Minas* de 16 de janeiro de 1931, p. 6

**Taças, taças e mais taças!**

**A Liga Mineira vai premiar os seus campeões desde 1918 até 1930 - Um trabalho inteligente dos srs. Antonio Kneipp Rodrigues e Adão Lopes**

A nossa entidade máxima vai entregar os prêmios que conquistaram os nossos clubs no período de 1918 a 1930.

Para isto já adquiriu na Joazeira Diamantina, os troféus, taças e medalhas, e fará a entrega ainda este mês, talvez no domingo, 23.

O trabalho para apurar quaes os campeonatos ganhos pelos clubs que vencerão os prêmios, foi feito pelos srs. Antonio Yemelly Rodrigues e Adão Lopes, que dirigiu ao sr. presidente da Liga Mineira, o seguinte officio:

Exmo. sr. presidente da Liga Mineira de Desportos Terrestres.

Desobrigando-nos da incumbência que nos foi commettida, vimos dar contas a v. excia. do resultado a que nos conduziu o exaustivo exame que fizemos em todo o Arquivo da Liga, a fim de apurar quaes os clubs ainda credores de prêmios estabelecidos nas nossas leis esportivas para os vencedores de campeonatos.

O campeonato de football, o unico que se tem regularmente disputado na Liga Mineira, conta, até agora, desde que foi instituido, os seguintes vencedores:

**PRIMEIRA DIVISÃO**

Primeiros quadros:

Em 1913, 1920 e 1927 — o Club Athletico Mineiro.

Em 1916, 1917, 1918, 1919, 1920, 1921, 1922, 1923 e 1924, — o America F. C.

Em 1928, 1929 e 1930 — a S. S. Palestra Italia.

Segundos quadros:

Em 1915 — o Yale A. C., hoje extinto.

Em 1916, 1917, 1918, 1919, 1920, 1921 e 1924 — o America F. C.

Em 1922 e 1930 — a S. S. Palestra Italia.

Em 1923, 1927, 1928 e 1929 — o Club Athletico Mineiro.

Em 1926 — o S. C. Calafate.

O campeonato de 1925, do qual poucos jogos se realizaram foi considerado inexistente para todos os effeitos em reunião conjuncta da Directoria da Liga, com os presidentes dos clubs interessados (Acta de 18 de dezembro de 1925).

Segundo os estatutos de 1915 e 1918, ao clube vencedor do campeonato annual (primeiros quadros apenas) cabia um premio, de que o detentor teria posse definitiva, a mantivesse o titulo de campeão durante tres annos seguidos ou conquistasse o campeonato em quatro annos intercalados.

Em consequencia da reforma das nossas leis em 5 de dezembro de 1917, passou o vencedor do campeonato dos primeiros quadros a ter direito ao diploma de campeão de Futebol de Bello Horizonte, a uma medalha de ouro, de cunho official, e a Taça Liga Mineira, de posse definitiva para o campeão tres vezes seguidas ou quatro intercaladas.

Para o campeão dos segundos quadros, foi creada uma Taça, de posse definitiva, e uma medalha de prata, de cunho tambem official (V. art. 33 doCodigo de Futebol annexo aos Estatutos de 1917).

Em 1925 e 1926, embora novamente reformados os Estatutos da Liga, a disposição acima citada continuou em vigor até o campeonato de 1926 inclusive.

Em 1927 (11 de março) approvou-se oCodigo de Esportes, de acordo com o qual ao campeão dos primeiros quadros da primeira divisão se devia conferir o diploma de campeão de Bello Horizonte, a Taça Liga Mineira e uma medalha de ouro, de forma e peso determinados pela Directoria, sendo a taça definitivamente entregue ao clube vencedor duas vezes consecutivas ou tres não consecutivas. Ao vencedor do campeonato dos segundos quadros (torneio), da referida divisão, cabia a Taça denominada "Campeão dos Segundos Quadros" de posse desde logo definitiva (Arts. 21, 22, 23 do Regulamento de Futebol, annexo aoCodigo de Esportes, de 1927).

Presentemente, o campeão dos primeiros quadros na primeira divisão deve receber o titulo de Campeão da Primeira Divisão, no esporte em que for vencedor, e a Taça, de que terá posse definitiva se victorioso dois annos seguidos ou tres intercalados. O campeão dos segundos quadros tem direito ao titulo correspondente, no esporte em que tambem for vencedor. (Capitulo IV doCodigo Esportivo de 1930).

Apuramos que ao Club Athletico Mineiro foi entregue o premio relativo ao campeonato de 1913 (medalha de bronze), premio que teve caracter definitivo, ao contrario do que dispunha a lei, provavelmente por se tratar do primeiro campeão da recém-creada Liga Mineira de Sportes Athleticos.

O America F. C. recebeu apenas as Taças referentes aos campeonatos que os seus dois clubes conquistaram até 1921, inclusive. (V. acta da assembleia geral, realizada em 14 de janeiro de 1922).

A Liga Mineira é, pois, responsavel ainda pela entrega dos seguintes prêmios:

**AMERICA F. C.**

Campeonato dos primeiros quadros — Taça Liga Mineira, de posse definitiva, correspondente aos campeonatos de 1922, 1923, 1924; diplomas de Campeão de Futebol de Bello Horizonte nos annos de 1918, 1919, 1920, 1921, 1922, 1923 e 1924; sete medalhas de ouro relativas a esses mesmos annos.

Campeonato dos segundos quadros — Uma taça e uma medalha de prata pelo campeonato de 1924.

**AO CLUB ATHLETICO MINEIRO**

Campeonato dos primeiros quadros — Diplomas de Campeão de Bello Horizonte em 1926 e 1927;

Taça Liga Mineira, de posse definitiva, e duas medalhas de ouro.

Campeonato dos segundos quadros — Taça definitiva e uma medalha de prata quanto ao campeonato de 1923; tres taças denominadas Campeão dos Segundos Quadros, referente aos campeonatos de 1927, 1928 e 1929.

**AO S. C. CALAFATE**

Campeonato dos segundos quadros — Uma taça e uma medalha de prata correspondentes ao campeonato de 1926.

**AO PALESTRA ITALIA**

Campeonato dos primeiros quadros — Diplomas de Campeão de Bello Horizonte, Taça Liga Mineira, de posse definitiva e duas medalhas de ouro, quanto aos campeonatos de 1928 e 1929; titulo de Campeão de Futebol dos primeiros quadros da Primeira Divisão e taça de posse temporaria, quanto ao campeonato de 1930.

Campeonato dos segundos quadros — Titulo de Campeão de Futebol dos segundos quadros da Primeira Divisão, em 1930, e uma taça e uma medalha de prata pelo campeonato de 1922.

**SEGUNDA DIVISÃO**

Na segunda Divisão conquistaram o campeonato (primeiros quadros) o Santa Cruz F. C. e o Fluminense F. C., o primeiro em 1928 e o segundo em 1929 e 1930.

O Santa Cruz teria de receber em 1928 a respectiva Taça, para conservar-a até o anno seguinte, quando passaria para o Fluminense, que a ella tem direito agora como premio definitivo, por ter sido vencedor dois annos consecutivos.

Era o que dispunha a lei anterior e foi reproduzido na actual, que ainda manda conferir ao club vencedor de cada campeonato o respectivo titulo.

Ao Alves Nogueira F. C., vencedor do campeonato dos segundos quadros em 1930 cabe tambem o titulo de Campeão dos Segundos Quadros de Futebol da Segunda Divisão.

Cumpre notar que para a Segunda Divisão (Serie B em 1927, 1928 e 1929) as leis da Liga, até oCodigo de 1927, não estabeleciam premio algum.

E' o que podemos submitter á consideração de v. excia., a quem apresentamos os protestos de nossa mais elevada consideração.

Bello Horizonte, 7 de janeiro de 1931.

(aa) Adão Lopes. — A. Kneipp Rodrigues.

**Aos snrs. assignantes e agentes de venda avulsa**

que não estiverem recebendo com a devida regularidade o ESTADO DE MINAS pedimos certarem o coupon abaixo e nol-o remetterem com a possivel brevidade:

O sr. . . . .

Resid. à R. . . . .

Localidade . . . . .

Município de . . . . .

Correio de . . . . .

Não recebe . . . . .

N.º do recibo . . . . . data . . . . .